

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**Sérgio Augusto Vicente**

**BELMIRO BRAGA (1870-1937): uma biografia do escritor mineiro**

Juiz de Fora  
2024

**Sérgio Augusto Vicente**

**BELMIRO BRAGA (1870-1937): uma biografia do escritor mineiro**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de doutor em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro Viscardi

Juiz de Fora  
2024

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Vicente, Sérgio Augusto.

Belmiro Braga (1870-1937) : uma biografia do escritor mineiro / Sérgio Augusto Vicente. -- 2024.  
445 f. : il.

Orientadora: Cláudia Maria Ribeiro Viscardi

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, 2024.

1. Belmiro Braga. 2. História Social da Literatura . 3. Literatura Brasileira . 4. Trajetória . 5. Historiografia Literária . I. Viscardi, Cláudia Maria Ribeiro, orient. II. Título.

**Sérgio Augusto Vicente**

**BELMIRO BRAGA (1870-1937):** uma biografia do escritor mineiro

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de doutor em História. Área de concentração: História, Cultura e Poder.

Aprovada em 12/12/2024.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Cláudia Maria Ribeiro Viscardi (orientadora)  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Profa. Dra. Maraliz de Castro Vieira Christo  
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Profa. Dra. Isabel Idelzuíte Lustosa da Costa  
Fundação Casa de Rui Barbosa

Profa. Dr. Leandro Garcia Rodrigues  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Profa. Dra. Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Juiz de Fora, 06/01/2025.

---



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Maria Ribeiro Viscardi**, Professor(a), em 06/01/2025, às 14:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira**, Usuário Externo, em 06/01/2025, às 17:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Maraliz de Castro Vieira Christo**, Professor(a), em 08/01/2025, às 10:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Garcia Rodrigues**, Usuário Externo, em 10/01/2025, às 10:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



Documento assinado eletronicamente por **Isabel Idelzuite Lustosa da Costa**, Usuário Externo, em 15/01/2025, às 12:11, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

---



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Ufjf ([www2.ufjf.br/SEI](http://www2.ufjf.br/SEI)) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **2178042** e o código CRC **2F34C3F2**.

---

A Deus e aos meus amados pais, Antônio Vicente e Nair Gonçalves  
Vicente, com muito amor e carinho...

## AGRADECIMENTOS

Claro está que tudo se torna previsível depois que acontece. Quem estuda trajetória, seja ela qual for, sabe que o grande desafio do pesquisador é o de não “cair no canto da sereia”, ou, usando o jargão acadêmico de Pierre Bourdieu, não se deixar iludir pelos determinismos retrospectivos que muitas vezes nos fazem olhar para o passado através do retrovisor, em busca de prenúncios e escolhas racionais e friamente calculadas, como se desde o início soubéssemos dos desdobramentos futuros de nossas ações.

Logo adianto que a trajetória dessa pesquisa é a prova incontestada de que, ao olharmos para o passado, a excessiva racionalização das escolhas feitas ao longo da vida é falaciosa. Pesquisar sobre Belmiro Braga foi uma ideia que me ocorreu sem pretensões acadêmicas. Tudo começou em 2017, quando Sílvia Eleutério (pesquisadora da Academia Brasileira de Letras), em visita à Fundação Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG), pesquisava uma carta de Machado de Assis endereçada à Viscondessa de Cavalcanti, depositada no Arquivo Histórico da instituição, onde trabalho há 14 anos. O objetivo de Sílvia era complementar a transcrição do epistolário machadiano, que se encontra publicado no site da ABL.

Interessado em conhecer outras missivas trocadas entre ambos, realizei algumas buscas nesse material. Para minha surpresa, acabei encontrando o que não procurava. Eis que me deparo com algumas cartas do literato mineiro Belmiro Braga ao “grande mestre”, enviadas das estações ferroviárias de Sobragy (então Espírito Santo) e de Cotegipe, localizadas nas imediações de sua casa paterna.

A leitura dessas cartas logo me acionou as pouquíssimas informações de que dispunha sobre Belmiro Braga. Impactado pela “descoberta”, por ora, deixei a Viscondessa de Cavalcanti de lado e comecei a “escarafunhar” informações sobre a vida e a obra do literato. Primeiramente, recorri aos livros de sua autoria na Biblioteca do Museu Mariano Procópio. Aos poucos, fui me deparando com um poeta de verves lírica e satírica que, ao longo das investigações, foi se revelando muito maior e mais conhecido por seus contemporâneos do que imaginava.

Na *internet*, poucas foram as informações que encontrei sobre “meu” personagem. Com a ajuda da saudosa professora Vanda Arantes, da UFJF, tomei conhecimento da sobrinha-neta do poeta, ex-professora do departamento de Letras da mesma universidade, que, em 1979, havia pesquisado sobre ele em seu mestrado em teoria literária, na UFRJ. Logo agendei uma visita à sua casa em 2018. Além de ganhar uma grande amiga e parceira de

pesquisa, fui apresentado a alguns roteiros de peças teatrais e manuscritos do poeta em seu acervo pessoal. A partir de então, meu interesse por investigar as redes de sociabilidade de Belmiro Braga e seu universo só se intensificaria.

Um obstáculo, porém, logo se impôs: as fontes dispersas e rarefeitas sobre o personagem. Na esperança de encontrar mais documentos por meio dos quais fosse possível analisar sua trajetória biográfica, só me restava levantar o máximo de informações disponíveis na imprensa, através de consultas diárias e persistentes na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e no Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, em Juiz de Fora, onde recebi enorme apoio da sempre solícita amiga Heliane Casarin, hoje aposentada do setor a que dedicou mais de 30 anos de sua carreira profissional.

Feitos o levantamento e a sistematização prévia das informações encontradas na imprensa, descobri no arquivo pessoal do escritor cearense Antônio Sales, depositado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, um conjunto de mais de 200 cartas de autoria de Belmiro Braga. A despreziosa pesquisa, a partir desse dia, acabou se tornando projeto de doutorado, submetido ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em História da UFJF, no qual fui aprovado no final de 2018.

A conjuntura política do Brasil, entretanto, não era nada animadora. Um “tsunami” de ataques bombardeava as instituições públicas e o Estado democrático de direito, com a ascensão da extrema direita ao poder no mesmo ano de minha matrícula. Apesar de tudo, recebi a feliz notícia de ser contemplado com uma bolsa da CAPES, que muito me ajudou nas viagens de pesquisa e apresentações de comunicação em congressos acadêmicos.

Em 2020, no segundo ano da pesquisa, outra tragédia se abateu sobre o país; dessa vez, também sobre o mundo: a devastadora pandemia de Covid-19, que dizimou milhares de pessoas e fechou as universidades, as bibliotecas e os arquivos. Nesse interregno, ao mesmo tempo em que me dedicava às intensas atividades de divulgação virtual do museu em que trabalho, lia e fichava as fontes secundárias da pesquisa.

Em 2022, foi a vez de lidar com o problema de saúde de meu pai e as suas várias internações hospitalares. Ainda no mesmo ano, eu e meus colegas de trabalho demos início ao histórico processo de reabertura integral do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora - MG) aos públicos, com as exposições “Rememorar o Brasil: a Independência e a construção do Estado-Nação”, “Fios de Memória: a formação das coleções do Museu Mariano Procópio” e a “Villa Ferreira Lage”. Foram três exposições inauguradas em dez meses de trabalho intenso, entre agosto de 2022 e maio de 2023.



Em meio a todos esses desafios, felizmente enfrentados com êxito e muito aprendizado, essa tese sobre Belmiro Braga não se perdeu pelo caminho. Com uma densa rede de apoio de familiares e amigos, foi possível encontrar forças para concluí-la, ainda que as pesquisas não cessem por aqui. Ainda bem, não é mesmo?! Espero que essa seja apenas uma janela para muitas outras pesquisas futuras que poderão surgir sobre esse personagem.

São muitos os agradecimentos a serem feitos. Peço desculpas se me esqueci de alguém. Agradeço imensamente à minha orientadora, Cláudia Viscardi, pela confiança sempre depositada em mim e por aceitar a orientação sobre um tema inicialmente “estranho” aos interesses de pesquisa do PPGHIS-UFJF. Agradeço ao Leandro Garcia e à Maraliz Christo, pelas contribuições a essa pesquisa na qualificação. Agradeço às pesquisadoras Isabel Lustosa e Tânia Bessone, por aceitarem de forma tão gentil o convite para integrar a banca de defesa. É uma honra tê-las como leitoras e avaliadoras desse trabalho.

Não poderia deixar de agradecer também aos coordenadores que passaram pelo PPGHIS-UFJF durante toda essa minha trajetória no doutorado, Fernando Perlato, Leandro Gonçalves e Martinho Alves da Costa Júnior, pelo pronto atendimento às demandas e dúvidas dos discentes. Meu muito obrigado à Heliane Casarin, do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, à Leila Barbosa (pesquisadora da história literária de Juiz de Fora e sobrinha-neta de Belmiro Braga) e aos funcionários do Arquivo Nacional (RJ) e da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), que me atenderam prontamente. Dirijo-me também aos amigos da Fundação Museu Mariano Procópio, especialmente os do Departamento de Acervo Técnico, por todo suporte profissional, humorístico e afetivo que me deram. Vocês são demais!

Agradeço aos meus pais, Antônio e Nair, pelo amor incondicional, e aos meus irmãos e irmãs. Um agradecimento especial ao Fernandinho (Frei Paulo) e à Aninha (professora de Língua Portuguesa), que jamais me deixaram esquecer da minha vocação. Obrigado a Deus, por todo amor, sensibilidade, discernimento e afeto; pela força, determinação, coragem e presença de espírito para vencer as dificuldades encontradas pelo caminho. Mais do que o diploma de “doutor”, levarei para a vida preciosas lições!

*Nas noites claras de luar, costume  
ir das águas ouvir o vão lamento;  
e, após o ouvi-las, cauteloso e atento  
que o rio também sofre, eis que presumo.*

*Nesse que leva tortuoso rumo,  
que fado triste e por demais cruento:  
Vai deslizando agora doce e lento  
e agora desce encachoeirado e aprumo.*

*O dorso aqui lhe encrespa leve brisa,  
ali o deslizar calhau lhe veda;  
além, de novo, sem fragor, desliza...*

*És como o rio, coração tristonho:  
Se ele vive a chorar de queda em queda,  
vives tu a gemer de sonho em sonho...*

(BRAGA, 1902, p. 131)

## RESUMO

Essa tese analisa, sob a perspectiva da história social da literatura, a trajetória biográfica do literato mineiro Belmiro Braga (1870-1937), caracterizado desde o início de sua carreira como detentor de uma expressão literária de caráter “espontâneo”, “natural”, “simples” e “ingênuo”. Partindo dessa premissa, procuramos responder à seguinte problemática: de que maneira tais categorias se transformaram em persona literária e em chave interpretativa da produção belmiriana, no sentido de manter sua posição no incipiente campo literário brasileiro? Para tanto, abordamos a formação e atuação desse personagem histórico no final do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, compreendendo essa atuação no sentido mais amplo e múltiplo de um mediador cultural inserido em Juiz de Fora (MG), num contexto de modernização e transição do rural para o urbano. A partir da reconstituição de suas redes de sociabilidade e de interlocução, por meio da variação de escalas e de uma perspectiva relacional e interdependente, articulamos a sua atuação nas esferas regional e nacional, bem como seus trabalhos desenvolvidos dentro e fora do universo das letras.

**Palavras-chave:** Belmiro Braga; história social da literatura; literatura brasileira.

## ABSTRACT

This thesis analyzes, from the perspective of the social history of literature, the biographical trajectory of the writer Belmiro Braga (1870-1937), from Minas Gerais State, Brazil, characterized since the beginning of his career as having a literary expression of a “spontaneous”, “natural”, “simple” and “naive”. Starting from this premise, we seek to answer the following problem: how did these categories become a literary persona and an interpretative key to Belmiro's production, in order to maintain its position in the incipient Brazilian literary field? To this end, we address the formation and performance of this historical character at the end of the 19th century and in the early decades of the 20th century, understanding this action in the broadest and most multiple sense of a cultural mediator inserted in Juiz de Fora (MG), in a context of modernization and transition from rural to urban. From the reconstitution of their sociability and interlocution networks, through varying scales and a relational and interdependent perspective, we articulate their activities at regional and national levels, as well as their work carried out inside and outside the universe of literature.

**Keywords** Belmiro Braga; social history of literature; Brazilian literary.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 – Nota informando a atuação de Belmiro Braga como colaborador do jornal <i>Tentamen</i> , de Carangola (MG) .....	40
Figura 02 – Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Cotegipe (distrito de Juiz de Fora – MG) .....	44
Figura 03 – Charge de Ângelo Agostini representando o Padre Correia de Almeida .....	60
Figura 04 – Foto do grupo da Padaria Espiritual .....	66
Figura 05 – Fórum Barbosa Lima, localizado ao lado do Parque Halfeld, em Juiz de Fora (MG) .....	88
Figura 06 – <i>Hotel Renaissance</i> , Juiz de Fora (MG), no início do século XX .....	88
Figura 07 – Caricatura de autoria de Romano representando Belmiro Braga .....	93
Figura 08 – Foto da inauguração do monumento ao Cristo Redentor, em Juiz de Fora (MG) .....	116
Figura 09 – Publicação do <i>Hino da Escola</i> pela Tipografia da Escola Gratuita São José, em Petrópolis, em 01/08/1908 .....	124
Figura 10 – Belmiro Braga em Caxambu (MG) .....	157
Figura 11 – Foto-postal de Belmiro Braga ao lado do cachorro <i>Príncipe</i> , com dedicatória para o escritor carioca Lima Barreto, datada de 25/09/1910 .....	158
Figura 12 – Charge de Raul Pederneiras .....	159
Figuras 13 e 14 – Reprodução de páginas da <i>Revista da Semana</i> (25/06/1921) .....	160
Figura 15 – Representação de Belmiro Braga e seu cão, acompanhada de sua famosa quadra .....	161
Figura 16 – Foto de Sílvio Romero no <i>Hotel Rio de Janeiro</i> , em Juiz de Fora (MG) .....	195
Figura 17 – Foto do interior do salão das sessões da Câmara Municipal de Juiz de Fora, onde se pode observar (lado direito) a presença da tela <i>Tiradentes Supliciado</i> , de Pedro Américo .....	196
Figura 18 – Belmiro Braga em visita ao grêmio com o seu nome, em Juiz de Fora (MG) .....	212
Figuras 19, 20 e 21 – Capas dos três primeiros números da revista <i>Marília</i> .....	214

Figura 22 – Capa da segunda edição do livro <i>Rosas</i> , contendo pintura feita pelas mãos de Otília, esposa de Belmiro Braga .....	217
Figuras 23 e 24 – Presença de Belmiro Braga no jantar oferecido aos jornalistas mineiros e visita do mesmo poeta à associação da qual era patrono em Juiz de Fora (MG) .....	230
Figura 25 – Comissão promotora dos festejos a Rui Barbosa em Juiz de Fora (MG) .....	231
Figura 26 – Caricatura de Romano e poema de D. X .....	251
Figura 27 – Caricatura de Romano e soneto de Belmiro Braga .....	252
Figura 28 – Parceria entre Belmiro Braga e Helios Seelinger .....	253
Figura 29 – Parceria entre Belmiro Braga e Helios Seelinger .....	253
Figura 30 – Caricatura de Raul Pederneiras acompanhada de uma quadra de Belmiro Braga .....	254
Figura 31 – Soneto satírico que Belmiro Braga dedicou a Sebastião de Souza .....	255
Figura 32 – Propaganda do filme <i>Amor e Boemia</i> , no jornal <i>O País</i> (RJ) .....	259
Figura 33 – Caricatura de autoria de Raul Pederneiras e poema satírico de Belmiro Braga sobre a cabeça de Rui Barbosa .....	262
Figura 34 – Trecho da biografia satírica de Belmiro Braga por Mendes Fradique, na obra <i>Feira Livre</i> (1923) .....	292
Figura 35 – Capa de partitura da modinha <i>Ó vida da minha vida!</i> , com letra de Belmiro Braga e melodia de Lorenzo Fernández .....	309
Figuras 36 e 37 – Notícia da candidatura de Belmiro Braga à vaga de Mário de Alencar na ABL e carta do mesmo poeta solicitando a inscrição de seu nome no referido pleito .....	317
Figura 38 – Postal contendo retrato e poema de homenagem de Belmiro Braga a Olegário Maciel (1932) .....	331
Figura 39 – Capa da <i>Revista da Semana</i> , de 27/02/1937, que inspirou o poeta Belmiro Braga a escrever seu último soneto .....	366

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Relação de membros fundadores e eleitos da AML .....	190
Tabela 2 – Comissões organizadas (AML) e seus respectivos membros .....	191

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABL – Academia Brasileira de Letras

AML – Academia Mineira de Letras

B. B. – Belmiro Braga

C. M. – Centro Mineiro

MMP – Museu Mariano Procópio

R. B. – Revista do Brasil

SBAT – Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

UFJF – Universidade Federal de Juiz de Fora



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>2 DESCOBRIMENTO OU CONSTRUÇÃO DE UM POETA?</b> .....	31
2.1 O menino e a “marcha” de “interiorização da modernidade” no Brasil profundo .....	31
2.2 Um nômade colecionador de narrativas .....	37
2.3 A vida em Cotegipe .....	42
2.4 Os primeiros contatos com Antonio Sales: “aves de arribação às avessas”? .....	61
2.5 O primeiro livro de Belmiro Braga: um “poeta de voo curto”? .....	74
<b>3 UM “MEDIADOR CULTURAL” NA “ATENAS MINEIRA”</b> .....	85
3.1 “Tabelião-poeta” ou “poeta-tabelião”? De comerciante a tabelião na “cidade das letras” .....	86
3.2 As miradas belmirianas para as contradições e desigualdades sociais .....	106
3.3 Entre as práticas religiosas tradicionais e o catolicismo reformista .....	114
3.4 O poeta-inspetor e a educação em Juiz de Fora no início do século XX .....	129
3.5 Um “cultor” das letras e das artes nacionais .....	134
3.6 A morte de Machado de Assis e sua repercussão na imprensa juiz-forana .....	143
<b>4 CONFERENCISTA, TEATRÓLOGO E... QUASE DEPUTADO</b> .....	152
4.1 Sobre amigos e cachorros: um conferencista viajante e ovacionado .....	152
4.2 Belmiro Braga teatrólogo e sua comédia de costumes no teatro ligeiro .....	163
4.3 Belmiro Braga acadêmico? .....	184
4.4 Entre Sílvio Romero e os “novos” .....	193
4.5 Entre a transferência da AML para Belo Horizonte e a candidatura a deputado .....	206
<b>5 O LITERATO E SEU ENTRE-LUGAR NO ÚLTIMO SUSPIRO DA BELLE ÉPOQUE CARIOCA</b> .....	224
5.1 Humor, modernidade, nacionalismo e “espírito simbolista” no Rio de Janeiro .....	224
5.2 A “rede cômica” do literato: interlocuções .....	244
5.3 <i>Contas do Meu Rosário</i> : um poeta do entre-lugar .....	265
<b>6 ENTRE A “DESILUSÃO REPUBLICANA” E OS “BESTAS FUTURISTAS”</b> .....	280
6.1 <i>Tarde Florida</i> ou <i>Cinzas Frias</i> ? A nova década que se inicia... ..	281
6.2 Modernistas ou “bestas futuristas”? Em debate, a “língua brasileira” e a “literatura regionalista” .....	295
6.3 “Os homens na República são como os balões: sobem apenas os cheios de vento” ....	309
<b>7 OS ANOS 1930: UM “POETA FORA DE MODA”?</b> .....	327
7.1 Belmiro Braga e a política no pós-1930 .....	328
7.2 Um “alcaide” das letras? .....	343
7.2.1 <i>Versos que ninguém mais lê</i> ou <i>Redondilhas</i> ? .....	345
7.2.2 <i>Metade de uma vida</i> ou <i>Dias Idos e Vividos</i> ? .....	347
7.2.3 <i>Soda Cáustica</i> .....	358
7.3 31 de março de 1937: o último ressoar da lira? .....	363
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	371

<b>CRONOLOGIA .....</b>	<b>376</b>
<b>INSTITUIÇÕES CONSULTADAS .....</b>	<b>380</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>381</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>397</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em *Vida Literária no Brasil 1900*, Brito Broca afirma que, no início do século XX, “a vida dos autores se tornava mais interessante do que as obras” e que “a vida literária superou a literatura”<sup>1</sup>. Em outras palavras, Broca dizia que “houve muita futilidade, muito jogo floral, muito mundanismo, muita esterilidade nas mesas de café”. Por outro lado, reconhecia que, não obstante o predomínio dessa declarada “frivolidade” de superfície, muitos escritores trabalharam “seriamente”, deixando obras e produções de qualidade.<sup>2</sup>

Apesar de citar vários nomes por ele considerados “escritores de qualidade”, Broca deixa de fora tantos outros que tiveram um papel de destaque no campo literário desse início do novo século. Como todo processo de enquadramento de memórias, existem os eleitos e os esquecidos. Não obstante o fato de essa obra publicada em 1959 ter alcançado hegemonia nas memórias literárias que circularam e ainda circulam pelo Brasil, é preciso ter consciência de que o universo da chamada “*Belle Époque* brasileira”, além de ter se mostrado muito mais “rico” do que se imaginava, ainda é subexplorado pela historiografia.

Belmiro Braga iniciou sua carreira em um período da história literária brasileira por muito tempo rotulado como “pré-moderno” e deliberadamente associado à “estagnação” e à “esterilidade criativa”.<sup>3</sup> Sabe-se que o período anterior à década de 1920 no Brasil ressentiu, durante muito tempo, a falta de pesquisas que o compreendessem em profundidade, a partir de seus próprios termos.<sup>4</sup> Muitos dos que ingressaram no universo das letras nesse período viveram comprimidos entre os “feitos” dos personagens diretamente envolvidos com a geração de 1870 e o “ímpeto renovador” da geração engajada na Semana de Arte Moderna de 1922.<sup>5</sup>

O interesse por transformar Belmiro Braga em objeto de pesquisa de doutorado vem da vontade de conhecer mais a fundo esse personagem histórico ainda tão pouco estudado, não obstante a vultosa produção deixada na imprensa periódica, entre 1900 e 1937. Autor de cerca de sete livros de poesias, de diversas peças teatrais, de hinos escolares e religiosos e de

<sup>1</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 289.

<sup>2</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 351.

<sup>3</sup> GONTIJO, Rebeca. *História, cultura, política e sociabilidade intelectual*. In: SOIHET, Rachel ; et alii (orgs.). *Culturas políticas: ensaios de História Cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 269.

<sup>4</sup> LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 22.

<sup>5</sup> LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil...*, p. 24.

volumosas crônicas e poemas dispersos na imprensa periódica, B. B. ainda foi um alentado conferencista e improvisador de rimas, produção que acabou ficando circunscrita à oralidade e, às vezes, parafraseada por terceiros na imprensa, antes e após a sua morte.

Sua trajetória percorreu os anos finais do Império e todo o período da Primeira República. Amplamente conhecido pelos contemporâneos, destacou-se por sua popularidade na imprensa, no teatro e nos mais diversos espaços de sociabilidade de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e até mesmo fora da região Sudeste.

Autodidata, Belmiro era um dos literatos de seu tempo que teriam alcançado a “reconversão social” através da inserção no universo das letras.<sup>6</sup> Nascido em Vargem Grande, então distrito de Juiz de Fora, em 1870, viveu uma infância modesta ao lado do pai, trabalhando num balcão de venda de roça, à beira da estrada. Sua experiência com o ensino regular formal se resumiu aos 11 meses em que frequentou o Ateneu Mineiro, em Juiz de Fora. Com a morte da mãe, que se tornou um fator de “dilapidação social” em sua trajetória, abandonou os estudos para ajudar o pai no comércio. Depois de perambular por cerca de dez anos pelo interior mineiro, projeta-se na cena literária nacional no início do século XX, valendo-se de uma ampla rede de sociabilidade e de uma atuação artística e profissional bastante múltipla: ao longo dos 67 anos de sua existência, conciliou a carreira literária com as funções de comerciante, vereador, juiz de paz, tabelião, inspetor escolar, jornalista, candidato a deputado, fiscal de jogos e agente de companhia de seguros de vida.

A dissertação de mestrado de Leila Barbosa, defendida na UFRJ em 1979, foi a primeira pesquisa acadêmica produzida sobre o literato. Tal pesquisa contribuiu para o parcial resgate da produção literária belmiriana, depois de mais de quarenta anos de sua morte.<sup>7</sup> Pautando-se nas contribuições de Leila Barbosa, Rita Paiva defendeu, em 2008, a segunda dissertação de mestrado sobre o personagem histórico, na qual estabelece relações entre a sua poética e a estética literária modernista.<sup>8</sup>

Oriundas da área de Letras, as duas pesquisadoras contribuíram para o estudo do escritor no âmbito da teoria literária. Belmiro, no entanto, ainda ressentia de uma pesquisa histórica que analisasse sua trajetória biográfica sob a perspectiva da história social da cultura,

---

<sup>6</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres: a belle-époque mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. p. 51.

<sup>7</sup> BARBOSA, Leila Maria Fonseca. *Belmiro Braga: Sacrário (versos íntimos)*. Texto e avaliação. 1979. 199 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> PAIVA, Rita de Cássia Matos Leite de. *Belmiro Braga: entre o caminho novo e a modernidade*. 94 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

articulando-se às discussões historiográficas desenvolvidas nas últimas décadas sobre gênero biográfico. Conforme destaca Rebeca Gontijo, o aprofundamento nas pesquisas empíricas tem cada vez mais suplantado os modelos explicativos genéricos e rígidos, contribuindo para a construção de objetos sofisticados, que demandam “abordagens complexas e atentas a cada caso”.<sup>9</sup>

Até o presente momento, apenas uma historiadora se dedicou a abordar Belmiro Braga a partir de uma perspectiva histórico-sociológica, apesar de sua pesquisa não tê-lo como objeto específico. No início da década de 1990, Maraliz de Castro Vieira Christo, ao traçar a biografia coletiva dos doze fundadores da Academia Mineira de Letras, fundada em Juiz de Fora em 1909, articula a trajetória de Belmiro Braga a de seus confrades, inserindo-o no projeto de modernização de um município em franco processo de expansão urbano-industrial. O objetivo da autora era entender “como esse projeto de modernização municipal interferiu na educação local, fazendo com que elementos oriundos das camadas médias urbanas se tornassem intelectuais orgânicos da classe dominante.”<sup>10</sup> A autora revelava um esforço inédito de “reestudar a produção cultural local” através do rompimento com os limites das narrativas regionais de cunho laudatório, explorando as “estreitas ligações entre a produção de bens simbólicos e o trabalho de dominação”<sup>11</sup> e contribuindo, por conseguinte, para uma análise crítica da formação social da intelectualidade juiz-forana a partir de reflexões inspiradas em Gramsci, Pierre Bourdieu e Sérgio Miceli.

O último estudo acadêmico encontrado sobre Belmiro Braga data de 2013. Trata-se de um artigo de autoria de Marcus Vinícius de Freitas, pesquisador da UFMG, no qual este analisa algumas de suas facetas humorísticas e destaca que ainda há muito que se pesquisar sobre o literato. O autor afirma que B. B. “reclama uma investigação de fundo, não apenas de compreensão da sua poética, mas um trabalho de pesquisa de fontes, que levante nos jornais e periódicos do começo do século XX o conjunto da sua produção”. A obra do mineiro, segundo ele,

permanece em aberto, sem uma pesquisa acurada que leve à recolha devida de sua produção e a uma edição crítica necessária. Sobretudo em um autor reconhecidamente produtivo – que respondia aos fregueses de balcão através da trova –, e ao mesmo tempo assimilado pela poesia popular, não será de espantar se a sua obra dispersa se revelar muito mais ampla do que até agora se imagina.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> GONTIJO, Rebeca. *História, cultura, política e sociabilidade intelectual...*, p. 275.

<sup>10</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 1

<sup>11</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 1

<sup>12</sup> FREITAS, Marcus Vinicius de. Humor na poesia de Belmiro Braga. *O eixo e a roda*, v. 22, n. 2, 2013. p. 61-73.

Seguindo a recomendação do pesquisador Marcus Vinícius, essa pesquisa de doutorado se propõe a estabelecer uma pioneira análise da trajetória biográfico-literária de Belmiro Braga, com ênfase no período de 1900 a 1937. O objetivo é compreender, sob a perspectiva da história social da literatura, como se deu seu processo de inserção e permanência no campo literário brasileiro nas três primeiras décadas do século XX, buscando mapear os “fios” e “rastros” de sua trajetória em documentos variados, como correspondências, textos de revistas e jornais, etc.

Trata-se de um trabalho de fôlego, que exige obstinação e “mergulho” na documentação. E, mais do que isso, é um esforço de amear informações sobre um personagem que não deixou arquivo pessoal, tendo suas cartas e anotações dispersas por diversas instituições e acervos privados. Desde 2018, antes do meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, venho me dedicando a esse exaustivo e, ao mesmo tempo, instigante trabalho de reunir e sistematizar, pela primeira vez, essas fontes dispersas.

Acredita-se que a reconstituição e análise de suas redes de sociabilidade e de sua atuação na imprensa sejam necessárias à compreensão da dinâmica de sua experiência relacional, sua inserção nas condições de produção cultural daquele contexto, as formas de representação e autorrepresentação de sua imagem e seu diálogo com os pares e o público em geral. Dessa forma, será possível compreender as estratégias de popularização e divulgação de sua obra a um público mais amplo. Afinal, Belmiro se definiu, ao longo da vida, como um autor cujo projeto era ser lido e conhecido pelos mais diversos segmentos sociais.

Estudar esses intelectuais que atuavam em rede e formulavam uma ideia sobre o seu presente é muito importante para o avanço das discussões sobre o período. A relevância se torna ainda maior quando a pesquisa resvala as discussões relativas à inserção do país na modernidade e às questões da brasilidade, como, por exemplo, a definição do regional em face do nacional e a intensificação do intercâmbio com a linguagem e a cultura popular. As articulações do literato juiz-forano com Machado de Assis, Antonio Sales, Padre Correia de Almeida, Lima Barreto, Arthur Azevedo, Olavo Bilac, Coelho Netto, Silvio Romero, Bastos Tigre, Raul Pederneiras, José Madeira de Freitas, Gastão Penalva e vários outros, bem como a sua inserção nas revistas ilustradas cariocas, conferem uma dimensão maior a um autor regionalista que transcendeu os limites do regional.

A análise de sua trajetória biográfica deverá, antes de mais nada, desconstruir tradicionais esquemas narrativos de cunho laudatório responsáveis por naturalizar retrospectivas lineares e unidirecionais repletas de classificações, clichês, estereótipos e mitificações. As críticas de Bourdieu à “ilusão biográfica” mostram-se fundamentais à superação de sequências rigidamente coerentes e encadeadas de “fatos exemplares”, responsáveis por construir a ilusão de um percurso orientado e desde sempre propenso à realização de um fim determinado.<sup>13</sup> Suas reflexões inspiram uma análise atenta às contradições, ambivalências e vicissitudes do literato.

Parte-se do pressuposto de que a “historicização radical do objeto”<sup>14</sup> seja fundamental para não incorrer no enaltecimento de Belmiro como “gênio criador” imortalizado por suas obras, pura e simplesmente. Afinal de contas, como ressalta Sabina Loriga, um dos equívocos a serem evitados nos estudos biográficos é o “paradoxo do sanduíche”, em que o contexto assume a função de mero “pano de fundo fixo” desprovido das “impressões digitais” do biografado.<sup>15</sup> Por outro lado, esse trabalho também se despoja de toda e qualquer tentativa de encontrar em Belmiro as características de um “indivíduo médio”. Desconstruindo a ideia de que, para ser biografado, o indivíduo tenha que representar um “caso típico”, Loriga defende que vidas afastadas da média “levam talvez a refletir melhor sobre o equilíbrio entre a especificidade do destino pessoal e o conjunto do sistema social.”<sup>16</sup>

Dessa forma, as particularidades e fragmentações de Belmiro não serão concebidas como deficiências a serem escamoteadas, mas como instrumentos de ruptura com homogeneidades aparentes. Somente assim é possível identificar os “conflitos que presidiram a formação e a edificação das práticas culturais” de seu tempo e refletir sobre as “incoerências existentes entre as diferentes normas” e a maneira pela qual moldou e modificou as relações de poder.<sup>17</sup> Essa pesquisa, portanto, buscará esgotar nas fontes as possibilidades de “definir as margens – por mais estreitas que possam ser – da liberdade garantida a um indivíduo pelas brechas e contradições dos sistemas normativos que o governam.”<sup>18</sup>

---

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183.

<sup>14</sup> FACINA, Adriana. *Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

<sup>15</sup> LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 247-248.

<sup>16</sup> LORIGA, Sabina. *A biografia como problema...*, p. 248-249.

<sup>17</sup> LORIGA, Sabina. *A biografia como problema...*, p. 249.

<sup>18</sup> LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992. p. 136.

Acredita-se que a ênfase sobre o processo de construção e transformação de Belmiro Braga ao longo da vida seja fundamental para evitar a formulação de análises e narrativas teleológicas. Como destaca Schmidt, cabe ao historiador “acompanhar o fazer-se do indivíduo ao longo de sua vida, levando em conta os diferentes espaços sociais por onde ele se movimentou, mas também suas percepções subjetivas, oscilações e hesitações”.<sup>19</sup> Nesse sentido, essa pesquisa se inspira na abordagem interacional e processual de Simona Cerutti sobre trajetórias individuais e de grupos, na qual se desloca a atenção das classificações para as relações sociais que as engendraram ao longo do tempo.<sup>20</sup> As reflexões de Cerutti permitem que as fontes dessa pesquisa sejam analisadas sem perder as "referências dos processos que as geraram", interrogando sobre as possíveis relações entre a realidade e as interpretações produzidas sobre ela.<sup>21</sup>

Transitando por diversos “mundos sociais” e acumulando múltiplas funções, Belmiro precisa ter a sua experiência articulada às diferentes esferas da vida social, identificando nessa rede repleta de meandros e conflitos as diversas estratégias que desenvolveu ao longo da vida.<sup>22</sup> Conquanto o foco da tese seja a sua trajetória no universo das letras, a análise não ficará circunscrita a um campo intelectual com fronteiras rígidas. Em decorrência disso, optamos pelo conceito de rede de sociabilidade intelectual de Jean-François Sirinelli, para quem as redes de sociabilidade compreendem uma “geometria variável”, capaz de identificar posições, relações e deslocamentos que dispensam tipologias e definições sistemáticas.<sup>23</sup>

Sirinelli não considera necessária uma definição rígida de sociabilidade própria do meio intelectual, embora não deixe de reconhecer a existência de relativo nível de autonomia nesse campo. Ao mesmo tempo em que se define como um campo histórico aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural, a história dos intelectuais se constitui de diferenças e identidades individuais e coletivas que demarcam espaços e estabelecem meios de atuação. Através do reconhecimento dos pares e da sociedade em que vivem, os intelectuais legitimam sua intervenção na sociedade e se afirmam como produtores de bens simbólicos, capazes de elaborar interpretações, diagnósticos e prognósticos sobre a realidade.

---

<sup>19</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. *Métis: história & cultura* – v. 2, n. 3, jan.-jun. 2003, p. 57-72.

<sup>20</sup> CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidade em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 180.

<sup>21</sup> CERUTTI, Simona. *Processo e experiência...*, p. 181.

<sup>22</sup> CERUTTI, Simona. *Processo e experiência...*, p. 187.

<sup>23</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.



O engajamento na vida da cidade, na divulgação de conhecimento e na promoção de debates permite que os intelectuais também sejam considerados atores do político.<sup>24</sup>

Por meio da correspondência privada, da publicação de artigos em periódicos e dos discursos, os intelectuais “combinam exercícios de produção do eu e de persuasão política dos outros (e de si mesmo)”. Como lembra Rebeca Gontijo, esses artifícios eram muito “valorizados e praticados pelos intelectuais no Brasil da virada do século XIX, quando ainda não havia fronteiras rígidas entre o mundo da política e o das letras”.<sup>25</sup>

Através da compilação, cruzamento e sistematização dessas fontes, conseguimos concatenar diversos fragmentos biográficos e autobiográficos do literato. Tal procedimento, obviamente, não constitui um fim em si mesmo, mas tem por objetivo contingenciar essas informações e compará-las, concebendo-as como diferentes representações construídas *pelo* ou *sobre* o literato. Conforme Giovanni Levi, não basta interpretar os significados dos símbolos e códigos que circundam os indivíduos dentro de um sistema cultural, mas também definir as ambiguidades do mundo simbólico, as contradições, a pluralidade de interpretações e as disputas travadas entre elas.<sup>26</sup> Acredita-se que, assim, pode-se desnaturalizar as tentativas de “imortalizar” o indivíduo com base naquilo que se deseja ou desejava lembrar dele.

Desde o início da carreira literária de Belmiro Braga, na virada do século XIX para o XX, é possível perceber que sua produção foi concebida, de maneira quase unânime pela crítica, como a expressão de um lirismo e de um humor “puro”, “natural”, “singelo”, “espontâneo” e “ingênuo”. A frequência com que essas classificações se manifestavam e a permanência delas ao longo do tempo acabaram se tornando o ponto de inflexão dessa pesquisa. A partir de então, começava a ganhar contornos mais definidos a possibilidade de se analisar a gênese e a consolidação da persona literária de Belmiro Braga.

Nasce, assim, a problematização do objeto de estudo. Essa pesquisa, apesar de sua natureza biográfica bastante ampla, tem como “fio condutor” as seguintes perguntas: como as categorias “espontâneo”, “natural”, “simples” e “ingênuo” se transformaram em representações e autorrepresentações da carreira de Belmiro Braga, bem como em chaves interpretativas de sua produção e personas literárias? Como essas categorias foram operacionalizadas ao longo do tempo, no sentido de manter a sua posição no incipiente campo literário brasileiro, nas primeiras décadas do século XX?

<sup>24</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais..., p. 231-262.

<sup>25</sup> GONTIJO, Rebeca. *História, cultura, política e sociabilidade intelectual...*, p. 263.

<sup>26</sup> LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história...*, p. 136.

Não obstante o fato de não haver no Brasil das décadas iniciais do século XX um campo artístico-literário autônomo, perguntamo-nos como se dava a relação de Belmiro Braga com as regras do campo, durante e após a sua inserção nas redes de sociabilidade literária. Recebido como natural, espontâneo, genuíno e ingênuo e propagado como tal, Belmiro Braga apostará nessa imagem durante toda a carreira, não se permitindo ousar na transposição dos limites que os considerados “grandes escritores” impunham?

Observaremos que raramente se desnaturalizava a classificação de B. B. como um literato “ingênuo” e “espontâneo”. Em diversos momentos, o literato se justificava para o leitor com base em autoironias ou afirmando que “bastava ser sincero para que sua obra fosse lida”. Somente na década de 1920, na *Gazeta de Notícias* (RJ), um dos críticos questionaram tal posicionamento, declarando que não fazia sentido um escritor já com grande caminho percorrido continuar defendendo ou “fingindo acreditar” que bastava ser sincero para que sua obra fosse lida.<sup>27</sup>

Não apenas acreditamos na possibilidade de essa caracterização configurar uma deliberada estratégia de manutenção de Belmiro Braga na cena literária brasileira do período, como defendemos a existência de uma interdependente relação entre a crítica e o literato na construção dessa persona. Não sendo ele sozinho quem construiu essa “imagem de si”, é bastante razoável que tenha tomado de empréstimo essa caracterização da crítica para construir a persona que o projetou na cena literária nacional.

Diante do dilema imposto pela modernidade e das condições dessacralizadoras impostas à vida inevitavelmente mundana dos literatos, B. B. parece ter escolhido responder de forma ambígua à difícil tarefa de reconhecer quem estava autorizado a se considerar escritor. O recurso ao humor e, especialmente, à autoironia, estava a serviço dessa empreitada nada fácil de conseguir sobreviver em uma realidade na qual o produtor cultural não possuía condições de viver de sua arte.

Ao mesmo tempo em que se apropriava dos códigos culturais das elites de seu tempo, Belmiro Braga investiu permanentemente em estratégias de aproximação com um público mais amplo, através de uma escrita acessível, simples, rápida e direta, que agradava diversos segmentos sociais, inclusive as camadas menos letradas. Suas publicações oscilavam entre as verves lírica e satírica, tendo como foco o cotidiano, a vida na roça, as culturas populares, as memórias, os costumes sociais, as críticas políticas, etc. Escolheu, desde o início de sua carreira, autorrepresentar-se nas páginas dos jornais como “trovador popular”, de origem

---

<sup>27</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11/08/1923, p. 2.

simples, autodidata, de formação “rudimentar”, desprovido de diploma de bacharel e com pouca afeição pelos formalismos acadêmicos.<sup>28</sup>

Ao mesmo tempo em que se intitulava um “humilde escritor de província”, investiu na imagem de homem “elegante”, bem vestido, sensível, frequentador dos espaços de sociabilidade das elites e antenado com o estilo moderno estampado nas páginas das revistas ilustradas da *belle époque*. Ávido crítico dos vícios políticos da República, do francesismo, dos costumes e das etiquetas sociais, investiu também no gênero lírico, sendo aclamado e homenageado por diversos segmentos sociais.

A partir de detalhes aparentemente desprezíveis, é possível fazer emergir dos meandros dos textos de Belmiro e de seus testemunhos históricos involuntários as chamadas “vozes incontroladas”, que “isolam na ficção fragmentos de verdade”<sup>29</sup>. Além de possibilitar leituras em contraponto, que identificam as ambiguidades, tensões, contradições e vicissitudes implícitas em suas representações sobre o real, o que torna o “método indiciário” de Ginzburg fundamental à análise das fontes.<sup>30</sup>

A produção literária e teatral de Belmiro é aqui concebida a partir de um “pressuposto materialista de análise”. Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira defendem que refletir sobre literatura na perspectiva da história social implica desconstruir a crença em sua autonomia “com base em critérios estéticos absolutos”. Para os autores, toda obra constrói ou representa a sua relação com a realidade social, mesmo quando se nega a fazê-lo. O objetivo é historicizar a obra literária como objeto de produção cultural, inserindo-a no movimento da sociedade e investigando suas “redes de interlocução social”.<sup>31</sup>

Através das críticas literárias publicadas nos periódicos, das cartas enviadas pelos leitores (algumas delas publicadas, inclusive, nos jornais) e das notícias que informavam os espaços por onde suas obras e peças teatrais circulavam, será possível rastrear o uso social de sua produção e, quando possível, o processo de apropriação pelo público. Para essa pesquisa, portanto, mais importa a análise dos protocolos de leitura e das formas de circulação e apropriação da produção literária de Belmiro pela crítica do que sua análise formal. Parte-se

<sup>28</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 06/01/1915, p.1.

<sup>29</sup> GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007. p. 11.

<sup>30</sup> GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

<sup>31</sup> CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo A. de M. (orgs.). Apresentação. In: \_\_\_\_\_. *A história contada: capítulos da história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1998. p. 7-9.

do pressuposto de que os usos e significados dos textos não são tirânica ou mecanicamente determinados por quem os escreveu, mas definidos a partir de um dinâmico processo de apropriação, que, sem descartar as possibilidades de influência do autor e dos editores sobre seus leitores, reconhece maior autonomia no ato da leitura.<sup>32</sup>

É importante destacar nas crônicas seu caráter “imponderável” e “indeterminado”, que faz com que os autores não consigam definir sozinhos os rumos de suas séries. Para compreendê-las, é fundamental considerar não apenas as relações do autor com a concepção editorial do periódico, como também as influências mútuas e interdependentes estabelecidas entre autores e leitores. Nesse sentido, o cronista não apenas apresenta temas e problemas a serem discutidos, como está constantemente suscetível a redefinir suas intenções iniciais e suas estratégias de acordo com as respostas do público.<sup>33</sup>

As cartas e as crônicas, embora possuam características e finalidades distintas, guardam entre si algumas semelhanças. Ambas são, ao mesmo tempo, “um lugar de subjetividade e de sociabilidade”, além de constituírem tipos de texto permeados de outros textos.<sup>34</sup> Elas evocam assuntos, ideias, críticas, autores, títulos de livros e periódicos, contribuindo não apenas como objetos de análise no campo da representação, como também possibilitam decodificar as redes de interlocução do literato, reconstituir suas redes de sociabilidade e analisar os aspectos que influenciaram sua formação intelectual ao longo do tempo. Nesse sentido, além de analisarmos algumas cartas esparsas e espalhadas por diversas instituições do país, debruçamo-nos sobre mais de duzentas missivas enviadas por nosso biografado ao seu “padrinho literário”, o cearense Antônio Sales, as quais se encontram depositadas no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ). Apesar de não termos conseguido encontrar as respostas que Sales lhe enviou – impondo-nos o enorme de desafio de lidar, mais uma vez, com as lacunas da documentação – esse conjunto documental se mostrou extremamente importante para rastrear os vestígios e os rastros de sua trajetória.<sup>35</sup>

No **capítulo 1**, abordaremos alguns aspectos da trajetória social de Belmiro Braga desde o seu nascimento, em 1870, até a publicação de seu primeiro livro, *Montezinas*, em

---

<sup>32</sup> CHARTIER, Roger. Textos, impressões, leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 211-238.

<sup>33</sup> CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Unicamp, 2005. p. 17.

<sup>34</sup> GONTIJO, Rebeca. *História, cultura, política e sociabilidade intelectual...*, p. 267.

<sup>35</sup> VASCONCELOS, Eliane (org.). *Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – Inventário do Arquivo Antônio Sales*. Rio de Janeiro: Edições da Casa de Rui Barbosa, 2007.

1902. Tomando por base seus primeiros contatos com literatos como Antônio Sales e outros nomes já conhecidos nas letras nacionais, debruçaremos-nos sobre seu incipiente processo de inserção no universo das letras, tendo como mote a formulação da seguinte questão: teria sido o mineiro “descoberto” ou “construído” como literato?

No **capítulo 2**, analisaremos o processo de conformação do perfil múltiplo de Belmiro Braga como “mediador cultural”<sup>36</sup> em face da dinâmica de funcionamento da chamada “cidade das letras”. Nesse sentido, abordaremos a transição do personagem da zona periférica (distrito rural) de Juiz de Fora para a sede do município, quando assume os cargos de tabelião e inspetor de ensino e consolida a sua integração às camadas letradas de um espaço em franco crescimento urbano-industrial. Como cronista do cotidiano desse espaço cambiante entre o rural e o urbano, tornou-se partícipe e comentarista das chamadas “cousas miúdas”<sup>37</sup> do cotidiano, contemplando um repertório de assuntos muito caros a esse contexto de modernização, como as interfaces entre os homens de letras da capital e os do interior, as desigualdades sociais, a organização das letras e das artes no município, as reformas católica e educacional, etc. Analisaremos também como o literato conjuga seu perfil profissional múltiplo com o seu fazer literário, através da ambígua persona humorística do “tabelião-poeta” ou “poeta-tabelião”, que não deixa de estar atrelada à construção da imagem de um poeta “natural” e “espontâneo”, que, a exemplo de um fenômeno natural, não escolhe ocasiões para versejar.

O **capítulo 3** terá como foco a atuação pública de Belmiro Braga como um dos doze fundadores da Academia Mineira de Letras em Juiz de Fora, em 1909. Abarcaremos o período compreendido entre 1909 e 1914, quando a AML se manteve em Juiz de Fora, bem como os dois anos interpostos entre a transferência da instituição para Belo Horizonte e a mudança de Belmiro Braga para o Rio de Janeiro, em 1916. Considerando que, nesse momento, o literato aprofunda a sua relação com homens de letras e artistas do Rio de Janeiro e, ao mesmo tempo, com os literatos interioranos, que a ele recorriam em busca de oportunidades, analisaremos as estratégias do juiz-forano no sentido de legitimar o papel do município como capital das letras no Estado de Minas Gerais, mesmo após a cidade perder o posto de sede da AML.

Abordaremos, ainda, a sua atuação como conferencista e autor de textos dramáticos, especialmente do gênero ligeiro, a partir de 1909. Essa faceta do literato o levou a percorrer e

---

<sup>36</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-35.

<sup>37</sup> CHALHOUB, S.; NEVES, M.; PEREIRA, Leonardo A. de M. (orgs.). *História em cousas miúdas...*, p. 14.

a se tornar popularizado em diversas cidades brasileiras. Nesse capítulo, portanto, exploraremos um aspecto da produção literária belmiriana que transcende a imprensa periódica e dialoga intrinsecamente com a oralidade. Apesar de não termos acesso a todas as conferências e peças teatrais de sua autoria, uma vez que muitas delas não foram publicadas, o acesso a comentários e a notas publicadas na imprensa nos possibilitou rastrear a circulação desses textos.

No **capítulo 4**, abordaremos a sua atuação na cena literária carioca entre os anos 1916 e 1920, quando transferiu residência para a capital federal, levando-nos a questionar se tal decisão significou ou não um afastamento das letras juiz-foranas. Ou se, pelo contrário, teria sido uma estratégia para fomentar maior representatividade e fortalecimento das letras regionais na metrópole, buscando compensar a ausência da AML na sua terra natal.

Nesse capítulo, analisaremos as redes de sociabilidade do literato e os espaços por ele frequentados na capital federal, nesse período em que lá manteve residência. Demonstraremos como, nesse momento, B. B. aprofundou e consolidou sua inserção nos mais diversos periódicos cariocas, especialmente no universo das revistas ilustradas, como *Fon-Fon*, *O Malho*, *D. Quixote* e *Revista da Semana*, bem como em vários outros jornais famosos e de ampla circulação. Engajados na difusão de um modelo de cidade ideal, associado aos padrões do que era visto como moderno, elegante, civilizado e cosmopolita, esses periódicos tinham como foco atingir um público leitor mais amplo e heterogêneo, através de estratégias que apostavam em novos formatos e técnicas de impressão com estética leve, agradável e irreverente, que faziam larga utilização das ilustrações, do humor e de crônicas leves e curtas.<sup>38</sup>

Tais periódicos, além de publicarem diversas produções de Belmiro Braga a partir de parcerias com outros artistas contemporâneos, também destacavam a sua ativa participação em múltiplos espaços de sociabilidade, com a *Sociedade Brasileira de Autores Teatrais* e o *Centro Mineiro*, por exemplo. Por fim, abordaremos a forma como o literato utilizou sua fama de poeta para abrir espaço no mercado de vendas de seguros de vida, através da atuação na empresa *Cruzeiro do Sul*, no Rio de Janeiro, da qual não apenas se tornou um dos maiores vendedores, como também teve uma plaquete e um livro publicados pela empresa.

No **capítulo 5**, analisaremos a atuação de Belmiro Braga nas letras na década de 1920, quando sai do Rio de Janeiro e decide não reassumir o cartório em Juiz de Fora. Sentindo o

---

<sup>38</sup> DIOGO, Marcia Cezar. O moderno em revista na cidade do Rio de Janeiro. In: CHALHOUB, S.; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo A. de M. (orgs.). *História em cousas miúdas...*, op. cit., p. 485-498.

impacto da falta de estabilidade, procura através de contatos políticos algum cargo público, restando-lhe apenas o de fiscal de jogos em Poços de Caldas. Nesse momento da tese, analisaremos o sentimento de “desilusão republicana” do literato, suas críticas aos modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922, a quem chamava de “bestas futuristas”, bem como a sua ambígua relação com a Academia Brasileira de Letras, na qual tentou disputar uma vaga, mesmo investindo numa autorrepresentação avessa ao academicismo.

No **capítulo 6**, analisaremos a atuação de Belmiro Braga nos anos 1930, quando se vê tomado de cansaço com a vida nômade que levava, com a instabilidade profissional agravada pela Revolução de 1930 e a antipatia pelos “modernistas”. Apesar de os periódicos demonstrarem um poeta ainda em plena atividade, B. B. se autodenominava “passadista”, “poeta fora de moda” e fracassado. Nesse momento em que o cansaço parece abatê-lo, percebe-se nítida vontade de fixar residência em Juiz de Fora e construir uma vida estável. Após perder seu cargo de inspetor de ensino federal por conta de retaliações sofridas pelos opositoristas à Aliança Liberal, consegue reavê-lo através de Olegário Maciel.

A partir de então, B. B. não sai mais de Juiz de Fora, onde escreve seu último livro, *Dias Idos e Vividos*, em que narra os trinta primeiros anos de sua vida, correspondentes ao momento de seu anonimato literário. Inicialmente intitulado “Metade de uma vida”, o livro é analisado nesse capítulo como o último esforço do poeta em “cristalizar” a persona que vinha construindo e ratificando desde o início de sua carreira, como poeta “simples”, “genuíno”, “natural” e “espontâneo”. Belmiro Braga tenta transformar o livro em um “lugar de memória”, em que elege Machado de Assis o “mito fundador” da carreira literária de um jovem provinciano. No entanto, ao mesmo tempo em que publica *Dias Idos e Vividos*, escrevia *Soda Cáustica*<sup>39</sup>, projeto que não chegou vir a público, devido ao teor agressivo das trovas humorísticas contidas nesse manuscrito.

Falecendo em 31 de março de 1937 e preservando a persona literária cultivada desde o início de sua carreira, Belmiro Braga teve suas memórias submetidas a diversos enquadramentos, através da ereção de um busto no Parque Halfeld, em Juiz de Fora, das atribuições de seu nome à rua em que morou no bairro Alto dos Passos e ao distrito em que nascera. Não obstante os esforços de consagração de sua imagem, nada disso deteve o parcial apagamento de suas memórias. Contudo, é possível encontrar resquícios de sua obra – ainda que anonimamente – no imaginário de gerações mais “velhas” pelo Brasil afora.

---

<sup>39</sup> Graças à autorização concedida pela sobrinha-neta de Belmiro Braga, a Sra. Leila Maria Fonseca Barbosa, essa tese é a primeira a publicizar o referido manuscrito, até então guardado e escondido dos olhares do público.

Através dos inúmeros “cacos” reunidos e colados ao longo dessa pesquisa quase “arqueológica”, esperamos reabilitar, de alguma forma, alguns aspectos da trajetória do nosso biografado. E mais do que isso: apresentar elementos para que possamos perscrutá-lo na complexa relação com o contexto em que não apenas estava inserido, mas do qual fazia parte como agente histórico que participava da sua construção, como um fio entrelaçado na enorme trama de um tecido.



## 2 DESCOBRIMENTO OU CONSTRUÇÃO DE UM POETA?

### 2.1 O menino e a “marcha” de “interiorização da modernidade” no Brasil profundo

No início da década de 1870, nascia na Fazenda da Reserva, em Vargem Grande, então distrito de Juiz de Fora (MG), Belmiro Belarmino de Barros Braga, o quarto filho do casal José Ferreira e Francisca de Paula Braga. Uma pequena diferença de idade o separava dos irmãos mais velhos, Amélia, Maria e Francisco. Depois dele, a matriarca ainda daria à luz Elvira, Antônio, José, Domingos e Manoel.

O ano de nascimento do futuro poeta é controverso. Diversos textos oscilam entre 1870 e 1872. Conquanto a segunda opção seja a mais recorrente, diversas fontes apontam a primeira como a data correta, como, por exemplo, duas matérias publicadas no jornal *Correio da Manhã*, que nos dão conta de informar que seu nascimento teria sido em 7 de janeiro de 1870.<sup>40</sup> Paulino de Oliveira, amigo do escritor e memorialista local, tendo consultado sua certidão original no cartório, confirmou a informação<sup>41</sup>, que também pode ser verificada no inventário de sua mãe, datado de 1884, no qual consta que ele tinha, à época, 14 anos de idade.<sup>42</sup>

Imprecisão numérica e confusão à parte, o fato é que B. B. nasceu em pleno início da agitada década de 1870, em que o Brasil ainda sentia os efeitos e os desdobramentos da guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, acontecimento impactante na história do ainda jovem Estado-Nação brasileiro e da América do Sul. Em suas memórias, no entanto, esse episódio aparece associado ao irmão Francisco, cujo segundo nome, Solano, figurava como

<sup>40</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 07/01/1958, p. 14; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10/04/1958, p. 16.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, Paulino de. Certidão de idade de Belmiro Braga. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 06/10/1971.

<sup>42</sup> Inventário de Francisca de Paula Braga. Inventariante: José Ferreira Braga. Ano: 1884. Fundo Benjamin Colucci (14º processo, caixa 193, ID 910, Parte 1). Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). Em carta endereçada a um de seus mais longevos amigos, Antonio Sales, o próprio Belmiro Braga também afirmou que nasceu em 7 de janeiro de 1870: “[...] nasci em 7 de janeiro de 1870, mas a certidão que os políticos de Juiz de Fora obtiveram do escrivão de São Francisco de Paula, aonde fui batizado, dá como eu tivesse nascido em 14 de agosto de 1872 e batizado em 21 daquele mês – foi com essa certidão que eu fiz um seguro de vida *n’A São Paulo*. Hoje preciso ter 56 anos para não estragar o meu seguro.” Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Rio de Janeiro, 06/12/1928. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

homenagem do avô ao seu ídolo, o ditador paraguaio Solano Lopez, a quem teria dedicado diversas quadrinhas e versos.<sup>43</sup>

Grande parte das narrativas de infância do poeta se encontra registrada em seu livro de memórias, *Dias Idos e Vividos*, publicado em 1936, um ano antes de seu falecimento. Nessa obra, o sexagenário escritor observa pelo “retrovisor” seu passado e relata, retrospectivamente, em linguagem lírica e entremeada de imaginações que transformam em ficção a própria realidade, as experiências de sua vida de menino nascido e criado em ambiente rural e rudimentar.

A fazenda do pai, localizada na zona da mata mineira, região marcada, predominantemente, pela produção agroexportadora de café, contava com o trabalho de alguns escravizados no desenvolvimento de atividades domésticas, agrícolas e pastoris. Além disso, seguindo a tradição dos imigrantes portugueses fixados no Brasil, o pai mantinha um tradicional comércio de variedades localizado à margem da estrada que cortava a propriedade.

Nos primeiros anos de sua infância, uma escravizada da família, de nome Sena, considerada presente ofertado pelo padrinho de sua mãe, teria preenchido as ausências de Francisca na rotina do lar, por esta precisar auxiliar o esposo nas atividades da venda. Tão longo alcançando certo nível de autonomia, o garoto passou a colaborar com o pai nas atividades da fazenda, lidando com o gado, tomando conta da venda, espalhando o café no terreiro e levando almoço para os trabalhadores.

A venda distava alguns quilômetros dos povoados da região, mas se tornou conhecida e frequentada pelos habitantes dos arredores, sobretudo por aqueles oriundos das zonas cafeeiras da província do Rio de Janeiro, como Paraíba do Sul, Vassouras, etc. Aos domingos, a Fazenda da Reserva se transformava em uma espécie de feira, na qual os encontros dos moradores vizinhos eram marcados com a finalidade de realizar compras, vendas e permutas de terras, carros de bois, gado, cavalos e muitas outras variedades.<sup>44</sup>

Não fazia muito tempo que aquelas terras pisadas pelo menino tinham sido desbravadas. Em seus relatos da terceira idade, Belmiro Braga afirma ter conhecido, quando criança, um idoso de noventa anos, em cujas narrativas não apenas se orgulhava de ter visto D. João VI de perto, como também se autoproclamava legítimo representante das primeiras gerações de habitantes das imediações da Fazenda da Reserva.

No início do século XIX, a mata virgem, que dominava a paisagem daquela região, começou a ser devassada para dar lugar à ocupação e à exploração humanas. A expansão

<sup>43</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936. p. 83.

<sup>44</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 56.

cafeeira impulsionou esse processo e, com ela, a chegada da ferrovia na segunda metade do século XIX, que impactou a vida econômica, política, social e cultural das comunidades brasileiras sob diversos aspectos: promoveu a unificação do mercado interno, facilitando a circulação de pessoas e mercadorias; reduziu significativamente o preço do transporte, favorecendo as exportações; permitiu a expansão do setor de produção de aço, máquinas e ferramentas, equipamentos ferroviários, construção civil e ferroviária. Ademais, as ferrovias também interferiram no conjunto da vida sociocultural, fazendo com que hábitos, práticas e costumes fossem redefinidos, ampliando e acelerando as possibilidades de interação e intercâmbio material e simbólico.<sup>45</sup>

A primeira ferrovia efetivamente construída no Brasil é datada de 1854, por iniciativa de Irineu Evangelista de Souza, que construiu 14 quilômetros de estrada de ferro com o objetivo de servir como propaganda de inovação para um Estado-nação ainda em processo de construção e consolidação. Em 1858, a Estrada de Ferro D. Pedro II teve seu primeiro trecho inaugurado por iniciativa do governo imperial. Cerca de dez anos depois, a linha ferroviária cortava as Minas Gerais. Nas décadas de 1870 e 1880, diversas estações ferroviárias foram construídas em distritos e municípios da zona da mata mineira, trazendo impactos importantes sobre o processo de modernização da vida econômica da região.

Sintomáticas do processo que podemos denominar “interiorização da modernidade” no Brasil, as estações ferroviárias se tornaram pontos estratégicos para a economia regional, haja vista que para elas escoava parte considerável da produção agrícola das fazendas existentes em seu entorno. As estações, além de servirem de ponto de embarque de passageiros e mercadorias, possuíam agência de correio, o que tornava possível a permutação de malas, diariamente, com Rio de Janeiro (capital do país), Belo Horizonte, Juiz de Fora, Barra do Piraí e outros.<sup>46</sup>

Com a maior malha ferroviária do Brasil, Minas Gerais tem muitas memórias que nos deixam entrever as marcas profundas deixadas pela ferrovia no cotidiano das comunidades. O trem favoreceu o convívio das populações interioranas mineiras com o cosmopolitismo do Rio Janeiro, capital federal – considerada polo irradiador de cultura no Brasil –, estimulando a

---

<sup>45</sup> PAULA, João Antonio de Paula. O processo econômico. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (dir.). *A construção nacional (1830-1889)* – História do Brasil Nação: 1808-2010 (volume 2). Rio de Janeiro: Objetiva, 2012. p. 209-212.

<sup>46</sup> ESTEVES, Albino; LAGE, Oscar Vidal Barbosa (orgs.). *Álbum do município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

circulação de notícias e novidades.<sup>47</sup> Na literatura, o trem se tornou, inclusive, objeto de inspiração poética na produção de escritores mineiros, como Padre Correia de Almeida, Carlos Drummond de Andrade, Adélia Prado, dentre outros.<sup>48</sup>

Com Belmiro Braga não foi diferente. Desde a mais tenra idade, o menino sentiu os efeitos práticos da ferrovia. A produção agrícola da propriedade de seu pai (basicamente, o café) era escoada através dos meios de transporte de tração animal até a estação mais próxima, a do Espírito Santo, atual Sobragy, localizada a 7 quilômetros da sede do distrito, Vargem Grande (atual município de Belmiro Braga). Chegando à estação, a mercadoria percorria cerca de 239 quilômetros até chegar ao Rio de Janeiro.<sup>49</sup> Além de despachar a sua produção agrícola, José Ferreira também encomendava as mercadorias que reabasteciam sua venda à beira da estrada.

A relação afetiva com a ferrovia se fez tão presente na vida do menino Belmiro Braga que ela ocupou papel de destaque nas memórias de *Dias Idos e Vividos*. B. B. as narra como um mistério desvendado por um menino caipira, mas perspicaz e curioso, que pondo-se a contemplar, no alto da montanha, “o horizonte sem fim” e repleto de “mistérios” à sua “alma jovem” e “sonhadora”, tornou-se “a primeira pessoa a ouvir o apito do trem de ferro naquelas redondezas”.<sup>50</sup>

É como se o primeiro contato com a locomotiva a vapor naquelas terras cercadas de montanhas por todos os lados simbolizasse a apresentação do garoto à modernidade e aos estranhamentos (fascínio e/ou repulsa) por ela provocados. Estranhamento este que levou seu futuro amigo, Padre Correia de Almeida, a compor o poema “O cão e a locomotiva”, no qual satiriza sua quixotesca relação com a “modernidade”.<sup>51</sup>

Imbuído de um esforço teleológico, muito presente nas memórias – talvez por elas reinventarem a realidade passada – Belmiro Braga estabelece um vínculo direto de sua imagem de adulto sonhador, ansioso por enxergar além do “mar de morros” das Minas Gerais, à curiosa experiência com o trem e a estrada de ferro na infância. Mas essas memórias de

<sup>47</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres: a Belle-Époque Mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. p. 10.

<sup>48</sup> PRADO, Adélia. Explicação de poesia sem ninguém pedir. In: \_\_\_\_\_. *Poesia Reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 48.

<sup>49</sup> Sobre as distâncias entre a estação de Sobragy e os referidos lugares, ver: ESTEVES, Albino; LAGE, Oscar Vidal Barbosa (orgs.). *Álbum do município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. p. 450.

<sup>50</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 27-28.

<sup>51</sup> ALMEIDA, Correia de. O cão e a locomotiva (1887) *apud* ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República?* Padre Correia de Almeida e sua sátira ao Brasil oitocentista. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 173.

infância narradas na vida adulta não se restringem à nostalgia. Elas também evocam os primeiros sentimentos de melancolia e desconforto em relação às dificuldades da vida e às diferenças de classe social:

Na doce infância descuidada, quando  
Eu ia, às vezes, à Estação vizinha,  
Nos viajantes do Expresso reparando,  
Ah! Que inveja cruel não era a minha!...

Ao ver o trem chegar e o alegre bando  
De gente esbelta que em seus carros vinha,  
Eu me quedava, o coração sangrando  
E, de olhos tristes, contemplava a linha...

E pensava comigo: - A vida é um sonho!  
Para muitos o mundo é tão risonho!  
Quem me dera gozar a vida assim!...

E hoje, viajando como aquela gente,  
Nas estações invejo tristemente  
Quem ali, ao me ver, me inveje a mim...<sup>52</sup>

Também em prosa o escritor narra seus constantes deslocamentos a cavalo, de casa à estação do Espírito Santo (atual Sobragy), atendendo às ordens de seu pai: “Além de caixeiro e de ajudante de guarda-livros, eu fazia cobranças e ia, semanalmente, à estação da Estrada de Ferro, que ficava a três léguas Reserva, tratar dos embarques de café para o Rio e dos desembarques de mercadorias consignadas a Papai”. Na estação, invejava a vida estável do agente, do conferente e do telegrafista que lá trabalhavam, ao vê-los “em seus postos, alegres e tranquilos”, bem uniformizados e com “bonés de galões doirados”, enquanto precisava “viajar três léguas por maus caminhos e, muita vez, sob aguaceiros horríveis”, apavorado com “a serra sombria da Criminosa”. Por fim, o poeta também narra com melancolia seu olhar de espreita para os meninos de famílias abastadas que passavam pela estação nos vagões de primeira classe, fazendo-o lastimar a desigualdade de oportunidades e a interrupção de seus estudos:

Outra coisa que, na Estação, me entristecia, era quando (e quantas vezes isso se deu!), à passagem do mixto ou do expresso, descobria, entre os passageiros da primeira classe, um ou outro meu colega do colégio... Encolhia-me todo entre os volumes empilhados na plataforma, os olhos se me enchiam de lágrimas e, sem os enxugar, não os desviava do trem, se não quando este desaparecia lá muito longe, na extrema e última curva da estrada...

<sup>52</sup> BRAGA, Belmiro. *Tarde Florida*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. p. 58. O referido poema também integra a primeira edição de *Tarde Florida*, editada e publicada pela “Tipografia Luz”, em Juiz de Fora, em 1923.

Montava a cavalo, esquecia-me de tudo e, nas três longas horas de viagem que separavam a Reserva da estação do Espírito Santo, hoje Sobragi, só pensava no colégio, nos companheiros, nos professores e nos meus pobres livros agora abandonados e esquecidos...  
Como foi triste minha pobre infância!...<sup>53</sup>

Belmiro Braga também se recordaria, ao longo da vida, de sua educação rudimentar na roça, nas aulas do mestre-escola popularmente conhecido como “Seu Lifonso”. Somente em 1883, aos doze anos de idade, o menino conseguiria acessar o ensino formal, no colégio Ateneu Mineiro, em Juiz de Fora. Essa experiência se torna marcante e, ao mesmo tempo, traumática na vida de B. B., que se autorrepresenta constrangido e envergonhado pela segregação social sofrida dentro do espaço escolar. Filhos de fazendeiros abastados, muitos colegas, trajando roupas confeccionadas sob medida por alfaiates especializados, ridicularizavam-no pela simplicidade de suas vestimentas feitas em casa, pelas calejadas mãos das costureiras da roça de onde saía.

Na tentativa de compensar o preconceito, o velho poeta se recorda de seus esforços de menino para se sobressair através da caligrafia. Nesse contexto, vale lembrar que uma caligrafia de qualidade não configurava apenas um detalhe, mas um símbolo de deferência e utilidade na busca por oportunidades de trabalho. Belmiro Braga parece ter levado essa questão a sério, transformando a estética de sua letra em uma de suas facetas publicamente reconhecidas. Primeiramente, sendo-lhe útil como uma forma de satisfazer a vontade do pai, que desejava empregá-lo na escrituração de seus negócios. E, futuramente, sem que o soubesse naquele momento, como uma das qualidades do poeta que viria a se tornar. Tanto assim o foi que, em 1941, passados quatro anos de sua morte, um artigo publicado no *Jornal do Brasil* o colocaria na lista dos grandes escritores brasileiros dotados de bela caligrafia.<sup>54</sup>

Mas o fato é que a passagem do menino pelo Ateneu Mineiro não teria um ano de duração. Em 19 de outubro de 1883, sua mãe falece. O pai, surpreendido pela viuvez repentina, determinou que o filho retornasse à sua casa e o ajudasse nos trabalhos da venda. Na falta da matriarca, portanto, sua formação acadêmica foi abruptamente interrompida, o que pode ser considerado, ao menos a princípio, um fator de “dilapidação social”, cujo resultado teria sido um “corte” na sua trajetória social.<sup>55</sup> Corte este que lhe inviabilizaria a formação bacharelesca fortemente requisitada entre as famílias de elite desse contexto, levando-o, em

<sup>53</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 71-72.

<sup>54</sup> A caligrafia dos grandes escritores. *Jornal do Brasil* – Segunda Seção, Rio de Janeiro, 13/04/1941, p. 4.

<sup>55</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 34.

contrapartida, ao caminho do autodidatismo, percorrido por tantos outros homens de letras de seu tempo.

O patrimônio da família Braga não era avultado. Compunha-se de alguns hectares de terras, pouco mais de meia dúzia de escravizados, cabeças de gado, pés de café, uma venda e algumas casas de aluguel. A abertura do inventário de sua mãe, em 18 de março de 1884, nos serve para ter uma noção a respeito: dos 93:111\$000 deixados pela viúva, 50% se destinava ao marido (46:555\$500) e 5:172\$835 eram destinados a cada um dos nove filhos, assim que estes atingissem a maioridade.<sup>56</sup>

Entretanto, do legado material deixado por sua mãe, o único que subsistiu às intempéries da história é a Capelinha de Santa Cruz, situada nas imediações da Fazenda da Reserva. Segundo Belmiro Braga, a construção da capela teria se iniciado antes de sua ida para o Ateneu Mineiro e inaugurada antes de seu retorno à casa paterna. A concretização da obra teria sido cumprimento de promessa feita por D. Francisca, que teria amealhado recursos para construí-la, através de doações de dinheiro e materiais e de mão-de-obra voluntária de vizinhos, parentes e amigos da família.<sup>57</sup> O local, além de cenário para realização da festa de Santa Cruz, teria atraído pessoas de lugares distantes para festas e peregrinações religiosas.<sup>58</sup> Hoje, o monumento integra o conjunto de bens históricos tombados no município cujo nome homenageia o filho de sua idealizadora.

## 2.2 Um nômade colecionador de narrativas

A permanência de Belmiro Braga na fazenda do pai, em Vargem Grande, logo após a morte da mãe e a saída do Ateneu Mineiro, não teria sido muito longeva. Em 1885, José Ferreira Braga o impulsiona a desbravar novos caminhos por outras terras. Segundo B. B., seu pai partia do princípio de que todos os filhos tinham que, obrigatoriamente, “fazerem-se homens” por conta própria: “[...] no seu entender, filho criado com mimo nunca seria gente”.<sup>59</sup>

---

<sup>56</sup> Inventário de Francisca de Paula Braga. Inventariante: José Ferreira Braga. Ano: 1884. Fundo Benjamin Colucci (14º processo, caixa 193, ID 910, Parte 1). Arquivo Histórico da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG).

<sup>57</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 79.

<sup>58</sup> No jornal *Pharol*, de Juiz de Fora, constam algumas notas informando sobre festas e cultos religiosos (missas, novenas, apresentações musicais, fogos de artifício, etc) realizados na Capela de Santa Cruz, inclusive a realização de um leilão destinado a angariar fundos para a compra de um sino para o edifício (Fontes: *Pharol*, Juiz de Fora, 19/04/1884, p. 2; 19/06/1886, p. 2).

<sup>59</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936. p. 144.

Curiosamente, a capital do país, terra tão próxima de Juiz de Fora, não foi o destino que o pai escolhera para o filho. B. B. afirmava que, apesar de possuir muitas relações comerciais no Rio de Janeiro, o pai nunca consentiu que os filhos lá buscassem emprego, pois temia o risco de contraírem a febre amarela e morrerem.<sup>60</sup> Sendo assim, foi em terras de Muriaé e Carangola que o filho iniciou sua nova trajetória, trabalhando a troco de gorjetas, ou até mesmo de casa e comida, para diversos comerciantes locais. A narrativa do “velho poeta”, em 1936, sobre a experiência do “jovem rapaz”, na segunda metade do século XIX, assemelha-se à de uma figura quixotesca, sonhadora, de vida errante e perambulante, que teria aprendido a contornar, na prática, as dificuldades da vida.

Muitos são os relatos por ele registrados, em *Dias Idos e Vividos*, acerca desse momento. Dentre eles, destaca as falsificações de ingressos para assistir a uma peça de teatro e do ofício de nomeação de um conhecido seu ao posto de fiscal da Câmara de Carangola. A isso deu nome de “peripécia caligráfica”, ressaltando não apenas suas habilidades e talentos com a pena, forjada nos tempos do Ateneu Mineiro, como também a facilidade de imitar qualquer letra.<sup>61</sup> Ademais, B. B. também chama atenção para a estratégia que teria desenvolvido para conseguir ler escondido dos “patrões” durante o expediente de trabalho, valendo-se do desmonte dos livros em pequenos e discretos cadernos, ocultos e misturados com os papéis contábeis, debaixo do balcão.

Não menos antológica foi a forma como narrou a descoberta da eficácia de uma boa prosa na obtenção de vantagens. Em determinada passagem de seu livro de memórias, dizia que uma patroa, após lhe ordenar que retirasse as teias de aranha da loja, teria ouvido de sua boca que “teia de aranha traz felicidade”. Recorrendo a um argumento de autoridade, afirmou que, no Rio de Janeiro, a firma *Pereira & Valentim* não consentia que os empregados efetuassem tal tarefa. Curiosa, a patroa lhe teria indagado como conhecia tal firma, ao que respondeu que um tio seu era comanditário do estabelecimento. No tecer da prosa, os patrões descobrem que o tal comerciante da capital era conhecido e de grande respeito. Após escrever ao homem e lhe informar onde trabalhava e de quem era empregado, B. B. o estimulou a escrever uma carta aos patrões, na qual lhes era solicitado que o tratassem como filho. Ao fim e ao cabo, o jovem trabalhador teria obtido aumento no ordenado, dormido em quarto mais confortável e poupado de entregar pães às madrugadas. E assim encerra o texto: “E a teia de aranha me trouxe felicidade...”<sup>62</sup>

<sup>60</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 147.

<sup>61</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 140-141.

<sup>62</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 118.



Apesar de se desconhecer a verossimilhança dessa narrativa, é pertinente considerar o interesse do literato, nos anos 1930, por abordar, a partir da sua própria experiência, o personalismo, a rede de contatos, a troca de influências e de distinções como subterfúgios para alcançar algum tipo de ascensão na sociedade brasileira. O tema, já bastante explorado na literatura, tornara-se memorável no conto “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis, e nas ciências humanas, a exemplo do ensaio *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda – que, assim como *Dias Idos e Vividos*, de Belmiro Braga, também foi publicado na década de 1930, suscitando uma série de reflexões sobre o comportamento do “homem cordial”.<sup>63</sup>

Nesse, que foi seu único livro de memórias, Belmiro Braga também narra seus primeiros contatos com personagens letrados daquela região por onde se aventurava. O barbeiro Castro, de Carangola, foi um deles. Com fama de falar em versos e ser entusiasta de Bocage, o homem teria sido o responsável por lhe ensinar gramática e metrificção.<sup>64</sup> O “velho” Egidio Saragoça é outro nome citado no livro. Belmiro o considerava dotado de grande sabedoria e erudição, destacando a sua participação como examinador de latim e francês de D. Joaquim Silvério. Não obstante o passado digno que as letras lhe teriam reservado, o tempo teria levado consigo essa condição, colocando-o numa situação de alijamento, pobreza material e falta de credibilidade junto à população de Carangola, que o rotulava como “maníaco”.

Além de incentivá-lo à leitura dos clássicos – como “Peregrinações”, de Fernão Mendes, “Nova Floresta”, de Manuel Bernardes, os “Sermões”, de Antonio Vieira, “A Corte na Aldeia” e o “Pastor Peregrino”, de Rodrigues Lobo –, Saragoça teria se tornado uma espécie de mestre e interlocutor do jovem balconista na literatura, corrigindo-lhes os versos e incentivando a divulgação de suas produções.<sup>65</sup>

Se, por um lado, o esmero com a caligrafia o levava a se destacar no ofício de guarda-livros<sup>66</sup>, fazendo-o transitar por diversos estabelecimentos comerciais, por outro, conciliava essa profissão com a escrita de versos, começando, inclusive, a colaborar com os periódicos regionais. No jornal *Verdade Política*, de São João del Rei, pagou para publicar um soneto e,

---

<sup>63</sup> É provável que Belmiro Braga tenha lido *Raízes do Brasil*, uma vez que, antes de publicar este ensaio em livro, Holanda o fez circular em fascículos na revista *Boletim de Ariel* – na qual Belmiro Braga, nesse mesmo período, também chegou a publicar algumas de suas produções, e em cuja editora também publicou *Dias Idos e Vividos* em 1936.

<sup>64</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 134.

<sup>65</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 117.

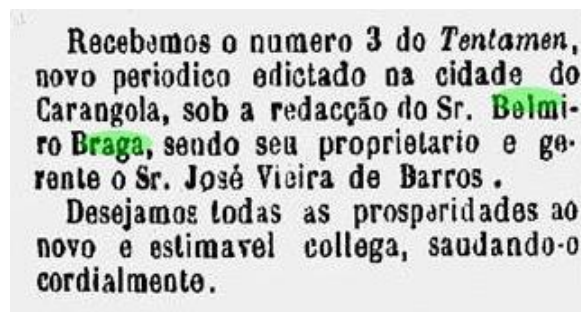
<sup>66</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 140.

logo depois, teria conseguido realizar outras publicações gratuitamente, com a condição de conseguir assinantes para o periódico.<sup>67</sup>

Nesse contexto, também participou de um concurso de redação promovido pelo jornal *Beija-Flor*, que veiculava propagandas de uma perfumaria do Rio de Janeiro. Com a prosa poética “Violetas Roxas”, que tratava do tema literário “a origem das flores”, teria alcançado o primeiro lugar na classificação.<sup>68</sup> Ainda em Carangola, criou um pequeno jornal, produzido manualmente, em folha de papel almaço, intitulado *Buscapé*, em que veiculava relatos humorísticos sobre os “mexericos da cidade”, dos quais tomava conhecimento na firma em que trabalhava. Os textos eram escritos às escondidas e, depois, colocados debaixo das portas das casas: “Metia as folhas do papel entre as do diário e, quando me via só, tratava de redigir o jornalzinho”. Ao fim e ao cabo, teria sido ele mesmo, o autor anônimo dos chistes, o encarregado de descobrir o responsável pela façanha.<sup>69</sup>

Aos 21 anos de idade, teve seu nome divulgado como redator do jornal *Tentamen*, sediado no mesmo município e de propriedade de José Vieira de Barros. É o que informa a nota publicada no jornal *A Ordem*, de Ouro Preto:

Figura 1 – Nota informando a atuação de Belmiro Braga como colaborador do jornal *Tentamen*, de Carangola (MG).



Recebemos o numero 3 do *Tentamen*, novo periodico edictado na cidade do Carangola, sob a redacção do Sr. Belmiro Braga, sendo seu proprietario e gerente o Sr. José Vieira de Barros. Desejamos todas as prosperidades ao novo e estimavel collega, saudando-o cordialmente.

Fonte: *A Ordem*, Ouro Preto, 14/11/1891, p. 1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (RJ).

O decênio 1885-1895 pode ser caracterizado como a primeira fase nômade da trajetória de Belmiro Braga. Nesse período, perambulou por diversos lugarejos do interior de

<sup>67</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 138.

<sup>68</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 209.

<sup>69</sup> Não se tem conhecimento da existência de exemplares desse jornal em algum acervo público ou particular. Nem mesmo Belmiro Braga parece tê-los guardado consigo. No entanto, ele afirma que, anos depois, em visita a Belo Horizonte, teria encontrado um desembargador que, tendo sido juiz de Carangola à época em que produzira “Buscapé”, mostrou-lhe uma coleção desse jornal. Fonte: BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 142.

Minas Gerais, sem conseguir consolidar vínculos muito duradouros. A experiência no comércio fora dos limites geográficos da Fazenda da Reserva o levou a estabelecer contato com muitas pessoas e, por conseguinte, a colecionar uma grande diversidade de narrativas, que, ao longo do tempo, acabaram por transformá-lo em hábil prosador e trovador. Conjugando as tradições oral e escrita, não apenas acumulou vasto repertório de estórias e rimas, como também “costurou” esses fragmentos como retalhos de uma colcha, conferindo-lhes sentidos e formas diversas, que resultaram em poemas, crônicas e, posteriormente, em conferências e peças de teatro.

Contudo, engana-se quem pensa que viajar lhe parecesse algo tranquilo. Em 1910, chegou a confessar que, dentre os tipos de viajantes elencados por Sterne, no clássico *Viagem Sentimental*, o que mais se assemelhava ao seu perfil era o de “viajante forçado”.<sup>70</sup> Também se considerava um “viajante que leva[va] uma alma D. Quixote dentro de um corpo Sancho Pança”<sup>71</sup>, traçando uma analogia com os personagens do romance de Miguel de Cervantes, um de seus clássicos europeus prediletos e por diversas vezes citado em seus textos. Ao mesmo tempo em que o ímpeto de descobrir o novo o fazia se sentir seduzido pelas viagens, a falta de um porto seguro estável em terras longínquas, com uma vida nômade ou perambulante, provocava-lhe angústia e sofrimento. Essa tensa e ambígua relação entre desbravar novos territórios e acomodar-se na terra natal o acompanharia durante toda a vida, ou pelo menos durante boa parte dela.

Será justamente a preocupação com caminhos, estradas e habitações uma das tônicas das narrativas belmirianas. Para refletir um pouco mais sobre essa questão, Walter Benjamin pode nos ajudar. No ensaio *O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, o autor discorre sobre os estilos narrativos produzidos ao longo da história por dois tipos emblemáticos: o “camponês sedentário” e o “marinheiro comerciante”. Ambos, segundo ele, produziram distintas “famílias de narradores”: o primeiro, representando o indivíduo que ganhou sua vida sem sair de sua terra, tornando-se profundo conhecedor de suas histórias e tradições; o segundo, enquanto isso, representando o indivíduo que, tendo uma vida perambulante, viaja para os mais diferentes e longínquos lugares, levando as histórias e as novidades de outros povos para a sua comunidade e vice-versa.

Benjamin, no entanto, considera que a interpenetração entre esses dois tipos arcaicos – o do “mestre sedentário” e o do “marinheiro comerciante” – é que teria levado ao aperfeiçoamento da arte de narrar. Tal aperfeiçoamento, na sua perspectiva, ocorreu no

<sup>70</sup> BRAGA, Belmiro. De Juiz de Fora a Lavras (Parte I). *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/02/1910, p. 1.

<sup>71</sup> BRAGA, Belmiro. De Juiz de Fora a Lavras (Parte I). *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/02/1910, p. 1.

sistema corporativo medieval, quando o mestre sedentário e os aprendizes migrantes passaram a trabalhar juntos na mesma oficina, surgindo, assim, a figura do “mestre artífice”, que conjugava o saber das terras distantes, trazido pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.<sup>72</sup>

Metaforicamente falando, podemos dizer que, de alguma forma, Belmiro Braga assumiu a postura de um “mestre artífice”, que precisou transitar por diferentes lugares, comunidades e experiências, sem deixar de ter sua terra natal, suas tradições e costumes como referência. Difícil desafio numa sociedade da virada do século XIX para o XX, afetada pelas rápidas transformações trazidas pela modernidade. A fluidez e a velocidade com que se processavam as influências culturais entre o interior e a capital eram algumas das consequências trazidas, por exemplo, pela ferrovia, que tão fortemente marcou a infância e a juventude do aspirante a escritor.

Nem tanto o novo, nem tanto o velho. A busca quase utópica desse equilíbrio o levou, em diversos momentos, à dúbia postura de entusiasta da marcha do “progresso” e nostálgico defensor dos ditos “valores tradicionais” da sociedade. Entre a tradição e a modernidade, o novo e o antigo, Belmiro se definia como ocupante do lugar de aprendiz com os ensinamentos cotidianos do “povo” na chamada “escola da vida”, para ele tão bem representada pelo balcão do comércio do interior.<sup>73</sup>

### **2.3 A vida em Cotegipe**

No dia 7 de fevereiro de 1891, Belmiro Braga se casou com Otília de Magalhães. A moça, natural de Carangola, era filha de Fulgino de Magalhães e Henriqueta de Magalhães Portilho. Passados quatro anos do enlace matrimonial, Belmiro Braga, a esposa e o filho, José Epitácio Braga, saíram de Carangola para fixarem residência em Cotegipe.

B. B. afirma ter deixado o município assolado pela febre amarela e que de lá teria saído acometido pela doença. O ocorrido contrariava a preocupação de seu pai, já idoso, que em 1885, desviara do destino do filho o Rio de Janeiro, terra marcada pelas famosas epidemias. Mas o fato é que os surtos dessas doenças tropicais também afetavam as regiões

---

<sup>72</sup> BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993. p. 198-199.

<sup>73</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 174.

interioranas, produzindo notícias que ultrapassavam as montanhas mineiras e repercutiam nas páginas dos jornais de circulação nacional.

Segundo nota publicada no jornal *O Paiz*, de 10 de março de 1895, já fazia quatro anos que Carangola “recebia anualmente a odiosa visita de uma febre de mau caráter, que faz inúmeras vítimas e que zomba de todos os esforços médicos”. Provocando cerca de cinco ou seis óbitos diários, número considerado elevado para um município com baixo índice populacional, a doença levava muitas famílias a se refugiarem em outros lugares.<sup>74</sup>

Essa foi também a alternativa encontrada por Belmiro Braga, a esposa e o filho. Em Cotegipe, o recém-casado, pai e comerciante, além de convalescer e refugiar-se da epidemia que assolava Carangola desde o ano de seu casamento, assumiu a gerência de uma venda contígua à estação ferroviária, em sociedade com o pai, José Ferreira Braga, e o cunhado, Horácio Medeiros Silva, casado com Amélia Braga, sua irmã primogênita.<sup>75</sup>

Por ocasião da sua chegada ao lugarejo, em 1895, a estação de Cotegipe completava uma década de inauguração.<sup>76</sup> A instalação era assim chamada por se prestar ao papel de efeméride oferecida pelo governo imperial ao estadista baiano, João Maurício Wanderley, o barão de Cotegipe, titular do Império por ocasião da sanção da Lei dos Sexagenários.

A nova residência lhe traria oportunidades e facilidades de ordem prática. Se, outrora, em sua vida de garoto na fazenda da Reserva, lamentava o longo trecho que precisava percorrer para chegar à estação do Espírito Santo (Sobragy), agora, passava a residir ao lado da estação ferroviária de Cotegipe, não havendo necessidade de enfrentar estradas de terra esburacadas, por quase duas horas e sobre o lombo de um cavalo, para acessar as novidades e comodidades trazidas pelo trem.

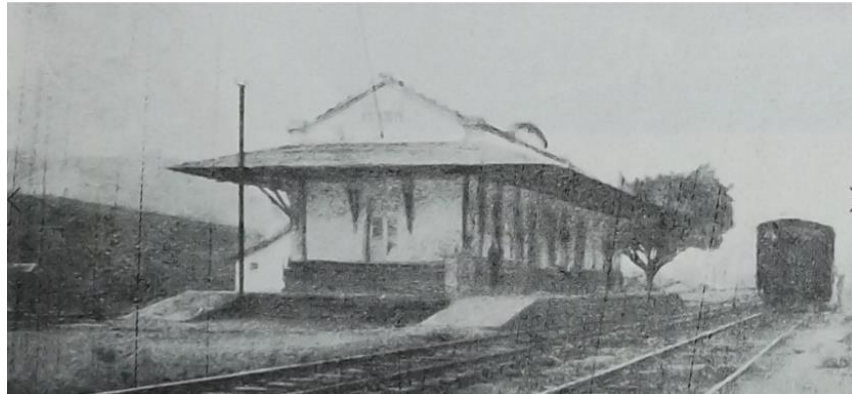
---

<sup>74</sup> Epidemia. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10/03/1895, p. 2.

<sup>75</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 195. Horácio Medeiros Silva e Amélia Braga tiveram dois filhos que se tornariam bastante atuantes na vida pública: Belmiro Medeiros Silva, que nasceu em 1895, formou-se em direito em 1918 e se tornou deputado nos anos 1930; e Carlos Medeiros Silva, que veio a se tornar ministro do Supremo Tribunal Federal, de 1965 a 1966, e ministro da Justiça entre 1966 e 1967. Fonte: Verbete da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/belmiro-medeiros-silva>. Acesso em: 31/12/21.

<sup>76</sup> A estação de Cotegipe foi inaugurada em 5 de novembro de 1885.

Figura 2 – Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil, em Cotegipe (distrito de Juiz de Fora – MG)



Fonte: ESTEVES, Albino. *Álbum do município de Juiz de Fora...*, 1915. p. 460. Acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio.

A localização da venda e residência de Belmiro Braga não podia ser mais estratégica. Em decorrência disso, não demoraria muito tempo para que também assumisse a função de agente local dos Correios, o que reforçava seu contato permanente com as informações e novidades que por ali circulavam com significativa facilidade.

A estação favorecia a realização de suas frequentes visitas à sede do município de Juiz de Fora, aos distritos e às regiões circunvizinhas. Notas publicadas na imprensa local mantinham o público leitor atualizado de suas perambulações e visitas às redações.<sup>77</sup> As colaborações na imprensa juiz-forana, gradativamente, tornavam-se mais frequentes. *O Pharol*, nessa ocasião, reconhece-o como colaborador oficial, fato que não deixaria de rememorar décadas depois, no livro *Dias Idos e Vividos* (1936), sem deixar de ressaltar que sua primeira colaboração nesse jornal teria sido aos 12 anos de idade. Ainda morando com o pai na Fazenda da Reserva, o menino teria noticiado um “fratricídio”, em que um irmão mata o outro em um sítio da redondeza. Orgulhoso da publicação em um jornal de grande circulação no Estado, comentou sobre a deferência alcançada entre as “pessoas rústicas” de um “lugar perdido em meio de montanhas”: “Os redatores da folha não sabiam quem eu era, mas os nossos vizinhos já me olhavam com certo ar de espanto e admiração”.<sup>78</sup>

Belmiro Braga, como se vê, elege essa suposta publicação na década de 1880 como um dos “marcos fundadores” de sua carreira de escritor. Tal narrativa, como muitas do gênero memorialístico ou autobiográfico, está impregnada de carga teleológica, que qualifica uma suposta experiência na tenra idade como o prenúncio da carreira de escritor que seria

<sup>77</sup> *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 16/07/1898, p. 2.

<sup>78</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 78.

construída no futuro. Essa forma de olhar o passado tende a transformar um trajeto percorrido em projeto, de dotar de relação causal, mecânica, linear, lógica e programada acontecimentos e tomadas de decisão cujos desdobramentos e consequências eram indeterminadas e imprevisíveis. Portanto, ao interpretarem suas trajetórias como percursos orientados e destinados a determinados fins, os que assumem essa perspectiva tornam tudo previsível depois que aconteceu. Por isso, Bourdieu denomina esse fenômeno de “consciência calculista cínica” ou, simplesmente, “ilusão biográfica”.<sup>79</sup>

O fato é que toda trajetória de vida é um caminho de muitas encruzilhadas e incertezas, embora a reconstituição desse caminho na posteridade muitas vezes demonstre o oposto. Ao narrar sua própria vida em *Dias Idos e Vividos*, Belmiro Braga teria ido ainda mais longe, ficcionalizando, superdimensionando e teatralizando determinados fatos para torná-los mais dramáticos e coerentes. Esse episódio do jornal *O Pharol* parece ter sido um deles, pois, mesmo depois de exaustivas pesquisas, a mencionada publicação não foi encontrada.

Esse e outros trechos da “narrativa de si” belmiriana são sintomáticos da forma como, muitas vezes, o pesquisador pode se tornar refém de seu objeto de estudo, não obstante todo esforço crítico de problematização, busca de contradições e ambiguidades do discurso através do cotejamento e comparação entre os depoimentos. É preciso lembrar, contudo, que a atuação pública do nosso personagem começa mais efetivamente no final da década de 1890, o que, na maioria das vezes, praticamente inviabiliza a adoção dessa metodologia para o período que antecede o referido ano.

Somente a partir da última década do século XIX foi possível mapear de forma mais sistemática alguns de seus “rastros” e “vestígios” através da imprensa. Em 1898, por exemplo, verificamos a sua participação como um dos colaboradores do *Almanach de Juiz de Fora*, juntamente com diversos nomes da literatura, tais como: Augusto de Lima, Padre Correia de Almeida, Affonso Celso, Estevam de Oliveira, Oscar da Gama, Lindolpho Gomes, Heitor Guimarães, dentre outros.<sup>80</sup>

Nessa edição, dos 30 autores, 22 eram mineiros, o que foi considerado pelos organizadores um número aquém e incoerente com a reclamação feita no ano anterior, de que

---

<sup>79</sup> É possível encontrar essas discussões na produção intelectual de Pierre Bourdieu nas seguintes obras: BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. 8. ed. Campinas: Papyrus, 1996. p. 74-75. BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, s./d. p. 213-214. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

<sup>80</sup> VAUGIRARD [pseudônimo de Heitor Guimarães]. Por alto. *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 10/09/1898, p. 1.

a publicação do Almanaque de 1897 não havia dado preferência aos escritores do Estado. Vaugirard (pseudônimo de Heitor Guimarães), em matéria publicada no *Correio de Minas*, de Juiz de Fora, apesar de considerar injusta a acusação, declarava que os organizadores e editores procuraram se empenhar ainda mais no convite aos mineiros na edição de 1898.<sup>81</sup>

Não obstante tal esforço, as respostas parecem não ter sido satisfatórias. Heitor Guimarães atribuía o baixo interesse ao fato de “muita gente gosta[r] de colaborar nos jornais e nas revistas e têm [terem] vergonha de escrever para almanaques!”. O autor insistia no argumento de que esse tipo de publicação também era considerado uma revista literária, com a vantagem de ser muito mais lido e procurado do que qualquer outro.<sup>82</sup> É o que confirmam, por exemplo, os estudos realizados pela historiadora Tânia Bessone, segundo qual os almanaques alcançaram um público leitor geral no século XIX ao serem progressivamente valorizados pela utilidade de reunir e divulgar uma sabedoria de aplicação prática, cotidiana e mesmo doméstica, atrelada à necessidade de o ser humano organizar o tempo. Além disso, a pesquisadora aponta para a sua importância no tocante à divulgação e venda de outros impressos nos oitocentos.<sup>83</sup>

No entanto, ainda parecia necessário desconstruir, dentro do incipiente campo literário brasileiro, preconceitos quanto à publicação de textos literários em suportes considerados “mundanos”, muito embora tal cenário já se encontrasse em franco processo de transformação desde a segunda metade do século XIX. Transformação essa que se aprofundaria significativamente no início do século XX, com a enorme profusão das chamadas “revistas ilustradas” na capital federal.

Belmiro Braga, a essa época, ainda um incipiente escritor e sedento de oportunidades de divulgação de seu trabalho, participava de quase todas as propostas ou oportunidades de publicação que surgiam. Ademais, torna-se perceptível o adensamento de suas participações em algumas discussões atinentes à dinâmica social das letras regionais, como, por exemplo, o questionamento dos critérios de realização de um concurso de poesia em Juiz de Fora, que,

---

<sup>81</sup> VAUGIRARD [pseudônimo de Heitor Guimarães]. Por alto. *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 10/09/1898, p. 1.

<sup>82</sup> VAUGIRARD [pseudônimo de Heitor Guimarães]. Por alto. In: *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 10/09/1898, p. 1.

<sup>83</sup> FERREIRA, Tânia Tavares Bessone da Cruz. *Comércio de livros: livreiros, livraria e impressos*. Disponível em:

[https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/17976/FCRB\\_Escritos\\_5\\_3\\_Tania\\_Bessone.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/17976/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 25 jan. 2024.



além do curto prazo oferecido para submissão dos poemas, demandava uma banca examinadora constituída de membros externos, de “fora de Juiz de Fora”.<sup>84</sup>

Belmiro Braga também tratava com humor as questões políticas corriqueiras que envolviam a sua localidade, como o conserto de uma ponte que atravessava o Rio do Peixe, próximo à sua venda, em 1902. *O Pharol*, sem poupar elogios ao trabalho realizado pela autoridade local, que teria tornado a ponte “mais larga, mais forte e até mais elegante”, enaltecia a “gratidão” do povo pelo feito. E, sem perder a oportunidade de conferir certo tom de humor ao texto, cita um comentário atribuído ao seu colaborador: “A ponte, diz-nos Belmiro Braga, está tão forte que aguenta, sem arriar, todo o eleitorado minas-covense, e que é, como se sabe, uma legião.”<sup>85</sup>

Além disso, há que se considerar outro aspecto importante: apesar de autodidata – situação que não se restringia ao seu caso em particular –, a condição de homem letrado numa sociedade majoritariamente analfabeta lhe garantia uma atuação pública bastante ativa em diferentes esferas da vida social, o que pode ser verificado na intensa divulgação de seu nome nos jornais. Chama-nos atenção, por exemplo, sua visibilidade como indivíduo de confiança das famílias daquela comunidade, que a ele recorriam por razões diversas. Em 1898, a *Gazeta de Notícias* publica uma nota citando seu nome como pessoa designada a assinar, no lugar da viúva Cardoso da Costa, a declaração de venda de um estabelecimento comercial em Cotegipe, por esta não saber ler nem escrever.<sup>86</sup> Situação análoga ocorreu em São João d’ El Rey com a “baronesa de Cataguases”, que, por também não saber ler nem escrever, teve seu testamento assinado a rogo pelo comerciante e poeta.<sup>87</sup>

B. B. também era informante de fazendeiros locais, que a ele recorriam para transmitir aos interessados esclarecimentos a respeito de venda de terras.<sup>88</sup> Comerciante, agente local dos Correios, informante e “escriva” de confiança, todas essas facetas do personagem, somadas ao capital social herdado do pai, certamente contribuíram para elevar seu “poder simbólico”. Não parece fortuito, portanto, que, em 1900, B. B. tenha sido nomeado ao cargo de primeiro juiz de paz do distrito vizinho em que nascera, Vargem Grande: “Negociante dos mais importantes no distrito em que nasci e gozando já de certa popularidade, os políticos

---

<sup>84</sup> BRAGA, Belmiro. Letras sem valor. *O Pharol*, Juiz de Fora, 23/03/1900, p. 1.

<sup>85</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 14/10/1902, p. 1.

<sup>86</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 01/03/1898, p. 6.

<sup>87</sup> *O Fluminense*, Niterói, 15/11/1904, p. 2.

<sup>88</sup> Fazenda à venda – Estação Barão de Cotegipe (EFCB). *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 01/12/1900, p. 3.

locais ofereceram-me o lugar de primeiro juiz de paz de Vargem Grande”.<sup>89</sup> Foi também no mesmo distrito que se candidatou ao cargo de vereador, vindo a ser tornar suplente em 1902.<sup>90</sup>

Sem que o soubesse ou tivesse, naquele momento, a consciência de um percurso de vida orientado a determinado fim, as novas e múltiplas funções exercidas “em” e “a partir de” Cotegipe lhe oportunizariam diversas possibilidades. Dentre elas, não poderíamos deixar de abordar, também, os contatos com sujeitos históricos responsáveis por lhe ensejar um processo mais profundo de inserção no universo das elites letradas.

Passagem obrigatória de muitos viajantes com destinos diversos, a estação de Cotegipe tinha a venda de Belmiro Braga como uma espécie de extensão. Ambos os espaços eram pontos de referência local, para onde confluíam fazendeiros estabelecidos na região, comerciantes, trabalhadores braçais, médicos, professores, escritores, advogados, funcionários públicos, alfabetizados, analfabetos, etc.

Além de conferir dinamicidade ao pacato lugarejo, essa rotatividade de pessoas ampliava os contatos interpessoais, tornando-o um “espaço de sociabilidade” múltiplo. De acordo com Jean-François Sirinelli, “espaço de sociabilidade intelectual” é um espaço dotado de “fronteiras de geometria variável” e permeável às mais diversas influências da vida social, onde diferentes trocas materiais e simbólicas acontecem. No caso de Belmiro Braga, podemos verificar uma relação tão visivelmente tênue entre o comércio e as letras, que se torna difícil uma estanque separação entre elas. No entanto, existem nuances e especificidades que podem ser identificadas através dos chamados “microclimas” intelectuais, os quais, segundo Sirinelli, secretam memórias, afetos, códigos e linguagens que conferem identidades e especificidades ao campo intelectual – ainda que, nesse momento, este campo estivesse em incipiente processo de construção, especialmente no Brasil.<sup>91</sup>

Em sua venda, Belmiro Braga tratava de assuntos ligados aos interesses comerciais, ao mesmo tempo em que se dedicava às letras. Tornando-se “a principal figura da nova casa comercial”, alegava que não só passava a dispor de maior tempo para escrever seus versos, como também gozava de “mais recursos para adquirir os livros que apareciam no mercado”.<sup>92</sup>

Entre um negócio e outro, surgiam fregueses e visitantes interessados em discutir questões relacionadas ao universo das letras. Em suas memórias, menciona alguns desses

---

<sup>89</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 201. Sobre a nomeação de Belmiro Braga ao cargo de primeiro juiz de paz de Vargem Grande, ver também: *O Pharol*, Juiz de Fora, 31/05/1900, p. 1.

<sup>90</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 11/04/1902, p. 1.

<sup>91</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-262.

<sup>92</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 201.

diálogos com personagens letrados, como um dos primeiros amigos que teria angariado em Cotegipe, cujo nome era Alencar Duarte, com quem teria passado “horas e horas discorrendo sobre livros e escritores”. O rapaz, filho de um fazendeiro local, seu freguês, tinha 18 anos de idade, terminara o curso preparatório e se matriculara no curso de Direito.<sup>93</sup>

O médico Antônio Fernandes Figueira também é mencionado nas narrativas belmirianas como outro “ilustre visitante”. Figueira se deslocara do Rio de Janeiro para passar longa temporada em São Pedro de Alcântara, onde mantinha um consultório e se dedicava aos cuidados relacionados à saúde da criança. Também exercia os cargos de vereador na Câmara Municipal de Juiz de Fora, onde representava os interesses políticos de seu distrito e respondia pela função de inspetor escolar em sua comunidade.<sup>94</sup> Além disso, o médico escrevia e colaborava com o periódico carioca *Semana*, no qual assinava utilizando o pseudônimo “Alcides Flávio”.

Antes de conhecê-lo pessoalmente e descobrir que morava no distrito vizinho, B. B. relata que lia seus textos na revista *Bruxa*, do Rio de Janeiro, dirigida por Olavo Bilac. Surpreso ao recebê-lo em sua venda, mostrou-lhe alguns de seus versos alexandrinos e tornaram-se amigos. Frequentando a casa do médico, Belmiro conheceu de antemão seus textos inéditos e ganhou de presente o livro *Metrificação*, de Castilho. Ambos passavam “horas e horas lendo versos e discorrendo sobre livros e homens de letras” e teriam, inclusive, trocado cerca de cinquenta cartas, de cuja existência e localização não temos informação.<sup>95</sup>

Àquela época, meados da década de 1890, a atuação de Figueira na medicina já não se restringia ao papel de “médico de roça”. Desde 1892, respondia como assistente da cadeira de clínica pediátrica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, cargo do qual se licenciou alguns meses, devido a problemas de saúde<sup>96</sup>. Em 1895, recebera o prêmio Alvarenga da Academia de Medicina [do Rio de Janeiro], pelo trabalho *Do diagnóstico das moléstias do coração na infância*<sup>97</sup>. Três anos depois, recebeu o título de sócio correspondente da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa, juntamente com o Dr. Carlos Pinto Seidl<sup>98</sup>, além de ser nomeado sócio efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora.<sup>99</sup>

<sup>93</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 212.

<sup>94</sup> *Almanach Ilustrado de Juiz de Juiz de Fora para 1898*. Juiz de Fora: Mattoso & Medeiros Editores; Litografia Biancovilli, 1898. p. 153.

<sup>95</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 197-198.

<sup>96</sup> *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10/12/1892, p. 2.

<sup>97</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/07/1895, p. 1.

<sup>98</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20/02/1898, p. 2.

<sup>99</sup> *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 12/08/1898, p. 1.

Por ocasião dos primeiros contatos com o comerciante de Cotegipe, Fernandes Figueira possivelmente preparava a publicação de seu livro sobre cardiopatias infantis (*Diagnóstico das cardiopatias infantis*) e já se dedicava ao segundo, que se intitularia *Semiologia Infantil* (finalizado em 1900 e publicada em 1903). Ambas as produções são consideradas tributárias de sua consagração como um dos precursores da pediatria no Brasil. De fato, como salienta a pesquisadora Gisele Sanglard, o período que o médico passou nas montanhas mineiras, apesar de ser o menos conhecido de sua biografia, configurou um isolamento apenas físico.<sup>100</sup>

Além de manter-se antenado às discussões médicas da capital federal e da Europa, Figueira também estava sintonizado aos debates literários desse período. Em 1897, quando Sílvio Romero publica o livro *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira*<sup>101</sup>, no qual lança uma série de ataques e difamações contra o “Bruxo do Cosme Velho”, o médico se colocou em defesa do alvo das críticas.

A postura polemista de Sílvio Romero em relação a Machado de Assis já vinha de longas datas, começando com seus primeiros ensaios em 1870, nos quais atacava o “lirismo subjetivista” do escritor e seu “humorismo pretensioso”. Suas críticas naturalistas, muito eivadas de teorias científicas e deterministas, tornavam não apenas a produção machadiana seu alvo principal, mas o próprio Machado de Assis, acusando-o de não produzir uma literatura em consonância com o que tínhamos de original no país.<sup>102</sup>

Postura bem diferente era a assumida por José Veríssimo sobre a obra machadiana. Se, no começo de sua carreira, Veríssimo comungava de preceitos teóricos comuns aos de Sílvio Romero e condenava Machado como “imitador”, distante da realidade nacional, a essa altura, década de 1890, sua postura era completamente diferente: distanciava-se das “fórmulas críticas” forjadas pela chave de interpretação do determinismo científico e procurava apreender a produção de Machado de Assis através do que ela tinha a oferecer nas suas peculiaridades.<sup>103</sup>

---

<sup>100</sup> SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro, 1900-1928. In: *Intellèctus*, ano XIII, n. 2, 2014. p. 87-88.

<sup>101</sup> ROMERO, Sílvio. *Machado de Assis: estudo comparativo de Literatura Brasileira*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992. 320 p.

<sup>102</sup> AGUIAR, Maurício Maia. Machado de Assis em perspectiva: os olhares divergentes de Sílvio Romero e José Veríssimo. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, abril de 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752015v5111>. Acesso em: 23/03/2021.

<sup>103</sup> AGUIAR, Maurício Maia. Machado de Assis em perspectiva: os olhares divergentes de Sílvio Romero e José Veríssimo. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, abril de 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752015v5111>. Acesso em: 23/03/2021.

A intensificação da querela entre Sílvio Romero e Machado de Assis repercutia em diversos veículos de comunicação, dividindo o espaço público. Como nos lembra o próprio Machado de Assis, em carta destinada a Magalhães de Azeredo, não raramente, escritores oriundos das mais diversas regiões do país publicavam textos em sua defesa: “[...] No *Jornal do Comércio* apareceu um artigo em resposta ao livro do Sílvio, tem o meu nome por título; [...] Não sei quem seja o autor, é o primeiro de uma série, e vê-se que é de amigo”.<sup>104</sup>

Em alguns dos encontros de Belmiro Braga com Fernandes Figueira, o livro de Romero também parece ter se tornado objeto de discussão. E mais do que isso: em 30 de outubro de 1899, escrevia ao já empossado presidente da Academia Brasileira de Letras para informar que Fernandes Figueira – “moço ilustradíssimo”, “Doutor” e colaborador da *Semana* – pretendia responder às críticas de seu “bilioso” inimigo:

[...] Mora aqui bem perto um moço ilustradíssimo, o Doutor Antônio Fernandes Figueira, o qual pretende responder ao Senhor Romero, e se ainda não o fez é porque um trabalho sobre medicina não lhe tem dado tempo. Já tem muitos apontamentos e, a resposta, se vier a lume, há de ser em regra. O Doutor Figueira é o Alcides Flávio da *Semana*, do Doutor Valentim Magalhães.<sup>105</sup> (Grifos do autor.)

Ainda não sabemos se a prometida resposta de Figueira a Sílvio Romero foi cumprida. Mas o fato é que Belmiro Braga se apoiava no novo amigo – mais influente e com inserção no universo letrado carioca – para demarcar sua posição em defesa do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a quem considerava seu “grande ídolo”.

Essa não era, contudo, a primeira vez em que Belmiro Braga lhe escrevia. Autodeclarado leitor da *Gazeta de Notícias*<sup>106</sup> desde os tempos de Muriaé e Carangola, seu despertar para a produção machadiana teria começado em meados da década de 1890, quando das colaborações de Machado de Assis na seção *A Semana*. Após descobrir que o autor da coluna aniversariava em 21 de junho, ter-lhe-ia enviado a primeira carta para homenageá-lo.<sup>107</sup>

Apesar de afirmar, em *Dias Idos e Vividos*, que sua primeira missiva para Machado de Assis data de 21 de junho de 1891, desconhece-se a existência desta em algum arquivo

<sup>104</sup> Carta de Machado de Assis para Magalhães de Azeredo, Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1898. Disponível em: MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Silvia (orgs.). *Correspondência de Machado de Assis* (tomo 3, 1890-1900). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. p. 291.

<sup>105</sup> Carta de Belmiro Braga para Machado de Assis. Cotegipe, Minas, 30 de outubro de 1899. MA – cp 215 – F, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).

<sup>106</sup> Jornal fundado no Rio de Janeiro, em 2 de agosto de 1875.

<sup>107</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 129.

público ou particular. A carta mais antiga que Belmiro Braga enviou para o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, encontrada até o presente momento, é de 1895, a qual se encontra depositada no arquivo da ABL, no Rio de Janeiro. Nessa carta, B. B. felicita o escritor pelo seu aniversário com um discurso epistolar próprio de um fã que envia a primeira felicitação ao seu ídolo.<sup>108</sup> Em *Dias Idos e Vividos*, ainda transcreve aquela que seria a resposta de seu destinatário:

Rio de Janeiro, 24 de junho de 1891.

Meu caro poeta, // Recebi e agradeço-vos muito de coração a carta com que me felicitais pelo meu aniversário natalício. Não tendo o gosto de conhecervos, mais tocante me foi a vossa lembrança.

Pelo que me dizeis em vossa bela e afetuosa carta, foram os meus escritos que vos deram a simpatia que manifestais a meu respeito. Há desses amigos, que um escritor tem a fortuna de ganhar sem conhecer, e são dos melhores. É doce ao espírito saber que um eco responde ao que ele pensou, e mais ainda se o pensamento, trasladado ao papel, é guardado entre as coisas mais queridas de alguém.

Agradeço-vos também os gentis versos que me dedicais e trazem a data de 21 de junho, para melhor fixar o vosso obséquio e intenção. Disponde de mim, e crede-me.

Amigo muito agradecido – // Machado de Assis.<sup>109</sup>

Irene Moutinho e Sílvia Eleutério apontam duas questões que colocam em dúvida a autenticidade dessa carta. Primeiramente, ambas chamam atenção para o fato de o ano de envio transcrito no livro ser “1891”, o que se mostra incoerente ou incompatível com a informação declarada pelo próprio Belmiro Braga, de que a primeira correspondência sua com o “Bruxo do Cosme Velho” era posterior à estreia do “mestre” em *A Semana*, da *Gazeta de Notícias*. Considerando que Machado de Assis iniciou suas colaborações nessa seção em 24 de abril de 1892, a carta não poderia, portanto, ter sido escrita em 1891.<sup>110</sup> O segundo ponto apresentado pelas autoras é o “pomposo” tom da linguagem presente na resposta: o “uso da segunda pessoa do plural”, segundo elas, “destoa flagrantemente da forma como Machado se dirigia aos jovens admiradores”.<sup>111</sup>

<sup>108</sup> Carta de Belmiro Braga a Machado de Assis. Estação do Espírito Santo [atual Sobragy] – Vargem Grande. 21 de junho de 1895. MA – cp 214-F, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ). A transcrição completa da carta se encontra no “Anexo” dessa tese.

<sup>109</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 132-133.

<sup>110</sup> Machado de Assis deu início às publicações na seção *A Semana*, da *Gazeta de Notícias*, na seguinte edição: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 114, 24/04/1892, p. 1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>111</sup> MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Sílvia (orgs.). *Correspondência de Machado de Assis* (tomo 3, 1890-1900). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. p. 90-91.

Há que se levar em consideração, contudo, o fato de a carta atribuída a Machado de Assis e transcrita em *Dias Idos e Vividos* existir e se encontrar em poder de sua sobrinha-neta, Leila Barbosa, que, em 1979, dela disponibilizou uma cópia em sua dissertação de mestrado.<sup>112</sup> Consultando-a atentamente, confirma-se que a data correta é, de fato, 1895, e não 1891. Talvez esta seja mais uma das várias e recorrentes confusões apresentadas pela escrita memorialística, conforme o próprio Belmiro Braga declara na “Explicação Prévia” de seu livro: “Este livro, com datas, nomes e lugares trocados, foi inscrito no Concurso que a Companhia Editora Nacional, sob o título Prêmio Machado de Assis, abriu em 1934.”<sup>113</sup>

Haveria, então, a possibilidade de o manuscrito ser uma falsificação da letra de Machado de Assis ou uma carta destinada a outro remetente? Dentro dos limites dessa pesquisa, não é possível fazer essa afirmação, havendo a necessidade de acurada avaliação por um especialista. O fato é que, de 1895 a 1908, Belmiro Braga escrevia com certa regularidade àquele que era o grande ídolo de parcelas significativas da mocidade literária. De tanto admirar os contos machadianos, confessava ter guardado diversos deles na memória, além de colecionar exemplares da *Gazeta de Notícias* e comprar todos os seus livros. “Machado de Assis era meu ídolo”: era assim que o “velho poeta”, olhando para a sua juventude através do “retrovisor”, definia o significado que a figura e a obra do escritor carioca tinham para a sua vida.<sup>114</sup>

Porém, é preciso atentar aos esforços de invenção de tradição presentes no “enquadramento de memórias”<sup>115</sup> que Belmiro Braga confere a essas correspondências, sobretudo no momento da publicação de *Dias Idos e Vividos*, em 1936. No afã de criar um “mito fundador” para a sua própria carreira literária, o “velho poeta” levou às últimas consequências o projeto de perpetuação do primeiro reconhecimento de sua vocação para as letras na juventude.

Pollak constata que, a despeito de variações importantes nos relatos de acontecimentos relativos às histórias de vida, existe um “núcleo resistente” ou uma espécie de “fio condutor” que estabelece “laços lógicos entre acontecimentos-chaves que aparecem de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada”.<sup>116</sup> Não há dúvidas de que Machado de Assis foi eleito

<sup>112</sup> BARBOSA, Leila Maria Fonseca. *Belmiro Braga: Sacrário (versos íntimos)*. Texto e avaliação. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979. p. 200.

<sup>113</sup> BRAGA, Belmiro. Explicação Prévia. In: \_\_\_\_\_. *Dias Idos e Vividos...*, p. 7.

<sup>114</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 129.

<sup>115</sup> O conceito “enquadramento de memória” é aqui citado segundo as formulações de: POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 13.

<sup>116</sup> POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio..., p. 13.

por Belmiro Braga o “núcleo resistente” de suas “narrativas de si”, tornando-o objeto de uma tão irrefreada busca por um “mito de origem” que ficcionalizou ou forjou parte de suas memórias epistolográficas. O poeta chegou a se apropriar de um texto que Machado de Assis publicara, em 1876, na revista *Ilustração Brasileira*, sobre o jovem poeta F. Quirino dos Santos, transformando-o em conteúdo de uma falsa carta para si. A “falsidade” da carta, após passar longos anos despercebida pelos leitores de *Dias Idos e Vividos*, foi descoberta e revelada por J. Galante de Souza em 1953, no texto *Crítica e Mistificação*, publicado em *Letras e Artes – Suplemento de A Manhã*, no Rio de Janeiro.<sup>117</sup>

No intuito de se colocar no lugar de destinatário dessa carta, B. B. efetuou algumas adaptações nas palavras de Machado de Assis. Vejamos, primeiramente, o texto original: “O Sr. Quirino dos Santos é jornalista, profissão que lhe há de tomar mais tempo do que convinha às musas dar-lhe. Ainda assim quero crer que, entre dois artigos, comporá uma estrofe e a guardará na gaveta onde irá formando um livro novo [...]”.<sup>118</sup> Vejamos, agora, a sua adaptação: “O amigo é negociante, profissão que lhe há de tomar mais tempo do que convinha às musas dar-lhe. Ainda assim, quero crer que, entre um freguês que sai e outro que chega, comporá uma estrofe e a guardará na gaveta onde irá formando o livro que nos há de dar em breve [...]”.<sup>119</sup> Esse esforço belmiriano de criação e teatralização de seu “mito fundador” se torna ainda mais evidente na passagem em que narra, em tons dramáticos, a solitária emoção que teria sentido ao receber essa que seria a primeira carta enviada pelo “ilustre mestre”, por ele eleito o primeiro a lhe chamar de poeta.<sup>120</sup>

Não é forçoso aventar a possibilidade de Belmiro Braga, ao narrar suas próprias memórias em *Dias Idos e Vividos* (1936), ter buscado inspiração no personagem Brás Cubas, um dos narradores-personagens machadianos mais famosos. Assim como o “defunto-autor”, Belmiro parece tentar fazer o leitor acreditar na sinceridade e veracidade de todas as suas declarações, como se a distância temporal entre a escrita (1934) e o fato narrado (década de 1890) esvaísse por completo os filtros que poderiam impedi-lo de confessar histórias comprometedoras, a exemplo da passagem em que menciona suas “peripécias caligráficas” nos tempos de Carangola, em que teria experimentado a falsificação de um bilhete de teatro e

<sup>117</sup> SOUSA, J. Galante. Crítica e mistificação. In: *Letras e Artes – Suplemento de A Manhã*, Rio de Janeiro, 03/05/1953, p. 4.

<sup>118</sup> ASSIS, Machado de. Estrelas Errantes. *Ilustração Brasileira*, Rio de Janeiro, 15/08/1876, n. 4, p. 63.

<sup>119</sup> BRAGA, Belmiro. Dias Idos e Vividos. In: \_\_\_\_\_. *As felicitações de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936. p. 220.

<sup>120</sup> BRAGA, Belmiro. A resposta de Machado de Assis. In: \_\_\_\_\_. *Dias Idos e Vividos*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936. p. 131-133.



um documento de nomeação de cargo público. Essa estratégia pode levar o leitor a considerar o narrador-personagem um sincero incontestável em todas suas declarações, para não dizer um sujeito acima de qualquer suspeita, a exemplo do “defunto” machadiano, que narra seu passado nos fazendo acreditar que nenhum motivo lhe resta para faltar com a verdade.

Depois de se descobrir fascinado pelo “mestre”, afirmava que continuou lhe escrevendo até o fim de sua vida, fosse para felicitá-lo pelo seu aniversário ou para parabenizá-lo pela publicação de algum livro. De fato, as correspondências consultadas na Academia Brasileira de Letras corroboram essa informação. Em 1904, escreveu ao ídolo a fim de parabenizá-lo pela publicação de *Esau e Jacó*: “Como me enche o coração de alegria vendo que o maior dos brasileiros ao invés de descansar depois de tantos louros colhidos, ainda continua a trabalhar para mais longe elevar o nome de nossa pátria!...” E encerra com votos de vida longa ao escritor: “Deus que lhe conserve a vida por muitos e muitos anos e que a sua pena festejada continue a enriquecer a nossa literatura. Que Deus ouça os meus votos ardentes e sinceros.”<sup>121</sup>

Belmiro ainda escrevia para lembrar ao ídolo que um retrato dele o acompanhava há anos em sua casa, sendo sempre enfeitado de rosas por ocasião de seu aniversário, acreditando que, assim, o mestre o ensinasse a “ser bom” e a “crescer por meus [seus] únicos esforços”.<sup>122</sup> Era essa uma forma simbólica – quase ritualística – de venerar a imagem de um “mestre” cujas relações com os “fãs” raramente ocorria de maneira física, ainda mais fora dos limites geográficos do Rio de Janeiro, de onde o escritor carioca, conhecido pelo jeito introspectivo e pouco afeito às viagens, poucas vezes saiu. Fato raro foi o ocorrido em 18 de janeiro de 1890, em que Machado de Assis, em viagem de trem para Barbacena, fez rápida visita à Juiz de Fora.<sup>123</sup>

Entretanto, não foi em terras mineiras que Belmiro Braga deparou-se de perto, pela primeira vez, com Machado de Assis. O juiz-forano afirma que essa aproximação teria ocorrido em suas viagens à capital do país, quando reservava um tempo para espreitá-lo de

<sup>121</sup> Carta de Belmiro Braga para Machado de Assis. Juiz de Fora, 3 de outubro de 1904. MA – cp 216-F, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).

<sup>122</sup> Carta de Belmiro Braga para Machado de Assis. Juiz de Fora, 21 de junho de 1906. MA – cp 018 – F, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).

<sup>123</sup> Segue a transcrição da nota publicada em *O Pharol*: “Vindo da capital federal, chegou ontem, pelo expresso, à nossa cidade este aplaudido homem de letras, que aqui demorou-se apenas algumas horas, seguindo à tarde para Benfca, em companhia do comendador A. Martins Marinhos, um dos dignos diretores da Companhia Pastoral Mineira. Apresentamos ao distinto literato as nossas saudações.” Fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 19/01/1890, p. 1.

forma anônima no centro da cidade, acompanhando-o até a sua casa na rua Cosme Velho.<sup>124</sup> Valendo-se do humor, duvidava que “o mais apaixonado dos namorados aguardasse o seu amor com a impaciência e o embaraço com que eu aguardava Machado de Assis...”<sup>125</sup>. Na condição de perscrutador do mestre, o discípulo acompanhava praticamente tudo que se publicava sobre ele na imprensa. A partir de 1904, com o falecimento de Carolina, passou a lhe escrever palavras de solidariedade pela falta da “companheira fiel”, lamentando que seus aniversários não pudessem mais ser comemorados com a mesma felicidade dos tempos em que a tinha ao seu lado.<sup>126</sup>

Toda essa admiração entre ídolo e fã, contudo, não os colocou frente a frente. Belmiro Braga confessa nunca ter se encorajado a cumprimentá-lo pessoalmente: “E eu, que o vi tantas vezes, que o admirava tanto e que tanto lhe queria, nunca tive ânimo de dizer-lhe quem era e de apertar-lhe a mão...”<sup>127</sup>.

Mas, apesar de ser considerado seu maior ídolo e “mito de origem”, Machado de Assis não era o único dessa lista de admirados. Durante o período em que morou em Cotegipe, o jovem aspirante a escritor também conheceu Joaquim Correia de Almeida (1820-1905), mais conhecido como Padre Correia de Almeida. Antes de se tornarem amigos, é provável que Belmiro Braga já tivesse tomado conhecimento de seus escritos nas páginas do jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora, com o qual o sacerdote, já idoso, colaborava há muito mais tempo do que ele.<sup>128</sup>

A caminho de Barbacena, sua terra natal, o padre costumava parar em Cotegipe para lhe fazer algumas visitas e, às vezes, hospedava-se em sua casa. Em suas memórias, B. B. admirava-lhe o talento para a música, a erudição, a “correção impecável dos versos”, “a riqueza das rimas”, as críticas tecidas aos costumes, as respostas aos amigos em versos e a vasta produção deixada como legado, em 23 livros e incontáveis periódicos. Admirava-o, ainda, pelo fato de Visconde de Castilho (1800-1875), no famoso *Tratado de Metrificação* – que, por sinal, B. B. ganhara de presente do amigo Fernandes Figueira –, indicá-lo como

<sup>124</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 159.

<sup>125</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 159.

<sup>126</sup> Carta de Belmiro Braga para Machado de Assis. Juiz de Fora, 21 de junho de 1906. MA – cp 018 – F, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).

<sup>127</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 160.

<sup>128</sup> Padre Correia de Almeida foi correspondente de *O Pharol* em Barbacena. Entre 1886 e 1888, colaborava com a coluna “Correspondência de Barbacena”, no qual, identificando-se como “obscuro correspondente anônimo”, tratava de assuntos ecléticos. O padre também publicava poemas regularmente nesse jornal. Sobre isso, consultar: ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma república? Padre Correia de Almeida e sua crítica ao Brasil Oitocentista*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. p. 185-186.

referência brasileira aos que desejavam conhecer os segredos da métrica, assim como Bocage, em Portugal.<sup>129</sup>

De fato, segundo a pesquisadora Maria Marta Araújo, padre Correia de Almeida não apenas foi citado na obra do referido autor, como também foi por ele apresentado ao público português.<sup>130</sup> Castilho, além de latinista, poeta, prosador e escritor romântico, exerceu o cargo de Comissário Geral de Instrução Primária em Portugal. Deixou diversos livros publicados e prefaciou o *Dicionário de Rimas Luso-Brasileiro*, de autoria do filho, Eugenio de Castilho. Editado em Lisboa pela *C. S. Afra & Cia. Editores*, o livro circulou amplamente entre diversos escritores de aquém e além-mar. Correia de Almeida foi um deles. Além de adquirir um exemplar dessa obra, legou-o ao amigo de Cotegipe ao fim de sua vida.<sup>131</sup> Em *Dias Idos e Vividos*, o agraciado pela herança a ela se reportaria como um símbolo ou vestígio material de uma relação de amizade e interlocuções literárias.<sup>132</sup>

Entre 1903 e 1905, pouco tempo antes de sua morte, Correia de Almeida enviava-lhe alguns exemplares de suas publicações. Assim o fez, por exemplo, com *Rabugem Inaderente*, livro sobre o qual Belmiro Braga comentou no *Jornal do Comércio*, em 1903, considerando-o uma “coleção de quadrinhas espontâneas, nas quais o *Tolentino Brasileiro* passa mais uma tunda nos nossos costumes”. Segundo B. B., “a lira do meigo velhinho de Barbacena não falta ainda nem uma corda e está afinadíssima, apesar dos seus oitenta e quatro anos”.<sup>133</sup> Por fim, para não deixar de citar alguns versos do amigo, escolheu um poema contendo demolidoras críticas às mazelas do sistema eleitoral brasileiro.<sup>134</sup> O padre, por sua vez, retribuía-lhe os

<sup>129</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 222.

<sup>130</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma república...*, p. 47.

<sup>131</sup> O referido exemplar integra o acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio, em Juiz de Fora (MG). Em sua folha de rosto, encontra-se a assinatura a caneta do Padre Correia de Almeida e a seguinte informação manuscrita por Belmiro Braga: “Presente que me deixou o querido Padre Correia de Almeida ao morrer”. Além disso, vale destacar a presença de outras diversas anotações (possivelmente, acréscimos de novas rimas, feitos pelo próprio Padre Correia de Almeida, segundo Belmiro Braga). Sobre o livro, ler o seguinte texto: VICENTE, Sérgio Augusto. De Poeta para Poeta: Padre Correia de Almeida, Belmiro Braga e um “velho” dicionário de rimas. *Revista Trama Bodoque: arte, cultura e criatividade*, Juiz de Fora, v. 113, 17 out. 2021. Disponível em: <https://revistatrama.artebodoque.com/2021/10/17/de-poeta-para-poeta-padre-correia-de-almeida-belmiro-braga-e-um-velho-dicionario-de-rimas/>. Acesso em: 25/07/2023.

<sup>132</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 222.

<sup>133</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 29/11/1903, p. 1.

<sup>134</sup> ALMEIDA, Correia de. *Rabugem Inaderente* apud BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 29/11/1903, p. 1.

elogios, destacando seu louvor à pátria portuguesa (“Pátria Lusa”) e as expectativas de que o jovem poeta o superasse na missão de “esclarecer as montanhas mineiras”.<sup>135</sup>

Por ocasião da visita do padre-poeta a Juiz de Fora, em 1904, B. B. fez as vezes de anfitrião e comentou na imprensa que era uma honra para o município recebê-lo, uma vez que, além de fecundo poeta, seu nome já havia atravessado o Atlântico, abrilhantando “todas as coletâneas de grandes poetas da língua portuguesa que se editam em Portugal”.<sup>136</sup> E, ainda em 1904, em comemoração ao seu aniversário de 84 anos, citou um poema no qual o barbacenense utilizava a forma fixa do soneto para satirizar os que acusavam seus versos de desprovidos de “fineza” e elegância.<sup>137</sup>

Em *Dias Idos e Vividos* (1936), passados mais de trinta anos do falecimento do padre satírico, o juizforano lamentava seu esquecimento pelos novos escritores, não obstante a grande fama alcançada em vida. Araújo afirma que, apesar de ter sido um dos poetas brasileiros mais populares no século XIX, Padre Correia de Almeida, já na virada do XIX para o XX, começava a manifestar sinais de subscrição e silenciamento diante de autores como Sílvio Romero, José Veríssimo e Araripe Júnior, que pouco mencionavam a sua produção literária. Sílvio Romero, por exemplo, insere-o na primeira fase do romantismo, associando sua obra a um conjunto de narrativas consideradas sem consistência sobre a nação brasileira.<sup>138</sup>

Para Belmiro Braga, o estilo de escrita “ao correr da pena” e a dispersão de sua produção em periódicos eram as principais razões desse esquecimento.<sup>139</sup> Porém, é provável que já estivesse consciente de outra explicação, talvez mais relevante do que a primeira. Compartilhando leituras de autores como Bocage, Gregório de Matos, Nicolau Tolentino, Marquês de Maricá e tantos outros presentes em seus repertórios intelectuais, Belmiro Braga e padre Correia de Almeida – apesar da enorme diferença de idade entre eles – conformavam o perfil de uma tradição literária, que, por produzir sátiras versificadas nos moldes da tradição clássica, foi classificada como “arcaica” e, portanto, relegada tanto pelo discurso dos cultores

---

<sup>135</sup> ALMEIDA, Correia de. O aniversário da Restauração de Portugal. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 09/12/1903, p. 1. Nesse soneto, padre escreve: “Belmiro Braga, tanto verso lindo,/ que escreveste em louvor da Pátria Lusa,/ revelam que te inspira aquela musa/ que ainda faz lembrar Parnaso e Pindo./ [...]// E tu, que estas montanhas esclarece,/ tens de ser mais feliz, e assás mereces/ aplausos no presente e no futuro.”

<sup>136</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 10/07/1904, p. 1.

<sup>137</sup> ALMEIDA, Correia de. Agudezas. In: BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 04/09/1904, p. 1.

<sup>138</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 56-57.

<sup>139</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 221-222.

de locuções rebuscadas e artificiosas quanto pelos signatários do movimento modernista de 1922.<sup>140</sup>

O estilo simples e corrente do padre se aproximava do grotesco das ruas e do humor – sobretudo da sátira. Gênero literário muito praticado e apreciado no Brasil do século XIX, inclusive na imprensa, a sátira se fez presente durante toda a sua longa trajetória de escritor. Para Ângela de Castro Gomes, o padre-poeta estava “convencido de que ela [a sátira] era uma forma de comunicação privilegiada para se alcançar um público leitor amplo e menos cultivado”.<sup>141</sup> Não obstante o restrito número de leitores daquele tempo, não podemos negar a presença, em sua obra, de “diferentes elementos que se reportam ao universo da cultura popular”, que engloba “linguagens e práticas que, de maneira fluida, eram partilhados de um modo geral pelas pessoas, sem uma correspondência direta com as hierarquias sociais”.<sup>142</sup>

Gomes afirma que, “mesmo quando os ditames da literatura se alteraram, condenando seu estilo como velho e ultrapassado, ele não mudou sua preferência”. Nesse momento da virada do século XIX para o XX, o padre satírico “irá servir-se de sua máscara satírica para manter o círculo de leitores que o acompanhavam, explicitando sua erudição e possibilidades literárias”. Através de um texto cômico e crítico, mantinha-se acessível a setores populares que “podiam ler diretamente seus versos ou ouvi-los de outros leitores, sempre existentes”.<sup>143</sup>

Através da arte do verso, muitos tiveram acesso às suas críticas à escravidão, aos costumes sociais, ao cientificismo reinante entre diversos representantes da chamada Geração 70, às mazelas da monarquia e da república, bem como a vários outros aspectos da política e da sociedade brasileiras da segunda metade do século XIX e dos cinco primeiros anos do século XX. Conhecido por sua militância abolicionista, de orientação muito mais liberal do

---

<sup>140</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 17.

<sup>141</sup> GOMES, Angela de Castro. *Prefácio*. In: ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 12-13.

<sup>142</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 17. A autora se baseia nos preceitos teóricos de Roger Chartier, segundo os quais “é num jogo sutil de apropriação, de reempregos, de desvios, que se apoiam por exemplo, as relações entre Rabelais e a cultura popular da praça ou entre os irmãos Perrault e a literatura oral”. Ver: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 56-57.

<sup>143</sup> GOMES, Angela de Castro. *Prefácio*. In: ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 12-13.

que religiosa<sup>144</sup>, o padre tinha seus livros recebidos com apreço pela crítica literária da *Revista Ilustrada*, um dos periódicos de maior circulação no Brasil oitocentista.<sup>145</sup>

Figura 3 – Charge de Ângelo Agostini representando o Padre Correia de Almeida.



Fonte: *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1881, ano 6, n. 262, p. 4. Acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio (MG).

Conhecido por seu perfil refratário às modas das escolas literárias, preferia se autorrepresentar como “poeta avulso, alijado da crítica mais especializada, mas muito saudado pelos órgãos de imprensa”. Também se valia da construção de uma persona satírica pautada na chamada “ironia socrática” ou “autoironia”, através da qual “manipulava sua própria personalidade, apresentando-a numa pose deliberada, muitas vezes no papel de ingênuo”.<sup>146</sup> Segundo Rebecca Catz, esse tipo de voz deliberada e voluntária, em que o indivíduo faz o papel de tolo, é um

jogo tão antigo como o próprio Sócrates – e os seus efeitos são alcançados pela simulação da vacuidade mental e da inocência improváveis. A originalidade do método socrático, na prossecução filosófica da verdade, reside na adaptação a fins dialéticos da técnica da atenuação que de si próprio, como dos seus argumentos, faz o orador ou escritor, empenhado no

<sup>144</sup> Maria Marta Araújo, através das análises empreendidas por José Murilo de Carvalho, menciona a tradição liberal preponderante entre os padres mineiros, que “amavam mais a pátria e a liberdade do que a Igreja”. Ver: ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 99-100 e 133.

<sup>145</sup> *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 1881, ano 6, n. 261, p. 2. Acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>146</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 52-53.

abrandamento do *iron* que, por outro lado procede ao encorajamento do seu adversário, estimulando nele excessos de autoconfiança.<sup>147</sup>

Dentre as várias facetas de Correia de Almeida, a habilidade com que manejou essa estratégia teria sido a responsável, na perspectiva de Araújo, por arraigar entre os seus contemporâneos a imagem de um “poeta benévolo e inocente”, em cujas sátiras a “alegria” teria suplantado a “maldade”.<sup>148</sup> Araújo chama atenção para o fato de que poucos leitores críticos do literato fogem da ingênua percepção de um “poeta ingênuo”. Ao invés de salientar o poeta “moralista e impiedoso”, autor de tantos “protestos veementes e indignados” e de demonstrar que “ele nem sempre foi alegre e menos ainda inocente”, a maioria dos comentaristas preferia se restringir a essa imagem de uma “inocência infantil” ou “ingenuidade cativante” – como até mesmo Olavo Bilac adjetivou sua escrita.<sup>149</sup>

Foi essa também a percepção que Belmiro Braga lhe imprimiu em *Dias Idos e Vividos* (1936), ao considerá-lo um poeta satírico “boníssimo”, que “não deixou um único inimigo”, e que, a exemplo de Nicolau Tolentino, dava “golpe nos costumes” e não nas pessoas.<sup>150</sup> É importante destacar que o próprio autor dessas palavras, além de não ter escapado dos rótulos de “ingênuo”, “natural”, “espontâneo” e “simples”, contribuiu para reforçá-los ao longo de sua trajetória literária. Foi dessa forma que o “trovador de Vargem Grande” acabou sendo representado e se autorrepresentou, conformando um estereótipo praticamente incólume, que veio a se consolidar entre leitores, críticos e comentaristas, nos jornais e revistas, durante a sua vida e após a sua morte. Foi essa, inclusive, a primeira e imediata recepção que o escritor cearense, Antonio Sales, teve da poética belmiriana, tão logo ambos se conheceram, ainda em terras cotegipanas.

#### **2.4 Os primeiros contatos com Antônio Sales: “aves de arribação às avessas”?**

Em 1899, falece José Ferreira Braga, “o velho Braga da Reserva”, como era conhecido pelos habitantes da região. Sem a participação do patriarca na sociedade do comércio em

---

<sup>147</sup> CATZ, Rebecca. A sátira social de Fernão Mendes Pinto: análise crítica da peregrinação. Lisboa: Prelo, 1978. p. 123-124 *apud* ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 53-54.

<sup>148</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 54.

<sup>149</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 54.

<sup>150</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 221.

Cotegipe, B. B. e o cunhado deram continuidade aos negócios na venda, cuja razão social passou a denominar *Medeiros Silva & Braga*.<sup>151</sup>

A morte de seu pai, porém, não parece ter impactado nos negócios. Além de ser um dos poucos comércios daquela região diretamente favorecidos pela linha férrea, o estabelecimento já havia consolidado sua clientela a partir do vasto capital social acumulado através de relações de parentesco, de amizade e de confiança que regiam uma lógica econômica ainda pautada na “economia moral do dom”.<sup>152</sup>

Amigos e familiares de fazendeiros das regiões circunvizinhas, como de costume, continuavam frequentando a venda local. Joaquim Nogueira Jaguaribe era um deles. Proprietário da Fazenda Bom Jesus, localizada no distrito de Vargem Grande, do outro lado do Rio do Peixe e nas imediações da Estação de Cotegipe, Jaguaribe integrava, junto com outros proprietários de terras da região, uma sociedade agrária, da qual se tornaria, em 1901, presidente, enquanto Belmiro Braga assumiria o posto de secretário.<sup>153</sup>

Jaguaribe era engenheiro de telégrafos e casado com a Sra. Maria Luísa, conhecida como a “viúva do velho Halfeld”, de quem herdara vultosa fortuna. Não fazia tanto tempo – início da década de 1890 – que o segundo marido a convencera a comprar a referida fazenda, onde residiram com as filhas, retirando-se temporariamente do sobrado em que moravam no centro de Juiz de Fora. Pouco tempo depois, porém, a família precisou se deslocar para o Rio de Janeiro, em busca de tratamento oftalmológico para uma das filhas, Diva.<sup>154</sup>

Esse tratamento teria ensejado o primeiro contato da moça com um jovem acadêmico de medicina e farmácia, que estagiava na capital federal.<sup>155</sup> O rapaz era o cearense José Nava,

---

<sup>151</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/12/1899, p. 10.

<sup>152</sup> Sobre “capital social” e “economia moral”, baseamo-nos nas seguintes referências: PUTNAM, Robert D. *Comunidade e democracia: a experiência da Itália Moderna*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002. POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000. Vale ressaltar que as discussões estabelecidas em torno das chamadas “teorias da reciprocidade”, advindas do campo da Antropologia, forneceram e têm fornecido grandes subsídios a estudos dedicados a relações econômicas não calcadas exclusivamente na lógica do mercado capitalista. Dentre as obras importantes que abordam o assunto, pode-se destacar: BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. BOURDIEU, Pierre. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996. GODELIER, Maurice. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

<sup>153</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/06/1901, p. 1.

<sup>154</sup> Em *Baú de Ossos*, Pedro Nava comenta sobre o problema de saúde da mãe: “[...] Até que veio o fim dos noventa e veio a doença dos olhos de minha Mãe. O Dr. Penido foi taxativo: Rio de Janeiro e tratamento com o Dr. Moura Brasil. Senão, cegueira...” (Fonte: NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 233).

<sup>155</sup> Sobre o primeiro contato de seu pai, José Nava, com a sua mãe, Diva Jaguaribe, no Rio de Janeiro, Pedro Nava comenta: “Pois foi nessa *belle époque* que doenças, necessidades, obrigações, compromisso, acaso, destino – o fatum – fizeram convergir para o Rio de Janeiro gente da família de



que acabara de transferir seu curso da Faculdade de Medicina da Bahia para as terras cariocas. A amizade entre o jovem acadêmico e a filha dos fazendeiros acabou se transformando em namoro e, em 1902, em casamento. Logo no ano seguinte, dariam à luz o primeiro filho, Pedro Nava, futuro médico, memorialista e um dos representantes do modernismo mineiro.

José Nava pedira transferência do curso de medicina para o Rio de Janeiro após a irmã, Alice Nava, lá se estabelecer com seu esposo, Antonio Sales, em 1896. Além de cunhados, Nava e Sales eram amigos e parceiros nas letras cearenses. O começo de uma nova vida em terras cariocas os colocou em contato com Joaquim Nogueira Jaguaribe, que, em janeiro de 1900, antes de conceder as mãos da filha em casamento a José Nava, oferecera a fazenda Bom Jesus<sup>156</sup> para Antonio Sales se hospedar durante a recuperação de um problema de saúde, que o levou a se licenciar do trabalho no Ministério da Fazenda.<sup>157</sup>

De passagem por Cotegipe, onde desembarcara do trem para seguir viagem até a fazenda de Jaguaribe, Sales viria a comentar que o local “nem chegava a ser um arraial, constando apenas da Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil [que, na época do Império, chamava-se “Estrada de Ferro Dom Pedro II”] e de quatro ou seis casas ao todo. Em uma delas havia uma casa de negócios, um desses bazares de roça onde há de tudo, desde o vidro de pílulas açucaradas até a grinalda de noiva”.<sup>158</sup> Era essa a “casa de negócios” de Belmiro Braga.

Antonio Sales teria recebido de Jaguaribe e dos moradores da região informações acerca do poeta local, conhecido por suas trovas e rimas carregadas de lirismo e humor. Após se conhecerem, Belmiro Braga logo desejou “boas-vindas” ao poeta cearense na imprensa juizforana. Em 2 de fevereiro de 1900, dedicou-lhe um texto no jornal *O Pharol*, no qual fazia “votos sinceros para que as auras mineiras restabeleçam [restabelecessem] por completo a sua

---

meu Pai, da de minha Mãe. Os parentescos e amizades começaram a tecer a teia dos conhecimentos e dos amores.” (Fonte: NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 238). Sobre o trabalho do pai, na clínica da família Moura Brasil, Rio de Janeiro, Pedro Nava comenta: “Em 1898 meu Pai faz simultaneamente o terceiro ano de Farmácia e o de Medicina. Foi por essa época que seu amigo Zeca Moura levou-o para trabalhar na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, já então feudo da família Moura Brasil.” (Fonte: NAVA, Pedro. *Baú de Ossos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984. p. 245).

<sup>156</sup> SALES, Antônio. Como eu descobri um poeta. \_\_\_\_\_. In: Retratos e Lembranças... apud SOUSA, J. Galante de. Crítica e mistificação. *Letras e Artes*: suplemento de *A Manhã*, Rio de Janeiro, 03/05/1952, p. 4. Ver também: Para saber mais informações, consultar: MELO, Juliana Ferreira de. *Modos e condições de participação nas culturas do escrito: Pedro Nava e a formação na família (1903-1913)*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação: conhecimento e inclusão social, da Universidade Federal de Minas Gerais. UFMG: Belo Horizonte, 2008.

<sup>157</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Inventário do Arquivo Antonio Sales*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2007. p. 29

<sup>158</sup> SALES, Antônio. O João de Deus Mineiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/08/1911, p. 1.

saúde” e recuperassem as “forças perdidas num trabalho extenuante como escriturário de um dos nossos ministérios”.<sup>159</sup> Dezoito dias depois, no mesmo jornal, também lhe dedicou o poema *Canção*<sup>160</sup>. O cearense, logo após ter a sua saúde restabelecida, também visitou as redações e rodas literárias de Juiz de Fora para fazer elogios a Belmiro Braga, seu novo amigo e “anfitrião”. Pelo espaço que a imprensa juiz-forana e mineira lhe disponibilizava, verifica-se a significativa projeção de sua imagem em âmbito nacional.

Nesse momento, Sales já completava pouco mais de três anos de residência no Rio de Janeiro. Aportara em terras cariocas em dezembro de 1896, quando para lá conseguiu sua transferência nos quadros do Ministério da Fazenda.<sup>161</sup> A decisão do tio de transferir o cargo para a capital federal parece ter sido motivada por perseguições e acusações que Antonio Pinto Nogueira Accioly desfechara contra ele. O “comendador Accioli”, como ficou conhecido o oligarca, acabara de assumir a presidência do Ceará, cargo no qual se manteria por longos anos, adotando uma série de medidas repressivas e violentas contra os opositores ao seu governo autoritário e personalista.<sup>162</sup>

Antes de migrar para o Rio de Janeiro, o cearense já havia trilhado longo caminho de ascensão social através das letras. Nascido em 13 de junho de 1868, em Parazinho, no Ceará, Sales interrompeu o vínculo formal com a escola aos quatorze anos, em decorrência da cegueira precoce e repentina do pai, que se viu impossibilitado de continuar exercendo o papel de provedor familiar. Sendo o primogênito, precisou trabalhar em um armazém de secos e molhados em Fortaleza para ajudar a mãe e os irmãos no sustento da casa.<sup>163</sup>

De maneira autodidata, Sales aprendeu filosofia, artes e línguas. Aos dezesseis anos, integrou os movimentos abolicionista e republicano.<sup>164</sup> Através da amizade estabelecida com Antônio Caio da Silva Prado, que escrevia para o *Correio Paulistano* e chegou ao cargo de presidente das províncias de Alagoas e Ceará<sup>165</sup>, conseguiu alavancar sua ascensão social, saindo do balcão para se inserir na burocracia estatal.<sup>166</sup>

Em 1890, publicou seu primeiro livro, *Versos Diversos*.<sup>167</sup> Em 1894, veio o segundo, *Trovas do Norte*. Foi ainda nesse ano que se casou com Alice Nava, cujo irmão (José Nava) já

<sup>159</sup> BRAGA, Belmiro. Antônio Sales. *O Pharol*, Juiz de Fora, 08/02/1900, p. 1.

<sup>160</sup> BRAGA, Belmiro. *Canção*. *O Pharol*, Juiz de Fora, 20/02/1900, p. 1.

<sup>161</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 306.

<sup>162</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 306.

<sup>163</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 294-295.

<sup>164</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 294-296.

<sup>165</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 296-298.

<sup>166</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 298-300.

<sup>167</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 297-300.

era, ou viria a ser tornar, sócio de uma agremiação literária que havia fundado em Fortaleza em 1892: a Padaria Espiritual. O protagonismo de Sales nessa agremiação foi a responsável por torná-lo conhecido dos círculos literários de diversas regiões do Brasil, inclusive os da capital federal.

Juntamente com o jornal *O Pão*, a Padaria Espiritual canalizava a expressão de um movimento artístico-literário de caráter boêmio e pilhérico, que escandalizou a pacata e provinciana Fortaleza do final do século XIX. Os padeiros (confrades ou sócios) apresentavam um projeto literário antagônico ao da “velha mocidade comprometida com a estrutura burguesa de raiz europeia”. O objetivo era “falar a linguagem do universo de hábitos e valores do povo cearense”, sobretudo a de origem rural ou sertaneja, caracterizada pelos “padeiros” como típica de “homens puros e ingênuos”, que se contrapunham ao “mundo liberal e burguês das classes médias e altas, que experimentavam o dia-a-dia dos grandes centros urbanos com suas relações viciosas e degenerativas”.<sup>168</sup>

A agremiação propunha o rompimento com a retórica bacharelesca e científica das letras e das artes cearenses, bem como a busca da “primazia das coisas do espírito em detrimento das coisas materiais”. Para tanto, os sócios consideravam-se imbuídos da missão de investigar na sociedade cearense aspectos e hábitos “puros e honestos” da “alma sertaneja” que não estavam “maculadas” pela interferência dos valores “modernos” dos centros urbanos. E, no programa de instalação da associação, a formação de um “cancioneiro genuinamente cearense” era apresentada como resultado ou meta primordial desse projeto.<sup>169</sup>

A agremiação se manteve em funcionamento entre os anos 1892 e 1898 e rendeu ao fundador significativa popularidade no meio literário.<sup>170</sup> Sales e Nava, porém, deixaram de frequentar a agremiação para buscar oportunidades em novas terras. Se, no âmago da Padaria Espiritual, os padeiros buscavam a defesa e o resgate da chamada “cultura popular” e dos valores interioranos considerados “puros”, “ingênuos” e “genuínos”, na prática, foi o Rio de Janeiro – onde as novidades dos grandes centros mundiais chegavam, tornando-o uma espécie de “polo irradiador” de culturas provenientes das mais diversas regiões do país e do mundo – o cenário escolhido por muitos deles para tentarem construir uma nova vida.

---

<sup>168</sup> COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007. p. 13-14.

<sup>169</sup> COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual...*, p. 13-14.

<sup>170</sup> JUREMA, Moacyr. Retrospecto dos feitos da Padaria Espiritual, a contar de 30 de maio de 1892 (dia de fundação) a 28 de setembro de 1894. Fortaleza: Padaria Espiritual; Ed. Tip. d ‘A República, 1894. p. 17 apud COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual...*, p. 98.

Foi no Rio de Janeiro da transição do século XIX para o XX, chamado por Nicolau Sevcenko de “a capital do arrivismo”<sup>171</sup> – no qual os valores burgueses volatilizavam as tradições, potencializavam a disputa dos indivíduos pelo poder/lucro e a busca de ascensão a qualquer custo –, o local onde Antonio Sales tentaria multiplicar o capital simbólico adquirido através de sua Padaria Espiritual e de seus dois livros de poesia, *Versos Diversos* e *Trovas do Norte*.

Figura 4 – Grupo da Padaria Espiritual (1. Arthur Theophilo, 2. Sabino Baptista, 3. José Nava, 4. Rodolpho Theophilo, 5. Lopes Filho, 6. Ulysses Bezerra, 7. Antonio de Castro; 8. José Carvalho, 9. Almeida Braga, 10. Waldemiro Cavalcanti, 11. Antônio Sales, 12. José Carlos Júnior, 13. Roberto de Alencar)



Fonte: Um grupo da Padaria Espiritual. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 14/06/1903, p. 8.

Em *Balão Cativo*, Pedro Nava relata que, no Rio de Janeiro, seu tio se articulou a dois tipos de rodas literárias: uma “boêmia” e a outra “séria”.<sup>172</sup> A primeira era o “Café Papagaio”, localizado na rua Gonçalves Dias, vizinho à Confeitaria Colombo, entre as ruas do Ouvidor e Sete de Setembro. Um espaço de sociabilidade onde se reuniam os grupos que se opunham aos chamados “nefelibatas” (escritores que, segundo eles, “andavam nas nuvens” e conferiam

<sup>171</sup> Sobre o termo “arrivismo”, consultar a seguinte obra: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003. p. 36.

<sup>172</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 306-307.

“maior destaque à forma do que ao conteúdo”). Seus principais alvos eram Olavo Bilac, Elísio de Carvalho, Coelho Neto e Medeiros de Albuquerque. Os frequentadores do café também se opunham ao “grupo liderado por Machado de Assis e àqueles que se consideravam seus sucessores, os quais frequentavam a Garnier e dominavam o cenário da ABL”. No mesmo local, reunia-se o corpo editorial do semanário *O Diabo* – composto por Bastos Tigre (proprietário), Domingos Ribeiro Filho e Calixto Gil –, no qual eram publicadas notícias do cotidiano da cidade, mundanidade, política local, sempre em tom satírico e debochado e com muitas caricaturas, charges e retratos sobre os catedráticos da ABL e o sistema literário estabelecido.<sup>173</sup>

Eram, portanto, as rodas literárias que Pedro Nava adjetivava como “sérias” os alvos prediletos dos frequentadores do Café Papagaio. O memorialista refere-se aos grupos da Garnier e da *Revista Brasileira*, de cujas reuniões Sales também participava ativa e assiduamente, como afirma o próprio Machado de Assis, em carta destinada a Magalhães de Azeredo, em 1898: “[...] Na sala da *Revista [Brasileira]*, rua Nova do Ouvidor 31, costumamos reunir-nos [...]; os mais assíduos são o Graça Aranha, o Nabuco, o Araripe Júnior, o Taunay, o João Ribeiro, o Antônio Sales, e ultimamente o Tasso Fragoso”.<sup>174</sup>

Na recém-criada Academia Brasileira de Letras, Sales fez amizade com Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Lúcio de Mendonça, Graça Aranha, Artur Azevedo, Carlos de Laet, Eduardo Prado, Capistrano de Abreu, Visconde de Taunay, Barão de Jaceguai, Barão de Loreto, dentre outros. De acordo com Pedro Nava, teria sido o fundador da Padaria Espiritual o autor do perfil dos primeiros acadêmicos da ABL. Elaborado a pedido de José Veríssimo, o ensaio teria sido a primeira defesa pública da instituição às críticas que lhe eram dirigidas. O memorialista ainda afirma que, antes de completar um ano no Rio de Janeiro, o tio teve a sua candidatura à ABL lançada por Machado de Assis, Raimundo Correia, Lúcio de Mendonça e Taunay. E, em 1906, por Graça Aranha. Todas as candidaturas, porém, por ele recusadas.<sup>175</sup>

Apesar de ter sido, pelo menos nessa fase de sua vida, um crítico político bastante atuante e retoricamente refratário ao que chamava de “confraria do elogio mútuo”, Sales, até onde se sabe, não estabeleceu nenhuma relação de animosidade com a Academia Brasileira de Letras. Pelo contrário: apesar de recusar a disputa a uma vaga na “torre de marfim”, não

---

<sup>173</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017. p. 10, 114, 129 e 130.

<sup>174</sup> Carta de Machado de Assis para Magalhães de Azeredo, Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1898. Disponível em: MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Silvia (orgs.). *Correspondência de Machado de Assis* (tomo 3, 1890-1900). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. p. 291.

<sup>175</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 306-308.

deixou de buscar, por meio da aproximação com a recém-fundada instituição e com os acadêmicos nela atuantes, experiências consagradoras.<sup>176</sup>

Sua relação com Machado de Assis é, por sinal, uma clara demonstração disso. Através de algumas cartas que este lhe enviou, é possível perceber o tom menos cerimonioso do discurso epistolar, o que, de acordo com Pedro Nava, sugere não apenas uma proximidade entre ambos, mas também uma espécie de “vantagem moral” obtida do então presidente da Academia Brasileira de Letras.<sup>177</sup>

De fato, é o que nos deixa entrever a missiva datada de 26 de fevereiro de 1900, na qual o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* comenta sobre as notícias de recuperação do amigo no interior mineiro e agradece as homenagens que seu “anfitrião” (Belmiro Braga) lhe rendera, depositando rosas sob o seu retrato no dia de seu aniversário.<sup>178</sup> O remetente ainda demonstra interesse pelos textos que o cearense prometera escrever sobre os talentos da região em que se encontrava hospedado: “Venha quando estiver restaurado, e traga o que nos promete escrever sobre talentos daí”.<sup>179</sup>

Egresso do Ceará e carregando a exitosa experiência de uma agremiação literária instalada na periferia do país, Antonio Sales chegava ao Sudeste com a “fama” de não ter seus méritos discutidos apenas pelos frequentadores da famosa Rua do Ouvidor, que um comentarista do jornal *O Pharol*, em 1901, apelidava de “beco”, aludindo à estreiteza física de suas margens como forma de desqualificar o epíteto monumental de “artéria da civilização no Brasil”, que Valentim Magalhães lhe atribuíra.<sup>180</sup>

---

<sup>176</sup> O termo “consagração cultural” é aqui entendido a partir das formulações de Pierre Bourdieu em *As regras da arte*, em que o teórico discute a lógica de funcionamento do “campo literário”. Ver: BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras.

<sup>177</sup> O termo “vantagem moral” foi utilizado por Pedro Nava em *Balão Cativo*: NAVA, Pedro. *Balão cativo...*, p. 309.

<sup>178</sup> Em “O Poeta e o Homem”, Antônio Sales recordaria: “Uma vez que eu estava passando uns dias com Belmiro [Braga] em Juiz de Fora, ocorrendo o natalício de Machado de Assis, colhemos algumas rosas no jardim e enfeitamos com elas o retrato do mestre, retrato existente no gabinete de Belmiro. Comuniquei nosso ato a Machado, que agradeceu com carta ainda hoje guardada entre os autógrafos da minha coleção.” Há outra referência sobre rosas trazidas de Barbacena, mas a citação acima parece-nos bastante confiável e, sobretudo, compatível com o texto desta carta. (Fonte: SALES, Antônio. O Poeta e o Homem. In: CERQUEIRA, Alves; SALES, Antônio. *Belmiro Braga*. Juiz de Fora: [s. e.], 1954. p. 35)

<sup>179</sup> Carta de Machado de Assis para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1900. Disponível em: MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Silvia (orgs.). *Correspondência de Machado de Assis* (tomo 3, 1890-1900). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011. p. 456-457.

<sup>180</sup> Valentim Magalhães, *Horas Alegres*, Rio de Janeiro, Laemmert &C., 1888, p. 126 *apud* MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A modernidade republicana*. *Tempo*, v. 13, n. 26, 2009., p. 24. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a02v1326.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

Repleta de boatos, intrigas e escândalos que dela se serviam de “palco”, à Rua do Ouvidor era atribuída a culpa pelo alijamento de tantos talentos que as numerosas regiões do Brasil podiam oferecer às letras nacionais. Segundo Juracy, “para ser artista consagrado e vitorioso não é preciso somente que se lhe discuta o mérito na rua do Ouvidor; é preciso, ao contrário, ser discutido pelo país inteiro”. Nesse sentido, o colunista citava a experiência de Sales com a *Padaria Espiritual* como exemplo a ser seguido.<sup>181</sup>

Três características da escrita e do perfil de atuação de Sales nas letras contribuiriam para reforçar essa adjetivação de “consagrado fora do beco”. Primeiramente, o fato de o autor de *Trovas do Norte* continuar atuando em vários órgãos da imprensa contra os desmandos e domínio da oligarquia acciolina. Apesar de se articular para dificultar a muitos opositoristas a conquista de emprego no exílio, o governo despótico jamais deixou de sofrer uma série de resistências fora do Ceará.<sup>182</sup> Em *O Babaquara: subsídios para a história da oligarquia do Ceará*, por exemplo, livro que assinou usando o pseudônimo “Martim Soares”, publicizou uma série de denúncias contra o governo, além de demonstrar forte preocupação com o grande “êxodo de cearenses cultos” de sua terra natal e com a violência repressiva praticada contra intelectuais opositoristas, como os amigos Américo Facó, A. Clementino, dentre outros.<sup>183</sup>

O segundo aspecto da atuação intelectual de Sales que parece ter favorecido a ampliação de suas interlocuções literárias era a sua postura em relação aos acalorados debates envolvendo a reforma ortográfica da língua portuguesa. O escritor criticava os latinistas e helenistas, que, através do exibicionismo de erudição e dos preciosismos etimológicos, distanciavam-se dos usos correntes do vernáculo. Além disso, condenava a falta de diálogo entre a língua escrita e a falada pela maioria dos brasileiros. Na sua concepção, nenhuma

<sup>181</sup> JURACY. Perspectivas. *O Pharol*, Juiz de Fora, 21/08/1901, p. 1.

<sup>182</sup> ALENCAR, Maria Emília da Silva. “*Á Sombra das Palavras*”: a oligarquia acciolina e a imprensa (1896-1912). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008. p.168-169.

<sup>183</sup> Antonio Sales (pseudônimo “Martim Soares”), em *O Babaquara* (1912), assim narra a violência sofrida pelos jornalistas Américo Facó e Clementino: “O jornalista Américo Facó, do *Jornal do Ceará*, por ter escrito neste uma crônica veemente, foi agredido pela polícia por ordem do respectivo comandante R. Borges, genro de Accioli. O capitão A. Clementino, antigo gerente do *Jornal do Ceará*, às dez horas da manhã, em plena rua, em frente à sua residência, foi assaltado por quatro praças de polícias, entre os quais o cabo Liberato, conhecido facínora. Clementino foi espancado até ficar no chão como morto. Daí foi conduzido em Padiola para a Santa Casa onde esteve muitos dias em perigo de vida e onde passou quase dois meses incomunicável, não podendo sequer ser visitado pela mulher e os filhos.” Fonte: SOARES, Martim. *O Babaquara: subsídios para a história da oligarquia do Ceará*. Rio de Janeiro: s. n., 1912. p. 28; 58. Disponível em formato digital pela University of Wisconsin (EUA): <https://hdl.handle.net/2027/wu.89052294931>. Ver também: NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 270.

reforma ortográfica poderia advir da imposição de um código pela Academia Brasileira de Letras. Concordava que, nos casos litigiosos da língua, se adotasse o que fosse de “uso mais corrente” pelo “povo” e o que demandasse “menos esforço a quem escreve”.<sup>184</sup>

E, por fim, não poderia deixar de ser mencionada a sua afeição pela chamada “literatura regional”, veementemente praticada e defendida por ele no Rio de Janeiro. É o que se verifica na publicação de seu primeiro e único romance, *Aves de Arribação*, veiculado em formato de folhetim pelo *Correio da Manhã* (RJ), entre os dias 15 de janeiro e 6 de maio de 1903, no qual aborda questões culturais, políticas e sociais do interior cearense, como o coronelismo, a seca, etc.<sup>185</sup>

Também não podemos deixar de mencionar que o fundador da Padaria Espiritual atuou na divulgação dos trabalhos de alguns autores interioranos. Vale começar ressaltando, por exemplo, o caso de Manoel de Oliveira Paiva, seu conterrâneo cearense, que, em 1899, já ceifado pela tuberculose, deixou um romance manuscrito inédito, *Dona Guidinha do Poço*. De posse desse manuscrito, Sales se articula para publicá-lo em fascículos na *Revista Brasileira*. Em seguida, tenta publicá-lo em livro, projeto que não conseguiu concretizar em vida, deixando-o a cargo de outro amigo e conterrâneo, Américo Facó, que, em 1952, consegue publicá-lo pela editora Saraiva, de São Paulo, acrescentando ao volume um glossário de palavras e expressões regionais.<sup>186</sup>

Como se vê, a atuação de Sales em defesa de uma língua portuguesa mais próxima da maioria da população e consoante a maior diversidade linguística está profundamente relacionada com seu interesse pela literatura regional. Um regionalismo que não se restringia, porém, à valorização dos autores de sua terra natal, mas que se estenderia a outros estados da federação.

Após a sua passagem por Minas Gerais, Sales cumpre o que havia prometido a Machado de Assis: escrever sobre os talentos da região em que ficara hospedado. E assim o fez em diversos órgãos da imprensa, inclusive no *Diário de Pernambuco*, onde teceu uma série de elogios aos homens de letras do estado, lamentando apenas que o “caráter contido dos mineiros” – cuja causa atribuía ao sedentarismo advindo do aspecto montanhoso do relevo – lhes dificultasse tornar os talentos conhecidos para além do âmbito regional. Para fins de exemplificação, citava a sua batalha para tornar Augusto de Lima – a quem considerava “um

<sup>184</sup> SALES, Antonio. Uma reforma ortográfica. *Diário de Pernambuco*. Recife, 19/07/1901, p. 1.

<sup>185</sup> SALES, Antonio. *Aves de Arribação*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15/01/1903 e 06/05/1903, p. 3.

<sup>186</sup> FACÓ, Américo. Um livro e seu destino. In: PAIVA, Manoel de Oliveira. *Dona Guidinha do Poço*. São Paulo: Editora Saraiva, 1952. p. 219-222. Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – RJ.



dos quatro ou cinco poetas maiores do Brasil – conhecido fora de Minas Gerais, favorecendo a sua admissão como “imortal” da ABL.<sup>187</sup>

Com uma densa rede de sociabilidade, o cearense contribuiu para projetar a produção literária mineira para diversas regiões do país. Além de Augusto de Lima, sua fama de “padrinho literário” seria confirmada com o poeta Belmiro Braga. Em 1900, tão logo ambos se conheceram no distrito de Cotegipe, Sales foi o primeiro responsável por projetá-lo na imprensa nacional. Não é fortuita, portanto, a inclusão desse episódio nas narrativas memorialísticas belmirianas, mesmo se passando trinta e seis anos do ocorrido:

[...] um poeta nortista veio descansar na fazenda de seu conterrâneo e meu freguês nas vizinhanças da Estação de Cotegipe. Ali chegando, não tardou a conhecer os meus bilhetes rimados e tendo de vir ao correio, que era, como já disse, em minha casa, dirigiu-se a mim e perguntou: Será, por acaso, o sr. o autor de uns versos a Fulano? [...] Passados quinze dias recebo – não o meu grosso caderno de poesias, mas um jornal do Rio com duas colunas marcadas a lápis vermelho e no alto delas, em letras grandes – “Um poeta desconhecido”.

E não fosse o poeta Antonio Sales, que desde aquele artigo se tornou para mim um segundo irmão, e cujo afeto entre nós – os anos e as distâncias tornam cada vez maior, e nunca ninguém saberia que eu fazia versos, pois fazendo-os desde os dias longínquos da escola de seu Lifonso, só aos vinte e nove anos, foi esse meu segredo descoberto...<sup>188</sup> (Grifos nossos.)

Esse relato se mostra coerente com a carta que B. B. escrevera ao Sales em 1910, na qual afirmara: “E tu és a causa de tudo: foste me descobrir lá no meu balcão de Cotegipe...”<sup>189</sup> Comparando as versões de Belmiro e de Sales acerca desse primeiro encontro, é possível encontrar mais coerências do que contradições. Em 1937, logo após a morte do “trovador de Vargem Grande”, Sales também publica sua própria versão dos fatos, corroborando as afirmações do amigo, mas ressaltando que o mineiro não lhe devia tudo o que foi nas letras, uma vez que seu papel teria sido apenas o de “apressar a sua revelação e lhe proporcionar um meio de mostrar-se de maneira a ser melhor apreciado”. B. B., segundo ele, “nasceu trazendo no cérebro a centelha que devia ser clarão, e por força irromperia através das paredes do armazém, que o oprimiam, quando o conheci em Cotegipe”.<sup>190</sup>

<sup>187</sup> SALES, Antonio. Minas Literária. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27/04/1906, p. 1.

<sup>188</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 217-218.

<sup>189</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, [Juiz de Fora], 18/04/1910.

<sup>190</sup> SALES, Antonio. O poeta e o homem (do livro *Retratos e lembranças*). In: *Belmiro Braga*. Juiz de Fora: [...], 1954. p. 33-34. Acervo: Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes – Juiz de Fora (MG).

O fato é que Sales torna-se o responsável por projetar o “trovador de Vargem Grande” no cenário literário nacional, através de significativa divulgação de seu nome na imprensa. Não é fortuita, por exemplo, esta publicação feita em 1902, em *O Arquivo Ilustrado*, de São Paulo: “Tenho concorrido conforme posso para torná-lo conhecido no nosso meio: um grande regozijo terei de ver o futuro poeta afirmar a pujança da intelectualidade mineira, da qual formo o mais elevado conceito.”<sup>191</sup> Ademais, o cearense continuaria, ao longo dos anos, enfatizando seu papel no aperfeiçoamento do “novo poeta”: “Mais velho que ele no ofício, fiz alguns reparos, dei alguns conselhos, condenei certas peças, usando francamente das atribuições de censor que me conferia o poeta, batizei o futuro livro e no primeiro ensejo, proclamei na imprensa do Rio o nome do recenado filho das musas.”<sup>192</sup>

Obviamente, esse não foi um dos poucos, muito menos o único, relato disponível na historiografia literária brasileira sobre “descobertas” de escritores “provincianos” por autores consagrados. Para não fugirmos dos clássicos, podemos citar o caso de Raul de Machado, que teria sido descoberto por Osório Duque-Estrada em uma de suas excursões pelo Norte.<sup>193</sup>

Sabe-se que a “descoberta” de um escritor ou de um artista pode ser representada através de um enquadramento de memórias que envolve nítido processo de mitificação, monumentalização e teatralização de ambas as partes (do “descobridor” e do “descoberto”), a exemplo do que vimos anteriormente com relação ao Machado de Assis. Afinal de contas, faz parte do jogo social o enaltecimento do “outro” como forma de enaltecer a si mesmo de forma tácita. Aí está o “elogio mútuo”, ao qual Sales e tantos outros escritores diziam se opor. Sendo assim, entendemos essa relação entre Antonio Sales e Belmiro Braga como inscrita na lógica da reciprocidade, da relação de “dom” e “contra-dom”, na qual as redes de sociabilidade, o capital e o poder simbólicos de ambos se ampliam mutuamente.

Não apenas B. B. se beneficia ao ver a sua produção e imagem ultrapassando os limites dos municípios mineiros, como também ganhava Antonio Sales ao projetá-lo. O cearense potencializava seu próprio poder simbólico nas mais diversas rodas literárias, jornais e revistas mineiras, fomentando, inclusive, a sua imagem de “consagrado fora do beco”, como “Juracy” o qualificara em 1901, em *O Pharol*, o mesmo jornal que, em 1903, considerava-o “festejado homem de letras” entre os intelectuais juiz-foranos.<sup>194</sup>

<sup>191</sup> SALES, Antonio. Poetas Mineiros. *O Arquivo Ilustrado*, São Paulo, ano 4, n. 31, 1902, p. 235.

<sup>192</sup> SALES, Antonio. O João de Deus Mineiro. *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/08/1911, p. 1.

<sup>193</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 320.

<sup>194</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 07/04/1903, p. 1.

Antonio Sales não apenas voltaria a Cotegipe depois de se recuperar de seu problema de saúde, como também construiria longa relação de amizade com Belmiro Braga, através de encontros pessoais, de mais de duzentas cartas trocadas durante trinta anos e de mútua referência na imprensa.<sup>195</sup>

Em termos metafóricos, podemos dizer que a relação entre Belmiro Braga e Antonio Sales pode ser caracterizada como oposta àquela desenhada para os personagens Mathias e Alípio em *Aves de Arribação*. Nesse romance, Sales descreve Mathias como um poeta interiorano/sertanejo, de alma ingênua, singela e delicada. Este, ao saber da chegada de um poeta praciано de Fortaleza à sua comunidade – de nome Alípio, bacharel em Direito e autor de um livro de poesias prefaciado por Tobias Barreto –, não consegue segurar o desejo de conhecê-lo pessoalmente.

Combinando a verve lírica da poesia com um enredo de inspiração realista-naturalista, Sales narra a frustração do rapaz interiorano ao conhecer o jovem poeta da capital cearense. Longe de confirmar as qualidades de sua persona literária idealizada na imprensa, Alípio se revelou boêmio, oportunista, manipulador, de moral e ética corrompidas, usando os meios para alcançar sórdidos fins. Em outros termos, o praciано era uma “ave de arribação”, que usava da “boa fé” e da “ingenuidade” das pessoas, subtraindo-lhes as qualidades e vantagens, para em seguida fugir sem deixar rastro e nenhum legado positivo em troca.<sup>196</sup>

Contrapondo-se à trajetória desses personagens na ficção, os poetas cearense e mineiro construíram uma relação interpessoal que preferimos denominar metaforicamente “aves de arribação às avessas”. Acreditamos que construção mútua seja o termo mais adequado para caracterizar essa relação. Nesse sentido, optamos por não reproduzir passivamente a palavra

---

<sup>195</sup> Em 1901, lê-se a seguinte nota publicada no jornal: “Partiu para Cotegipe, Minas Gerais, o conhecido escritor Antonio Sales”. Fonte: *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 22/02/1901, p. 2. Vale destacar também os poemas que Belmiro Braga e Padre Correia de Almeida publicaram no *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora, para recepcionar Antonio Sales em um de seus retornos às terras mineiras. Tais versos, por sinal, foram respondidos por Antonio Sales poucos dias depois, conformando uma interlocução “triangular” bastante representativa. Fontes: BRAGA, Belmiro. A Antonio Sales. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 14/02/1903, p. 1. ALMEIDA, Correia de. A Antonio Sales (paráfrase). *Jornal do Comércio*, 18/02/1903, p. 1. SALES, Antonio. Resposta. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 26/02/1903, p. 1. Acervo disponível em: Hemeroteca do Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora (MG).

<sup>196</sup> SALES, Antonio. *Aves de Arribação*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1929. Para consultar a versão em folhetim: SALES, Antonio. *Aves de Arribação*. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15/01/1903 e 06/05/1903, p. 3. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (Rio de Janeiro). Fazendo uma pesquisa sobre a utilização desse termo na imprensa desse contexto, verifica-se uma majoritária conotação negativa, como se vê no exemplo a seguir: “Tais **aves de arribação**, como uma praga egípcia, escolhem, de preferência, para teatro de suas operações, ilhas, lugarejos e povoados, onde sabem imperar a maior boa fé e mesmo a ignorância dos nossos compatriotas provincianos.” (Fonte: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 27/05/1916, p. 2).

“descoberta”, tão propalada por Belmiro Braga em suas narrativas, como uma espécie de “dívida de gratidão” de um mineiro do interior por um escritor já conhecido dos meios literários da capital. Ao invés disso, defendemos uma abordagem relacional, sensível à percepção da forma como ambos se construíram mutuamente ao longo do tempo.

Por fim, vale ressaltar que, se por um lado, B. B. foi projetado por Sales, por outro lado, também é verdade que o “trovador de Vargem Grande” exerceria profícuo papel na vida do cearense quando de seu retorno definitivo à terra natal em 1918, fosse para mantê-lo atualizado das notícias do Sudeste, fosse para não deixar seu nome cair no esquecimento, quando o “discípulo” se torna tão ou mais conhecido do que o “mestre”.

## 2.5 O primeiro livro de Belmiro Braga: um “poeta de voo curto”?

Em *Dias Idos e Vividos*, B. B. rememora as circunstâncias que o teriam levado a publicar seu primeiro livro, *Montezinas*, em 1902. O autor declara que, certo domingo de manhã, em Cotegipe, “quando a loja regurgitava de fregueses”, um senhor desconhecido o procurava. Era um português que passava pelo Brasil fazendo propaganda de uma casa editora portuguesa, propondo-lhe que publicasse seu livro. Tão logo aceitando a proposta, Belmiro Braga solicitou a Antônio Sales que lhe desse o título e a Batista Martins que lhe fizesse o prefácio.

Segundo B. B., entre a aceitação da proposta e a chegada dos exemplares ao Brasil, teria transcorrido apenas cinco meses: “Isto foi nos últimos dias de setembro; nos primeiros de fevereiro, como agente de correio, abrindo a mala da correspondência, arranco do seu fundo dois volumes registrados. Eram dez exemplares do meu livro *Montezinas*.”<sup>197</sup>

Em 1900, o poeta enfatizara na imprensa que, apesar de a obra já possuir título e prefácio, ela não apareceria “em breve”.<sup>198</sup> Deparamo-nos, portanto, com uma divergência de informação: se a primeira edição do livro data de 1902, o intervalo temporal entre a negociação com a editora (incluindo a solicitação de título e prefácio) e a chegada dos exemplares às suas mãos não pode ter sido tão rápida como relatou. O equívoco não é novidade, considerando que já mencionamos anteriormente que o próprio Belmiro Braga revelou ter trocado diversas datas em seu livro de memórias. Mas vamos ao que nos interessa de fato.

<sup>197</sup> BRAGA, Belmiro. Meu livro. In: \_\_\_\_\_. *Dias Idos e Vividos*. Rio de Janeiro: Ariel, 1936. p. 230.

<sup>198</sup> BRAGA, Belmiro. Letras sem valor. *O Pharol*, Juiz de Fora, 23/03/1900, p. 1.

*Montezinas* foi editado pelo *Jornal do Comércio* de Juiz de Fora, mas impresso na Tipografia Universal do Porto, de Antonio Figueirinhas, em Portugal.<sup>199</sup> Como já é sabido pela história do livro e da imprensa no Brasil, era muito comum nessa época a publicação de obras de brasileiros por editoras portuguesas. Brito Broca destaca que os literatos brasileiros, nesse período, enfrentavam grande dificuldade para conseguir editores nacionais interessados em publicar seus trabalhos em livro, o que “levava muitos deles, principalmente os novos, a apelar para os editores de Portugal”. De acordo com Brito, o número de obras de autores brasileiros lá editadas, entre 1890 a 1910, é bem significativo. Muitos desses autores, inclusive, cediam-lhes os manuscritos gratuitamente, “só pelo prazer de vê-los publicados”, como foi o caso de Lima Barreto em 1907, com os originais de *Recordações do escrívão Isaiás Caminha*. Coelho Neto, por sua vez, sendo “o mais fecundo dos escritores brasileiros”, tornou a *Livraria Chardron*, do Porto, quase uma exclusividade sua. Não obstante o significativo fluxo de impressões brasileiras em terras lusitanas, Brito afirma que eram poucos os portugueses que se interessavam por elas. Era no Brasil que a maioria dos exemplares circulava.<sup>200</sup>

Quanto ao título e ao prefácio, as escolhas nos parecem longe de serem fortuitas. Ambos atuam como “paratextos”, ou seja, “elementos que circundam e sustentam o chamado texto principal”, estabelecendo “critérios de recepção e leitura”.<sup>201</sup> A função do título é despertar interesse imediato no leitor, atuando como “signo precursor do texto” e condensador de sua “massa extensa e compacta”.<sup>202</sup> O prefácio também exerce papel fundamental na mediação entre o texto e o leitor, “oferecendo a este as chaves de leitura para determinada interpretação da obra publicada”. Nesse sentido, o prefaciador, ao tentar decifrar o texto, acaba lhe imputando novos significados.<sup>203</sup>

<sup>199</sup> FUNDAÇÃO CULTURAL ALFREDO FERREIRA LAGE; NÓBREGA, Dormevilly (coord.). *Prosadores – Juiz de Fora* (coletânea volume 1). Juiz de Fora: Funalfa, 1982. p. 51. As informações de edição e impressão estão disponíveis na própria primeira edição do livro *Montezinas*.

<sup>200</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 203 e 340. Tânia Bessone, por sua vez, demonstra em suas pesquisas a hegemonia da França nesse mercado de impressões ao longo do século XIX. Devido às melhores condições de preço final oferecidas pelos franceses, estes formaram um mercado especializado em atender às demandas de impressões de editores e livreiros brasileiros. Até pelo menos 1909, Francisco Alves ampliou suas vendas de livros didáticos através da manutenção dos negócios de impressão na França. Fonte: FERREIRA, Tânia Tavares Bessone da Cruz. *Comércio de livros: livreiros, livraria e impressos*. Disponível em: [https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/17976/FCRB\\_Escritos\\_5\\_3\\_Tania\\_Bessone.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/17976/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 25 jan. 2024.

<sup>201</sup> ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 91.

<sup>202</sup> MUZZI apud ARAÚJO, Maria Marta. *Com quantos tolos se faz uma República...*, p. 91.

<sup>203</sup> FARIA FILHO, Luciano Mendes de. *Editores, sociabilidades intelectuais e mediação cultural: a ação dos prefaciadores na publicação das obras completas de Rui Barbosa*. In: GOMES, Angela

A escolha de Antonio Sales e Baptista Martins nos parece ainda menos fortuita. O primeiro, por já ser considerado seu “padrinho” literário; o segundo, por também fazer parte de sua seleta lista de contatos. Em agosto de 1901, anunciando para “breve” a publicação de Montezinas, *O Pharol* considerava o título “sugestivo” e alimentava certa expectativa nos leitores quanto ao prefácio que estava “em poder de Belmiro Braga”. O jornal, além de chamar o prefácio de “consciencioso”, qualificava o prefaciador como “nome literário de muito valor”.<sup>204</sup>

Sales considerava Baptista Martins um “publicista de rara competência e notável cultor do direito”.<sup>205</sup> Como vimos anteriormente, ambos eram amigos e co-responsáveis por projetar o nome de Augusto de Lima para além de Minas Gerais. *O Pharol*, não raramente, também enaltecia a atuação de Martins na imprensa e na política, destacando a sua “ilustração jurídica e literária”<sup>206</sup> e as qualidades de “eminente publicista”. Em janeiro de 1902, era o próprio Belmiro Braga que o homenageava com a publicação de um poema na *Gazeta de Notícias* (RJ):

Belmiro Braga publicou ontem na *Gazeta de Notícias* uma formosa poesia, *Ninho em Ruínas*, oferecida ao seu amigo e eminente publicista, Dr. Baptista Martins. Parabéns a um e outro: ao Belmiro porque já surgiu na rua do Ouvidor, e ao Dr. Martins pelo delicado presente que recebeu.<sup>207</sup> (Grifos nossos.)

Essa nota jornalística nos fornece dois elementos importantes para reflexão: em primeiro lugar, ao enfatizar a publicação de um poema de Belmiro Braga em um dos jornais de maior circulação nesse período, evidencia-se um investimento no “capital simbólico” do literato e, por conseguinte, do próprio jornal *O Pharol*, que o tinha na lista de seus colaboradores. Esse fato, como se pode observar, era interpretado como início da inserção do “trovador de Vargem Grande” nos grupos da rua do Ouvidor – o “beco da consagração”, segundo Juracy. Em segundo lugar, podemos aventar a possibilidade de essa homenagem a Batista Martins ser interpretada como retribuição pelo prefácio de *Montezinas*.<sup>208</sup>

---

Maria de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 370.

<sup>204</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 08/08/1901, p. 1-2.

<sup>205</sup> SALES, Antônio. Minas Literária. *Diário de Pernambuco*, Recife, 27/04/1906, p. 1.

<sup>206</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 05/09/1903, p. 1.

<sup>207</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 22/01/1902, p. 1.

<sup>208</sup> O jornal *O Pharol*, de 03/06/1906, p. 1, informa que, por ocasião da morte de Martins em 1906, Belmiro Braga teria sido o autor do “ofício de pêsames à viúva do escritor”.

“Ninho em Ruínas”, escrito em 1901, sintetiza o estilo de poemas belmirianos publicados em *Montezinas*. Com nítida influência do romantismo, o poema traz como tema as memórias afetivas evocadas por uma casa abandonada, em ruínas (“tapera”), situada à beira de uma estrada. O eu-lírico, projetando um olhar idealizado e nostálgico para o passado, descreve com profundo lirismo as plantas silvestres invadindo e dominando o ambiente outrora domesticado e habitado por um casal que ali vivera como em um “ninho de amor”. Vencido e apagado paulatinamente pela força da natureza rude, o espaço se transforma em tristeza metaforizada pelo vento noturno que entra pelas “frestas”, emitindo um som análogo ao “choro”. O poema, com toda a sua lírica romântica, apresenta características pelas quais o presenteado se afeiçoava. Mas, afinal, a que características estamos nos referindo?

Primeiramente, destacamos a ausência de um culto deliberado à morte. O eu-lírico, apesar de inconformado com a passagem do tempo e sua ação demolidora sobre a matéria que serve de suporte às memórias, descreve a vida renascendo da sepultura e ressurgindo da própria morte. Em segundo lugar, o poema não se circunscreve a grandes fantasias, abstrações e elucubrações, mas trata de sensações, sentimentos e emoções em franca conexão com o real.

Tais características eram muito caras ao gosto literário de Batista Martins, um profundo crítico dos parnasianos e simbolistas na imprensa periódica. No prefácio de *Montezinas*, sua postura não se mostrou diferente: o autor os chama de seguidores de “modismos nefastos” e dotados de “originalidade bizarra”, responsáveis por tentar afastar a poesia da beleza simples”, do “sentimento delicado” e da “sinceridade da expressão artística”. Nesse sentido, culpava Flaubert por reduzir a poesia a uma “justaposição mecânica de palavras radiosas”, que tinham por objetivo colocar-se “acima da humanidade”. Além de desprezar todo tipo de “inspiração das contingências reais” do cotidiano, os simbolistas, na sua perspectiva, transformavam a poesia em “nebulosidade impenetrável, onde só habita o sonho e o mistério” e o “arcaísmo lúgubre e infecundo”.

Em contraposição a essa vertente literária que considerava resultante da adulação dos brasileiros à intelectualidade francesa e suas “teorias demolidoras”, Martins enaltecia o autor de *Montezinas* como um dos poetas a quem a “sugestão das teorias em voga não logrou inspirar o desprezo pela beleza modesta e pelos sentimentos verdadeiros”. Para o prefaciador, Belmiro Braga “não hesita em confiar ao verso suas alegrias e mágoas, contando-as numa linguagem vigorosa, pura e suave”.<sup>209</sup>

---

<sup>209</sup> MARTINS, João Baptista. Prefácio. In: BRAGA, Belmiro. *Montezinas* (primeiros versos). Juiz de Fora; Porto: Jornal do Comércio; Tipografia Universal de Antonio Figueirinhas, 1902. p. 8-10.

Antonio Sales, seguindo pela mesma seara, mostrava-se profundo crítico dos modismos franceses e os culpava pela arrogância dos jovens literatos que se insurgiam contra os escritores brasileiros.<sup>210</sup> Em seus textos publicados na imprensa, o cearense nos deixa entrever uma interpretação do perfil literário belmiriano como dotado de “qualidades intrínsecas”, “naturais”, de “lírica suave”, “delicada” e “espontânea”.<sup>211</sup>

O prefácio de Martins e os comentários de Antonio Sales na imprensa parecem-nos fundantes de uma chave de interpretação da produção literária do ainda comerciante de Cotegipe. Vejamos, por exemplo, o que comentava um autor não identificado nas páginas de *O Pharol*: “Belmiro Braga, vivendo num lindo e pitoresco local, à beira d’água murmurosa do rio, entre o sempre viçoso de folhagens, soube conservar o seu espírito alheio à influência dos farriccocos”.<sup>212</sup> Seguindo argumentos semelhantes ao discurso de Martins no prefácio do livro, o texto apresenta B. B. como um poeta com características opostas às que condenava entre os “nefelibatas”. No lugar do “esnobismo”, o poeta simples, sereno, natural e espontâneo; ao invés da “mística”, a correspondência com a realidade e a busca de beleza na rusticidade da natureza campesina; e, em contraposição às “nevroses”, ao culto à morte e ao “luar branco das lousas tumulares”, o bom humor e a graça de espírito.<sup>213</sup>

Uma avaliação publicada por Alves Cerqueira em 1932 nos ajuda a compreender a perenidade dessa recepção da obra belmiriana:

[...] a linguagem de Belmiro é de uma simplicidade encantadora. Nenhum esforço, nenhuma fadiga ao ler os versos do poeta. Escreve como conversa; com toda a naturalidade. A leitura de suas obras deixa ver uns tantos regionalismos interessantes que devem se tornar úteis ao lexicógrafo, na colheita de brasileirismos. [...] Belmiro é o tipo perfeito do poeta nativo; a espontaneidade de sua poesia individualiza a naturalidade em todo o esplendor de sua simplicidade.<sup>214</sup> (Grifos nossos.)

Os termos “simplicidade”, “naturalidade”, “regionalismos”, “brasileirismos”, “poeta nativo” e “espontaneidade” não apenas são incansavelmente reiterados na maioria dos comentários publicados na imprensa regional e nacional desse período, como também entre os críticos literários que escreveram após a morte de Belmiro Braga.

<sup>210</sup> SALES, Antônio. Prosas Cariocas. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17/09/1903, p. 1. Esse mesmo texto também foi publicado em *O Pharol*, Juiz de Fora, 19/09/1903, p. 1.

<sup>211</sup> SALES, Antônio. O Poeta e o Homem. In: CERQUEIRA, Alves; SALES, Antônio. *Belmiro Braga*. Juiz de Fora: 1954. p. 33-35.

<sup>212</sup> “Farriccocos”, possivelmente, trata-se de um nome pejorativo atribuído aos simbolistas.

<sup>213</sup> Páginas. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30/06/1903, p. 1.

<sup>214</sup> CERQUEIRA, Alves. O Rouxinol Mineiro (do *Jornal do Comércio* do Rio, de 27-3-32). In: CERQUEIRA, Alves; SALES, Antônio. *Belmiro Braga*. Juiz de Fora: 1954. p. 27-28.



Além da escolha de um “padrinho” e de um prefaciador para o seu primeiro livro, Belmiro Braga lança mão de outro artifício fundamental: a utilização de dedicatórias para diversos nomes conhecidos nas letras, nas artes em geral e na política. Lá estão poemas dedicados a: Padre Correia de Almeida<sup>215</sup>, ainda vivo; Fernandes Figueira<sup>216</sup>; Joaquim Nogueira Jaguaribe<sup>217</sup> e sua esposa, Maria Luísa<sup>218</sup>; seus confrades das letras juiz-foranas, como Heitor Guimarães, Lindolpho Gomes, Estêvão de Oliveira, Brant Horta; alguns nomes consagrados das letras nacionais, como o seu maior ídolo, ainda vivo, Machado de Assis, Olavo Bilac, Arthur Azevedo e Augusto de Lima; o músico Francisco Valle (maestro); dentre outros. Vale destacar, ainda, nomes de destaque na política mineira, como Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, João Penido Filho, etc.

E, por fim, B. B. valeu-se da “ironia socrática”, um dos recursos linguísticos que se tornariam mais utilizados em sua carreira literária. Tão presente nos versos do padre-poeta Correia de Almeida, essa autorrepresentação reforçava as categorias de poeta “simples”, “espontâneo” e “singelo” com que foi qualificado por Antonio Sales e diversos críticos, e que perdurarão ao longo de toda a sua carreira literária como uma deliberada estratégia. No posfácio do livro, B. B. compara a sua autodeclarada “obscuridade literária” e seu anonimato à imagem de um morto carregado pelos amigos Baptista Martins, Antônio Sales, Heitor Guimarães e Fernandes Figueira.<sup>219</sup>

Persistindo nessa estratégia, afirmava que o livro não tinha menor poder de perenizar a homenagem prestada, como se a sua quase “insignificância” tornasse aquelas palavras inscrições em “areia movediça da praia”, suscetíveis a um rápido apagamento.<sup>220</sup> Mas o fato é que *Montezinas*, ao contrário do que afirmava Belmiro Braga com sua “ironia socrática”, fez significativo sucesso no meio literário, sendo amplamente difundido e comentado por diversos periódicos de alcances regional e nacional. O *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora, distribuindo exemplares como brindes aos seus assinantes, teria contribuído para o rápido esgotamento da edição.<sup>221</sup>

---

<sup>215</sup> BRAGA, Belmiro. *Montezinas* (primeiros versos). 1. ed. Juiz de Fora/ Porto: Edição do Jornal do Comércio/ Tipografia Universal de Antonio Figueirinhas, 1902. p. 45 e 157.

<sup>216</sup> Idem, p. 47.

<sup>217</sup> Idem, p. 207.

<sup>218</sup> Idem, p. 123.

<sup>219</sup> BRAGA, Belmiro. Post-facio. In: \_\_\_\_\_. *Montezinas* (primeiros versos). 1. ed. Juiz de Fora/ Porto: Edição do Jornal do Comércio/ Tipografia Universal de Antonio Figueirinhas, 1902.

<sup>220</sup> BRAGA, Belmiro. Post-facio. In: \_\_\_\_\_. *Montezinas* (primeiros versos). 1. ed. Juiz de Fora/ Porto: Edição do Jornal do Comércio/ Tipografia Universal de Antonio Figueirinhas, 1902.

<sup>221</sup> Belmiro Braga. *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/08/1910, p. 2.

A campanha prévia feita por Antonio Sales também foi decisiva no sentido de preparar o público leitor para receber o livro. Poucos meses antes de ser posto em circulação, o fundador da Padaria Espiritual já divulgava o perfil literário do autor na revista paulista *O Arquivo Ilustrado*: “[...] Com a publicação de seu primeiro livro em preparo – *Montezinas* – Belmiro Braga conquistará, eu o espero, um lugar invejável entre os novos poetas, não só de Minas como de todo o Brasil”. Enfatizando seus esforços para torná-lo conhecido no meio literário, afirmava: “Tenho concorrido conforme posso para torná-lo conhecido no nosso meio – um grande regozijo terei de ver o futuro poeta afirmar a pujança da intelectualidade mineira, da qual formo o mais elevado conceito.”<sup>222</sup> Nesse mesmo ano, o cearense também publicaria no jornal *A Ideia*, de Ouro Preto (MG), uma biografia resumida e um retrato do amigo.<sup>223</sup>

Os jornais juiz-foranos registravam com mais frequência as visitas de Belmiro Braga às redações na Rua Direita (atual Avenida Rio Branco), onde “palestrava” com os funcionários e demais colaboradores: “Está na cidade o nosso prezado amigo Belmiro Braga, que veio ontem palestrar um pouco aqui na redação”.<sup>224</sup> E, gradativamente, a imprensa regional também o citava como colaborador da imprensa carioca: “O n. 26 da *Universal*, que recebemos anteontem, traz um magnífico soneto de Belmiro Braga, que pouco a pouco vai entrando na imprensa.” A nota ainda completava em tom de humor: “Veja o Belmiro se não é melhor escrever versos e tratar de negócio do que estar a querer montar a cavalo no diploma...”<sup>225</sup>

Em 1903, B. B. colaboraria com *A Sul América*, junto com outros nomes da cena literária carioca, como José Veríssimo. Esse periódico atuava como veículo de propaganda e reclame do Rio de Janeiro, sendo distribuído gratuitamente para todo o país, durante duas ou três vezes por semana, com uma tiragem de 50.000 a 100.000 exemplares.<sup>226</sup>

O crescimento dessas participações de Belmiro Braga no universo das letras a partir de 1902, portanto, sinaliza para o “alavancar” do processo de popularização de seu nome após a publicação da primeira obra, demonstrando o poder de consagração que os livros tinham em uma república ainda marcada por elevados índices de analfabetismo. Como nos lembra Sérgio

<sup>222</sup> SALES, Antonio. Poetas Mineiros. In: *O Arquivo Ilustrado*, São Paulo, ano 4, n. 31, 1902, p. 235.

<sup>223</sup> Não tivemos acesso ao exemplar desse periódico, mas apenas à nota que o jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora, publicou sobre ele. Fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 18/03/1902, p. 1.

<sup>224</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 11/03/1902, p. 2.

<sup>225</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/02/1902, p. 2.

<sup>226</sup> Não tivemos acesso ao periódico *A Sul América*, mas apenas à nota informativa publicada na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 09/01/1903, p. 4.

Buarque de Holanda, no clássico *Raízes do Brasil*: “O amor bizantino dos livros pareceu, muitas vezes, penhor de sabedoria e indício de superioridade mental, assim como o anel de grau ou a carta de bacharel”.<sup>227</sup>

Por força das circunstâncias, o anel de grau e a carta de bacharel Belmiro não os teve. Apesar de se posicionar publicamente como crítico ao bacharelismo, não deixou de lamentar essa lacuna em diversos momentos de sua vida. Contudo, não há dúvidas de que a publicação de *Montezinas*, acompanhada das estratégias para sua divulgação, que consistiram na mobilização de uma densa rede de sociabilidades, reverteu-se positivamente na ampliação de seu “capital simbólico” na “República das Letras”.

Até mesmo José Veríssimo, que, nessa ocasião, escrevia o quinto volume da série *Estudos de Literatura Brasileira*, publicado em 1905 por H. Garnier, não deixou de traçar algumas considerações sobre a obra. Na seção *Alguns livros de 1902*, dedicou a *Montezinas* e a Belmiro Braga quase duas páginas de considerações críticas, nas quais elencou alguns pontos que valem ser observados aqui: primeiramente, considerou *Montezinas* um “copioso volume”, o que, além de lhe parecer exagerado para um estreante, demonstrava certa falta de rigor e critério na seleção dos versos: “Para que eu pudesse receber o seu livro com os elogios sem restrições que ele por muitas qualidades merece, fora preciso que a escolha do poeta fosse mais rigorosa, mais severa, e que da sua copiosa produção não desse senão a metade. E já era bastante. Há muita coisa inferior nesses seus numerosos poemas”.

Em segundo lugar, apesar de considerar a literatura poética brasileira uma das mais ricas e não acreditasse na morte desse gênero, alertou para o arrefecimento do interesse dos leitores pela poesia, o que lhe parecia um argumento plausível para um maior nível de exigência dos poetas quanto à seleção de seus repertórios.

Por fim, o crítico elogiava o “trovador de Vargem Grande” por suas qualidades de escritor “espontâneo”, “simples sem rebusca”, “natural”, “agradável”, “encantador”, “belo” e de “canto por vezes monótono [e “melancólico”], como o dos nossos trovadores, a cuja linguagem ele pertence”. Essas características, embora não deixassem de ser vistas como qualidades do poeta, eram consideradas por Veríssimo um forte risco de condenação a um “voo curto”: “[...] o Sr. Belmiro Braga é um poeta espontâneo, simples, natural, e, como todos os dessa espécie, de voo curto”.<sup>228</sup>

\*\*\*

<sup>227</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 163.

<sup>228</sup> VERÍSSIMO, José. *Alguns livros de 1902*. In: \_\_\_\_\_. *Estudos de Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1905. Série 5. p. 195-198.

Encerramos esse capítulo com o seguinte questionamento: Belmiro Braga, sendo qualificado como “ingênuo” pela crítica desde o início de sua projeção literária, estaria condenado a se tornar, de fato, um “poeta de voo curto”?

A avaliação crítica de Veríssimo não parece ter sido respondida por Belmiro Braga publicamente. Acreditamos que, assim como o “velho amigo” Padre Correia de Almeida, B. B. parecia mais interessado na divulgação de seu nome e de sua produção na imprensa do que propriamente na busca de uma boa aceitação pela crítica mais especializada dentro do campo literário.

Pierre Bourdieu não considera “ingênuo” sinônimo de “inocente”. Para ele, “ingênuo” é aquele que é “estranho ao campo de produção cultural”, que tem simplicidade de estilo, mantém uma saudável segurança de sua argumentação e ingenuidade de suas referências. Em suma, “ingênuo” é o nome que o próprio campo atribui aos que produzem a chamada “arte bruta”, “natural”, “não cultivada”, que ignoram a lógica do jogo dentro do campo, bem como a história do campo e tudo que ela engendrou. Esse tipo de arte, segundo o teórico, apenas despertaria fascínio dentro do campo quando um “descobridor altamente cultivado” se esforça para esquecer essa regra e investe no convencimento de que essa expressão artística configura uma das formas supremas da liberdade criadora, surgida de um dom da natureza.<sup>229</sup>

Se, por um lado, Antonio Sales e Batista Martins consideravam como ponto alto da produção poética belmiriana o fato de ser ela produto da expressão de um talento “natural”, por outro, na visão de Veríssimo, esse mesmo caráter “natural”, talvez por distanciar-se das regras do “cultivo” do campo literário, acabaria se tornando tão efêmero quanto a passagem de um cometa.

Entretanto, entendemos que o literato não recebeu passivamente essa qualificação de “ingênuo”, “natural”, “espontâneo” e “puro”, mas investiu nela a seu próprio favor como estratégia de manutenção no universo das letras. Diante das brechas de um campo literário sem autonomia, de contornos indefinidos e incipientes, B. B. parece ter construído uma persona que o esquivava da crítica especializada e demolidora, ao mesmo tempo em que se mantinha em alta diante de seus públicos leitores. Além disso, transformava as condições materiais que o impossibilitavam de sobreviver exclusivamente através da literatura em matéria-prima para a construção de uma persona que se pautava, entre outras coisas, na habilidade de conciliar os versos com os vários ofícios que exercia.

---

<sup>229</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, ?. p. 273 e 278.

Mantendo a sua persona de “ingênuo”, Belmiro Braga ratificaria o comentário de Batista Martins no prefácio de *Montezinas*, de que teria sido justamente essa característica a responsável por afastá-lo do princípio da arte pela arte, possibilitando-lhe, assim, imprimir emoções e sensibilidades “puras”, “naturais” e “espontâneas” em seus escritos. O que, de acordo com a perspectiva de Martins e Antonio Sales, estaria mais próximo da brasilidade literária. O adjetivo “ingênuo”, nesse momento, parece sinônimo de genuíno representante de uma brasilidade buscada nas incursões pelo interior do país. Basta lembrarmos, por exemplo, da proposta de Antonio Sales e seus confrades na Padaria Espiritual, que consistia em buscar um “cancioneiro popular” no Estado do Ceará.

Costa Filho, em sua dissertação de mestrado, considera que esse modelo de cultura popular que almejavam os “padeiros” não passou de utopia, romantização e folclorização. Na prática, a suposta “pureza” cultural se traduzia na submissão dos valores autóctones ao ideal de civilização eurocêntrica. Além disso, diversos padeiros se enveredaram pela seara do criticado simbolismo, que, segundo Sânzio de Azevedo, chegou ao Ceará justamente no seio da Padaria Espiritual.<sup>230</sup>

Se, a nível de discurso, a produção poética de Belmiro Braga era classificada como uma “pedra preciosa” produzida pela natureza de um mineiro “montesino”, na prática, essa “pedra” não deixou de ser lapidada por mãos consideradas mais cultivadas no artifício poético. Afinal de contas, vale relembrar a seguinte declaração do próprio Sales: “Mais velho que ele no ofício, fiz alguns reparos, dei alguns conselhos, condenei certas peças, usando francamente das atribuições de censor que me conferia o poeta, batizei o futuro livro e no primeiro ensejo, proclamei na imprensa do Rio o nome do recenado filho das musas.”<sup>231</sup>

Sales, como se vê, ao invés de lançar os holofotes sobre o poeta em “estado bruto”, dedica-se antes ao seu aperfeiçoamento como intelectual artista, contribuindo para “melhor” ajustá-lo aos valores estéticos estabelecidos. Segundo Carlos Filho, a mesma preocupação beletrística de Sales pode ser identificada no prefácio que escreveu para o livro *Contos do Ceará*, de autoria de Eduardo Saboya.<sup>232</sup>

Longe de descobrir o “poeta montesino”, Sales participou, juntamente com Batista Martins, de seu processo de construção, corrigindo-lhe os versos, batizando seu livro, inserindo-o nas rodas literárias nacionais e contribuindo para a recepção de sua produção a

<sup>230</sup> COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*..., p. 85-90.

<sup>231</sup> SALES, Antonio. O João de Deus Mineiro. In: *Diário de Pernambuco*, Recife, 07/08/1911, p. 1.

<sup>232</sup> COSTA FILHO, Cícero João da. *Padaria Espiritual: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898)*..., p. 85.

partir de determinadas chaves de leitura amplamente divulgadas em comentários na imprensa. Isso não significa, é claro, que o poeta tenha sido levado a engajar-se em algum programa, escola ou corrente literária específica.

Muito pelo contrário: a exemplo do que afirma Leandro Garcia Rodrigues acerca do poeta Raul de Leoni, considero Belmiro Braga um poeta não “encarcerado em etiquetas definitórias”, mas que “transita” em diferentes linguagens e faz uso da ideia de entre-lugar”. Isso apenas se torna possível, é claro, se não ignorarmos a noção de “hibridismos”, que consiste em considerar as diversas possibilidades experimentadas pelo literato, através de publicações em diferentes correntes e de apropriações de múltiplos estilos e expressões artísticas numa mesma época, e não apenas em momentos diferentes de sua trajetória.<sup>233</sup> É possível encontrar, por exemplo, tendências simbolistas e parnasianas em poemas que compõem o mesmo livro de B. B.

O hibridismo de estilos e correntes nas perspectivas sincrônica e diacrônica, no entanto, parece conviver com a perene manutenção de uma postura performática, de uma persona de poeta “ingênuo”, “simples”, “espontâneo” e “natural”. Assim o poeta foi e se fez representado ao longo de toda a sua trajetória literária e após a sua morte, eclipsando as múltiplas facetas que possuía. É o que abordaremos nos próximos capítulos.

---

<sup>233</sup> RODRIGUES, Leandro Garcia. *Raul de Leoni: inéditos e dispersos*. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2021. p. 14-17.

### 3 UM “MEDIADOR CULTURAL” NA “ATENAS MINEIRA”

Após abordarmos os primórdios da trajetória de Belmiro Braga e seus incipientes passos no processo de inserção, atuação e reconhecimento no universo das letras, abordaremos nesse capítulo seu lugar de atuação no cenário das letras juiz-foranas e mineiras no primeiro decênio do século XX. Nesse momento em que Belmiro Braga dá início ao aprofundamento de sua inserção no núcleo urbano de Juiz de Fora, esta era ainda uma “jovem” cidade que avançava fortemente na industrialização e no comércio, através, sobretudo, do capital advindo da cafeicultura e da recém-abolida escravidão.

Apesar de ter perdido para Belo Horizonte, no final do século XIX, a disputa pelo posto de capital do estado, Juiz de Fora se mostrava, de fato, imersa em um processo de modernização patrocinado por industriais, comerciantes e fazendeiros. Há de convir que, nesse momento, a movimentação cultural da cidade não tivesse sido um fenômeno meramente espontâneo, mas um projeto que envolvia a remodelação de ruas, construção de instituições e equipamentos logísticos, visando ao crescimento ordenado do espaço urbano e de sua população. Portanto, fazia parte desse projeto uma “missão civilizadora” que estivesse em consonância com parâmetros eurocêntricos.<sup>234</sup>

Dotada de caráter amplo, essa “missão” abrangia as mais diferentes esferas da vida social, como códigos de posturas, a vigilância do comportamento cotidiano das pessoas nas ruas, o estímulo ao desenvolvimento das diferentes formas de produção e consumo de produtos culturais, a organização da vida intelectual, as práticas de ensino e escolarização, as experiências religiosas, a redefinição do “genuinamente nacional” e do regional em face do nacional, etc.

A exemplo das metáforas de “legisladores” e “jardineiros” utilizadas por Bauman para se referir ao papel dos intelectuais nas cidades modernas<sup>235</sup>, Belmiro Braga passou a integrar um grupo de letrados envolvidos, direta e indiretamente, nos projetos reformadores e modernizadores para Juiz de Fora nesse momento. Com isso, aproveitava a oportunidade para ascender socialmente através das letras, assim como fizeram outros contemporâneos. Foi exatamente nesse primeiro decênio do século XX que o literato, além de se tornar cronista da cidade, publicou dois livros (*Montezinas*, em 1902, e *Cantos e Contos*, em 1906), assumiu o cargo de tabelião, transferiu sua residência da periferia (distrito de Cotegipe) para a sede do

<sup>234</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos pobres...*, p. 12.

<sup>235</sup> BAUMANN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

município, passou a exercer o cargo de inspetor de ensino nos níveis municipal e estadual, tornou-se teatrólogo/ comediógrafo e participou da fundação da Academia Mineira de Letras.

Se, por um lado, Belmiro Braga se integra ao esforço coletivo das elites letradas locais de construir a imagem de uma cidade regida pelas leis do progresso, da modernidade e da civilização europeia, por outro lado, não se furta a registrar por meio de sua produção literária, os estranhamentos e incômodos suscitados por um espaço que, a despeito dos epítetos gloriosos que lhe atribuíam na imprensa – “Manchester Mineira”, “Atenas Mineira” e “Princesa de Minas” –, estava repleto de problemas de infraestrutura, formas de dominação oriundas de uma recalcitrante ideologia senhorial, alto índice de analfabetismo, desigualdades sociais, como ex-cativos abandonados à própria sorte no pós-abolição, imigrantes e operários em péssimas condições de sobrevivência, etc.

Como quase todo processo de transição, as relações entre o rural e o urbano, entre o trabalho escravizado e o livre, entre os ditos modos de vida “grotesco” e os hábitos “civilizados” não se deram de maneira harmônica e em conformidade com os desejos de ordenamento e organização. Além de constituírem camadas pouco sedimentadas e com fronteiras muito tênues, esses “universos” sociais com temporalidades distintas se chocavam, suscitando “ruídos”, contradições, ambiguidades e/ou conflitos.

Em suas produções literárias, Belmiro Braga não apenas se ocupa de construir um conjunto de representações de uma “cidade imaginária” forjada por parcelas do universo letrado, mas também expõe algumas “fraturas” desse discurso hegemônico, mesmo quando destila julgamentos preconceituosos típicos dos homens de seu tempo – sobretudo quanto às questões de classe, cor e gênero. Através de leituras em contrapelo, buscaremos em seus textos essas “fraturas” que nos deixam entrever uma cidade híbrida e complexa, atravessada por problemas reais.

### **3.1 “Tabelião-poeta” ou “poeta-tabelião”? De comerciante a tabelião na “cidade das letras”<sup>236</sup>**

Em 1903, Belmiro Braga assume o posto de tabelião de 2º Ofício na sede do município de Juiz de Fora, apesar de continuar conciliando o cargo com as atividades comerciais em Cotegipe, onde continuou residindo até 1904. Não se sabe como se deram as negociações políticas que o levaram a assumir o tabelionato. Sabe-se que sua nomeação

<sup>236</sup> O termo “cidade das letras” é uma alusão ao título do clássico ensaio de Angel Rama: RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Tradução de Emir Sader. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.



ocorreu em São Domingos do Prata<sup>237</sup> e que, durante sua estada nessa região, não teria perdido a oportunidade de se socializar com as elites locais. Em nota prosaica publicada após o retorno do literato a Juiz de Fora, *O Pharol* não deixa de estabelecer uma irreverente associação do recém-nomeado tabelião com os versos:

Chegou ontem de São Domingos do Prata, e por sinal cativo das atenções que lhe dispensou o padre João Pio, o Sr. Tabelião Belmiro Braga. Veio barbado e, tadinho, vítima dos passeios a cavalo. Em São Domingos do Prata, onde há muito boa gente e muito cobre, o sr. Tabelião fez versos, e se não tocou violão foi por modéstia.<sup>238</sup> (Grifos do autor)

Empossado no cargo, Belmiro Braga passaria a trabalhar no cartório localizado no andar inferior do Fórum Barbosa Lima, ao lado do Parque Halfeld, onde até hoje se encontra instalada a Câmara Municipal de Vereadores de Juiz de Fora.<sup>239</sup> O oficial de registro do cartório era Álvaro Salles<sup>240</sup>, a respeito do qual pouco se tem informações. Sabe-se apenas que este era irmão do influente Francisco Antonio de Salles (1864-1933), que nasceu em Lavras, formou-se em direito pela Faculdade de São Paulo, militou no Partido Republicano Mineiro, assumiu os cargos de presidente do Estado de Minas Gerais, deputado estadual/federal, ministro da Fazenda e senador.<sup>241</sup>

Ademais, sabe-se que Álvaro e Belmiro Braga frequentariam, a partir de então, diversos espaços de sociabilidade em Juiz de Fora. Estarão juntos na inauguração do *Cinema Pharol*, em 1910<sup>242</sup>; no banquete de despedida de Canuto de Figueiredo, no *Hotel Rio de Janeiro*, em 1911, ao lado de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada e de outros<sup>243</sup>; e na visita ao

<sup>237</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 19/09/1903, p. 1; 26/09/1903, p. 1.

<sup>238</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/09/1903, p. 1.

<sup>239</sup> Em matéria publicada no jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora, sobre o Fórum Barbosa Lima, Albino Esteves, contemporâneo de Belmiro Braga nas letras juiz-foranas, afirma: “[...] No andar inferior do Fórum funcionam cartórios e coletorias diversas, entregues ao zelo e à competência dos senhores major Ignacio Gama, Belmiro Braga, coronel João Chrisóstomo P. Barbosa, Herculano Gonçalves, comendador João Vieira de Azeredo Coutinho, tenente Fernando Ribeiro, tenente João Alves e dr. Ambrósio Braga. Ver: ESTEVES, Albino. Juiz de Fora (VII). *O Pharol*, Juiz de Fora, 20/05/1909, p. 1.

<sup>240</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 14/04/1904, p. 1. Nessa edição do jornal, encontra-se a informação de que Álvaro Sales era irmão de Francisco Antônio de Salles ou Francisco Sales.

<sup>241</sup> Para saber mais informações sobre a trajetória política de Francisco Salles, ler o seguinte verbete disponível no site do CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/SALES,%20Francisco.pdf>. Acesso em: 29/08/2021. Em 1916, de posse do cargo de senador, Francisco Salles visita Juiz de Fora, onde hospedou-se no *Hotel Renaissance*, recebendo muitas visitas das elites locais e percorrendo de carro a parte central da cidade. (Fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/02/1916, p. 1).

<sup>242</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 30/01/1910, p. 1.

<sup>243</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/01/1911, p. 1.

então secretário do Interior de Minas Gerais, Delphim Moreira, no *Hotel Renaissance*, em 1911.<sup>244</sup>

Figura 5 - Fórum Barbosa Lima, localizado ao lado do Parque Halfeld, em Juiz de Fora (MG).



Fonte: Arquivo Fotográfico da Fundação Museu Mariano Procópio.

Figura 6 – *Hotel Renaissance*, Juiz de Fora (MG), no início do século XX.



Fonte: Arquivo Fotográfico da Fundação Museu Mariano Procópio.

Ambos também frequentavam a *Liga Mineira Contra a Tuberculose*, onde receberam o título de “sócios protetores” por prestarem serviços gratuitos de escrituração de um imóvel localizado no “arraial da Grama”, doado, em 1905, por Carolina Bello de Siqueira, à referida instituição filantrópica, com o objetivo de construir naquele espaço um sanatório destinado ao isolamento e tratamento dos tuberculosos. Essa atitude do tabelião e do oficial de registro se

<sup>244</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/03/1911, p. 1.

tornou fonte de deferência para ambos, que foram enaltecidos na imprensa pelo presidente e membro fundador da *Liga*, o médico Eduardo de Menezes.<sup>245</sup>

O novo cargo representava, naquele momento, nítida ascensão social na trajetória do escritor. Como nos lembra Angel Rama, em seu clássico ensaio *A cidade das letras*, o exercício da faculdade escriturária era bastante pujante na história das cidades latino-americanas. Os “escrivães, fazedores de contratos e testamentos”, além de disporem da autoridade que “transmitia a legitimidade da propriedade” e se mostrarem indispensáveis à “obtenção ou conservação dos bens”, utilizavam “modos linguísticos canônicos que se mantinham invariáveis durante séculos”. Estes profissionais, mesmo quando não chegavam a altos postos na burocracia estatal, eram investidos do privilégio de integrar o “grupo dos letrados”, a quem estava atribuída a missão de manter a ordem social através do utópico desejo de precedência dos símbolos e das letras sobre a organização do mundo social. Para tanto, era necessário que tivessem uma percepção do todo da cidade em que estavam inseridos, dominando, sobretudo, a retórica e a oratória como “instrumentos indispensáveis de ação”. O mesmo acontecia com os médicos, que eram “frequentemente mais treinados nas artes literárias do que na anatomia ou na fisiologia humanas”.<sup>246</sup>

Se, normalmente, era a linguagem bacharelesca e rebuscada que predominava entre os tabeliães como forma de distinção social, no caso de Belmiro Braga, nota-se forte preocupação com a utilização de uma retórica anti-bacharelesca, pautada em falas e escritas acessíveis a interlocutores mais amplos possíveis. Era dessa forma que o comerciante, tabelião e poeta agia e preferia se autorrepresentar, deixando transparecer uma tênue relação entre a “língua pública e de aparato” (considerada oficial) e a “língua popular e cotidiana”, associada ao “alvorço, à informalidade, à torpeza e à invenção incessante da fala popular, cuja liberdade era identificada com corrupção, ignorância e barbarismo”.<sup>247</sup> Situado entre a rigidez da língua pública oficial utilizada no cartório e a dinamicidade da língua popular, B.B. concebia essa posição intermediária como a mais apropriada ao seu papel de mediador entre esses dois “mundos”.

Uma passagem de seu livro de memórias, *Dias Idos e Vividos* (1936), ajuda-nos a demonstrar esse perfil. Nela, B. B. asseverava que “todo moço, antes de matricular-se em qualquer escola superior, deveria passar, pelo menos um ano, por um balcão do interior”,

---

<sup>245</sup> MENEZES, Eduardo de. Liga Mineira Contra a Tuberculose. *O Pharol*, Juiz de Fora, 07/09/1905, p. 1.

<sup>246</sup> RAMA, Angel. *A cidade das letras...*, p. 55.

<sup>247</sup> RAMA, Angel. *A cidade das letras...*, p. 57.

justificando que era na convivência com o “povo” que se “aprendia muita coisa que, na vida prática, ser-lhe-ia de grande utilidade”. Para corroborar seu ponto de vista, relatava a experiência de um advogado, que teria perdido uma importante causa porque, “no interrogar as testemunhas, todas elas, gente sem preparo, não lhes apreendeu as respostas”.<sup>248</sup>

A ocupação do cargo de tabelião não prescindia de outras funções importantes demandadas pelo projeto de modernização de Juiz de Fora naquele momento. No bojo desse processo, era necessário que o município se articulasse com as elites letradas dos grandes centros. Nesse sentido, além de estimular a visita de escritores, artistas, políticos e autoridades consagrados, era preciso construir condições para recepcioná-los de maneira a propiciar a percepção e difusão de uma “boa imagem” da cidade.

Em uma sociedade cuja maioria era analfabeta, mas, ao mesmo tempo, notadamente reconhecida pelas várias instituições de ensino que possuía e pela dinamicidade de sua imprensa periódica, era preciso investir em estratégias de comunicação com públicos mais amplos, de modo a ampliar os potenciais consumidores de produtos culturais e tornar essas visitas mais acaloradas.

Tais visitas também possuíam sentido pedagógico, relacionando-se, direta ou indiretamente, à formação dos públicos: por um lado, rotinizando e ritualizando comportamentos compatíveis com os chamados preceitos “civilizatórios” pautados na perspectiva iluminista europeia; por outro lado, auxiliando na construção de senso patriótico, voltado à valorização dos feitos dos grandes personagens que contribuíam para o engrandecimento da nação. Para tanto, a arte era utilizada como recurso atrativo, sobretudo por meio de linguagens acessíveis e palatáveis a públicos heterogêneos.

Não por acaso, antes mesmo de se estabelecer no cargo, Belmiro Braga se tornava requisitado como responsável por recepcionar e homenagear as “visitas ilustres” que passavam por Juiz de Fora, como a de Santos Dumont, em 22 de setembro de 1903. Nessa ocasião, coincidentemente, o literato viajava para São Domingos do Prata (MG) para oficializar sua nomeação como tabelião. Contudo, fez-se representado simbolicamente, através de um poema exclusivamente redigido para o aviador e entregue por terceiros no momento da solenidade.

Os versos, publicados em *O Pharol*, intitulavam-se “Por ares nunca dantes navegados”, uma paródia da clássica epopeia camoniana (“Por mares nunca dantes

---

<sup>248</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 174.

navegados”), com o objetivo de enaltecer o pioneirismo do inventor brasileiro, mineiro, nascido na Mantiqueira:

Por ares nunca dantes navegados

Si tomaste, herói, de assalto,  
Os céus imensos de anil,  
Subiste muito mais alto  
No coração do Brasil.

Voltando, condor, ao ninho  
Que te digamos convém;  
Não subiste ao céu sozinho,  
Que o Brasil subiu também.

A inveja vil que apareça  
À nossa voz – nesse tom;  
Levantai, reis, a cabeça  
Si quiserdes ver Dumont!  
Tomamos por um acinte  
Quando a França chama a ti  
O filho do século vinte,  
Tendo tu nascido aqui.

Que outro país idolatre-o,  
Não o nosso; a França é má.  
Para ela não tens pátria  
Porque não nasceste lá.

Do mundo, queira ou não queira,  
Desmanharemos o ardil;  
Nascestes na Mantiqueira,  
Que é o coração do Brasil.

Quando transpõe, palinuro,  
O fluido espaço do ar,  
Vemos o nosso futuro  
No teu balão palpitar.

Que vale o nome na história  
Se o já tens no coração  
Do Brasil – que a sua glória  
Baloíça no teu balão?!  
Nossa pátria, oh! Maravilha!  
Viveu sob espesso véu,  
Mas surgiste e hoje brilha  
Entre as estrelas do céu!

Salve, Dumont! Dos espaços  
Desce, condor, por quem és!  
Não te trazemos abraços,  
Queremos beijar-te os pés!<sup>249</sup>

---

<sup>249</sup> BRAGA, Belmiro. Por ares nunca dantes navegados. *O Pharol*, Juiz de Fora, 23/09/1903, p. 1.

Salta aos olhos o teor nacionalista e patriótico dos referidos versos. Estes não apenas exaltam o convidado como também criticam os franceses e sua retórica cosmopolita, por meio da qual lhe parecia haver a intenção de esvair a nacionalidade brasileira do inventor, transformando-o em “filho do século XX”: “Para ela [a França] não tens pátria / Porque não nasceste lá”.

Como era de costume nas visitas de celebridades ao município, Santos Dumont foi recepcionado com muita festa: em meio a carros e ruas enfeitadas com flores, foi ovacionado pelo público; logo em seguida, subiu a rua Halfeld a pé, em direção ao fórum, onde foi homenageado em uma solenidade. À noite, participou de um banquete no salão do *Hotel Rio de Janeiro*, tendo ao seu lado, na mesa, os senhores João d’Ávila (à direita) e Gama Júnior (à esquerda), membros da comissão promotora dos festejos. Dumont visitou, ainda, a casa de Agenor Barbosa e, depois, descansou na residência de Domingos Custódio Guimarães. O poema de Belmiro Braga lhe foi entregue junto com um ramallete de flores: “Junto de cada conviva, além de ramallete de flores naturais, encontrava-se caprichosamente impressa a poesia de Belmiro Braga, e o cardápio que ontem publicamos”.<sup>250</sup>

A escolha de Belmiro Braga para esse momento celebrativo não foi fortuita. O poeta, além de nomeado a um cargo que lhe conferia certo *status*, já tinha seu primeiro livro publicado e com significativa repercussão na imprensa nacional. As portas da imprensa carioca, sobretudo as da *Gazeta de Notícias* e as das chamadas revistas ilustradas, estavam se abrindo gradativamente para o mineiro. Em 1903, por exemplo, acontece a sua estreia no universo das caricaturas cariocas através dos traços de Romano, na seção “Poetas e Águias”, do jornal *Tagarela* (RJ).

Nessa, que parece ter sido a primeira caricatura que fizeram do poeta, B. B. aparece representado com a lira nas mãos, seguida de um versinho assinado sob o pseudônimo “Biógrafo”, no qual é apresentado como “poeta da terra do Cesário Alvim”, um dos primeiros presidentes do Estado de Minas Gerais no início do regime republicano (1889-1890), conhecido por sua política conciliatória entre os grupos monarquistas e republicanos e por mediar a revogação do banimento de antigos chefes políticos no pós-Proclamação da República: “Poeta da terra do Cesário Alvim; / Tinhas por força aqui de figurar. / Nem podia **deixar de ser assim / Pois que deveras sabes versejar!**”.<sup>251</sup>

<sup>250</sup> BRAGA, Belmiro. Por ares nunca dantes navegados. *O Pharol*, Juiz de Fora, 23/09/1903, p. 1.

<sup>251</sup> *Tagarela*, Rio de Janeiro, 24/01/1903, p. 3. Sobre a política conciliatória de Cesário Alvim, ver: SCHWARCZ, Lília. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 81.

Figura 7 – Belmiro Braga representado por Romano na caricatura.



Fonte: *Tagarela*, Rio de Janeiro, 24/01/1903, p. 3.

Após agradecer a homenagem, B. B. publicaria os seguintes poemas no *Tagarela*<sup>252</sup>: “Cartas”<sup>253</sup>; “A uma viúva”<sup>254</sup>; “A Alguém”<sup>255</sup>; e “Sextilhas”. O penúltimo, dedicado ao caricaturista carioca Raul Pederneiras, com quem irá selar diversas parcerias nos palcos e nos periódicos cariocas na década de 1910. O último, “Sextilhas”, tornar-se-á uma de suas produções mais citadas e conhecidas, transformada, inclusive, em modinha musicada por Lorenzo Fernandez em 1923.<sup>256</sup>

Com o poder simbólico ampliado, não seria a primeira nem a última vez que Belmiro Braga seria convidado para recepcionar visitas de famosos e celebridades das letras, das artes e da política a Juiz de Fora. Cada vez mais, fixar residência na sede do município significava impulsionar seu *status* e capital social, aproximando-o ainda mais das elites letradas e das camadas médias urbanas em expansão. A proximidade do cartório em que trabalhava, da vida política e burocrático-administrativa da jovem urbe, das redações dos jornais, das instituições

<sup>252</sup> “De Belmiro Braga recebemos gentil carta de agradecimento pelo nosso ato de justiça na seção “Poetas e Águias”. *Tagarela*, Rio de Janeiro, 02/04/1903, p. 3.

<sup>253</sup> *Tagarela*, Rio de Janeiro, 02/04/1903, p. 8.

<sup>254</sup> *Tagarela*, Rio de Janeiro, 06/08/1903, p. 4.

<sup>255</sup> *Tagarela*, Rio de Janeiro, 23/12/1903, p. 7.

<sup>256</sup> BRAGA, Belmiro. Sextilhas (num cartão-postal). *Tagarela*, Rio de Janeiro, 15/12/1904, p. 14.

de ensino e do complexo cultural que se engendrava no município, facilitaria ainda mais a logística de seus afazeres cotidianos.

Muito provavelmente, foi essa a principal razão pela qual, em 1904, B. B. mudou-se para o Alto dos Passos, região da cidade que já era conhecida, à época, como o ponto nevrálgico ou o “coração” de Juiz de Fora, apesar de, progressivamente, a cidade apresentar tendências de desenvolvimento para o norte.<sup>257</sup> Albino Esteves, no *Álbum do Município de Juiz de Fora*, publicado em 1915, afirma que:

Há pouco mais de um século, pequenas indústrias, profissões liberais, representação religiosa, tudo enfim que constitui um povoado, se concentrava no Alto dos Passos. José Antonio da S. Pinto, mais tarde Barão de Bertioga, um nome quase esquecido, foi dos primeiros crentes no futuro de Juiz de Fora, dos primeiros a edificar e prestar concurso e animação às construções urbanas. Suas casas no Alto dos Passos alojaram juízes, advogado, escrivães, solicitadores, médicos, padres, farmácia, negociantes, açougueiros ou talhos.<sup>258</sup>

Ao ser nomeado tabelião de 2º ofício do município, Belmiro Braga se integrava espacialmente a esse ponto da cidade conhecido como área das elites dirigentes. De acordo com a percepção de Pedro Nava, em seu livro de memórias *Baú de Ossos*, havia uma espécie de gramática ou cartografia sócio-política que dividia a cidade entre as margens direita e esquerda da rua Halfeld:

A rua Halfeld desce como um rio, do morro do Imperador, e vai desaguar na Praça da Estação. Entre sua margem direita e o Alto dos Passos estão a Câmara; o Fórum; a Academia de Comércio, com seus padres; o Stella Matutina, com suas freiras; a Matriz, com suas irmandades; a Santa Casa de Misericórdia, com seus provedores; a Cadeia, com seus presos (testemunhas de Deus - contraste das virtudes do Justo) – toda uma estrutura social bem pensante e cafardenta que, se pudesse amordaçar a vida e suprimir o sexo, não ficaria satisfeita e trataria ainda, como na frase de Rui Barbosa, de forrar de lã o espaço e cair a natureza de ocre. [...]

Já a margem esquerda da rua Halfeld marcava o começo de uma cidade mais alegre, mais livre, mais despreocupada e mais revolucionária. O Juiz de Fora projetado no trecho da Rua Direita que se dirigia para as que conduziam a Mariano Procópio era, por força do que continha, naturalmente oposto e inconscientemente rebelde ao Alto dos Passos. Nele estavam o Parque Halfeld e o Largo do Riachuelo, onde a escuridão noturna e a solidão favoreciam a pouca vergonha.<sup>259</sup> (Grifos nossos.)

<sup>257</sup> ESTEVES, Albino; LAGE, Oscar Vidal Barbosa (orgs.). *Álbum do município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. p. 159-160.

<sup>258</sup> ESTEVES; LAGE (orgs.). *Álbum do município de Juiz de Fora...*, p. 159.

<sup>259</sup> NAVA, Pedro. *Baú de Ossos* (memórias 1). 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 20-21.



Apesar de Cotegipe já lhe ter oportunizado o contato direto com a linha férrea e com todas as comodidades que essa modernidade lhe oferecia, no sentido de facilitar a comunicação com diversas regiões do país, no Alto dos Passos, isso se potencializava. Lá, o literato e tabelião conviveria com escritores, jornalistas, editores, redações de jornais, ampliando seu capital social/ simbólico e sua interlocução com os espaços e redes de sociabilidade intelectual da “cidade das letras”.

A nova residência facilitava o recebimento de visitas de “notáveis” e “celebridades” dos grandes centros que passavam por Juiz de Fora. Foi esse o caso de Affonso Celso, filho do Visconde de Ouro Preto, que, em 1906, de passagem pela cidade, esteve em sua casa: “Acompanhado dos srs. Dr. Canuto de Figueiredo, dr. Duarte de Abreu e dr. José Mariano, deu-nos ontem a honra de sua visita o sr. dr. Affonso Celso, notável homem de letras e emérito orador. Na mesma ocasião, veio a esta redação o nosso estimado confrade Belmiro Braga, que teve também o prazer de receber, em sua residência, a visita do ilustre literato.”<sup>260</sup>

Essa deferência deve ser entendida como um projeto construído a médio prazo. Em 1904, Afonso Celso lhe enviara uma carta, tecendo elogios ao livro *Montezinas*.<sup>261</sup> E, em 1906, depois do lançamento do segundo livro do “trovador de Vargem Grande”, intitulado *Cantos e Contos*, e do recebimento de um exemplar autografado pelo autor, Afonso Celso lhe envia novos elogios por telegrama, os quais não passaram despercebidos pela imprensa da cidade – muito provavelmente, por iniciativa propagandística do próprio “agraciado”.<sup>262</sup>

Ainda em 1906, a revista *Renascença* publicou dois textos belmirianos.<sup>263</sup> E, em 1907, o poeta colaborou com o primeiro número da *Folhinha Mineira*, organizada por João Lustosa e Albino Esteves, na qual figuravam os retratos de Belmiro Braga e do médico e prefeito de Juiz de Fora, Duarte de Abreu.<sup>264</sup> Ambos os acontecimentos, como era de praxe, também foram noticiados na imprensa regional, o que nos deixa entrever um esforço de elevação não apenas do poder simbólico do poeta como também da própria imprensa regional que o referendava.

Com o novo ofício de tabelião, Belmiro Braga, ao mesmo tempo em que subia de posto na hierarquia social do município, adensava a sua imagem como uma figura múltipla. Não lhe sendo possível sobreviver exclusivamente das letras, como muitos escritores de seu

<sup>260</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 07/06/1906, p. 1.

<sup>261</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 10/04/1904, p. 1.

<sup>262</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 02/04/1906, p. 1.

<sup>263</sup> Segundo nota publicada no jornal *O Pharol*, Juiz de Fora, 01/04/1906.

<sup>264</sup> *Folhinha Mineira*. *O Pharol*, Juiz de Fora, 05/01/1907, p. 1.

tempo, equilibrava-se entre várias funções e papéis sociais. Ainda nesse primeiro decênio do século XX, e mais especificamente em 1906, assumiria os cargos de inspetor de ensino das esferas municipal e estadual. No âmbito das letras, além de poeta, atuou como cronista, conferencista e teatrólogo, transitando, concomitantemente, entre as verves lírica e satírica e apropriando-se de influências oriundas das mais variadas correntes literárias.

Em 1903, no mesmo ano em que assume o cartório, começa a colaborar semanalmente com a coluna *Aos Domingos*, sempre publicada na primeira página do *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora. A nova empreitada, por ele chamada de “pedras que me dão para carregar nas poucas horas de descanso”<sup>265</sup>, configurava a abertura de um espaço jornalístico significativo, no qual tecia comentários e narrativas que conformavam um repertório temático bastante eclético.

Não é novidade dizer que a produção cronística, nesse momento, encontrava-se em franco processo de crescimento no Brasil, a exemplo do que acontecia na Europa. Paulo Barreto, mais conhecido como “João do Rio”, trouxe como inovação o “casamento” da crônica com a reportagem, estimulando a saída do escritor de dentro do gabinete para as ruas, enfrentando os chamados “locais proibidos”.

Descontados os devidos exageros e caricaturizações dos autores, as crônicas representavam e rerepresentavam os múltiplos aspectos e facetas de ambientes em nítido processo de transição do rural para o urbano. Elas deixavam entrever as camadas pouco sedimentadas de ambientes sociais e temporalidades distintas.

Nos estados, segundo Brito Broca, geralmente “era difícil distinguir cronistas com projeção na vida literária do país, pois os que lá se iniciavam, não encontrando ambiente, não tardavam a transferir-se para a metrópole”.<sup>266</sup> Juiz de Fora, apesar de localizada no interior e absorvendo diversas influências metropolitanas, devido à proximidade do Rio de Janeiro e à presença da linha férrea, conseguia estabelecer essas trocas culturais sem deixar de manter um grupo efervescente de escritores no município.

Com linguagem clara, simples e acessível, as crônicas de Belmiro se aproximavam daquilo que Brito Broca chamava de “gênero *digest*”, por meio do qual o intelectual, com todo seu “afã de vulgarização cultural”, sabia “digerir para o público os assuntos mais complexos, apresentando-os em fórmulas intuitivas”.<sup>267</sup> Além disso, as crônicas belmirianas

<sup>265</sup> BRAGA, Belmiro. *Aos Domingos*. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 11/10/1903, p. 1.

<sup>266</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 328.

<sup>267</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 321.

levavam a um público não muito afeito à leitura as ideias gerais dos clássicos, as novidades literárias, as publicações de autores novos, etc.

Primeiramente, vale destacar que a definição de seu papel nas letras da cidade estava profundamente relacionado ao cultivo da relação com os pares. Nesse sentido, teceu uma significativa rede de interlocução literária, incluindo os novos e os consagrados. Na coluna “Aos Domingos”, tinha por hábito comentar sobre cartas recebidas de escritores recém-iniciados no universo das letras e de famosos, como a escritora Júlia Lopes<sup>268</sup>, cuja carta era vista como um de seus “maiores estímulos nesta vida das letras” e passível, portanto, de ser guardada entre seus “papéis queridos”.<sup>269</sup>

B. B. também publicava apreciações críticas sobre as obras que lhe eram enviadas, comentava sobre visitas de artistas ao município e atualizava os leitores sobre diversos acontecimentos de ordem geral e relacionados ao universo das letras em específico. Com o tempo, a interlocução com os leitores cresceu o suficiente para dar lugar às reclamações quanto à falta de tempo para responder às cartas. Ademais, o poeta comunicava na imprensa que praticamente todo seu tempo livre estaria sendo consumido pela produção de prefácios de livros e comentários literários sob encomenda, por parte de novos escritores da região, interessados em se projetarem no campo literário.<sup>270</sup> E não apenas isso: diversas encomendas de poemas por namorados, noivos, homenagens póstumas, etc.

Através do envolvimento na produção de variados tipos de bens simbólicos e culturais, B. B. colaborava com a formação de públicos, gostos, hábitos e rotinas que impactavam, direta ou indiretamente, na dinâmica social de uma cidade que experimentava a transição do rural para o urbano. Nesse sentido, entendemos a atuação do literato no cenário cultural juiz-forano como um conjunto de práticas de mediação cultural distante de qualquer circunscrição a um campo intelectual ou literário de limites e contornos altamente definidos. Pelo contrário, percebemos grande permeabilidade e propensão à circularidade entre o mundo da burocracia e o da literatura, o erudito e o popular, o bacharel e o autodidata, a escrita e a oralidade, os salões e as ruas, etc.

Embora mais comum do que se possa imaginar, a tênue e conflitante relação entre o “mundo da profissão” e o da literatura era alvo constante de deboches entre os escritores.

---

<sup>268</sup> Além de renomada escritora de livros, Júlia Lopes também era colaboradora do jornal *O País*, onde atuou por cerca de três décadas. Para mais informações sobre a romancista Júlia Lopes, consultar BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio; ABL, 2004. p. 326. Ver também: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa443758/julia-lobes-de-almeida>

<sup>269</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 13/12/1903, p. 1.

<sup>270</sup> BRAGA, Belmiro. Desabafo. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 09/10/1904, p. 1.

Impossível não lembrarmos, nesse sentido, do caso do carioca Lima Barreto (1881-1922), que, possuindo uma caligrafia desarmônica e uma vida de escritor boêmio, alcoólatra e polêmico – marcada pelas ácidas críticas às autoridades, às instituições e ao poder estabelecido –, tornou-se alvo de pilhérias ao ocupar o cargo de amanuense no Ministério da Guerra para que lhe fosse garantida a sobrevivência.<sup>271</sup>

Vale lembrar que o humor fazia parte da lógica de mundanização que se impunha à literatura nesse contexto, reforçando a valorização de um “viver” literário inserido no cotidiano. Por meio da linguagem humorística, de blagues, caricaturas, charges e trovas, os escritores literatizavam e performavam suas vidas, apostando na mistura da ficção com a realidade e na intensa aproximação com a oralidade. A depender da intensidade com que era posto em circulação, esse tipo de representação pode servir ao pesquisador como “pista” para avaliar a popularidade de um artista.

Como se pode imaginar, com Belmiro Braga não foi diferente. Quando da publicação de *Montezinas*, o poeta fora “batizado” no gênero, tornando-se “alvo” de uma crônica satírica no jornal *O Pharol*, em maio de 1902. Nesse texto, o autor (não identificado) faz troça com o esforço do poeta em tentar se equilibrar entre o “manejo da lira” e a atribulada vida de comerciante no armazém em Cotegipe:

Sorrindo, amável, quando deixa o armazém, veste-se de Apolo e então, suspiroso, transformado em João de Deus da Vargem Grande:

*Longe de ti, oh meu amor, não vivo  
Basta pensar em ti, ou basta ver-te  
Pirulito, que bate, que bate  
Pirulito que já bateu!*

Nisto, é interrompido pelo caixeiro, que lhe vem dizer para tirar a nota dos gêneros para o freguês, e ele grave: *O ilustríssimo senhor Fulistrecas comprou.*

*Quem gosta de mim é ela  
Quem gosta dela sou eu!*

Uma caixa de bacalhau C-R-C – 1 redondilha

*Eu comprei uma roseira  
lá no fundo do quintal*

6 kilos de batata inglesa – Um endecassílabo

Tem admiração pelo dr. Baptista Martins. Aquilo é um homem. Seu! Um homem! Estou lendo agora a história do ‘Gato de Botas’, a ‘Fatalidade dos

---

<sup>271</sup> Sobre essa faceta da vida de Lima Barreto, ver: SCHWARCZ, Lilia. *Lima Barreto: triste visionário...*

Dois Jovens’, a ‘Gramática do Coruja’... De vez em quando escrevo um soneto, e diz – mas que diabo! Os meus sonetos acabam frouxos, como cavalo cansado em dia de eleição da Vargem Grande. [...]”<sup>272</sup>

Através da linguagem humorística, o autor nos faz refletir sobre a “queda da aura mítica do artista na modernidade”, quando este ocupa a condição de “homem comum”, que precisa trabalhar como um “reles mortal”.<sup>273</sup> A exemplo do que propõe o efeito de humor dessa sátira, entre um verso e outro, o poeta convivia compulsoriamente com toda sorte de interrupções de fregueses e funcionários.

Após assumir o cargo de tabelião e mudar-se para o Alto dos Passos, não demoraria tanto tempo para que Belmiro Braga passasse a sociedade no estabelecimento comercial em Cotegipe ao irmão José Ferreira Braga, o herdeiro do nome do falecido pai. Ao lado do cunhado, Horácio Medeiros Silva (casado com Amélia Braga), José parece ter desenvolvido habilidades comerciais que foram progressivamente aprimoradas. Na revista *O Malho* (RJ), de 1907, ele e o cunhado, em Cotegipe, aparecem representados numa fotografia, em cuja legenda são qualificados como “conceituadíssimos no comércio”, “ativos e inteligentes comerciantes”, “membros de importante família mineira”, que sabiam “conquistar gerais simpatias pelas excelentes qualidades de caráter e lhaneza de trato”.<sup>274</sup>

No exercício do tabelionato, Belmiro Braga não enfrentaria condições muito diferentes das que enfrentava no balcão do comércio, embora o novo ofício lhe oportunizasse maior ascensão social e aproximação das elites letradas da cidade. Com o tempo, o literato parecia vivenciar certa tensão entre o prazer da vida de poeta e a dedicação a maçantes e repetitivos trabalhos burocráticos em um cartório.

Antes que os pares do humor o tornassem alvo, fazia uso da “ironia socrática”, por meio da qual transformava essa vida dupla em objeto de sua própria produção humorística. É o que podemos observar, por exemplo, numa das cartas enviadas ao amigo e escritor, Abílio Barreto, em que, após agradecê-lo pela dedicatória de um livro, despede-se fazendo troça com a tarefa de catalogar eleitores do município: “[...] E aqui fico, meu grande amigo. São 8 da manhã e espera-me um montão de requerimentos de eleitores, bestas e velhacos do município

<sup>272</sup> Coluna Cabriolas – Caretinhas Políticas. *O Pharol*, Juiz de Fora, 01/05/1902, p. 1.

<sup>273</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano (I)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 365.

<sup>274</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 263, 28/09/1907, p. 29.

a espera que eu os catalogue alfabeticamente: Asnos, Bestas, Camelos, Dromedários, Elefantes, etc, etc.”<sup>275</sup>

O fato é que, mesmo aparentemente não se afeiçoando ao ofício, B. B. incorporou essa faceta à construção de uma de suas mais famosas e cristalizadas personas literárias, tornando-a plena de autoironia. Tudo isso teria começado quando o poeta redigiu uma “escritura-poema” a pedido do escritor e teatrólogo Arthur Azevedo, a quem o “trovador de Vargem Grande” conheceu pessoalmente em 1903, depois de várias trocas epistolares:

[...] de regresso para o Rio de Janeiro, passou por aqui no outro dia o adorável Arthur Azevedo – o escritor mais querido que o Brasil tem tido até hoje. O destino levou-me a *gare* da central naquele dia, e ali tive a suprema ventura de o abraçar. Conhecia-o apenas pelo retrato e pelas suas deliciosas cartas, que guardo como uma relíquia preciosa. Ah! Só meu coração sabe o júbilo que tive nesse feliz encontro!<sup>276</sup>

A solicitação foi atendida, conforme atesta o cartão de Arthur Azevedo parabenizando-o pelo feito: “Recebi a escritura que me havia prometido. Está feita, realmente, com muito engenho, e recomenda ao mesmo tempo as virtudes do tabelião e as do poeta [...]”.<sup>277</sup> Não se sabe o destino dado a essa “escritura-poema”, que teria chegado às mãos de um tabelião de Palmira (atual município de Santos Dumont) e, posteriormente, comprada pelo município de Juiz de Fora, com vistas a ser doada ao Museu Mariano Procópio.<sup>278</sup> Até o presente momento, só é possível ter acesso à versão transcrita do documento, como a publicada no *Jornal do Comércio*, em 23 de abril de 1907 (ver anexo).<sup>279</sup>

Sobre essa conciliação entre as habilidades de poeta e tabelião, anos mais tarde, Belmiro Braga dará a seguinte resposta irônica em uma entrevista concedida à revista *Fon-Fon* (RJ), quando perguntado sobre sua verdadeira vocação: “Dizem os tabeliões que eu nasci

<sup>275</sup> Carta de Belmiro Braga para Abílio Barreto, Juiz de Fora, 26 de fevereiro de 1912. Coleção Abílio Barreto, Série ABCO, Subsérie ABCO2, n. reg. ABCO2/005, Armário 1, Caixa 2, Pasta 5. Arquivo Histórico Abílio Barreto, Fundação Municipal de Cultura, Belo Horizonte (MG).

<sup>276</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 29/11/1903, p. 1.

<sup>277</sup> Reprodução do cartão-postal de Arthur Azevedo para Belmiro Braga, sem data, versando sobre o poema-escritura escrito por ele, conforme promessa que lhe havia sido feita. (Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1957, p. 36)

<sup>278</sup> Uma escritura em versos do poeta Belmiro Braga. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, setembro de 1943, p. 38. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Obs.: Não se sabe se a doação para o Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG) foi concretizada, pois a “relíquia”, além de não constar nas coleções documentais da instituição, não possui nenhum vestígio ou registro de incorporação ao acervo.

<sup>279</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 23/04/1907, p. 1. A transcrição integral do referido “poema-escritura” encontra-se no “Anexo” dessa tese.

poeta e dizem os poetas que nasci... tabelião”<sup>280</sup>. Assim como o poema-escritura, tal resposta faz parte de todo um processo de construção de sua persona ou identidade literária, pautada na autoironia e na tênue fronteira entre as duas dimensões de sua vida.

Não é exagero algum afirmar que tal projeto de construção se solidificou e se consolidou de tal maneira que chegou a perdurar ao longo de toda sua trajetória. Apesar de manter-se vinculado ao exercício do tabelionato até 1916 – quando solicita licença remunerada para morar no Rio de Janeiro – e desligar-se completa e definitivamente do cartório em 1920, Belmiro Braga continuaria sendo (auto)representado como “poeta-tabelião” ou “tabelião-poeta”.

Tal (auto)representação, vale dizer, sustenta-se sobre sua principal persona, qual seja: a de poeta “espontâneo” e “natural”, que, sendo autodidata e provido de uma educação rudimentar, nasceu predestinado a se comunicar em versos, independentemente do momento, do assunto e do lugar, como o cheiro exalado pelas flores na natureza, como o ar que respiramos, etc. Não por acaso, B. B. considerava João Batista da Costa (1865-1926) “o mais brasileiro de nossos pintores”. O paisagista brasileiro, nascido em Itaguaí (RJ), com formação na Academia Imperial de Belas Artes e na Europa e então nomeado professor da Escola Nacional de Belas Artes, tornou-se conhecido como o “poeta do verde” e como um dos primeiros a representar a paisagem brasileira em estilo mais próximo das especificidades do país. De passagem por Juiz de Fora em 1907, Batista da Costa fascinava Belmiro Braga pelas execuções de suas pinturas nos arredores da cidade, assistindo, junto com um grupo de amigos, ao pintor dando forma a um “jacaré” (árvore) ao ar livre, na propriedade de Acácio Teixeira.<sup>281</sup>

Havia, inclusive, quem identificasse entre o poeta e o pintor semelhanças na fisionomia e na estética artística – sobretudo na forma de representar as paisagens brasileiras. Em 1937, em homenagem póstuma prestada ao “trovador de Vargem Grande”, Heitor Modesto identificava no lirismo literário do poeta e nas características pictóricas do pintor similaridades na maneira de “interpretar a nossa natureza e a nossa alma”, na “incorporação do rústico e do singelo”.<sup>282</sup>

Ao poeta mineiro e ao pintor fluminense incomodavam o “prurido da imitação”, a supervalorização de escolas literárias/artísticas em detrimento das individualidades, bem

<sup>280</sup> BRAGA, Belmiro. Reportagens íntimas. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 23/06/1917.

<sup>281</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 03/03/1907, p. 1.

<sup>282</sup> MODESTO, Heitor. Belmiro Braga – Crônica do Rio. *A Federação*, Porto Alegre (RS), 09/04/1937, p. 3.

como os possíveis prejuízos da influência europeia no estilo dos jovens artistas brasileiros. A busca do nacional pela via do regional era uma das marcas dos dois artistas. Árvores novas e antigas, eivadas de memórias afetivas locais, casas rurais rústicas, simples, estradas com lama, barrancos irregulares, vegetação silvestre misturada com espécies domesticadas, camponeses a caminho de casa ou do trabalho, animais e plantas típicas, povoam as pinturas de João Batista da Costa e os poemas e crônicas de Belmiro Braga. A suavidade encontrada no rústico e no singelo demandava de ambos uma produção artística mais rápida, interessada em captar a emoção, a luz e a atmosfera do momento, muitas vezes dispensando o rebuscado vagaroso do efeito.

Ambos tinham seus perfis artísticos representados pela crítica como naturais, espontâneos, simples e genuínos, salientando a íntima relação entre as qualidades “naturais” do artista e a sua produção, como se uma refletisse, natural e espontaneamente, a outra. No âmbito dessa caracterização, está presente a concepção de arte como expressão da sinceridade do artista. Brenno Arruda, em 1923, também se referia ao “trovador de Vargem Grande” como talento nato, ser que “nasceu poeta, espontâneo, natural e simples”. E ainda dizia: “a natureza que tudo faz – a flor, a ave, o mar, a nuvem, o perfume –, fê-lo poeta”.<sup>283</sup>

J. A. Baptista Júnior, na revista *Para Todos*, do Rio de Janeiro, em 1928, também persistiu na naturalização do fazer poético de Belmiro Braga, desprendendo-o de todo e qualquer artifício literário. Ao naturalizar o Belmiro poeta, o autor literatizava o fazer poético do “trovador de Vargem Grande”, afirmando que “a natureza o colocou no mundo, como as cigarras, para cantar”. Não por acaso, essa mesma matéria traz uma entrevista com Belmiro Braga, na qual o poeta responde às perguntas em forma de versos rimados:

Que pensa, de um modo geral, de nosso movimento literário? Temos evoluído, estacionamos ou temos retrogradado?

[Resposta de Belmiro Braga]

Mesmo na indecisão que se lhe nota,  
o nosso movimento literário  
se encaminha por uma nova rota,  
desdenhoso do antigo itinerário.

E, notando-lhe aqui o seu progresso,  
entre o muito que tem de pueril,  
procura sempre (e com prazer confesso)  
enaltecer as coisas do Brasil.

---

<sup>283</sup> ARRUDA, Brenno. *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/07/1923, p. 1.



Quando perguntado sobre o que pensava “da luta das chamadas escolas literárias”, “qual delas tenderia a predominar”, e “quais os escritores contemporâneos que as representam”, continuou versificando:

Não há luta nenhuma; pois, enquanto  
os moços vão abrindo a nova estrada,  
os velhos, atirados para um canto,  
sorriem mansos, mas não dizem nada...

E sobre as tais escolas, francamente  
o caso para mim fia mais fino:  
- Escolas... conheci uma somente  
- aquela que cursei, quando menino.

Sobre o que o fez escritor, se por “tendência” ou “necessidade”, respondeu recorrendo modestamente à persona do poeta “nato”, “espontâneo” e “natural”:

Nunca fui escritor. Escrevo apenas  
uns versos maus (uma questão de prática)  
em que louvo a beleza das pequenas,  
espatifando as regras da gramática.

Se a minha lira não ascende aos Andes  
nos seus modestos, merencórios hinos,  
humilde e pobre, não bajula os grandes,  
nem se esquece jamais dos pequeninos...

Sobre os livros de sua preferência, respondeu reforçando a boa recepção de seus versos pelas “pessoas simples”, “populares”:

Entre os meus livros todos, eu prefiro  
Aqueles de que Jeca gosta mais.  
E que, depois de os ler, me diz: - “Bermiro,  
Como eu gosto dos verso que tu fais!”

Qual Medeiros, Grieco, João Ribeiro,  
Que têm ilustração e têm escola!  
Em Minas, não se encontra um só tropeiro  
Que não cante os meus versos na viola!

Por fim, assim comentou sobre sua rotina de trabalho e sua relação com as primeiras versões dos textos que produzia:

Trabalho a qualquer hora, e a produção  
deixo como nasceu, não a endireito  
e provo, em versos de... primeira mão,  
que também o que é ruim... já nasce feito...

Homem de letras, devo; e quantas glórias  
para mim que sou mineiro e não sou trouxa!  
- Escrevo em tinta preta – as promissórias

e toda a versalhada – em tinta roxa...<sup>284</sup>

Com essa resposta humorística, o autor de *Montesinas* enfatizava a máxima certa vez dita por ele, de que bastava o poeta possuir “o condão de infiltrar nas composições um pouco de sua alma” para estas serem “sempre queridas do público”, preceito que dizia ter aprendido com o poeta português João de Deus, com o qual a crítica lhe comparava:

Sendo, em certa vez, João de Deus consultado por um poeta provinciano sobre o merecimento dos seus versos, respondeu-lhe o meigo cantor do *Campo de Flores* com esta clara síntese: Em as raparigas de sua terra os cantando, fique certo que são bons.

É esta, quase certa, a resposta que dou àqueles que desejam ouvir a minha opinião sobre os seus trabalhos literários. Acho que os versos para serem bons devem fazer vibrar a alma das pessoas cultas e a daquelas que não são, seja qual for a escola.<sup>285</sup> (Grifos nossos.)

Obviamente, em se tratando de uma persona literária, não devemos tomar como “verdade” todas as afirmações do poeta na supracitada entrevista, a começar pelos dois primeiros versos: “trabalho a qualquer hora, e a produção / deixo como nasceu, não a endireito”. Muito pelo contrário: sabemos que Belmiro não apenas “lapidava” muitos de seus versos ao longo do tempo, como também explicitava preocupações com a forma e o conteúdo no retorno que dava aos jovens escritores que lhe encaminhavam suas produções. Apesar de afeiçoado aos versos “espontâneos” e “sinceros”, em sua apreciação do livro *Manhãs e Dias*, de Bruno Viotti (Poços de Caldas –MG), mostrava-se crítico e criterioso na escolha dos poemas que deveriam compor uma coletânea, rebaixando as produções ditas “efêmeras” – como os sonetos de homenagem – em relação aos demais gêneros:

Acho, entanto, que o poeta não foi muito exigente na matéria escolhida para o livro. Há ali versos como o soneto ao aniversário de um jornal e outro de saudação a uma cidade, que são produção efêmera e que nunca devem ser enfeixadas em volume com poesias de outro gênero. Esses versos são uma espécie de foguete nas festas: vale muito quando estronda, mas uma vez estrondado – não vale mais nada.<sup>286</sup> (Grifos nossos.)

Se analisado isoladamente, esse discurso encobre a faceta de um Belmiro Braga escritor de poemas e rimas de circunstância (como os “reclames” e os versos que fazia para

<sup>284</sup> BAPTISTA JÚNIOR, J. A.. Uma enquete literária: a resposta do Sr. Belmiro Braga. *Para Todos...*, Rio de Janeiro, 13/10/1928, p. 39. A reportagem continua na edição de 20/10/1928, p. 52. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

<sup>285</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 03/03/1907, p. 1.

<sup>286</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 03/03/1907, p. 1.

noivados, casamentos e funerais). Estes, além de lhe renderem alguma quantia em dinheiro, tornavam-no cada vez mais conhecido de um público amplo e heterogêneo. Portanto, se é importante destacar que a persona do escritor se edificava sobre os estereótipos “espontâneo”, “ingênuo”, “simples”, “genuíno” e “natural”, não é menos relevante constatar que ele sabia discernir os gêneros passíveis de serem imortalizados nas páginas de um livro. E mais do que isso: tinha consciência de que não bastava ser sincero para agradar os públicos, mas sim dominar a arte das letras como artifício.

Apesar de se cristalizarem como chaves interpretativas incansavelmente citadas pelo poeta e pela crítica ao longo de toda carreira – inclusive, após a sua morte, nos textos memorialísticos e manuais literários –, essas categorias nem sempre foram aceitas de forma naturalizada. Em 1923, por exemplo, na *Gazeta de Notícias*, o autor “A.” (não identificado) o criticava exatamente por essa postura que mais lhe parecia desculpa de literato iniciante: “Belmiro está numa situação que já devia dispensá-lo de se explicar e escusar perante o público, assim a modo de quem se estreia. Com seus defeitos e qualidades, com as feições nativas e adquiridas de sua personalidade, ele é o que é, e não pode ser outra coisa; e toda a gente já sabe disso”.

Em linhas gerais, o crítico se incomodava com as repetitivas afirmações do poeta, de que seus versos não possuíam “finos labores de arte” e que, se os leitores neles enxergavam alguma beleza, era porque estes brotavam naturalmente, como as flores no chão. E, assim, questionava o postulado belmiriano, de que bastava a sinceridade da alma para os versos agradarem:

É curioso que um poeta, e um poeta inteligente, formule uma ideia deste formato. Se a sinceridade basta, como Belmiro parece acreditar, então por que não prefere exprimir logo os seus sentimentos em simples e corrente prosa? Não prefere, unicamente, porque está convencido do contrário: de que não basta ser sincero para agradar.

Segundo A., “o que interessa e agrada realmente é a maneira de externar o sentimento, e não o sentimento em si mesmo”, demonstrando que “não nos importa muito saber se o autor é sincero ou não”. Afinal de contas, seria possível comprovar essa sinceridade? Ao invés disso, demonstrava através de um soneto do próprio Belmiro Braga que era o domínio da forma e da musicalidade o responsável por provocar emoção em quem o lê. Era dessa forma que, segundo ele, muitos dos versos belmirianos, “longe de não valerem nada, valiam tudo”.<sup>287</sup>

---

<sup>287</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11/08/1923, p. 2.

A opção de reforçar a persona que lhe foi imputada desde o início da carreira literária nos parece demonstrar uma nítida estratégia de Belmiro em replicar o que deu certo. Com o passar do tempo, poderíamos esperar a quase (ou completa) invalidação desse discurso. No entanto, não é o que se observa. Até onde tivemos notícia, “A.” foi o único autor que ousou entrar nesse mérito da questão. Apesar de vaga e situada no “lugar comum”, essa persona possibilitou a Belmiro eximir-se das críticas especializadas, mantendo-o na tênue e indefinida fronteira entre ser ou não ser “escritor profissional” no precário e incipiente campo literário brasileiro. “Tabelião-poeta” ou “poeta-tabelião”? Talvez a ambiguidade do trocadilho lhe fosse mais oportuna, a exemplo do que fez o narrador-personagem Brás Cubas, do romance de seu autor predileto, Machado de Assis: ser um “autor-defunto” ou um “defunto-autor”? Eis a questão...

Independentemente da forma e da linguagem poética belmirianas, precisamos tratar de outro assunto bastante importante, que foi a sua atuação como cronista da cidade e da região. Um cronista, por sinal, ambivalente e ambíguo, que não deixava de “alfinetar” algumas questões caras ao seu tempo.

### **3.2 As miradas belmirianas para as contradições e desigualdades sociais**

Se, no discurso propagandístico excessivamente idealizador e romantizador de muitos cronistas, não havia espaço para revelar a outra face da modernização e do progresso industrial de Juiz de Fora, Belmiro Braga se permitia atuar na imprensa como observador atento de seu cotidiano, de suas tramas e dramas, aspectos pitorescos, dificuldades, desafios, contradições e desigualdades sociais.

Se, na descrição literária de Pedro Nava, a margem esquerda da Rua Halfeld era “naturalmente oposta e inconscientemente rebelde ao Alto dos Passos”, Belmiro Braga, mesmo residindo no Alto dos Passos, não era necessariamente “oposto e inconscientemente rebelde” à margem esquerda da Rua Halfeld. O tabelião-poeta ou poeta-tabelião transitava por camadas sociais pouco sedimentadas, apesar dos esforços de demarcação dos grupos sociais. É exatamente essa porosidade ou permeabilidade das fronteiras sociais do personagem histórico que nos interessa destacar aqui.

Em crônica assinada por Xisto (pseudônimo do jornalista Heitor Guimarães), no *Jornal do Comércio*, Belmiro Braga aparece representado como um poeta genuinamente popular, lido pelos negros analfabetos, recém libertos pela Lei Áurea, num município que, no

decorrer do século XIX, tinha a maior população escrava da zona da mata mineira.<sup>288</sup> No texto, Xisto afirma que o preto velho que o acompanhava, ao passar em frente à sua casa, no Alto dos Passos, teria dito: “Aquele é o seu Belmiro? Tenho velsos dele muito bonitos, que insinei a Carola, prá móde ela cantá.”<sup>289</sup>

Essa série cronística de Heitor Guimarães, que se debruça sobre as ruas de Juiz de Fora, começou em 15 de fevereiro de 1906 e se mostra análoga às crônicas que João do Rio produzia, nesse mesmo período, na capital federal. Antes de publicar *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), o cronista já havia publicado, na *Gazeta de Notícias*, em 1904, *Religiões do Rio*, obra que muito provavelmente exerceu alguma influência sobre Heitor Guimarães e os demais cronistas de sua geração. Seguindo seus passos, o juizforano “flanava” pelas ruas da “Manchester Mineira” a procura de espaços ditos “proibidos”, realizando registros semelhantes à etnografia praticada pelos antropólogos.

Belmiro Braga também percorria a cidade com ares de um *flanêur* mineiro, perambulando como um malandro inteligente, um caipira elegante, que se vestia de acordo com os padrões estéticos da moda estampados nas páginas das revistas ilustradas da *Belle Époque* carioca, produzindo versos e prosas “graciosos” e considerados “saudáveis” para os padrões burgueses da sociedade.

Considerando o contexto em que estava inserido, eivado de indefinições e dilemas, optamos por buscar no personagem histórico suas faces ambíguas e até mesmo contraditórias. Imerso no frenético movimento transformador da modernidade, não deixava de ser ele, em alguma medida, um entusiasta do progresso, ao mesmo tempo em que verbalizava estranhamentos quanto ao efeito reverso desse processo, deixando desvelar discrepantes e grotescas cenas que contrastavam com o progresso romantizado por muitos letrados de seu tempo.

Enquanto Antonio Sales e outros faziam propaganda da cidade através da exaltação de seus “ares” de “Manchester Mineira” e “Atenas Mineira”, B. B. verbalizava os incômodos trazidos por essa modernização. O aumento da mendicância era um deles. Não que suas

---

<sup>288</sup> Sobre a escravidão e mundo do trabalho em Juiz de Fora, baseamo-nos nas seguintes referências: SOUZA, Sônia Maria de. *Terra, família, solidariedade...: estratégias de sobrevivência camponesa no período de transição – Juiz de Fora (1870-1920)*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2007. FREIRE, Jonis. *Escravidão e família escrava na Zona da Mata Mineira oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2014. OLIVEIRA, Luís Eduardo de. *Os trabalhadores e a cidade: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920)*. Juiz de Fora; Rio de Janeiro: Funalfa; FGV, 2010.

<sup>289</sup> XISTO. Inquérito sensacional – a vida noturna de Juiz de Fora – Mistérios – Os canjerês – Bruxas e cartomantes – Religiões a granel – Uma centena de seitas. In: *Jornal do Commercio* (Edição da Tarde), 23/02/1906, p. 4. Acervo do Setor de Memória da Biblioteca Municipal Murilo Mendes, Juiz de Fora – MG.

crônicas se dedicassem a questionar as causas desse fenômeno social. Pelo contrário, elas serviam como canal de comunicação para lamentar a mácula que isso representava para uma cidade que, seguindo os passos das reformas urbanas em curso nos grandes centros, almejava ser vista como “saneada”, “harmônica” e “civilizada”.

Vale chamar atenção, nesse caso, para o acurado olhar que projetava às cenas grotescas do cotidiano. Olhar que, escapando da romantização, da fantasia e da tradução da mensagem para metáforas sofisticadas e elevadas, ironiza qualquer tentativa forçada de descrever de forma abstrata e altamente simbolista uma cena em que duas “meigas”, “sensíveis” e “ingênuas” crianças se defrontam com um homem “pobre”, “sujo” e “contagioso” na rua: “Se o tabelião não tivesse morto o poeta insosso, eu lembrar-me-ia, ao vê-las [as duas crianças], dois beija-flores voando e revoando sobre uma moita florida a esconder entre as folhas virides e embalsamadas um asqueroso réptil [o homem leproso]”.<sup>290</sup>

O artista da pena, imerso na ideologia higienista e conservadora de sua época, que preconizava o afastamento dos miseráveis e das ditas “classes perigosas” dos centros urbanos, era mais direto e objetivo ao tratar desse assunto. Em outra crônica, elogiou a atitude da polícia, quando esta capturou e confinou em um hospital de lázaros um “rapaz de cor preta”, cuja fisionomia, já bastante castigada pela “lepra” (“moléstia mais horrorosa que existe no mundo”, segundo ele), já lhe parecia que “nada tinha de humana”.<sup>291</sup>

Dando prosseguimento à verbalização de seus incômodos com a apropriação “desordeira” dos espaços da cidade por indivíduos e grupos pejorativamente chamados de “vagabundos” pelas elites e camadas médias urbanas, Belmiro Braga, na coluna “Horas de Lazer”, do *Jornal do Comércio*, também se apresentava como porta-voz de reclamações quanto às práticas de “vandalismo”, “pichações” e “obscenidades” nas paredes das casas e nas ruas. Não bastasse a publicização das intercorrências mencionadas, o cronista ainda sugeria à polícia o emprego de medidas repressivas contra os autores das pichações.<sup>292</sup>

Sabe-se que o pós-abolição ampliou o contingente de miseráveis nas ruas das cidades. A aceleração do crescimento urbano-industrial não apenas se mostrava impotente na tentativa de escamotear as contradições e as fraturas de uma sociedade fortemente marcada pela herança escravista e agrária, como também as tornava ainda mais explícitas e pujantes. Contudo, não apenas os “desfiliados”, “desterritorializados” ou “desvalidos” figuravam nas crônicas belmirianas. Também podem ser verificados incômodos relativos aos recalcitrantes

<sup>290</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 25/10/1903, p. 1.

<sup>291</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos, *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 06/12/1903, p. 1.

<sup>292</sup> BRAGA, Belmiro. Horas de Lazer. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 10/10/1905, p. 1)

hábitos rurais nesse cenário, a exemplo da reclamação que publicou a pedido de um médico da cidade quanto aos supostos riscos que a passagem diária de bois pela Rua Direita (atual Avenida Rio Branco) oferecia aos transeuntes.<sup>293</sup>

Outros problemas infraestruturais advindos da expansão urbano-industrial também foram abordados (ou pelo menos tangenciados) pelo cronista, como, por exemplo, os buracos nas ruas, por ele satiricamente comparados a “dente cariado numa dentadura de jaspe”. O poeta e tabelião também lembrava que “Juiz de Fora não era só a Rua Halfeld e a praça do mesmo nome”, chamando atenção para a manutenção de outros espaços públicos. Em uma cidade popularmente conhecida como uma das primeiras a acessar os benefícios da energia hidrelétrica, lembrava da necessidade da pintura e iluminação elétrica dos postes das ruas.<sup>294</sup>

B. B. também lamentava a destruição das tradições pelo dito “progresso”. Ao tratar das festas de São João, por exemplo, lamenta que o progresso e a civilização estivessem a

derribar esses hábitos simples de nossos antepassados e que foram o encanto da nossa meninice. [...] Não sou retrógrado, mas, como Y, lastimo de coração que a essa caudal civilizadora vá nos levando esses costumes singelos e que tão vivos ainda permanecem em nosso espírito, apesar dos contínuos vaivéns do tempo.<sup>295</sup>

Outro aspecto a ser considerado é o forte saudosismo e romantização do passado, através da combinação da melancolia com lapsos de humor, sendo visíveis em sua escrita vários de pontos de tensão entre o “progresso” urbano e seus impactos sobre a pureza da natureza e os vestígios da memória. Isso se manifesta explicitamente ao abordar temas corriqueiros, como o corte de árvores antigas nas ruas de Juiz de Fora para dar lugar ao progresso; a resistência à destruição do trecho do passado colonial da cidade. E, por fim, as próprias lembranças da infância simples na roça, sua educação rudimentar e a casa paterna em ruínas, sobre a qual escrevia em estilo semelhante ao clássico poema “Meus oito anos”, de seu admirado poeta Casimiro de Abreu (1839-1860): “Oh! Que saudades que tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida / Que os anos não trazem mais!”.<sup>296</sup>

B. B. também não poupava nostalgia quando se referia à Carangola, onde viveu parte de sua juventude. Em 1904, ao visitar o município, lamentava que o progresso tivesse destruído a cidade que conhecera nas décadas de 1880 e 1890. Em carta destinada ao redator

<sup>293</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 15/11/1903, p. 1.

<sup>294</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 11/10/1903, p. 1.

<sup>295</sup> BRAGA, Belmiro. Reflexos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 25/06/1910, p. 1.

<sup>296</sup> ABREU, Casimiro de. *Meus oito anos*. Disponível em:

<http://www.academia.org.br/academicos/casimiro-de-abreu/textos-escolhidos>. Acesso em: 10/06/23.

de *O Progressista*, sediado no referido município, criticou o abandono e a destruição do lugar que carregava na memória: “trechos e trechos que eu conheci invadidos pelo matagal bravio”; “casebres arruinados e que datavam do tempo do Patrimônio, são agora substituídos por ‘chalets’ de rendilhados lambrequins”. Ainda comparava Carangola a uma garota sertaneja, campesina, de alma simples, que cresceu, “civilizou-se”, refinou as roupas e o comportamento e perdeu a intimidade com os amigos de outrora. E prossegue o lamento:

Atravesso as ruas e só vejo caras estranhas; os velhos morreram; os moços tornaram-se velhos e as meninas se fizeram moças... Até o rio parece que se tornou menos e mais escuro!... Vim matar saudades e as saudades cresceram; vim rever coisas amigas e já as não encontro mais...<sup>297</sup>

Através do saudosismo e da nostalgia presentes em seus textos, é possível perceber um interesse pelas ditas práticas “tradicionais” da chamada “cultura popular”, que, ao seu ver, estavam sendo afetadas por um modernismo avassalador. É o que se vê, por exemplo, na crônica que publicou, em 1908, na carioca *Revista da Semana*, na qual trata da tradicional queima do Judas, costume muito comum nas comunidades rurais e pequenos povoados brasileiros. B. B. começa a narrativa se referindo aos “rústicos moradores das abas das povoações campestres” chegando à “porta dos casebres”, embalados pelo entoar do sino da igreja matriz. Em tom prosaico, a narrativa mistura nostalgia com humor, tendo como ponto alto a leitura do testamento, momento do ritual em que se abre licença para fazer troça com os poderosos locais.

No meio do texto, lembra-se de um caso específico, no qual um fabricante de Judas teve o testamento que escrevera trocado por um caixeiro, que substituiu os nomes dos alvos das troças, fazendo a “feitiçaria se voltar contra o feitiçeiro”. Após os garotos da localidade lerem publicamente, em voz alta, o testamento rasurado, a situação teria ficado demasiadamente embaraçosa, levando o autor das troças e do Judas a dar explicações sem efeito às pessoas simples da comunidade.<sup>298</sup>

A conclusão da narrativa se dá com a revelação de que foram os nomes dos ditos “humildes” do lugarejo os colocados no lugar dos poderosos locais: “Nunca mais voltou àquele lugar e consta-me também que nunca mais escreveu testamentos para Judas, engrossando os grandes e detratando os humildes...”<sup>299</sup>. Com esse encerramento, B. B. chama

<sup>297</sup> BRAGA, Belmiro. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 21/08/1904, p. 1.

<sup>298</sup> BRAGA, Belmiro. Judas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 19/04/1908, p. 15.

<sup>299</sup> BRAGA, Belmiro. Judas. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 19/04/1908, p. 15.



atenção do leitor para dois elementos importantes: em primeiro lugar, para a falta de controle dos poderosos e das elites locais sobre as sátiras populares, sobretudo em rituais tão antigos e tradicionais como esse; em segundo lugar, para a quebra de uma regra tacitamente compartilhada nesse ritual, que consiste em ridicularizar as elites e os poderosos locais, e não o contrário.

Através do humor, portanto, fica demonstrada uma dupla preocupação: de um lado, rememorar uma tradição cultural supostamente ameaçada de extinção por outros hábitos introduzidos pela modernidade; de outro, projetar sobre a narrativa um olhar bastante atento e revelador de quem vivenciou esses hábitos, mesmo sem haver um compromisso do autor com o verossímil.

Por meio de uma crônica como essa publicada em uma revista de grande circulação como a *Revista da Semana*, Belmiro Braga muito provavelmente alcançou um público bastante amplo e heterogêneo, desde os leitores mais cultivados no universo das letras até os menos cultivados e, porque não, até mesmo os analfabetos, que poderiam acessá-la e disseminá-la através da oralidade.

Vale ressaltar que estamos aqui a falar das culturas populares no plural e pautadas no conceito de “circularidade cultural”, a exemplo do que defende Carlo Ginzburg em seu clássico *O queijo e os vermes*, à luz das reflexões teóricas de Bakhtin. Através da análise da experiência de um moleiro friulano, o historiador italiano confessa ser bem mais produtivo trabalhar com a lógica de uma influência recíproca entre as culturas das ditas “classes subalternas” e as “culturas dominantes”.<sup>300</sup> Portanto, longe de concebemos as “culturas populares” e “as das elites” como esferas estanques e unívocas, buscamos uma dinâmica, mutável, interdependente e permeável relação entre elas, sem deixar de considerar os conflitos e hierarquizações simbólicas e materiais que os agentes históricos também estabelecem entre si no jogo social, de formas sincrônica e diacrônica.

Nesse sentido, é importante constatar que as relações de Belmiro Braga com os lugares sociais e as culturas do contexto histórico em que viveu eram ambíguas e, em alguns momentos, até mesmo contraditórias. Ao mesmo tempo em que lamentava a destruição de tradições como essa, da queima do Judas, pelo progresso, também criticava veementemente a resistência da sociedade interiorana em “evoluir o espírito” e a formação “civilizatória” para as artes. É o que nos deixa entrever seu comentário acerca da recepção do público de Juiz de

---

<sup>300</sup> GINZBURG, Carlo. Prefácio à edição italiana. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição*. Trad. Maria Betânia Amoroso. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 24.

Fora e imediações a uma exposição artística. Falando em “indiferentismo do público” e “vexame”, atribuía a isso a falta de formação de muitos munícipes, apenas acostumados a frequentar “circos de cavalinhos” e rituais religiosos. Sem saberem reconhecer o valor das obras expostas, estes teriam deixado péssima impressão aos organizadores da exposição sobre a cidade, fazendo-os perder tempo e dinheiro.<sup>301</sup> Com uma crítica mordaz e ferina, o cronista lança sobre a sociedade juiz-forana o rótulo de ignorante e despreparada para fruir as belezas estéticas da “civilização”:

Os iniciadores da nossa Exposição que voltem para as suas tendas de trabalho. Vieram cedo demais. Deixem à civilização a incumbência de iluminar o espírito de nosso povo, que, por enquanto, a uma galeria de quadros, prefere os volteios de um circo de cavalinhos de pão, acompanhados de um tango rafado e moído por um realejo rélez.<sup>302</sup>

Após passar por Juiz de Fora, a exposição percorreu outras cidades da região. Da mesma maneira, Belmiro Braga debochou da recepção dos públicos, evocando uma série de coloquialismos presentes nos comentários dos visitantes acerca dos nomes dos artistas e suas obras expostas:

Em Santana de São João do Rio Acima não se falava em exposição e sim em ‘Disposição’. Não imagina o leitor como um dos milhares de coronéis que infestam aquelas paragens campesinas falava entusiasmado da nossa disposição! Cabanel não era mais Cabanel – era simplesmente Acabanelle; Caron passou a chamar-se Carão e assim por diante. Dizia o Juca na botica do Neca Felício, à multidão embasbacada. ‘Aquilo é coisa da gente vê e não conta. Vi uma gruta, pingando água na parede e c’uma luzinha dentro que, mal comparando, parecia um persepe; vi o Santos Dumonte trabaiano no fogo e vi um Nosso Senhor c’uma rodellis de cipó na cabeça que até me cortou o coração. - E o Acabanelle? - Vi também. É um santo de mão grande, muito sujo. - Santo sujo, Juca? Tu, tá nas profundas, regougou-lhe uma velha. - Quais profundas, sai dona. O santo não tá benzido. - E o Carão? - Vi o seu Carão também. É um homem gordo como uma pipa e com cara de mulher, mas lá ele não é Carão, não; lá ele é Lulu. É um felômeno de gordura. - Foi só o que você viu? - Não! Vi muitas outras coisas e a melho foi uma imagem na última sala – uma santa com um menino, passando n’uma pinguela e em baixo uma cachoeira danada, tão danada que a gente ouvia baruido das águas nas pedras. - É nossa Senhora da Passage, Juca! Que santa milagrosa! E eu não pode i lá, meu Deus!... E uma velhinha – a parteira mais acreditada daquelas dez léguas – desatou num pranto dorido – que o Juca Silvério embatucou-se e disse, olhando o relógio: - Já é tarde. Amanhã eu volto e conto o resto. E, no alto da torre da velha igreja do lugarejo, plangia o sino grande as dolentes badaladas do Angelus...<sup>303</sup>

<sup>301</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 19/06/1904, p. 1.

<sup>302</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 19/06/1904, p. 1.

<sup>303</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 03/07/1904, p. 1.

Essa ridicularização e/ou caricaturização do brasileiro do interior se assemelha, em alguma medida, ao perfil que Monteiro Lobato traçará para o personagem Jeca Tatu, em um dos contos publicados no final da década de 1910. Bastante lido no Brasil e referendado, inclusive, por Rui Barbosa, esse texto cristalizou a imagem do caboclo como um ser “fraco de ânimo” e despreparado para contemplar as maravilhas da própria natureza em que vivia, assemelhando-se a um “sombrio urupê de pau podre”, que “não fala, não canta, não ri, não ama” e que, “no meio de tanta vida, não vive”.<sup>304</sup>

Belmiro transitava por lugares de poder frequentados por parcelas da elite vinculadas à missão de “civilizar” o país e sintonizá-lo com a modernidade europeia. Ao mesmo tempo, porém, era um ávido frequentador e observador das ruas, explorando as “culturas do cotidiano”<sup>305</sup>, descortinando universos socioculturais múltiplos e muitas vezes conflitantes, marcados pela “carnavalização” e o “grotesco”<sup>306</sup>. Embora distintos, esses espaços de sociabilidade não se excluem, demonstrando que o processo responsável por instaurar a “missão civilizadora” de uma cidade é “o mesmo que alimenta o florescimento de lugares sociais que questionam de forma cética e satírica, embora ambígua, esta mesma vocação”.<sup>307</sup>

Não é novidade dizer que o caráter ambíguo e contraditório da modernidade imprimiu marcas nas produções dos artistas e intelectuais desse período, que dialogaram constantemente com o moderno e o tradicional, a adesão às reformas urbanas e a crítica a elas. Em suas primeiras crônicas do *Jornal do Comércio*, Belmiro coadunava um discurso “civilizador” e “hierarquizante” sobre a cultura popular com o despertar daquilo que Mônica Velloso chama de “sensibilidade modernista”.<sup>308</sup>

Essa ambígua relação com as culturas populares tem referências na perspectiva de autores contemporâneos, como a do escritor carioca Coelho Netto. Apesar de criticado pelos diversos livros verborrágicos e rebuscados que escrevia, Netto tornou-se um autor mais publicado, lido e popular do que boa parte de seus críticos. Investigando sobre essa aparente contradição, Leonardo A. Pereira encontrou em suas crônicas jornalísticas a resposta para a questão. Classificando-as como “gênero menor”, distante do que considerava a “verdadeira literatura”, Netto via nas crônicas apenas um instrumento “civilizador”, capaz de aproximá-lo

<sup>304</sup> LOBATO, Monteiro. *Jeca Tatu: vida e costumes*. Bahia: Imprensa Carvalho, 1919. p. 21-22.

<sup>305</sup> VELLOSO, op. cit., p. 356-359.

<sup>306</sup> BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

<sup>307</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999. p. 27

<sup>308</sup> Idem.

de um público que julgava “atrasado” e “despreparado”. Através das crônicas, porém, Netto acabou formulando projetos pautados no constante diálogo com aspirações e culturas diferentes das suas, o que imprimiu um “profundo enraizamento social” em parte significativa de sua prosa.<sup>309</sup>

Nesse mesmo período, o caricaturista carioca, Raul Pederneiras, também deixou evidências de uma ambígua relação com a modernidade em sua produção. Participando de iniciativas modernizadoras, Pederneiras estabelecia uma dúbia e tensa relação entre a figura do bacharel e a do caricaturista, entre a perspectiva crítica do artista múltiplo e o vínculo com os valores burgueses da República. Transitando por distintos ambientes sociais e combinando elementos cultos e populares disponíveis, fez suas críticas políticas e sociais de modo indireto e eficaz. O recurso da ambiguidade tornava essas críticas “desvios bem-comportados” ou uma espécie de “graça” aparentemente “ingênua” e “elegante”, conquistando fama e reconhecimento por parte de progressistas e conservadores, grupos populares, camadas médias urbanas e parcelas das elites.<sup>310</sup>

Apesar de abertos à diversidade de representações do cotidiano, muitos autores do período deixavam opaco seus próprios juízos sobre as questões polêmicas que abordavam. Tal postura impõe ao pesquisador o desafio de identificar, por exemplo, até que ponto estes apoiavam ou condenavam as medidas conservadoras e autoritárias adotadas pelas reformas modernizadoras contra diversas manifestações da cultura popular, da memória social, etc.

### **3.3 Entre as práticas religiosas tradicionais e o catolicismo reformista**

Abordar a atuação de Belmiro Braga nas letras juiz-foranas no início do século XX é uma tarefa que não prescinde da análise de seu envolvimento nas questões religiosas. A sua transferência para a sede do município acontecia em pleno movimento reformador católico, que, em Juiz de Fora, teve na inauguração do monumento ao Cristo Redentor, em 1906, um dos momentos mais simbólicos.

Construído no alto do morro situado em uma das margens da Rua Direita (atual Avenida Rio Branco), o referido monumento era precedido de um cruzeiro semelhante a

---

<sup>309</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de M.. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: CHALHOUB, S.; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo A. de M. (orgs.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 232.

<sup>310</sup> NERY, Laura. Cenas da vida carioca: o Rio no traço de Raul Pederneiras. In: CHALHOUB, S.; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo A. de M. (orgs.). *História em cousas miúdas...*, op. cit., p. 453.

muitos possivelmente vistos por Belmiro Braga em suas perambulações pelas comunidades interioranas mineiras. Tradição bastante popular no Brasil, a devoção aos cruzeiros, no entanto, tornava-se objeto de ressignificação por reformistas católicos, que a consideravam uma ênfase exacerbada à morte e ao martírio cristão pelos brasileiros. A lógica pretendida passava a ser outra: a da substituição dos cruzeiros rudimentares pela imagem do Cristo Redentor. Encomendada na *Maison Raffé*, de Paris, a estátua não apenas enaltecia a vitória da vida sobre a morte como também sintonizava o município com as tendências de embelezamento estético típicas da *Belle Époque*.<sup>311</sup>

O idealizador do projeto era Batista de Oliveira, leigo religioso que chegou a Juiz de Fora em 1882, após o período de formação acadêmica pelos padres lazaristas<sup>312</sup>, em Congonhas do Campo (MG). Falecendo em 1902, não viu seu sonho concretizado, ficando a cargo de seu cunhado a tarefa de angariar fundos para a construção do monumento no terreno que já havia sido adquirido pela associação católica Pão de Santo Antônio. Em 1905, a *Companhia Pantaleoni Arcuri & Spinelli* construiu a base sobre a qual a escultura seria colocada no ano seguinte, quando o monumento foi, finalmente, inaugurado.<sup>313</sup>

Na solenidade de inauguração, Dom Silvério Gomes Pimenta (arcebispo de Mariana) abençoou o monumento, enquanto o padre Júlio Maria<sup>314</sup> ministrou missa aos milhares de populares e representantes das elites presentes na festividade, que contou com muitas manifestações culturais das comunidades, como bandeirinhas, músicas, fogos e comidas típicas. Segundo Mabel Salgado, a inauguração desse monumento exemplifica a permanência de uma representação típica do catolicismo tradicional em um novo contexto de cunho reformador.<sup>315</sup>

Por essa ocasião, Belmiro Braga também deixou suas marcas, redigindo os seguintes versos destinados a compor a fotografia comemorativa do evento:

---

<sup>311</sup> PEREIRA, Mabel Salgado (dir.). *100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil: tradição e reinvenção católica*. Juiz de Fora: Editar, 2006. p. 52-62.

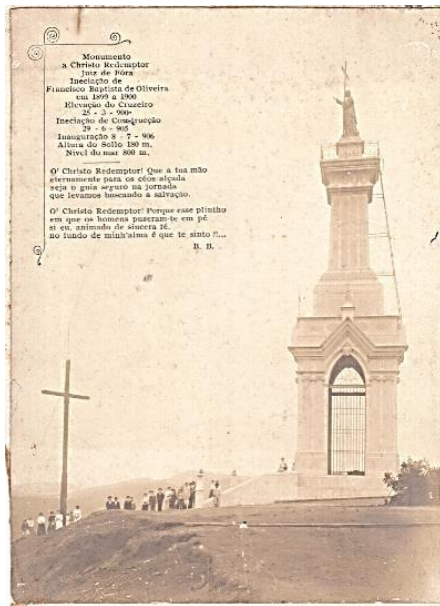
<sup>312</sup> Também conhecidos como “vicentinos”, os padres lazaristas pertenciam à Congregação da Missão, fundada em Paris, por São Vicente de Paulo, em 1625. A referida congregação se estabeleceu no Brasil no século XVIII, passando a atuar sobretudo em Minas Gerais, onde fundou o Colégio do Caraça, e no Rio de Janeiro. Fonte: DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica no Brasil desde o século XIX: cânticos espirituais e as representações acerca da participação ativa dos fiéis nos ritos religiosos. *Opus*, v. 22, n. 2, dez. 2016. p. 133-137. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/386>. Acesso em: 23/08/2023.

<sup>313</sup> PEREIRA, Mabel Salgado (dir.). *100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil...*, p. 52-62.

<sup>314</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 10/07/1906.

<sup>315</sup> PEREIRA, Mabel Salgado (dir.). *100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil...*, p. 56.

Figura 8 – Foto da inauguração do monumento ao Cristo Redentor em Juiz de Fora (c. 1906). Ao lado, transcrição do poema que consta na foto.



Ó Cristo Redentor! Que a tua mão  
Eternamente para os céus alçada  
Seja o guia seguro na jornada  
Que levamos buscando a salvação.

Ó Cristo Redentor! Porque [por que] esse plinto  
Em que os homens puseram-te em pé  
Se eu, animado de sincera fé,  
No fundo de minh'alma é que te sinto?!...

Fonte: Arquivo Fotográfico da Fundação Museu Mariano Procópio.

Tais versos parecem refletir a maior afeição do poeta por um catolicismo intimista, subjetivista, suave, maternal, irreverente e desprovido de distanciamentos burocráticos na relação com Jesus Cristo. Nele, o eu-lírico evoca uma devoção que desafia os limites da concreta e imponente matéria do pedestal (“plinto”) sobre o qual se pretendia eternizar a representação do Salvador: “Ó Cristo! Por que esse plinto / Em que os homens puseram-te em pé / Se eu, animado de sincera fé, / No fundo de minh'alma é que te sinto?!...”.

Apesar da expressão suave e intimista da fé pela poética belmiriana, as ações católicas passavam por tensionamentos e conflitos. A secularização do Estado brasileiro, desde o advento do regime republicano, em 1889, e sua nova Constituição, promulgada em 1891, eram vistas por muitos católicos como diminuição da hegemonia da fé e da moral cristãs sobre o espaço público. Somava-se a isso a expansão de templos religiosos e de instituições de ensino protestantes ou pautadas em filosofias como darwinismo social, positivismo, socialismo, etc, que eram vistos como potenciais ameaças ao catolicismo.

Não por acaso, assistia-se à potencialização de um centralismo institucional católico em torno da cúria romana, que condenava os chamados “vícios da modernidade” e, ao mesmo tempo, tentava “modernizar” a Igreja “do ponto de vista das relações de controle”. Segundo Duarte,

longe da abertura até então dada às tradições locais e o amplo espaço dado à tradição na própria organização da Igreja, o sistema religioso passava a

assumir um tipo de relações internas denominado por Weber de racional-legal ou burocrático com uso de normas e coerção. [...] fundava-se um ordenamento jurídico sacro cuja norma transcendente – autoridade papal – não mais poderia ser questionada por sínodos locais.<sup>316</sup>

Uma série de ações era coordenada no sentido de viabilizar, portanto, maior controle e padronização dos ritos religiosos com base numa perspectiva eurocentrista. Nesse sentido, diversas ordens religiosas vinham da Europa com o objetivo de estabelecer um alinhamento mais direto das práticas religiosas e da evangelização com as diretrizes e normativas doutrinárias da Santa Sé.

Juiz de Fora contou com a vinda de duas congregações masculinas: os Redentoristas, da Congregação do Santíssimo Redentor, de origem holandesa, e os verbitas, da Congregação do Verbo Divino, de origem alemã, que assumiram os trabalhos da igreja matriz de 1900 a 1925 e a direção da Academia de Comércio, instituição de ensino voltada majoritariamente para a formação de profissionais para os quadros do comércio.

Chegando ao Brasil, muitos dos padres estrangeiros imbuídos dessa missão reformista enxergavam diversas manifestações do chamado catolicismo popular como superficiais e distorcidas em relação ao dogma oficial. Um dos padres holandeses recém-chegados a Juiz de Fora chegou a comentar, inclusive, que os fiéis faziam de “tudo para exterioridades, solenidades, profissões, etc. Oxalá assistissem à missa aos domingos”.<sup>317</sup> Batista de Oliveira era uma das lideranças religiosas de cunho leigo que exerceu importante papel na mediação entre o catolicismo dito “tradicional” e o “novo modelo reformador”. Transitando entre esses dois mundos, influenciou os religiosos reformistas a dialogarem com os costumes populares, através do incentivo à realização de romarias para o Santuário do Bom Jesus de Matozinhos de Congonhas do Campo, missas campais, etc.<sup>318</sup>

Essa dificuldade que muitos religiosos europeus tinham de reconhecer como legítimas expressões de fé as manifestações devocionais do catolicismo tradicional, arraigadas aos costumes mineiros, despertava estranhamentos de fiéis locais, que costumavam reagir de maneira hostil.<sup>319</sup> Esse foi o caso de Belmiro Braga, que, em 1904, utilizou seu espaço na coluna “Aos Domingos” para criticar a forte presença de padres estrangeiros no município: “[...] melhor seria que a proibição do Papa recaísse sobre os padres estrangeiros que não

<sup>316</sup> DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica no Brasil desde o século XIX..., p. 120-121.

<sup>317</sup> Livro de crônicas da Casa dos Redentoristas *apud* PEREIRA, Mabel Salgado (dir.). *100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil...*, p. 45.

<sup>318</sup> PEREIRA, Mabel Salgado (dir.). *100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil...*, p. 48.

<sup>319</sup> PEREIRA, Mabel Salgado (dir.). *100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil...*, p. 46.

pronunciam corretamente a língua do país em que se acham domiciliados”, fazendo o auditório se dispersar gradativamente.<sup>320</sup>

A todos que teciam esse tipo de crítica, o padre da Congregação do Santíssimo Redentor, Júlio Maria, respondia com seus famosos discursos na igreja matriz. De acordo com o líder religioso, a presença de padres estrangeiros no Brasil refletia a necessidade de suprir a escassez numérica do clero brasileiro e a sua impossibilidade de atender, proporcionalmente, às demandas de um país de grandes proporções territoriais. Os padres estrangeiros vinham ao Brasil, segundo ele, para “ensinar a fé tradicional” e “a religião histórica do povo brasileiro”, tentando subsistir e manter “a nossa unidade religiosa”, sem a qual o país perderia a sua “unidade nacional e política”. Com um discurso bastante incisivo, Júlio Maria afirmava que a “invasão” não era dos padres estrangeiros, mas sim dos religiosos protestantes, que “desnaturavam” nosso “ensino”, nossas “tradições” e nossos “costumes” sem qualquer tipo de repressão do poder público, que, ao invés disso, tolerava-os e até os favorecia.<sup>321</sup>

A eloquência do padre Júlio Maria repercutia fortemente na imprensa. O escritor Murilo Mendes, em suas memórias de infância, confessava se sentir impactado pelas palavras do padre, que era amigo de seu pai. Chamava-lhe atenção a sua postura combativa, de quem “saboreava o café despedindo raios contra certos colegas acusados de deformar a religião”. Mendes o caracteriza como um “destruidor da imagem convencional do suave Nazareno”, de feições “meigas”, e da “lânguida Madona”, “pálida de olheiras e vestida sempre de azul ou cor de rosa”. Ao invés disso, enxergava nele “um anunciador do catolicismo como força violenta destinada a subverter a nossa tranquilidade e as próprias bases do mundo físico”.<sup>322</sup> A ele o escritor atribuía o papel de instigá-lo, desde mais tenra idade, a desenvolver as primeiras reflexões sobre religião e fé, orgulhando-se de ter recebido dele o “vinho forte” que o “desmamou” definitivamente do “leite de uma religião afeminada e frouxa”.<sup>323</sup>

Contraposta a essa imagem sisuda e combativa do padre Júlio Maria, com seu perfil de seguidor racional da fé, estava Belmiro Braga, evocado nas memórias murilianas com seu sorriso irreverente, sua afeição pelo maxixe, pelo carnaval e pelo lirismo simples e suave de trovador que cumprimenta os pássaros, as plantas e as flores. Nesse momento, o “João de Deus Mineiro” ou “trovador de Vargem Grande”, também sendo amigo do pai do menino Murilo Mendes, abria-lhe as portas da casa e da biblioteca para ensiná-lo a rimar, metrificar e

<sup>320</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 27/03/1904, p. 1.

<sup>321</sup> Maria, Júlio [Padre]. Conferências na Catedral (V). *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 07/04/1908, p. 1.

<sup>322</sup> MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968. p. 43-46.

<sup>323</sup> MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote...*, p. 45.



descobrir autores como Bocage, Antonio Nobre, Cesário Verde, Camilo, Fialho de Almeida, Eça de Queirós, dentre outros. Também seria ele o responsável por apresentá-lo ao busto do poeta Oscar da Gama, erigido no Parque Halfeld.<sup>324</sup>

Vale ressaltar que Belmiro Braga era conhecido pela forma irreverente e bem-humorada com que abordava a sua relação com o sagrado. Em um texto memorialístico publicado no *Jornal do Comércio*, em 1903, ele mesmo narra um caso que lhe teria ocorrido na infância, na roça, nos idos da década de 1880. Estudando em uma cartilha que trazia impressa uma imagem borrada de Jesus crucificado, com barba grande e cabeça pendida para o lado, o menino teria descoberto alguma semelhança entre aquela imagem e a de um “caboclo velho”, seu conhecido – um provável negro escravizado ou recém-liberto –, cuja cabeça era torta. Sem conseguir conter a sua imaginação de criança, teria escrito por baixo da imagem o nome do “caboclo”, o que teria sido quase suficiente para lhe render uma “surra” de sua mãe.<sup>325</sup>

Em alguns de seus poemas, B. B. também surpreende o leitor ao explorar a relação entre o sagrado e o profano para produzir efeitos humorísticos. Esse é o caso, por exemplo, do poema “A uns braços”, escrito em 1914 e, posteriormente, publicado no livro *Redondilhas*:

Seus braços... se minha sorte  
fosse de neles morrer,  
em vez de morrer de morte,  
morreria de prazer...

Cantá-los... e a pena chora  
e se faz toda em pedaços.  
Depois de os ver, sei agora  
por que Vênus não tem braços.

[...]

Que os braços que eram de Vênus  
hoje os braços dela são...

E eu os vi perto... E quando  
ela os foi, num gesto lindo  
de encontro aos seios, fechando,  
todo o seu céu se foi abrindo...

[...]

Cantá-los, eu? Não! Resisto  
ao pedido e os braços louvo.  
Para neles morrer, Cristo  
ressuscitava de novo.

E que morte doce e bela

<sup>324</sup> MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote...*, p. 39-42.

<sup>325</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 22/11/1903, p. 1.

não seria a de Jesus,  
morrendo nos braços dela  
e não nos braços da cruz?!...<sup>326</sup>

Profundamente imerso na tradição lírica luso-brasileira, Belmiro Braga também criticava na coluna “Aos Domingos” as proibições do papado de Pio X (1903-1914) quanto aos cânticos em língua vernácula nas missas. Entendendo essa nova normativa papal como ameaça à popularidade das festas religiosas locais, assim alarmava os leitores: “as nossas festas religiosas vão perder seu maior encanto”. E ainda recorria ao trocadilho como recurso humorístico para facilitar a apropriação de sua mensagem pelo público: “Que a bula não bula com a voz afinada das cantoras, porque, sendo assim, a bula encabula”.<sup>327</sup>

Nascido em um contexto familiar de devoção católica, B. B. tinha a mãe como referência de fé e dedicação ao sagrado, apesar de perdê-la ainda em tenra idade. Distante das igrejas matrizes, a Fazenda da Reserva, onde nasceu, não favorecia o contato permanente e diário com a liturgia das missas, potencializando uma tendência muito forte entre os mineiros moradores nos rincões do Estado, que consistia em recorrer aos oratórios e às práticas devocionais domésticas. A iniciativa de sua mãe, de construir a Capela de Santa Cruz nos arredores da fazenda, por exemplo, pode ser vista não apenas como um pagamento de promessa, mas também como forma de mitigar a distância dos templos oficiais, o que, com o passar do tempo, acabou por transformar aquele espaço em objeto de peregrinação popular e de festas religiosas.<sup>328</sup>

As críticas do poeta e cronista à proibição de cânticos em vernáculo nas missas representavam uma reação ao *Motu Proprio de Musica Sacra*, documento pontifício por meio do qual Pio X “oficializou as mudanças na música de uso litúrgico, adequando-a ao discurso de transcendência em relação ao século que marcava a romanização”. Esse documento apresentava as seguintes diretrizes para as práticas musicais católicas: i) definição do canto gregoriano como gênero oficial da Igreja Romana; ii) estímulo ao resgate da “polifonia clássica” do século XVI; iii) proibição à execução de obras religiosas que tivessem características da ópera ou da música sinfônica; iv) proibição às bandas de música, uso de piano e instrumentos de percussão nos ritos religiosos; v) criação de “comissões de música

<sup>326</sup> BRAGA, Belmiro. A uns braços. \_\_\_\_\_. *Redondilhas*. Rio de Janeiro: Renato Americano Editor, 1934. p. 145-147.

<sup>327</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 27/03/1904, p. 1.

<sup>328</sup> No jornal *Pharol*, de Juiz de Fora, constam algumas notas informando sobre festas e cultos religiosos (missas, novenas, apresentações musicais, fogos de artifício, etc) realizados na Capela de Santa Cruz, inclusive a realização de um leilão destinado a angariar fundos para a compra de um sino para o edifício (Fontes: *Pharol*, Juiz de Fora, 19/04/1884, p. 2; 19/06/1886, p. 2).

sacra responsáveis pela censura de obras que estivessem em desacordo com as normas e propaganda das obras adequadas”. Enquanto o canto litúrgico nas funções solenes só podiam acontecer em língua latina, os cantos religiosos populares ou cânticos espirituais, em vernáculo, deveriam se restringir às procissões com acompanhamento das bandas de música e às festividades fora das missas.<sup>329</sup>

Todas essas normas refletiam uma preocupação com a chamada “decadência da música litúrgica por influência da música teatral, sobretudo da ópera”<sup>330</sup>. Nos oitocentos, com o aumento das camadas médias consumidoras de arte e de instituições ligadas à prática musical, como editoras especializadas em impressão de partituras, teatros, atividades didáticas, comércio de instrumentos musicais, etc, a música saía das igrejas para ir ao teatro. Se, por um lado, esse não era necessariamente um problema, por outro, não se podia dizer o mesmo sobre a entrada da música de teatro na igreja. Em razão disso, tornava-se mais ostensiva a proibição das melodias consideradas dotadas “de sentimentos profanos” nos cultos. Os adeptos da reforma também propugnavam a criação de uma associação que impusesse obediência ao “Regulamento para a Música Sacra”, bem como a fundação de uma “Escola de Música Sacra”, destinada a preparar músicos, cantores, compositores e seminaristas.<sup>331</sup>

Em Juiz de Fora, o padre alemão João Lehmann foi um dos grandes responsáveis pela implementação das normas de Pio X quanto ao uso das músicas dentro das igrejas. Nascido em Metloch, na Renânia, em 1873, Lehmann estudou música e ingressou na Congregação do Verbo Divino, na qual foi ordenado sacerdote em 1899. Em 1900, começou a atuar como professor e músico na Academia de Comércio de Juiz de Fora. A partir de então, produziu diversos livros e manuais de canto em latim, como *Cânticos para a Semana Santa*, destinados à liturgia oficial. Os cânticos em vernáculo eram permitidos apenas nas procissões, festas, etc.

Nesse primeiro momento da atuação de João Lehmann no município, Belmiro Braga reagia antagonicamente à reforma musical em curso. A partir de seu comentário na imprensa local em 1904, observa-se nele um perfil um tanto resistente em abrir mão de suas tradições devocionais para dar lugar às novas orientações formais que tentavam implementar nos cultos.

---

<sup>329</sup> DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica..., p. 122.

<sup>330</sup> DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica..., p. 122.

<sup>331</sup> VERMES, Mônica. Alguns aspectos da música sacra no Rio de Janeiro no final do século XIX. *Revista Eletrônica de Musicologia*, v. 5, n. 1, jun. 2000. Disponível em: [rem.ufpr.br/\\_REM/REMr5.1/vol5-1/rio.htm](http://rem.ufpr.br/_REM/REMr5.1/vol5-1/rio.htm). Acesso em: 03/09/23.

Entretanto, não demoraria muito tempo para que ambos estabelecessem parcerias artísticas, como a musicalização do hino à Nossa Senhora Aparecida.<sup>332</sup> Apesar de não termos informação sobre a data exata em que o referido hino foi musicado por Lehmann, há indícios de que a letra foi escrita pelo poeta em 1904, quando teria embalado a romaria dos fiéis juiz-foranos à Aparecida do Norte.<sup>333</sup>

Mas esta não teria sido a primeira nem a última parceria entre o letrista e o músico. Em 1908, o padre também foi o responsável por musicar o seu “Hino da Escola”, publicado no Suplemento Musical das *Vozes de Petrópolis*, pela *Tipografia da Escola Gratuita São José*:

Para glória dos nossos destinos  
Tendes, Pátria, a cumprir com dever:  
- Desbravar o caminho aos meninos,  
Ensinando os meninos a ler.

(Coro) O alfabeto é uma escada ridente  
Que nós todos devemos saber  
Para vermos além do Presente  
Desdobrar-se em clarões o Porvir.

Levai, Pátria, aos infindos desertos  
A instrução, que ilumina e seduz  
Aos que voltam os olhos abertos  
Para os céus em procura de luz.

(Coro) O alfabeto é uma escada ridente (etc).

Sereis grande levando as crianças  
Para a escola – esse Templo de amor,  
Pois as próprias ovelhas tão mansas  
Tem seu guia fiel – o pastor.

(Coro) O alfabeto é uma escada ridente (etc).

A instrução, cujos fins são tão nobres,  
Há de a infância das trevas salvar:  
Pois a escola é farol para os pobres  
Desgraçados perdidos no mar.

(Coro) O alfabeto é uma escada ridente (etc).

Nas crianças, ó Pátria, vejamos  
Uma planta brotando louçã:  
- Cultive-a, porque dos seus ramos  
Penderá vosso pão de amanhã.

<sup>332</sup> É possível ter acesso a uma versão do hino, gravada em 1941, interpretada pelo Coral Paulistano e Miguel Arquerons. Para conhecer a letra e a melodia, acessar: [www.discografiabrasileira.com.br/fonograma/57655/hino-a-nossa-senhora-aparecida](http://www.discografiabrasileira.com.br/fonograma/57655/hino-a-nossa-senhora-aparecida).

<sup>333</sup> BRAGA, Braga. Retalhos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 20/11/1904, p. 1.

(Coro) O alfabeto é uma escada ridente (etc).

Pátria, um livro as crianças abrindo  
 Duas asas abertas verão  
 Em demanda de um céu sempre lindo  
 A sorrir, de lição em lição.

(Coro) O alfabeto é uma escada ridente (etc).

Apontai às crianças um norte,  
 Proibi-as de olhar para atrás:  
 Se a instrução torna o braço mais forte,  
 Torna as almas amigas da paz!

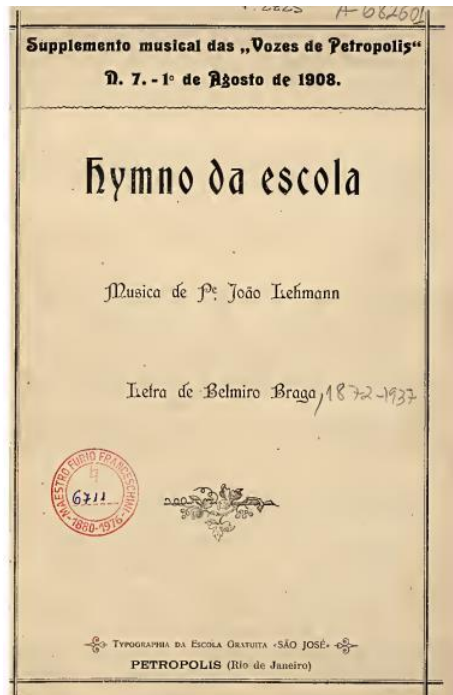
Julho, 1908

Lehmann, apesar de atuar na implementação das normas de Pio X para as músicas sacras e na reforma musical litúrgica em língua latina, também produziu músicas que casavam religião, educação e patriotismo. Editadas e publicadas em larga escala, as composições musicais do padre alemão, aos poucos, deixavam de ser direcionadas apenas às músicas litúrgicas oficiais e ganhavam espaço nas festividades religiosas e patrióticas. Além do “Hino da Escola”, foi ele também quem musicou, anos mais tarde, o hino *Oh, Minas Gerais*, escrito por José Duduca de Moraes. Fruto da adaptação da valsa napolitana *Vieni Sul Mar* e incansavelmente cantado e tocado nas escolas, este hino fez tanto sucesso que, apesar de Minas Gerais nunca ter possuído um hino oficial, passou a ser considerado como tal no imaginário popular.<sup>334</sup>

---

<sup>334</sup> JAURÉGUI, Carlos; TEIXEIRA, Nísio. Oh Minas Gerais, Oh linda *La Paz*: identidades no discurso cancional. *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. esp., set. 2019, p. 152 – 169. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153497/156993>. Acesso em: 05/09/2023.

Figura 9 - Publicação do *Hino da Escola* pela *Tipografia da Escola Gratuita São José*



Fonte: Suplemento musical das *Vozes de Petrópolis*, Petrópolis (RJ), n. 7, 01/08/1908.

A parceria entre o “tabelião-poeta” e o “padre-músico” foi ainda mais longe. Em 1909, ambos compuseram a comissão “Imprensa Católica e Arte Cristã”, do Congresso das Associações Católicas. Fruto da iniciativa de Joaquim Furtado de Menezes, presidente do Conselho Central de São Vicente de Paulo, de Ouro Preto, esse congresso tinha por objetivo discutir a ação social católica em todos os departamentos da atividade humana, inclusive a restauração de sua hegemonia no espaço público brasileiro. Não obstante, os organizadores do evento consideravam a política “totalmente banida do congresso”.<sup>335</sup>

Além da comissão “Imprensa Católica e Arte Cristã”, coordenada por Belmiro Braga e o padre João Lehmann, o evento era composto por mais quatro comissões, quais sejam: Instrução e Educação da Mocidade Católica; Instituições de Caridade; Mutualidades Católicas; União dos Católicos e Comissão Diretora. Dentre os participantes, podem ser verificados os nomes de Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, Braz Bernardino, Francisco Bernardino, José Procópio Teixeira e outros.<sup>336</sup>

A solenidade de instalação do Congresso foi realizada em 4 de janeiro de 1910, no anfiteatro da Academia de Comércio de Juiz de Fora. Na ocasião, houve homenagem ao papa Pio X e coro regido pelo padre João Lehmann, com hino diocesano escrito por Afonso Celso.

<sup>335</sup> Notícias e comentários. *O Pharol*, Juiz de Fora, 28/02/1909, p. 1.

<sup>336</sup> Notícias e comentários. *O Pharol*, Juiz de Fora, 28/02/1909, p. 1.

No discurso de abertura, Joaquim Furtado de Menezes abordava o que denominava “crise social” ou “estado patológico” da sociedade, cuja causa atribuía ao desmantelamento da fé cristã pelos ideais de liberdade propugnados pelos iluministas e pela Revolução Francesa. O orador condenava a laicização do Estado, chamando-o de “Estado Ateu” e responsabilizando-o por toda a desorganização da sociedade. Segundo ele, o “Estado que ataca Deus, banindo-o da Constituição, das leis, das escolas, condena um povo eminentemente católico a ser ateu oficialmente”.

Menezes defendia com veemência a indissociável relação entre Deus e Pátria: um líder político laico, sendo “inimigo de Deus”, não podia, segundo ele, amar o próximo. Por isso, enfatizava a máxima “Patriotismo ateu é uma utopia”. Ratificando que a finalidade maior do Congresso era estudar os meios para resolver a referida “crise social”, citava Juiz de Fora como um exemplo de cidade nessa missão, por já ter implantado um monumento do Cristo Redentor no alto de uma de suas montanhas.<sup>337</sup>

Apesar de Belmiro Braga se ausentar da solenidade de instalação do Congresso, sua participação na ação católica juiz-forana nesse momento é irrefutável.<sup>338</sup> O literato já colaborava, desde 1906, com o periódico *O Palladio*, que se propunha a “fazer propaganda da fé”, apresentando seus colaboradores como “bandeirantes da nossa Religião [catolicismo]”: “[...] lacuna importante vem a preencher, pois não há que negar o saliente papel que no seio da nossa sociedade representam esses bandeirantes da nossa Religião – forte esteio que unifica a família, vinculando-a pelos sagrados laços da moral e do afeto.” A “direção mental” do folhetim era de Canuto Figueiredo e Pinto de Moura, com auxílio de Belmiro Braga, Brant Horta, Francisco Lins e Almeida Queiroz, considerados “consagrados na difícil tarefa de diretores da opinião”.<sup>339</sup>

Diante do exposto, é possível considerar B. B. e Lehmann parceiros na mediação entre o catolicismo oficial e as manifestações devocionais populares, exercendo papel análogo ao de Batista de Oliveira. Ambos atuavam no incentivo à construção de um senso patriótico católico ou, para utilizar as palavras de Joaquim Furtado de Menezes, um “patriotismo não ateu”. Sem essa mediação cultural, qualquer ação reformista se tornava inviável. Se, por um lado, a bula de Pio X proibia música vernácula e profana nas missas, era preciso, por outro

<sup>337</sup> 1º Congresso Católico Mineiro – a solenidade da instalação. *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/01/1910, p. 1.

<sup>338</sup> A carta de Belmiro Braga justificando a ausência na cerimônia de instalação do Congresso é citada em: 1º Congresso Católico Mineiro – a solenidade da instalação. *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/01/1910, p. 1.

<sup>339</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 10/07/1906, p. 1.

lado, que a Igreja Católica expandisse a sua articulação com os leigos, para além do formalismo católico, caso almejasse de fato propagar a evangelização e fortalecer sua hegemonia no ainda incipiente regime republicano.

Segundo Duarte, mesmo associações católicas como a de Santa Cecília, que era

responsável pela restauração musical católica e pelo desenvolvimento de um repertório religioso mais austero do que aquele corrente na segunda metade do século XIX, não se mostravam contrárias ao canto religioso popular. Ao contrário, restringiam suas preocupações ao âmbito estritamente litúrgico (missa alta) e viam o canto religioso, quando executado com decoro, como uma coisa bela e útil à edificação dos fiéis.<sup>340</sup>

Não entendemos a repulsa inicial de Belmiro Braga a alguns aspectos do reformismo católico (como a questão da música litúrgica e a presença de padres estrangeiros no país) e a sua posterior adesão ao movimento como necessariamente contraditória, mas como ambígua, peculiar ao transcorrer de um processo reformista. A princípio, as diretrizes chegavam causando estranhamentos e reações adversas e hostis, pois se chocavam com as tradições já estabelecidas. Porém, com o tempo, o ideal reformista se concretizava a partir da troca mútua de influências, da concessão de ambas as partes e do processo de apropriação mútua de linguagens, valores e códigos.

Duarte considera “pouco provável que esta forma de manifestação da religiosidade aclimatada aos trópicos se limitasse à língua latina”, demonstrando em seus estudos certo grau de flexibilidade de muitos padres, como os lazaristas, por exemplo, que eram criticados pela escolha de “melodias consideradas pouco dignas do uso nas igrejas”.<sup>341</sup> Até mesmo os fiéis partidários do reformismo musical não deixavam de fazer concessões: alguns deles defendiam maneiras de interpretar diversos cânticos espirituais em vernáculo para que não soassem profanos, através da exclusão da ornamentação vocal e do acompanhamento em caráter de órgão litúrgico, sem o piano e o violão.<sup>342</sup>

Vale ressaltar que o hábito belmiriano de compor hinos e cânticos religiosos em diálogo com públicos amplos não se restringe a esse primeiro decênio do século XX, mas se estende a outros momentos de sua carreira artístico-literária. É o que se observa, por exemplo, nos anos 1920, quando participou do presépio organizado pelo cineasta popular João Carriço. Antes de fundar o *Cine-Teatro Popular*, na rua 15 de Novembro (atual Avenida Getúlio

<sup>340</sup> DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica..., p. 127.

<sup>341</sup> DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica..., p. 137.

<sup>342</sup> DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica..., p. 127.



Vargas), com exibição de filmes a preços módicos, Carriço montava presépios natalinos, em cujos encerramentos eram apresentadas composições do “trovador de Vargem Grande”, como “Tristeza de Jeca”<sup>343</sup>, em 1924, e “cânticos sacros”<sup>344</sup>, em 1925.

Vale ressaltar que não era somente através dos cânticos que a Igreja tentava aproximações com a sociedade. A valorização das práticas da filantropia e da caridade também fazia parte desse processo. Era grande, nesse momento, o incentivo à ampliação das ações assistenciais católicas através de associações de caridade, como a Sociedade São Vicente de Paula, fundada em Juiz de Fora em 1894.<sup>345</sup> Era Belmiro Braga, por sinal, incentivador da filantropia e da caridade na imprensa, apresentando-se como integrante e colaborador de instituições do gênero. Na condição de membro da diretoria do Grêmio de Caridade instalado na rua Batista de Oliveira, atestava a idoneidade da agremiação e conclamava e sensibilizava as pessoas a fazerem doações, parafraseando a seguinte passagem bíblica: “Quem dá aos pobres empresta a Deus”.<sup>346</sup>

A ideia de caridade religiosa também estava presente na forma como Belmiro Braga representava os capítulos da escravidão e do abolicionismo na história do Brasil. O literato concebia a abolição como resultado da ação de caridade de uma princesa redentora. Contabilizando dezoito anos de idade na ocasião da assinatura da Lei Áurea, dizia que pouco soube do assunto, o que mais nos parece uma tentativa de silenciamento: “Hoje, lendo e ouvindo tantas coisas horríveis sobre a escravidão, [...] é muito pouco o que dela sei”.

Entretanto, mesmo olhando pelo retrovisor, sob o crivo de um contexto no qual a escravidão era tratada como mácula da história brasileira, não deixou de mencionar, com travos de romantismo e paternalismo, a relação de seus progenitores com os cativos. Em *Dias Idos e Vividos* (1936), atribuiu ao pai e à mãe uma postura benevolente e caridosa no tratamento dispensado a seus sete escravizados: “Comiam o que nós comíamos, nunca foram castigados e ninguém os diferenciava dos homens livres que trabalhavam para Papai. Nunca andavam maltrapilhos. Veio o 13 de maio e todos eles continuaram na Reserva”.<sup>347</sup> As relações de dependência pessoal entre senhor e escravizado são nitidamente observadas no

---

<sup>343</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 20/01/1924, p. 1. Não foi possível localizar a letra dessa composição de Belmiro Braga, que teve apenas o título citado pelo referido jornal.

<sup>344</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 16/01/1925, p. 1.

<sup>345</sup> PEREIRA, Mabel Salgado (dir.). *100 anos – 1º Cristo Redentor do Brasil...*, p. 47.

<sup>346</sup> BRAGA, Braga. Retalhos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 20/11/1904, p. 1.

<sup>347</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 152.

caso de Sena, que, além de ter sido um presente que sua mãe ganhara do padrinho, ocupou na rotina da casa o lugar de segunda mãe do menino.<sup>348</sup>

Enquanto isso, B. B. não poupou detalhes para narrar o tratamento violento dispensado aos escravizados das fazendas circunvizinhas. Os horrores da escravidão representados em suas narrativas, no entanto, mais se parecem com uma tentativa deliberada de enaltecer, por contraste, as benevolências paterna e materna: “[...] apareciam na Reserva, fugidos, pedindo que Papai os apadrinhasse. Vinham quase nus e traziam, muitos deles, ganchos de ferro no pescoço”.<sup>349</sup> Seu tio, conhecido por suas atrocidades, após sucessivos castigos submetidos à mulher de um dos cativos, teria sido morto apunhalado. Na propriedade de seu padrinho, Benedita atirou-se no açude com seu filho, após ser culpada, fustigada e obrigada a confessar um furto de joia que não cometera. O objeto teria sido encontrado tempos depois, levando muitos ao sentimento de profundo remorso. De ladra, a mulher passaria a ser vista, a partir de então, como santa: uma cruz, “levantada à beira do açude, em memória da pobre mártir, estava sempre enfeitada de flores e de velas acesas, e a alma da morta começou a fazer milagres...”.<sup>350</sup>

Tal passagem de *Dias Idos e Vividos* (1936) nos remete a um poema escrito por Belmiro Braga em 1933, em homenagem à Princesa Isabel, no qual o autor alude às “mães aflitas mortificadas pela escravidão”:

Há perto de cem anos, Sua Alteza  
Isabel escreveu – menina ainda –  
estas páginas cheias de beleza,  
cheias de encanto [,] de ternura infinda.  
E, hoje, lendo-as e relendo-as, com surpresa,  
vejo que a minha admiração não finda  
por essa nobilíssima Princesa  
de coração gentil e de alma linda.  
Leio, de joelhos, as páginas benditas  
e à memória me vêm as mães aflitas  
mortificadas pela escravidão.  
E a mão dessas páginas autora  
é a mesma linda mão encantadora  
que o decreto formou da Redenção!<sup>351</sup>

<sup>348</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 151.

<sup>349</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 152.

<sup>350</sup> BRAGA, Belmiro, *Dias Idos e Vividos...*, p. 152-153.

<sup>351</sup> O “trovador de Vargem Grande” manuscreeveu esse poema em um caderno de exercícios escolares atribuído à Princesa Isabel e, posteriormente, doado por uma professora de nome Odete Paiva ao Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG), onde atualmente integra o acervo relativo à família imperial brasileira. Coleção Família Imperial (CFI) – Arquivo Histórico da Fundação Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

Nesses versos, como se pode observar, o poeta enaltece a figura materna e protetora da princesa, corroborando com seu processo de mitificação como “Redentora” dos negros escravizados. Para ele, assim como para muitos de seus contemporâneos, a abolição era entendida sob a perspectiva da “caridade católica”, em que a liberdade era associada às ideias de redenção e doação benevolente às vítimas da opressão, sequeladas pela violência, mas puras de alma, pacificadas e moderadas pelo 13 de Maio.<sup>352</sup>

Todos esses aspectos mencionados até aqui nos ajudam a dimensionar a postura de Belmiro Braga como homem católico, branco e atuante na imprensa brasileira no início do século XX. Percebe-se no literato uma concepção religiosa que, sem se despir dos conservadorismos e visões de mundo de seu tempo, pautava-se na busca de diálogos com públicos amplos e em conexão com as artes.

### **3.4 O poeta-inspetor e a educação em Juiz de Fora no início do século XX**

Em 1906, Belmiro Braga assumia o posto de inspetor municipal e estadual de ensino em Juiz de Fora. Foi exatamente nesse ano que João Pinheiro implementava a reforma do ensino em Minas Gerais, tendo como base o relatório redigido por Estêvão de Oliveira em 1902, no qual eram apresentadas diversas proposições para melhorar as condições da educação no Estado.

Desde a promulgação da constituição republicana de 1891, as discussões sobre a institucionalização do ensino se intensificaram. O novo texto constitucional propugnava que a instrução elementar era responsabilidade do Estado. Na prática, havia muito a se fazer, a começar pela fiscalização, normatização e controle estatal sobre o ensino, que, até então, contava com a predominante atuação dos “mestres-escolas”, como “seu Lifonso”, tão presente nas memórias de infância de Belmiro Braga.

Esses “mestres da arte de ensinar as primeiras letras”, conforme nos lembra Maraliz Christo, “mantinham-se vinculados diretamente à comunidade que lhes reconhecia o saber e lhes enviava os filhos”. O ensino ofertado por eles acontecia em “escolas isoladas” e, não raramente, em suas próprias casas, de modo que isso lhes garantia ampla autonomia como “detentores do saber”, empregando métodos, programas e livros por eles mesmos

---

<sup>352</sup> DAIBERT JR., Robert. “Santa Isabel” e o escravo devoto: a princesa redentora por olhares negros e brancos. In: FUNDAÇÃO MUSEU MARIANO PROCÓPIO. Anais Museu Mariano Procópio (volume 1). Juiz de Fora: Mapro, 2014. p. 246-248.

determinados e, inclusive, adotando a violência como principal estratégia de controle e repressão dos estudantes.<sup>353</sup>

Com a transferência da responsabilidade do ensino elementar para o Estado, algumas mudanças tiveram que ser implementadas, ainda que a passos muito lentos. Os “mestres-escolas” tiveram seus trabalhos aproveitados, mas transformados em funcionários públicos, pagos pelo Estado, que, em troca, restringia-lhe a autonomia por meio da normatização do ensino.<sup>354</sup> Para atender às novas demandas desse processo de institucionalização estatal, eram criados diversos cargos, como o de inspetor geral de Instrução Pública, superintendente de ensino, órgão técnico para estudar os métodos e processo de ensino, inspetoria ambulante para fiscalização das escolas do interior, etc.<sup>355</sup>

Segundo Christo, os critérios para provimento desses cargos, nesse momento, deixavam de ser o reconhecimento do saber por parte da comunidade, para darem lugar às barganhas e negociações políticas. Na prática, o Estado se manteve “omisso na criação e manutenção das escolas, detendo-se exclusivamente na normatização do professor-funcionário público” e na ênfase conferida ao “mito do professor-sacerdote”. Os relatórios dos inspetores, ao invés de apresentarem fatores como competência e metodologias de ensino, supervalorizavam o zelo, a dedicação, o cumprimento das normas e “o amor com que o professor desenvolvia seu trabalho”.<sup>356</sup>

Defendendo que o “professor competente” e “qualificado” deveria se sobrepor ao “virtuoso”, Estêvão de Oliveira criticava que não bastava o controle sobre o professorado, uma vez que este “se encontrava disperso em cadeiras e escolas isoladas, funcionando, na maioria das vezes, em sua própria casa”. Segundo ele, era necessário “criar uma organização do trabalho mais rígida”.<sup>357</sup> Foi com esse intuito que redigiu o relatório de 1902, que veio a servir de base para a reforma de ensino implementada por João Pinheiro em 1906, na qual o professorado foi dividido em quatro categorias: efetivos, adjuntos, auxiliares e técnicos. Além disso, foi implementado o projeto dos “Grupos Escolares” e das “Escolas Fazendas”.<sup>358</sup>

Em 4 de fevereiro de 1907, era instalado em Juiz de Fora o primeiro Grupo Escolar do Estado de Minas Gerais, o Grupo Escolar Delfim Moreira, situado em frente à igreja matriz de

---

<sup>353</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 107.

<sup>354</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 107.

<sup>355</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 107.

<sup>356</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 107.

<sup>357</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 114.

<sup>358</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 114.

Juiz de Fora, no prédio que, nos tempos do Império, D. Pedro II, por ocasião de uma de suas visitas oficiais a Juiz de Fora, rejeitou como presente ofertado por Manoel do Vale Amado.

Implantado como espécie de protótipo no Estado, esse grupo escolar teve José Rangel como primeiro diretor, a quem Belmiro Braga, em tom humorístico, refere-se em um de seus discursos proferidos no salão nobre da instituição:

O Rangel... faz gosto vê-lo  
no meio destas crianças,  
todo afago, todo zelo,  
a dizer frases tão mansas.

Dirigir com mil cuidados  
o ensino – hoje é seu papel,  
que os grupos já são chamados  
a família do Rangel!

E o Rangel... mas que paciência!  
Eu diante dela me humilho!  
Para manter a frequência  
põe em cada uma aula... um filho!

Não há caçamba sem corda,  
nem laçadas sem engodo:  
Outro o Rangel nos recorda  
que é já parte de seu todo.<sup>359</sup>

No exercício do cargo de inspetor escolar, o papel de Belmiro Braga era o de fiscalizar as escolas, aplicar exames admissionais e marcar presença nas solenidades de inauguração de unidades escolares no município. No entanto, mais uma função se encaixava nessa lista de atribuições: a de poeta, verzejador. Através de versos como os citados acima, com humor e algumas notas de patriotismo e romantismo, é muito provável que a concepção de escola moderna de que se fazia propaganda naquele momento tenha chegado a públicos vastos e heterogêneos. Nesse sentido, é possível afirmar que, no exercício da função de inspetor, a faceta do poeta conhecido e popularizado tenha exercido um papel importante naquilo que Angela de Castro Gomes e Patrícia Hansen, inspirando-se em Weber, chamam de “rotinização” de significados de bens culturais.<sup>360</sup> Em outros termos, a poesia pode ser considerada aqui um instrumento de preparação dos públicos para a recepção de novos conceitos e modelos que se pretendem introduzir na prática social. Mas, afinal, que conceitos e modelos eram esses?

<sup>359</sup> BRAGA, Belmiro. Conferência no salão nobre dos Grupos Escolares de Juiz de Fora. In: \_\_\_\_\_. *Redondilhas*. Rio de Janeiro: Renato Americano, 1934. p. 67-78.

<sup>360</sup> GOMES, Angela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores...*, p. 33.

A concepção de escola, professor e ensino que se pretendia difundir nesse início do século XX estava estritamente ligada às ideias de “domesticação” e “civilização”, segundo as quais o indivíduo deveria ser treinado para a vida em sociedade, sobretudo para o trabalho, através da disciplinarização do comportamento e do ensino de valores morais e cívicos (patrióticos) que engrandecessem a pátria. Tudo isso com base na harmônica relação entre escola, professor e família.

Nos poemas belmirianos, a “nova escola” nascida com a reforma e a modernização do ensino era representada como o avesso de tudo o que vivera em seu tempo de menino, em contato com mestres-escolas “velhos” e retrógrados, que, pondo “um olho na lição e o outro na palmatória”, gabavam-se de agir com violência, escamoteando por meio dela o seu quase analfabetismo. Inseridos em uma nova realidade monitorada por professores competentes, afetuosos – que executam com método, disciplina e obstinação, a tarefa que amam –, os alunos passavam a sentir prazer de frequentar a escola. Era assim que o poeta-inspetor propagandeava a modernização do ensino em seu município:

Que inveja, meu Deus, a minha  
ao ver este belo enxame!  
A minha escola não tinha  
nem prêmios e nem exame.

[...]

Em vez de moça galante  
a rescender a *gallet*,  
meu mestre – um velho maçante  
sempre cheirando a rapé.

[...]

Tomai nota, ó meus amigos,  
destas quadrinhas modestas:  
**Outrora – eu tinha castigos  
e hoje, vós tendes festas!**

Antigamente, as escolas,  
com suas regras daninhas,  
eram tristonhas gaiolas  
e nós – pobres avezinhas.

Hoje, vós tendes o exemplo  
nos Grupos desta cidade:  
São as escolas um templo  
de amor, carinho e bondade.

Hoje – e como nos consola  
o podermos afirmar

que o lar começa na escola  
e a escola finda no lar!  
[...]<sup>361</sup>

Em 1909, por ocasião da solenidade de inauguração do Grupo Escolar de Mariano, em Juiz de Fora, o inspetor-tabelião-poeta evocaria, mais uma vez, suas memórias de infância para contrastar a rusticidade e precariedade do passado com a proclamada evolução do ensino no tempo presente: “[...] Do passado ao presente que distancia,/ O sol que os grupos escolares doura/ Não viu a escola de meu serro agreste.”<sup>362</sup> Nessa mesma solenidade de inauguração, afirmava que o novo papel da educação era o de “transformar as escolas calabouços em casas festivas e iluminadas e os antigos mestres carcereiros em professores jardineiros”:

[...] o professor no seu posto lembra-nos o jardineiro desbravando o solo, regando a terra, semeando a semente, podando os rebentos mais e amparando a planta. E a inteligência da infância floresce entre os seus cuidados e rebenta em frutos para os celeiros das gerações futuras. E a escola assim concebida é mais que uma instituição de aperfeiçoamento e de ensino, é uma reabilitação do homem, é uma renovação do caráter e da inteligência, é o maior dos benefícios que se pode prestar à sociedade.<sup>363</sup>

A metáfora do “jardineiro” nos remete, mais uma vez, às reflexões ensaísticas de Bauman sobre a passagem da “cultura selvagem dos tempos pré-modernos para a cultura-jardim da modernidade”. Para o autor, “a redefinição da ordem social como produto da convenção humana, como algo não ‘absoluto’ e que não está além do controle humano, foi de longe o marco mais importante na estrada da modernidade”. A partir de então, segundo o autor, os menos favorecidos se tornam “incapazes de autopreservação” e dependentes das iniciativas administrativas de profissionais treinados”. É a crença na capacidade desses profissionais treinados de superar o “estado natural” da humanidade o discurso legitimador do papel do intelectual na modernidade: o papel de “jardineiro”, que “assume o lugar do guarda-caça”. Ao contrário dos “jardineiros”, os “guarda-caças não alimentam a vegetação e os animais que habitam o território confiado a seus cuidados; tampouco têm qualquer intenção

<sup>361</sup> BRAGA, Belmiro. Conferência no salão nobre dos Grupos Escolares de Juiz de Fora. In: \_\_\_\_\_. *Redondilhas*. Rio de Janeiro: Renato Americano, 1934. p. 67-78.

<sup>362</sup> BRAGA, Belmiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 13/06/1909, p. 1.

<sup>363</sup> BRAGA, Belmiro. *O Pharol*, Juiz de Fora, 13/06/1909, p. 1.

de transformar a condição do território para fazê-lo ficar mais parecido a um ‘estado ideal’ inventado”.<sup>364</sup>

Ao inspetor de ensino era reservada essa missão de “jardineiro”, um funcionário público que, a grosso modo, servia de instrumento de controle do Estado sobre a ação do mestre-escola. Um trabalho de controle e dominação que precisa ser relativizado, uma vez que todo sistema, por mais coeso e coerente que seja, sempre deixa brechas e margens para o exercício de certa autonomia pelos indivíduos.

Reunindo as funções de tabelião, inspetor de ensino e poeta do cotidiano, Belmiro Braga não deixava de abordar na poesia temas e questões que o afetavam em sua atuação de burocrata. No entanto, não se pode afirmar que a sua produção literária fosse mero reflexo de suas profissões ou que estivesse apenas a serviço do projeto de dominação das ditas “classes dominantes”. Além de a sua produção poética contribuir para “rotinizar” e difundir uma imagem positiva e romantizada do “novo” sistema de ensino público que se implantava no município – do qual ele próprio era partícipe –, o poeta também fazia de sua arte instrumento de crítica e de comunicação para melhorar as condições de atuação de artistas e literatos dentro desse cenário de modernização do município.

### 3.5 Um “cultor” das letras e das artes nacionais

O cronista Belmiro Braga tinha consciência de que não bastava o país estar repleto de talentos, se as condições para a sua existência não lhes fossem favoráveis. Defensor da arte e da cultura brasileiras, sobretudo a regional, B. B. se mostrava consciente da situação das artes e das letras em seu país a partir especialmente da sua terra, apontando a precariedade de condições de escritores e artistas locais. Nesse sentido, defendia que o caminho a ser seguido era o da organização de alguma agremiação regional, projeto que tentou levar adiante assim que transferiu sua residência para a sede do município, em 1904, mas que se frustrou diante das reiteradas reclamações da falta de “união” entre os produtores culturais.<sup>365</sup>

Lamentando que a vida literária da cidade se perdesse em rugas de todo tipo, afirmava em linguagem direta, objetiva e de fácil entendimento que as “pendengas” existentes entre *O Pharol* e o *Jornal do Comércio*, por exemplo, assemelhavam-se à “fogueira de lenha

<sup>364</sup> BAUMANN, Zygmunt. Guarda-caças que se tornam jardineiros. In: \_\_\_\_\_. *Legisladores e intérpretes: sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 78-99.

<sup>365</sup> BRAGA, Belmiro. *O Pharol*, 10/07/1904, p. 1.



verde”, servindo mais para engasgar os leitores com sua espessa fumaça do que para alimentar a chama do saber e da valorização da categoria.<sup>366</sup> Também dizia que o Brasil era um país em que, lamentavelmente, os políticos tinham mais valor do que artistas e escritores. Estes, sem receberem incentivo para produzirem e divulgarem suas produções, permaneciam esquecidos e morrendo “como estrangeiros dentro da própria pátria”.<sup>367</sup>

Um dos acontecimentos que ensejaram as suas primeiras manifestações na imprensa foi a mudança do maestro Manoel Joaquim de Macedo para terras juiz-foranas em 1903. Recebido fervorosamente na coluna “Aos Domingos” por Belmiro Braga, Macedo era qualificado como um “nome ilustre que atravessou o Atlântico”. O cronista mirava com otimismo a mudança do músico para uma cidade interiorana como Juiz de Fora, acreditando que a sua presença pudesse “reanimar” o arrefecido “amor inato” da população pelo que chamava de “verdadeira música”. Juiz de Fora precisava, segundo B. B., impulsionar seu renascimento cultural: “Seja, pois, bem-vindo o extraordinário êmulo de Carlos Gomes ao nosso Juiz de Fora que, à semelhança da *Phenix* da Fábula [...] renasce das próprias cinzas”.<sup>368</sup>

Entretanto, passada a fase de congratulações por sua chegada, Macedo se torna, na imprensa juiz-forana, alvo de uma verdadeira campanha por investimentos na “classe artística”. O músico se transformava em vitrine do descaso das autoridades e governantes brasileiros, ao ter denunciada por escritores e artistas da cidade sua longa espera para orquestrar sua ópera na Europa.

Sobrinho do escritor Joaquim Manoel de Macedo, o músico nasceu em Cantagalo em 1850 e, depois de uma exitosa formação musical no Conservatório de Bruxelas, retornou ao Brasil em 1871, quando foi nomeado mestre da Capela Imperial por D. Pedro II. Por questões de saúde, entretanto, saiu do Rio de Janeiro para residir em Minas Gerais em 1883, quando passou a viver numa espécie de ostracismo artístico. Nesse interim, sobreviveu às custas de aulas particulares de pianos nas casas de fazendeiros locais, interessados em garantir aos filhos (sobretudo às filhas) uma educação pautada na sofisticação e nas “boas maneiras” europeias.<sup>369</sup>

A saga do músico, no entanto, começa na última década do século XIX, quando resolveu compor a ópera *Tiradentes* a partir do poema que o mineiro Augusto de Lima

<sup>366</sup> BRAGA, Belmiro. *O Pharol*, 22/05/1904, p. 1.

<sup>367</sup> BRAGA, Belmiro. *Aos Domingos. Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 17/07/1904, p. 1.

<sup>368</sup> BRAGA, Belmiro. *Aos Domingos. Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 01/11/1903, p. 1.

<sup>369</sup> PEREIRA, Américo. *O maestro Francisco Valle (ensaio crítico-biográfico)*. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Laemmert, 1962. p. 77-80.

escreveu para comemorar o centenário da execução do “mártir” da Conjuração Mineira. O músico, no entanto, aguardou por anos os recursos financeiros necessários à orquestração de sua ópera na Bélgica, o que levava Belmiro Braga a questionar: “Para onde fugiu o patriotismo dos mineiros?”. O poeta considerava inconcebível que Minas Gerais e o Brasil perdessem a oportunidade de difundir positivamente o nome do Brasil no âmbito artístico internacional: “É um artista, e artista dos que honram a sua pátria. [...] Será possível que o notável autor se veja obrigado a ir a outros centros em busca de recursos?”.

O autor de *Montezinas* criticava que os políticos brasileiros almejassem o reconhecimento do país no exterior, mas não oferecessem as mínimas condições para que isso se concretizasse: “Queremos ser conhecidos no estrangeiro e, entretanto, não damos as mãos aos nossos artistas! [...] Macedo honra-nos, vindo para o nosso meio. Devemos, pois, retribuir essa honra.” Por essa razão, situava os artistas e escritores em uma escala hierárquica superior à dos diplomatas e representantes brasileiros e portugueses quando se tratava da construção da imagem internacional de um país: “Mais do que todos os diplomatas que Portugal nos tem mandado, vale a obra monumental do grande Eça, e mais do que os nossos representantes na Europa, vale o *Guarani*, de Carlos Gomes.”<sup>370</sup>

Somente em 1909 o sobrinho do autor do romance *A Moreninha* conseguiu concretizar sua viagem à Bélgica. O governo de Minas Gerais subvencionou o projeto do músico, garantindo a sua chegada às terras belgas no momento em que aquele país se preparava para sediar a Exposição Universal de 1910, da qual o Brasil também participaria. O então ministro brasileiro, Manoel de Oliveira Lima, que representava o Brasil em Bruxelas, convidou Macedo a executar alguns trechos da referida ópera na festa dedicada aos belgas, no teatro *La Monnaie*, com a presença da família real e demais autoridades daquele país.<sup>371</sup> Apesar de estar em pleno trabalho de orquestração, o músico foi muito elogiado pelos críticos, sendo seus concertos musicais, por sinal, os únicos que contaram com expressiva participação de artistas brasileiros no evento.<sup>372</sup>

O escritor belga, Victor Orban, que, nessa ocasião, traduzira para o francês a letra da ópera *Tiradentes*, estreitou relações com Macedo, que, em homenagem ao amigo juiz-forano, aproveitou a oportunidade para entregar ao tradutor um exemplar da obra *Montezinas*. Segundo informações difundidas na imprensa, mas ainda não comprovadas, Orban teria

<sup>370</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 20/12/1903, p. 1.

<sup>371</sup> PEREIRA, Américo. *O maestro Francisco Valle...*, p. 80.

<sup>372</sup> COSTA JR., Martinho Alves da. O Brasil na exposição Internacional de Bruxelas, 1910. *19&20*, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, jan.-jun. 2017. Disponível em: [http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/macj\\_bruelas.htm](http://www.dezenovevinte.net/arte%20decorativa/macj_bruelas.htm). Acesso em: 07/05/2023.

vertido diversos poemas do trovador para o francês, língua que, vale lembrar, o mineiro fazia questão de criticar e tornar alvo de suas peripécias humorísticas.<sup>373</sup>

Nesse contexto, o ministro Manoel de Oliveira Lima, amigo e parceiro de Victor Orban, mobilizava sistemáticos esforços para tornar a literatura brasileira mais conhecida pelos estrangeiros. Ambos concretizavam, em 1910, um fato até então inédito na história literária do país: a publicação de um livro em francês com nomes, informações e excertos de autores brasileiros. Intitulada *Littérature Brésilienne*, a obra foi prefaciada pelo próprio Oliveira Lima e contava com uma ilustração de Antônio Parreiras.

A primeira edição, no entanto, esteve longe de merecer elogios unânimes no campo literário brasileiro. A supervalorização de alguns escritores, em detrimento de outros, suscitou muitas críticas. A obra era acusada de inexatidão na seleção e organização de informações sobre os autores, incorrendo na descontextualização e nas más escolhas dos excertos de suas produções literárias, bem como na exclusão de literatos considerados “mais merecedores”. Oliveira Lima, gozando do privilégio de ser apresentado em cerca de vinte páginas, era acusado de favorecimentos pessoais, enquanto outros, quando não ignorados, foram reduzidos a míseras linhas.<sup>374</sup>

A referida obra veio a receber outra edição em 1914, com revisões e acréscimos de muitos literatos – dentre eles, Belmiro Braga e vários outros mineiros, de Juiz de Fora e região.<sup>375</sup> Além de, possivelmente, refletir as críticas recebidas na primeira edição, tais acréscimos – ainda que resumidos a duas ou três linhas – parecem ter sido decorrentes da intermediação realizada por Macedo e Augusto de Lima, que já haviam alcançado amplo reconhecimento com a ópera *Tiradentes* na Exposição Universal da Bélgica, sendo, com isso, “agraciados” com seis páginas no livro de Orban. Há que se considerar, ainda, que o mineiro Augusto de Lima era confrade do prefaciador da obra na Academia Brasileira de Letras e presidente honorário da recém-fundada Academia Mineira de Letras, em Juiz de Fora. Ademais, tanto o músico quanto o poeta integravam uma densa rede de sociabilidade literária em Juiz de Fora e região, da qual Belmiro Braga fazia parte, inclusive, como um dos

---

<sup>373</sup> Segundo J. A. Baptista Júnior, o compositor Manoel Joaquim de Macedo, “partindo para a Bélgica a fim de orquestrar ali sua ópera *Tiradentes*, relacionou-se com o poeta Victor Orban e fez-lhe presente das *Montezinas*. Orban traduziu diversas poesias do volume.” Fonte: BAPTISTA JÚNIOR, J. A.. Uma enquete literária: a resposta do Sr. Belmiro Braga. *Para Todos...*, Rio de Janeiro, 13/10/1928, p. 39.

<sup>374</sup> C. de L.. Microcosmo. *O País*, Rio de Janeiro, 23/11/1910, p. 1.

<sup>375</sup> ORBAN, Victor. *Littérature Brésilienne*. Préface de M. de Oliveira Lima. Deuxième Édition. Paris: Librairie Garnier Frères, [1914]. p. 473. Acervo digital disponível em: <https://hdl.handle.net/2027/txu.059173023768134>. Acesso em: 6 mai. 2023.

responsáveis por reivindicar o apoio necessário à concretização dessa viagem do músico à Europa.

Em que pese o apoio de Belmiro Braga ao reconhecimento da arte brasileira no âmbito internacional, é preciso considerar que isso não prescindia de sua postura crítica em relação aos estrangeirismos que “invadiam” o país. Ao mesmo tempo em que era portador de uma visão de mundo um tanto impregnada de valores eurocêntricos, B. B. publicizava sua antipatia e crítica às vogas estrangeiras no Brasil, especialmente ao modismo francês, hábito que o memorialista Brito Broca denomina “deslumbramentos com Paris”.<sup>376</sup>

“Não sei de apelido que mais nos calhe como esse de ‘macacos’ com que nos mimosearam os argentinos”. Era assim que Belmiro Braga começava sua crônica em 2 de junho de 1907. A motivação para essa afirmação não era fortuita. Nesse momento, crescia no Brasil um grupo de literatos simpáticos a autores como Euclides da Cunha, que, ao invés de sonharem com viagens à França, preocupavam-se em conhecer o chamado “Brasil profundo”.<sup>377</sup>

B. B. seguia esse movimento. Irritava-se com o fato de os brasileiros terem “no sangue o prurido da imitação” e um caráter altamente influenciável, marcado pela “preocupação crescente para tudo o que vai por fora e um grande desprezo para o que nos diz respeito”:

A não ser pelo moreno da cor coisa nenhuma possuímos pela qual sejamos reconhecidos no estrangeiro. Antes de botarmos o pé em um país estranho, já nos vestimos como a gente desse país, já possuímos muitos de seus hábitos e já temos o paladar afeito aos seus quitutes. É uma lástima.

Não honra tanto a uma nação como saber que os seus filhos, por onde passam, deixam uma lembrança sua. Assim acontece à Inglaterra, à França, à Itália, à Alemanha, aos Estados Unidos. Conheço famílias estrangeiras aqui residentes há largos anos mantendo os mesmos costumes de sua pátria, e cada um desses lares é um pequenino pedaço do torrão natal. E, no entretanto, nós temos vergonha de lá aparecer tais quais somos!

Autorrepresentando-se na contramão do perfil criticado, orgulhava-se do fato de ser mineiro e admirar a culinária regional:

Como mineiro (e o digo cheio de orgulho) não troco o famosoombo de porco, o róseo feijão de caldo grosso, o amor da terra e a farinha de monjolo ou de moinho, misturado por quanto pitéu servido cada um por sua vez. Para o célebre macarrão com queijo, temos o famoso tutu com torresmos e para o

<sup>376</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 142-152; p. 345.

<sup>377</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 150-151.

intragável *foi grais* umas deliciosas costeletas de porco ou um apetitoso frango com quiabos...<sup>378</sup>

No quesito “brasilidade”, o “trovador de Vargem Grande” tinha o pintor João Batista da Costa e o “padrinho literário”, Antônio Sales, como suas principais referências. O primeiro, considerava-o “brasileiro às deusas”, pela forte “predileção por tudo o que é nosso” e, sobretudo, por não se deixar corromper pelos hábitos cosmopolitas das capitais.<sup>379</sup> O segundo, fascinava-lhe o interesse pela literatura regionalista e a admiração nutrida pelos espanhóis, por estes não “pronunciarem nem escreverem à francesa como nós [brasileiros]”.<sup>380</sup> A propósito, é bem possível que tenha sido Sales o responsável por lhe apresentar os poemas do espanhol Ramón Campoamor (1817-1901), com quem B. B. chegou a ser comparado – rendendo-lhe a alcunha de “Campoamor mineiro” – e de quem chegou a traduzir alguns versos.<sup>381</sup> Também admirava o cearense por este atribuir a causa da arrogância dos jovens literatos brasileiros do início do século à hegemonia cultural francesa, que os aprisionava em leituras de escritores da moda parisiense, alterando-lhes o “paladar” ao ponto de “não mais conseguirem tolerar os escritores nacionais”.<sup>382</sup>

Quando se tratava de anti-francesismo, o principal nome que divergia de Belmiro Braga e Antônio Sales na imprensa juiz-forana era Francisco Lins, que também assinava uma coluna no *Jornal do Comércio*. O escritor não apenas defendia ferrenhamente a presença da cultura francesa em nosso país, como justificava nossa dependência em relação à França com base no argumento de que a população brasileira era “pouco civilizada” e despreparada para uma emancipação cultural. Deslumbrando-se com o pressuposto “universalismo” francês, considerava a França nossa “mãe espiritual”.<sup>383</sup> Dotado de um eurocentrismo boêmio, Lins lamentava que a ordem das coisas, os costumes e as tradições clássicas estivessem sob a mira destrutiva da modernidade, que, ao seu ver, mais contribuía para o embrutecimento do espírito

<sup>378</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 02/06/1907, p. 1.

<sup>379</sup> BRAGA, Belmiro. Aos Domingos. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 03/03/1907, p. 1.

<sup>380</sup> SALES, Antônio. Uma reforma ortográfica. *Diário de Pernambuco*, Recife, 19/07/1901, p. 1.

<sup>381</sup> Em carta para Antônio Sales, Belmiro Braga dizia: “Estou traduzindo Campoamor de um modo bárbaro. [...] Campoamor é simplesmente divino. Então os poemas são admiráveis”. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 05/04/1909. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>382</sup> SALES, Antônio. Prosas Cariocas. *Correio Paulistano*, São Paulo, 17/09/1903, p. 1. O mesmo texto também foi publicado no jornal *O Pharol*, Juiz de Fora, 19/09/1903, p. 1.

<sup>383</sup> Ver: *Jornal do Comércio*, 05/06/1907, p. 1; 06/06/1907, p. 1; 07/06/1907, p. 1.

do que para a sua evolução, ponto de vista muito semelhante ao identificado por Isabel Lustosa em José Madeira de Freitas (mais conhecido pelo pseudônimo Mendes Fradique).<sup>384</sup>

Belmiro Braga, embora compartilhasse, em alguma medida, da visão evolucionista de que o brasileiro (inclusive o juiz-forano) ainda precisava avançar em seu estágio civilizatório – a exemplo da já mencionada crítica que teceu ao comportamento dos juiz-foranos diante de uma exposição artística que passou pela cidade em 1903 –, contrapunha-se à defesa dos estrangeirismos. Mesmo assim, não fugiu da tendência quase “natural” de muitos escritores e da elite letrada de seu tempo, ao viajar para a Europa em maio de 1914. Para não parecer contraditório com a sua postura de ridicularização dos modismos europeus, justificou-se dizendo que seu objetivo era perscrutar a Europa com “olhos de caipira pouco acostumado a ver grandezas”, parodizando os famosos *tours* das elites pelo “velho” continente.<sup>385</sup>

Tão logo chegando a Juiz de Fora, narrou ao Sales o itinerário da viagem: Bélgica, Holanda, parte da Alemanha, Áustria, Londres, Manchester, Liverpool, Glasgow, Luxemburgo, etc.<sup>386</sup> Também não perdeu a oportunidade de reiterar as velhas críticas que fazia às adorações dos brasileiros às vogas estrangeiras, demonstrando estarrecimento com o fato de os brasileiros serem tão pouco conhecidos e valorizados no Velho Mundo: “[...] como somos desconhecidos no estrangeiro! [...] E só temos olhos para a França e só temos dinheiro para desperdiçar em Paris, a tumultuosa, fascinadora e ignorante Paris!”<sup>387</sup>

Sem perder a oportunidade de recorrer à sua persona para produzir humor com a sua primeira viagem internacional, apresentou palestra humorística no *Club Juiz de Fora*: “[...] Tenho muito que te contar e já estou convidado para fazer uma palestra no *Club [Juiz de Fora]* sobre coisas da Europa”.<sup>388</sup> Segundo notas publicadas na imprensa local, o público teria sido levado às gargalhadas com as aventuras e trapalhadas de um “caipira mineiro” na Europa. Com essa mesma temática, em 30 de agosto de 1914, no *Teatro Juiz de Fora*, proferiu *De Juiz de Fora a Paris*<sup>389</sup>, que, depois, também levou para a capital do Estado, Belo

---

<sup>384</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, 1993; CARNEIRO, C. R.. *Mendes Fradique e seu método confuso...*, 2007.

<sup>385</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 28/04/1914. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>386</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 04/08/1914. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>387</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 04/08/1914. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>388</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 04/08/1914. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>389</sup> Palestra Literária. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30/08/1914, p. 1.

Horizonte. O texto viria a ser publicado somente após a sua morte, no *Diário da Manhã*, de Vitória (ES), após seu irmão, José Ferreira Braga, cedê-lo à redação do jornal.

Belmiro Braga começava a palestra justificando a sua viagem à Europa com base em interesses diversos dos que o faziam por mero modismo e *status*. Fazia questão de dizer que seu sonho era conhecer a “pequenina aldeia portuguesa” em que nasceu seu pai:

[...] minha visita à ‘velha’ Europa não era para ver Paris – a tumultuosa, a fascinadora Paris!... nem para ver a imensa, arejada e sempre risonha Berlim e nem era, tão pouco, para ver a turbilhonante, enevoadada e fantástica Londres... Não, minhas sras. e srs. – Todo aquele meu grande sonho se resumia em ver a pequenina aldeia portuguesa em que nasceu meu Pai.

Para os espíritos práticos – esse meu sonho é uma infantilidade, mas para as almas delicadas, que dão às realidades cruas da vida uns tons suaves de sentimento – o meu sonho merece aplausos e merece simpatias... E foi na disposição exclusiva de realizar o meu antigo desejo que aceitei, de meu irmão querido, o oferecimento de uma passagem à Portugal.<sup>390</sup>

Dizia que era o único dentro do navio a viajar ao “Velho Mundo” pela primeira vez: “A bordo, eu não tinha um só conhecido e era, dentre quatrocentos passageiros, o único que viajava pela primeira vez”, reforçando o estereótipo do mineiro como homem das montanhas, resistente a transpor as fronteiras de seu Estado, de sua terra natal: “Avaliai, meus queridos patrícios, a surpresa de um homem que durante quarenta anos viveu entre essas montanhas e, de um dia para outro, é atirado dentro de um grande palácio, cheio de caras desconhecidas, ouvindo as mais desencontradas línguas [...]”.

Devido à familiaridade com a língua, a literatura, a origem rural e a ancestralidade lusitanas, considerava Portugal o país onde mais teria se sentido confortável. Em Braga, conheceu uma parte desconhecida de sua família: uma irmã de seu pai e diversos primos. Após a passagem por terras portuguesas, no entanto, o literato estabelece uma espécie de corte abrupto em sua narrativa, modificando o tom do discurso humorístico para falar de Paris:

Em pleno coração de Paris!... E todo aquele meu desembaraço a bordo, e todo aquele desenvolto pacholismo que ostentei nas ruas de Lisboa, lá se foram por água abaixo... O assombro de um caipira dentro de um palácio iluminado não era maior que o meu, perdido no meio daquele turbilhão de povo.

---

<sup>390</sup> BRAGA, Belmiro. De Juiz de Fora a Paris. *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/05/1937, p. 10.

Superdimensionando e ridicularizando as várias falhas de comunicação e gafes provocadas por seu francês precário, dizia que para conhecer bem Paris eram necessárias três coisas que não tinha: “muito dinheiro, muito tempo e um grande conhecimento da língua francesa”. Questionado sobre o porquê de ter se perdido nas ruas parisienses, respondeu: “[...] não há razão para se espantar: em Paris eu tenho encontrado tanta gente perdida... Paris é tão complicada, que muita gente se perde, mesmo sem sair de casa...”.

Também afirmava que as mulheres brasileiras não tinham motivos para invejar as europeias, pois, além de reunirem todas as qualidades destas, ainda tinham um “languor que é privilégio exclusivo das mulheres do Cruzeiro do Sul”.<sup>391</sup>

Muitas outras narrativas cômicas e anedóticas acerca dessa viagem à Europa foram propaladas pelo literato. Porém, infelizmente, não foram por ele registradas ou publicadas, ficando circunscritas à oralidade e aos relatos enunciados por amigos, após a sua morte, como foi o caso de Heitor Modesto, que narrou a hilariante cena do poeta comprando sapatos em Paris.<sup>392</sup>

Belmiro ridicularizava o hábito, já considerado superficial àquela época, por parte de muitos escritores, de visitar Paris com atitudes “mais de deslumbramento do que de compreensão”, enaltecendo uma cidade “geralmente superficial e paisagística”.<sup>393</sup> Nesse sentido, vale mencionar a postura de Flora Cavalcanti de Albuquerque, esposa de Oliveira Lima, que também se mostrava refratária a alguns aspectos da civilização francesa, como o “luxo e a luxúria”.<sup>394</sup>

Eneida Maria de Sousa, no ensaio “O não-lugar da literatura”, destaca como se davam as diferentes construções discursivas dos escritores brasileiros acerca de Paris, demonstrando que havia entre os homens de letras nítida hierarquia simbólica entre as impressões dos considerados “naturalmente cultos, sofisticados e eruditos” e as dos que procuravam em Paris apenas superficialidades e futilidades. Na verdade, a autora nos chama atenção para a utilização da erudição literária e da “estirpe social” (tidas como “privilégios de poucos”) como elemento mediatizador do olhar, das apropriações e explorações da gramática espacial parisiense, demonstrando como esse perfil funcionava como elemento diferenciador e de

---

<sup>391</sup> BRAGA, Belmiro. De Juiz de Fora a Paris. *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/05/1937, p. 10.

<sup>392</sup> MODESTO, Heitor. Crônica do Rio – Belmiro Braga. *A Federação*, Rio Grande do Sul, 09/04/1937, p. 3.

<sup>393</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 149.

<sup>394</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 142.



distinção em relação aos que acreditavam que a passagem pela cidade, por si só, fosse capaz de ampliar seu capital social.<sup>395</sup>

Belmiro percorreu Paris pela terceira via: nem esbanjou erudição nem procurou demonstrar deslumbramentos. Simplesmente transformou-a em objeto de sua verve humorística. O literato tomou as rédeas da persona de “caipira” para dizer que preferia a banda de música de Juiz de Fora à ópera de Berlim, que preferia o bom tutu mineiro aos requintados pratos experimentados nos restaurantes europeus, etc.<sup>396</sup>

Conquanto um texto literário, sobretudo o humorístico, como o da conferência “De Juiz de Fora a Paris”, traga-nos a dificuldade de desvelar as “reais” intenções do autor, incorrendo no risco de levá-lo a sério demais ou de menos, é possível analisá-lo sob o crivo do conceito de “representação”. Sendo assim, podemos entendê-lo longe de qualquer suposta “inocência”, como uma forma de criticar, dessacralizar e ridicularizar o modismo estrangeiro no Brasil através do riso, entremeando o sério com o engraçado de maneira ambígua e oscilando entre o deboche escrachado, a ironia e a lição moral deixada para o público. Não é fortuito que, após o riso, o literato terminasse sua conferência com a seguinte mensagem patriótica: “[...] continuo a vos afirmar sem modéstia e sem bairrismo, que o Brasil, com todo o seu atraso e com todos os seus defeitos, nos honra como Pátria: para engrandecer merece o esforço de nossos braços e, para o defender, o sacrifício de nossas vidas”.<sup>397</sup>

Todo o pendor nacionalista desse discurso pode ser perfeitamente compreendido pelo contexto em que seu enunciador estava inserido. Vale lembrar que o Brasil sentirá a potencialização desses valores a partir da Primeira Guerra Mundial, sobretudo com a criação da Liga da Defesa Nacional por Olavo Bilac, autor que Belmiro Braga não deixava de lado em seu panteão de ídolos das letras nacionais, depois, é claro, de Machado de Assis, que ocupava o primeiro lugar nessa hierarquia.

### **3.6 A morte de Machado de Assis e sua repercussão na imprensa juiz-forana**

Sendo o “Bruxo do Cosme Velho” considerado por nosso biografado o seu “ídolo maior”, não poderíamos ignorar o momento de sua morte em 1908, atentando para os impactos desse acontecimento na trajetória de Belmiro Braga e no âmbito das letras regionais.

<sup>395</sup> SOUZA, Eneida Maria de. O não-lugar da literatura. In: \_\_\_\_\_. *Crítica Cult.* Belo Horizonte: Editora UFMG. p. 75-83.

<sup>396</sup> BRAGA, Belmiro. Descendo o Reno...; Em Paris. In: \_\_\_\_\_. *Contas do meu rosário.* Rio de Janeiro: Edição da Companhia de Seguros de Vida “Cruzeiro do Sul”, 1918. p. 227 e 229.

<sup>397</sup> BRAGA, Belmiro. De Juiz de Fora a Paris. *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/05/1937, p. 10.

E, mais do que isso, atentando para as declarações suscitadas a respeito do lugar que o recém-falecido deveria ocupar nas literaturas brasileira e portuguesa.

Não seria novidade dizer o quão marcante foi esse episódio na trajetória do literato juiz-forano. Até poucos meses antes de sua partida, este lhe enviava cartas. Nas últimas delas, demonstrava preocupações com seu estado de saúde, após ter sido acometido por uma vertigem no *Cais Pharoux*, no Rio de Janeiro, em 1907.<sup>398</sup> A última parece ter sido a de 21 de junho de 1908, com as tradicionais felicitações de aniversário: “Um grande e sincero abraço de parabéns pelo dia de hoje, fazendo votos a Deus para que esta data se prolongue por largos e infintos anos sempre felizes.”<sup>399</sup> Três meses depois, na madrugada de 29 de setembro, o autor do recém-publicado *Memorial de Aires* falecia.

As redações dos jornais juizforanos, que atualizavam informações sobre o estado de saúde do literato através de telegramas, noticiariam seu falecimento em 1 de outubro. No dia 30, uma nota na primeira página de *O Pharol* ainda o tinha como vivo.<sup>400</sup> Por telegrama, nesse mesmo dia da publicação do jornal, chegava a notícia de sua morte. Belmiro Braga, imediatamente, escreve a Antônio Sales para comentar sobre o ocorrido. Além de lamentar o fato de nunca ter conseguido beijar as mãos do ídolo, acusava de “descaso” a imprensa juizforana pelo pouco destaque conferido à sua enfermidade e ao seu falecimento: “Não avalias o que me vai n’alma de dor com esta notícia trágica que me acaba de dar o Jornal local num telegrama de três linhas, de três linhas apenas!...”.

Nesse mesmo contexto, o problema de saúde de Machado de Assis dividia a atenção das elites locais com a enfermidade do então presidente do Estado de Minas Gerais, João Pinheiro. B. B. confessava ao cearense que, enquanto os juiz-foranos liam, comentavam e davam atenção aos “longos e minuciosos telegramas” sobre o estado de saúde do político, ele se concentrava apenas nas “lacônicas notícias sobre a moléstia do maior homem de letras que o Brasil tem produzido até hoje”. E finalizava a carta com uma dupla promessa: “rabiscar umas linhas para *O Pharol* sobre o grande e inesquecido amigo” e pedir ao filho, José, que lhe

---

<sup>398</sup> Carta de Belmiro Braga para Machado de Assis. Juiz de Fora, 2 de setembro de 1907. 274. C77, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ). Não podemos comprovar o que teria levado Machado de Assis a sentir a mencionada “vertigem”. Entretanto, não se pode destacar a possibilidade de haver alguma relação com os ataques epiléticos que o acometiam eventualmente.

<sup>399</sup> Carta de Belmiro Braga para Machado de Assis. Juiz de Fora, 21 de junho de 1908. MA – cp 219 – F, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).

<sup>400</sup> Machado de Assis. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30 de setembro de 1908, p. 1.

conservassem as cartas na posteridade: “[...] direi ao meu José que conserve, quando eu também partir, as cartas que possuo do maior dos brasileiros”.<sup>401</sup>

Belmiro Braga assim procedeu. Em 1 de outubro, publica uma homenagem ao recém-falecido no jornal *O Pharol*, ao lado de outros textos que integravam o editorial, como uma breve biografia, seguida das principais produções literárias do homenageado, da informação de que “o Ginásio Granbery, em sinal de pesar, hasteou bandeiras em funeral”, e de um texto de autoria de Olavo Bilac, que se referia ao escritor como “a mais pura tradição da nossa vida literária” e à sua morte como “uma das mais dolorosas tragédias espirituais”.<sup>402</sup>

Belmiro Braga homenageia o ídolo com hiperbólicas adjetivações escritas, segundo ele, “ao correr da pena”. Logo de início, afirma que a obra machadiana “não cabia no século que atravessamos”, que não seria “a geração atual que lhe pode avaliar o mérito”, e que apenas “os vindouros, quando se abrirem desse oceano de filosofia e humor, é que lhe farão justiça”. Para ele, portanto, a pátria brasileira não chorava suficientemente a sua perda “porque não sabe[sabia] ainda o que perdeu”. Mesmo Belmiro Braga, apesar de não confessar publicamente, leu e releu a obra machadiana ao longo de sua vida, com o intuito de aprofundar sua interpretação, como confidenciou ao amigo Sales em 1922: “[...] li o Memorial de Ayres e agora foi que compreendi melhor a filosofia do livro”.<sup>403</sup>

B. B. considerava que, apesar de ser contemporâneo de Castro Alves e Casimiro de Abreu e de ter deixado como legado uma obra muito mais atual, Machado de Assis não alcançou a mesma popularidade destes dois. Atribuía ao fenômeno a “originalidade” do autor de *Dom Casmurro*: “Nunca a língua portuguesa possuiu até hoje um escritor tão original e daí a razão por que não teve a popularidade que outros, que lhe não valem a metade, gozam, aqui e em Portugal”. Por fim, confere ao “espólio literário” machadiano a mesma monumentalidade de Camões, o autor de *Lusíadas*. E, assim, exercitando a sua imaginação com uma projeção de futuro, asseverava que a obra machadiana seria “transmitida de geração em geração”.

Além de julgar as qualidades da obra do carioca, destacava a sua origem humilde, seu nascimento em um “casebre”, a saída da escola primária para “ocupar um cargo de sacristão” e sua inserção como “tipógrafo nas oficinas de Paula Brito”. Por fim, confirmava no texto o que dissera, em carta, ao amigo e autor de *Aves de Arribação*: “Não tive a ventura de o

<sup>401</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 30/09/1908. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>402</sup> BILAC, Olavo. *O Pharol*, Juiz de Fora, 1 de outubro de 1908, p. 1.

<sup>403</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Poços de Caldas, 19/04/1922. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

conhecer pessoalmente, mas, entre o melhor dos bens que posso legar ao meu filho, está o maço de suas cartas”.<sup>404</sup>

*O Pharol*, talvez por alguma influência de seu próprio colaborador, Belmiro Braga, não deixava passar despercebida a notícia da morte do primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, que, nos dias subsequentes, continuaria figurando como tema de diversas publicações. Olavo Bilac falava da necessidade de “honrar a memória do morto” para além da declaração de luto oficial pelo Estado, mas através do incentivo à leitura de suas obras pela “mocidade das escolas”. Ademais, chamava-o de “o mais carioca dos cariocas”, aludindo à sua fama de “nunca ter saído” do Rio de Janeiro, apesar de essa afirmação contradizer a sabida viagem de Machado de Assis para Barbacena em 1891.<sup>405</sup>

Outras homenagens lhe foram prestadas na imprensa local entre os meses de outubro e novembro de 1908. Poemas machadianos foram publicados na imprensa periódica e declamados no *Club Juiz de Fora*<sup>406</sup> e comentários sobre o conjunto de sua obra circulavam nas primeiras páginas do jornal. Osório Dutra o considerava “o grande romancista nacional, o filósofo observador e exato, o narrador fidalgo e despretensioso dos nos nossos hábitos, o crítico imparcial dos nossos modos”. Além disso, condenava o costume de muitos homens de letras brasileiros de criticá-lo sem antes lê-lo, incorrendo em atitude ignorante e “tola”, sobre a qual o próprio Machado de Assis refletia em seu *Memorial de Aires*.<sup>407</sup>

Seguindo a mesma linha de julgamento da obra machadiana, Hélio Lobo também o caracterizava nas páginas de *O Pharol* como “cultor austero do vernáculo” e “purista da língua”, que nutria incomensurável afeto pela língua portuguesa. Considerava-o, ainda, “mestre” da “ironia delicada”, da “límpida e cristalina linguagem”, e, portanto, “filósofo e crítico” que manejava “a fina arte do humorismo”.<sup>408</sup>

Antonio Sales também não fica de fora das homenagens, dedicando-lhe um soneto na edição de 5 de outubro de 1908 do mesmo jornal. No primeiro verso, o poeta o qualifica como “alma grega exilada em nossos lares” e cultor da forma e da arte literárias.<sup>409</sup> Um discurso elogioso, como se espera de uma homenagem póstuma, mas que nos deixa entrever o juízo de valor crítico que lhe fará em artigo publicado na *Revista do Brasil* em 1921. Nesse texto, o

<sup>404</sup> BRAGA, Belmiro. Machado de Assis. *O Pharol*, Juiz de Fora, 01/10/1908, p. 1.

<sup>405</sup> Essas citações foram extraídas dos seguintes números do jornal *O Pharol*: BILAC, Olavo. *O Pharol*, Juiz de Fora, 01/10/1908, p. 1; BILAC, Olavo. *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/10/1908, p. 1.

<sup>406</sup> Segundo *O Pharol*, Juiz de Fora, 22/12/1908, p. 1, Osório Duque Estrada declamou versos de Machado de Assis no salão do *Club Juiz de Fora*.

<sup>407</sup> DUTRA, Osório. A Semana no Rio. *O Pharol*, Juiz de Fora, 14/10/1898, p. 1.

<sup>408</sup> LOBO, Hélio. O culto do vernáculo. *O Pharol*, Juiz de Fora, 20/11/1908, p. 1.

<sup>409</sup> SALES, Antonio. Machado de Assis. *O Pharol*, Juiz de Fora, 05/10/1908, p. 1.

fundador da Padaria Espiritual, apesar de considerá-lo “grande prosador”, alija-o, juntamente com Rui Barbosa e Coelho Netto, da lista de “verdadeiros escritores do nosso tempo que exprimem a linguagem que todos falam e as ideias que todos pensam”. Segundo Sales, o autor de *D. Casmurro* “sacrificava” a “originalidade do seu instrumento de expressão” em nome do “preconceito clássico”, não podendo, por isso, ser incluído no “rol dos que escrevem em ‘português do Brasil’”.<sup>410</sup>

Como se vê, apesar de não deixar de admirar a produção literária machadiana, Sales fazia algumas ressalvas quando o objetivo era buscar nela linguagens e estéticas que, na sua concepção, pudessem ser consideradas genuinamente brasileiras. Belmiro Braga admirava a ambos, com ou sem as ressalvas de seu “padrinho literário” acerca do ídolo. Sales também admirava a “ardente admiração” que o amigo, desde muito jovem, tinha por Machado de Assis. Admirava-o ainda mais por se tratar de uma afeição por um escritor que, na sua concepção, era “pouco acessível e estimado apenas por minoria que o sabe compreender e amar”.<sup>411</sup> Sales elege como símbolo dessa admiração o momento de uma de suas passagens por Juiz de Fora, no qual teria ajudado o amigo mineiro a colher rosas para enfeitar o retrato do “mestre” no dia de seu aniversário. Além de comunicar o ato ao homenageado, Sales confessa ter guardado a resposta de agradecimento entre os autógrafos de sua coleção particular.<sup>412</sup>

A morte de Machado de Assis foi um marco simbólico não apenas para os autores de *Montezinas* e de *Aves de Arribação*, mas para a literatura brasileira, apesar de esta ainda contar, naquele momento, com a atuação do maior crítico e “demolidor” da obra machadiana, Sílvio Romero. Este, dentro de poucos anos, não apenas lecionaria no curso de Direito do Granbery, em Juiz de Fora, sendo ovacionado pelas elites letradas locais, como também estreitaria relações com o próprio Belmiro Braga.

Em 22 de outubro de 1908, as letras nacionais também se despediram de Arthur Azevedo, figura presente na vida cultural juiz-forana e na de Belmiro Braga, que lhe dedicou um poema no jornal *O Paiz* (RJ), lamentando a grande perda sofrida, sobretudo, pelos artistas teatrais: “Não te perderam só – perderam tudo, / Que há de ser deles, meu saudoso amigo?!...”<sup>413</sup>

---

<sup>410</sup> SALES, Antonio. A classicomania. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 70, outubro de 1921, p. 99-107.

<sup>411</sup> SALES, Antonio. O Poeta e o Homem. In: CERQUEIRA, Alves; SALES, Antônio. *Belmiro Braga*. Juiz de Fora: 1954. p. 33-35.

<sup>412</sup> SALES, Antônio. O Poeta e o Homem. In: CERQUEIRA, Alves; SALES, Antônio. *Belmiro Braga*. Juiz de Fora: 1954. p. 33-35.

<sup>413</sup> BRAGA, Belmiro. Arthur Azevedo. *O País*, Rio de Janeiro, 09/01/1909, p. 2.

Ainda no mesmo mês, faleceria João Pinheiro. Com essas mortes, outubro de 1908 prometia entrar para a posteridade como um “triste outubro”, como bem expressava uma nota publicada no jornal *O Pharol*.<sup>414</sup> Mas não apenas de tristezas se fez 1908. O ano também rendeu a Belmiro Braga algumas deferências no universo das letras, como o recebimento da visita do poeta Alberto de Oliveira ao município no mês de dezembro<sup>415</sup> e a homenagem recebida com a obra *Sacrário*, organizada e confeccionada manualmente por alguns de seus pares nas letras.

A *Gazeta de Notícias*, da capital federal, dava conta de informar que essa homenagem era uma surpresa feita por Carlos Guedes da Costa, Homero Massena e Júlio Vaz, que compilaram, em duzentas folhas personalizadas e encadernadas em marroquim, os versos íntimos do poeta, transcritos em caligrafia ornamental e ilustrados com aquarelas.<sup>416</sup> Leila Barbosa, a única que teve acesso ao exemplar para sua pesquisa de mestrado, afirma que *Sacrário* não parece ter sido exatamente uma surpresa oferecida ao poeta, mas uma seleção e organização sequencial de poemas feita com a participação do próprio agraciado, que fez “desvelar” seu “fazer poético”, “seu cuidado com a linguagem” e suas “preferências por certos poemas”.<sup>417</sup>

Com ou sem a participação direta/indireta de Belmiro Braga, o fato é que *Sacrário* significou um marco de consagração do capital simbólico do poeta no final do primeiro decênio do século XX, representando um dos esforços despendidos no sentido de fazê-lo figurar na cena literária nacional. Os próximos anos, porém, reservavam espaço para muitos outros acontecimentos importantes em sua trajetória nas letras, seja como conferencista, teatrólogo ou até mesmo como acadêmico, não obstante suas aparentes questões com a tão propalada “confraria do elogio mútuo”.

\*\*\*

Nesse capítulo, demonstramos que, assim como muitos escritores de sua geração, Belmiro Braga inseria-se no universo letrado como uma figura múltipla. Essa condição, apesar de impactar negativamente seu fazer literário, inviabilizando o sonho da dedicação

<sup>414</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 31/10/1908, p. 1.

<sup>415</sup> BRAGA, Belmiro. Alberto de Oliveira. In: *O Pharol*, Juiz de Fora, 16/12/1908, p. 1.

<sup>416</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 20/12/1908, p. 7. Nessa nota jornalística, consta que o responsável pela caligrafia foi Guedes da Costa, ao passo que Massena e Júlio Vaz fizeram as ilustrações em aquarela. A referida obra se encontra em poder da família do poeta até hoje. Leila Barbosa, pesquisadora e sobrinha-neta de Belmiro Braga, informa que este “o guardava ciosamente e com o maior carinho, como algo muito precioso”. BARBOSA, Leila Maria Fonseca. *Belmiro Braga: Sacrário (versos íntimos)*.., p. 32; 175-176.

<sup>417</sup> BARBOSA, Leila Maria Fonseca. *Belmiro Braga: Sacrário (versos íntimos)*... p. 32; 175-176.

exclusiva à literatura, trazia-lhe reconhecimento social como “homem de letras”, o que lhe abriu diversas frentes de atuação no “projeto de modernização” do município. Não obstante o fato de integrar o grupo de produtores culturais oriundos de famílias “empobrecidas” ou dilapidadas socialmente, B. B. se apropriou de um repertório de conhecimentos das elites estabelecidas no poder político e econômico da época para se empregar no ainda incipiente “mercado de trabalho da produção cultural”.<sup>418</sup>

Contudo, entendemos que o literato merece ser perscrutado fora dos limites teóricos e conceituais do chamado “intelectual orgânico”, que mais dificultam do que contribuem para a compreensão das complexidades e nuances de sua atuação no cenário das letras para além de uma circunscrição aos interesses da chamada “classe dominante” no processo modernizador.

Arraigado às tradições culturais, hábitos e costumes de seu contexto e origem social, e se mantendo, ao mesmo tempo, antenado com os projetos de sociedade em discussão, o literato mineiro é aqui compreendido como “mediador cultural”, à luz das reflexões teórico-metodológicas desenvolvidas por Ângela de Castro Gomes. Foi sob essa perspectiva que procuramos analisar as publicações “de” e “sobre” Belmiro Braga na imprensa no primeiro decênio do século XX, elencando alguns temas caros a esse período e às suas produções.

No livro *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*, Angela de Castro Gomes e Patrícia Santos Hansen desconstroem as convencionais barreiras que, muitas vezes, dificultam o reconhecimento do *status* intelectual de literatos como Belmiro Braga, que acabam por serem inseridos em uma escala hierárquica previamente construída e repleta de estereótipos/classificações apressadas. As autoras apontam dois caminhos importantes para se desfazer esse equívoco: primeiramente, adotando uma concepção mais ampla de intelectual; e, em segundo lugar, desconstruindo a imagem do intelectual como “gênio criador” dotado de “talentos individuais” e, portanto, isolado num determinado campo distante das demais dimensões da vida social.<sup>419</sup>

Vale considerar que uma concepção mais ampla de intelectual, além de necessária, implica algumas mudanças importantes na forma de abordar esses sujeitos históricos e sua relação com a sociedade e os projetos de poder vigentes. A revisão sofrida pelo conceito de “campo”, do sociólogo Bourdieu, é um exemplo disso. O campo intelectual, embora dotado de autonomia relativa, caracteriza-se, entre outros aspectos, pela presença de fronteiras

<sup>418</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos pobres: a Belle Époque mineira*. Juiz de Fora: EDUUFJF, 1994. p. 4-5.

<sup>419</sup> GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patricia Santos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 7-35.

permeáveis às mais diversas trocas de influências com outras esferas da vida social e política, passando ao longe de um universo hermético e estanque.<sup>420</sup>

Ângela e Patrícia, assim como Sirinelli, definem o intelectual como uma categoria de contornos mutáveis, com “fronteiras de geometria variável”, respondendo às dinâmicas processuais das transformações históricas.<sup>421</sup> Tal perspectiva tem se mostrado capaz de analisar o intelectual como um sujeito histórico múltiplo, inserido em seu contexto, interagindo e dialogando com reflexões, ideias, pensamentos e experiências diversas que se articulam em redes de sociabilidade e interlocução que extrapolam os espaços exclusivamente reservados à chamada “elite intelectual”.<sup>422</sup>

A desconstrução dessa imagem do intelectual como “gênio criador”, que muitas vezes fomenta comentários anacrônicos e teleológicos do tipo “indivíduo a frente de seu tempo”, contribui para o rompimento da ilusória dicotomia entre “criadores” (pejorativamente associados à “alta cultura”) e “divulgadores” (vistos como meros “transmissores” e “simplificadores” de conteúdos para públicos mais amplos). Só assim se quebram as barreiras que muitas vezes impedem o intelectual mediador de ser visto como sujeito ativamente envolvido em processos de criação. Tal constatação se justifica, segundo as autoras, pela capacidade – muitas vezes visível empiricamente – de o mediador cultural agregar valor ao “produto cultural do qual se apropria para difundir”. Nesse sentido, as autoras não exageram quando afirmam que aquilo que o intelectual mediu se torna, efetivamente, um outro produto.<sup>423</sup>

Vale ressaltar, portanto, que o conceito de “intelectual mediador” está longe de configurar uma categoria rígida, pretensamente preocupada em delimitar determinadas práticas de mediação cultural. Pelo contrário, talvez a grande contribuição analítica e operacional desse conceito esteja em mostrar-se aberto à compreensão de uma enorme diversidade de experiências desenvolvidas, sincrônica e diacronicamente, pelos intelectuais.<sup>424</sup>

Da mesma forma que Belmiro Braga pode ser considerado um difusor (para um público mais amplo) de conhecimentos produzidos no âmbito de uma “elite altamente

---

<sup>420</sup> GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S.. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores...*, p. 7-35.

<sup>421</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. (org.). *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231-262.

<sup>422</sup> GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S.. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores...*, p. 7-35.

<sup>423</sup> GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S.. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores...*, p. 7-35.

<sup>424</sup> GOMES, A. de C.; HANSEN, P. S.. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores...*, p. 7-35.



especializada”, pode ele também se dirigir aos pares (iniciados), com o objetivo de levar a este público um repertório de saberes e representações considerados “típicos” do universo “popular”. Afinal, sendo um acumulador de diversas funções e posições simultâneas e/ou sucessivas, o mediador cultural normalmente não ocupa posições fixas. O que o caracteriza não é a transmissão unilinear e unilateral de conhecimento, mas o constante “trânsito” entre universos socioculturais distintos. E, assim, continuaremos, no próximo capítulo, descortinando outras facetas do nosso personagem histórico.

#### 4 CONFERENCISTA, TEATRÓLOGO, ACADÊMICO E... QUASE DEPUTADO

Visando ao aprofundamento da análise do processo de inserção de Belmiro Braga na vida literária de uma “cidade das letras” em expansão, abordaremos agora a sua atuação como conferencista, teatrólogo e um dos doze fundadores da Academia Mineira de Letras em Juiz de Fora, em 1909. Sendo a única agremiação estadual sediada fora da capital do Estado, a AML permaneceu na cidade até dezembro de 1914, sendo transferida para Belo Horizonte em janeiro do ano subsequente.

Nesse sentido, esse capítulo tem como objetivo analisar a atuação de Belmiro Braga durante o período em que essa agremiação esteve em terras juiz-foranas, buscando entender a sua postura diante dos desafios impostos por uma institucionalização das letras pautada no frágil equilíbrio entre os interesses do município e os do Estado. Ademais, procuraremos compreender seu envolvimento na fundação da revista *Marília* e sua candidatura ao cargo de deputado estadual de Minas Gerais em 1915.

##### 4.1 Sobre amigos e cachorros: um conferencista viajante e ovacionado

No final do primeiro decênio do século XX, Belmiro Braga se encontrava em pleno desenvolvimento das habilidades de palestrante. Em 1908, encerrava o ano apresentando, no *Club Juiz de Fora*, a palestra humorística *Os moços*.<sup>425</sup> Tal costume estava tão em voga entre os escritores daquele contexto que Medeiros e Albuquerque chegou a dizer que o país vivia uma “epidemia insuportável” de conferências. Brito Broca considera que a inclinação dos escritores para o gênero, apesar de não ser motivada apenas pelo lucro financeiro, refletia o começo de um movimento sensacionalista nas letras, no qual a conferência era vista como um dos melhores meios de “dar na vista, de chamar a atenção para a própria pessoa, fazer o próprio reclame”, levando, portanto, ao alcance mais rápido de fama e sucesso.<sup>426</sup>

Dessa forma, Belmiro Braga alargava as possibilidades de popularização de sua imagem nos mais diversos espaços, como escolas, clubes, salões e academias, dentro e fora de Juiz de Fora. Tornava-se, assim, um poeta “celebrado”, “celebrativo” e “viajante”. Apesar de confessar que possuía preguiça de viajar, nunca deixou de fazê-lo de modo intenso e frequente. E mais do que isso: transformava essa rotina em objeto e estratégia de seu próprio fazer literário. A exemplo do que fizera Godofredo Rangel em São Paulo – com a série

<sup>425</sup> BRAGA, Belmiro. Os moços. *O Pharol*, Juiz de Fora, 02/01/1909, p. 1.

<sup>426</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 198.

cronística *De São Paulo ao Guarujá*, publicada no jornal *O Minarete*, entre 1903 e 1907<sup>427</sup> –, o mineiro também fez algo semelhante em *De Juiz de Fora a Lavras*. Nessa série, posta em circulação entre 4 de fevereiro e 13 de março de 1910, abordou uma viagem de trem que lhe rendeu crítica de costumes, discussões literárias, situações pitorescas e prosaicas relacionadas aos usos da língua portuguesa, às histórias de vida de amigos que fizera em suas perambulações, dentre outros assuntos.<sup>428</sup> Posteriormente, compilou essas crônicas em folhetos e os distribuiu à sua rede de sociabilidade.<sup>429</sup>

As viagens belmirianas, porém, ultrapassavam as fronteiras de Minas Gerais. No Espírito Santo, por exemplo, já se tornara figura pública bastante aclamada, após dar início à sua colaboração no *Diário da Manhã*, de Vitória, fato que foi tratado pela imprensa como um evento eivado de expectativas. A redação desse jornal a ele se referia como escritor dotado de “produções artísticas de fino lavor”, destacando o histórico de publicações em renomadas revistas da capital federal, como *Kosmos* e *Correio da Manhã*.<sup>430</sup>

Em 1910, o poeta esteve em Vitória para ministrar uma conferência no *Theatro Melpomene*. Intitulada “O Coração”, a palestra possuía fins filantrópicos, tendo o montante final dos ingressos destinado à Santa Casa de Misericórdia e ao Asilo do Coração de Jesus.<sup>431</sup> Quando de seu desembarque na estação, diversas autoridades, como o secretário da presidência de Estado do Espírito Santo, José Bernardino, bem como amigos, admiradores e representantes da imprensa o receberam. Na solenidade de abertura, foi apresentado à plateia por Bernardes Sobrinho, representante do presidente de Estado do Espírito Santo. A banda do corpo militar de polícia, por sua vez, executou diversas peças do repertório musical belmiriano ao longo do evento. A conferência, que parece ter atraído público bastante numeroso e significativo, encerrou-se com muitas “ovações” e “ruidosos aplausos”<sup>432</sup>,

<sup>427</sup> Segundo Brito Broca, *O Minarete* começou como um jornal modesto, mas se tornou famoso posteriormente por ter divulgado as primeiras produções de Monteiro Lobato. Ver: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 309-310.

<sup>428</sup> A referida série cronística foi publicada no jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora.

<sup>429</sup> Tal informação foi obtida a partir de carta enviada por Belmiro Braga a Antônio Sales. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 18/11/1910. Arquivo pessoal de Antônio Sales, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro (RJ).

<sup>430</sup> *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 18/03/1908, p. 1. Dentre os vários poemas que Belmiro Braga publica nesse jornal, podemos destacar os seguintes: “A irmã de caridade” (19/03/1908, p. 1); “Diálogo Sinistro” (25/08/1908, p. 1); “A meu pai – no dia do ano de sua morte” (07/06/1909, p. 2); “No Álbum” (19/08/1909, p. 2); “Carta a Eurico Saldanha” (07/08/1910, p. 2); bem como as crônicas “Silhueta”, que aborda a dramática história de uma moça abandonada pelo noivo (27/11/1908, p. 2); “Maio” (24/08/1909, p. 2); etc.

<sup>431</sup> *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 18/09/1910, p. 2.

<sup>432</sup> *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 11/08/1910, p. 2.

multiplicando o *status* do palestrante como um dos “brilhantes poetas da atual geração” e dotado de “espírito filantrópico”.<sup>433</sup>

O *Diário da Manhã* disseminava a notícia de que Vitória hospedava o “notável poeta mineiro Belmiro Braga”, representando-o como “individualidade que se há destacado nos centros intelectuais do Brasil”. O proprietário do jornal, Eurico Saldanha, não satisfeito, tornou-o digno de uma “ligeira biografia”, na qual destacava a aptidão do poeta para o comércio e a posterior substituição do balcão pelo cartório em Juiz de Fora, onde encontrava tempo para “confabular com as musas”. Ademais, lançava-se luz sobre os livros *Montezinas e Cantos e Contos*, reafirmando o epíteto “João de Deus Mineiro”<sup>434</sup>; reforçavam o fato de exercer “vários cargos de nomeação do governo”, como o de inspetor escolar do município de Juiz de Fora, onde “se contam estabelecimentos de ensino de primeira ordem”. E, por fim, referiam-se à recente e “aplaudida” incursão do poeta no campo teatral.<sup>435</sup>

Mas o que mais chama atenção nessa “ligeira biografia” é a classificação de Belmiro Braga como “parnasiano”.<sup>436</sup> Esse enquadramento de sua produção literária, além de soar estranho a praticamente tudo que se escreveu sobre o poeta até hoje na imprensa periódica, é bastante generalista. Tanto assim o foi, que, esse mesmo jornal, anos mais tarde, enalteceria no poeta qualidades opostas a esse estereótipo, como a espontaneidade de quem “não cata vocábulos para dizer o que pensa” e não se preocupa com vinculações a escolas literárias.<sup>437</sup> Quanto a isso, Belmiro Braga não manifestou nenhuma objeção, muito embora fizesse questão de salientar, ao longo de toda a sua trajetória literária, que não fazia parte de escolas e da chamada “confraria do elogio mútuo”.

<sup>433</sup> *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 10/08/1910, p. 2.

<sup>434</sup> Belmiro Braga. In: *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/08/1910, p. 2.

<sup>435</sup> Belmiro Braga. In: *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/08/1910, p. 2.

<sup>436</sup> Belmiro Braga. In: *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/08/1910, p. 2.

<sup>437</sup> Um poeta de escol. In: *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 15/02/1919, p. 1. Nesse texto, assim se qualifica a produção belmiriana: “O poeta sr. Belmiro Braga, parece-nos, nunca se preocupou senão de poetar com alma, despreocupado de escolas. Versos saem-lhes correntios da imaginação, e descem cantando para o papel, deste para o prelo – que os não esmaga – que saem a público para dizer o doce ver-sejar do sr. Braga. Elogios tem-lhe a crítica semeado a mãos largas [...]. A poesia nacional é de livros tais que precisa. Em suas páginas não há lágrimas nem tristezas piegas; há modos de sentir, naturais, ungidos de comoção, que se manifestam com sinceridade e com fidelidade. O Sr. Belmiro Braga, além de exprimir gentilmente o que pensa, não cata vocábulos para dizê-lo; a língua em que o poeta [escreve] é a mesma de que vulgarmente usamos; rimas claras, boa medida do verso [...]. Depois, o seu trabalho surge como reação do bom gosto contra pseudos líricos de violão e sanfona, expelindo em versos intoleráveis, de cantadores ao desafio, as mais singulares imagens que jamais saíram de um cérebro. [...] O sr. Braga restabelece misericordiosamente a tradição das boas letras e de nosso verdadeiro lirismo, que a pravidade de certos críticos quisera ver nas quadras impossíveis de um violeiro. O poeta de Juiz de Fora tem vindo, desde o seu primeiro livro, colocando-se em ponto de destaque entre os cultores da poesia nacional.”

No dia seguinte à conferência, Belmiro partiu para a cidade de Santos (SP) em estilo não menos solene do que a chegada: o presidente do Estado colocou à sua disposição as lanchas *Oscarina* e *Olga*, que o levaram à *gare da Sul*. Em carta entregue ao proprietário do *Diário da Manhã*, agradeceu a forma calorosa com que foi recebido pelo público e pelas autoridades, exaltando a população, o governo e a imprensa local e invocando Nossa Senhora da Penha para que continuasse inspirando e guiando os destinos de Vitória, a fim de que a cidade se tornasse “uma das capitais mais importantes do nosso querido Brasil”.<sup>438</sup>

Não se pode ignorar um dado importante nessa relação de Belmiro Braga com o Espírito Santo. Suas incursões em terras capixabas parecem ter sido motivadas inicialmente pelo jovem irmão comerciante, José Ferreira Braga<sup>439</sup>, que para lá viajava para tratar de assuntos relacionados à casa comercial carioca, da qual era representante.<sup>440</sup> Em 1910, José estabeleceu-se em Vitória, onde teria alcançado êxito no mundo dos negócios. Esse momento coincide com o aprofundamento da presença de Belmiro Braga naquela região, onde passou a ser recebido de maneira mais calorosa.

Não seria despropositado considerar que a fama de Belmiro Braga nas letras contribuiu, de alguma maneira, para ampliar o capital social e/ou simbólico do irmão na praça comercial daquela região. Não por acaso, o nome do jovem comerciante quase sempre aparecia associado ao do irmão nos jornais, configurando uma espécie de projeto publicitário, provavelmente praticado de maneira consciente por ambas as partes. A propósito, quando um dos filhos de José Ferreira Braga veio a ser batizado com o nome Belmiro Braga Sobrinho, a imprensa se referia ao menino como “sobrinho do grande poeta mineiro”.<sup>441</sup> José Braga também mantinha a redação do *Diário da Manhã* atualizada sobre as notícias que circulavam sobre o irmão em outros estados, enviando-lhe exemplares desses jornais e revistas, estimulando, assim, a sua divulgação no Espírito Santo, como o fez com a revista *Cruzeiro Ilustrado*, de Pádua (MG), que estampava o retrato e os trabalhos literários do poeta.<sup>442</sup>

Preferimos tratar essa relação entre letras e comércio como uma via de mão-dupla, na qual ambos se beneficiavam mutuamente. Não é menos verdade que Belmiro Braga também sentisse o benefício dessa parceria em sua carreira no campo cultural, conformando uma

<sup>438</sup> *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 12/08/1910, p. 3.

<sup>439</sup> Vale destacar uma pequena curiosidade: José Braga, irmão de Belmiro, casou-se e teve filhos no Estado do Espírito Santo. Um deles, Robertino Braga, era o pai daquele que se tornaria o famoso cantor da Jovem Guarda, Roberto Carlos. Portanto, José Braga era avô paterno do cantor Roberto Carlos, sendo este, portanto, sobrinho-neto de Belmiro Braga.

<sup>440</sup> *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 11/04/1908, p. 2.

<sup>441</sup> Aniversários. In: *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 27/12/1935, p. 1.

<sup>442</sup> *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 26/08/1908, p. 1.

lógica pautada na “economia moral do dom”. Não por acaso, seria esse mesmo irmão comerciante o financiador da já mencionada primeira viagem do poeta à Europa em 1914.<sup>443</sup>

Deslumbrado com o sucesso de suas palestras e trovas, Belmiro expressava esse contentamento com o amigo Sales, relatando-lhe as calorosas recepções que lhe eram dispensadas, tal como ocorreu no município mineiro de Oliveira: “Fui à Oliveira, a convite, e lá bimbalei os sinos. Não imaginas a recepção que o povo de lá me fez.”<sup>444</sup> Belmiro lá teria comparecido para proferir palestras no *Elite Club* e no palacete da família Lobato, após mais de oitenta pessoas do município terem esperado a sua chegada à estação ferroviária. Além de palestrar, visitou escolas, participou de jantares, passeios e recebeu diversas homenagens, como um ramallete de flores de uma professora. Entre os discursos elogiosos na imprensa, destacavam-se os que o consideravam um literato, que com “seus próprios esforços”, tornou-se “uma das figuras de mais destaque na literatura brasileira”. Além disso, os colonistas salientavam que “Belmiro Braga viu-se numa roda viva”, em numerosos “almoços, jantares e passeios”, encantando a todos com “a sua verve conhecida, tendo para tudo uma frase de espírito”.<sup>445</sup> Para incrementar a sua passagem por aquela região, J. Paixão, artista que o acompanhava, redigiu um “jornalzinho” a mão, intitulado *Belmiriada*, distribuído à população durante o fim de semana. E, como o sucesso parecia se multiplicar, o poeta ainda foi convidado a ministrar conferência em Bom Sucesso (MG), onde também foi recepcionado na estação de trem por diversas famílias locais.<sup>446</sup>

Não menos calorosa foi a passagem do poeta por Caxambu (MG), em março de 1908. A viagem, além de marcada por homenagens e ovações, rendeu-lhe várias benesses, como almoços, serviços de barbearia e fotografias. Tudo isso, é claro, sem deixar de mencionar o estreitamento de relações com as elites locais, destacando-se a amizade com o comendador Berla, do Jardim Botânico do município<sup>447</sup>, que chegou a posar ao seu lado em foto publicada na carioca *Revista da Semana*.<sup>448</sup>

---

<sup>443</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 28/04/1914. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>444</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 18/11/1910. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>445</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 01/04/1910, p. 2.

<sup>446</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 01/04/1910, p. 2.

<sup>447</sup> Belmiro Braga narra esse contato em carta enviada ao amigo Sales. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 02/04/1908. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>448</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10/05/1908, p. 7.

Figura 10 – Foto de Belmiro Braga em Caxambu (MG).



Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10/05/1908, p. 7.

Entretanto, das “dádivas” recebidas nessa viagem, a que mais chamou atenção de Belmiro Braga e, portanto, perenizou-se em sua trajetória e persona literárias, foi o cachorro da raça “terra nova”, a quem batizou de *Príncipe*. Após deslumbrar-se com o preço da raça do animal<sup>449</sup>, B. B. dedicou-lhe uma quadra, que, depois de circular em diversos periódicos, figurou em seu terceiro livro, *Rosas*, em 1911:

#### Ao Príncipe

Pela estrada da vida subi morros,  
Desci ladeiras e, afinal, te digo:  
Se entre amigos encontrei cachorros,  
Entre os cachorros encontrei-te, amigo!

Para insultar alguém hoje recorro  
A novos nomes feios, porque vi  
Que elogio a quem chame de cachorro,  
Depois que este cachorro conheci.<sup>450</sup>

A quadrinha ao cachorro ficou famosa, sendo-lhe feitas diversas referências ao longo de décadas, nas páginas de jornais e revistas, através de citações, charges e de outras

<sup>449</sup> Em carta para Antonio Sales, Belmiro Braga assim comentou sobre o cachorro: “E, por cima de tudo, ganhei um cachorro ‘terra nova’ – *Príncipe* – que é uma lindeza. Davam-me lá 200\$ por ele.” Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 02/04/1908. Arquivo Pessoal de Antonio Sales – Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>450</sup> BRAGA, Belmiro. Ao Príncipe. In: \_\_\_\_\_. *Rosas*. 2. ed. Juiz de Fora: Dias Cardoso & Cia. Editores, 1915.

expressões artísticas. Tais versos atravessaram os tempos e chegaram aos dias atuais, sendo mais lembrados do que seu próprio autor. Cabe-nos indagar, portanto, os motivos dessa popularização e, mais do que isso, os fatores que levaram à sua perpetuação no imaginário social.

Antes de mais nada, vale ressaltar que o sucesso dessa quadra junto aos públicos foi quase imediato. Já em 24 de abril de 1909 o escritor Carmo Gama, de Rio Novo (MG), publicava no jornal *O Pharol* um soneto sobre esses versinhos belmirianos e o cão que os inspirou.<sup>451</sup> Nesse mesmo ano, Belmiro Braga providenciou uma foto-postal ao lado do animal e a distribuiu a várias personalidades e redações de jornais e revistas, como *A Época*, de Cataguases (MG), que acusou publicamente o seu recebimento, ao mesmo tempo em que qualificava a quadra como “profunda filosofia”.<sup>452</sup> O escritor Lima Barreto, em 1910, também foi agraciado com um exemplar, como se pode observar na imagem a seguir:

Figura 11 - Foto-postal de Belmiro Braga ao lado do cachorro Príncipe (sem local), com dedicatória para o escritor carioca Lima Barreto, datada de 25/09/1910.



Fonte: Documento 206 – Série: correspondências recebidas – Coleção Lima Barreto – Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro (RJ).

As referências a essa (auto)representação se proliferaram não apenas nas páginas dos periódicos, mas também em locais e suportes diversos, como fez o artista amador Antonio Francisco de Lemos, que produziu um retrato de B. B. ao lado de seu cachorro e o expôs em

<sup>451</sup> GAMA, Carmo. O “Príncipe”. *O Pharol*, Juiz de Fora, 24/04/1909, p. 1.

<sup>452</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/09/1909, p. 1.



destaque na vitrine da Casa Sucena, uma casa comercial localizada ao lado do Club Juiz de Fora, na esquina da Rua Halfeld com a Rua Direita (atual Avenida Rio Branco).<sup>453</sup> Local de venda de enxoval para casamentos, chapéus, utensílios e acessórios para funerais<sup>454</sup>, esse estabelecimento, como de costume, disponibilizava uma parte de suas vitrines à exposição de retratos de autoridades e famosos, como Batista de Oliveira, bem como obras de arte, plantas arquitetônicas da maior construtora do município, a *Companhia Pantaleoni Arcuri*<sup>455</sup>, e presentes de grande valor simbólico recebidos por famílias tradicionais da cidade.<sup>456</sup>

Não demorou muito tempo para que a quadra e a imagem de Belmiro Braga com o cachorro chegassem aos periódicos cariocas, como a *Revista da Semana*, que, em 1910, transcreveu os versinhos e os qualificou como a expressão da “ironia fina e da filosofia observadora do escritor”.<sup>457</sup> Na mesma revista e no mesmo ano, o caricaturista Raul Pederneiras não perdeu a oportunidade de referendar a representação no campo humorístico, transformando-a na seguinte charge:

Figura 12 – Charge de Raul Pederneiras.



Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 19/06/1910, p. 26.

Poucos meses depois, Boaventura Pinto também satirizou o “elogio rasgado” do amigo ao cão através dos seguintes versos: “Aqui, de um colega ao lado,/ Entregue à

<sup>453</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 12/09/1909, p. 1.

<sup>454</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 09/09/1903, p. 3.

<sup>455</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 01/08/1909, p. 1.

<sup>456</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 24/012/1909, p. 1.

<sup>457</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 05/06/1910, p. 31.

meditação/ Sobre o elogio rasgado/ Que fez Belmiro do cão,/ Sem maldizer o meu fado,/ Sem precisar de socorro,/ exclamo desconsolado:/ - Antes eu fosse cachorro...”<sup>458</sup>

Decorridos vários anos, o elogio do “trovador de Vargem Grande” ao cão continuaria circulando com toda a sua potência e vivacidade inicial. A prova disso é que, em 1921, Raul Pederneiras a citaria novamente na *Revista da Semana*, numa seção especialmente dedicada ao tema: “A amizade que ele, o cão, manifesta é seguramente muito maior do que a amizade que inspira. Às vezes as duas amizades se equilibram, por um princípio natural de reciprocidade, como revelou Belmiro Braga na impressionante quadra a seu cachorro predileto [...]”<sup>459</sup>

Figuras 13 e 14 – Reprodução de página da *Revista da Semana*.



Fonte: PEDERNEIRAS, Raul. O amigo do homem. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 25/06/1921, p. 12.

A *Fon-Fon*, em 1924, ao abordar a fiel relação dos famosos com os cães e a participação desses animais nos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, também não deixou de citá-la.<sup>460</sup> E, mais uma vez, a *Revista da Semana*, nesse mesmo ano, rememorava a máxima belmiriana para justificar a ideia de que “nada há tão sem razão como a razão dos homens”. Em um “mundo de amigos falsos e de falsas amizades”, enfatizava que o cão é “o

<sup>458</sup> PINTO, Boaventura. A Belmiro Braga. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 03/07/1910, p. 5.

<sup>459</sup> PEDERNEIRAS, Raul. O amigo do homem. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 25/06/1921, p. 12.

<sup>460</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 18/10/1924, p. 82.

animal em o qual se tem descoberto qualidades que às vezes faltam aos racionais”, sendo ele, portanto, o “único amigo com que o homem pode contar”. E finalizava com a afirmação de que “a história do cão é cheia de episódios edificantes”.<sup>461</sup>

Outras várias referências a essa representação de B. B. e seu cachorro podem ser encontradas dentro e fora das páginas dos periódicos ao longo dos anos que se sucederam. Uma delas, bastante inusitada por sinal, pode ser conferida no acervo particular do colecionador juizforano Antonio Carlos Duarte: trata-se de um pequeno quadro emoldurado, de madeira, que representa o vate e o cachorro através da técnica da marchetaria. Apesar de não dispor de data e autoria, o objeto é bastante representativo das várias apropriações e circulação social dessa imagem em contextos e suportes bastante variados.

Figura 15 - Representação de Belmiro Braga e seu cão, acompanhada da famosa quadra. Utilizando a madeira como matéria-prima, o autor (não identificado) empregou a técnica da marchetaria.



Fonte: Acervo pessoal do colecionador Antônio Carlos Duarte (Juiz de Fora – MG). Fotografia: Sérgio Augusto Vicente.

A representação de artista ao lado de cachorro não é novidade, é claro, podendo ser citados casos brasileiros contemporâneos, como o de Emílio de Menezes, que dizia preferir o amor dos cachorros ao dos homens.<sup>462</sup> *O Malho*, em 1933, já informava aos leitores que a ideia do cão como melhor amigo do homem tinha sido proclamada por Auguste Comte no

<sup>461</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07/06/1924, p. 28.

<sup>462</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 20/04/1907 *apud* VELLOSO, 1996, p. 106.

século XIX. No entanto, admitia que os poetas Belmiro Braga e Guerra Junqueiro foram os responsáveis por lhe conferirem imortalidade.<sup>463</sup>

Mas o fato é que a utilização do cão na representação da fidelidade é muito mais antiga, podendo ser observada na própria alegoria da fidelidade, oriunda da tradição clássica europeia. Erasmo de Rotterdam, na literatura do século XVI, também tratava da relação entre cão e homem nos seguintes termos: “Em vão se procuraria animal mais cortesão e adulator do que o cão, e, não obstante, quem pode vangloriar-se de ser mais fiel do que ele?”<sup>464</sup>

No início do século XX, a entusiástica alusão à fiel relação entre ser humano e cachorro figura como símbolo de elegância de uma sociedade cuja elite se pretendia modernizar em sintonia com os princípios civilizatórios europeus e norte-americanos. Não é fortuito, por exemplo, que diversos jornais e revistas desse período difundissem matérias acerca de concursos de aperfeiçoamento de raças caninas.<sup>465</sup>

Se é verdade que havia, de um lado, uma ode ao cachorro como forma de compensar, talvez, as frustrações com o comportamento humano e a “crise” da civilização (sobretudo após a Primeira Guerra Mundial), por outro lado, não se pode omitir a existência de críticas que desmantelavam qualquer tentativa de romantização desse discurso. O *Diário da Manhã*, em 1926, rememorava a famosa quadra de Belmiro Braga para também abordar o problema dos cães abandonados nas ruas de Vitória (ES). Apesar de concordar que, em regra, os cães são os “melhores amigos do homem”, considerava que essa relação “secularmente proclamada” podia ter suas inconveniências, sobretudo quando os cães tomam conta das ruas desordenadamente.<sup>466</sup> Nesse sentido, a mesma revista, em 1934, também evocou os versinhos belmirianos para criticar a predileção de muitos por determinadas raças<sup>467</sup>, corroborando as charges que contrastavam a vida dos cães de luxo com a dos “vira-latas” abandonados.<sup>468</sup> Do mesmo modo, circulavam críticas à supervalorização dos cães, em detrimento do interesse no combate às desigualdades sociais entre os seres humanos. É o que demonstram, por exemplo,

---

<sup>463</sup> O cão aviador. In: *O Malho*, Rio de Janeiro, 14/01/1933, p. 13.

<sup>464</sup> ROTTERDAM, Erasmo de. *O elogio da loucura...*, p. 63.

<sup>465</sup> SILVA, Oscar. Os cães: sua criação e utilidade. *Vida Doméstica*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 59, 20/09/1923, p. 38. Ver também: n. 68-69, 08/12/1923, p. 48-49. Ver também: *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 18/10/1924, p. 82.

<sup>466</sup> Cães. In: *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 08/07/1926, p. 3.

<sup>467</sup> O. T. [Autor não identificado]. Quanto mais conheço os homens, mais gosto dos cães... In: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 23/06/1934, p. 26.

<sup>468</sup> Ver charge publicada na revista *Careta*, Rio de Janeiro, 18/08/1918, p. 23. Acervo Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

charges nas quais os participantes de um banquete filantrópico canino destinavam as “sobras” da comida às crianças pobres e desvalidas.<sup>469</sup>

Belmiro Braga, vivendo em um contexto no qual a adoção de cães de raça se transformava em “moda *chic*”, acabou replicando essa tendência ao posar ao lado de seu “Príncipe”. Afinal, foi como um elegante homem burguês da *belle époque*, bem vestido, de bengala, posando para a câmara no interior de um estúdio, ao lado de um cachorro de raça, de nome portentoso, e não de um “vira-lata” qualquer, que escolheu eternizar-se em sua foto-postal. Eis mais uma ambiguidade desse homem que transitava, ao mesmo tempo, entre os salões e as ruas, entre cães ostentados por madames como bolsas de luxo e cachorros famintos, abandonados à própria sorte.

Contudo, foi no envolvimento em eventos filantrópicos destinados a socorrer homens e mulheres pobres que o autor de *Montezinas* se destacou, a exemplo do que vimos em sua participação na Sociedade São Vicente de Paulo, em Juiz de Fora, e na apresentação de palestras destinadas à arrecadação de fundos para instituições do gênero. Sua quadra e sua imagem ao lado do cachorro, longe de contradizerem a representação do “cristão benevolente”, parecem ter cumprido o importante papel de lhe reforçar a persona de poeta de alma simples, sincera, natural, espontânea e ingênua, com que veio a ser perpetuado durante a sua vida e após a sua morte. É como se o sentimento “naturalmente sincero” do poeta lírico, suscetível a constantes frustrações na relação com os homens – errantes, contraditórios, “arrivistas”<sup>470</sup>, bajuladores por interesse e muitas vezes perversos e traidores – pudesse se tornar ainda mais sublime na perfeita conexão com o animal historicamente reconhecido como o mais fiel amigo do ser humano.

#### **4.2 Belmiro Braga teatrólogo e sua comédia de costumes no teatro ligeiro**

Entre 1909 e 1910, completando-se dez anos de sua inserção no universo das letras e trilhando sua caminhada como conferencista, Belmiro Braga desenvolveu mais uma

---

<sup>469</sup> Ver charge de Kalixto na *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 84, dez. 1922. Acervo do Museu Mariano Procópio.

<sup>470</sup> Em *Literatura como missão*, Nicolau Sevcenko define o “arrivismo” como a expressão do desejo de ascensão e obtenção de vantagens a qualquer custo, num período em que a entrada do Brasil na modernidade coincidia com a plena vigência de um regime liberal-oligárquico repleto de desigualdades e injustiças, que, no campo da literatura, resultou na divisão sócio-política dos literatos entre “vencedores” e “proscritos”. Fonte: SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, p. 16; p. 36.

habilidade artística: a de teatrólogo ou, melhor dizendo, comediógrafo. Como de costume, não deixou de anunciar o fato ao amigo cearense, Antonio Sales: “Agora, sou comediógrafo e com sucesso. Escrevi *Os Candidatos* que deu sorte e hoje entreguei à Companhia que aqui está – *O casamento na roça*”.<sup>471</sup>

Apesar de considerá-lo seu “padrinho literário”, no campo teatral, as influências intelectuais do amigo não foram tão expressivas como poderíamos supor. O próprio Sales confessava que, nesse ramo das artes, não passava de mero espectador que muito se divertia nos espetáculos, mas sem nenhum instrumental para esboçar qualquer tipo de crítica ao que assistia.<sup>472</sup>

A primeira produção de Belmiro Braga no teatro começou em dezembro de 1909, quando a companhia dramática *Adelaide Coutinho* passava por Juiz de Fora. Na ocasião, ele e Gastão Tojeiro, em parceria, escreveram uma peça de três atos, intitulada *Coisas da Vida*, para ser encenada por essa companhia. A recepção do espetáculo pela plateia juiz-forana teria sido exitosa, segundo nota publicada em *O Pharol* e replicada em *O Paiz*: “[...] foi ouvida com bastante atenção, tendo a assistência, ao cair o pano, no último ato, chamado à cena o querido autor de *Montezinas*, o excelente Belmiro Braga, a quem foram rendidas justas homenagens”.<sup>473</sup>

Seu parceiro nas letras juizforanas, Lindolpho Gomes, também teve uma de suas peças, *Marido conquistado*, encenada pela mesma companhia. Nesse contexto, diversas companhias teatrais passavam por Juiz de Fora, seduzidas pela “fama de opulência, progresso e cultura da cidade”, despertando o interesse de poetas e prosadores locais pelo envolvimento nesse gênero literário.<sup>474</sup> Muitos deles, a exemplo do próprio Belmiro Braga, vendiam-lhes os roteiros que escreviam, colocando seus enredos em circulação nas mais diversas regiões do país.

A essa altura, a proprietária da companhia, Adelaide Coutinho (1860-1952), já era bastante conhecida. A atriz brasileira, após revelar-se nos palcos do interior do Brasil e ser consagrada pelas críticas brasileira e portuguesa, fundou sua própria companhia teatral. Em 1909, a atriz fizera parte do elenco de um dos primeiros filmes do cinema-mudo no Brasil. No

---

<sup>471</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 18/11/1910. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>472</sup> SALES, Antônio. Prosas Cariocas (do *Correio Paulistano*). *O Pharol*, Juiz de Fora, 15/07/1903, p. 1.

<sup>473</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 19/12/1909, p. 1; *O Paiz*, Rio de Janeiro, 21/12/1909, p. 4.

<sup>474</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres: a belle époque mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. p. 14.

ano seguinte, integrou a companhia luso-brasileira que atuava no Teatro Municipal do Rio de Janeiro.

Conhecidas pelo caráter acessível ao público mais amplo, suas peças chegavam a Juiz de Fora com grande expectativa e repercussão em dezembro de 1909, despertando o interesse de agentes culturais da cidade. Sua turnê pelos teatros juiz-foranos sucedia a passagem de outras duas atrizes internacionais famosas pela “Atenas Mineira”, como Nina Sanzi e Clara Della Guardia, que, após encenarem no Teatro Juiz de Fora, na rua Espírito Santo, deixaram suas fotos de recordação para Alfredo Ferreira Lage, o fundador e proprietário do estabelecimento.

A aplaudida passagem destas atrizes pela cidade, entretanto, não foi unanimidade. Agentes culturais interessados na valorização e estruturação de um “teatro nacional” não viam positivamente a presença de companhias e artistas estrangeiros no país. Lauro de Lima reclamava da “invasão extraordinária de companhias estrangeiras de todo gênero”, acusando-as de “prejudicar materialmente o teatro nacional”.<sup>475</sup> O jornalista Heitor Guimarães, assim como Lima, defendia a necessidade de se trabalhar para o “adiantamento artístico do nosso teatro”<sup>476</sup>, chamando de esnobismo artístico a valorização excessiva dos “grandes gênios” do palco, em detrimento de muitos artistas talentosos do interior. Para Guimarães, a postura esnobe da classe teatral apenas conseguia dificultar a formação de um teatro nacional no Brasil, além de “deprimir um público que foge de um teatro que ele não entende, que se recusa a aplaudir os gênios de contrabando ou impostos a muque”. Clara Della Guardia, considerada por muitos uma “verdadeira dádiva divina”, era pejorativamente classificada por ele como “celebridade de encomenda”, cuja atuação no espetáculo *Vida e Morte*, do já falecido Arthur Azevedo, considerou muito aquém do elevado juízo feito pela crítica: uma “detestável água morna com açúcar”.<sup>477</sup>

Para Lima e Guimarães, portanto, interessava muito mais a passagem da companhia de Adelaide Coutinho pelo município, uma vez que sua atuação estaria em consonância com a valorização de um teatro nacional. Além de ser brasileira e representar em língua portuguesa, comunicando-se efetivamente com o público, a atriz, segundo eles, contribuía para não deixar que o teatro no Brasil fosse “presa cobiçada das companhias estrangeiras que intentam

<sup>475</sup> LIMA, Lauro de. Reflexos. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30/11/1909, p. 1.

<sup>476</sup> LIMA, Lauro de. Reflexos. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30/11/1909, p. 1.

<sup>477</sup> H. G. [GUIMARÃES, Heitor]. Hebdomada. *O Pharol*, Juiz de Fora, 12/12/1909, p. 1.

apoderar-se desse departamento de arte em nosso país”. Lima, assim, conclamava a população de Juiz de Fora a comparecer em peso aos teatros para ovacionar a atriz.<sup>478</sup>

E teria sido justamente a capacidade dos espetáculos de Adelaide Coutinho de aproximarem-se de plateias e públicos mais variados e não iniciados que também despertou o interesse de Belmiro Braga. Apesar de afirmar que Della Guardia, Nina Sanzi e Pirovano fossem “artistas de real merecimento”, assim ponderava: “[...] mas representando em língua estranha, não podiam agradar a todos”. Nesse sentido, comparava seus espetáculos a “um hotel de luxo em que a gente faz figura, em verdade, mas de onde se sai com fome”. Os espetáculos de Adelaide Coutinho, ao contrário, seriam para ele “hotéis modestos, mas onde se come admiravelmente”.<sup>479</sup>

O fato é que, após assistir aos espetáculos da companhia Adelaide Coutinho, Belmiro não apenas manifestou interesse por esse gênero artístico como também teve o seu primeiro texto dramático encenado pela referida companhia. Infelizmente, não foi possível encontrá-lo no decorrer dessa pesquisa. Alguns indícios levantados no jornal *O Pharol* permitem apenas identificar que a trama de *Coisas da Vida* era contemporânea ao momento de produção e lançamento da peça: passava-se em Juiz de Fora, em 1909, envolvendo um industrial, um major da guarda nacional e um fazendeiro.<sup>480</sup>

Gastão Tojeiro, com quem Belmiro dividia a autoria de *Coisas da Vida*, já trilhara um caminho no campo teatral e, em pouco mais de dez anos, terá escrito cinquenta peças. O autor será apontado, em 1923, como um dos poucos que conseguiam sobreviver apenas dos direitos autorais. Tojeiro, através de suas peças, fazia crônicas dos costumes dos brasileiros, sendo considerado nesse gênero “o mais nacional dos nossos escritores teatrais e o mais opulento em recursos de cena”, segundo Victorino de Oliveira. Esse mesmo crítico afirmava, ainda, que Tojeiro era o que melhor sabia “ver e apanhar os tipos caracteristicamente nacionais e tinha a intuição, como nenhum outro dos representados, da técnica teatral”. Com sua visão de caricaturista, Tojeiro criava personagens cômicos e melancólicos, “figuras que têm vida, que ele apanhou ao roçar-lhes o ridículo ou a sentimentalidade, em um golpe, ao galope febril da vida da cidade”.<sup>481</sup>

Eduardo Leite foi um dos atores da companhia de Adelaide Coutinho que atuou em *Coisas da Vida*. O artista voltará à cidade outras vezes, estabelecendo estreito contato com

<sup>478</sup> LIMA, Lauro de. Reflexos. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30/11/1909, p. 1.

<sup>479</sup> BRAGA, Belmiro. Reflexos. *O Pharol*, Juiz de Fora, 30/11/1909, p. 1.

<sup>480</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 17/12/1909, p. 2.

<sup>481</sup> OLIVEIRA, Victorino de. Gastão Tojeiro e a sua obra. *O Pharol*, Juiz de Fora, 12/05/1923, p. 1.



Belmiro Braga, com quem não demoraria firmar significativas parcerias. Em julho do ano seguinte, chegou ao município recebendo diversas homenagens das elites locais, dentre as quais figurava um poema satírico de Belmiro Braga, publicado na *Revista da Semana*.<sup>482</sup>

Três anos depois, Eduardo Leite tornou-se proprietário de uma companhia teatral, *Leite & Pinho*, que veio a estrear no *Teatro São Pedro*, no Rio de Janeiro, apresentando em seu repertório duas peças de autoria do novo comediógrafo.<sup>483</sup> A parceria e amizade entre ator e escritor duraram cerca de dez anos. Leite tinha predileção por comédias “caipiras” e “regionais”, temática pela qual Belmiro Braga nutria forte interesse, impulsionando-o, inclusive, a escrever *Na Roça*, que se tornaria a mais famosa peça teatral de seu repertório. Eduardo Leite, ao encená-la no *Teatro Xavier*, em Petrópolis, teria levado a plateia à “constante hilaridade”.<sup>484</sup> O jornal *Theatro & Sport* afirmava que, além de sempre inserir em seu repertório as comédias regionais do poeta Belmiro Braga, Leite era seu “amigo incondicional”.<sup>485</sup>

Nascido em Guaratinguetá, interior de São Paulo, em 1868, e falecido em 1920, Eduardo Leite foi discípulo de Dias Braga e trabalhou em diversos estabelecimentos e companhias teatrais, como *Ismênia dos Santos*, *Theatro Variedades Dramáticas*, *Moulin Rouge*, *Teatro São José*, etc. Ao longo de sua carreira, realizou diversas turnês de sucesso pelo interior do Brasil, inclusive em terras amazonenses, onde ganhou medalha de ouro das crianças. Encenou, no *Trianon*, no Rio de Janeiro, a comédia *O genro de muitas sogras*, de autoria de Moreira Sampaio e Arthur Azevedo. Dentre as peças que escreveu, consta apenas uma, a burleta *Dr. Tatu*, encenada no teatro São José pela companhia *Paschoal Segreto*.<sup>486</sup>

J. Osório, apesar de não considerá-lo um “grande artista”, enxergava nele a figura de um “nobre colaborador” para o “engrandecimento” do teatro brasileiro e o “futuro de seus colegas de Arte”. Foi um dos fundadores da instituição filantrópica e assistencial *Casa dos Artistas* e da *Caixa Benfícete Teatral*, das quais acabou se tornando, respectivamente, superintendente e presidente.<sup>487</sup>

Jean Manzon reconhece Eduardo Leite como o grande entusiasta da edificação da *Casa dos Artistas*, sendo o responsável por conquistar, depois de muito empenho na causa, a doação de um terreno em Jacarepaguá (RJ) para tal finalidade. Como parte de suas ações

<sup>482</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10/07/1910, p. 29.

<sup>483</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 13/09/1913, p. 23.

<sup>484</sup> *O Século*, 13/03/1914, p. 3.

<sup>485</sup> OSÓRIO, J.. Eduardo Leite. *Theatro & Sport*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 270, 10/01/1920, p. 12-13.

<sup>486</sup> OSÓRIO, J.. Eduardo Leite. *Theatro & Sport*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 270, 10/01/1920, p. 12-13.

<sup>487</sup> OSÓRIO, J.. Eduardo Leite. *Theatro & Sport*, Rio de Janeiro, ano 7, n. 270, 10/01/1920, p. 12-13.

destinadas ao recolhimento de doações aos assistidos, tinha o hábito de falar ao público nos intervalos dos espetáculos de sua companhia teatral, momento em que aproveitava para evocar um “pitoresco repertório, quase todo ele de Belmiro Braga”.<sup>488</sup>

O impulso à carreira teatral do literato mineiro se deve, portanto, a essa parceria com Gastão Tojeiro e Eduardo Leite. Depois da primeira experiência com *Coisas da Vida*, B. B. escreveu, em 1910, *Os Candidatos*, *Na Roça* e *Na Cidade*, as quais alcançaram sucesso em Vitória (ES), onde o *Diário da Manhã* assim o apresentava: “Belmiro, ultimamente, tem escrito várias peças teatrais, valendo-lhe este novo gênero de literatura calorosos aplausos das plateias onde elas têm sido exibidas”.<sup>489</sup>

Em 1912, já se verifica a ampliação desse repertório. Além de *Os Candidatos*; *Na Roça* e *Na Cidade*, começam a ser anunciadas nos jornais as peças *O Divórcio*, *Que Trindade!* e *Porto, Madeira & Collares*, todas elas encenadas pela *Companhia Leite e Pinho*, no *Bijou Theatre*, de São Paulo. Segundo a *Gazeta de Notícias* (RJ), o sucesso das apresentações teria sido expressivo: “As burletas de Belmiro Braga têm agradado extraordinariamente. São mesmo as que obtém maior êxito.”<sup>490</sup>

A partir dos anos 1920, algumas editoras paulistas – como *C. Teixeira & Cia. Editores*; *Livraria Teixeira*; *Vieira Pontes & Cia. Editores* e *Livraria Teixeira, Lomelino & Silva Editores* – publicaram as peças *Que Trindade!*, *Na Roça*, *Na Cidade* e *Porto, Madeira e Collares*, o que possibilitou acessá-las sem grandes dificuldades nessa pesquisa. *O Divórcio* e *Mamãe, olha o Periquito*, por sua vez, foram encontradas datilografadas no Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia do Rio de Janeiro, depositado no Arquivo Nacional (RJ).<sup>491</sup> *Os Candidatos*, assim como as demais posteriormente escritas por Belmiro, não foram localizadas, muito embora se deva considerar a existência de duas ou mais variantes para um mesmo título, a exemplo de *Mamãe, olha o Periquito*, *O Sete-Nomes*, *Padre, Filho e Espírito Santo* e *O Capichaba*, todas correspondendo à mesma peça, *Na Cidade*. Para nossa análise, restringir-nos-emos às cinco peças encontradas, o que configura uma amostragem muito representativa do repertório belmiriano (ver anexo).

<sup>488</sup> MANZON, Jean. O último palco. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 03/04/1948, p. 9-15.

<sup>489</sup> Belmiro Braga. *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 06/08/1910, p. 2.

<sup>490</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/12/1912, p. 3.

<sup>491</sup> ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Inventário Delegacia Auxiliar de Polícia* (seção Censura Prévia; série Peças Teatrais e série Avulsos). 2. ed. Rio de Janeiro: o Arquivo, 2017. Disponível em: [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/copy\\_of\\_instrumentos-de-pesquisa/delegacia\\_auxiliar\\_policia\\_2.pdf](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/copy_of_instrumentos-de-pesquisa/delegacia_auxiliar_policia_2.pdf). Acesso em: 13 fev. 2024.

De caráter humorístico e de curta duração, as peças de Belmiro Braga eram classificadas como pertencentes ao “gênero ligeiro”, que, desde o século XIX, adaptava a linguagem e a estética à necessidade de ampliar a comunicação e o diálogo com plateias heterogêneas. Consideradas um tipo de crônica sobre o cotidiano, tais peças – segundo Andrea Marzano – dividiam a crítica entre dois grupos: os “modernos”, que procuravam se adequar às demandas da modernidade; e os “tradicionais”, que lhes atribuíam a culpa pelo que chamavam de “decadência do teatro nacional”. Para alguns especialistas, esse embate já sinalizava para um incipiente e “conflituoso processo de massificação da cultura carioca”.<sup>492</sup>

Dividido entre teatro de revista, opereta e burleta, o “gênero ligeiro” tinha um “compromisso intrínseco, e quase único, com a diversão, tornando-se, neste sentido, mais suscetível às demandas de uma população secularmente afeita à presença de música, dança, picardia e comentário satírico nos espetáculos públicos”.<sup>493</sup> Definindo-se como uma comédia musical com andamento mais rápido e falas entremeadas de canções, a burleta, diferentemente da opereta, possui músicas mais populares. No Brasil, esse gênero tornou-se um dos mais admirados por Arthur Azevedo<sup>494</sup>, que era, por sinal, um dos mestres e interlocutores de Belmiro Braga.

Também merece ser levada em consideração a relação das comédias ligeiras com o cinema. Sabe-se que a popularização da sétima arte no Brasil foi um processo gradual e não compreendeu, obviamente, mera substituição dos palcos pelas telonas. Pelo contrário, o teatro caminhou junto com o cinema nesse processo, servindo como importante agente “rotinizador” desse novo produto cultural que ganhava espaço na vida urbana. Segundo Saliba, “já a partir de 1915, mas com maior impacto depois da guerra, os proprietários de cineteatros viram-se obrigados a manter pequenas companhias de teatro ligeiro e burletas para rápidos espetáculos [...] destinados a atrair público para os filmes”.<sup>495</sup>

Essa relação entre teatro e cinema não foi unívoca, havendo interdependência e troca de influências entre ambos, de modo que a concisão e a rapidez – próprias do advento tecnológico da modernidade – se tornaram pré-requisitos fundamentais na elaboração dessas

---

<sup>492</sup> MARZANO, Andréa. “Scenas cômicas”: Francisco Corrêa Vasques e a identidade do ator teatral (1883-1884). In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margaria de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas*: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 353.

<sup>493</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*: a representação humorística na história brasileira – da *Belle Époque* aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 89.

<sup>494</sup> VENEZIANO, Neyde. *De Pernas pro Ar*: o Teatro de Revista em São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. (Coleção Aplauso). p. 76.

<sup>495</sup> SALIBA, 2002, p. 89.

peças.<sup>496</sup> A escrita teatral belmiriana estava imersa nesse movimento modernizador das artes. Em pouco tempo, segundo os jornais e revistas da época, seu texto conseguia arrancar gargalhadas do público, servindo de “isca” para aproximá-lo das produções cinematográficas em circulação na *Belle Époque*. Em 1911, por exemplo, *O Divórcio* foi escolhida para anteceder a exibição de “seletos filmes de arte” no *Cinema Royal*, em Niterói.<sup>497</sup>

A crítica aos costumes constitui outra marca dessas peças, que se reportavam a diferentes temas, destacando-se entre eles os vícios políticos de uma República ainda bastante jovem no Brasil; as mudanças no comportamento feminino (como a moda, por exemplo); as questões sociais relacionadas ao casamento; a relação entre hábitos rurais e urbanos; as distinções sociais relacionadas à raça e à cor da pele; o lugar social do artista na sociedade moderna; a transição de uma sociedade senhorial para uma sociedade dita “moderna”; o chamado “processo civilizador” direcionado às camadas populares, no intuito de moralizar a sua ocupação e interação com o espaço urbano em ascensão e suas novas tecnologias. Em suma, foi partir do “choque” entre as tradições populares ditas “grotescas” e o esforço de construção de uma imagem moderna e “civilizada” para o Brasil que Belmiro produziu os efeitos de humor de suas peças.

É possível identificar algumas influências de outros autores do universo dramático na produção teatral belmiriana. Nas cinco peças aqui apresentadas, veremos estilos e clichês muito presentes, por exemplo, no escritor oitocentista Martins Pena (1815-1848), que, na primeira metade do século XIX, trouxe à incipiente cena teatral brasileira tipos populares caipiras com suas falas coloquiais e hábitos grotescos.<sup>498</sup> Bastante popularizado no Brasil, Pena já havia se tornado, a essa altura do campeonato, patrono da cadeira 29 da recém-fundada Academia Brasileira de Letras, por iniciativa do acadêmico Arthur Azevedo, outro escritor muito caro a Belmiro Braga.<sup>499</sup>

Também não escapou dessa influência de Martins Pena o escritor Gastão Tojeiro, com quem Belmiro Braga dividiu a autoria de *Coisas da Vida*. Logicamente, essa influência chega a esses autores no início do século XX com outros desdobramentos e ressignificações. Beti Rabetti, apesar de considerar que Tojeiro se apropriou do “veio” aberto por Martins Pena,

---

<sup>496</sup> SALIBA, 2002, p. 89.

<sup>497</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 17/06/1911, p. 5.

<sup>498</sup> RIBEIRO, Andréa Sannazzaro. Martins Pena, um homem do teatro na crítica literária brasileira. *Opiniões*: revista dos alunos de literatura brasileira – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos. São Paulo: FFLCH:USP, 2016. p. 69-79.

<sup>499</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Martins Pena – biografia. Disponível em: <http://www.academia.org.br/academicos/martins-pena/biografia>. Acesso em: 24/03/2024.

prefere destacar que ele ocupou outro lugar nesse novo contexto vivido pelo teatro brasileiro, em que a noção de autoria, por exemplo, requer outras referências. E o que isso quer dizer?

A autora se refere a uma mudança fundamental, qual seja: o fazer teatral ligado aos chamados “atores virtuosos”, muitas vezes proprietários de companhias, que acabavam potencializando a “experiência de uma escrita delimitada pelo palco”. Ao contrário de Martins Pena – que, além de autor, exercia os papéis de encenador e diretor de suas peças<sup>500</sup> –, os autores das novas comédias de costumes muitas vezes não participavam da construção da cena no palco. Na prática, a escrita de uma peça era transformada em “urdidura de um esboço que só se constituía enquanto cena a partir do trabalho do ator”, do seu “virtuosismo” e do “intenso contato com o público consumidor”. Isso abria margem a abusivos acréscimos, ajustes e alterações substanciais nos textos dos autores, o que, muitas vezes, apesar de escapar de seus controles, não lhes passava despercebido, causando-lhes constrangimentos e frustrações. O ator Leopoldo Fróes, por exemplo, ficou conhecido por acrescentar, em cena aberta, vários comentários na peça de Gastão Tojeiro.<sup>501</sup>

Belmiro Braga também não escapou desse “drama” real. Como veremos no Capítulo 5, ele se considerava “vítima” desse tipo de violação dos direitos autorais, vindo a público reclamar desses abusos tolerados pela justiça brasileira. Dentre eles, a inclusão de personagens, estórias e até mesmo expressões “chulas” e “palavrões” em seus roteiros.

Diante do exposto, apresentaremos uma síntese de algumas dessas peças belmirianas, mas conscientes de duas limitações importantes, quais sejam: primeiramente, o fato de as referidas peças, apesar de editadas e publicadas nas décadas de 1920, 1930, 1940, 1950 e 1960, foram todas escritas no início da década de 1910. Não tendo sido possível encontrar alguma edição contemporânea ao momento da escrita, baseamo-nos apenas nessas versões editadas *a posteriori*, não possibilitando o cotejamento textual e uma contextualização mais acurada. Em segundo lugar, vale ressaltar que o conceito de autoria teatral, sobretudo nesse momento da experiência dramática brasileira da década de 1910, era atravessado por muitas interferências que fugiam do controle do autor. Sendo assim, por falta de fontes, não temos a pretensão de atestar a plena autenticidade e responsabilidade autoral de Belmiro Braga sobre esses textos.

---

<sup>500</sup> Ribeiro se aprofunda nessa questão no seguinte texto: RIBEIRO, Andréa Sannazzaro. Martins Pena, um homem do teatro na crítica literária brasileira..., p. 76.

<sup>501</sup> RABETTI, Beti. História do teatro “popular no Brasil”: Gastão Tojeiro entre autoria artística e práticas sociais do teatro ligeiro. Revista do Lume, n. 6, 2005. p. 137-143. Disponível em: [file:///C:/Users/Acer/Downloads/arthur,+69\\_Revista+do+LUME+n6Revista+6+escaneada.pdf](file:///C:/Users/Acer/Downloads/arthur,+69_Revista+do+LUME+n6Revista+6+escaneada.pdf). Acesso em: 24 mar. 2024.

Mesmo diante dessas lacunas e inconsistências, não deixaremos de apresentar um panorama de seu repertório, que, com exceção de *Na Roça*, é praticamente desconhecido na atualidade.

a) *Na Roça*<sup>502</sup>

Neyde Veneziano considera esse texto “primoroso, uma comédia curta, com uma surpreendente estrutura de *Comedia dell’Arte*”, nascida nas ruas de Veneza, no século XVI.<sup>503</sup> Todos os personagens da trama são caipiras, com todas as falas escritas em “caipirês”. Apesar de não fazer parte da chamada “grande literatura dramática”, seu sucesso foi estrondoso e longo. Segundo Veneziano, trata-se de uma “pequena obra-prima que funciona até hoje”.<sup>504</sup>

Nela, Belmiro Braga explora a relação entre brasileiros e portugueses e hábitos rurais e urbanos, através de um enredo que nos deixa entrever dois temas importantes. Primeiramente, o estrangeirismo, através da carnavalização de algumas expressões francesas, como *Pic-nic*, substituída por “pega o Nico”. Através do “caipirês”, Belmiro Braga satirizava o incômodo francesismo reinante no país. Segundo Neyde Veneziano, peças desse tipo, ao produzirem comédias críticas aos costumes, atuavam como “vingança teatral dos dominados”. Tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo, essas reações nacionais apareciam nas comédias. Uma das caricaturas muito difundidas era a de um homem chamado Doutor Castro Lopes que, na vida real, lutava contra os francesismos na língua portuguesa, inventando “quebra-luz” para substituir *abat-jour*, “cardápio” para *menu* e “convescote” para *pic nic*.<sup>505</sup>

A outra crítica da peça diz respeito ao namoro e ao casamento. O autor explora as trapalhadas artimanhas de um pobre malandro conquistador, que vai à casa dos pais de uma “moça de família”, Eugênia, de origem portuguesa, pedi-la em casamento. Na peça, o esperto

<sup>502</sup> A análise aqui apresentada tem como base as edições de 1948 e 1961: BRAGA, Belmiro. *Na Roça* (comédia em 1 ato). Nova edição. São Paulo: Livraria Teixeira, 1948. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP). Ver também: BRAGA, Belmiro. *Na Roça* (comédia em 1 ato). São Paulo: Livraria Teixeira, 1961. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP).

<sup>503</sup> Segundo Neyde Veneziano, a *Commedia dell’Arte* deu origem às primeiras companhias de teatro profissional. Ela se desenvolveu com diálogos improvisados e roteiros simples. Os tipos fixos eram interpretados por atores com máscaras clássicas, tendo como enredo dois jovens impedidos de se casarem, que sempre contam com uma dupla de criados trapalhões e malandros para ajudá-los. Os motivos da trama, variados, exploravam acontecimentos do presente e assuntos políticos e sociais que afligiam a plateia. Fonte: VENEZIANO, Neyde. *De Pernas pro Ar: o Teatro de Revista em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. (Coleção Aplauso). p. 101-102.

<sup>504</sup> VENEZIANO, Neyde. *De Pernas pro Ar...*, p. 102.

<sup>505</sup> VENEZIANO, Neyde. *De Pernas pro Ar...*, p. 101-102.

pretendente, atendendo pelo caricato nome de Pindoba, pede ao amigo Zé Leite que o acompanhe à casa de seu possível futuro sogro.

Joaquim Novato era um português que, há vinte anos estabelecido no Brasil, não gostava de ser chamado de Novato – porque a palavra se referia àquilo que chegou de novo, há pouco tempo, o que não vinha a ser o seu caso, uma vez que já havia se estabelecido no Brasil e ascendido com seus próprios esforços. Ao mesmo tempo, porém, era tomado de melancólica nostalgia pela terra de origem. Sua única ambição era casar sua filha com um rapaz de “boa família” e, sobretudo, com saúde.

Teresa era a esposa de Joaquim. Menos saudosista do que o marido quando se referia à terra natal (Portugal), enxergava a paixão como alegria, ao contrário de Joaquim, que a via como tristeza. Foi ela a primeira a perceber que a filha, Eugênia, estava apaixonada por algum rapaz.

Eugênia era a filha única do casal. Seu nome sugeria pureza, o maior bem que os pais lhe desejavam preservar. Deslumbrada com os hábitos citadinos, sai da roça em que morava para frequentar a festa do arraial, de onde volta apaixonada por Juca Pindoba. Com o “auxílio” de Zé Leite, seu amigo, Pindoba consegue se aproximar dos pais da moça. Também malandro, mas atrapalhado, Zé Leite aceita o esquema arranjado por Pindoba, que envolvia o uso da mentira como estratégia: “Como é este mundo! Quando eu falava a verdade, era mentiroso e hoje que minto, sou verdadeiro” – comenta na peça.

Ambos combinam que, após cada pergunta feita pelo pai da moça, Pindoba respondesse com ares de modéstia, para que, logo em seguida, o amigo superdimensionasse suas respostas. Quando interrogado se tinha casas próprias, o pretendente respondeu: “Umas casinhas velhas...” E o amigo reforçou: “Casinhas veias? É rua e mais rua, beco e mais beco, travessa e mais travessa. Eu até acho que a igreja lá do arraial é dele”.

Contudo, a esperteza e a malandragem de ambos se esvaem quando o possível futuro sogro perguntou: “Mas agora é que vejo que o senhor tem uma feridinha nesta mão”, ao que Pindoba respondeu: “Um arranhãozinho de nada!”. Zé Leite, seguindo a mesma lógica combinada com o amigo, retrucou com exagero: “Arranhãozinho? É boa! O corpo deste homem tá lavrado. O corpo de seu Pindoba é ferida viva. Tem pereba como quê”. É justamente essa resposta final de Zé Leite, que se contrapõe aos pré-requisitos exigidos pelo pai da moça – de que o pretendente precisava ter ótima saúde –, a responsável pelo ponto alto do riso na peça.

Apesar de a peça ter um “final feliz”, com Zé Leite cantando um cateretê – dança rural cantada, de influência afro-indígena –, é importante não ignorarmos a ambígua e implícita alusão à interferência das teorias eugenistas que penetraram no imaginário social brasileiro, sustentando a ideia de que “bons casamentos” e “famílias saudáveis” estavam condicionados não apenas às posses do pretendente, mas também à sua saúde física e mental. Basta ler, por exemplo, textos de renomados médicos eugenistas das primeiras décadas do século XX para verificar que essa era uma questão levada realmente a sério por muitas pessoas. No artigo “Como escolher um bom marido”, do médico Renato Kehl, publicado na *Revista do Brasil*, o autor defendia que a formação de uma prole saudável, sem “taras” e “degenerações”, estava condicionada à escolha de parceiros sadios, sem nefastas heranças biológicas na família.<sup>506</sup>

Logicamente, a forma ambígua, considerada “saudável” e despreziosa com que o tema foi conduzido na peça contribuiu, e muito, para que esta não fosse recebida pelos públicos de maneira inóspita, fazendo-a esquivar do sectarismo social e sendo capaz de provocar o riso nos mais diferentes espaços. Ademais, as mentiras empregadas pelos personagens da peça se diferem de qualquer comportamento ardiloso que caracteriza, por exemplo, Callimaco e Ligúrio na clássica peça *Mandrágora*, de Maquiavel, no século XVI, em que ambos, na tentativa de levá-la para a cama a esposa do mais rico e poderoso advogado de Florença, exploram a fragilidade do casal e o ludibrium, numa trama eivada de corrupções morais. Belmiro Braga, ao contrário de Maquiavel, escolheu um caricato “bobalhão” para aproximar o homem apaixonado dos pais de sua amada, num enredo desprezioso, que mais se aproximaria de *O Juiz de Paz da Roça*, de Martins Pena, ou, mais recentemente, de *O Alto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.

As encenações de *Na Roça* transcenderam e muito a década de 1910, quando ela foi escrita. Tamanho êxito fez com que João Pinho escrevesse *O Casamento de Pindoba* como continuidade dessa narrativa, trazendo estampada na publicação do roteiro a informação de que a peça era uma “continuação à comédia [*Na Roça*] do consagrado comediógrafo Belmiro Braga”, representada com “extraordinário sucesso, centenas de vezes, nos principais teatros do Brasil”.<sup>507</sup> No Rio de Janeiro da década de 1920, a estória de Juca Pindoba e Eugênia foi tão incansavelmente encenada no *Cine-Teatro Íris*, na Rua da Carioca, que a *Gazeta de*

<sup>506</sup> KEHL, Renato. Como escolher um bom marido. *Revista do Brasil*, 1923, p. 380-381. Acervo da Biblioteca da Fundação Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>507</sup> PINHO, João. *O casamento do Pindoba*. São Paulo: Livraria Teixeira; Vieira Ponte & Companhia Editores, 1937 (Série *Biblioteca Dramática Popular*, 137). Acervo da Biblioteca Jenny Klabin Segall – São Paulo (SP). Disponível em: <http://bjks-opac.museus.gov.br/cgi-bin/koha/opac-detail.pl?biblionumber=120322>. Acesso em: 24/04/2022.



*Notícias* a ela assim se referia: “[...] apesar de muito batida e por demais conhecida, agrada sempre quando surge em cena, pois tem lances que alegram. [...] Será mais uma semana cheia que o Sr. Cruz Júnior vai ter com a comédia de Belmiro Braga”.<sup>508</sup>

Em Florianópolis, no *Teatro da União Operária*, ela chegou a ser uma das mais apresentadas aos trabalhadores em 1933, 1939, 1943, 1944 e 1946, sendo, além disso, reprisada várias vezes em um mesmo ano. Segundo Vera Collaço, a explicação para esses reprises se divide em dois grupos: de um lado, os que defendem que essa era uma estratégia para “economizar nas montagens e, ao mesmo tempo, assegurar a presença de público”; de outro lado, os que veem nesse fenômeno um ato coletivo deliberado, ideológico, de “reconhecimento de personagens e situações exemplares” através de uma pedagogia da repetição. Soma-se a isso o fato de que a escassez de textos dramáticos editados e circulando pelo país em curtas temporadas trazia uma rotatividade incompatível com as novidades existentes no cenário teatral, fazendo com que um mesmo grupo ou companhia profissional repetisse incansavelmente um mesmo texto ou um mesmo texto integrasse o repertório de diferentes grupos amadores ou companhias profissionais. Opondo-se aos que acreditam que essa repetição refletia a acomodação e desinteresse do público por novidades, Collaço leva em consideração que “os conteúdos e formas manifestas nessa escrita teatral atendiam ao horizonte de expectativa tanto dos seus produtores quanto do seu potencial espectador”.<sup>509</sup>

O fato é que *Na Roça* permanece “viva” até hoje, através de novas encenações pelo país afora e também como piada curta que se desdobrou em outras versões, de forma anônima e oral, nas comunidades interioranas mineiras e de outros estados. Tudo isso nos leva a uma indagação ainda sem resposta: Seria a mensagem da peça um clichê popular transformado em teatro por Belmiro Braga ou teria sido a peça transformada em clichê popular, depois de tantas encenações? Ou não seriam, quem sabe, as duas possibilidades ao mesmo tempo?

#### b) *Porto, Madeira e Colares*<sup>510</sup>

Belmiro Braga também satirizava em suas peças a situação do artista na sociedade moderna. Em *Porto, Madeira e Colares*, apresenta um enredo no qual os personagens viviam

<sup>508</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26/02/1925, p. 9.

<sup>509</sup> COLLAÇO, Vera Regina Martins. *O teatro da União Operária: um palco em sintonia com a modernização brasileira*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), 2004. p. 201-204.

<sup>510</sup> BRAGA, Belmiro. *Porto, Madeira & Colares* (comédia em 1 ato original). São Paulo: C. Teixeira & Cia. Editores, 1922. (Biblioteca Dramática Popular). Cópia do original, disponível no acervo particular de Leila Maria Fonseca Barbosa – Juiz de Fora, MG.

o ridículo de uma vida extremamente precária, dividindo a sociedade em uma firma que não tinham condições de manter. Usando a burocracia a favor da malandragem, os personagens lançavam mão de múltiplas estratégias para driblar as dívidas e conseguirem, assim, comer, vestir e morar.

Residindo na “Mansão do Silêncio”, declaravam-se artistas sem produzir e sem ter uma lira sequer para oferecer como garantia na loja de penhores. Tinham na fome a maior inimiga de suas energias e justificavam a esterilidade criativa com a ideia de que grandes artistas já haviam criado tudo o que idealizaram.

Não obstante as condições precárias em que viviam, tentavam manter as aparências. Comiam sardinha sonhando com garoupa e compartilhavam o mesmo sobretudo, a única peça de roupa chique de que dispunham para encobrir a ausência de outras peças no vestuário, conseguindo, assim, revezarem-se no comparecimento aos eventos sociais. Um dos personagens, compondo versos sob encomenda, tem o pagamento negado pelo cliente, após este não concordar com o poema escrito para a namorada: “A Ritoca é loura e o doutor chamou-a de morena. Ela é gorda e nos versos está ‘Teu corpinho de fada delicada’”. Irritado, o poeta substitui o carinhoso – mas equivocado – adjetivo por “colchão feito a machado”, justificando que, sendo de graça, qualquer coisa servia.

Essa parte da peça nos parece remeter a um traço autobiográfico de Belmiro Braga, que, tendo o hábito de escrever sob encomenda, relatava em suas crônicas os desafios enfrentados para encaixar nos estreitos limites de um soneto ou de uma quadrinha as descrições físicas e psicológicas dos homenageados.<sup>511</sup> *Porto, Madeira e Colares* também nos parece uma paródia do romance de folhetim francês, *Scenes de la vie bohème*, de Henri Murger, publicado na revista *Le Corsaire Satan*, entre 1847 e 1849. Nessa trama, os literatos “viviam marginalizados, na miséria, passando frio e comendo fiado, emprestando roupas uns aos outros e morando em mansardas das quais são constantemente expulsos por atraso de aluguel”. Tornando-se peça de teatro em 1849 e livro em 1851, esse romance foi bastante difundido entre os literatos brasileiros, através de edições francesas e portuguesas, contribuindo para disseminar a moda da boemia parisiense nos trópicos.<sup>512</sup> É bem possível conjecturar o acesso direto ou indireto de Belmiro Braga a esse romance, através da escrita ou até mesmo da oralidade. Apesar de já conhecermos sua postura antipática ao francesismo, era

<sup>511</sup> BRAGA, Belmiro. Desabafo. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 09/10/1904, p. 1.

<sup>512</sup> RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. A geração boêmia: vida literária em romances, memórias e biografias. CHALHOUN, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **A História Contada:** capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 250-252.

ele leitor dos clássicos franceses, como *Viagem Sentimental*, de Sterne, citado em sua série cronística *De Juiz de Fora a Lavras*, em 1910.<sup>513</sup>

Há que se considerar, porém, duas fundamentais diferenças entre as duas propostas. Belmiro Braga, ao contrário da perspectiva de Murger acerca dos decadentistas franceses, não idealiza a pobreza dos intelectuais, muito menos a enxerga como virtude. Muito pelo contrário: ele a ridiculariza, ao mesmo tempo em que chama atenção, através dos exageros típicos da sátira, para as precárias condições de existência de muitos intelectuais brasileiros na “Belle Époque dos Pobres”.

c) *Que Trindade!*<sup>514</sup>

Essa peça tem como temática central o mundo social do trabalho no Brasil do pós-abolição. A narrativa gira em torno do casal Victoria e Juca, moradores da cidade, em uma casa cuja proprietária era uma velha senhora conhecida como “marquesa”. Victoria era uma artista premiada com uma pintura alusiva à *Revolta de Canudos*. Casada com um homem que lhe era subserviente, a artista implorava por mais um criado para servi-la: “sem criados não somos nada nesse mundo” – dizia. Sendo uma artista, alegava ser inapropriado empregar as mãos em atividades domésticas, ratificando uma concepção artística aristocrática pautada na ideia da arte como “torre de marfim”.

O teor humorístico da peça fica por conta dos criados da casa. O personagem Lucas faz as vezes do criado desaforado, malandro, que age dentro e fora da ordem ao mesmo tempo. Expulso da cadeia por ser incorrigível e praticante de jogo do bicho, autoproclamava-se conhecedor das leis, irritando os “patrões” com suas desobediências. Simão é o homem que Juca, a pedido da mulher, encontra para trabalhar em sua casa. Com um perfil avesso ao desejado por Victoria – um “criado mudo” –, Simão era um sujeito recém-saído da cadeia e que questionava a falta de isonomia na justiça brasileira: “A cadeia não foi feita para cachorro e pra lá só vai os lambary miúdo”. Ademais, era um causador de múltiplas confusões, muitas

<sup>513</sup> BRAGA, Belmiro. De Juiz de Fora a Lavras (Parte I). *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/02/1910, p. 1.

<sup>514</sup> Para essa análise, foram consultadas as edições de 1920 e 1926: BRAGA, Belmiro. *Que Trindade!* (comédia em 1 ato original). São Paulo: C. Teixeira & Cia. Editores, 1920. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, código de Referência: BR\_RJANRIO\_6E-O-CPR\_PTE\_0698, seção: Censura Prévia, série: Peças Teatrais, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ). Ver também: BRAGA, Belmiro. *Que Trindade!* (comédia em 1 ato original). São Paulo: C. Teixeira & Cia. Editores, 1926. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP).

delas relacionadas a uma criada negra, que, sendo a única da peça não identificada pelo nome, atendia pela alcunha racista de “creoulinha”.

Após Juca ordenar a Simão que colocasse “creolina” na bacia, acrescentando-lhe água até que ficasse branca, o criado confunde o produto químico (creolina) com a serviçal (“crioulinha”) e a coloca dentro do recipiente, esfregando-a até arrancar sangue de sua pele. Em outro momento, porém, ao dizer que amassou a lata da “creoulinha” (na verdade, “a lata de creolina”), Simão faz a “patroa” entender que a serviçal havia apanhado. E, assim, um conjunto de confusões provocadas por mal-entendidos entre a linguagem coloquial dos pobres nas ruas e a linguagem culta das elites e de parcelas das camadas médias urbanas é utilizado como mote para um humor explicitamente racista. Um tipo de humor, é claro, facilmente observado em propagandas das primeiras décadas do século XX, como fez a marca de cloreto de cal, *Urso Branco*, ao chamar a atenção do público para a eficácia do produto através da representação de um menino negro, imerso numa bacia, com parte do corpo esbranquiçada.<sup>515</sup>

Diversos outros mal-entendidos se interpõem entre Simão e os “patrões”. Declarando-se filho de Victoria, Simão faz Juca entender que era filho de sua esposa, quando, na verdade, dizia que sua terra natal era a capital do Espírito Santo. Ao buscar o vestido da “patroa” no alfaiate e descobrir a sua predileção por trajá-los com “machos do lado”, Simão coloca sob suspeita a fidelidade de Victoria ao marido. Só depois de muita confusão, porém, descobre que esse era o nome usado para designar o acessório de moda utilizado por “distintas senhoras”.

Em outra cena, Simão também informa aos “patrões” a chegada de uma “marquesa”, levando-os a acreditar que a proprietária da casa em que moravam – uma respeitada senhora ainda reconhecida pelo título de nobreza recebido no passado – chegava para lhes fazer uma visita. Observando a preocupação do casal em recepcioná-la com pompa e circunstância, Simão questiona se era mesmo preciso tudo isso para receber uma “quinquilharia caindo aos pedaços”, comentário que leva os “patrões” a repreendê-lo: “Ela está velha, mas é uma pessoa importante, de origem nobre e que merece respeito”. Ao fim e ao cabo, descobre-se que, na verdade, tratava-se de uma velha cama em estilo marquesa que acabava de chegar para o quarto da criada. Simão diz que a cama se parecia mais com uma “tripeça”, ao que Juca responde: “Tripeça somos nós”. E Victoria completa: “Nós somos é uma trindade!”. E, assim, finda-se o espetáculo.

---

<sup>515</sup> Cloreto de cal “Urso Branco”. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, ano 16, n. 36, 07/09/1922, p. 100.

Desse texto de Belmiro Braga, como se pode perceber, emergem alguns temas importantes. Em que pese o teor lamentavelmente racista do humor de *Que Trindade!*, como não observar no desprezo de Victoria pelo trabalho manual a mácula da escravidão na sociedade brasileira, que corrompeu o valor social do trabalho, imputando-lhe conotações depreciativas e nocivas à manutenção do *status* e da hierarquia social? Situados entre uma aristocracia decadente e os trabalhadores braçais, Juca e Victoria representam as camadas médias urbanas da década de 1910, que preservavam o ranço de uma sociedade senhorial.<sup>516</sup> Não dispendo de escravos nem mesmo de condições para remunerar empregados, tentavam subalternizar os chamados “malandros” das ruas, mantendo-os como agregados em suas casas.

Belmiro Braga, no entanto, não deixa de lançar mão da ambiguidade e de um humor aparentemente desprezioso e ingênuo para expor o casal ao ridículo papel de “pseudo-patrões” de sujeitos indomáveis e trapalhões: “Hoje é moda os criados mandarem mais que os amos” – comenta Juca. Por fim, a peça não deixa de explicitar a falta de confiança na justiça brasileira, corrupta, que se valia de “dois pesos e duas medidas” no julgamento dos menos favorecidos. Inevitável se torna, nesse aspecto, citar a trova em que o autor da peça assim se referiu ao símbolo da justiça: “Vendo a justiça de balança e venda/ Não me revolto, não, que essa aliança/ O mistério do símbolo desvenda:/ A venda tem balança.”<sup>517</sup>

#### d) *Na Cidade*<sup>518</sup>

Nessa peça, Belmiro Braga também aborda a figura do criado/agregado como tema. Um “pai de família”, Anacleto, aceita em sua casa um caipira mineiro e “bilontra” (esperto e malandro), que bateu à sua porta à procura de emprego. Uma vez aceito como criado,

<sup>516</sup> Maraliz Christo menciona o esforço das camadas médias urbanas de se esquivarem do trabalho manual, visto como “estigma do trabalho escravo” (Fonte: CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres...*, p. 30). Sérgio Buarque de Holanda interpreta essa concepção de modo semelhante, inscrevendo-a na longa tradição ibérica (Fonte: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil...*, p. 31-40).

<sup>517</sup> BRAGA, Belmiro. *Rosas*. 2. ed. Juiz de Fora: Dias Cardoso & Cia. Editores, 1915. s./p.

<sup>518</sup> BRAGA, Belmiro. *Na Cidade* (O Sete-Nomes) – burleta em 1 ato original. Nova edição. São Paulo: Livraria Teixeira, [1926]. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP). Para essa pesquisa, também foi consultada a versão datilografada dessa peça, cujo título é “Mamãe, olha o Periquito”, que se encontra no Arquivo Nacional e apresenta algumas pequenas diferenças em relação ao texto publicado: BRAGA, Belmiro. *Mamãe, olha o Periquito*. 1928. Acervo disponível em: Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, código de Referência: BR\_RJANRIO\_6E-O-CPR\_PTE\_1325, seção: Censura Prévia, série: Peças Teatrais, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

Anastácio apresenta-se a cada morador da casa individualmente e com apelidos diferentes: “Sobretudo” (para Anacleto); “Colete” (para Rufina, esposa de Anacleto); “Periquito” (para Carolina, a filha do casal) e “Coração” (para Josefa). Valendo-se dessa estratégia, o astuto mineiro bolinava as três personagens femininas da casa sem que Anacleto desconfiasse.

Certo dia, porém, Anacleto encontra, no bolso do paletó de “Sobretudo” (Anastácio), uma carta de namoro para Carolina. Rufina acha que o marido está doido: como um sobretudo pode usar paletó? E, assim, a trama se desenrola em meio às hilariantes confusões das pessoas da casa na tentativa de desvendar o mistério. No final da peça, Anastácio confessa a farsa dos nomes e foge, deixando a família cantando os seguintes versos: “Aqui não deixa saudades/ O bilontra do mineiro./ Com quatro nomes distintos/ É um patife verdadeiro”.

A peça evoca a questão da desterritorialização do sertanejo, que evade de sua terra de origem, desvinculando-se de sua rede de sociabilidade densa, para se valer da malandragem como estratégia de sobrevivência no excludente espaço urbano. O mineiro é aquele apresentado na peça como caipira astuto, capaz de ludibriar as pessoas da cidade com suas artimanhas: “A patroa me chamô de trouxa e o patrão de bobo e quem me chama... Eu sou mineiro e todo mineiro é cabra escovado!” – comenta Anastácio. No entanto, através do humor, é possível observar na representação belmiriana certo tom inofensivo na loucura do personagem Anastácio, cujas mentiras e trapaças figuram como estratégia de um malandro que se faz de maluco para (sobre)viver.

#### e) *O Divórcio*<sup>519</sup>

Escrita entre 1910 e 1912, essa peça tem como ensejo as discussões sobre a lei do divórcio, ainda longe de ser instituída no Brasil (somente o seria em 1977). O Código Civil brasileiro, de 1916, previa o desquite, amigável ou judicial, que autorizava apenas a separação de corpos dos cônjuges e a separação dos bens materiais, desde que sob a justificativa de adultério, tentativa de morte, sevícia ou injúria grave e abandono voluntário do lar conjugal. Portanto, o vínculo conjugal e a proibição de realização oficial do segundo casamento eram mantidos. Ou seja, punha-se fim aos deveres de coabitação e de fidelidade recíproca e ao regime de bens, mas mantinha-se incólume o vínculo matrimonial.

Vamos ao enredo fictício. A peça narra, satiricamente, as possíveis consequências de uma realidade em que a lei do divórcio se apresenta como aprovada. Um advogado, Ribeiro,

<sup>519</sup> BRAGA, Belmiro. *O Divórcio*. 1925. Acervo disponível em: Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, código de Referência: BR\_RJANRIO\_6E-O-CPR\_PTE\_0698, seção: Censura Prévia, série: Peças Teatrais, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

vendo-se sobrecarregado de demandas de clientes querendo se divorciar e percebendo que o divórcio virava “moda” e, portanto, negócio lucrativo para os profissionais do direito, vê-se impelido a estudar a nova lei, da qual se considerava completo desconhecedor. Nesse momento, Belmiro Braga não perde a oportunidade de tecer uma explícita crítica ao bacharelismo, fazendo figurar no enredo a seguinte fala do “criado” do advogado: “Aqui estou há dois anos e é a primeira vez que ouço o patrão dizer que vai estudar. Ele entrou nos estudos mas os estudos não entram nele. Talvez agora...”.

Ao longo da peça, diversos casos engraçados e prosaicos aparecem em cena, como o da mulher que não queria continuar casada por não gostar de roça como o marido. Outro homem, cansado da mulher portuguesa e de baixa estatura, almejava trocar a esposa por uma brasileira, morena e alta. O outro, cuja mulher era alta, desejava uma mulher baixa, pois, assim, gastaria menos tecidos para seus vestidos... O “nó” da trama, no entanto, concentra-se em dois casos de divórcio malsucedidos: os dos amigos Anastácio e Ribeiro, que, depois de muito almejarem se divorciar de suas esposas, arrependem-se da decisão tomada e desejam o restabelecimento da primeira experiência conjugal. Sem conhecerem os/as antigos(as) cônjuges um do outro, Anastácio e Ribeiro, bem como Rosa e Violeta, chegam à conclusão de que uma coincidente troca de casais havia acontecido após a separação. Ao fim e ao cabo, a troca se desfaz e tudo parece voltar à ordem anterior. No entanto, a peça se encerra com um fato surpresa: ambas as mulheres carregam na barriga um filho com o marido da outra.

Essa peça não deixa de refletir as longas discussões e embates acerca de um projeto de lei atravessado por questões morais e dogmáticas religiosas, que viam na oficialização do divórcio uma ameaça à estabilidade da instituição do casamento e das famílias. Muitos receavam que, uma vez aprovado, esse dispositivo jurídico banalizasse as separações por motivos considerados “fúteis”, embora inúmeros fossem os casos de violência e conflitos em relacionamentos arrançados, impostos e malsucedidos.

Apesar de a ambiguidade do discurso irreverente e humorístico nos impedir de afirmar que esse texto dramático belmiriano configure uma sátira reacionária à lei do divórcio, muitos podem interpretá-lo dessa forma. Sem correr o risco de levar o humorista a sério demais e confundir as preceptivas retóricas do humor com a vida do autor, preferimos fugir dos simplismos e reducionismos. Nesse sentido, mais importante do que buscar um posicionamento “sério” do escritor acerca do “divórcio” – o que nos parece infrutífero, devido à ausência de fontes a respeito – seria considerar que o “casamento” era um tema bastante caro à sua produção literária. Não por acaso, em 1911, publicou em seu livro *Rosas* o poema

*Resposta – A notícia de um contrato de casamento: “À notícia bato palmas/ E mando um conselho aos dois:/ Primeiro casem as almas/ E os corpos casem depois,/ Que eu tenho os olhos cansados/ De ver (umas mil talvez)/ Dentro de corpos casados/ Almas em plena viuvez”*.<sup>520</sup>

Tal poema, supostamente encomendado para integrar uma cerimônia de casamento, foi diversas vezes citado por terceiros, como por Bastos Tigre no jornal *A Noite*, em 1946. O autor, parceiro de Belmiro Braga no humor carioca nos anos 1910, antes de introduzir seus argumentos favoráveis à oficialização do divórcio, procurava cativar o leitor através do poema do amigo mineiro, corroborando as ideias do amor e da prévia comunhão de almas como pilares de sustentação do matrimônio, para logo em seguida apresentar as várias situações em que casais com “almas divorciadas” eram obrigados a viver a “viuvez” dentro do casamento. A partir dessa premissa, Tigre defendia o divórcio como um direito e um fator mitigador de conflitos muitas vezes desencadeadores de violências, crimes e situações que se desenrolavam fora dos domínios da lei.<sup>521</sup>

Obviamente, não foi sobre casais com “almas em viuvez” ou em dramáticos e trágicos conflitos que Belmiro Braga escreveu em sua peça *O Divórcio*. Como humorista, obedeceu às preceptivas retóricas de um humor leve, ambíguo e despretensioso, interessado em agradar públicos amplos e heterogêneos – como o fez em todas as peças que escreveu. Ainda assim, seu texto não passou incólume pela censura policial quando encenado no Rio de Janeiro, em 1925. A parte da narrativa que sugere a gravidez das personagens após a troca de maridos aparece cortada e carimbada pelo censor teatral, bem como expressões interpretadas como ofensivas à moral e aos “bons costumes” da época, a exemplo da seguinte fala de uma das personagens: “Feliz a mulher que aperta contra os seios o meu querido”.<sup>522</sup>

Não se sabe se o trecho em questão foi um dos conhecidos acréscimos e abusos cometidos pelas companhias teatrais nos textos dos autores, mas, independentemente disso, há de convir que a produção literária belmiriana nem sempre se encaixava inteiramente no estereótipo do chamado “humor saudável”, em estrita conformidade com os padrões morais esperados por camadas mais conservadoras da sociedade.

<sup>520</sup> BRAGA, Belmiro. *Resposta – A notícia de um contrato de casamento*. In: \_\_\_\_\_. *Rosas*. 2. ed. Juiz de Fora: Dias Cardoso & Comp., 1915. s./ p.

<sup>521</sup> TIGRE, Bastos. *Divórcios*. *A Noite*, Rio de Janeiro, 08/10/1946, p. 3.

<sup>522</sup> BRAGA, Belmiro. *O Divórcio*. 1925. Acervo disponível em: Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, código de Referência: BR\_RJANRIO\_6E-O-CPR\_PTE\_0698, seção: Censura Prévia, série: Peças Teatrais, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).



É sabido que, nesse período, escritoras como Júlia Lopes de Almeida apoiavam o divórcio, o casamento por contrato temporário e abordavam os dilemas femininos nos relacionamentos conjugais, em meio às brechas de um sistema que pouco ou quase nenhum espaço de expressão pública garantia às mulheres. Apesar de representar através da ficção as “tensões matrimoniais com a perspectiva da inversão da memória romântica” e tentar “romper esteticamente algumas fronteiras de princípios moralizantes do casamento”, Júlia Lopes de Almeida e outras escritoras contemporâneas exploravam a consciência feminina de forma muito “branda e sutil”, de modo que, segundo Brandolt, isso “não era suficiente para vencer a aparência da felicidade conjugal” e o próprio conformismo. Era na tênue e oscilante posição entre o desejo do divórcio pleno e o compromisso moral com o sistema patriarcal do matrimônio que essas escritoras caminhavam.<sup>523</sup>

Apesar de Belmiro Braga viver a condição de homem inserido numa sociedade patriarcal e machista, demonstrava admiração pela produção literária de Júlia Lopes de Almeida.<sup>524</sup> Sem explicitar sua adesão ou aversão ao divórcio e sem romper seus vínculos com a tradição poética do “amor romântico”, equilibrou-se nas ambiguidades e nuances das verves lírica e humorística. Nesse sentido, não é fortuita sua opção por abordar situações prosaicas de casais que se separaram por querelas banais do cotidiano, mas logo se arrependeram e reavivaram o amor latente sentido um pelo outro. Foi dessa forma que, mesmo sem esconder as idiossincrasias do homem de sua época, expôs algumas facetas e complexidades do casamento e do comportamento feminino para além do idealismo romântico.

Em seus poemas, B. B. fala sutilmente da mulher e de suas dificuldades nos relacionamentos, através de traições dos maridos, humilhações e opressões. Sem abrir mão do romantismo – representando, em alguns versos, o amor e a figura femininas como divinais -, ele explora o humor cotidiano das relações que contribui para dessacralizar esse idealismo. O poeta assume, portanto, uma postura ambígua e oscilante entre o amor idealizado e o mundo real e comzinho da vida cotidiana, com suas rotinas, diferenças, dificuldades, desafios, melancolias, tristezas e humores. Suas lentes de homem poeta da transição do século XIX para o século XX ora enxergam a mulher como sexo frágil, puro, angelical e vulnerável às

---

<sup>523</sup> BRANDOLT, Marlene Rodrigues. *Entre o fim do século XIX e o início do século XX: a luta pelo divórcio e as escritoras brasileiras*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2017. p. 42; 54.

<sup>524</sup> Em 1903, Belmiro Braga declarou admiração pela escritora na coluna *Aos Domingos* e mencionou uma carta que ela lhe teria escrito. Fonte: BRAGA, Belmiro. *Aos Domingos*. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 13/12/1903, p. 1.

opressões masculinas, ora como ser perspicaz, dispendioso aos maridos, com suas vaidades excêntricas, usando e abusando da moda e mudando comportamentos, através da ousadia do decote, dos chapéus “extravagantes” e do uso “exagerado” da maquiagem.

Diante de tantas nuances de representações e idiossincrasias acerca da mulher e do casamento, torna-se impossível circunscrever a produção literária belmiriana a um estereótipo. Talvez tenha sido dessa forma que o literato conseguiu cativar amplas parcelas do público feminino através de sua autorrepresentação como “poeta das rosas” – alcunha que recebeu quando da publicação de seu terceiro livro, *Rosas*, em 1911.

Conhecidos por fazerem rir e chorar com a mesma intensidade, seus versos “singelos” e “simples” se mostravam eficazes na comunicação com os leitores, sobretudo com os casais, que, muitas vezes, viam-se representados pelas situações melancólicas, engraçadas e prosaicas do cotidiano conjugal, chegando até mesmo a decorá-los e transmiti-los através da oralidade, independentemente da classe social. Basta lembrarmos aqui do comentário do “preto velho” na crônica de Heitor Guimarães: “Aquele é o senhor Bermiro? Já recitei versos dele para a minha amada!”.<sup>525</sup>

### 4.3 Belmiro Braga “acadêmico”?

Em 1909, Belmiro Braga transferiu residência para um sobrado na Rua Direita (atual avenida Rio Branco), que fora recentemente desocupado pelo médico sanitarista José Nava, cunhado de Antonio Sales e pai do ainda menino Pedro Nava. No mês de setembro, o médico mudara-se com a família para a capital do país, com a finalidade de se preparar para concursos públicos nas áreas de medicina legal e saúde pública.<sup>526</sup>

Esse endereço, outrora dividido por José Nava entre residência e consultório médico<sup>527</sup>, era contíguo à *Farmácia Halfeld* (n. 140) e à redação do jornal *O Pharol* (n. 144).<sup>528</sup> O térreo, em 1911, passou a ser ocupado pela *Sul Mineira*, onde se vendiam “variados

<sup>525</sup> Xisto [Heitor Guimarães]. *Jornal do Comércio* – edição da tarde, Juiz de Fora, 23/02/1906, p. 4.

<sup>526</sup> NAVA, Pedro. *Baú de Ossos...*, p. 416.

<sup>527</sup> Notas publicadas em *O Pharol*, em 1906 e 1908, comprovam as informações de que José Nava residia e realizava atendimentos médicos no sobrado da Rua Direita, 142: *O Pharol*, Juiz de Fora, 19/01/1906, p. 2; *O Pharol*, Juiz de Fora, 08/04/1908, p. 2.

<sup>528</sup> Pedro Nava declara o seguinte em seu *Baú de Ossos*: “Guardei, nítido, o prédio da Rua Direita, 142. Ficava vizinho à *Farmácia Halfeld* e perto da redação de *O Farol*. O térreo era comercial; morávamos no sobrado.” Fonte: NAVA, Pedro. *Baú de Ossos...*, p. 266.

sortimentos” de produtos, e, em 1912, pela joalheria *A Pérola*.<sup>529</sup> O novo ponto se mostrava estratégico para o “tabelião-poeta”, considerando a proximidade das principais redações de jornais e do cartório em que trabalhava. Nesse momento, a região central do município, compreendida entre a Santa Casa e o Largo do Riachuelo, passava por significativo processo de expansão comercial e residencial. Em 1912, a Rua Direita, por força da Resolução 672, de 18/10/1912, mudava o nome para Rio Branco<sup>530</sup>, sendo construída ao longo de sua extensão 212 novas casas somente naquele ano.<sup>531</sup>

No exercício de sua profissão de tabelião de 2º Ofício, Belmiro Braga provavelmente ampliava seus rendimentos. O registro geral da cidade de Juiz e Fora era apontado como um dos mais movimentados do Estado naquele momento. Se, entre 1903 e 1911, a média de serviços cartorários no município girava em torno de 399, em 1912, esse quantitativo sobe para 832.<sup>532</sup>

Como tabelião integrante da região central de uma “cidade das letras” em expansão, B. B. era também uma das referências para o município não apenas na literatura, mas também na comprovação da idoneidade de variadas informações veiculadas na imprensa, sobretudo as declarações médicas que atestavam a eficácia dos remédios vendidos nas farmácias da cidade, que vinham frequentemente acompanhadas do reconhecimento de firma em seu cartório.<sup>533</sup> A *Farmácia Halfeld*, sua vizinha, era um dos pontos de referência numa cidade em expansão como Juiz de Fora, recebendo novidades farmacêuticas, socorrendo os feridos de acidentes cada vez mais corriqueiros no centro da cidade, envolvendo atropelamento por bondes e carroças, brigas, quedas de transeuntes, acidentes de trabalho e todas as intercorrências trazidas pelo ritmo de vida mais acelerado.<sup>534</sup>

O novo endereço também lhe facilitava o exercício do cargo de inspetor escolar.<sup>535</sup> Comunicando-se com pais e tutores com certa regularidade, compartilhava publicamente seu endereço residencial nos jornais.<sup>536</sup> Além disso, tornava-se ainda mais célere na recepção das

---

<sup>529</sup> Sobre a *Sul Mineira*, é possível observar diversos anúncios nos jornais de Juiz de Fora. Ver: *O Pharol*, Juiz de Fora, 14/11/1911, p. 2; 17/11/1911, p. 2.

<sup>530</sup> ESTEVES, Albino. *Álbum do município de Juiz de Fora...*, p. 159.

<sup>531</sup> ESTEVES, Albino. *Álbum do município de Juiz de Fora...*, p. ?

<sup>532</sup> ESTEVES, Albino. *Álbum do município de Juiz de Fora...*, p. 313.

<sup>533</sup> As declarações de médicos quanto à eficácia de remédios vendidos nas farmácias da cidade, com firma reconhecida pelo tabelião Belmiro Braga, podem ser verificadas nas seguintes publicações: *O Pharol*, Juiz de Fora, 13/08/1911; *O Pharol*, Juiz de Fora, 19/03/1912.

<sup>534</sup> É possível verificar, por exemplo, socorro prestado pela *Farmácia Halfeld* a um trabalhador da oficina tipográfica do jornal *O Pharol* (Fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 21/05/1910, p. 2).

<sup>535</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 22/01/1912, p. 2.

<sup>536</sup> Edital. *O Pharol*, Juiz de Fora, 20/01/1912, p. 2.

celebridades que continuavam visitando a cidade, como o escritor Olavo Bilac (1865-1918), que foi um dos destaques da vida cultural juiz-forana em 1909. Sua passagem por Juiz de Fora no mês de dezembro teve como objetivo parainfar a formatura de bacharéis do *Granbery*.

Chegando à estação ferroviária da *Central do Brasil* acompanhado do embaixador americano Irving Dudley, o poeta se hospedou no *Hotel Rio de Janeiro*, perto do local do desembarque. No dia subsequente à formatura, Belmiro Braga o recepcionou diante da plateia no *Club Juiz de Fora*, onde palestrou.<sup>537</sup> Ao contrário do discurso oficial proferido na formatura, em que tratou do analfabetismo no Brasil, das reformas curriculares e da filosofia de ensino, Bilac agora falava sobre quatro conhecidas personagens das obras de Shakespeare e recitava trechos de versos do autor inglês, por ele mesmo traduzidos para a língua portuguesa.<sup>538</sup>

Recepcionar o autor de *Via Láctea* num dos principais espaços culturais do município significava mais um avanço no processo de consagração de Belmiro Braga no universo das letras. Não menos consagradora foi a tarefa de Dilermando Cruz, seu amigo nas letras juiz-foranas, que acompanhou o escritor na visita à redação do jornal *O Pharol*, já sob propriedade de João Evangelista.<sup>539</sup>

As visitas de celebridades às redações dos jornais eram costumeiras, configurando uma forma de deferência tanto para o jornal quanto para os que acompanhavam essas celebridades. Em se tratando de *O Pharol*, tal rito era praticamente obrigatório. Afinal de contas, esse ainda era o principal veículo de comunicação do município, constituindo uma referência de oportunidade de trabalho, ainda que precária, nas letras regionais. Não é por acaso que Belmiro Braga, já sendo um de seus principais colaboradores e “agitadores culturais”, intermediava a conquista de algum espaço nesse periódico para jovens literatos que o procuravam. Em clara linguagem popular, de fácil comunicação, autointitulava-se uma “colher de... pau” na “mexida desse angu de caroço”<sup>540</sup> – uma forma sutil, irreverente e autoirônica de se enaltecer perante os leitores e os pares das letras.

Ao mesmo tempo, porém, era muito pouco ter *O Pharol* como a principal forma de inserção nas letras regionais. Ou, como dizia Belmiro Braga, como o “guarda-chuva” que protegia muitos literatos da “chuva e do sol”. Era nesse sentido que B. B. insistia na ideia de organização de uma associação literária no município. Uma associação que, sendo mantida

<sup>537</sup> Ophelia, Cordelia, Desdêmona e Julieta. *O Pharol*, Juiz de Fora, 18/12/1909, p. 1.

<sup>538</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 11/12/1909, p. 1; *O Pharol*, Juiz de Fora, 16/12/1909, p. 1; *O Pharol*, Juiz de Fora, 17/12/1909, p. 1; *O Pharol*, Juiz de Fora, 18/12/1909, p. 1.

<sup>539</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 16/12/1909, p. 1.

<sup>540</sup> BRAGA, Belmiro. A prata da casa. *O Pharol*, Juiz de Fora, 14/01/1909, p. 1.

com mensalidades e donativos, contasse com salas para palestras e biblioteca e com a formação de fundo financeiro destinado a “socorrer os sócios desempregados e os colegas que aqui aportassem com muito talento e pouco dinheiro”. Na crônica “A prata da casa”, B. B. começava o ano de 1909 rememorando justamente essa proposta feita em um artigo publicado em 1904, quando de sua mudança para o Alto dos Passos. Proposta essa frustrada pelo pouco entusiasmo e desunião dos homens de letras do município, que, segundo ele, estavam mais dispostos a alimentar querelas e vaidades do que a organizar a defesa de seus interesses coletivos.<sup>541</sup>

Mas o fato é que a ideia de se fundar uma agremiação literária no município já vinha do final do século XIX. Desde 1896, quando se realizou no Rio de Janeiro a sessão preparatória para a inauguração da Academia Brasileira de Letras, Juiz de Fora tentava organizar a chamada “Confraria Literária Mineira”, com o objetivo de fundar um gabinete de leitura popular, promover palestras literárias e publicar seu próprio anuário. O projeto não alcançou êxito, havendo uma nova tentativa, também fracassada, em 1906.<sup>542</sup> Nesse momento, alguns estados brasileiros, seguindo o exemplo de sua congênere carioca, fundavam ou já haviam fundado suas respectivas academias literárias. Segundo Brito Broca, a disseminação das academias literárias nos estados refletia o processo de implantação do novo modelo federativo republicano, que impulsionava a descentralização da organização das letras no país.<sup>543</sup>

A “academização literária do Brasil por Estados” era, para muitos, uma necessidade crucial. Era o que defendia “J. L.” no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro. Segundo o autor, “a Academia Brasileira, geral e única, não bastava às letras do país”, não dando conta de atender aos vinte e um Estados.<sup>544</sup> Em 1901 e 1909, Pernambuco e São Paulo fundavam, respectivamente, as suas academias. Tais iniciativas parecem ter contribuído para acelerar a concretização do projeto mineiro, como comenta Jayme de Faublas, no jornal *D’A Evolução*: “São Paulo acaba de fundar a sua Academia de Letras e, ao passo que isso se dá, surge a evolução e, pela voz de Machado Sobrinho e Amanajós de Araújo, e com aplausos de Heitor,

---

<sup>541</sup> BRAGA, Belmiro. A prata da casa. *O Pharol*, Juiz de Fora, 14/01/1909, p. 1.

<sup>542</sup> CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. *Europa dos Pobres: a belle époque mineira*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994. p. 14-15.

<sup>543</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 97-98.

<sup>544</sup> J. L.. Os jardins de Akademo. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 10/01/1910 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 60-61

Belmiro [Braga], Brant Horta, Albino e tantos outros, o pregão entusiasta da ideia em foco repercutiu e despertou o interesse coletivo dos plumitivos mineiros”.<sup>545</sup>

Em 1909, portanto, as especulações na imprensa sobre esse assunto aumentavam. “Teremos a Academia Mineira de Letras?” – indagava o *Correio da Manhã*, de Ouro Preto, que, logo em seguida, respondia: “Dessa vez há de ser convertida em realidade a tentativa tantas vezes falada da agremiação dos homens de letras mineiros, da terra em que floresceu a Arcádia Mineira e pátria de tão legítimos representantes primaciais das nossas belas letras”.<sup>546</sup>

Apesar de se concretizar, o projeto da Academia Mineira de Letras já nascia dividindo opiniões. Ao contrário das demais academias que surgiram no Brasil nesse contexto, esta seria a única não situada na capital do Estado.<sup>547</sup> Soava estranho a muitos o fato de a “nova arcádia” – como chamavam a AML, em alusão à tradição do arcadismo mineiro do século XVIII – não ser instalada em Belo Horizonte.

Tal condição tornava a AML alvo de ataques e críticas constantes. Para os oposicionistas, ela já nascia como uma academia regional dentro do próprio Estado de Minas Gerais, e não apenas em relação ao Brasil. Cogitava-se, inclusive, a possibilidade futura de os intelectuais da capital mineira, na disputa por representar legitimamente as letras do Estado, fundarem outra instituição com o mesmo fim.<sup>548</sup> “Maneco”, no jornal *O Comércio de São Paulo*, quase acertou no prognóstico, uma vez que, se Belo Horizonte não fundou outra academia concorrente à sediada em Juiz de Fora, conseguiu tornar a sua permanência relativamente curta na “Princesinha de Minas”.

Outro problema os fundadores enfrentavam: a ausência de prédio próprio para realizar suas atividades e montar sua biblioteca.<sup>549</sup> Em decorrência disso, o local para a realização da sessão de fundação foi definido com certa demora. Alguns defendiam que a primeira reunião acontecesse no *Club Juiz de Fora*; porém, depois de muitas discussões, conseguiram do então

---

<sup>545</sup> FAUBLAS, Jayme de. Academia de Letras. *D'A Evolução*, 15/12/1909 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 38-39.

<sup>546</sup> Academia Mineira de Letras. *Correio da Noite*, Ouro Preto, 20/12/1909 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 39.

<sup>547</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 101.

<sup>548</sup> Maneco. Por aí. *O Comércio de São Paulo*, São Paulo, 12/01/1910 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 63.

<sup>549</sup> Academia Mineira de Letras. *O Pharol*, Juiz de Fora, 29/12/1909, p. 1.

presidente da Câmara, Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, o empréstimo da sala de sessões da Câmara Municipal de Juiz de Fora.<sup>550</sup>

Não bastassem as críticas dirigidas à agremiação, a solenidade de fundação também não passou despercebida pelas imprensas local e regional. Alguns lamentavam que os colegas residentes em lugares afastados de Juiz de Fora não tivessem tempo hábil para se organizar e conseguir os meios materiais necessários à sua participação. Reclamavam que a comissão encarregada dos convites não se mobilizou junto ao governo do Estado para o custeio das passagens, exigindo o que chamavam de postura mais coerente com a de uma agremiação cujo objetivo era trabalhar para a coesão dos poetas e pensadores mineiros.<sup>551</sup>

“João Alguém” questionava se as exposições industriais valiam mais do que as letras, uma vez que aos frequentadores daquelas eram concedidas passagens gratuitas.<sup>552</sup> O autor, escondido atrás do pseudônimo, depositava na AML a crença no papel transformador da educação em um país que enfrentava dois grandes entraves ao desenvolvimento das letras e dos preceitos republicanos: a falta de incentivo e recursos por parte dos governos à inserção e atuação de novos escritores no universo letrado brasileiro, bem como o elevado índice de analfabetismo em nossa população. Adepto das ideias de Olavo Bilac (1865-1918), rememorava um trecho do discurso que o escritor proferira em sua recente visita à cidade: “Um povo só começa a perder sua independência, a sua dignidade, a sua existência autônoma, quando começa a perder o amor do idioma natal. A morte de uma nação começa sempre pelo apodrecimento de sua língua. Quanta verdade em tão poucas linhas!”.<sup>553</sup>

O autor do texto nutria expectativas quanto ao papel republicano da nova academia, que, ao invés de servir à “simples vaidade literária”, trabalhasse para o “engrandecimento e aperfeiçoamento da língua portuguesa”. Esperava-se que a agremiação usasse de todos os meios para que “a luz da instrução penetrasse em todos os recantos do Estado”, oferecendo suporte ao desenvolvimento de métodos de ensino e “influindo” junto do governo estadual “em prol da disseminação de escolas em que esses métodos fossem adotados e executados”.<sup>554</sup>

---

<sup>550</sup> FAUBLAS, Jayme de. Academia de Letras. *D'A Evolução*, 15/12/1909 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 38-39.

<sup>551</sup> J. P.. Academia de Letras. *Da Pátria*, Oliveira, 21/12/1909 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 40.

<sup>552</sup> João Alguém. De Relance. *O Pharol*, Juiz de Fora, 25/12/1909, p. 1.

<sup>553</sup> João Alguém. De Relance. *O Pharol*, Juiz de Fora, 25/12/1909, p. 1. O discurso de Olavo Bilac pode ser conferido em *O Pharol*, Juiz de Fora, 17/12/1909, p. 1.

<sup>554</sup> João Alguém. De Relance. *O Pharol*, Juiz de Fora, 25/12/1909, p. 1.

Mesmo em meio às diversas precariedades, indefinições e querelas, a AML foi fundada em plena noite de Natal. Uma data nada fortuita, considerando o valor simbólico do nascimento do menino Jesus para uma sociedade cristã. Não menos simbólico foi o grupo de fundadores, formado por doze homens, remetendo, coincidentemente ou não, ao número de apóstolos do Evangelho. Machado Sobrinho, um dos principais idealizadores do projeto e articulador do chamado “grupo dos 12”, expôs as pautas da reunião e efetuou a leitura do estatuto básico e do regimento interno, aprovado com as respectivas emendas postas em votação. Logo em seguida, procedeu-se a eleição da mesa definitiva através de escrutínio secreto, que resultou na seguinte configuração da Diretoria: Eduardo de Menezes (presidente); Machado Sobrinho (secretário geral); Brant Horta (secretário auxiliar); Belmiro Braga (tesoureiro) e Heitor Guimarães (bibliotecário).<sup>555</sup>

Eleitos os nomes da diretoria, o presidente logo preparou a votação dos membros perpétuos. Trinta dos presentes indicaram seus nomes, sendo eleitos apenas os dezoito mais votados, que, somando-se aos doze fundadores, compuseram um quadro de trinta “imortais”.<sup>556</sup> Vale ressaltar que o poeta mineiro Augusto de Lima (1859-1934) também teve seu nome indicado para compor uma dessas cadeiras, tendo sido, porém, vetado nessa primeira reunião, sob a alegação de que já ocupava a cadeira de “imortal” da Academia Brasileira de Letras.<sup>557</sup> Entretanto, no ano seguinte, foi designado ao posto figurativo de “presidente honorário”.

Tabela 1 – Relação de membros fundadores e eleitos da AML

<b>FUNDADORES</b>	Albino Esteves	José Rangel
	Belmiro Braga	Lindolpho Gomes
	Brant Horta	Luiz de Oliveira
	Dilermando Cruz	Machado Sobrinho
	Francisco Lins	Amanajós de Araújo
	Heitor Guimarães	Eduardo de Menezes

<sup>555</sup> Sirlus. Academia Mineira de Letras: fundação – eleições. *O Pharol*, Juiz de Fora, 28/12/1909, p. 1

<sup>556</sup> Sirlus. Academia Mineira de Letras: fundação – eleições. *O Pharol*, Juiz de Fora, 28/12/1909, p. 1

<sup>557</sup> Antônio Augusto de Lima foi eleito a uma vaga na Academia Brasileira de Letras em 5 de fevereiro de 1903, mas veio a tomar posse em 5 de dezembro de 1907, sendo recebido pelo acadêmico Medeiros e Albuquerque. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/augusto-de-lima/biografia>. Acesso em: 21/07/2022.



<b>ELEITOS</b>	Mário de Lima	Franklin Magalhães
	Diogo de Vasconcellos	Bento Ernesto Júnior
	Mendes Pimentel	Mendes de Oliveira
	Nelson de Senna	Aldo Delfino
	Costa Senna	Carlindo Lellis
	Alphonsus de Guimaraens	João Massena
	Arduino Bolívar	J. Paixão
	Carlos Góes	Mário Magalhães
	Estevam de Oliveira	João Lúcio

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações extraídas da seguinte fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 28/12/1909, p. 1.

Antes de encerrar os trabalhos da primeira sessão, três comissões foram eleitas para coordenar as atividades da AML, as quais ficaram assim constituídas:

Tabela 2 – Comissões organizadas e seus respectivos membros

<b>COMISSÕES</b>	<b>MEMBROS</b>
Comissão de Contas	Estevam de Oliveira; Dilermando Cruz; Luiz de Oliveira
Comissão de Bibliografia	Brant Horta; Albino Esteves; Lindolpho Gomes
Comissão de Recepção	Amanajós de Araújo; José Rangel; Belmiro Braga

Fonte: Tabela elaborada a partir de informações extraídas da seguinte fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 28/12/1909, p. 1.

Belmiro Braga, como se vê, além de “tesoureiro”, integrou a “comissão de recepção”, funções que exerceu durante todo o período de permanência da AML em Juiz de Fora. Tais atribuições não eram fortuitas, tendo em vista que, além de sua longa experiência com finanças na área comercial, já acumulara certo capital simbólico na mediação de visitas de escritores e artistas famosos às redações dos jornais, teatros e demais espaços de sociabilidade de Juiz de Fora. Além disso, já acumulava um histórico de palestras e viagens a diversas cidades de Minas e de outros estados, podendo colaborar com a divulgação dos trabalhos da AML e estimular a passagem de agentes culturais consagrados ou pouco conhecidos, dos mais variados perfis, pela “Atenas Mineira”. Sua atuação contribuiria para conectar a “recém-nascida” associação ao processo de constituição e ampliação de uma densa rede de interlocução e de sociabilidade que conferia ao município o *status* de polo irradiador de culturas provenientes de diversas regiões do estado e até mesmo do país. Sendo assim, não é forçoso reconhecer que, se, por um lado, é verdade que a Academia Mineira de Letras atuava

como uma importante instância de consagração e legitimação da carreira literária do trovador mineiro, por outro lado, não se pode ignorar o quanto a sua participação poderia ampliar o capital simbólico da agremiação.

Após a sessão de fundação, era aguardada com expectativa a sessão inaugural da Academia, que estava prevista para acontecer em 21 de abril de 1910, data em que se rememorava a condenação de Tiradentes, o eleito “mártir” da Inconfidência Mineira e “mito fundador” da República. O futuro membro da AML, o jornalista Gilberto de Alencar, no *Correio de Minas*, ovacionava a escolha da data, justificando que, “se o Tiradentes não foi um literato, foram-no quase todos os seus heroicos e mortais companheiros”. Alencar destacava, ainda, que Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga e Manuel Inácio da Silva Alvarenga figuravam como patronos de três dos acadêmicos da AML.<sup>558</sup>

Não sendo possível acontecer no dia previsto, o evento foi adiado para o mês seguinte, em data não menos simbólica: o 13 de Maio, em que se comemorava a assinatura da Lei Áurea por Princesa Isabel. Heitor Guimarães, um dos membros fundadores, declarava que a data tinha sido propositalmente escolhida.<sup>559</sup> Para o dia da solenidade, Guimarães preparou a publicação de uma sequência de relatos curtos na primeira página de *O Pharol*, sobre formas de maus-tratos, atrocidades e “bestialização” cometidas no passado contra os escravizados. O mesmo jornal também trazia na primeira página o editorial “13 de maio”, em que a abolição era transformada em efeméride necessária às “novas gerações”, para que estas não esquecessem da longa e ignominiosa experiência da escravidão no Brasil, responsável por obstaculizar o crescimento e a caminhada do país “na vanguarda dos povos civilizados”.<sup>560</sup>

A associação com o “13 de Maio” se compatibilizava com a imagem institucional pretendida pela Academia, que arrogava para si a missão de difundir os princípios modernos, ilustrados e civilizatórios a uma sociedade em plena transição do trabalho escravo para o livre. Se, num passado recente, a economia juiz-forana e da zona da mata mineira se sustentava majoritariamente sobre a mão-de-obra escrava, no pós-abolição, o tipo de representação que interessava a essa elite letrada era a de uma cidade que caminhava na vanguarda do progresso urbano-industrial. Não é surpreendente que os acadêmicos da “nova Arcádia” – como também chamavam a AML – silenciassem o tema ou o tratassem como uma experiência histórica a ser

---

<sup>558</sup> Sobre a prévia escolha do 21 de abril para sessão solene de inauguração, consultar a seguinte nota publicada na imprensa: ALENCAR, Gilberto de. Sem Rumo. *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 10/04/1910 *apud* BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 66-67.

<sup>559</sup> H. G. [Heitor Guimarães]. *Hebdomada. O Pharol*, Juiz de Fora, 15/05/1910, p. 1.

<sup>560</sup> 13 de maio. *O Pharol*, Juiz de Fora, 13/05/1910, p. 1.

ressignificada, de modo a mitigar essa mácula em suas narrativas, mesmo que às custas da ficcionalização e romantização do passado.

Gradativamente, os membros fundadores e eleitos escolheram os patronos para suas respectivas cadeiras, um ritual importante na dinâmica de funcionamento de uma instituição do gênero. A ideia era a de que cada acadêmico biografasse o patrono escolhido. Sem entrar em detalhes acerca do perfil de cada um deles, é importante salientar alguns nomes. Batista Martins foi o escolhido por Belmiro Braga.<sup>561</sup> Falecido poucos anos atrás, o homenageado estava “umbilicalmente” ligado ao início da carreira do agora “imortal”: como vimos no Capítulo 1, além de prefaciar seu primeiro livro, *Montezinas*, Martins havia sido um dos responsáveis por lhe difundir o nome e a produção literária.

Como era de se esperar de uma academia literária desse contexto, seu quadro social, nesse momento, compunha-se exclusivamente de homens brancos. Entre as cadeiras patronímicas, apenas uma mulher foi homenageada: Bárbara Heliodora, que viveu em São João Del Rei (MG) no século XVIII e se casou com Inácio José de Alvarenga Peixoto – um dos envolvidos na Conjuração Mineira –, o qual, por sua vez, também foi escolhido como patrono, ao lado de outros conjurados, como Cláudio Manuel da Costa e Thomas Antonio Gonzaga.<sup>562</sup> No rol das tradições inventadas, o mito da Arcádia Mineira era um dos mais caros à AML. Era este, por sinal, o elemento de maior apelo dos fundadores, na busca de legitimação e de persuasão quanto à capacidade da agremiação de representar e aglutinar, em Juiz de Fora, as tradições do Estado de Minas Gerais e da dita “mineiridade”.

#### 4.4 Entre Sílvio Romero e os “novos”

Um dos episódios que mais marcaram o período de permanência da AML em Juiz de Fora foi a presença de Sílvio Romero entre os intelectuais juiz-foranos. Aposentado de seu cargo no Rio de Janeiro, entre os anos 1911 e 1912, o escritor sergipano residiu em Juiz de Fora, onde palestrou por diversas vezes e lecionou na faculdade de Direito do Granbery.

Em uma de suas palestras proferidas no Granbery, saudou Minas Gerais como terra “generosa”, “liberal” e “hospitaleira”, onde são acolhidos os “desiludidos da política” e os “cansados das letras”. Sobre Juiz de Fora dizia que era uma “cidade intelectual”, conhecida

<sup>561</sup> Academia Mineira de Letras. *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/03/1910, p. 1.

<sup>562</sup> Academia Mineira de Letras. *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/03/1910, p. 1.

pelo grande número de escolas, institutos de ensino, professores, literatos, jornalistas, advogados, médicos e poetas “tão bons como os melhores do Brasil”.<sup>563</sup>

A filosofia de educação defendida ao longo dessa palestra atendia, é claro, aos preceitos defendidos pela instituição em que discursava: o modelo de ensino “particularista”, pautado no liberalismo norte-americano. Culpendo a tradição social brasileira pelo mau desempenho da política e das instituições, Romero dizia que o Brasil caminhava na contramão dos países liberais, perpetuando o comodismo, a apatia e a dependência dos indivíduos em relação ao Estado e obstaculizando o desenvolvimento da cultura da autonomia e da criatividade.<sup>564</sup>

Romero era efusivamente recebido pelos intelectuais juiz-foranos.<sup>565</sup> A recém-fundada Academia Mineira de Letras, interessada em capitanear influências através do escritor, chegou a formar, em março de 1911, uma comissão composta por Machado Sobrinho, Lindolpho Gomes e Albino Esteves para lhe dar boas-vindas.<sup>566</sup> Machado Sobrinho, considerando-o uma das mais “excelsas glórias do intelectualismo nacional” que se dedicava ao “árduo sacerdócio da crítica literária”, admirava-o pela forma “firme e independente” com que expunha suas ideias e pela “campanha antirromântica” que encetou no Brasil, preparando a transição do romantismo para o “movimento naturalista, filosófico e científico”.<sup>567</sup> Belmiro Braga, por sua vez, recepcionava-o com a publicação do poema “Versos à viola” no *Jornal do Comércio*.<sup>568</sup>

---

<sup>563</sup> ROMERO, Silvío. Discurso do dr. Silvío Romero – pronunciado no Granbery a 1 do corrente. *O Pharol*, Juiz de Fora, 05/04/1911, p. 1-2.

<sup>564</sup> ROMERO, Silvío. Discurso do dr. Silvío Romero – pronunciado no Granbery a 1 do corrente. *O Pharol*, Juiz de Fora, 05/04/1911, p. 1-2.

<sup>565</sup> Na cidade – Silvío Romero. *O Pharol*, Juiz de Fora, 24/03/1911, p. 2.

<sup>566</sup> Silvío Romero. *O Pharol*, Juiz de Fora, 25/03/1911, p. 1.

<sup>567</sup> SOBRINHO, Machado. Hóspede ilustre. *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/03/1911, p. 1.

<sup>568</sup> BRAGA, Belmiro. Versos à viola. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 24/03/1911, p. 1.

Figura 16 – Foto de Sílvio Romero no *Hotel Rio de Janeiro*, em Juiz de Fora (MG).



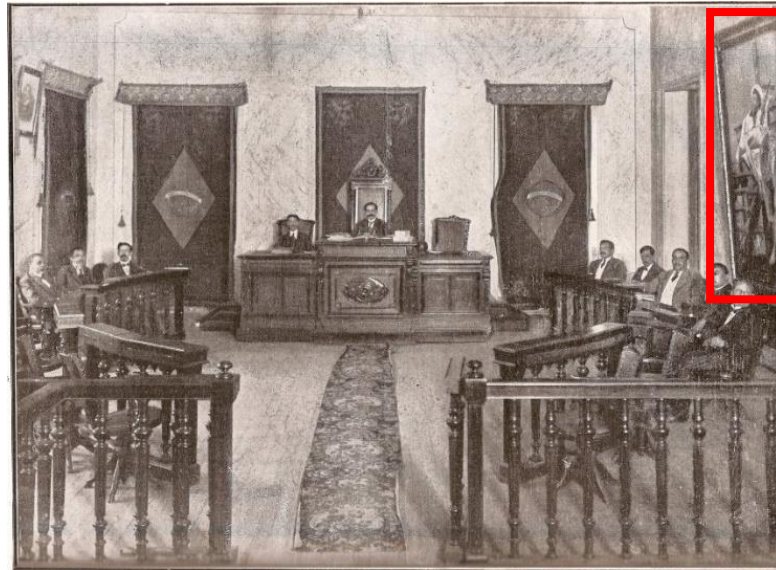
Fonte: Acervo do Arquivo Fotográfico da Fundação Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

Por ocasião do aniversário do sergipano, em 21 de abril de 1911, a Academia Mineira de Letras lhe prestou homenagens através de sessão extraordinária e publicação especial na primeira página do jornal *O Pharol*. Contudo, considerando que as comemorações de seu nascimento coincidiam com as celebrações cívicas do Dia de Tiradentes, símbolo tão caro às representações da mineiridade e da tradição do arcadismo mineiro<sup>569</sup>, a AML precisou operar um duplo investimento em seu capital simbólico: homenageava um representante das letras cariocas, ao mesmo tempo em que cultuava um símbolo da tradição mineira, cuja representação, a pintura “Tiradentes Supliciado”, de Pedro Américo, figurava em destaque no espaço emprestado para as suas reuniões, o salão da Câmara Municipal de Juiz de Fora.<sup>570</sup>

<sup>569</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 21/04/1911, p. 1.

<sup>570</sup> Vale ressaltar que a referida tela foi adquirida pela Câmara Municipal de Juiz de Fora em 1893 e somente em 1922 foi doada ao Museu Mariano Procópio, instituição oficialmente fundada por Alfredo Ferreira Lage no ano anterior, 1921. Desde então, a pintura se encontra na instituição, onde pode ser vista atualmente.

Figura 17 - Foto do interior do salão das sessões da Câmara Municipal de Juiz de Fora, onde se pode observar (lado direito, circulado em vermelho) a presença da tela *Tiradentes Supliciado*, de Pedro Américo.



Fonte: ESTEVES, Albino; LAGE, Oscar Vidal Barbosa (orgs.). *Álbum do Município de Juiz de Fora*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915. p. 140.

*O Pharol*, nesse mesmo dia, publicava, ainda, uma série de mensagens enviadas por autoridades e intelectuais de diversas regiões do Brasil ao acadêmico da ABL. É plausível supor que, tentando contornar as críticas de que a recém-fundada Academia Mineira de Letras já nascera regional dentro do próprio Estado de Minas Gerais, muitos acadêmicos de Juiz de Fora tentassem convergir para o município a atenção do Brasil e das demais cidades mineiras, conformando, assim, um projeto de consolidação da imagem de Juiz de Fora como a “capital mineira das letras”.

Albino Esteves, após dar as boas-vindas a Romero, juntamente com a comissão de confrades da AML, também era consagrado pela estada de Romero na cidade. Seu livro, *O Teatro em Juiz de Fora*, editado e impresso pela *Tipografia do Pharol*, recebia o prefácio do “hóspede ilustre”. O texto, que também foi publicado na primeira página do jornal *O Pharol*, de 7 de julho de 1911, além de se prestar ao papel de consagrador da obra e do autor, era depositário de um discurso nitidamente panfletário em defesa das academias regionais. Arrogando para si o papel de homem que “sempre lutara contra a ditadura da metrópole em nossas letras”, posicionava-se como um entusiasta da AML e criticava os que ridicularizavam e não davam oportunidades aos chamados literatos “provincianos”. Romero incitava, ainda, os demais estados da federação a seguir o exemplo mineiro: “Oxalá que todos os Estados do Brasil sigam tão alevantado exemplo. Por enquanto, só Bahia, Pernambuco e São Paulo

fundaram, além de Minas, associações congêneres. Que os outros Estados os acompanhem”.<sup>571</sup>

Sílvio Romero fazia sua própria publicidade literária junto ao público de Juiz de Fora, que tanto o homenageava naquele momento em que lá se estabelecia temporariamente. Ele estreitaria, em Juiz de Fora, relações com vários intelectuais, fazendo das redações dos jornais verdadeiros espaços de sociabilidade. Não por acaso, participaria, em 1912, da fundação do curso de Direito do Granbery, onde lecionou durante algum tempo.

Com Belmiro Braga, estreitou laços de amizade que não passaram despercebidos das narrativas prosaicas publicadas em jornais do Rio de Janeiro. O “trovador de Vargem Grande”, chamado por Lima Barreto de “Bilac da Princesa do Paraibuna”, também passaria a ser apelidado por Romero de “Belmirinho, flor agreste e perfumada”. Relatos memorialísticos na imprensa informam que Belmiro teria secretariado o novo professor de Direito do Granbery durante o tempo em que residiu em Juiz de Fora. É o que afirma o articulista da *Revista Americana*, em dezembro de 1916: “Sylvio residiu algum tempo em Juiz de Fora, onde cultivou amizade íntima com o poeta Belmiro Braga, desde então seu dedicado secretário. Aproveitava, depois, todos os conhecidos de Belmiro Braga, e nas cartas missivas que lhe escrevia, daqui ou de alhures, chamava-lhe sempre ‘Belmirinho – flor agreste e perfumada’.”<sup>572</sup>

Agripino Grieco, por sua vez, apesar de confirmar a admiração de Romero por Belmiro, afirmava que o sergipano lhe censurava a “abundância de produção de artista comemorativo”, tendo por hábito insistir no seguinte comentário: “Ah! Belmiro, se você tornasse a sua felicidade um pouco mais difícil!”<sup>573</sup>

O outrora “bilioso” Sílvio Romero, como B. B. o adjetivara numa das cartas enviadas a Machado de Assis na década de 1890, no intuito de apoiá-lo contra os ataques do sergipano, tornou-se seu “parceiro” na “Atenas Mineira”. Se, por um lado, lamentava em suas memórias o fato de não ter conseguido beijar as mãos do “Bruxo do Cosme Velho”, por outro, a vida se incumbiu de estreitar relações de amizade com o mais incansável e impiedoso crítico de seu eterno ídolo.

Não sabemos se o escritor tomou conhecimento da estima de “Belmirinho – flor agreste e perfumada” pelo autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Porém, sabe-se que

<sup>571</sup> ROMERO, Sílvio. Prefácio. In: D’ALVA, Lúcio (Albino Esteves). *O Teatro em Juiz de Fora: apontamentos*. Juiz de Fora: Tipografia do Pharol, 1910-1911. p. 2-3. Acervo da Biblioteca da Fundação Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>572</sup> Autor a identificar. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, ano 6, n. 3, dez. 1916, p. 64-65.

<sup>573</sup> GRIECO, Agripino. Na região dos mortos. *Diário de Pernambuco*, Recife, 02/10/1937, p. 1.

os vários meses de convivência levaram Romero a perceber a admiração do fundador da AML e de muitos literatos juiz-foranos por Antonio Sales. Seu antigo conhecido nas atividades da Academia Brasileira de Letras e nas rodas literárias da capital federal, o cearense lhe teria surpreendido com a sua popularidade e estima junto ao público juiz-forano: “Mas como o Sales é aqui estimado, meu Deus!” E, quando falava ao Belmiro Braga sobre os embates travados com José Veríssimo no passado, condenava Sales por ter se colocado em defesa de seu rival: “[...] E o Sylvio fala numa tua defesa ao José Veríssimo e diz: o artigo está bom, mas o Sales foi injusto comigo, fez críticas sem me ler.”<sup>574</sup>

Posicionado diplomaticamente entre Sílvio Romero e Antonio Sales, Belmiro Braga beneficiava-se da influência de ambos nas letras. Mas foi pelo último que nutriu mais íntima amizade e gratidão, por ser seu “padrinho” literário e propagandista de seu município desde 1900. Como recorda Pedro Nava, seu tio não apenas fazia constantes elogios à Juiz de Fora pela condição de “sede da intelectualidade mineira”, como também amava a cidade “por Belmiro, com Braga e em Belmiro Braga”.<sup>575</sup> No carioca *Correio da Manhã*, no qual trabalhava há anos e gozava de grande “prestígio”<sup>576</sup> – publicando *Aves de Arribação* e versos satíricos em *Pingos e Respingos* –, o cearense conseguiu fazer de Belmiro Braga o único literato juiz-forano em destaque na matéria de capa publicada sobre Juiz de Fora em 1912.<sup>577</sup>

O “trovador de Vargem Grande”, a essa altura, gozando do *status* de “celebridade”, era bastante conhecido e procurado por poetas mais novos, além de realizar diversas conferências no *Club Juiz de Fora*, nos grupos escolares e em outros espaços de sociabilidade, dentro e fora da cidade. A imprensa divulgava, regularmente, a agenda do poeta, que, só em 1911, proferiu discurso no Club Aureliano Pimentel<sup>578</sup>, na posse da nova diretora da Associação Beneficente Tipográfica Mineira<sup>579</sup>, na Academia de Comércio de Juiz de Fora, onde apresentou espetáculo de comédia para cerca de 1500 estudantes<sup>580</sup>, e nos

---

<sup>574</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 18/06/1911. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>575</sup> NAVA, Pedro. *Balão cativo...*, p. 328.

<sup>576</sup> Pedro Nava afirma que a situação de seu tio nesse jornal era de “grande prestígio”, tanto que, mesmo depois de exilado para o Rio de Grande do Sul – represália recebida em razão das ácidas e comprometedoras críticas dirigidas a José Joaquim Seabra, ministro da justiça do governo de Rodrigues Alves (1902-1906) –, recomeçou sua colaboração e ainda colocou Leônidas Freitas na redação, a quem foram incumbidas as obrigações de atuar como correspondente na Europa e sugerir artigos de crítica de autores renomados. Nava também afirma que Luís Edmundo, proprietário do jornal, e Sales, eram amigos de longas datas. Fonte: NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 315-317.

<sup>577</sup> A Princesa de Minas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15/06/1912, p. 1.

<sup>578</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 01/07/11, p. 3.

<sup>579</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 28/08/1911, p. 2.

<sup>580</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 14/11/1911, p. 3.



grupos escolares do município, no ato da entrega dos diplomas às alunas.<sup>581</sup> No ano seguinte, ainda colaborou com a revista *A Vida Moderna*, publicação paulista que fazia o maior sucesso com as charges e caricaturas que veiculava.<sup>582</sup>

Ainda em 1911, Belmiro Braga publicava a primeira edição de *Rosas*, o livro que potencializou o fascínio do público feminino por sua persona e produção literárias. Lúcio d’Alva (pseudônimo de Albino Esteves), seu confrade na AML, em artigo publicado no *Correio Paulistano*, qualificava seus versos como “leves, sutis, de um lirismo suave e transcendente, sem polimentos bizarros de forma, sem atavios fúteis de terminologia, espontâneos, despretensiosos, possuindo, entanto, colorido, sentimento, delicadeza, correção e um quê de sadio e nobre”.<sup>583</sup>

Foi também com o adjetivo “delicado” que Lima Barreto qualificou Belmiro Braga, após receber um dos exemplares de *Rosas* e publicar uma pequena nota sobre o livro em um dos jornais cariocas. Apesar de se reportar a Belmiro Braga como “Bilac da Princesinha do Paraibuna” – um apelido possivelmente irônico, dadas as suas diferenças com Olavo Bilac e outros poetas, a quem considerava “truculentos” e “maviosos manejadores de bengala” –, considerava-o uma exceção, pelo seu caráter “doce e delicado”.<sup>584</sup>

Por intermédio de Lima Barreto, B. B. encaminhou um exemplar de *Rosas* a Domingos Ribeiro (1875-1942). Na ocasião, aproveitava para solicitar ao escritor uma assinatura da revista *Theatro*, com a qual Domingos colaborava.<sup>585</sup> Escritor polêmico, de cunho anarquista, Ribeiro destacou-se no campo teatral pelas críticas que tecia aos ditos “comportamentos tradicionais” da sociedade. Juntamente com Lima Barreto, participou do semanário *O Diabo*, que se reunia no *Café Papagaio* para publicar notícias do cotidiano da cidade, mundanidade e política local, sempre com tom satírico e deboche. Também participou da fundação da revista *Floreal* em 1907, também ao lado de Lima Barreto, Bastos Tigre e outros.<sup>586</sup>

O contato com figuras de projeção na literatura nesse momento fazia de Belmiro Braga uma referência dos novos escritores regionais. Gilberto de Alencar, oriundo de Palmira

---

<sup>581</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 30/11/1911, p. 3.

<sup>582</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 23/05/1912, p. 5.

<sup>583</sup> D’ALVA, Lúcio [pseudônimo de Albino Esteves]. *Rosas*. In: *Correio Paulistano*, São Paulo, 10/04/1911, p. 3.

<sup>584</sup> Carta de Lima Barreto para Belmiro Braga. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1911. Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga – Juiz de Fora (MG).

<sup>585</sup> Carta de Belmiro Braga para Lima Barreto, Juiz de Fora, 10/05/1911. Documento 207 – Série: correspondência recebida – Coleção Lima Barreto – Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>586</sup> SCHWARCZ, Lília M.. *Lima Barreto: triste visionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2017. p. 129-130.

(atual município de Santos Dumont), foi um deles. Em 3 de junho de 1911, ao tomar posse na AML, foi recepcionado com um discurso pouco convencional do fundador, repleto de comentários satíricos e irônicos com as etiquetas acadêmicas, por ele popularmente chamadas de ato de “rasgar fitas”. B. B. dizia não ter assimilado tal prática, por ter saltado rapidamente de um balcão de roça para uma poltrona. Declarando-se desconfortável dentro da sobrecasaca que a solenidade lhe impunha, vestia por cima desta a persona do “sincero” e “espontâneo”, por ele traduzido para a sabedoria popular como aquele sujeito que não precisava “mudar a roupa” para dizer o que pensava.

Ridicularizando os “medalhões” que ganhavam fama e sucesso mais pelos ternos que vestiam do que pelo mérito de suas obras intelectuais, o confrade veterano exaltava no novo acadêmico as qualidades de um jornalista disposto a lutar por justiça pelo povo, comparando-o ao “sal grosso” que abre “sulcos” no “grosso melado” que parecia simbolizar o hermetismo e as bajulações da elite letrada brasileira. O discurso de Belmiro Braga ainda atava os Estados de Minas Gerais e Ceará, mencionando a ancestralidade cearense do mineiro, que, segundo ele, descendia da família de José de Alencar. Nesse ponto, não se esquecia de citar seu padrinho literário, Antonio Sales, para quem não havia terras no Brasil que mais se parecessem do que a mineira e a cearense.<sup>587</sup>

Como uma dívida de gratidão pelo escritor cearense, Belmiro lhe escrevia para dizer que seu nome não foi esquecido no discurso de posse: “A nossa academia vai de vento em popa. Há dias fiz lá um discurso de recepção ao Gilberto de Alencar e falei no teu glorioso nome”.<sup>588</sup> Portando-se como uma espécie de padrinho literário de Gilberto de Alencar, B. B. parecia cumprir com o novo acadêmico o papel que Sales vinha cumprindo em sua carreira desde o início do século. Numa ambivalente relação de adesão e repulsa à chamada “política dos pares”, aprofundava sua própria consagração na recepção do novo “imortal” nos quadros da incipiente Academia Mineira de Letras.

Dessa forma, também adensava seu papel de “ídolo” concorrido entre os novos escritores regionais, não se cansando de afirmar que raro era o dia em que o correio não lhe trazia “um novo livro de escritor amigo”. As demandas de prefácios, comentários na imprensa e respostas de cartas só aumentavam. Para amenizar a sua mania de procrastinação nas respostas, lançava mão, mais uma vez, da autoironia: “[...] e eu que sou a criatura mais

---

<sup>587</sup> BRAGA, Belmiro. Posse do Acadêmico Gilberto de Alencar – Discurso de Belmiro Braga. *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/06/1911, p. 1-2.

<sup>588</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 18/06/1911. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

irreconciliável com aquele prolóquio que diz: ‘não deixes para amanhã o que puderes fazer hoje’, vou amontoando os livros nas estantes, virgens como saíram dos prelos”. Entretanto, entre “meia dúzia de linhas rápidas e escritas no intervalo de uma cópia de escritura”, tentava responder às cartas e publicações recebidas.<sup>589</sup> Ao Sales confessava que, no cartório, não tinha tempo para se “coçar”; que, em casa, era “procurado de instante em instante”; e que, na rua, era “abordado por meio mundo”. Segundo ele, não havia “literato ou amador de letras destas bibocas que não me procure – um para me conhecer e outros para me lerem versos e pedir prefácios”. Além disso, confessava que “todos os mambembes que por aqui passam procuram-me para pedir comédias e dinheiro”.<sup>590</sup>

Às vezes, debochava de si mesmo ao dizer que, à espera de um elogio ou pedido de autógrafo, deparava-se com a solicitação de auxílio financeiro. No anedotário de sua vida, escrito por terceiros, ficou perenizada a situação – fictícia ou não, mas inspirada em experiências do vivido – de um rapaz desconhecido que, abordando-o na rua e chamando-o pelo nome, teria inflado seu ego, para logo em seguida fazê-lo “murchar” com um pedido de empréstimo de cinquenta mil-réis.<sup>591</sup>

Em memórias publicadas na década de 1950, Gilberto de Alencar ratificaria a postura de um Belmiro Braga complacente com os literatos necessitados que apareciam no município. Segundo ele, as “boas rendas” do cartório o tornavam “o mais ‘folgado’ da roda dos intelectuais”, possibilitando-lhe “socorrer materialmente os confrades em apuros”. Ele próprio, Gilberto de Alencar, declarava ter sido um dos beneficiados. Sabendo de suas dificuldades ao fixar residência em Juiz de Fora, B. B., quando era correspondente do *Estado de São Paulo*, ter-lhe-ia confiado a responsabilidade de responder em seu lugar aos telegramas do jornal, repassando-lhe o dinheiro recebido ao final de cada mês: “[...] o que ele desejava era auxiliar-me de maneira indireta. Fui, desse jeito, correspondente do *Estado* durante vários anos”. Alencar ainda afirmava que o amigo era “animador dos novos, emprestando talentos a todos eles, embora nem todos o tivessem.”<sup>592</sup>

Contudo, entre as “rosas” que os versos lhe deram, Belmiro Braga também encontrou “espinhos”. Os pedidos de auxílio financeiro que recebia lhe impunham, muitas vezes, situações embaraçosas. É o que nos desvelam, por exemplo, as cartas trocadas com Lima Barreto, nas quais nos deparamos com o caso do jovem escritor Humberto de Moraes,

<sup>589</sup> BRAGA, Belmiro. Na Tribuna. *O Pharol*, Juiz de Fora, 24/04/1909, p. 1.

<sup>590</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 11/01/1912.

<sup>591</sup> Machado, Belmiro e o outro. *Careta*, Rio de Janeiro, 21/10/1950, p. 8.

<sup>592</sup> ALENCAR, Gilberto de. Juiz de Fora no princípio do século. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28/06/1956, ano 37, n. 10983, p. 7.

funcionário da Companhia Estrada de Ferro Central do Brasil que passou uma temporada por Juiz de Fora. Na ocasião, o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma* pede a B. B. o favor de apresentar esse amigo aos círculos de sociabilidade literária do município, para assim oportunizar ao rapaz colaborações na imprensa periódica local: “Podes ser-lhe útil, apresentando-o aos rapazes intelectuais da tua Juiz de Fora, facilitando o aparecimento de suas colaborações nos jornais”. E conclui: “É indispensável que ele não fique isolado dos seus pares; e, como tu és o Bilac da princesa do Paraibuna, não te será difícil evitar que o isolamento custe uma inteligência esperançosa e forte”.<sup>593</sup>

Acontece que, tão longo estreitando relações com Belmiro Braga, Humberto de Moraes lhe solicita que servisse de fiador de um empréstimo contraído junto a um empresário de Juiz de Fora. Tão logo concretizado o empréstimo, o rapaz, porém, viaja ao Rio de Janeiro e não retorna a tempo de pagar a dívida no prazo estabelecido. Belmiro escreve, então, a Lima Barreto: “[...] Manda dizer-me onde reside aí o Humberto Moraes. Endossei-lhe uma letra de 300\$, paguei-a com os juros no vencimento e o homem não me responde às cartas enviadas para o escritório da Central”. E conclui: “[...] A letra já está aí com uma pessoa que se encarrega da cobrança, mas essa pessoa não descobre aquele nosso amigo, tão bom e tão maluco”.<sup>594</sup> Depois de alguma demora, Lima Barreto lhe pede desculpas por ter sido indiretamente culpado pelo ocorrido: “Não seria capaz de t’o apresentar para que fosse fiador dele em qualquer coisa. O rapaz endoideceu desde que se casou e daí em diante tem vivido em pleno delírio. Enfim? Estamos todos expostos a essas coisas...”.<sup>595</sup>

Outras situações envolvendo jovens escritores e artistas, apesar de não necessariamente dizerem respeito a dinheiro, também foram encontradas nessa pesquisa, como foi o caso “da Costa”, que ultrapassou as barreiras do pitoresco. Ao contrário de Humberto de Moraes, este apareceu em Juiz de Fora sem a indicação de algum famoso escritor da capital federal. Após ser apresentado ao público juiz-forano por Belmiro Braga e ser indicado para apresentar uma conferência, “da Costa” teria deixado “escancarar” seu lado “boêmio”, exagerando na bebida e envergonhando o anfitrião: “Aqui esteve há meses o da Costa. Veio fazer uma conferência, mas o diabo do poeta, três dias antes da conferência,

---

<sup>593</sup> Carta de Lima Barreto para Belmiro Braga, Rio de Janeiro, 11/08/1911. Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, residente em Juiz de Fora (MG).

<sup>594</sup> Carta de Belmiro Braga para Lima Barreto, Juiz de Fora, 16/03/1912. Acervo da Biblioteca Nacional do RJ.

<sup>595</sup> Carta de Lima Barreto para Belmiro Braga, Rio de Janeiro, 26/03/1912. Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, residente em Juiz de Fora (MG).

meteu-se na cerveja e ficou aqui mais conhecido como amigo de Baccho do que de Apolo. Foi o diabo!”<sup>596</sup>

Por fim, não poderíamos deixar de abordar o caso de João Pereira Barreto, que lhe resultou em situação muito mais séria, embaraçosa e complicada. Cunhado de Sílvio Romero<sup>597</sup>, o rapaz teria conhecido Juiz de Fora por ocasião da residência do “imortal” da ABL na cidade. Secretariando Romero nesse momento, Belmiro também foi incumbido de apresentar o poeta às rodas literárias do município.

Barreto era um sergipano de 37 anos, ex-redator de *O País*, diretor da redação de debates da Câmara dos Deputados e autor de *Selvas e Céus*, seu único livro de poesias. Em uma de suas andanças com o “poeta das rosas” pela cidade, Barreto teria conhecido Anna Levy, uma moça de 27 anos, cuja família era conhecida de Belmiro Braga. Mesmo a contragosto da família da moça, ambos se casaram pouco tempo depois do primeiro contato. Residindo em Icaraí (RJ), o casal logo enfrentou sérias crises nos primeiros meses do matrimônio, devido aos ciúmes possessivos do homem, que colocava a esposa em constante suspeita de adultério e a submetia à violência física.<sup>598</sup> Na madrugada de 3 de dezembro, após chegar alcoolizado em casa, Barreto a assassinou com um tiro na cabeça, fugindo logo em seguida para a casa do cunhado, Sílvio Romero, a quem confessou o crime e solicitou defesa judicial.

O homicídio, além de alcançar grande repercussão na imprensa periódica nacional<sup>599</sup>, acabou por envolver o nome de Belmiro Braga, que foi citado pelo assassino como motivador do assassinato e colocado sob ameaça de morte.<sup>600</sup> B. B., vendo a sua reputação em jogo, justifica-se publicamente na imprensa, publicando uma carta no *Correio da Manhã*, na qual presta esclarecimentos quanto à natureza de sua relação com a vítima e o assassino, levando a crer que o crime tinha sido motivado por crises infundadas de ciúme e por “taras mentais” de Barreto.

B. B. declara que, apesar de ter “escrito versos a quase todas as moças de Juiz de Fora”, jamais teria escrito uma “simples quadrinha” à Anna Levy, muito menos apertado sua mão ou ido à sua casa. E, com o intuito de ratificar a sua inocência, citou sua inabalada

<sup>596</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 11/01/1912. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>597</sup> João Pereira Barreto era irmão da terceira esposa de Sílvio Romero, Maria Petronila Pereira Barreto. Disponível em: [www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira](http://www.geneaminas.com.br/genealogia-mineira). Acesso em: 01/11/2021.

<sup>598</sup> A tragédia de Niterói. *O Pharol*, Juiz de Fora, 07/12/1912, p. 1.

<sup>599</sup> *Careta*, Rio de Janeiro, 19/07/1913, p. 32; *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07/12/1912, p. 28; *A Noite*, Rio de Janeiro, 03/12/1912, p. 1.

<sup>600</sup> A tragédia de Niterói. *O Pharol*, Juiz de Fora, 07/12/1912, p. 1.

amizade com Sílvio Romero: “E a prova de que, graças a Deus, estou inocente, é que Sylvio Romero, cunhado de Barreto, continuou sempre meu amigo e ainda, por ocasião de sua mudança, escreve-me do Rio, pedindo auxiliar sua exma. esposa nos acondicionamentos dos livros e da mobília”. Por fim, declarando-se de “consciência tranquila”, lamentava que Barreto difamasse seu nome nas rodas de cafés com “calúnias e torpezas” e qualificava a vítima como “uma verdadeira mártir”, cujo “algoz” somente “os homens que nunca tiveram mãe, nem irmã podem [podiam] defender”.<sup>601</sup>

Porém, o mesmo argumento citado por Belmiro para deslegitimar a acusação que Barreto lhe fazia foi empregado pelo advogado de defesa para absolver o homicida. Evaristo de Moraes, que assumiu o caso a pedido de Sílvio Romero, argumentava que o réu era um “homem doente”, “alcoologista crônico”, com condições psíquicas e antecedentes hereditários marcados por “taras degenerativas”, e que, por isso, agia com “privação dos sentidos” e em “estado de exacerbação”, merecendo, assim, a absolvição.<sup>602</sup> Afirmava, ainda, que o autor do homicídio, “doentamente”, teria interpretado uma poesia de Belmiro Braga como sendo destinada à sua esposa: “Barreto, que, enciumado, impunha à noiva um viver de reclusa, entendeu que Belmiro – homem casado e sério – a ela aludia amorosamente!”<sup>603</sup>

Pautados na tese do “fatalismo criminal”, os argumentos dos advogados de defesa estavam em consonância com a vertente jurídica de Sílvio Romero e da Escola de Direito do Recife, que, longe de se ater ao crime, estudava o criminoso com base em teorias científicas deterministas.<sup>604</sup> Vale lembrar que foi se pautando nessa mesma prerrogativa científicista que Romero atacava o livre arbítrio presente nas tramas e nos personagens dos romances machadianos.

Após permanecer preso durante um período relativamente curto na Casa de Detenção de Niterói, o criminoso foi ao tribunal do júri e conseguiu a liberdade em 1915. A sentença foi muito criticada pela imprensa, que a considerou um ato de impunidade e desmoralização da justiça brasileira e dos princípios republicanos. Até mesmo as revistas humorísticas não deixaram de abordar o fato. *O Pirralho*, por exemplo, satirizava a verve poética do

<sup>601</sup> BRAGA, Belmiro. Carta dirigida ao *Correio da Manhã*. Transcrição feita a partir da seguinte publicação: Tragédia em Niterói. *O Pharol*, Juiz de Fora, 11/12/1912, p. 1.

<sup>602</sup> O poeta Pereira Barreto – o seu advogado e a sua defesa. *O Pharol*, Juiz de Fora, 16/02/1913, p. 1. Ver também: A tragédia de Icarahy – o uxoricida João Pereira Barreto foi absolvido. *A Época*, Rio de Janeiro, 07/03/1915, p. 3.

<sup>603</sup> A tragédia de Icarahy – o uxoricida João Pereira Barreto foi absolvido. *A Época*, Rio de Janeiro, 07/03/1915, p. 3.

<sup>604</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. As faculdades de Direito ou Os eleitos da nação. In: \_\_\_\_\_. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 166.

assassino<sup>605</sup>, enquanto a *Careta* ironizava o fato de Barreto apenas vir a ser tornar um poeta “notável” após assassinar a esposa.<sup>606</sup> A mesma revista também não perdia a oportunidade de publicar uma prosa satírica – intitulada *A Encrenca: notável romance de aventuras sérias* e assinada sob o pseudônimo “Vol-Taire”<sup>607</sup> – na qual Belmiro Braga é apresentado em apuros em Juiz de Fora, amedrontado pela perseguição de Barreto.<sup>608</sup> Tal publicação se mostra sintomática do nível de inserção de Belmiro Braga na “rede cômica” dos intelectuais humoristas cariocas da década de 1910. O hábito de “literatizar” a realidade e transformar em *blagues*, caricaturas e piadas as situações de vida dos escritores e seu cotidiano, não só era algo bastante comum, como também indicativo de sua popularidade, independentemente de quão trágicos fossem os fatos ocorridos.<sup>609</sup>

E, para não deixar de usar a expressão “a arte imita a vida” – ou vice-versa –, um dos poemas belmirianos publicados na primeira e segunda edições do livro *Rosas* (respectivamente, 1911 e 1915), remete justamente aos casos de homicídios de mulheres motivados por traição, ciúme ou sentimento de posse de seus cônjuges: “Certo esposo à esposa engana./ A mulher, amante e boa,/ Da perfídia esconde o travo/ E o companheiro perdoa.../ Sabe o povo e exclama: - Bravo!!! Certa esposa ao esposo engana./ O marido não domina/ Seu rancor e, sem desagravo,/ A companheira assassina.../ Sabe o povo e exclama: - Bravo!”.<sup>610</sup>

Diferentemente do poema, a fidelidade de Anna Levy – talvez por esta ser oriunda de uma família tradicional e abastada de Juiz de Fora – não foi colocada sob suspeição na imprensa, nem mesmo sua morte foi silenciada ou justificada por sua conduta. Com ou sem relação direta com a “vida real”, o poema de Belmiro Braga chama atenção do leitor para um

<sup>605</sup> *O Pirralho*, São Paulo, n. 70, 14/12/1912, p. 10.

<sup>606</sup> *Careta*, Rio de Janeiro, n. 238, ano 5, 21/12/1912, p. 16.

<sup>607</sup> *Vol-Taire* era o pseudônimo de Leal de Sousa, companheiro do desenhista J. Carlos, para quem redigia os textos das legendas do *Almanaque das Glórias*, da revista *Careta*. **Fonte:** CUNHA, Fabiana Lopes. Carnaval Ilustrado: a participação da intelligentsia no carnaval carioca durante a Belle Époque. *ANPUH – XXV Simpósio Nacional de História*, Fortaleza, 2009. p. 6. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772189\\_f0ff106ffa416bcbcc9a9ed067f6f800.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772189_f0ff106ffa416bcbcc9a9ed067f6f800.pdf). Acesso em 01/11/2021.

<sup>608</sup> VOLT-AIRE. Pelas entranhas da terra (Capítulo 1). *A Encrenca – notável romance de aventuras sérias*. *Careta*, Rio de Janeiro, 14/12/1912, n. 237, ano 5, p. 49. Ver também o segundo capítulo: VOLT-AIRE. Nas entranhas da terra (Capítulo 2). *A Encrenca – notável romance de aventuras sérias*. *Careta*, Rio de Janeiro, 28/12/1912, n. 239, ano 5, p. 54.

<sup>609</sup> Sobre a ideia da “literatização” da vida dos escritores ver a seguinte referência: CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador*. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba. 2008. p. 112-122.

<sup>610</sup> BRAGA, Belmiro. XXXI. In: \_\_\_\_\_. *Rosas*. 2. ed. Juiz de Fora: Dias Cardoso & Comp., 1915. s./p. Acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

substrato cultural machista da sociedade, que criminaliza a vítima com base em argumentos moralistas, fazendo-os pesar muito mais sobre a mulher do que sobre o homem, de modo que da mulher se espera a complacência pela traição do marido e do homem o uso “naturalizado” da violência contra a traição da esposa. No caso de Ana Levy, Belmiro elevou a vítima à condição de “mártir” e defendeu a punição do criminoso.<sup>611</sup> Porém, ainda assim, manteve-se incógnito com relação à lei do divórcio, que talvez pudesse evitar situações de violência extrema como essa.

O fato é que os exemplos aqui citados demonstram claramente o papel de Belmiro Braga como “mediador” e “anfitrião” dos novos homens de letras que chegavam à cidade, tanto os apadrinhados como os largados à própria sorte. Isso demonstra o perfil de atuação do agora conhecido “poeta das Rosas” como “peça” importante dessa “engrenagem” que representava a rede de sociabilidade e interlocução responsável por conferir à Juiz de Fora a fama de “Atenas Mineira” ou “capital das letras” no Estado de Minas Gerais.

#### **4.5 Entre a transferência da AML para Belo Horizonte e a candidatura a deputado**

Ao mesmo tempo em que Juiz de Fora se inseria no circuito intelectual da capital federal, sentia o aprofundamento das críticas e retaliações à sua condição de sede da Academia Mineira de Letras. Apesar de alguns esforços dos acadêmicos de vincular a agremiação à tradição do arcadismo mineiro, Juiz de Fora, ao contrário de Belo Horizonte – que, até a década de 1920, era uma espécie de extensão de Ouro Preto –, era acusada de ser uma cidade provinciana com pretensões cosmopolitas e mais suscetível às influências cariocas.<sup>612</sup>

Ademais, há que se levar em consideração que as academias regionais não tinham sua importância reconhecida de forma unânime, tornando-se alvos de chacota na capital federal, onde eram chamadas de meras “imitadoras” da ABL e de “facções literárias”.<sup>613</sup> O próprio Lima Barreto (1881-1922), conhecido por sua postura polêmica e humor cáustico, não perdia a oportunidade de atacá-las.

Na crônica *Uma Academia de Roça*, Lima se referia a um “grupo seleta” de um pequeno município do interior do Brasil, que se reunia todas as tardes para discutir letras,

<sup>611</sup> BRAGA, Belmiro. Carta dirigida ao *Correio da Manhã*. Transcrição feita a partir da seguinte publicação: Tragédia em Niterói. *O Pharol*, Juiz de Fora, 11/12/1912, p. 1.

<sup>612</sup> CHRISTO, Maraliz, *op. cit.*, p. 10.

<sup>613</sup> BROCA, Brito, *op. cit.*, p. 98-102.



filosofia e artes dentro de uma farmácia. O “seleto grupo”, a que alude ironicamente o narrador, era composto por tipos caricatos, como o proprietário da farmácia; o promotor público; o médico clínico, que não suportava outro poeta que não fosse Olavo Bilac; o sacristão da igreja matriz, “parnasiano da gema”, mas que só publicava charadas, versos errados e “rimados a martelo”; o austríaco versado em veterinária prática, que, nunca opinando sobre nada, desconhecia a história das escolas literárias e apenas lia os poetas de sua pátria, bem como alguns alemães, italianos, a Bíblia, Shakespeare e D. Quixote; e, por fim, o principal barbeiro da localidade, espanhol, amante dos versos de Campoamor e dos “beberiques” no botequim.

Certo dia, o promotor público do grupo propôs a fundação de uma academia de letras no município, cujo número de “imortais”, para não fugir dos padrões da ABL, todos concordaram que não fosse inferior a quarenta. Foram indicados às vagas: um representante do município na Câmara Federal; um tenente nascido no município, que acabara de “fazer com brilho o curso de aviação”; o filho do dono do armazém, aprovado num concurso para o Tribunal de Contas; dentre outros. Na falta de lugar próprio para sediar a sessão solene de fundação, arranjaram-se na barraca de lona do circo de cavalinhos, temporariamente instalado na cidade. Uma banda de música local tocava “polcas chorosas” para a plateia. No centro do picadeiro, organizaram-se os acadêmicos ao redor de uma longa mesa. O presidente da Câmara, em “linguagem castigada”, e o presidente da Academia, com seu “fraseado bonito”, ao estilo Rui Barbosa, pronunciaram discursos solenes. Entretanto, antes da conclusão dos discursos, a sessão se encerra abruptamente, com os cavalos do circo invadindo a arena e afugentando os acadêmicos, que nunca mais se reuniram depois do fatídico acontecimento.<sup>614</sup>

A crônica de Lima Barreto, apesar dos exageros típicos do humor, é análoga às muitas críticas direcionadas às academias regionais – inclusive à AML. A primeira delas é, sem dúvida, a ausência de uma sede própria para realização de atividades e instalação de biblioteca. Se os acadêmicos da AML não chegaram ao “ridículo” de utilizar os famosos circos de cavalinhos que entretinham a população juiz-forana nas manhãs e tardes de domingo para realizar suas reuniões, dependiam dos voluntarismos de algumas instituições da cidade, como a Câmara de Vereadores, o *Teatro Juiz de Fora*, o salão dos Grupos Escolares, a Sociedade de Medicina e Cirurgia, dentre outras.

A segunda crítica de Lima Barreto, por sua vez, incide diretamente sobre a nomeação de políticos, juristas e burocratas, cuja atuação revelavam pouca ou nenhuma relação com a

---

<sup>614</sup> BARRETO, Lima. Uma Academia de Roça. *Careta*, Rio de Janeiro, n. 652, ano 13, 18/12/1920, p. 38.

literatura. É sobre isso que um articulista do *Diário de Minas*, de Belo Horizonte, assinando sob o pseudônimo “João Sério”, comentava. O autor temia que a AML se desviasse “dos fins objetivados, emaranhando-se, afinal, nas incertezas da generalidade coletiva, em vez de constituir um organismo à parte, homogêneo e específico”.<sup>615</sup> Para o “Espectador”, da *Gazeta de Leopoldina*, essa falta de critério rígido na escolha dos membros, além de ser sintomática de um certo “bairrismo”, era tributária da má organização e representação da Academia logo nos primeiros meses de seu funcionamento: “Ao lado de poetas melódiosos, escritores de nomeada, vemos pessoas completamente desconhecidas no mundo das letras, jornalistas manquês, que só sabem descompor, e até... políticos, sem uma produção literária!”.<sup>616</sup>

Por outro lado, havia os críticos menos pessimistas e depreciadores, que, apesar de admitirem muitas “lacunas” e “omissões” nesse início da trajetória da Academia, ponderavam que, na medida em que as vagas da AML fossem surgindo, os acadêmicos teriam melhores condições de escolher candidatos de forma mais criteriosa, consoante o “domínio puramente científico-literário” dos literatos e “cientistas” das letras.<sup>617</sup>

Entre todas essas críticas apresentadas até agora, a que mais pautou os debates que colocavam em questão a permanência da AML em Juiz de Fora era a sua distância em relação à capital do Estado. Se, no primeiro ano de fundação, os membros ainda se mantinham entusiastas de algumas iniciativas, como a aquisição de um espaço para abrigar os 2000 volumes de livros doados pela Câmara Municipal, a formação de uma comissão para publicação de um “Dicionário Brasílico Mineiro” dividido em sete seções (provincialismo ou dialeto regional; folclore; história mineira; corografia mineira; flora mineira; fauna mineira e geologia mineira) e a busca de recursos para a publicação de seus anais, os ânimos foram se arrefecendo gradativamente ao longo dos próximos anos.<sup>618</sup>

A não aprovação do projeto de reconhecimento da utilidade pública da Academia pelo Senado em 1910 parece ter aprofundado o sentimento de frustração entre os membros, que

---

<sup>615</sup> João Sério. Letras Mineiras. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 18/05/1910 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 99.

<sup>616</sup> Espectador. Em cena... *Gazeta de Leopoldina*, Leopoldina, 29/05/1910 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 114-115.

<sup>617</sup> P. de N. Academia Mineira de Letras. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, 31/05/1910 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 115.

<sup>618</sup> SOBRINHO, Machado. Relatório do Secretário Geral da Academia Mineira de Letras, apresentado na sessão anual de 25 de dezembro de 1910 apud BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira (orgs.). *Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras...*, p. 136-142. Ver também: Academia Mineira de Letras. *O Pharol*, Juiz de Fora, 27/12/1910, p. 1.

passaram a se reunir com uma frequência e uma assiduidade cada vez menores. Em 1912, Heitor Guimarães, lamentando que apenas doze acadêmicos compareceram à sessão anual, comentava que “o silogeu pouco tem produzido, quase não tem trabalhado”; que, dos 40 acadêmicos, apenas oito apresentaram um estudo biográfico de seus patronos; que não houve reuniões para discutir teses propostas. Porém, ao mesmo tempo em que lamentava essa inércia da AML no âmbito coletivo, admirava-se com a substancial produção individual dos acadêmicos, constatação que o colocava diante de um contrassenso.<sup>619</sup>

Essa observação de Heitor Guimarães se confirma quando analisada a atuação de Belmiro Braga nesse momento. Se, por um lado, a agremiação literária vivia no marasmo, de outro, a fama e a produção do literato se expandiam. Entre maio e julho de 1914, enquanto as mobilizações “pró” e “contra” a transferência da AML para Belo Horizonte se avolumavam, o poeta viajava à Europa. Ademais, apesar de *O Pharol* incluí-lo na lista dos que votariam a favor da transferência, B. B. se mantinha em silêncio sobre o assunto, assim como grande parte dos confrades.<sup>620</sup>

Em contraposição ao silêncio da maioria, Eduardo de Menezes, Gilberto de Alencar, Albino Esteves e Lindolfo Gomes manifestaram-se em defesa da permanência da agremiação na cidade, ao passo que Dilermando Cruz, José Rangel, Heitor Guimarães e Franklin Guimarães inclinaram-se a favor da transferência. Augusto de Lima, o presidente honorário, entrevistado em Belo Horizonte sobre a questão, apresentou respostas “vagas e indecisas”, alegando que, por “achar-se alheio aos trabalhos da Academia”, não tinha nenhuma opinião formada sobre o assunto. Dizia, ainda, que não pretendia se envolver nesse imbróglio, tendo em vista que, no passado, já havia militado em favor da transferência da capital mineira para Belo Horizonte. Apesar de sua postura aparentemente isenta, de considerar que Juiz de Fora e Belo Horizonte estavam no mesmo nível de desenvolvimento intelectual e literário e que deveria prevalecer a cidade com maior número de literatos dentro da AML, Lima não deixava de compartilhar o principal argumento apresentado pelos que se manifestavam a favor da transferência para Belo Horizonte, qual seja: a crença ou expectativa de que lá a agremiação receberia maiores vantagens dos “favores oficiais” ou investimentos do Estado.<sup>621</sup>

---

<sup>619</sup> GUIMARÃES, Heitor. Hebdomada. *O Pharol*, Juiz de Fora, 29/12/1912, p. 1.

<sup>620</sup> Academia Mineira de Letras. *O Pharol*, Juiz de Fora, 26/05/1914, p. 1.

<sup>621</sup> Entrevista transcrita do jornal *A Capital*, de Belo Horizonte, pelo jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora. Fonte: Academia Mineira de Letras. *O Pharol*, Juiz de Fora, 31/05/1914, p. 1. Esse argumento de Augusto de Lima também foi apresentado por Dilermando Cruz, José Rangel, Heitor Guimarães e Franklin Guimarães em suas entrevistas para o *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora, respectivamente, nos dias 22/05/1914, p. 1; 23/05/1914, p. 1; 26/05/1914, p. 1; 31/05/1914, p. 1.

Nos primeiros meses que sucederam seu retorno da Europa, entre agosto e outubro de 1914, Belmiro Braga se manteve ausente da imprensa local. Nesse momento, a AML também deixava de ser pauta da imprensa por conta do destaque conferido às movimentações geopolíticas e militares internacionais, decorrentes da guerra deflagrada na Europa no final de julho. As notícias bélicas chegavam ao Brasil e, particularmente, à imprensa local, praticamente junto com o “trovador de Vargem Grande” e seu repertório de sátiras aos costumes europeus. Respondendo às preocupações do público leitor com os possíveis impactos da guerra no Brasil, os periódicos tanto atualizavam as notícias dos bombardeios como especulavam sobre o risco de crise de abastecimento que um país ainda tão dependente de produtos industrializados como o nosso sofria.<sup>622</sup>

O retorno de BB à imprensa regional se deu gradativamente, a partir do mês de novembro, quando começou a colaborar com a coluna “Coisas da Cidade”, do *Jornal do Comércio*, na qual explorava as mais diversas temáticas do cotidiano juiz-forano, com o objetivo de variar os assuntos, ainda muito focados na guerra.<sup>623</sup> A situação da Academia Mineira de Letras, no entanto, não fazia parte de seu repertório temático.

Somente no final de dezembro de 1914 o *Jornal do Comércio* e *O Pharol* divulgavam o resultado da reunião anual dos “imortais”, realizada em 25 de dezembro, na qual se reformou o artigo primeiro dos estatutos e se deliberou por maioria dos votos (22 contra 2) pela transferência da instituição para Belo Horizonte no mês seguinte. Uma nova diretoria foi eleita. Eduardo de Menezes, que já havia declarado que não aceitaria continuar na presidência, talvez por já se considerar voto vencido na votação da transferência, nem compareceu à sessão. Álvaro da Silveira passava a ser o novo presidente, assessorado por outra equipe. Belmiro Braga também deixava a cadeira de tesoureiro para Aldo Delfino e o de membro da comissão de recepção para Nelson de Senna, Paulo Brandão e Mendes de Oliveira.<sup>624</sup>

*O Pharol* chamava de “verdadeiro sacrifício” a escolha da maioria dos acadêmicos de Juiz de Fora pela transferência da AML. Ao mesmo tempo, cobrava das autoridades políticas

---

<sup>622</sup> Notas e Notícias. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 30/08/1914, p. 1. Nessa reportagem, o autor comentava sobre o retorno do Brasil à condição pré-colonização portuguesa e o compulsório abandono dos requintes civilizatórios pelos brasileiros, que não teriam como importar produtos da Europa, por conta do fechamento dos portos europeus durante uma guerra cujo fim não sabia quando seria.

<sup>623</sup> Belmiro Braga publicou nessa coluna do *Jornal do Comércio*, de Juiz de Fora, nos seguintes dias: 20/11/1914, p. 1; 03/12/1914, p. 1; 04/12/1914, p. 1; 13/12/1914, p. 1; 15/12/1914, p. 1; 20/12/1914, p. 1; 25/12/1914, p. 1; 26/12/1914, p. 1; 27/12/1914, p. 1; 30/12/1914, p. 1; 01/02/1915, p. 1; 06/01/1915, p. 1.

<sup>624</sup> Academia Mineira Mineira de Letras – a reunião de anteontem. *O Pharol*, Juiz de Fora, 27/12/1914, p. 1.

do Estado de Minas Gerais o apoio prometido à agremiação em terras belorizontinas: “Está, pois, ao que parece, removido o único obstáculo que inibia o Estado de protegê-la como ela o merece”. Além do mais, lembrava que não faltavam na capital prédios estaduais para lhe servirem de sede, nem mesmo estabelecimentos gráficos para a impressão de seus anais e “elementos oficiais para criação de uma excelente biblioteca”.<sup>625</sup>

Apesar de certo sentimento de “derrota” pairar sobre de Juiz de Fora nesse momento, Belmiro Braga, por gozar de prestígio e sucesso em outras cidades, não sentiria tão profundamente os impactos dessa transferência. Ainda em dezembro de 1914, o literato começou a colaborar com a revista quinzenal paulista *A Cigarra*, que, sob a direção de Gelasio Pimenta, já se autointitulava a “revista de maior circulação no Estado de São Paulo”.

Nesse periódico, que contava com a participação de diversos escritores consagrados, como Olavo Bilac, Vicente de Carvalho e Affonso Celso, Belmiro Braga não apenas tinha um de seus poemas publicados, como também era apresentado ao público por Silvio de Andrada Maia. Este, também iniciando seus trabalhos na revista, caracterizava o juiz-forano como “o mais brasileiro, o mais original e, sobretudo, o mais espontâneo de todos os poetas”, um produtor de versos não por “persistentes esforços da vontade” ou por “continuada e torturante reflexão da inteligência”, mas sim pela “propriedade inata de seu espírito” e “manifestação espontânea da sensibilidade”. Além disso, afirmava que seus textos, de forte “cunho popular” e estreita relação com o “nosso folclore”, faziam rir e chorar ao mesmo tempo.<sup>626</sup>

As revistas ilustradas cariocas, enquanto isso, também o mantinham em evidência. *O Malho*, por exemplo, publicava uma foto sua junto a um grupo de adultos e crianças, em frente a um grêmio batizado com o seu nome (“Grêmio Belmiro Braga”), em cuja legenda era reverenciado como “O estimado poeta Belmiro Braga – ‘o João de Deus Mineiro’ – entre flores, por ocasião de sua visita ao próspero Grêmio Belmiro Braga, em Juiz de Fora, Estado de Minas”.<sup>627</sup> Nesse momento, segundo o próprio retratado, também se fundava em São Paulo outro grêmio com o mesmo nome.<sup>628</sup>

<sup>625</sup> Academia Mineira Mineira de Letras – a reunião de anteontem. *O Pharol*, Juiz de Fora, 27/12/1914, p. 1.

<sup>626</sup> *A Cigarra*, São Paulo, 31/12/1914, s. p.

<sup>627</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 27/02/1915, p. 12.

<sup>628</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, [Juiz de Fora], 14/04/1914. J. G. de Araújo Jorge também afirma, em 1959, que havia em Minas Gerais dezenas e dezenas de academias e grêmios literários com o nome do poeta. Fonte: JORGE, J. G. de Araújo. Belmiro Braga. In: OTÁVIO, Luiz; JORGE, J. G. de Araújo. *Belmiro Braga: 100 trovas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1961. s./p. (Coleção “Trovadores Brasileiros”)

Figura 18 – Belmiro Braga em visita ao grêmio com o seu nome, em Juiz de Fora (MG).



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 27/02/1915, p. 12.

Concomitante à transferência da AML para Belo Horizonte, Belmiro Braga também se embrenhava em outro projeto: o lançamento da revista *Marília* em Juiz de Fora em janeiro de 1915.<sup>629</sup> Além de ser um de seus idealizadores, Belmiro Braga integrava o corpo de redação ao lado de Mário Mattos, Franklin Magalhães e Vicente Jardim.<sup>630</sup> O proprietário era Lindolpho Rocha, que também atuava como fotógrafo e compunha a parte técnica ao lado de Henrique Surerus Sobrinho. Entre os caricaturistas, Braz Xavier Júnior, Luiz Aroeira e Vicente Jardim figuravam como iniciantes no gênero, transportando seus desenhos para o papel através da fotogravura ou zincografia.<sup>631</sup>

Batizada por Belmiro Braga com o nome *Marília*, a revista nascia com o propósito de reverenciar a musa inspiradora de um dos poetas da Conjuração Mineira, Tomás Antonio Gonzaga.<sup>632</sup> Não é fortuito que a capa do primeiro número trouxesse um soneto de B. B. e

<sup>629</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 09/01/1915, p. 1.

<sup>630</sup> Heitor Guimarães nos traz essa informação no primeiro número da segunda fase da revista, em 1934. GUIMARÃES, Heitor. *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 2, maio-junho de 1934. s. p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

<sup>631</sup> Segundo Heitor Guimarães, os seguintes nomes também colaboraram com a primeira fase da revista: Mario Matos, Lindolfo Gomes, Alphonsus Guimarães, Carlos Goes, Mário de Lima, Gilberto de Alencar, Antonio Sales, José Rangel, Luiz Lúcio, Telles de Meireles, Vicente Jardim, Abílio Barreto, Phocion Serpa, Arnaldo Damasceno Vieira, Silos Filho, Artur Mendes, F. Wanderley, Eugênio Rubião, Joaquim Americano, Alfredo de Assis, Alencar Mendes, Aristeu Muniz de Brito, Jaime Cardoso, Teixeira de Matos e outros. Fonte: GUIMARÃES, Heitor. *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 2, maio-junho de 1934. s. p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

<sup>632</sup> Em carta para Antonio Sales, B. B. informava: “Em 1º de janeiro, sairá aqui uma revista literária do Lindolpho Rocha (fotógrafo) dirigida por mim e pelo Mario Mattos. Dei-lhe o nome de *Marília*. Que tal o nome?” Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 14/04/1914.

uma representação imagética de Heitor Guimarães, cujos traços se tornaram alvo de troça dos amigos de redação, que assim descreviam o desenho:

A Marília da capa, com aqueles braços, aquelas penas e aqueles seios, não é a suave Marília que Dirceu sonhou em líricas imortais. Não. A Marília da capa, é a Maria Doroteia nua e crua, digo: mal vestida e gorda, que desenhou o nosso querido Heitor... Assim, ao menos, Marília nunca será despeitada e, quando à limpeza – há seio.<sup>633</sup>

O “poeta das rosas”, enquanto isso, homenageando Marília como o único vestígio de vida na “velha” e “morta” Vila Rica (Ouro Preto), comparava a musa a uma “flor na frincha de um velho muro abandonado”, entre os escombros e ruínas de palácios de pedra da outrora capital do Estado: “[...] Marília, Dirceu não te mentiu. De tua Vila Rica apenas hoje resta a memória do teu nome e da tua formosura, trazida à mais remota idade pelos versos imperecíveis de teu cantor divino”.<sup>634</sup>

Enquanto a cidade de Ouro Preto, destituída do *status quo* de capital do Estado desde o final do século XIX, era representada na prosa poética belmiriana como “velharia” de um poderio decadente que tinha Marília de Dirceu como o único vestígio de vida de seus tempos áureos, Juiz de Fora era tida como uma cidade moderna, com seus parques e jardins ávidos da presença feminina. Chamadas de “belo sexo” pelo editorial da revista, as mulheres eram convidadas a se despojarem do hábito interiorano de se trancarem em casa, para ocuparem os jardins, as praças e as ruas do município, com seus elegantes figurinos burgueses. Elegância essa que, na seção “Crônica da Moda”, não estava dissociada do uso do “bom senso prático” na escolha do que vestir, sugerindo-se o cuidado de adaptar as vestimentas e os calçados à realidade brasileira para evitar as contrariedades impostas pelo clima quente e chuvoso e as consequentes poças d’água, buracos e lamas nas ruas.<sup>635</sup>

Despontando no cenário mineiro como um periódico visivelmente inspirado nas revistas ilustradas da *belle époque* carioca, *Marília* apresentava ornamentos gráficos em estilo *art nouveau* e reunia em suas páginas assuntos sérios e irreverentes, como fotos dos campos de batalha da Primeira Guerra Mundial, poema sobre a Cruz Vermelha, imagens de escolas e grêmios literários (dentre eles, o “Grêmio Belmiro Braga”), além de trovas, poemas satíricos e

---

<sup>633</sup> *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 1, 01/01/1915, s. p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>634</sup> *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 1, 01/01/1915, s. p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>635</sup> Crônica da Moda. *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 1, 01/01/1915, s./p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

crônicas que tinham como pano de fundo o carnaval e seu elogio ao riso eschachado e à loucura desregrada. Anatole France, visto como símbolo de muitos dessa geração, era citado para defender a ironia que nos “faz rir dos maus e dos tolos”, eximindo-nos da “cólera” e do “ódio dos fracos”, como fez B. B. na trova em que criticou os políticos de seu tempo, sem nomeá-los: “Que pena imensa eu tenho dos políticos/ Que galgam o poder por meio oculto!/ São, vistos à distância, homens de vulto/ E, assim de perto, como são raquíticos!...”.<sup>636</sup>

Figuras 19, 20 e 21 – Capas dos três primeiros números da revista *Marília*.



Fonte: Hemeroteca do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG). Reprodução: Sérgio Augusto Vicente.

*Marília* começava a circular com a promessa de melhoramentos técnicos/gráficos e de aumento do número de colaboradores, a serem “escolhidos entre os melhores de Minas”. Talvez o periódico – que trazia no título o nome da principal musa inspiradora da tradição do arcadismo mineiro, da qual Juiz de Fora era acusada de não ser legítima herdeira – tenha representado uma das tentativas de manter o protagonismo dos literatos juiz-foranos nas letras mineiras após a lacuna deixada pela transferência da Academia Mineira de Letras para Belo Horizonte.

No entanto, o periódico mal começava a circular e Belmiro já lamentava uma série de problemas. O primeiro número chegava aos leitores com algumas falhas que o deixavam

<sup>636</sup> *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 1, 01/01/1915, s./p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).



insatisfeito.<sup>637</sup> O segundo número, segundo ele, teria ficado “melhor”, apesar de persistirem alguns erros de paginação e de não figurar em página exclusiva o soneto do amigo Sales, falha pela qual se desculpou satirizando a si mesmo como “escrivão de alistamento”.<sup>638</sup> Além disso, queixava-se da falta de tempo para se dedicar ao projeto e das dificuldades de distribuição dos exemplares aos assinantes, o que estaria suscitando muitas reclamações.<sup>639</sup>

Já no mês de maio *Marília* apresentava sinais de fracasso e abandono. Além de frustrado, Belmiro Braga receava de sua reputação estar em jogo, uma vez que vários leitores, tornando-se assinantes por conta de sua fama de poeta, associavam a sua imagem à da revista: “com o meu nome, o proprietário angariou-lhe um conto e tanto de assinaturas pagas e os assinantes só reclamam de mim”.<sup>640</sup>

A revista, de fato, alçou “voo curto”. Não passou do número 9, encerrando as edições em junho de 1915.<sup>641</sup> Apesar de contar com alguns patrocinadores do comércio – como a marca *Keratol*, a *Farmácia Barros, Faulhaber & Cia. instrumentos e músicas, Marmoraria Juiz de Fora, Motocicletas Indian, Casa Surerus*, dentre outros –, ela parece ter sucumbido à dificuldade imposta por um público consumidor ainda muito atrelado ao mercado editorial carioca e à hegemonia de *O Pharol* e do *Jornal do Comércio* na cidade. Para Heitor Guimarães, essa era, infelizmente, “a sorte de todas as revistas de letras e artes que apareciam em Juiz de Fora”.<sup>642</sup>

B. B. atribuía a causa do fracasso ao “indiferentismo em matéria de letras” por parte de homens afortunados, que “tinham dinheiro para tudo, menos para assinar jornais”. Segundo ele, a maioria não se desprendia do hábito de emprestar uns aos outros os exemplares, “chamando de *Pharol* a tudo que é jornal”, por estes o conhecerem desde a infância. Também apontava a desconfiança das pessoas com os abusos cometidos por editores que tiravam os periódicos de circulação sem restituir o dinheiro aos assinantes.<sup>643</sup>

<sup>637</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 05/01/1915.

<sup>638</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 01/02/1915.

<sup>639</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 21/03/1915.

<sup>640</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 28/05/1915.

<sup>641</sup> Heitor Guimarães nos traz essa informação no primeiro número da segunda fase da revista, em 1934. GUIMARÃES, Heitor. *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 2, maio-junho de 1934. s. p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

<sup>642</sup> Heitor Guimarães faz essa declaração no primeiro número da segunda fase da revista, em 1934. GUIMARÃES, Heitor. *Marília*, Juiz de Fora, ano 1, n. 2, maio-junho de 1934. s. p. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

<sup>643</sup> “Suplementos literários de antigamente – Uma interessante carta de Belmiro Braga”. *Diário Mercantil*, Juiz de Fora, 18/07/1948, p. 1.

*Marília* ressurgiria no cenário juiz-forano em 1934, ou seja, após dezenove anos de interrupção. No entanto, ainda que mantendo algumas características de quando despontou na década de 1910 – como a arte do título, desenhada por Heitor Guimarães –, sofreu mudanças significativas em sua concepção editorial. Belmiro Braga e tantos outros escritores não mais figuravam entre os seus colaboradores assíduos. Além do mais, em 1937, antes dessa nova fase completar três anos, o “trovador de Vargem Grande” falece. Com recursos e estrutura mais sólidos, a nova *Marília* ainda teria fôlego para circular nas décadas de 1940 e 1950.<sup>644</sup>

Mas voltemos a 1915. Nesse ano, não obstante a transferência da AML e o frustrado projeto da revista *Marília*, B. B. ainda conseguiu publicar a segunda edição do livro *Rosas* pela *Dias Cardoso & Companhia*, de Juiz de Fora. A capa do livro, em cetim e ilustrada com rosas desenhadas por Otilia, demonstrava a intertextualidade entre o seu ofício e o da esposa<sup>645</sup>, que se revezava entre a pintura amadora e a costura doméstica, atendendo às demandas da numerosa família do marido em Juiz de Fora.<sup>646</sup>

A qualidade da impressão e da encadernação dos livros, além de ser uma preocupação de Belmiro Braga, que, nesse quesito, não poupava o amigo Lima Barreto – ao dizer-lhe que *Numa e Ninfa* era uma “fina joia” colocada em um “estojo improvisado”<sup>647</sup> –, configurava uma tendência estética muito característica da atmosfera simbolista desse contexto. Na busca de delicadeza, sofisticação e sensibilidade, os simbolistas valorizavam bastante a visualidade não somente através da escrita, mas também dos recursos gráficos dos livros, muitos dos quais produzidos por artistas como Kalixto e Pederneiras. A obra de Antônio Austregésilo, por exemplo, trazia a capa “toda manchada de negro, mostrando os dedos sujos do tipógrafo”, com a finalidade de dialogar diretamente com o título, “Manchas”. Esse recurso, segundo Mônica Velloso, também seria utilizado mais tarde pelos modernistas.<sup>648</sup>

---

<sup>644</sup> Na Hemeroteca do Museu Mariano Procópio, podem ser encontrados alguns exemplares dessa segunda fase da revista *Marília*.

<sup>645</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, Juiz de Fora, 08/06/1915.

<sup>646</sup> Carta de Belmiro Braga para Antonio Sales, [Rio de Janeiro], 16/04/1918.

<sup>647</sup> Bilhete postal de Belmiro Braga para Lima Barreto, Rio de Janeiro, 20/06/1916. Documento 210 – Série: correspondência recebida – Coleção Lima Barreto – Biblioteca Nacional – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>648</sup> VELLOSO, 1996, p. 122.

Figura 22 – Capa da segunda edição do livro *Rosas*, contendo pintura feita pelas mãos de Otília, esposa de Belmiro Braga.



Fonte: Acervo da Biblioteca da Fundação Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

Vale lembrar que Belmiro Braga, muito embora não tivesse aderido ao simbolismo como partidário de uma escola literária, apropriou-se de algumas de suas influências. Ademais, é importante destacar que o mineiro não apenas “flertou” com os ditos “simbolistas”, como também chegou a dialogar com muitos deles nas rodas literárias da *Garnier*, no Rio de Janeiro. É o que demonstra, por exemplo, uma matéria publicada na *Gazeta de Notícias*, que, além de informar aos leitores que um grupo de poetas parava para ouvi-lo nas rodas literárias, julgava que “seus versos têm[tinham] o sabor ingênuo da perene juventude”.<sup>649</sup>

Nada ingênuo, porém, seria a outra decisão tomada por Belmiro Braga em 1915, ao aventurar-se na disputa por uma vaga no Congresso Mineiro como candidato “extra chapa”<sup>650</sup> do segundo distrito (zona da mata). Eram oito as vagas previstas para esse distrito, sendo ele o nono candidato mais votado, precedido pelos seguintes nomes por ordem de votação: 1. Alfredo Martins de Lima Castelo Branco (com 23.269 votos); 2. Emílio Jardim de Rezende (com 23.244 votos); 3. Joaquim Figueira da Costa Cruz (com 22.667 votos); 4. Péricles Vieira

<sup>649</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/11/1915, p. 7. Uma carta que o poeta escreverá para Fábio Luz, em 28 de janeiro de 1916, confirma essa informação: “[...] faça-me o favor de abraçar aí na Garnier os nossos bons companheiros Drs. Maximino, Pedro Coutto, Nazareth de Meneses e ao quase Dr. [Peres Jr.]”. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Fábio Luz, Juiz de Fora, 28/01/1916. Cód. Ref.: BRRJANRIO.ON.O.COR.18/107 – Fundo Fábio Luz – Arquivo Nacional – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>650</sup> Dava-se esse nome (“extra chapa”) aos candidatos lançados fora da chapa fechada do Partido Republicano Mineiro (PRM).

de Mendonça (com 22.184 votos); 5. Francisco de Paula Retto Júnior (com 21.915 votos); 6. Francisco Augusto Pinto de Moura (com 21.372 votos); 7. João Baeta Neves (com 20.820 votos); 8. Henrique Portugal (com 18.870 votos).

Enquanto isso, B. B. obteve 7.746 votos. Apesar de não eleito, alcançou um número bem mais expressivo de votos do que os confrades da AML que também entraram na disputa, como Estêvão de Oliveira (102 votos) e Dilermando Cruz (48 votos).<sup>651</sup> Em que pese a maior dificuldade de ser eleito como “extra chapa” frente à forte hegemonia do PRM no Estado, Belmiro Braga decidiu arriscar essa candidatura após ter seu nome levantado por um grupo de amigos empolgados com a sua fama.

Embora considerada ínfima, a esperança de êxito de um candidato “extra chapa” existia, sobretudo quando se era conhecido e se possuía base eleitoral. Também era possível tentar ser reconhecido através das contestações ou da defesa de seu nome”.<sup>652</sup> No caso da disputa para o Congresso Federal, por exemplo, Vitor Figueiredo constata que, entre 1900 e 1930, foram eleitos em Minas Gerais 41 candidatos nessa modalidade.<sup>653</sup>

Conquanto não tivesse contestado, oficial e publicamente, o resultado do pleito, Belmiro confessava ao Sales que se sentia prejudicado pela “politiquice” de alguns “canalhas” que “roeram-lhe a corda vergonhosamente” na hora das articulações para a campanha. Ao mesmo tempo, porém, orgulhava-se de que a sua entrada na disputa, além de ter “dado trabalho ao governo”, rendeu-lhe muitas trocas de cartões e cartas com eleitores e cabos eleitorais de diferentes municípios, fazendo, inclusive, “muita gente querida dar pulos e telegrafar para todo o distrito eleitoral”.<sup>654</sup>

Segundo Viscardi e Soares, a disputa por uma eleição, ainda que para perder, “consistia em uma estratégia de acúmulo de capital político para o futuro”.<sup>655</sup> É o que nos

---

<sup>651</sup> CONGRESSO MINEIRO. *Anais da Câmara dos Deputados – primeira sessão da sétima legislatura no ano de 1915*. Organizados pela Diretoria do Serviço das Sessões. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1915. p. 12. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/20627>. Acesso em: 07/04/2014.

<sup>652</sup> VISCARDI, Cláudia; SOARES, Livia P. Silva. Votos, partidos e eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de “O Malho”. *Revista História*, São Paulo, n. 177, 2018. p. 24-25. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/shSx4zJjDSvYDBJCKzvSpsS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07/04/2024.

<sup>653</sup> FIGUEIREDO, Vitor Fonseca. *Voto e competição política na Primeira República: O caso de Minas Gerais*. Tese de doutorado, UFJF, Juiz de Fora, 2016. p. 65. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppghistoria/files/2016/02/TESE-V%C3%8DTOR-FONSECA-FIGUEIREDO-VERS%C3%83O-FINAL-.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2017.

<sup>654</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 21/03/1915.

<sup>655</sup> VISCARDI, Cláudia; SOARES, Livia P. Silva. *Votos, partidos e eleições na Primeira República....* p. 28.

parece ter acontecido com Belmiro Braga, que, mesmo não vindo a pleitear o cargo novamente, beneficiava-se dessa experiência. Vale lembrar que, nesse momento em que Juiz de Fora acabara de perder o *status* de sede da AML para a capital do Estado, essa candidatura fazia com que o nome do poeta circulasse ainda mais intensamente dentro e fora de Minas Gerais. Não nos parece fortuito que, já em 1915, chegava à Câmara Municipal de Juiz de Fora uma proposta de atribuição de seu nome a uma das ruas da cidade.<sup>656</sup> E que, logo após as eleições, ao proferir uma conferência em Belo Horizonte, tenha se orgulhado da boa recepção que o presidente do Estado, Delfim Moreira, e diversos literatos lhe dispensaram.<sup>657</sup>

Além de lhe conferir ainda mais visibilidade, a participação no pleito de 14 de março de 1915 lhe serviu para enaltecer a imagem de homem honesto, ilibado e, por isso mesmo, antiquado a uma disputa eleitoral “suja” e maculada por muitos vícios ou, como ele mesmo dizia, por muitas “politiquices”.<sup>658</sup> Diversos jornais avultavam matérias e testemunhos de apoiadores que lhe salientavam a “origem humilde”, a “inteligência incomum”, a “vocação para o trabalho” e a “ascensão por mérito”.

Impossível não perceber, dessa forma, a explícita utilização de sua persona artístico-literária na campanha eleitoral. Os apoiadores de sua candidatura, oriundos de diferentes municípios do interior mineiro, qualificavam sua aptidão ao cargo através do tão propalado “lirismo doce”, “suave”, “singelo”, “espontâneo” e de “alma pura”. Era dessa forma que o candidato, sendo enaltificado pela métrica da fama e da popularidade alcançada na esfera literária, (auto)representava-se como “não político” e, portanto, não contaminado pelos vícios dos “politiqueiros profissionais”.<sup>659</sup>

Para os confrades da Academia Mineira de Letras, a sua candidatura significava a possibilidade de ver na Assembleia Legislativa um legítimo representante da “classe literária” mineira. Gilberto de Alencar, além de considerá-lo um potencial defensor dos interesses literários do Estado, nele destacava o *status* de “o mais popular dos nossos poetas e o mais poeta de todos eles” – o que não demandaria, ao seu ver, grande esforço propagandístico para torná-lo vitorioso. Nesse sentido, ainda fazia um apelo à “solidariedade” da tão desunida classe literária.

---

<sup>656</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 13/03/1915, p. 2.

<sup>657</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 17/06/1915. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>658</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 21/03/1915. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>659</sup> Belmiro Braga assim se referiu na imprensa: “A minha candidatura não é política, nem tem por fim hostilizar a chapa oficial”. Fonte: BRAGA, Belmiro. Aos meus amigos de Juiz de Fora. *O Pharol*, Juiz de Fora, 14/03/1915, p. 1.

Na contramão dos que acreditavam que literatos e artistas em geral não podiam se envolver com política, Alencar defendia que “longe vai a época em que os poetas só eram poetas, isto é, só faziam versos”. Para ele, “ser poeta ou prosador não significa renunciar aos direitos e deveres cívicos”. Muito pelo contrário, asseverava que a literatura precisava ter também seus representantes no governo, por ela possuir “interesses a serem defendidos e resguardados”. Para corroborar esse ponto de vista, citava os exemplos de Coelho Netto, Félix Pacheco e outros, que figuravam no Congresso Federal.<sup>660</sup>

Outro confrade da AML, Amanajós de Araújo, além de salientar o orgulho que os mineiros sentiam pelo candidato, por ser ele um “espírituoso *causeur*”, de “amizade desinteressada” e de alma “simples” e “pura”, qualificava essa candidatura como apartada dos “conchavos espúrios dos profissionais da política” e nascida de um “movimento espontâneo e até imprevisto da vontade popular”. Cansados de “imposições”, “falseamentos” e “mentiras”, os eleitores teriam – segundo ele – tomado consciência do valor de Belmiro Braga como defensor da “boa causa” e dos “princípios da democracia pura”.

Os argumentos de campanha de Araújo se valiam da representação meritocrática de B. B. como um homem que “soube surgir da obscuridade para a glória”, vencendo “à custa própria”, passando do “modesto *village* de Cotegipe à cidade” e saindo da condição “de modesto caixeirinho de roça” às posições de “tabelião competente”, “artista consagrado”, “palestrador interessante”, “conferencista aplaudido”, “escritor teatral”, “jornalista moderno e leve”, “membro da Academia de Letras” e “inspetor escolar”. Enaltecendo-lhe o “desprendimento pessoal”, a “modéstia” e as “virtudes”, asseverava que a vitória do candidato seria confundida com a vitória do “povo”<sup>661</sup>, pois levaria para o Parlamento “um diploma limpo” e sem as “imposições do partidarismo estreito”.<sup>662</sup>

Belmiro Braga, por sua vez, para não deixar soar arrogante aos seus interlocutores a autoconfirmação dessas qualidades que os pares das letras lhe imputavam, recorreu mais uma vez à autoironia, apropriando-se dessa experiência como objeto de sua produção humorística. Foi assim que publicou, no *Correio Paulistano*, um soneto que escreveu a um amigo de Leopoldina (MG), no qual utiliza a solicitação de apoio eleitoral como pretexto para troçar com a classe política enquanto “brinca” de debochar de si mesmo:

<sup>660</sup> ALENCAR, Gilberto de. Crônica semanal. *O Pharol*, Juiz de Fora, 20/02/1915, p. 1.

<sup>661</sup> Vale lembrar que o conceito de “participação popular”, nesse momento, era muito restrito, considerando que o voto ainda não era um direito constitucional garantido à boa parte da população brasileira, como as mulheres, os analfabetos, etc.

<sup>662</sup> ARAÚJO, Amanajós de. Candidatura de Belmiro Braga. *O Pharol*, Juiz de Fora, 24/02/1915, p. 1.

Meu caro coronel Martins Pereira:  
 Candidato extra chapa a deputado  
 Nas eleições à Câmara Mineira,  
 Desejo ser aí o mais votado.

A minha fé de ofício é de primeira.  
 Vale por um programa o meu passado.  
 E no Congresso não direi asneira  
 Todas as vezes que ficar... calado.

Fui vendedor de pão, fui negociante  
 E da terra natal representante  
 Agora aspiro a ser... Que pretensão!

E, eleito, espero – mas que maravilha!  
 Ser pai da Pátria e abiscoitar da filha  
 Quarenta fachos, quer trabalhe ou não.<sup>663</sup>

Chama-nos atenção, portanto, a forma como a performance e a persona literárias de Belmiro Braga, mais uma vez, confundiram-se e interpenetraram-se em sua vida, tornando não apenas a literatura um instrumento a serviço da realidade, mas também a realidade um instrumento a serviço da literatura. E, assim, com essas fronteiras “borradas”, inextricáveis e ambíguas, continuamos tentando desvendar a trajetória desse literato, que, da mesma forma que “brincava” com o fato de não se saber tabelião ou poeta, fazia política sem se declarar como tal. E, assim, seguia pela estrada da vida literatizando a si próprio, a tudo e a todos, com os arranjos líricos e satíricos que fazia com as palavras.

\*\*\*

Diante de tantas camadas e nuances de um personagem histórico que se transforma, junto e dialeticamente, com a sociedade de seu tempo, demonstramos o quão impossível e infrutífero é enquadrá-lo em estereótipos e rótulos que o circunscrevam a um projeto unívoco, pronto e acabado de modernização conservadora e elitista.

Sendo assim, abordamos tanto o personagem quanto o seu contexto de vida profissional e literária como atravessados pelas seguintes ambivalências: tradição e modernidade, humor e lirismo, oralidade e escrita, camadas populares e elites, rural e urbano, o “mundo real” e a ficção, a persona literária e o personagem histórico, o pragmatismo profissional e as letras, etc. Foi assim que perseguimos os “rastros” dispersos do personagem no início de sua inserção numa “cidade das letras” em construção e multifacetada.

---

<sup>663</sup> BRAGA, Belmiro. Circular. *Correio Paulistano*, São Paulo, 08/03/1915, p. 3.

Respondendo às ambivalências, indefinições e contradições de um mundo em transição na virada do século, Belmiro Braga foi e deve ser visto como um escritor incômodo, do entre-lugar, ávido por caminhos não necessariamente traçados, mas repletos de “encruzilhadas” e com extremidades difíceis de serem enxergadas. Entendemos que não é pelos extremos que melhor “dissecamos” esse personagem e apreendemos a sua atuação, mas nos interstícios da caminhada. Procuramos observar atentamente os olhares “intuitivos” do personagem através de seus textos, sem, ao mesmo tempo, ignorar suas estratégias de construção de seu fazer literário e de sua persona, no sentido de se equilibrar entre a roça, a cidade, o balcão do comércio, o cartório, a inspetoria de ensino e as diferentes formas de expressão literária por onde transitou, como a poesia, o verso, a prosa, o teatro, as conferências, o texto perenizado na imprensa e as quadras e discursos evocados na oralidade.

Contudo, mesmo em meio às inúmeras oscilações de uma carreira em construção, percebe-se, nesse primeiro decênio do século XX e na primeira metade da década de 1910, um movimento de consolidação da sua “persona literária” de poeta “ingênuo”, “natural”, “espontâneo”, de “alma simples e singela”. Persona essa que, devido à própria natureza de toda persona, mais limita a compreensão do personagem do que contribui para compreendê-lo na sua complexidade. Por isso mesmo, nosso objetivo foi, e continua sendo, o de desnaturalizá-la, compreendendo-a como construção histórica associada a diversas experiências do personagem ao longo do tempo, como a sua vinculação à figura do cachorro fiel, à imagem do “poeta das rosas”, a mitificação do “improvisado” e da “sinceridade” ao expressar as emoções, a defesa de um “regionalismo genuíno”, a ideia do “humor saudável”, passível de ser pacificamente acolhido por camadas amplas e heterogêneas da sociedade, etc.

Quando assim se representa, Belmiro Braga demonstra a forma estrategicamente ambígua como responde às questões de seu tempo. Insistindo no argumento defendido desde o início dessa tese, as categorias “ingênuo”, “natural”, “espontâneo”, de “alma simples e sincera” conformam a construção de uma persona que se pauta na literatização da vida do escritor, mas necessária à sua manutenção e permanência no incipiente campo literário brasileiro naquele momento. Sem aderir a um programa literário, B. B. se alimentou de múltiplas influências e as ressignificou ao seu modo.

Sem se comprometer com algum estilo ou tendência específica, teve a liberdade de transitar por múltiplas experiências literárias. Valendo-se da autoironia, “malandramente” dizia que os poetas o chamavam de tabelião, enquanto os tabeliões o chamavam de poeta. E,



por fim, considerando-se refratário à “confraria do elogio mútuo”, transitava por diferentes rodas literárias e almejava institucionalizar a vida literária em Juiz de Fora.

Todas essas ambiguidades apontadas, obviamente, não eximem Belmiro Braga de ser considerado um ator político. Isso não se deve apenas à sua candidatura a deputado, que tornou explícita sua tentativa de transferir para o campo político o capital simbólico acumulado no campo artístico-literário (e vice-versa). Independente disso, porém, como produtor de bens simbólicos, ele possuía uma dimensão política em suas propostas estéticas e em suas interpretações, diagnósticos e prognósticos da realidade social, utilizando-se, inclusive, de significativo poder de comunicação social. Conquanto não estivesse engajado diretamente a um programa político vanguardístico que prometia “grandes transformações”, não nos resta dúvida de que B. B. atuava em constante articulação entre arte e política. Conforme assevera Ângela de Castro Gomes, este vínculo constitui a própria atividade intelectual. Por isso, nosso objetivo foi, e continua sendo, o de desvendar as muitas nuances e camadas existentes nas relações entre esses dois termos (arte e política), sem deixar de encontrar no literato uma “ampla área de liberdade e escolha”.<sup>664</sup>

A contragosto ou não, B. B. votou pela transferência da Academia Mineira de Letras para a capital do Estado, do mesmo modo que lançou mão do livre-arbítrio ao tomar a decisão de se mudar para o Rio de Janeiro em 1916. Mas, afinal, o que motivou e significou essa “mudança” do literato para a capital federal? Esse é o assunto do capítulo vindouro...

---

<sup>664</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*, p. 19.

## 5 O LITERATO E SEU ENTRE-LUGAR NO ÚLTIMO SUSPIRO DA *BELLE ÉPOQUE* CARIOCA

Articulando modernidade, nacionalismo, humor, “espírito simbolista”, nesse capítulo, abordaremos o período em que Belmiro Braga se mudou para o Rio de Janeiro e lá procurou se aproximar ainda mais dos espaços e redes de sociabilidade literárias da capital.

Nosso objetivo é avaliar se essa transferência temporária de residência para terras cariocas significou, ou não, um afastamento do universo artístico, literário e político mineiro e juiz-forano, em particular. Além disso, buscaremos reconstituir parte da “rede cômica” do literato no âmbito da vida literária do Rio de Janeiro desse contexto que Elias Thomé Saliba denomina “último suspiro da *Belle Époque*”.

Por fim, trataremos da estratégia de publicação do livro *Contas do meu rosário* e sua recepção pela crítica, reiterando o perfil de Belmiro Braga como um poeta do entre-lugar, que se equilibrava entre o humor e o lirismo melancólico. Teria havido, nesse momento que Antônio Sales chama de “maturidade literária” do “Trovador de Vargem Grande”, alguma mudança nas avaliações publicadas sobre a obra belmiriana na imprensa? Seria possível encontrar na atmosfera simbolista carioca um ambiente propício à recepção de sua poética pelos literatos atuantes nas redações de jornais e revistas e nos mais diversos espaços de sociabilidade?

### 5.1 Humor, modernidade, nacionalismo e “espírito simbolista” no Rio de Janeiro

1916 foi um ano de muitas mudanças na vida de Belmiro Braga. Seu único filho, José Epitácio, prestes a completar 22 anos no mês de outubro, fora admitido no Exército através de exame admissional realizado no ano anterior.<sup>665</sup> O rapaz, que desenvolvera ao longo de sua formação escolar, em Juiz de Fora, habilidades com as ciências exatas, acabou se inclinando à carreira militar.

Preocupado em ofertar ao filho, desde a infância, uma educação que não tivera a oportunidade de acessar, Belmiro não deixava de transparecer certo desconforto com os moldes do ensino formal ofertado pelas escolas particulares católicas em Juiz de Fora. Mas o fato é de que, não sendo o autodidatismo o melhor caminho para levá-lo à tão almejada

---

<sup>665</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], [mar. 1915]. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

estabilidade profissional, era preciso percorrer o caminho do ensino formal para conquistar uma vaga no serviço público, ainda que nos quadros das forças armadas.

Ao longo do percurso formativo de José nos idos da década anterior, B. B. utilizava o humor como forma de abordar esse assunto com seu maior confidente, Antônio Sales, que também não parecia nutrir grande simpatia pelo ensino católico tradicional e militar. Ironicamente, dizia que “as matemáticas” acabariam deixando o filho “burro”<sup>666</sup> e que os estudos acabariam por torná-lo um “bacharel completo”<sup>667</sup>. Certa feita, ao vê-lo desinteressado pela leitura, atribuiu a culpa aos enfadonhos e antiquados manuais de literatura do colégio, organizado, segundo B. B., por algum bacharel que queria “martirizar” as crianças com “trechos compactos de autores clássicos”. Por essas e outras, não foram poucas as vezes em que se deparou com José “devorando” com entusiasmo Júlio Verne e as revistas *Tico-Tico* e *Fafarinho*, por ele consideradas leituras mais palatáveis e acessíveis aos leitores em idade escolar.<sup>668</sup>

Residindo no Rio de Janeiro durante o período de formação na Escola Militar de Realengo, José Epitácio tinha o cearense como uma de suas referências na capital federal.<sup>669</sup> Afinal, o menino o conheceu aos cinco/seis anos de idade, quando Sales e seu pai, em 1900, tornaram-se amigos no vilarejo de Cotegipe. Filho único e muito protegido pelos pais, acabaria levando Otília a sentir profundamente a sua ausência, de modo que, em abril de 1916, ela e o marido acabariam transferindo residência para a capital federal.<sup>670</sup>

Essa decisão teria, é claro, impactos na organização da vida profissional de Belmiro Braga, que solicitou licença remunerada junto ao governo do Estado de Minas Gerais para se ausentar do cartório em que era tabelião, deixando como substituto o amigo Juvenal Augusto da Silva.<sup>671</sup> Para desocupar a casa em que morava em Juiz de Fora, colocou seus móveis em leilão<sup>672</sup> e vendeu os mais de mil exemplares de sua biblioteca para a Livraria Sampaio.<sup>673</sup> De

---

<sup>666</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 28/04/1914. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>667</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 18/04/1910. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>668</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 18/03/1908. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>669</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], [mar. 1915]. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ). Nessa carta, Belmiro afirma: “O José está aí fazendo exame e vai te procurar”.

<sup>670</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 29/04/1915. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>671</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 23/04/1916, p. 2.

<sup>672</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 13/01/1916. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

todo o acervo bibliográfico que possuía, apenas duzentos títulos teriam sido mantidos com ele.<sup>674</sup> Dispersava-se, assim, uma significativa coleção de literaturas portuguesa, francesa, inglesa e brasileira, por onde, poucos anos atrás, o ainda menino Murilo Mendes tivera o prazer de se enveredar.<sup>675</sup>

Sem se despedir oficialmente dos amigos conterrâneos, Belmiro Braga lhes comunicava a mudança em nota publicada no jornal *O Pharol*, na qual constava seu novo endereço na altura da Praia do Flamengo, n. 10.<sup>676</sup> No Rio de Janeiro, a *Revista da Semana* foi um dos primeiros veículos de comunicação que informaram a sua chegada.<sup>677</sup> Em que pesem os comentários de que sua saída de Juiz de Fora seria temporária, o fato é que o “tabelião-poeta” partia sem data para voltar. Seu objetivo não parece ter sido o de apenas acompanhar o filho nos estudos, mas também o de adensar sua projeção literária nessa que era conhecida como uma cidade na qual se concentravam e da qual irradiavam culturas provenientes das mais diversas regiões do país.

B. B., obviamente, não foi o primeiro nem o último – muito menos o único – a transferir residência para lá. Inúmeros escritores brasileiros de outros Estados já o haviam feito. Muitos deles, sendo integrantes dos quadros da burocracia estatal, efetuaram sua transferência sob o chamado de chefes políticos do regime republicano, ao passo que outros tantos eram migrantes sequiosos de encontrar um “lugar ao sol”. Parece-nos ter sido este o caso de Belmiro Braga, embora a licença remunerada do cargo de tabelião garantisse, a princípio, certa segurança à sua sobrevivência, permitindo-lhe ousar um pouco mais em seus novos projetos.<sup>678</sup>

Cansado do maçante trabalho no cartório, partiu em busca de ressignificar a própria vida e carreira, atrás de novas oportunidades que lhe permitissem se dedicar com mais afinco às atividades literárias. Porém, como as expectativas e a realidade muitas vezes acabam se chocando, alguns desafios se impuseram de imediato. A intenção de arranjar algum cargo público e de montar casa na capital não se concretizou. Consequentemente, ele e a família precisaram transitar por hotéis e pensões, tornando a vida um tanto cansativa, dispendiosa e instável.

<sup>673</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 13/04/1916, p. 1. Acervo: Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

<sup>674</sup> Carta de Belmiro Braga parra Antônio Sales, Juiz de Fora, 19/04/1916. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>675</sup> MENDES, Murilo, op. cit., p. 40.

<sup>676</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 23/04/1916, p. 2.

<sup>677</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 29/04/1916, p. 25.

<sup>678</sup> MICELI, 1979, p. 178-179.

Visando a complementar a renda, embrenhou-se no ramo da venda de seguros de vida na *Cruzeiro do Sul – Companhia Nacional de Seguros de Vida e Acidentes*, cujo escritório ficava localizado na Rua da Quitanda, n. 120.<sup>679</sup> Nessa atividade, logrou êxitos, na medida em que pôde articular o sucesso nas vendas à sua fama de poeta e humorista. Sua esposa, impelida pela instabilidade de ordem financeira, não demoraria voltar a residir em Juiz de Fora, trabalhando como costureira para a numerosa família do marido.<sup>680</sup>

Como nos lembra Sérgio Miceli, o ofício de costureira, assim como o de bordadeira, de doceira, dentre outros, era muito comum entre as esposas de escritores egressos da aristocracia decadente. Em razão da instabilidade profissional e da vida nômade dos maridos, elas ficavam em casa prestando serviços de baixa rentabilidade aos parentes mais abastados. Assim, contribuía para “sustar o processo de desclassificação social”<sup>681</sup> e manter o capital social e simbólico por meio da proximidade com o estilo de vida das elites.<sup>682</sup>

Manter-se no Rio de Janeiro seria um grande desafio. Era preciso buscar novos horizontes, sem ao mesmo tempo perder o lastro com a terra de origem. Para ele, o trânsito entre a capital do país e a terra natal era incontestavelmente facilitado pela linha férrea e a proximidade geográfica. Nesse aspecto, sua situação era muito mais privilegiada do que a de muitos outros literatos oriundos de terras longínquas, como o Norte e o Nordeste, que também buscavam o Rio de Janeiro como terra de oportunidades.

O estreitamento de laços com a intelectualidade carioca desse contexto não significa, de modo algum, um distanciamento de seu estado. Podemos começar a discutir sobre esse ponto a partir do próprio questionamento do termo “intelectual carioca”, que, para Ângela de Castro Gomes, está longe de ser definido pelo indivíduo nascido no Rio de Janeiro, mas sim por aqueles que construíam no Rio de Janeiro sua rede de sociabilidade, mantendo contatos com sua terra natal e/ou tecendo articulações que se “espraíam para outras partes do país”.<sup>683</sup>

Era exatamente essa a dinâmica de atuação do mineiro Belmiro Braga em terras cariocas. Não nos parece plausível supor que, ao residir na capital federal, ele tivesse buscado desviar o foco das atividades culturais e literárias de seu município. A luta contra o

---

<sup>679</sup> O endereço do escritório aparece no papel timbrado da seguinte carta: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 01/07/1919. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>680</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Rio de Janeiro], 16/04/1918. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ). Nessa missiva, B. B. comenta com Sales: “A Otília em Juiz de Fora é costureira da minha família e minha família em Minas é quase do tamanho da Babaquara”.

<sup>681</sup> MICELI, 1978, p. 99.

<sup>682</sup> MICELI, 1978, p. 104.

<sup>683</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa Gente do Rio...*, p. 19.

ostracismo era uma pauta muito cara a ele e a seus conterrâneos, que criticavam a excessiva concentração dos holofotes literários sobre a metrópole, em detrimento dos literatos interioranos. Embora se mantivesse membro fundador da Academia Mineira de Letras mesmo com a transferência da agremiação para Belo Horizonte, acessava mais facilmente a capital do país do que a capital de seu estado, mais longínqua em relação à Juiz de Fora.

Entre 1916 e 1920, o autor de *Rosas* manteve constantes visitas à terra de origem, fomentando o intercâmbio e a mediação cultural entre os dois territórios. Sua missão nos parece consentânea com a de muitos literatos ditos “provincianos”, no sentido de tentar impulsionar a representatividade de sua terra de origem na capital do país, onde se dispunham de muitas redações de jornais e revistas e espaços de sociabilidade onde seus trabalhos pudessem reverberar em âmbito nacional, abrindo, inclusive, caminhos para os conterrâneos.

Essas “idas e vindas” entre Rio de Janeiro e Juiz de Fora marcaram a vida do poeta, fosse para proferir e/ou assistir às palestras; lançar o teatro de revista *Zaz-Traz*, representado com muito sucesso por uma companhia; colaborar com o jornalismo local; acompanhar o sucesso de suas peças de teatro nos espaços culturais do município, como o *Ideal Cinema*, o *Cinema Halfeld*, etc. A propósito, um grupo de amadores, inaugurando em Juiz de Fora uma agremiação dramática com seu nome, a *Associação Dramática Belmiro Braga*, solicitou-lhe a escrita de um teatro de revista em dois atos para inaugurar seus espetáculos – uma adaptação de uma comédia de costumes portuguesa, a cujos ensaios ainda assistiu.<sup>684</sup>

Além disso, o literato continuava fomentando o intercâmbio de escritores entre os periódicos da capital e os de Juiz de Fora. Foi este o caso do próprio amigo Sebastião de Souza, mais conhecido como Gastão Penalva, que, em 1919, já tendo colaborado esporadicamente com a imprensa local com algumas crônicas – como *Elogios do Riso*<sup>685</sup>, *Humorismo e Humoristas*<sup>686</sup> -, passou a colaborar regularmente com o jornal *O Pharol*.<sup>687</sup> Em

---

<sup>684</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 19/06/1917. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>685</sup> PENALVA, Gastão. Elogios do Riso. *O Pharol*, Juiz de Fora, 13/10/1918, p. 1.

<sup>686</sup> PENALVA, Gastão. Humorismo e Humoristas. *O Pharol*, Juiz de Fora, 23/01/1919, p. 1.

<sup>687</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 16/09/1919, p. 1. Dentre várias outras crônicas, Gastão Penalva publicou em *O Pharol* as crônicas “Crônica Frívola” (21/09/1919, p. 1); “A psicologia do leitor de jornal (29/10/1919, p. 1); “Marinetti Passadista” (16/05/1926, p. 1).

1919, dedicaria pelo menos duas delas ao amigo Belmiro Braga: *As calças de Xadrez*<sup>688</sup> e *Letras Patrícias*<sup>689</sup>.

Em diversos momentos, Belmiro Braga aparece nas famosas revistas ilustradas cariocas divulgando Juiz de Fora ou prestigiando os eventos locais, a exemplo do jantar oferecido no *Hotel Rio de Janeiro* aos jornalistas mineiros, em 1919. *O Malho*, por essa ocasião, fez a cobertura do evento, enaltecendo o desenvolvimento da cidade no campo da indústria, do ensino e da caridade, bem como a figura do então presidente da Câmara dos Vereadores e futuro prefeito, José Procópio Teixeira. Em uma das fotos, o poeta figura ao lado de outros escritores regionais, como Gilberto de Alencar.<sup>690</sup>

Após fundar-se em Juiz de Fora a “Associação Brasileira Belmiro Braga”, a revista *Fon-Fon*, em 1918, não deixou de publicar foto do patrono em uma de suas visitas a essa agremiação. Do mesmo modo, a imprensa juiz-forana se mantinha atenta às suas ações em terras cariocas, noticiando, por exemplo, o início de suas colaborações ao jornal *A Noite*<sup>691</sup>, fundado em 1911 por Irineu Marinho e considerado um canal estratégico por onde se conseguia publicar em várias outras folhas da capital federal.<sup>692</sup>

---

<sup>688</sup> PENALVA, Gastão. As calças de xadrez. *O Pharol*, Juiz de Fora, 15/10/1919, p. 1. Trata-se de uma crônica bem-humorada que o autor escreve sobre a calça xadrez do poeta e seu típico cravo pendurado na lapela.

<sup>689</sup> PENALVA, Gastão. Letras Patrícias – *Cantos e Contos*, de Belmiro Braga. *O Pharol*, Juiz de Fora, 05/12/1919, p. 1. Trata-se de um comentário elogioso sobre a produção literária belmiriana, especialmente no livro *Cantos e Contos*.

<sup>690</sup> *O Malho* em Juiz de Fora – o progresso da importante cidade mineira. *O Malho*, Rio de Janeiro, 31/05/1919, p. 38. Na Reserva Técnica do Museu Mariano Procópio, há um livro encadernado em prata dedicado a José Procópio Teixeira, no qual se encontram diversos autógrafos de celebridades – dentre eles, o de Belmiro Braga, que também assina uma trova de homenagem.

<sup>691</sup> “Belmiro Braga, atualmente no Rio, iniciou sua brilhante colaboração na *Noite*, ali fazendo publicar uma interessante seção humorística, em versos, a qual, como era de esperar, tem causado grande sucesso. Em outro lugar damos hoje as deliciosas quadrinhas sob o título ‘As modas’, e que foram publicadas pela *Noite* em sua edição de domingo. Felicitamos o popular vespertino pela bela aquisição que acaba de fazer, com a entrada do vitorioso poeta das *Rosas* para o rol dos seus distintos colaboradores.” (Fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 05/12/1917, p. 1)

<sup>692</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de M.. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: CHALHOUB, Sidney; et alii. *História em cousas miúdas...*, p. 221.

Figuras 23 e 24 – Presença de Belmiro Braga no jantar oferecido aos jornalistas mineiros e visita do mesmo poeta à associação da qual era patrono em Juiz de Fora (MG).

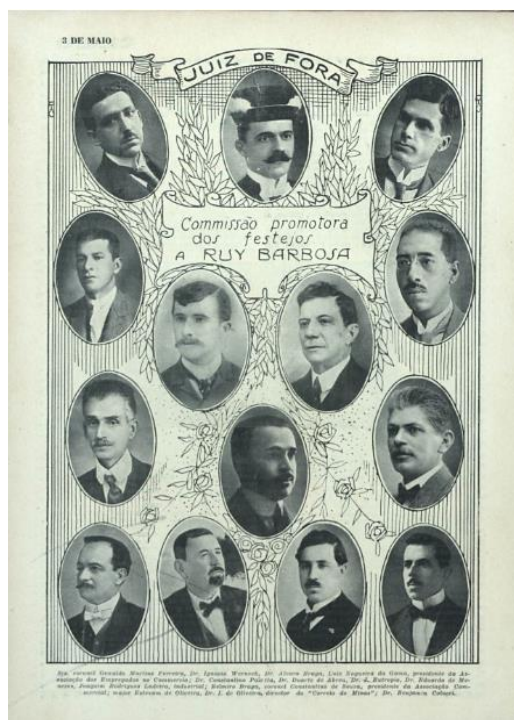


**Fonte (figura 23):** *O Malho*, Rio de Janeiro, 31/05/1919, p. 38. Jantar oferecido, no *Hotel Rio de Janeiro*, em Juiz de Fora (MG), aos jornalistas mineiros. Ao fundo, Oswaldo Silva e Heitor Guimarães; do lado esquerdo, Belmiro Braga, Pedro Martins e Dr. José Galhanone; do lado direito, os Srs. Gilberto de Alencar e J. Kascher. **Fonte (figura 24):** *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 31/08/1918, p. 35. Belmiro Braga em visita à associação da qual era patrono, em Juiz de Fora (MG). De pé: Alencar Bretas, Francisco Bretas, Godofredo d’Albuquerque, Gustavo Erse, J. Corrêa d’Almeida, Manoel Valério; sentados: Michilina Neves, Conceição Neves, Belmiro Braga, Mocinha Ferreira.

As articulações políticas com a elite local também continuaram ativas. Em 1919, por ocasião da passagem de Rui Barbosa por Juiz de Fora, em atividade de campanha presidencial, Belmiro Braga se juntou a um grupo de homens letrados do município para compor a “Comissão Promotora dos Festejos a Rui Barbosa”. Para divulgar essa adesão à campanha, *O Malho* publicou a seguinte arte com os retratos e os nomes dos membros dessa comissão:



Figura 25 – Comissão promotora dos festejos a Rui Barbosa em Juiz de Fora (MG)



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 03/05/1919, p. 31. De cima para baixo, da esquerda para a direita: Oswaldo Martins Ferreira, Ignacio Werneck, Álvaro Braga, Luiz Nogueira da Gama (presidente da Associação dos Empregados no Comércio); Constantino Paletta, Duarte de Abreu, José Eutrópio, Eduardo de Menezes, Joaquim Rodrigues Ladeira (industrial); **Belmiro Braga**, Constantino de Souza (presidente da Associação Comercial); Estêvão de Oliveira, I. de Oliveira (diretor do *Correio de Minas*); Benjamin Colucci.

Além de ter a imprensa como principal aliada na divulgação do nome de seu município e de seu Estado, B. B. se juntaria à chamada “colônia” mineira na capital federal através da ativa participação nos eventos do Centro Mineiro, do qual veio a se tornar, por indicação de João Machado<sup>693</sup>, membro de seu conselho fiscal, logo em 21 de abril de 1917.<sup>694</sup>

Ainda pouco explorada pela historiografia, essa associação, de cunho mutualístico e filantrópico, foi fundada no Rio de Janeiro em 1878, com o objetivo de defender os interesses dos mineiros na capital do Império, por meio de ações assistencialistas aos que necessitassem de ajuda em questões relacionadas à saúde e aos sepultamentos.<sup>695</sup> Ao longo do tempo, sua identidade parece ter se fortalecido no fomento aos laços de solidariedade entre migrantes

<sup>693</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 06/06/1918. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>694</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/04/1917, p. 2.

<sup>695</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10/09/1913, p. 7.

mineiros, através de ações de valorização das tradições culturais, hábitos e costumes do Estado que pudessem servir de fortalecimento do indivíduo, protegendo-o contra o ritmo ruidoso, acelerado e potencialmente nocivo aos valores e tradições da dita “mineiridade”.

Seu objetivo era ser “um pedacinho do grande Estado transplantado” para o Rio de Janeiro, no qual “seus filhos, ainda aturdidos pelo estridor da grande capital, alheios ao seu movimento e saudosos da sua terra e da sua gente”, pudessem encontrar “o eco bem vivo” de Minas Gerais “entre os produtos, os hábitos, o aconchego, as palestras, as ideias, os jornais e a cordialidade conterrânea desse centro”. A preocupação de seus associados, portanto, era a de facilitar – ou pelo menos tornar menos difícil – a “fusão social” para o “provinciano” que se “exilava” para uma cidade considerada grande e cosmopolita.<sup>696</sup>

Desprovido de prédio próprio para instalar sua sede, o C. M. chegou a funcionar em diversos pontos da capital, como a Rua da Constituição, o Largo da Carioca, a Praça Tiradentes e a Praça XV de Novembro. Com a Proclamação da República e a implantação do regime federativo, o Centro Mineiro se destacou na busca de protagonismo de Minas Gerais junto às esferas centrais de poder na capital federal. Primeiramente, elegendo como “mito de origem” a Conjuração Mineira e enaltecendo de várias formas possíveis a figura de Tiradentes como o “pai” da República e da democracia brasileiras, arrogando para Minas Gerais esse papel central na história do Estado-nação.<sup>697</sup>

Apesar de não se declarar uma associação política, o C. M. desempenhava nitidamente esse papel, oferecendo apoio às campanhas de candidatos mineiros à presidência da República<sup>698</sup> e abrindo suas portas à bancada estadual no Congresso Federal<sup>699</sup>. Também servia de *locus* para industriais e comerciantes de Minas Gerais ampliarem a divulgação de seus produtos, atraindo os interesses tanto de nacionais quanto de estrangeiros.<sup>700</sup>

<sup>696</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 18/08/1907, p. 1.

<sup>697</sup> Era prática comum no C. M. comemorar o 21 de abril, “Dia de Tiradentes” com alguma atração cultural – sobretudo palestras sobre o martírio do “herói”, como se verifica em 1911 (Fonte: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22/04/1911, p. 3); em em 1917 (Fonte: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22/04/1917, p. 4).

<sup>698</sup> Os fundadores do comitê responsável por organizar o plano de propaganda da candidatura de Wenceslão Braz se reuniam no Centro Mineiro (Fonte: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 30/07/1913, p. 2); a “União Republicana” também utilizava a sede do CM para realizar as suas atividades (Fonte: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 11/12/1913, p. 20); o presidente eleito de Minas Gerais, Arthur Bernardes, chegou a ser homenageado com um almoço no C. M. (Fonte: *O Pharol*, Juiz de Fora, 06/09/1918, p. 1).

<sup>699</sup> O C. M. realizava recorrentes homenagens a deputados mineiros no Congresso Federal, como ao então líder da bancada mineira, Ribeiro Junqueira, em 1913 (Fonte: *O Paiz*, 28/01/1913, p. 5) e ao Carlos Peixoto, presidente da Câmara dos Deputados (Fonte: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 02/06/1908, p. 3). Vale destacar, ainda, que o C. M. previa a destinação de uma sala especial, em seu projeto de sede, datado de 1913, para reuniões de deputados da bancada mineira (Fonte: *O Paiz*, Rio de Janeiro, 28/01/1913, p. 5).

<sup>700</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 05/08/1907.

Após realizar investimentos financeiros arriscados, a instituição perdeu todo seu patrimônio, vindo a se reestruturar com a administração de uma nova diretoria, nomeada em 1917, momento em que Belmiro Braga, recém-chegado de Juiz de Fora, não apenas integrou seu conselho fiscal, como também passou a atuar mais diretamente em suas atividades sociais.

Em agosto de 1917, o Centro Mineiro encabeçou um projeto conhecido como *Hora Artística e Literária*, cujo objetivo era “levar ao conhecimento público produções inéditas” dos chamados “modernos escritores”. Realizado no salão da Associação dos Empregados do Comércio e com bilhetes vendidos na livraria *Garnier* e na sorveteria *Alvear*<sup>701</sup>, o evento reuniu Belmiro Braga, Augusto de Lima, o pintor Fernandino Júnior e o deputado Fausto Ferraz, nomes que, segundo a *Revista da Semana*, significavam “o encanto dessa hora de puro gozo intelectual”.<sup>702</sup> Em outubro do mesmo ano, o projeto teve sua segunda edição presidida por Alberto de Oliveira e apostando, dessa vez, na conferência humorística “De Juiz de Fora a Paris”, de Belmiro Braga, como a grande atração da noite. Sua performance, segundo a *Gazeta de Notícias*, teria provocado muitas risadas. Entre os presentes, estavam os escritores José Oiticica, Brant Horta e Antônio Sales.<sup>703</sup>

Em outubro do mesmo ano, o autor de *Montezinas* também marcou presença na sessão solene realizada pelo C. M. na rua da Carioca, recepcionando a visita do então presidente de seu Estado, Delfim Moreira. O objetivo do encontro era planejar a participação de Minas Gerais nas comemorações do centenário da Independência do Brasil, a serem realizadas em 1922. Em um deliberado esforço de lhes garantir posição de destaque nesse certame nacional, os mineiros propunham que se realizasse em Ouro Preto a sua própria festa do Centenário da Independência.<sup>704</sup> Para tanto, a diretoria da agremiação solicitava ao governo do Estado que se destinasse, a partir daquela data, uma quota para custear as despesas com a solenidade, que também contaria com campanhas de doações. Autoproclamando-se “filhos de Minas nesta capital” e detentores de “grande amor pelas nossas tradições”, os associados ainda solicitavam ao governo estadual a fundação de um instituto de ensino profissional em Ouro Preto, nos moldes do Instituto João Pinheiro, com o objetivo de “preparar os filhos de Minas para o domínio da vida independente”.<sup>705</sup> E, em junho de 1918, Belmiro Braga ainda proferiu

---

<sup>701</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 02/10/1917, p. 4.

<sup>702</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11/08/1917, p. 29.

<sup>703</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 15/10/1917, p. 2.

<sup>704</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25/10/1917, p. 5.

<sup>705</sup> Os hóspedes ilustres: a recepção de ontem ao Sr. Delfim Moreira no Centro Mineiro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25/10/1917, p. 5.

palestra em homenagem ao sucessor de Delfim Moreira na presidência de MG e futuro presidente do Brasil, Arthur Bernardes.<sup>706</sup>

No entanto, o C. M. não era o único espaço de sociabilidade mineiro que Belmiro Braga frequentava na terra do falecido mestre Machado de Assis. Ele também participou da primeira sessão solene da Associação dos Acadêmicos Mineiros, realizada no salão nobre da Sociedade de Geografia, onde declamou uma de suas produções poéticas, ao lado de Astolpho Rezende, que palestrou sobre “As tradições liberais de Minas”; de Brant Horta, com “A Sertaneja”, o “Batuque Mineiro, a “Sereneta de Gouned” e a valsa “Marcha Liège”; e do “imortal” da ABL, Augusto de Lima, com uma de suas poesias.<sup>707</sup>

Como roteirista de peças teatrais já bastante conhecido nesse meio, B. B. também participou da formação da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, em 1917.<sup>708</sup> Em 4 de outubro, compareceu à sede da Associação Brasileira de Imprensa para discutir e votar, juntamente com outros 47 sócios presentes, seus estatutos. Nessa reunião, reencontrou Gastão Tojeiro, seu parceiro na escrita de *Coisas da Vida*, sua primeira peça de teatro, de 1909. Também esteve com Coelho Netto, Viriato Corrêa, Raul Pederneiras, Bastos Tigre, Paulo Barreto (João do Rio), Francisca Gonzaga (mais conhecida como Chiquinha Gonzaga, a única mulher do grupo), dentre outros.<sup>709</sup>

Nessa reunião, foram discutidos e aprovados os fins da agremiação, que consistiam basicamente nos seguintes pontos: i) conservar sempre elevado o nível da classe; ii) ser um elemento permanente da propaganda do teatro nacional; iii) aproximar os autores entre si; iv) defender e elevar, quanto possível, a propriedade literária e artística em todo o país e fora dele; v) garantir os direitos de propriedade das obras de seus associados; vi) esforçar-se pela

---

<sup>706</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 06/09/1918, p. 1. Ver também: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 06/06/1918. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>707</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 02/08/1918, p. 8.

<sup>708</sup> NERY, Laura. *Cenas da vida carioca: o Rio no traço de Raul Pederneiras*. In: CHALHOUB, Sidney (org.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 436.

<sup>709</sup> Ata de reunião da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, Rio de Janeiro, 04/10/1917. Segue a lista completa dos sócios presentes à assembleia: Coelho Netto, Viriato Corrêa, Raul Pederneiras, Bastos Tigre, Paulo Barreto, Belmiro Braga, Agenor de Carvoliva, Goulart de Andrade, Avelino de Andrade, Carlos Cavaco, Azevedo Coutinho, Francisca Gonzaga, Alvarenga Fonseca, Ignacio Raposo, Luiz Peixoto, Cândido Costa, Fábio Aarão Reis, Lessa Bastos, Marques Pinheiro, Raphael Pinheiro, Julião Machado, Arthur Cintra, J. Brito, Rubem Tavares, Carlos Bittencourt, Abílio Margarido, Mário Monteiro, Euclides Bastos, J. Praxedes, Oduvaldo Vianna, Delgado de Carvalho, Henrique Oswald, Oscar Lopes, Benjamin Carvoliva, Arlindo Leal, João Luzo, Restier Júnior, Irmãos Quintiliano, José Nunes, Paulino do Sacramento, Adalberto de Carvalho, Bento Mussurunga, Mauro de Almeida, Medeiros de Albuquerque, Oscar Guanabario, Viriato Corrêa, Gastão Tojeiro.

isenção de impostos sobre espetáculos em que forem representados originais de autores brasileiros. Por fim, foram votadas as regras para admissão de sócios, quais sejam: i) ser brasileiro do sexo masculino ou do sexo feminino; ii) ser aceito pela diretoria, mediante proposta assinada por qualquer associado; iii) estrangeiros, para serem admitidos, deveriam ser aceitos por 2/3 da Assembleia Geral, mediante proposta assinada por, no mínimo, cinco membros; iv) possuir pelo menos uma obra teatral já publicada ou representada.<sup>710</sup>

Preenchendo todos os requisitos de admissão elencados nos estatutos, Belmiro Braga já se tornara nacionalmente conhecido com suas peças teatrais. Várias companhias as encenavam em diversos estados brasileiros, granjeando-lhe fama e, ao mesmo tempo, suscitando preocupações com os usos indiscriminados de seus roteiros. A preocupação que unia os sócios da SBAT era justamente a de buscar estratégias para regular e regulamentar a prática teatral no país, buscando proteção aos direitos autorais, a valorização dos autores e do teatro nacional, em face das aviltações provocadas pelo processo de mercadologização das artes.<sup>711</sup> B. B. participava, portanto, de um momento importante para as artes dramáticas no país, ao lado de nomes consagrados.

O literato continuaria fazendo diversas incursões por outros espaços de sociabilidade, como ouvinte, palestrante ou recitador de poemas, feitos de improviso ou já publicados. Ele, que já era conhecido das rodas literárias cariocas desde a virada do século, apostava no aprofundamento dessas interlocuções no momento em que, segundo seu “padrinho das letras”, experimentava sua “maturidade literária”.<sup>712</sup>

Poucos meses após a sua chegada ao Flamengo, a revista *Fon-Fon* publicava uma nota comentando sobre o apelo carismático de sua presença no cotidiano carioca: “[...] em poucos meses de residência no Rio de Janeiro já é amigo (e que amigo!) de toda a população e até dos *touristes!*”<sup>713</sup> Vale ressaltar que, em 1915, a *Gazeta de Notícias* já comentava sobre a popularidade do poeta e o “sabor ingênuo da perene juventude” comunicado por seus versos.<sup>714</sup>

Despedidas e recepções de nomes consagrados da política, das letras e das artes, bem como eventos beneficentes, estavam na lista dos mais frequentados por Belmiro Braga.

<sup>710</sup> Ata de reunião da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, Rio de Janeiro, 04/10/1917.

<sup>711</sup> SEVCENKO, op. cit., p. 128.

<sup>712</sup> SALES, Antônio. Belmiro Braga. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 03/05/1919, [s. p.]. Recorte de jornal que se encontra no álbum do poeta Belmiro Braga, no acervo particular de sua sobrinha-neta, Leila Maria Fonseca, em Juiz de Fora (MG).

<sup>713</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 04/11/1916, p. 19.

<sup>714</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/11/1915, p. 7.

Poderíamos citar aqui muitos exemplos, mas, para não nos alongarmos, restringiremo-nos a alguns apenas, a começar pela festa de encerramento do ano letivo do *Instituto La-Fayette*, no qual Olavo Bilac figurou como o principal convidado, representando a Liga da Defesa Nacional, fundada em 1916 com o propósito de propagar o nacionalismo e o patriotismo, incentivando a juventude a defender o Brasil em uma possível participação do país no conflito mundial na Europa. Nessa festa, inaugurou-se um busto de Tiradentes, de autoria de Adalberto de Mattos, ao som da Marselhesa e do discurso do diretor do instituto em defesa da educação patriótica.<sup>715</sup>

Já em 1916, Belmiro Braga não apenas participa de diversos eventos nos quais Olavo Bilac marcava presença, como também acabou se tornando testemunha de seu testamento.<sup>716</sup> O “Trovador de Vargem Grande”, que o recepcionara em sua visita a Juiz de Fora em 1909, deparava-se com as facetas boêmia e prosaica de seu ídolo já inteiramente suplantadas pelos ideais nacionalistas nos quais se engajara.<sup>717</sup>

Eleito “Príncipe dos Poetas Brasileiros” em concurso promovido pela *Fon-Fon* em 1913, Bilac era visto como uma das maiores referências da chamada geração parnasiana, assim como Alberto de Oliveira, de cuja festa de aniversário natalício, realizada no salão nobre do *Jornal do Comércio*, Belmiro Braga participou em 1917. Organizada pela poetisa Laurita Lacerda, a comemoração foi concebida em forma de festival artístico, recebendo a “adesão calorosa e unânime” de muitos homens de letras, como Antônio Sales, Olavo Bilac, Luiz Edmundo, Humberto de Campos, Flexa Ribeiro, Olegário Mariano, Júlia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida, Felipe de Oliveira, Rodrigo Octavio, Carlos Maul, José Oiticica, João Luso, Viriato Correia, Raul de Leoni, Oswald de Andrade, Afrânio Peixoto, Osório Duque Estrada, Gustavo Barroso, Mário de Alencar, Emílio de Menezes, dentre outros.<sup>718</sup>

Belmiro Braga também esteve ao lado de Alberto de Oliveira na sessão litero-musical dedicada ao escritor chileno D. Miguel Luiz Rocuant, conselheiro da embaixada do Chile e secretário da Biblioteca de Santiago, que veio ao Brasil assistir à posse do presidente eleito Epitácio Pessoa.<sup>719</sup> E, no banquete da confeitaria Paschoal, ofertado ao escritor Raul de Leoni,

<sup>715</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 26/12/1917, p. 5.

<sup>716</sup> *O Pharol*, Juiz de Fora, 27/05/1916, p. 2.

<sup>717</sup> HANSEN, Patrícia Santos. A defesa nacional de Olavo Bilac, entre o patriotismo cívico republicano dos anos 1910 e o autoritarismo militar dos anos 1960. In: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia dos Santos (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 403-435.

<sup>718</sup> Um festival de arte... Homenagem ao poeta Alberto de Oliveira. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/04/1917, p. 3.

<sup>719</sup> Artes e Artistas. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 27/11/1919, p. 4.

por ocasião de sua partida para Cuba como 2º secretário da legação brasileira naquele país, aproveitou a oportunidade para estar em contato com Gustavo Barroso, Olegário Mariano, Ronald de Carvalho e João do Rio (Paulo Barreto).<sup>720</sup>

Dos eventos de cunho assistencialista de que participou, vale citar, por exemplo, a “Festa dos Lázaros”, na qual declamou os poemas “Os Lázaros” e “Paletó de Brim”, ambos de sua autoria. Dentre os presentes, estava o então presidente da República Wenceslau Brás.<sup>721</sup> Nos jardins da residência da família Filinto de Almeida, em que se realizou uma festa em benefício da Assistência de Santa Thereza, declamou quadras humorísticas no mesmo programa em que peças teatrais da escritora Júlia Lopes de Almeida foram encenadas.<sup>722</sup>

Portanto, será no agito social das solenidades, banquetes, jantares, reuniões e homenagens, realizadas nas ruas, nos cafés, nas residências de famílias das elites e das classes médias que o poeta encontrará os mais diversos motivos para versejar, exibindo a sua habilidade para o improvisado e respostas rápidas e “espirituosas”, que lhe exigiam performance teatral e destreza com a oralidade.

A fusão entre a literatura – sobretudo o humor – e o universo publicitário também se tornou uma marca desse período. Os poetas tanto se tornavam “garotos propagandas” de remédios nas farmácias<sup>723</sup> como também misturavam suas artimanhas literárias com as propagandas. Emílio de Menezes era considerado, por exemplo, um mestre na arte de fazer caber quase tudo na estrutura de um soneto. Parodiando o clássico camoniano *Os Lusíadas*, o autor escreveu *Bromilíadas*, que se revelou um grande sucesso publicitário para o xarope *Bromil*.<sup>724</sup>

Através de “tiradas de espírito”, anedotas, trocadilhos e quadrinhas publicitárias, os intelectuais humoristas exerciam um perfil múltiplo, equilibrando-se entre seus trabalhos “sérios” nas repartições públicas ou privadas e as agitações nas festas, chás, salões, ruas, botequins, cafés, redações de jornais e revistas, cantando e comentando a cidade e seus acontecimentos cotidianos. Raros eram os que produziam no recolhimento de seus escritórios.

Para Isabel Lustosa, o talento performático dos intelectuais humoristas nos salões não era apenas uma estratégia para chamar a atenção da burguesia ao consumo de suas produções

<sup>720</sup> *O Paiz*, Rio de Janeiro, 29/04/1918, p. 7.

<sup>721</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27/05/1918, p. 3.

<sup>722</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04/01/1918, p. 6.

<sup>723</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 23/09/1916, p. 10

<sup>724</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro...*, p. 84. Na revista *Careta*, Belmiro Braga publicava o soneto “Pergunta a Emílio de Menezes” para ironizar a maestria com que o humorista manejava essa arte. Ver: BRAGA, Belmiro. Pergunta a Emílio de Menezes. *Careta*, Rio de Janeiro, 13/11/1909, p. 13.

artísticas, mas também uma forma de “compensar o estreito mercado livreiro” da época.<sup>725</sup> Dessa maneira, também era possível conseguir apelar aos empresários para financiarem as publicações de seus livros, como nos revela, por exemplo, o caso de Bastos Tigre, que teve sua primeira obra financiada por Guilherme Guinle.<sup>726</sup>

Belmiro Braga logo “mergulhou” em um estilo de vida “assoberbado” e agitado, em que a vida literária parecia suplantar a literatura propriamente dita, conferindo à chamada “mundanidade” o status de “moda” e “razão de prestígio”.<sup>727</sup> Apesar de buscar no Rio de Janeiro o afastamento da profissão que lhe comprometia o tempo necessário para se dedicar às letras, jamais alcançou uma vida sonhada pelos defensores do princípio da “arte pela arte”, que pressupunha o respeito supremo ao “valor artístico universal e clássico” e a busca da “perfeição”, de “versos harmônicos, puros e metrificados”, distanciados das “ruidosas interferências da vida mundana”, com suas burocracias e “solicitações rudes”.<sup>728</sup>

Se, por um lado, afastava-se do cartório em Juiz de Fora, por outro, precisava atuar como representante de venda de seguros de vida na *Cruzeiro do Sul*, conciliando mais uma vez as chamadas “solicitações rudes” da vida com o dinamismo dos círculos literários cariocas. Um desses espaços era a *Fon-Fon*, fundada em 1907. Fortemente identificada com o clima simbolista do Rio de Janeiro (“geração *Fon-Fon*”), essa revista já se mostrava receptiva aos seus versos “naturais”, “espontâneos” e “singelos”. Tais características, além de agradarem pela capacidade de alcançar públicos amplos e heterogêneos, dialogavam com a estética cultivada pelos chamados “novos românticos”, que valorizavam o espiritualismo, a sensibilidade e o mundo dos sentidos como respostas ao caráter ruidoso e utilitário da vida moderna.<sup>729</sup>

Sem necessariamente se confundirem com o romantismo do século XIX, os simbolistas de que Belmiro Braga se cercava procuravam capitalizar parte dessa tradição<sup>730</sup>, chamando atenção para o mistério, a sinuosidade, a espiritualidade e a imaginação. A sinestesia – ou correspondência entre os sentidos – era uma das figuras de linguagem mais utilizadas, bem como a valorização da espontaneidade, da comunicação rápida, do espírito

<sup>725</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, p. 35-39.

<sup>726</sup> VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro...*, p. 53.

<sup>727</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, p. 37.

<sup>728</sup> Um festival de arte... Homenagem ao poeta Alberto de Oliveira. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/04/1917, p. 3.

<sup>729</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*, p. 79.

<sup>730</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*, p. 60.



sintético, da captação do sublime, da apreensão intuitiva e subjetiva da realidade, do sentimento nobre, da simpatia e da jovialidade.

Essas características eram empregadas não apenas nas formas líricas de expressão, mas também nas formas gráficas e escritas do humor, que, para captar o ritmo acelerado da vida moderna, focavam na sensibilidade aguçada dos artistas, não mais presos às longas descrições, mas preocupados em sugerir as sensações no momento em que elas se manifestam. Não por acaso, Gonzaga Duque associava o bom-humor e a jovialidade de espírito das caricaturas de Raul Pederneiras à estética simbolista.<sup>731</sup>

O momento era de muita valorização da imaginação do artista/escritor, que transformava a sua própria vida em performance artística ou em obra de arte. A imaginação espontânea dos caricaturistas e dos poetas, com suas quadras, trovas e trocadilhos de improviso, fascinava críticos como Gonzaga Duque, pela capacidade de comunicação imediata das percepções de um mundo moderno, driblando o acelerado ritmo entoado pelas máquinas.<sup>732</sup> O improviso, a oralidade e as performances conferiam às produções literárias características peculiares que, para serem entendidas na sua complexidade, demandam que sejam analisadas em seus próprios termos, sem os juízos de valor hierarquizantes, que, por muito tempo, rotularam-nas como “arte menor”.

Além da *Fon-Fon*, também sabemos que Belmiro Braga, antes mesmo de se mudar para o Rio de Janeiro, já era frequentador das rodas literárias da *Garnier* por intermédio de seu “padrinho literário”. Em 1915, a *Gazeta de Notícias* já informava que um grupo de poetas dessa roda literária, atraído pelo “sabor ingênuo da perene juventude” de seus versos, parava para ouvi-lo.<sup>733</sup> Em carta para Fábio Luz, o literato também acenava para algumas das amizades que teria feito por lá: “[...] faça-me o favor de abraçar aí na *Garnier* os nossos bons companheiros Drs. Maximino, Pedro Coutto, Nazareth de Meneses e ao quase Dr. [Peres Jr.]”.<sup>734</sup>

Frequentando assiduamente esse ambiente literário localizado na Rua do Ouvidor (n. 69), o mineiro o chamava de “cocho onde a velha tropa literária vem todos os dias lamber sal”.<sup>735</sup> Foi assim, ao modo caipira e sertanejo, que, em carta endereçada ao amigo Lima

<sup>731</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro...*, p. 123-127.

<sup>732</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro...*, p. 123.

<sup>733</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/11/1915, p. 7.

<sup>734</sup> Carta de Belmiro Braga para Fábio Luz, Juiz de Fora, 28/01/1916. Cód. Ref.: BRRJANRIO.ON.O.COR.18/107 – Fundo Fábio Luz – Arquivo Nacional – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>735</sup> Carta de Belmiro Braga para Lima Barreto, Rio de Janeiro, 20/06/1916. Série correspondência recebida. Coleção Lima Barreto. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

Barreto, troçou o local mais prestigiado da vida literária carioca, no qual se reuniam os intelectuais atuantes na *Revista Brasileira* e na Academia Brasileira de Letras. Local onde, como sabemos, seu “grande ídolo” Machado de Assis – que nunca andava pelos cafés e confeitarias – era visto sentado em sua cadeira reservada até pouco antes de morrer.<sup>736</sup> Simbolicamente marcada pela presença dos já estabelecidos na cena literária, a *Garnier* também era frequentada por aqueles que articulavam aproximações com os “imortais” da ABL ou sonhavam publicar seus livros nessa casa editorial, considerada, por sinal, a mais importante do país; e, por isso mesmo, reservada aos escritores consagrados.<sup>737</sup> Privilégio que passava longe do cronista e romancista Lima Barreto e do poeta interiorano Belmiro Braga, que dependeu da *Companhia Cruzeiro do Sul*, onde trabalhava, para publicar algumas de suas produções literárias, distribuídas como brindes aos clientes.

Já aclimatado a esse modo de fazer literatura em seu Estado, Belmiro Braga levava ao Rio de Janeiro o seu repertório de “tiradas espirituosas” nas atividades de que participava, como na entrevista concedida à *Fon-Fon* em 1917, em que respondeu da seguinte forma sobre a sua verdadeira vocação: “Dizem os tabeliães que eu nasci poeta e dizem os poetas que nasci... tabelião”. Nessa mesma entrevista, destacava que a sua qualidade era a rapidez, mas que seu pior defeito era fazer tudo rápido; que sua diversão era ler os maus versos para achar os seus bons; e, ironizando os seguidores fanáticos de qualquer artista ou estilo, declarava que “ouvir Wagner entre discípulos fanáticos de... Wagner” era o que mais lhe “atacava os nervos”.<sup>738</sup>

Para o poeta, sua afeição por Wagner se coadunava perfeitamente com a íntima relação com o maxixe e o popular violão<sup>739</sup>, o instrumento tão amado pelo protagonista Policarpo Quaresma, do romance de seu amigo Lima Barreto, a quem, por sinal, chegou a visitar por ocasião de uma feijoada realizada em seu aniversário natalício no *Hotel Novo Democrata*<sup>740</sup>. Promovido pelo editor Francisco Schetino, o evento reuniu “vários dos mais íntimos admiradores” do autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, como Amaral Ornellas, Belmiro Braga, Pinheiro Viegas, Xavier Júnior, Agripino Grieco, Ulysses Sarmiento, Gutman

<sup>736</sup> SCHWARCZ, Lilia. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 114.

<sup>737</sup> SCHWARCZ, Lilia. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 214.

<sup>738</sup> Reportagens íntimas. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 23/06/1917, p. 20. Em 22/10/1917, quatro meses depois, a *Gazeta de Notícias* publicou outra entrevista com Belmiro Braga, que, por sua vez, também foi publicada no jornal *O Pharol*, de Juiz de Fora (MG). Ambas, vale dizer, com respostas formuladas em tom satírico.

<sup>739</sup> BRITO, Lemos. Ciências e Letras – notas literárias. *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 07/07/1923, p. 5.

<sup>740</sup> SCHWARCZ, Lilia M.. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 608.

Bicho, Francisco Schettino, Tito Gonçalves, Coelho Cavalcanti, Athayde de Lacerda, Raymundo Magalhães e João Luiz Ferreira.<sup>741</sup>

Apesar de Belmiro Braga e Lima Barreto terem sido amigos, trocado cartas<sup>742</sup> e colaborado com vários periódicos em comum (como as revistas *Souza Cruz* e *América Latina*), nessa pesquisa, deparamo-nos com apenas esse registro de evento em que ambos estiveram juntos, o que não significa, é claro, que não tivessem se encontrado em outras ocasiões.<sup>743</sup> Vale lembrar, porém, que o autor de *Numa e Ninfa*, com seu jeito controverso e avesso às habilidades de orador<sup>744</sup>, não demonstrava afeição por diversos literatos que integravam a rede de sociabilidade do amigo mineiro – como, por exemplo, muitos dos frequentadores da Garnier, que se consideravam sucessores de Machado de Assis e dominavam o cenário da Academia Brasileira de Letras.<sup>745</sup> Apesar de se candidatar a uma vaga na “torre de marfim” por três vezes, Lima – e não apenas ele – a criticava, justamente por não conseguir se integrar aos seus quadros e, conseqüentemente, não alcançar a tão sonhada estabilidade nas letras brasileiras.<sup>746</sup>

Intelectualmente falando, Lima Barreto e Belmiro Braga se conectavam através de relações em comum com Emílio de Menezes, Bastos Tigre e Raul Pederneiras. Mas, em tempos de declínio da boemia, a permanência de seus hábitos alcoólicos, de seu modo de vida desregrado, revoltado e inconformado, de negro morador do subúrbio, distanciava-o dos espaços de sociabilidade burgueses onde Belmiro Braga também fazia sucesso como conferencista e autor de trovas, quadras, trocadilhos e piadas consideradas “saudáveis”,

<sup>741</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/05/1920, p. 4.

<sup>742</sup> Segundo Lília Schwarcz, Lima Barreto “fazia questão de manter vasta correspondência com seus pares, especialmente escritores de gerações mais novas, espalhados por vários estados. Muitos deles continuavam a enviar-lhe cartas e originais, à espera de sua avaliação – e quem sabe, bênção –, e nunca ficavam sem resposta. Em seu acervo pessoal podem ser encontradas missivas de Agripino Grieco, Mário Sette, Leo Vaz, Gastão Cruels, Murilo Araújo, Adelino Magalhães, Alberto Deodato, Olívio Montenegro, Carlos Sussekind de Mendonça, Pascoal Carlos Magno, Ranulfo Prata e tantos outros.” (SCHWARCZ, Lília M.. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 432)

<sup>743</sup> Lima Barreto possuía um tio residente em Juiz de Fora, onde ficou hospedado em 1º de dezembro de 1910, enquanto se recuperava de uma estafa. (Fonte: SCHWARCZ, Lília M.. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 360).

<sup>744</sup> O autor da matéria da *Gazeta de Notícias* afirma que Lima Barreto “fazia questão de não ter qualidades de orador” (Fonte: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/05/1920, p. 4). Lília Schwarcz também comenta sobre a oposição de Lima às conferências literárias, muito em voga nesse momento. A autoria também destaca a crise de ansiedade sentida por ele, em 1921, quando aceitou o convite para proferir, em São José do Rio Preto, aquela que seria a sua primeira palestra pública, mas que não chegou a ser realizada. (Fonte: SCHWARCZ, 2017, p. 438-439)

<sup>745</sup> SCHWARCZ, Lília M.. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 129.

<sup>746</sup> Segundo Sevcenko, a ABL era o “reduto de estabilidade no qual todos lutavam para entrar”, tendo em vista a oportunidade de consagração literária, de crédito total nas editoras e de conseguir, portanto, uma espécie de “aposentadoria literária”. (Fonte: SEVCENKO, op. cit., p. 128)

“ingênuas”, “naturais” e “sinceras”. Em tempos de uma estética artístico-literária que valorizava a imaginação, a fantasia e as pautas nacionalistas, pouco espaço havia para as inquietações e o humor ferino e cáustico da obra de Lima Barreto. Da geração de humoristas ferinos, Emílio Menezes era o único que ainda se mantinha em atividade, sendo, por isso, chamado de “o último dos humoristas”. Ainda assim, este encerrava sua carreira sendo eleito a uma vaga na Academia Brasileira de Letras, conquista pela qual lutara em vão até a morte de Machado de Assis, por este lhe repudiar o caráter boêmio e a aparência de humorista desleixado. Essa entrada na ABL, entretanto, foi traumática, por conta da rejeição ao seu discurso, submetido à censura e acréscimos.<sup>747</sup>

Olavo Bilac, nos anos 1910, dedicava-se a decretar a extinção do humor, deixando no passado os tempos em que vivera a boemia. Após a fase de arrefecimento de um humor militante que servira de instrumento de lutas sociais e políticas que levaram ao abolicionismo e ao republicanismo e, posteriormente, às profundas manifestações de frustração e desilusão com o novo regime político instaurado, Bilac se engajava na defesa dos ideais nacionalistas. Em 1916, proferiu seu famoso discurso na Academia de Ciências de Lisboa, declarando “ultrapassada a fase ignóbil da ironia e da comédia” e defendendo a missão nacionalista da literatura.<sup>748</sup> As circunstâncias vivenciadas pela literatura nacional nesse momento faziam emergir na cena literária a figura do “engraçado arrependido”, termo que Elias Thomé Saliba tomou de empréstimo do conto de Monteiro Lobato para designar os literatos que buscavam se desvencilhar das personalidades postizas que forjaram através da chave do humor.<sup>749</sup>

Apesar de chegar ao Rio de Janeiro em 1916, bem após o companheiro Bastos Tigre, que chegara nos últimos anos do século XIX, Belmiro Braga já era, como sabemos, conhecido desse grupo desde a aurora do século XX. Vale lembrar que, em 1903, já fora homenageado pelo caricaturista Romano no jornal humorístico *Tagarela*, onde, por sinal, chegou a dedicar um poema a Raul Pederneiras.<sup>750</sup>

Enquanto Olavo Bilac, Coelho Netto, Guimarães Passos, José do Patrocínio, Leôncio, Paula Nei, Martins Fontes, Arthur Azevedo e tantos outros se despediam da boemia, Bastos Tigre, Luís Edmundo, Raul Pederneiras, Calixto, J. Carlos e Belmiro Braga formavam uma nova geração de escritores humoristas. Essa nova geração<sup>751</sup> ficaria conhecida por difundir “a

<sup>747</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso...*, p. 144-145.

<sup>748</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso...*, p. 151.

<sup>749</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso...*, p. 144-145.

<sup>750</sup> Ver capítulo 2.

<sup>751</sup> Segundo Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen, “geração” não é uma categoria que se caracteriza como um “grupo de idade”, mas como um “grupo de formação, em que vivências comuns

alegria, o bom humor, a graça do comentário ligeiro e da caricatura espirituosa”, em contraste com as turbulências e agitações sociais e políticas de uma república pautada no liberalismo oligárquico e seu caráter excludente.<sup>752</sup>

Os humoristas resistiam, tornando-se “Quixotes da comédia”. Em 1916, realizou-se no Rio de Janeiro o *I Salão dos Humoristas*. Em 1917, Raul Pederneiras propagava seu tratado sobre o riso, contribuindo para defender o humor como marca identitária brasileira. No mesmo ano, a revista *D. Quixote* era fundada por Bastos Tigre, aglutinando referências do humor que continuavam respirando o oxigênio que restava da “agonizante cultura da *Belle Époque*”.<sup>753</sup>

Juntava-se a esse grupo mais um novo representante: José Madeira de Freitas, também conhecido pelo pseudônimo Mendes Fradique. Em 1910, o jovem capixaba fora apresentado às rodas literárias por Emílio de Menezes<sup>754</sup>, tornando-o seu pupilo e prefaciando seu livro de sonetos, *Hypocratéia*, de 1918, considerado pela crítica de “fino espírito e encantadora malícia”.<sup>755</sup>

Caricaturista do texto e do traço, o rapaz ganhava na imprensa carioca o *status* de “legítimo sucessor” de Emílio de Menezes, Bastos Tigre, Raul Pederneiras e até mesmo de Belmiro Braga, de quem se tornará amigo: “[...] os poetas humorísticos do Brasil devem se dar parabéns, pois que já existem mãos a que poderão passar mais tarde, na velhice, a lira vingadora”. Admitido entre os intelectuais humoristas em pleno declínio da boemia, Freitas era visto pelo autor da matéria publicada em *A Federação* como o último suspiro da literatura humorística brasileira, que já ressentia do reduzido número de representantes entre os jovens.<sup>756</sup>

Apesar de não se declarar um literato imbuído dessa missão, Belmiro Braga se insere em uma rede de sociabilidade múltipla e plural na capital federal, envidando esforços para que

de acontecimentos ou de crises (não só políticos) marcam esses intelectuais, independentemente de seu conhecimento interpessoal”. As autoras ainda consideram que “períodos de tranquilidade também podem dar origem a gerações, nesse caso, na maioria das vezes, mobilizadas pela ânsia por mudanças culturais”. Sendo assim, as gerações não são “chaves explicativas de grupos intelectuais”, mas “fatores que devem ser identificados e analisados para melhor compreensão das sociabilidades de grupos”. Ver: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2026. p. 25.

<sup>752</sup> N. C.. Vida Cultural – Bastos Tigre e a terra carioca. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 06/08/1957, p. 15.

<sup>753</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso...*, p. 151.

<sup>754</sup> LUSTOSA, Isabel. Brasil pelo método confuso..., p. 105.

<sup>755</sup> A poesia humorística. *A Federação*, 18/01/1917, p. 4.

<sup>756</sup> A poesia humorística. *A Federação*, 18/01/1917, p. 4.

a literatura humorística brasileira não se esvaísse. O mineiro, em trajes e comportamentos ditos “elegantes”, e sem afrontar os grupos socialmente estabelecidos, apresentava-se e era apresentado como humorista e lírico, estimulando a manifestação do “riso” e da “graça” em múltiplos eventos sociais, desde o *I Salão dos Humoristas* e a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais até os salões das elites burguesas e aristocráticas. Na imprensa, colaborou com jornais e revistas igualmente ecléticos em suas linhas editoriais, constituindo uma extensa rede de interlocução.

## 5.2 A “rede cômica” do literato: interlocuções

Frequentemente, um menino comparecia à redação de uma revista com o objetivo de receber pelas trovas humorísticas publicadas. Não era ele o autor das trovas, mas o tio, que lhe pedia para manter seu nome em sigilo. Cada vez mais curioso por descobrir o autor da façanha, o proprietário da revista lhe seguiu os passos e descobriu que o misterioso colaborador era um velho amigo seu.

Foi assim que Pedro Nava nos narrou, em *Balão Cativo*, uma de suas aventuras ao lado de seu “tio Sales” na capital federal. Este, que tanto escrevera trovas humorísticas de cunho crítico, parecia preferir, nessa altura da vida, manter-se no anonimato ou esconder-se atrás de algum pseudônimo, pedindo ao sobrinho que recebesse das mãos de Bastos Tigre a quantia correspondente às publicações feitas na recém-fundada revista *D. Quixote*. Bastos Tigre, tão logo desvendando o mistério, teria dito a Sales: “[...] acabou apanhado, cearense besta! Semana que vem, venha em pessoa, senão, não pago”.<sup>757</sup>

Segundo Pedro Nava, o tio não queria ser visto como “autor de piadas pagas”. Após as retaliações e punições que sua verve humorística de cunho político lhe rendera, talvez estivesse acometido pela síndrome do “engraçado arrependido”. Ao contrário de Belmiro Braga, que, além de não se esconder, fazia questão de ir pessoalmente à redação para receber o dinheiro das colaborações e tomar um café.<sup>758</sup>

Em 1917, ano de fundação da revista *D. Quixote*, além de Antônio Sales se manter como fiel escudeiro do jovem sobrinho – então estudante do colégio D. Pedro II –, acompanhou o amigo mineiro nas rodas literárias ainda não conhecidas, aconselhando-o nas

<sup>757</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 272-273. Para saber mais sobre a presença de Antônio Sales na obra de Pedro Nava, ler o seguinte artigo: GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Orlas da Memória: a lembrança futura de Antônio Sales na obra de Pedro Nava. In: *ALEA – Estudos Neolatinos*, v. 19, n. 2, mai.- ago. 2017, p. 307-322.

<sup>758</sup> NAVA, Pedro. *Balão Cativo...*, p. 272-273.

publicações dos versos. A sintonia entre ambos se tornou, inclusive, objeto de troça de Gastão Penalva (Sebastião de Souza), que apelidou a admiração de B. B. pelo amigo de “veneração quase supersticiosa” de um “fanático hindu pelo Bonzo da sua devoção”.<sup>759</sup>

Nesse ambiente mundano em que se experimentavam as práticas literárias, praticamente tudo se tornava motivo de chacota, tais como: os elementos relacionados à profissão com que o escritor buscava garantir a sua sobrevivência, o biotipo dos colegas e das autoridades, os comportamentos e as manias dos colaboradores nas redações dos periódicos, os livros publicados, o academicismo, o bacharelismo, etc.

A atmosfera humorística começava no interior das próprias redações, que se transformavam, junto com as ruas e os mais diversos espaços urbanos, em palcos, cujos atores eram os próprios literatos. Uma crônica publicada na *Fon-Fon* em 1917 demonstra claramente esse modo performático e teatral de se fazer literatura. Além de ter sido, como sabemos, um dos “mais constantes colaboradores” dessa revista, Belmiro Braga frequentava a redação como espaço de sociabilidade, onde possivelmente discutia as principais notícias diárias e se mantinha informado das novidades literárias que os escritores de diferentes estados enviavam à redação, na expectativa de terem seus trabalhos resenhados.

A referida crônica começa apresentando B. B. como “pessoa da casa”, que, diariamente, “animava a todos com a sua alegria e o seu espírito”. Interessado em ler todo e qualquer livro que chegava, tornou-se “alvo” de uma “armadilha” organizada por um dos amigos da redação, que lhe ofereceu um grande e pesado volume embrulhado em papel cor de rosa. Informado de que se tratava de um “belo livro”, colocou-o debaixo do braço e partiu, respeitando a condição de que o invólucro fosse aberto apenas quando chegasse à sua casa. Após “fruir o encanto de uma tarde de prazer e elegância” e fazer sua “hora de Avenida” com o peso do “tesouro” nas mãos, o poeta certifica-se de que se tratava da publicação de um maçante discurso político. Decepcionado e se autointitulando “ingênuo, como um bom mineiro”, jurou que, a partir daquele dia, só aceitaria livros com “atestado de identidade”. Para “vingar-se” da cilada que lhe armaram, redigiu, como adjetivaram na crônica, um “espirituoso soneto”:

Miserável A\*\*\* F\*\*\*! O dia inteiro  
Carreguei este bruto calhamaço  
Que, no *Fon-Fon*, me deste prazenteiro  
Num largo, forte e generoso abraço.

<sup>759</sup> PENALVA, Gastão. Antônio Sales. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15/10/1941, p. 5.

Em casa, ingênuo, como um bom mineiro,  
 Com mil carinhos, desatei-lhe o laço:  
 - “É um álbum!” disse. E vejo-lhe o letreiro:  
*Mensagem de Alagoas...* Que bagaço!...

Tu não tens coração... E ainda surpreso  
 De como carreguei todo esse peso,  
 Eu que nunca fui burro... de cangalha,

Agradeço o presente nesses versos:  
 É o maior perverso dos perversos,  
 E dos canalhas o maior canalha!<sup>760</sup>

O autor da façanha, apresentado apenas pelas iniciais “A\*\*\* F\*\*\*”, era Américo Facó, então diretor da parte literária da revista *Fon-Fon*. Conforme vimos no Capítulo 1, Facó era cearense, amigo de Antônio Sales e jornalista, tendo chegado ao Rio de Janeiro em 1910, fugindo das perseguições da oligarquia Accioly no Ceará. O livro que escolheu para “sacanear” o amigo mineiro era nada menos que um exemplar de autoria de João Baptista Accioly Júnior, então governador do Estado do Alagoas, intitulado *Mensagem dirigida ao Congresso Legislativo do Estado de Alagoas, no dia 15 de abril de 1917*, editado pela Tipografia Oficial do Estado.<sup>761</sup>

Vale observar que a crítica ao livro do governador – talvez o foco principal do texto – não foi concebida de forma direta, incisiva e cáustica, mas a partir de uma espécie de cena teatral, em que uma situação irreverente é arquitetada para “pegar de surpresa” um dos colaboradores da revista. Se a “brincadeira” aconteceu de fato ou não, esse detalhe não nos interessa. O mais importante é atentar para o fato de que a teatralização e a imaginação dos escritores-atores configuravam estratégias de atenuação do impacto da crítica principal, revestindo-a com um humor de feição “sadia” e “espirituosa”. Segundo Laura Nery, Raul Pederneiras também tomava cuidado para tornar suas críticas “desvios bem-comportados” ou “graça” aparentemente “ingênua” e “elegante”, por meio da qual conquistava fama e reconhecimento por parte de progressistas e conservadores, populares, camadas médias urbanas e parcelas das elites.<sup>762</sup>

<sup>760</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 18/08/1917, p. 33.

<sup>761</sup> CPDOC. *Verbetes - João Baptista Accioly Jr.* Disponível em:

[https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ACI%C3%93LI%20J%C3%9ANIOR,%20Jo%C3%A3o%20Batista.pdf)

[republica/ACI%C3%93LI%20J%C3%9ANIOR,%20Jo%C3%A3o%20Batista.pdf](https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ACI%C3%93LI%20J%C3%9ANIOR,%20Jo%C3%A3o%20Batista.pdf). Acesso em

29/06/2024.

<sup>762</sup> NERY, Laura. *Cenas da vida carioca...*, p. 453.



Não é novidade dizer que livros e discursos de políticos e acadêmicos eram os alvos prediletos das troças dos intelectuais humoristas nesse momento, como podemos verificar em outro poema, em que o mineiro debochava dos discursos longos e tediosos de um suposto conhecido seu, de Juiz de Fora, cujo nome preferiu não revelar:

Um certo orador maçante  
Das margens do Paraibuna,  
Ao falar, de instante em instante,  
Vai esmurrando a tribuna.

E quem o conhece sente  
Por mais ingênuo ou simplório,  
Que os murros são simplesmente  
Para acordar o auditório...<sup>763</sup>

No entanto, entre uma troça e outra, o poeta já admitiu ter ficado surpreso com a tese acadêmica de um amigo, Mario Studart. Apesar de, em seu juízo prévio, julgar o texto “estafante”, confessou que a escrita lhe agradou:

Nunca li uma tese, uma mensagem,  
nem mesmo um relatório, Mario amigo,  
porque meus nervos, de pavor reagem  
e eu do livro me livro e do castigo...

Mas para te provar minha coragem,  
a tua tese li e hoje te digo,  
como sincera prova de homenagem,  
que estou são, vivo e forte, como um figo.

“Cento e cinquenta e quatro folhas... Safa!  
Isto chega a estafar ao próprio... *Staffa!*  
Eu, da capa, talvez, não passe além...”

Abri a tese apavorado, e finda  
a leitura, exclamei: “Que tese linda!”  
Mas como este tratante escreve bem”...<sup>764</sup>

Nota-se, nos poemas belmirianos acima citados, o uso predominante da forma clássica do soneto. Não sendo essa característica uma exclusividade de Belmiro Braga, o soneto pode ser facilmente encontrado nas produções de intelectuais humoristas contemporâneos. Apesar de sua maior familiaridade com as trovas e as quadras, pelas quais ficou nacionalmente conhecido e popularizado, B. B. não deixava de compor sonetos satíricos, nem mesmo

<sup>763</sup> BRAGA, Belmiro. *Contas do meu rosário*. Rio de Janeiro: Edição da Cia. de Seguros de Vida Cruzeiro do Sul, 1918. p. 136.

<sup>764</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 02/02/1918, p. 19

quando expressava o incômodo e a dificuldade de fazer as palavras e as ideias caberem nessa forma poética fixa:

**Pergunta a Emílio de Menezes**

Fazer um bom soneto... Eu nunca pude  
Domar de Crespo esse animal bravio,  
Vendo as frases correndo como um fio  
De água clara na rampa de um açude...

Enchendo o verso, torno-o mais vazio,  
Se a ideia é branda, sai-me a frase rude,  
E o choro, e gemo, e grito, numa incude  
Noite e dia malhando o ferro frio.

Como os fazes, amigo! Eu te pergunto  
Um presente a resposta ao que pergunto,  
Pois, quando, acaso, no aranhol me meto,

(Tens sob os olhos as razões que ajunto)  
Ora, o assunto não cabe no soneto,  
Ora, o soneto sai maior que o assunto...<sup>765</sup>

Saliba destaca que, sendo a ambiguidade e a relação com o insólito as marcas das condições intelectuais de criação desses escritores, eles eram “forçados a dialogar com a cultura culta da geração parnasiana e simbolista que os obrigou a enquadrar suas piadas nos sonetos, nos versos alexandrinos, metrificados e bem construídos”. Ao mesmo tempo, porém, “eram forçados a ouvir outras vozes, as daquele público que começava a se formar e que criava, ainda que de maneira tênue e precária, formas de representação calcadas na oralidade e no não-escrito”.<sup>766</sup>

Com a preocupação de não prejudicarem suas imagens diante de públicos conservadores, muitos deles faziam alusões a assuntos prosaicos para “quebrar a monumentalidade” de alguns temas, mas sem romper com a imposição das consideradas tendências estéticas hegemônicas. Bastos Tigre, por exemplo, procurava “macular os arroubos do mistério metafísico dos simbolistas” inserindo em seus sonetos referências ao jogo do bicho.<sup>767</sup> Belmiro Braga fazia algo similar com um soneto cuja sonoridade dos versos, simulando a gagueira, pauta-se na exagerada (quase exclusiva) utilização de palavras iniciadas com a letra “g”. Se, por um lado, dedica esse poema satírico ao cearense, médico e poeta, Augusto Linhares, com o objetivo de aludir à especialidade do amigo no tratamento da laringe e da voz, por outro, não deixa de fazer humor com uma das características marcantes

<sup>765</sup> BRAGA, Belmiro. Pergunta a Emílio de Menezes. *Careta*, Rio de Janeiro, 13/11/1909, p. 13.

<sup>766</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso...*, p. 80.

<sup>767</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso...*, p. 102-103.

dos poemas simbolistas: o recorrente uso da aliteração – recurso estilístico fonético que consiste na repetição de uma consoante para produzir sons específicos.

**Ao Dr. Augusto Linhares,**  
o dominador da gagueira

Gago genioso, a gaguejar, grunia:  
“- Ganho grossas garrafas de gasosa,  
Goma, groselha, geribita em grosa,  
Geropiga gelada quando gia.

Gingo as gambias com garbo e galhardia,  
Galanteio guapas gregas de gasosa,  
Grelo as glórias do Grêmio e glosa a glosa.  
Grave, guincho gavoitas e a Gran-via.

Garbosos gerais, guardiões, gaiatos,  
Gabam-me as graças, e as graçolas, “gratos”  
Grudam-me às guelas como a goma guta...

Galgando o galarim lhe agarro à gola...  
- Goguenta gralha, grulbador gabola,  
Grato à grita da grota – grimpa gruta!<sup>768</sup>

Se, no poema acima, Belmiro Braga usava a aliteração para aludir a uma disfunção tratada pelo amigo médico, era ele próprio alvo de troça por conta das profissões de comerciante e tabelião. É o que podemos verificar, por exemplo, nesses versos trocados com Telles de Meirelles<sup>769</sup> na *Fon-Fon*. Trabalhando em um escritório de advocacia, Meirelles era trocado com a prosaica cena em que anda de braço dado com a “Musa” em pleno ambiente de trabalho burocrático:

**No Escritório do Almachio\***

Pobre Almachio! A cada instante

<sup>768</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 25/01/1916, p. 46.

<sup>769</sup> Telles de Meirelles era o pseudônimo de Antonio Peres Júnior. Nasceu no Rio de Janeiro em 1865 e faleceu na mesma cidade em 1943. Era um poeta humorístico muito conhecido e apreciado, além de ser prosador e jornalista. Colaborou com a *Gazeta da Tarde*, *Correio da Manhã*, *O Malho*, *Vida Nova*, *Beira-Mar*, etc. Em 1901, fundou o *João Minhoca*, semanário humorístico e ilustrado pelo artista Belmiro de Almeida. Colaboraram com esse periódico escritores como Olavo Bilac, Guimarães Passos e Pedro Rabello. Dirigiu a revista *Tagarela*, fundada em 1904, da qual fizeram parte Paul Pederneiras, Calixto Cordeiro, Augusto Santos e outros grandes desenhistas. Através de sua influência, despontaram no *Tagarela* os seguintes nomes: Hermes Fontes, Bastos Tigre, J. Carlos e Augusto Rocha. Integrou a *Fon-Fon* desde os primórdios da revista, na qual publicava semanalmente versos humorísticos. Seu outro pseudônimo famoso era Peres Júnior, com o qual assinou o livro de versos líricos *Credos*. Para mais informações biográficas sobre o poeta, consultar o site: [www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=3079](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/autores/?id=3079). Acesso em: 19/04/2021.

chega um cliente, outro sai:  
Este que é moço e estudante,  
trata da herança do Pai.

Aquele outro é negociante,  
que lá das pernas não vai:  
Tral-o um negócio importante  
na Vila do Varre Sai.

Aquele outro... e um falatório  
se aproxima do escritório;  
um se defende; o outro acusa...

Diz o Almachio: - Entra, Fidelis!  
E entra... o Telles de Meirelles  
de braço dado com a Musa.

*(\*) Dr. Almachio Diniz, conhecido homem de  
letras, que ainda mais uma vez ultimamente  
não conseguiu a imortalidade na Academia,  
mas que não tem mãos a medir no  
escritório.<sup>770</sup>*

Logo em seguida, Telles “revida” fazendo alusão à vida de comerciante do amigo  
Belmiro em Minas Gerais:

E não para a romaria...  
Vejo de todos os lados  
Mil fregueses apressados!...  
- Mas que enorme freguesia!

São Paulo e Santa Luzia  
De Carangola e Queimados,  
Noto aqui representados  
Com brilhante galhardia.

E não para, impertinente,  
O telefone insistente  
Que os ouvidos nos estraga.

Mas, com maior burburinho  
Discorre, sobre... o toucinho  
De Minas, Belmiro Braga!<sup>771</sup>

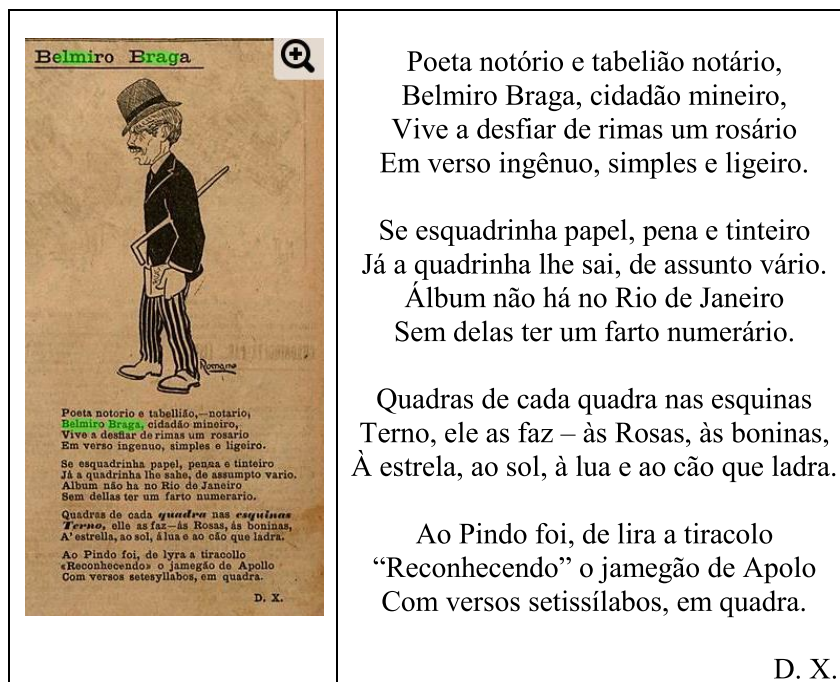
Na charge de Romano e no soneto de “D. X.”, publicados na *D. Quixote*, foi a  
profissão de tabelião a explorada nos versos, por meio dos seguintes trocadilhos: “tabelião

<sup>770</sup> BRAGA, Belmiro. No escritório do Almachio. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 04/12/1915, p. 28.

<sup>771</sup> MEIRELLES, Telles de. [Poema em resposta ao Belmiro Braga]. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 04/12/1915, p. 28.

notório” e “tabelião notário”. Apesar de não o exercer nesse momento, o tabelionato já havia se tornado indelével marca de sua persona de poeta, sendo diversas vezes citada pelos parceiros das letras.

Figura 26 – Caricatura de Romano e poema de “D. X.”.

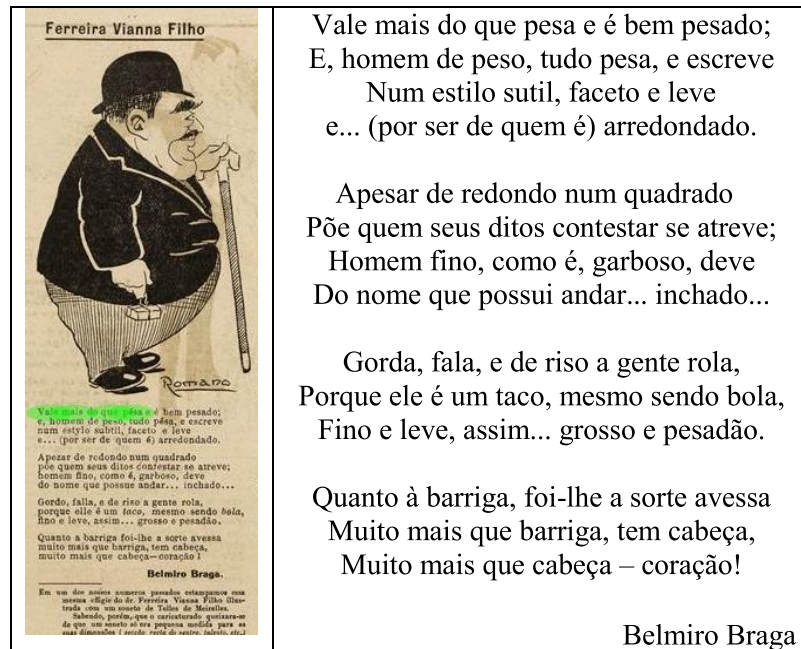


Fonte: Revista *D. Quixote*, Rio de Janeiro, 17/02/1918, n. 62, ano 2, p. 5.

Fazer humor com as características físicas das pessoas também era uma prática frequente. Sem se pautar nas regras que hoje conhecemos como “politicamente corretas”, esse tipo de humor se manifestava em diversas situações, como gagueira, magreza, altura, gordura, etc. Esta última, por exemplo, foi o mote encontrado por Belmiro Braga para satirizar Ferreira Vianna Filho em 1918, na revista *D. Quixote*. O soneto, além de uma caricatura assinada por Romano, ainda vinha acompanhado da seguinte nota: “Em um dos nossos números passados estampamos essa mesma efigie do dr. Ferreira Vianna Filho ilustrada com um soneto de Telles de Meirelles. Sabendo, porém, que o caricaturado queixara-se de que um soneto só era pequena medida para as suas dimensões [...], estamos hoje com este outro de Belmiro Braga. O diabo é que o soneto presente o engrossa ainda mais.”<sup>772</sup>

<sup>772</sup> N. R. *D. Quixote*, Rio de Janeiro, 02/10/1918, n. 73, ano 2, p. 10.

Figura 27 – Caricatura de Romano e soneto de Belmiro Braga.



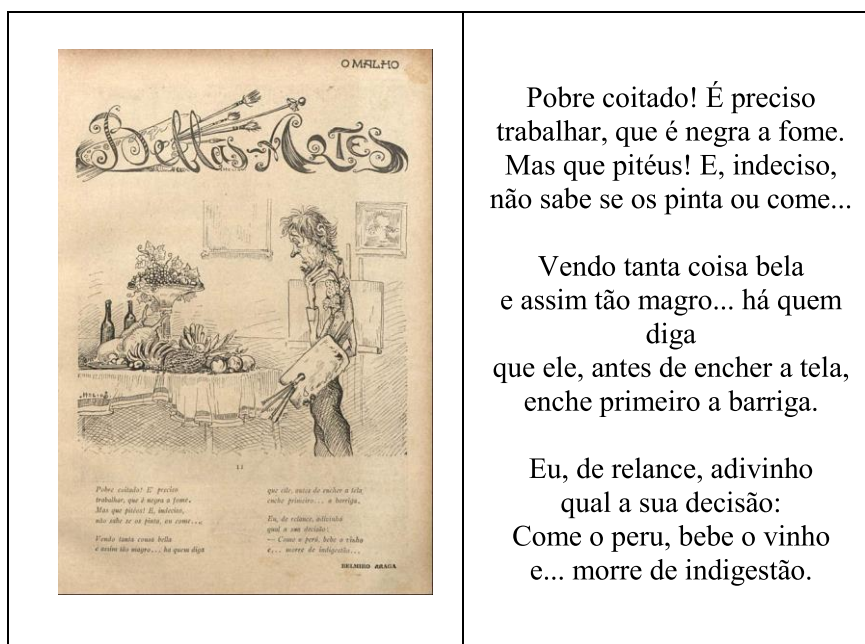
Fonte: *D. Quixote*, Rio de Janeiro, 02/10/1918, n. 73, ano 2, p. 10.

Na segunda metade dos anos 1910, as troças envolvendo os biotipos se aproximavam cada vez mais do considerado humor “sadio” e “espirituoso”. O estilo “ferino” de humor praticado por Emílio de Menezes, como no famoso caso envolvendo o diplomata e historiador Manuel de Oliveira Lima e sua esposa, Flora Cavalcanti de Albuquerque – a que Emílio chamou de “Fauna e Flora brasileiras”, por conta de seus biotipos contrastantes–, não parecia fazer mais o mesmo sucesso.<sup>773</sup>

Nos poemas de Belmiro Braga, esses temas aparecem apenas em duas situações: quando há um acordo tácito entre os escritores para um troçar o outro, ou quando são explorados personagens fictícios, como no trabalho que desenvolveu em parceria com o artista plástico e desenhista Helios Seelinger, publicado na seção *Belas Artes*, da revista *O Malho*, entre os dias 3 de agosto e 28 de setembro de 1918. Respondendo aos desenhos do parceiro em versos, B. B. chamava atenção para um tema explorado em sua peça *Porto, Madeira e Collares* (a qual abordamos no Capítulo 3). Trata-se da precariedade das condições de existência do artista e a sua difícil tarefa de fazer arte sob encomenda. Na primeira imagem, como vemos abaixo, o artista não sabe se se dedica a pintar um quadro retratando os alimentos expostos na mesa à sua frente ou se os devora para saciar a fome.

<sup>773</sup> SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira – da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. p. 121-122.

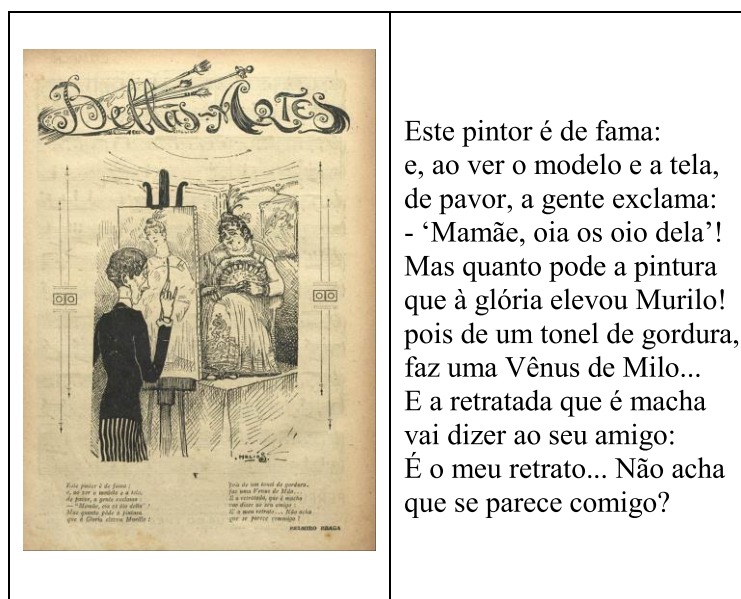
Figura 28 – Parceria entre Belmiro Braga e Helios Seelinger.



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (RJ).

Na próxima imagem, o magro artista precisa desafiar o seu talento tentando atender à preferência de sua cliente, de corpo gordo e excluída dos padrões de beleza ditados pela sociedade. Sua tarefa é pintá-la magra, transformando um “tonel de gordura” em uma “Vênus de Milo”.

Figura 29 – Parceria entre Belmiro Braga e Helios Seelinger.



Fonte: *O Malho*, Rio de Janeiro, 1918. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional (RJ).

A graça aparentemente “ingênua” do poeta, apesar de não se inserir nos padrões do que hoje consideramos como “politicamente correto”, não era qualificada como agressiva nos comentários publicados na imprensa periódica. Ao se tornar alvo de uma trova de B. B., que satirizou seu tipo físico magro e alongado, Raul Pederneiras<sup>774</sup> fez questão de citar os referidos versos na *Revista da Semana*: “Se molha os pés em Janeiro/ E chega a se constipar,/ Só nos fins de Fevereiro/ É que começa a espirrar!”<sup>775</sup>

Figura 30 - Caricatura de Raul Pederneiras acompanhada de uma quadra de Belmiro Braga.



Fonte: PEDERNEIRAS, Raul. A poesia fugitiva: os improvisos. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 05/03/1921, p. 15.

Com essa atitude, Raul Pederneiras parecia reforçar as características de uma persona com que já havia se tornado famoso na imprensa periódica e nos mais diversos espaços de sociabilidade abertos às expressões do humor. Mais uma vez, observa-se o valor e a centralidade que a teatralização da vida dos literatos e suas performances tinham no fazer literário carioca desse contexto.

<sup>774</sup> As características apontadas por Laura Nery coincidem com a caricatura de Raul Pederneiras nesse texto: “A melhor maneira de apresentar Raul Pederneiras seria combinar algumas linhas que revelassem o bigodão à moda de Kaiser, a silhueta magra e comprida escondida num severo terno preto e o indefectível chapelão de abas largas. (NERY, p. 435)

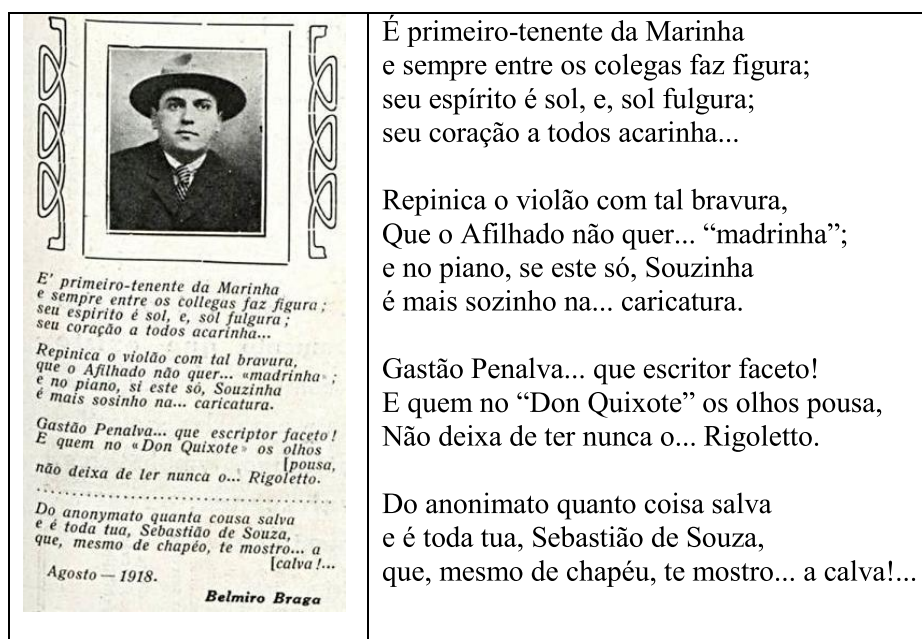
<sup>775</sup> PEDERNEIRAS, Raul. A poesia fugitiva: os improvisos. In: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 05/03/1921, p. 15.



Para se proteger das troças dos amigos nessa “rede cômica”, Belmiro Braga tinha nas mãos a autoironia – um recurso que, como já sabemos, lhe era muito caro. Como exemplo, podemos citar o episódio envolvendo seu bigode. Então considerado símbolo de virilidade e do respeito masculino, esse, quando raspado, tornava-se alvo de chacota. Segundo Wulmar Coelho, após raspá-los, B. B. teria tirado uma foto do rosto e escrito no verso dessa foto a seguinte quadra, enviada ao amigo Mário Polini: “A essa cara de pamonha,/ à memória não te acodes./ Eu pus de parte a vergonha/ e pus abaixo os bigodes...”.<sup>776</sup>

Continuando com os poemas satíricos relacionados às características físicas, vale destacar que o autor de *Rosas* não perdeu a oportunidade de escrever, ainda, sobre a careca do amigo Sebastião Fernandes de Souza:

Figura 31 - Soneto satírico que Belmiro Braga dedicou a Sebastião de Souza (representado na foto).



Fonte: BRAGA, Belmiro. [Poema]. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 07/09/1918, p. 40.

Militar e escritor, Sebastião de Souza nasceu em 1887. Era jornalista, sócio honorário do Instituto Histórico de Ouro Preto (MG) e foi admitido à *Associação Brasileira de Imprensa* em 1919, no mesmo ano que Belmiro Braga.<sup>777</sup> Tinha como pseudônimo “Gastão Penalva”, que lhe rendeu o trocadilho “Gás tão pena alva!”, concebido por Belmiro por

<sup>776</sup> BRAGA, Belmiro *apud* COELHO, Wulmar. Meu caro poeta. In: NÓBREGA, Dormevilly. *Sátiras de Belmiro Braga*. Juiz de Fora: Edição Especial Cem Exemplares Mimeografados, 1958. p. 2. Acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>777</sup> Associação Brasileira de Imprensa. *O País*, Rio de Janeiro, 24/05/1919, p. 5.

ocasião do lançamento de um de seus livros.<sup>778</sup> Uma forma irreverente de chamar seus versos de etéreos e metafísicos, ao gosto da estética simbolista cultivada por muitos poetas da época.

Amante do violão – como cita Belmiro no soneto acima –, Penalva era amigo de Ernesto Nazareth e Chiquinha Gonzaga, a quem considerava “os mais representativos da arte puramente brasileira”. Tudo isso porque, ao seu ver, ambos “descreviam nossa terra e nossa gente no teor delicado de composições características que não logram nem comportam imitação. Simplesmente porque eles não imitaram. Seria o mesmo que arremedar na mata o canto do sabiá ou deturpar numa tela a placidez merencória de um luar.”<sup>779</sup>

Não se sabe com que regularidade, mas ambos os escritores também se correspondiam, como evidencia uma carta humorística datada de 8 de junho de 1917 (ver anexo), na qual trata da visita do amigo à Juiz de Fora para resolver pendências de sua licença de tabelião junto ao governo de MG. Mesclando a escrita textual com desenhos de caricaturistas do círculo de amizades de ambos<sup>780</sup> (dentre eles, Raul Pederneiras), o remetente sugeria ao amigo que trocasse a vida burguesa do cartório pelo convívio nas rodas literárias cariocas: “[...] É preciso agora que voltes, com armas e bagagens, e troques o teu rendoso cartório de Juiz de Fora pelos braços saudosos dos amigos que aqui te aguardam sob a forma curvilínea de um grande e fraternal amplexo.”<sup>781</sup> A propósito, no poema abaixo, este lhe chama de “tabelião da rima” e “notário melhor de Juiz de Fora”:

Este é Belmiro, o menestrel famoso  
Das castelãs românticas de agora.  
E que daqui se foi há pouco embora,  
Tristonho, sorumbático e saudoso.

O lavor de seus versos aprimora,  
Qual joalheiro das musas, cuidadoso.  
Dos poetas nacionais é o mais formoso  
E o notário melhor de Juiz de Fora.

Se de um grupo de amigos se aproxima,  
Ao despontar do tabelião da rima,  
Logo se tomam sérias precauções.

Murmuram vozes baixas, assustadas:  
- “Os casacos fechemos, camaradas,

<sup>778</sup> D. *Quixote*, Rio de Janeiro, 14/02/1920, p. 2.

<sup>779</sup> PENALVA, Gastão. Chiquinha Gonzaga. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 18/10/1939, p. 5.

<sup>780</sup> Carta de Sebastião de Souza para Belmiro Braga, Rio de Janeiro, 08/06/1917. Arquivo Pessoal de Dormevilly Nóbrega – Coleção Belmiro Braga – caixa 19. SECOM/UFJF, Juiz de Fora (MG).

<sup>781</sup> Carta de Sebastião de Souza para Belmiro Braga, Rio de Janeiro, 08/06/1917. Arquivo Pessoal de Dormevilly Nóbrega – Coleção Belmiro Braga – Caixa 19. SECOM/UFJF, Juiz de Fora (MG).

Que é chegado um ladrão... de corações.<sup>782</sup>

Penalva perscrutava o juiz-forano e o transformava em objeto de suas crônicas. Foi ele, por exemplo, o convidado pelo próprio juiz-forano para acompanhá-lo na busca de um presente que um pintor português lhe oferecera em agosto de 1919, no Gabinete Português de Leitura – instituição fundada no Rio de Janeiro em 1837 e estabelecida, em 1880, na Rua Luís de Camões (Centro), com o objetivo de se transformar em um “núcleo fomentador de várias iniciativas culturais e educacionais”, como o estímulo à leitura, estudos noturnos e apoio aos portugueses que chegavam ao Brasil sem muitas alternativas.<sup>783</sup> O presente que lá esperava por Belmiro Braga era um retrato a carvão feito pelas mãos de Carlos Reis, artista recém-chegado à capital federal, juntamente com o filho, na expectativa de expor seus trabalhos e promover maior aproximação artístico-literária luso-brasileira. Com os rastros de destruição deixados pela Primeira Guerra Mundial no continente europeu, as trocas culturais entre Brasil e Portugal se intensificaram. O Brasil passava a ser visto como um potencial e promissor mercado de arte para os portugueses.<sup>784</sup>

A presença de Carlos Reis e de seu filho mobilizou a classe artística na capital federal, acionando os laços de solidariedade de instituições portuguesas em terras cariocas, como o Gabinete Português de Leitura, onde expuseram suas produções.<sup>785</sup> Por ocasião do encerramento dessa exposição, os alunos da Escola de Belas Artes prepararam uma festa em homenagem ao pintor numa chácara no Leblon (RJ), da qual o poeta mineiro não apenas

---

<sup>782</sup> PENALVA, Gastão. A Belmiro Braga. *D. Quixote*, Rio de Janeiro, 28/05/1919, p. 16.

<sup>783</sup> A historiadora Tânia Bessone afirma que “as associações portuguesas que se estabeleceram no Brasil durante o século XIX foram um elemento novo e fundamental para garantir as relações luso-brasileiras”. Associações como Gabinete Português de Leitura, Liceu Literário Português, Retiro Literário Português, dentre outras, “mobilizaram muitos esforços de portugueses e brasileiros no campo dos direitos de autores, prerrogativas de livreiros, acesso às obras das bibliotecas, ampliação da oferta de educação”, contribuindo para formar “uma parcela de leitores e tornar o livro uma importante fonte de conhecimento para seus consumidores, fossem eles historiadores ou não”. Fonte: FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Livros e sociedade: a formação de leitores no século XIX. *Revista Teias*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/2822>. Acesso em: 5 mai. 2024.

<sup>784</sup> Sobre a entrega do presente ao Belmiro Braga, ver: PENALVA, Gastão. Cinco minutos de arte. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 06/08/1919, p. 7. Sobre o contexto da chegada de Carlos Reis e de seu filho ao Rio de Janeiro, ler: ARAÚJO, Raquel Aguilhar de. *Telas que atravessam o Atlântico: pintura portuguesa no Rio de Janeiro e em São Paulo durante a Primeira República Brasileira (1889-1929)*. Tese de doutorado em História da Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

<sup>785</sup> Suplemento *Artes e Letras*, *Jornal do Recife*, Recife, 01/08/1919, p. 3.

participou como declamou ao homenageado um poema feito de “improviso”, embalado por fogueira, discursos, bailes e músicas nacional e portuguesa (ver anexo).<sup>786</sup>

Como sabemos, Belmiro Braga era filho de português, sendo-lhe caro o afeto pela cultura e terra lusitanas. No campo da literatura, parecia exercitar uma dúbia experiência: de um lado, escrevendo textos bem próximos da realidade linguística do português brasileiro; de outro, enaltecendo a cultura lusófona.

Apesar de o lusitanismo ser visto nesse momento como uma matriz da cultura brasileira a ser superada, tendo em vista a sua associação com o atraso, o passado colonial e à tradição saudosista<sup>787</sup>, o grupo de humoristas a que Belmiro Braga estava vinculado se mostrava aberto à interlocução com alguns artistas portugueses. Vejamos, por exemplo, a recepção do trabalho do caricaturista português Joaquim José Guerreiro.<sup>788</sup>

Em 1912, Guerreiro deixou Portugal para tentar uma nova vida no Brasil, depois de uma experiência fracassada na fundação e direção da revista *A Sátira* e na condução do projeto da Sociedade dos Humoristas Portugueses. Viajou para diversas regiões do Brasil apresentando conferências humorísticas, ilustrando periódicos com suas caricaturas, realizando exposições e, ainda, atuando como ator e produtor na arte cinematográfica. Em 1918, investiu na escrita e produção de seu primeiro filme de humor, intitulado *Amor e Bohemia*, cuja proposta era considerada inovadora pela crítica veiculada na imprensa brasileira, tendo em vista a formação de um elenco quase inteiramente formado por poetas, jornalistas, pintores e caricaturistas famosos. Belmiro Braga compôs essa lista, ao lado de Raul Pederneiras, Helios Seelinger, João Batista da Costa, Olegário Mariano, Benedito Calixto, Amaro Amaral, Corrêa Dias, Francisconi, Manuel Móra, Jayme Victor, Guerreiro, Ballestone, Castaldi, dentre outros que já integravam, há alguns anos, a sua rede de sociabilidade no Rio de Janeiro.<sup>789</sup>

Joaquim Guerreiro, além de ser o autor do enredo, também representava o protagonista da trama, um pintor pobre, de nome Carlos, que se apaixona por Maria Helena, jovem de família nobilitada e abastada, filha dos barões de Pirapora. A família da moça, sabendo da origem social do rapaz, tenta impedir o romance, levando o casal a tomar a decisão de

---

<sup>786</sup> BRAGA, Belmiro. A Carlos Reis. Suplemento *Artes e Letras, Jornal do Recife*, Recife, 01/08/1919, p. 3.

<sup>787</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro...*, p. 134.

<sup>788</sup> Filho de oficial do exército português, Guerreiro nasceu em Angola em 1886. Em 1896, estudou no colégio militar de Lisboa. Em 1903, iniciou sua carreira como caricaturista na imprensa portuguesa, atuando na revista *A Tribuna* e na direção artística de *O Raio*, entre 1909 e 1910.

<sup>789</sup> Guerreiro-Film. *Palcos e Telas*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 24, 29/08/1918, p. 5.

fugir.<sup>790</sup> A história de amores “quase impossíveis”, interpelados por diferenças e desigualdades sociais, não era propriamente uma novidade, haja vista a relação de Eugênia e Juca Pindoba na peça *Na Roça*, de Belmiro Braga, que circulava pelas diversas casas de espetáculos brasileiras. Entretanto, ao contrário de Juca Pindoba, o personagem Carlos, de *Amor e Bohemia*, conquista a aceitação da família que o rechaçara, depois de ser premiado pela Escola de Belas Artes e se enriquecer com a venda de seus quadros.<sup>791</sup>

A maior parte do longa-metragem foi filmada na praia de Copacabana e no palacete de José Ortigão<sup>792</sup>, onde provavelmente se desenrolaram as cenas da residência dos barões de Pirapora. No cartaz do filme, amplamente divulgado na imprensa, o caricaturista Raul Pederneiras aparece representado sobre um jumento (ironicamente chamado de “cavalo puro sangue”), com seu conhecido bigode, sua estatura alta e magra, trajando terno e chapéu, à espera dos noivos que protagonizam o enredo.

Figura 32 – Divulgação do filme no jornal *O País*.



Fonte: *O País*, Rio de Janeiro, 24/09/1918, p. 6.

Com algumas “pitadas” de drama, a comédia fez sucesso em diversas cidades, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Apesar de alguns críticos considerarem o tema um tanto banal e a trama extensa, de modo geral, a avaliação da crítica se mostrou positiva.<sup>793</sup> A revista carioca *Palcos e Telas* qualificava a “fatura” do filme como “primorosa”, “tão boa ou superior

<sup>790</sup> Essa informação foi encontrada em nota jornalística publicada no *Jornal do Recife* (Fonte: *Jornal do Recife*, Recife, 20/10/1920, p. 8).

<sup>791</sup> Guerreiro-Film. *Palcos e Telas*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 29, 30/10/1918, p. 4.

<sup>792</sup> Cartaz de divulgação do filme *Amor e Bohemia*. *O País*, Rio de Janeiro, 24/09/1918, p. 6.

<sup>793</sup> Guerreiro-Film. *Palcos e Telas*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 29, 30/10/1918, p. 4.

a muitos que nos vêm do estrangeiro” e comemorava o “progresso” da produção cinematográfica nacional.<sup>794</sup>

O crítico Antônio dos Santos Torres<sup>795</sup> considerava acertada a escolha de Joaquim Guerreiro, ao convidar para o projeto artistas e escritores com fama em outros segmentos do campo artístico-cultural, conseguindo, assim, fazer um apelo de audiência e de público para os cinemas.<sup>796</sup> Apesar de não abrir mão da forma desdenhosa com que se referia à incipiente e precária produção cinematográfica brasileira, medindo-a com a “régua” do cinema norte-americano – que vinha alcançando elevados patamares técnicos após a I Guerra Mundial –, Torres atribuía o êxito de *Amor e Boemia* ao fato de Guerreiro não ter tido a pretensão de construir personagens complexos, incompatíveis com a realidade nacional e com o nível de inteligência de seus artistas. E argumentava que, “enquanto formos pobres, não poderemos ter a pretensão de rivalizar com a *Fox Film* nem com a *Paramount*. É manter-se a *Guerreiro-Film* no ponto em que se apresentou, melhorando pouco a pouco. E, sobretudo, muita alegria, que tristezas bastam as da vida real, que já não são poucas...”.<sup>797</sup>

Além de desdenhar a inteligência brasileira, Torres atacava com seu humor ferino diversas figuras públicas da época. Além disso, era conhecido pelo seu caráter lusófono e, portanto, intolerante à presença lusitana na história do país. Embora não fosse o único a criticar o lusitanismo, rotulando-o como retrógrado e um dos obstáculos à inserção do Brasil na modernidade, Torres era um dos que o faziam de forma radical. Guerreiro, apesar de português, foi poupado por sua pena. Talvez por ser humorista e ter vindo ao Brasil para mostrar nas telas do cinema a face “alegre” e irreverente de seu povo – missão a que os “quixotes” do humor se dedicavam.

Rui Barbosa, porém, em que pese o fato de ser brasileiro, era o mais atacado por conta de seu eruditismo, de seus hábitos “gramatigueiros” e de amante dos “clássicos” portugueses.

<sup>794</sup> Guerreiro-Film. *Palcos e Telas*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 24, 29/08/1918, p. 5.

<sup>795</sup> Antônio dos Santos Torres (1885-1934) era um mineiro que se tornou implacável crítico da vida carioca nas décadas iniciais do século XX. Guimarães Rosa o considerava “dono de pena e estilo sem ferrugem”. Ordenou-se padre em Diamantina, mas desistiu de exercer o sacerdócio. Em 1915, integrou a Sociedade Brasileira dos Homens de Letras, presidida por Olavo Bilac. Escreveu a série *Cartas de João Episcopo*, espécie de correio literário que utilizava para atacar diversas figuras públicas. Publicou *Verdades Indiscretas e Pasquinadas Cariocas* (1921), o qual atingiu a vendagem de oito mil exemplares, tecendo críticas violentas à vida artística e literária do país, incluindo a Academia Brasileira de Letras. Fontes: Portal da Crônica Brasileira ([cronicabrasileira.org.br](http://cronicabrasileira.org.br)). Ver também: GRIECO, Agripino. *Memórias de Agripino Grieco*. Rio de Janeiro: Conquista, 1972. v. 2. p. 212-221. Nesse livro, Agripino afirma que Torres não legou do “ambiente eclesástico” em que viveu como padre “nenhuma unção religiosa”; destaca, ainda, que o literato tinha aversão por portugueses e pela presença lusitana em nossa história (por isso, escreveu “Razões da Inconfidência”).

<sup>796</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/09/1918, p. 2.

<sup>797</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/09/1918, p. 2.

Por isso, era frequentemente troçado – inclusive, nos versos belmirianos. Nesse aspecto, Belmiro parecia se inspirar no pensamento de Antônio Sales, que o colocava na lista dos que não escreviam em “português do Brasil”, por considerar que sacrificava a originalidade de seu instrumento de expressão com o gosto neoclássico e o apego ao purismo lusitano. Visto como profundo conhecedor dos clássicos, Rui acabou se tornando símbolo do bacharelismo e da cultura livresca, sendo qualificado como porta-voz de um discurso artificial e antiquado às novas demandas da modernidade. Sales encontrava analogias entre seu estilo e o de Padre Antônio Vieira – rebuscado, elevado, verborrágico e destituído de espontaneidade e “psichê” pessoal. Em contraposição, considerava os trabalhos de Euclides da Cunha mais “sinceros e mais brasileiros”, embora “menos perfeitos” na forma.<sup>798</sup>

Não é novidade dizer que, na linguagem da caricatura dessa época, Rui era quase sempre representado com a cabeça “avantajada”, aludindo à sua faceta de símbolo da “cultura livresca”.<sup>799</sup> Foi assim que Belmiro Braga, em parceria com Raul Pederneiras, também o satirizou na *Revista da Semana*, em 1917.<sup>800</sup>

Ambos optaram por representá-lo sentado na cadeira de um cinema, inspirando-se no hábito do estadista de frequentar os cinematógrafos do centro do Rio de Janeiro, nos quais normalmente possuía “cadeiras cativas”, exclusivas e personalizadas com as iniciais de seu nome. Josué Montello (1917-2006), no *Pequeno Anedotário da Academia Brasileira*, narra de forma prosaica a suposta cena que teria inspirado Belmiro Braga. Indo a um cinematógrafo acompanhado de um grupo de amigos escritores – dentre eles, Martins Fontes, então recém-chegado do Amazonas –, o mineiro teria, no transcorrer da sessão, presenciado Rui Barbosa adentrando a sala de exibição e se acomodando em sua habitual cadeira, que, por sinal, estaria posicionada em frente à sua, atrapalhando-o paquerar a mulher sentada na fileira da frente. Finda a sessão, o grupo de amigos seguiu para um café na Rua Gonçalves Dias, onde o “Trovador de Vargem Grande” teria rascunhado o seguinte epigrama<sup>801</sup>:

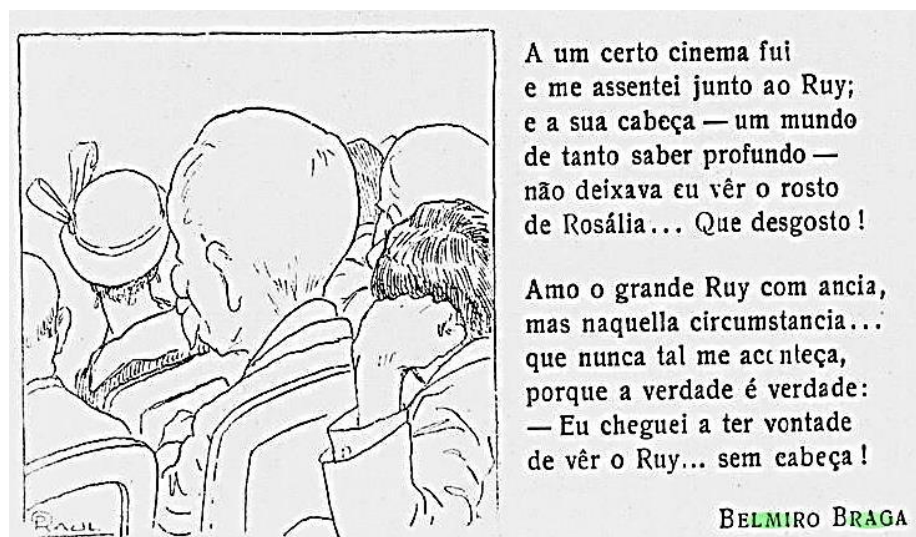
<sup>798</sup> SALES, Antônio. A Classicomania. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 70, outubro de 1921, p. 99-107.

<sup>799</sup> NÓBREGA, 1958, p. 39. BRAGA, Belmiro. Contrariedade. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida*. Juiz de Fora: Tipografia Luz, 1923.

<sup>800</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 01/12/1917, p. 32.

<sup>801</sup> MONTELLO, Josué. *Pequeno Anedotário da Academia Brasileira*. 1. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961. p. 263-265. Josué Montello nasceu em São Luís do Maranhão, em 1917, e faleceu no Rio de Janeiro, em 2006. Em 1932, integrou a Sociedade Literária Cenáculo Graça Aranha, na qual se congregaram escritores do Maranhão de filiação modernista. Em 1936, fundou o semanário *Dom Casmurro* e colaborou com as revistas *Careta*, *O Malho* e *Ilustração Brasileira*.

Figura 33 – Caricatura de autoria de Raul Pederneiras e poema satírico de Belmiro Braga.



Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 01/12/1917, p. 32.

Apesar de apoiar Rui Barbosa na disputa presidencial em 1919, Belmiro Braga dele também divergia quando o assunto era o maxixe. Enquanto este estimava o maxixe por ser uma dança capaz de mexer com a nossa alma e nos aproximar das raízes populares brasileiras<sup>802</sup>, aquele a repugnava veementemente. Basta lembrar, por exemplo, de sua crítica à famosa “noite do corta-jaca”, evento de encerramento do mandato presidencial de Hermes da Fonseca. Por essa ocasião, a primeira-dama e também artista e caricaturista, Nair de Teffé (1886-1981), aprendeu tocar ao violão, com Catulo da Paixão Cearense, o maxixe “Corta-Jaca” – de autoria de Chiquinha Gonzaga e Machado Careca –, transformando-a em uma das “atrações” do jantar. Rui Barbosa, então senador federal e opositor de Hermes da Fonseca desde a Campanha Civilista (1910), fez coro à reação escandalosa das elites conservadoras, publicando na imprensa um artigo em que qualifica o maxixe como “a mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens”.<sup>803</sup>

A visão de Rui Barbosa acerca do maxixe não destoa da perspectiva de outros contemporâneos, como José Madeira de Freitas (Mendes Fradique), amigo de Belmiro Braga. Conservador, moralista e adepto de uma concepção civilizatória europeia antipática à modernidade, sobretudo a norte-americana, Freitas incluía o maxixe no grupo de ritmos que

<sup>802</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/08/1918, p. 6. Murilo Mendes também destaca a afeição de Belmiro Braga pelo maxixe em suas memórias. Ver: MENDES, Murilo. *A idade do serrote...*, 1968, p. 39.

<sup>803</sup> Anais do Senado Federal, v. VII, sessões de 1 a 30 de novembro de 1914; Jornal *A Época*, n. 806, 08/11/1914, p. 1 e 2. *Apud* NASCIMENTO, Rafael. Catete em ré menor: tensões da música na Primeira República. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 67, p. 38-56, ago. 2017.



considerava “demonstração de sentimentos inferiores, apetites esquisitos, de ensurdecimento da consciência e exaltação da força bruta”.<sup>804</sup>

Belmiro, no entanto, não polemizava sobre o maxixe na imprensa, optando por não chamar os detratores da dança para o embate. Sua preferência era por ser reconhecido pela capacidade de acionar sentimentos líricos e humor ligeiro em públicos leitores heterogêneos, buscando graça nos mais insólitos temas. Nesse sentido, gostava de transformar em humor até mesmo os mais trágicos acontecimentos reais, como a sua própria traumática experiência com a epidemia de gripe espanhola.

Em 1918, após contrair a gripe e ficar entre a vida e a morte, comparando a epidemia a um “ciclone” que “varreu” as casas, deixando cadáveres espalhados por vários pontos da capital federal<sup>805</sup>, não deixou de escrever sonetos humorísticos literatizando essa experiência. Um deles foi produzido em agradecimento ao médico Anísio Circundes de Carvalho, lente aposentado da Faculdade de Medicina da Bahia, que teria sido o responsável por seu tratamento:

Nos braços de espanhola vagabunda  
Nove dias passei. Que nove dias!...  
Tinha gelo nos pés, tinha as mãos frias  
E na cabeça, a arder, que dor profunda!...

Já rezavam no quarto Ave-Marias  
Em tenção da minh'alma moribunda,  
Quando o ilustre Circundes me circunda  
De iodo o peito, minado de avarias.

Ele entre as garras, a espanhola agarra,  
Dá-lhe quatro boléos: - Chega de farra  
E a megera raspou-se contrafeita...

- Devo-lhe a vida! Exclamo de alma grata;  
E ele, isto ouvindo, diz: - Mas que pirata!  
Lembra a vida e se esquece da receita...<sup>806</sup>

Borrando as fronteiras da tragédia e da comédia, o poeta publica, na *D. Quixote*, outros dois poemas: no primeiro, trata de um doente, Navarro, que falece por quebra de resguardo, após comer “meio metro de linguíça”; no segundo, enquanto isso, aborda a falta de competência de alguns médicos para o tratamento da doença.

<sup>804</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, 1993, p. 191.

<sup>805</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 04/11/1918.

<sup>806</sup> BRAGA, Belmiro. Agradecimento. *D. Quixote*, n. 83, ano 2, 11/12/1918, p. 15.

I.	II.
<p>O Navarro de gripe cai doente E, febril, uma coisa só cobiça: - Comer um meio metro de linguiça Mal assada na brasa ou na aguardente.</p> <p>“Qual quinino! Qual água de melissa!” (e o Navarro explicava a toda gente:) - “Na medicina, hoje é coisa assente: Para gripe, não há como linguiça...”</p> <p>De linguiça o Navarro come um metro, E, depois, como um rei que empunha o cetro, Diz, na cama assentado: - “Toca o carro!”</p> <p>“Para a gripe, não há como linguiça”, Dizia hoje comigo, ao vir da missa, Que se rezou por alma do Navarro...<sup>807</sup></p>	<p>Filomeno, formado em medicina, Não sabe receitar uma poção E aparecendo a gripe, ele: - “Que mina! Vou exercer a minha profissão.”</p> <p>Ontem, o vi, garboso, numa esquina, Cercado de basbaque multidão: - “Mal me viu a espanhola, fez-se fina E foi-se escafedendo contramão.”</p> <p>“Dos doentes que tratei, a não ser um Levado para a tal vala-comum, Não perdi nem um outro mais, sequer;</p> <p>De todos eles aqui tenho a lista: - Estão 200 em S. João Baptista E o resto em S. Francisco Xavier...”<sup>808</sup></p>

A revista *D. Quixote*, com a ressalva de que a epidemia tivesse entrado para “o rol das coisas de que não se pode falar sem despertar trágicas recordações”, explicava que Belmiro Braga desafiava a dura realidade com o seu humor.<sup>809</sup> A comicidade da morte de Navarro, em seu soneto, revela-se muito similar à do personagem João Pontes, no conto “O engraçado arrependido”, de Monteiro Lobato, publicado na *Revista do Brasil* (1918) e no livro *Urupês* (1919). Nele, Lobato narra a história de um humorista que, após viver longos anos fazendo as pessoas rirem, deseja se dedicar a uma profissão “séria”, com a qual pudesse gozar de credibilidade e confiança. Valendo-se de várias tentativas malsucedidas para obter tal emprego, sua estratégia final foi usar a seu favor o maior talento que a vida lhe deu: através do riso, arma que podia utilizar impunemente, induziu à morte um parente pistolão, em cujo cargo se mostrava interessado. Acontece, porém, que o remorso por matar de rir o parente, somado à não conquista do cargo almejado, mergulhou Pontes na depressão, levando-o a se enforcar na própria ceroula.<sup>810</sup> Fictícios ou não, Pontes e Navarro são personagens contemporâneos. As causas de suas mortes – “linguiça” e “ceroula” – não deixam espaço para o choro. No lugar de lágrimas de tristeza, compaixão e empatia, risos abundantes.

<sup>807</sup> BRAGA, Belmiro. Sem Resguardo. *D. Quixote*, Rio de Janeiro, n. 80, ano 2, 20/11/1918, p. 13.

<sup>808</sup> BRAGA, Belmiro. A Espanhola e os Filomenos. *D. Quixote*, Rio de Janeiro, n. 80, ano 2, 20/11/1918, p. 13.

<sup>809</sup> “Ainda Ela”. *D. Quixote*, Rio de Janeiro, n. 80, ano 2, 20/11/1918, p. 13.

<sup>810</sup> LOBATO, Monteiro. O engraçado arrependido. In: \_\_\_\_\_. *Urupês*. 4. ed. São Paulo: Edição da Revista do Brasil, 1919. p. 31-49. Vale ressaltar que este conto foi publicado primeiro na *Revista do Brasil* e, posteriormente, em 1918, integrando a primeira edição do livro *Urupês*.

Através da tragicomédia e da literatização da realidade, os literatos/artistas tinham licença para abordar assuntos “sérios”, como suas experiências trágicas/dramáticas e suas próprias condições precárias de existência. Foi se comportando e se expressando de maneira ambígua que Belmiro Braga e outros de sua geração – mesmo integrando a lista dos “proscritos”, e não dos “vencedores” – ganharam a fama de “poetas de reputação” e de “espírito predestinado à suprema conquista do bem”. Para Figueiredo da Silva, o primeiro grande passo para um literato se tornar representante do “bom humor” era saber como não expressar de “maneira espalhafatosa suas revoltas quanto aos meios de sua existência”.<sup>811</sup> Nesse frágil equilíbrio, Belmiro Braga tentava manter sua “boa” imagem pública, expressando-se criticamente por entre as brechas do sistema.

### 5.3 *Contas do Meu Rosário: um poeta do entre-lugar*

Em 1918, Antônio Sales deixava o Rio de Janeiro para regressar à sua terra natal, o Ceará. Esse regresso teve impactos na relação do mineiro com a capital federal. Sem a sua companhia nos tradicionais encontros realizados na Garnier, o autor de *Rosas* se confessava “bestializado”: “[...] depois que tu foste embora, fiquei bestializado completamente. Já estive três vezes em Juiz de Fora e já me mudei de pensão e ainda estou no ar. Não imaginas a falta que me fazes aqueles encontros na *Garnier*! Passam dias e dias que lá não apareço e muita gente pensa que eu estou fora”.<sup>812</sup> A partir de então, a amizade continuou exclusivamente através de cartas regularmente trocadas, apesar de algumas procrastinações de ambas as partes no envio das respostas, que resultaram, inclusive, em dois sonetos satíricos na *D. Quixote*.<sup>813</sup>

As cartas trocadas nesse período nos possibilitam rastrear uma série de informações. Através delas, ambos se amparavam e se aconselhavam em diversos assuntos, como, por exemplo, na ocasião em que B. B. solicita que um amigo de Cotegipe, Cyro Coelho, que viajava para o Ceará a serviço da Comissão Contra as Secas do Nordeste, fosse acolhido por Sales em terras cearenses.<sup>814</sup> Além de trocarem incentivos, conselhos, recortes de jornais e atualizações sobre as novidades de seus respectivos estados, mantinham seus nomes “vivos” nas memórias dos conterrâneos.

<sup>811</sup> SILVA, Figueiredo da. Um poeta que não pode. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 04/08/1934, p. 21.

<sup>812</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 25/03/1918.

<sup>813</sup> Entre poetas (Duas cartas). In: *D. Quixote*, Rio de Janeiro, n. 81, ano 2, 27/11/1918, p. 17.

<sup>814</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 11/02/1920. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

Além contribuir para divulgar o único romance do amigo, *Aves de Arribação*, Belmiro Braga lhe sugeria que se dedicasse a esse gênero de escrita. O mineiro, lamentando a escassez de romancistas no Brasil, chegava à mesma constatação feita nas pesquisas de Sérgio Miceli sobre a literatura desse período, qual seja: a de que a poesia era o “gênero social e intelectualmente mais rentável” nesse incipiente mercado de produção cultural brasileiro dos anos 1910 e 1920.<sup>815</sup>

Antônio Sales não seguiu os incentivos do amigo. Não chegou a escrever outro romance. Apenas reeditarão seu *Aves de Arribação* pela Companhia Editora Nacional em 1929, com o prefácio de Tristão de Ataíde (Alceu Amoroso Lima). Somente na década de 1930 a produção de romances no Brasil será alavancada, refletindo o momento em que o país viverá, segundo Miceli, um “processo de substituição de importações” no campo editorial.<sup>816</sup>

Não bastasse o retorno de seu amigo e “padrinho literário” à terra natal, o “Trovador de Vargem Grande” ainda sentiria a perda de dois nomes nas letras brasileiras: Emílio de Menezes, em 6 de junho; e Olavo Bilac, em 28 de dezembro. Sobre o primeiro, escreve ao Sales algumas linhas de lamento pelo discurso censurado na ABL: “O *Jornal do Comércio* trouxe o discurso que ele [Emílio de Menezes] deveria pronunciar na Academia. É uma peça triste e cheia de ironia e verdade. Pobre Emílio!”<sup>817</sup>

O falecimento do humorista, como já sabemos, adensava o processo de decadência da chamada “geração boêmia”, cujo passado Olavo Bilac dissera ter suplantado com suas pujantes ideias nacionalistas. Belmiro Braga, enquanto isso, na condição de “Quixote da comédia”, publicaria no mesmo ano os versos humorísticos intitulados *A Moda*, que apresentara em uma festa de caridade realizada nos jardins de Júlia Lopes de Almeida. A *Cruzeiro do Sul*, empresa na qual trabalhava o poeta, imprimiu os versos em formato de plaquete, distribuída gratuitamente a seus clientes.<sup>818</sup>

Constituídas de poucas páginas, as plaquetes são livros de pequenas espessuras e dimensões, que, nesse momento em que as letras se imiscuíam com a publicidade das empresas, passaram a cumprir perfeitamente o papel de brindes ou pequenos agradecimentos ofertados aos consumidores. Nessa, de autoria de Belmiro Braga, o poeta aborda satiricamente a moda feminina, tema muito em voga nesse contexto. Se, no campo do desenho, Raul

---

<sup>815</sup> MICELI, 1978, p. 92.

<sup>816</sup> MICELI, 1978, p. 72.

<sup>817</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 06/06/1918. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>818</sup> BRAGA, Belmiro. *A Moda*. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 09/03/1918, p. 19.

Pederneiras foi um dos mestres na arte de caricaturar as alterações do vestuário e da maquiagem das mulheres<sup>819</sup>, Belmiro o fez nos versos:

Tem três anos e no espelho  
põe-se a olha toda enlevada  
- não seu rostinho vermelho,  
mas a camisa rendada.

O pensamento me leva  
a conclusões imprevistas:  
- no tempo de Adão e Eva  
com certeza houve modistas.  
Vai Dezembro, vem Janeiro,  
e saber a gente quer:  
- qual foi que Deus fez primeiro:  
foi a moda ou a mulher?

Vestidos de cauda... Eu acho  
que o decote a cauda anima;  
pois o que lhe sobra em baixo  
é aquilo que falta em cima...

A moda ninguém repele,  
mas devemos concluir  
que os homens ficam sem pele  
para as mulheres vestir...

Haverá quem me conteste  
esta verdade engraçada:  
- A mulher que bem se veste  
quase não se veste nada...

Nossa Senhora! Um vestido  
tantos rendados requer  
que hoje as rendas do marido  
vão nas rendas da mulher...

Não há mulher tão ladina  
como a menina da roça  
onde a moda predomina:  
perna fina... meia grossa,  
perna grossa... meia fina.

Sou casado. Também grito  
de pôr a modista tonta  
mas se o vestido é bonito,  
viro a cara e... pago a conta.<sup>820</sup>

---

<sup>819</sup> Sobre este assunto, consultar o seguinte texto: NERY, Laura. Cenas da vida carioca: o Rio no traço de Raul Pederneiras. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 435-458.

<sup>820</sup> BRAGA, Belmiro. A Moda. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 09/03/1918, p. 19.

Esse poema, ao que tudo indica, parece ter sido uma versão modificada de outro, “*Picnic em Paquetá*” (ver anexo), publicado na *Careta*, em 1917. Seguindo a mesma tendência na década seguinte, o poeta também publicará este soneto sobre o decote feminino:

Para uns braços de moça ver, outrora  
tinham os moços a maior tortura.  
Que mangas tão compridas!... Mas, agora,  
a coisa muda de figura.

E um tornozelo, então?!... Nossa Senhora!  
Nenhum homem logrou essa ventura,  
pois quando o pé a ponta punha fora,  
vinha, logo, em seguida, uma censura...

Hoje, o decote é como o câmbio - desce;  
e a barra dos vestidos, se acontece  
mostrar as ligas, batem palmas os pais...

Se a Moda a roupa em baixo e em cima poda,  
trarão as nossas netas, por ser moda,  
uma faixa à cintura e... nada mais...<sup>821</sup>

Após circular amplamente, a plaquete se tornou assunto na imprensa periódica. A *Revista da Semana* a considerava “sem pretensões literárias”, mas “buliçosa de ironia e de malícia”.<sup>822</sup> A *Fon-Fon*, ratificando a verve “espontânea e fina” do autor, definia os referidos versos como “filosofia para os maridos”.<sup>823</sup> Embalado pelo sucesso desse trabalho e aproveitando seu *status* de “garoto-propaganda” da *Cruzeiro do Sul*, o vate ainda conseguiu com que a empresa editasse e imprimisse seu próximo livro, *Contas do Meu Rosário*, no qual selecionou e compilou vários dos poemas dispersos nos periódicos desde que a segunda edição de *Rosas* fora publicada em 1915.

Em carta para Sales, porém, B. B. confessava não acreditar no êxito do projeto. Publicava-o, segundo ele, com a intenção de evitar que, após a sua morte, terceiros se apropriassem ou organizassem suas produções de maneira indesejável.<sup>824</sup> “Passado à máquina” no escritório da companhia, o livro foi editado em 1918, mas somente no início de

<sup>821</sup> BRAGA, Belmiro. Moda. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida*. Juiz de Fora: Oficinas Gráficas Luz, 1923. O poema foi escrito e impresso em forma de plaquete antes de o poeta publicá-lo no livro *Tarde Florida*.

<sup>822</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 09/03/1918, p. 19.

<sup>823</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 23/02/1918, p. 6.

<sup>824</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 06/06/1918. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

1919 os exemplares começaram a circular. A crise do papel, decorrente da Primeira Guerra Mundial, parece ter atrasado o processo.<sup>825</sup>

Esse, que é considerado o quarto livro de poemas de Belmiro Braga, significou um “divisor de águas” em sua carreira, se considerarmos a movimentação da crítica nos jornais e revistas do final da década de 1910. Será nesse momento que as avaliações críticas começarão a romper a bolha dos estereótipos incansavelmente replicados, que não ultrapassavam as fronteiras do “natural”, espontâneo”, “singelo” e “sincero”. Uma mudança que talvez refletisse a consolidação dos contatos estabelecidos com os grandes nomes das letras nacionais em terras cariocas.

Antônio Sales dizia que o amigo, com seus quase 50 anos de idade, havia chegado à “plena maturidade” na carreira literária. Todavia, não deixou de ser um dos primeiros – senão o primeiro – a apontar a “quebra de unidade estética” de *Contas do Meu Rosário*. Discordando da mistura de poemas profundamente líricos com epigramas e sátiras em um mesmo livro, considerava de bom tom que estes fossem reservados a “volume à parte”. Preocupado com a repercussão desse equívoco, publicou no *Correio do Ceará* um longo texto, cujo teor mais parece uma tentativa de protegê-lo de possíveis críticos.<sup>826</sup>

O cearense – que, na concepção de Gastão Penalva, tinha “alegria sóbria” e “quase envergonhada” e “arrependida”<sup>827</sup> – preferia compartimentalizar os dois gêneros. Não lhe parecia coerente que as sátiras de sua viagem à Europa em 1914, nem o epigrama dedicado ao já falecido Olavo Bilac – no qual dizia “Não gosto do teu livro – esse tesouro/ de tantas obras-primas imortais,/ pois sempre que te leio os versos de ouro/ os meus detesto mais”, bem como a troça feita a um amigo (“Teus versos são horríveis, e no entanto,/ eu gosto de teus versos, João Matheus:/ Foi depois que os reli, que um certo encanto/ achei nos meus...”<sup>828</sup>), dividissem o mesmo volume com as notas de pesaroso luto sentido pelo assassinato do irmão Solano Braga: “Que este emblema breve e tosco/ suba ao céu – teu doce abrigo:/ - Tu vai vivendo conosco/ e nós – morrendo contigo...”<sup>829</sup> Também não concebia o fato de o riso

<sup>825</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, 10/11/1918. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ). Para saber maiores detalhes sobre os bastidores dessa publicação, consultar a carta datada de 05/11/1918.

<sup>826</sup> SALES, Antônio. Belmiro Braga. *Correio do Ceará*, [Fortaleza], 03/05/1919. Recorte de jornal integrante do álbum pertencente à coleção particular de Leila Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, em Juiz de Fora (MG).

<sup>827</sup> PENALVA, Gastão. Antônio Sales. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 15/10/1941, p. 5.

<sup>828</sup> BRAGA, Belmiro. Sátiras. In: \_\_\_\_\_. *Contas do Meu Rosário*. Rio de Janeiro: Edição da Companhia de Seguros de Vida “Cruzeiro do Sul”, 1918. p. 137 e 139.

<sup>829</sup> BRAGA, Belmiro. No túmulo do meu irmão Solano Braga. In: \_\_\_\_\_. *Contas do meu Rosário...*, p. 188.

descontraído rivalizasse com a melancolia, o lirismo e as reminiscências do poema “Lar Paterno”, em que evoca as memórias de infância na casa dos pais na Fazenda da Reserva:

“Foi aqui neste plácido retiro,  
ouvindo a voz amiga de teus pais,  
que a infância alegre te correu, Belmiro,  
a alegre infância que não volta mais...”

É da saudade a voz a que resiste  
o pétreo coração que à dor não chora,  
que assim me vem falar, saudosa e triste,  
quando à casa paterna volto agora.  
[...]<sup>830</sup>

Além das mais variadas e doloridas memórias do tempo em que viveu com os pais na roça de origem, o poeta abriu espaço nas páginas do livro às expressões líricas, graciosas, humorísticas e filosóficas acerca da paisagem da Praia do Flamengo, no bairro carioca em que morava. Publicados originalmente na *Revista da Semana* (ver anexo), por ocasião de sua chegada ao Rio de Janeiro, em 1916, esses poemas nos deixam entrever as representações de um mineiro acerca de uma urbe litorânea e de pretensões cosmopolitas, que, gradativamente, apropriava-se das praias como cenários associados à modernidade, em consonância com as aspirações daquilo que se convencionava chamar de hábitos alegres e sadios da juventude e da mocidade (“Rapazes guapos e mocinhas belas/ – os nomes principais do nosso escol –/ sobem, descem, risonhos, tagarelas,/ falando em *teams, match* e *foot-ball*”.<sup>831</sup>).

Contrastando as visões diurna e noturna da orla, o poeta evoca a alegria e a melancolia com a mesma intensidade. Se o dia é colorido pelo azul do céu e da água do mar e pelas multicores dos transeuntes (“As janelas da casa em que resido/ dão para a praia iluminada, e eu penso/ ver uma rosa em cada foco intenso/ e em toda a praia – um roseiral florido”), a noite é “pintada” em tons escuros, fazendo o silêncio exterior dos homens contrastar com o agito das águas do mar. Enquanto a população dorme, o eu-lírico, insone, põe-se a prestar atenção no barulho (“gemido”) provocado pelo ritmo das águas. Associando seu estado de alma ao mar revolto à sua frente, ambos (o eu-lírico e o mar) põem-se a conversar sobre suas amarguras e dores. Ao longo da conversa, este lhe diz que o sofrimento e a aflição de suas águas são eternos; ao contrário do eu-lírico, condenado à finitude da existência. As “serenas rendas de espumas”, que se formam com as batidas das águas na pedra, longe de expressarem

<sup>830</sup> BRAGA, Belmiro. Lar Paterno. In: \_\_\_\_\_. *Contas do Meu Rosário...*, p. 23.

<sup>831</sup> Fragmento do poema “Flamengo” (Fonte: BRAGA, Belmiro. Flamengo. In: \_\_\_\_\_. *Contas do Meu Rosário...*, p. 202).



o “sorriso” da natureza, são “cuspos de nojo de uma dor oculta”. Sem consolo possível, o eu-lírico é convidado a regressar ao seu lar e dormir. Constrangido, pede desculpas e promete não mais voltar.<sup>832</sup>

Sua predileção pelo simbolismo das águas para traduzir sentimentos complexos é patente em várias de suas poesias. Não nos parece fortuito que, certa vez, Sylvio Romero o tivesse comparado a um “riacho que corre pela mata cantando”, natural e espontaneamente, prescindindo do “cimento” da cultura para demonstrar seus encantos.<sup>833</sup> O crítico, porém, parecia desconhecer o Belmiro melancólico de outros poemas, como “Olhando o rio”, publicado em seu primeiro livro, *Montezinas*, no qual compara o som emitido pelo tortuoso curso das águas fluviais ao lamento de um “coração tristonho”.<sup>834</sup> Em *Contas do Meu Rosário*, o mineiro é aquele que contempla o mar sem se esquecer do rio que corre pelo “mar de morros” de suas Minas Gerais. O poeta não se prende ao fascinante enlace entre o azul das águas salgadas e o céu, mas contempla também os mistérios evocados pelas vastas e profundas águas que escurecem na solidão noturna.

Se, para o vate, antes de os rios se formarem, tudo se resume a um “tênue fio de água límpida a cantar”, esse canto se perde e se transforma em rugido no avolumar das águas acumuladas ao longo do caminho. É quando um “rio de turvas águas” se forma, feito de “angústias e mágoas”, que corre rugindo para o “imenso mar”, metáfora da morte:

Nossa vida é como um rio:  
a princípio, tênue fio  
de água límpida a cantar.

Depois, cresce, cresce, cresce  
e, rio de turvas águas,  
feitas de angústias e mágoas,

não canta mais... Ruge e desce  
para a Morte – o imenso mar...<sup>835</sup>

Antônio Sales dirá que, “mesmo com o cimento da cultura”, Belmiro “não perderá sua graça inata” e que a maior “prova” disso estaria no fato de que, ao ser “transportado para o

<sup>832</sup> BRAGA, Belmiro. Flamengo. In: \_\_\_\_\_. *Contas do Meu Rosário...*, p. 189-204. Ver também: BRAGA, Belmiro. Flamengo. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11/11/1916, p. 24.

<sup>833</sup> Romero *apud* SALES, Antônio. Belmiro Braga. *Correio do Ceará*, [Fortaleza], 03/05/1919. Álbum de recortes de jornais pertencente à coleção da sobrinha-neta do poeta, Leila Maria Fonseca Barbosa.

<sup>834</sup> BRAGA, Belmiro. Olhando o rio. In: \_\_\_\_\_. *Montezinas* (primeiros versos). 1. ed. Juiz de Fora; Porto: Editor Jornal do Comércio; Tipografia Universal de Antonio Figueirinhas, 1902. p. 131.

<sup>835</sup> BRAGA, Belmiro. Nossa Vida. In: \_\_\_\_\_. *Contas do Meu Rosário...*, p. 244.

Rio e lançado no meio mundano, continuou a cantar as elegâncias da praia do Flamengo com a mesma graça e o mesmo sentimento que estão nele e que a ação do meio não modificará”.<sup>836</sup>

Ao comentar sobre a “mistura” de um lirismo profundo com um humor jovial em *Contas do Meu Rosário*, Sales se questionava sobre como Belmiro conseguia “conjugando no mesmo espírito tendências tão opostas”. Em outras palavras, “como um homem tão delicadamente sentimental podia ser ao mesmo tempo tão comicamente jovial”? A resposta, mais uma vez, será buscada no caráter espontâneo, natural e simples do amigo, que, segundo ele, faz com que a “melancolia ande a par do bom humor numa promiscuidade que pareceria incongruente a um leitor incauto”.

Ratificando que os traços genuínos de seu espírito e temperamento eram os responsáveis por torná-lo estimado pelos menos e mais afeiçoados às letras, o autor de *Aves de Arribação* o considerava um poeta que não apenas era, mas fazia questão de ser, “simples” e “esquivo aos preceitos de uma rigorosa técnica poética”. Apesar de considerá-lo desprovido de “grande cultura literária” e de conseguir chegar apenas até onde alcançava seu “espírito”, admitia que seu talento era capaz de “deslumbrar o leitor mais exigente e solerte”.

Pela primeira vez, Sales extrapola os limites do que chamava de “natural” em Belmiro para considerá-lo um mineiro que “gosta de fazer garbo de um caipirismo”, de uma “ingenuidade que muitas vezes encobre uma inteligência viva e sutil quando se trata de letras, e uma finura que chega à velhacaria quando se trata de negócios e política, se é que ainda há distinção entre estas duas coisas”. Sales admitia que “Belmiro timbra e conserva as aparências rústicas que trouxe da roça, e é isso um dos seus recursos para fazer espírito à própria custa, mistificando os outros e rindo-se deles à socapa. Quanta inteligência, quanta finura se esconde às vezes sob a casca grossa de um tabaréu mineiro!”.<sup>837</sup>

Esse comentário do cearense coincide com o momento em que parte da crítica parecia fazer uma avaliação mais alentada da obra belmiriana, dividindo-se basicamente entre os que reivindicavam o seu reconhecimento como um poeta consciente de sua arte e os que o rotulavam como intuitivo e regido unicamente pela “sinceridade”, “espontaneidade” e “naturalidade” de um poeta interiorano.

O escritor gaúcho Garcia Margiocco pertencia ao segundo grupo. Ele dizia que Belmiro Braga o surpreendia pela naturalidade dos versos, sem a “pretensão de impor o seu

<sup>836</sup> SALES, Antônio. Belmiro Braga. *Correio do Ceará*, [Fortaleza], 03/05/1919.

<sup>837</sup> SALES, Antônio. Belmiro Braga. *Correio do Ceará*, [Fortaleza], 03/05/1919. Recorte de jornal integrante do álbum pertencente à coleção particular de Leila Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, em Juiz de Fora (MG).

prestígio com o gesto trovejante com que geralmente os poetas de agora costumam asfixiar-nos com a poeira das frases feitas”. Ademais, dizia-se convencido de que “ele, poeta embora, jamais poderia deixar de ser um sincero, porque não tinha pose, não podendo, portanto, ser um mau poeta”.<sup>838</sup>

Américo Facó<sup>839</sup>, da revista *Fon-Fon*, fazia parte do primeiro grupo. Apesar de reiterar que a “espontaneidade”, a “harmonia”, a “graça”, o “lirismo”, a “simplicidade” e a “sinceridade” de seus versos eram os fatores responsáveis por torná-lo “popular e amado”, sendo mais lido nos sertões do que o mineiro e “imortal” Augusto de Lima, considerava um enorme equívoco os críticos (por ele chamados de “censores”) colocá-lo “ao lado da literatura”, impondo-lhe “restrições severas”. O autor lamentava que Belmiro Braga, sendo classificado apenas como um “doce lírico” e “versejador delicado”, fosse enquadrado no estereótipo de poeta “alheio à evolução da poesia” e “ignorante dos segredos de sua arte”. Também não se contentava com o rótulo de “remanescente” de uma poesia que já existia na história literária, justificando que o mineiro não “arrastava consigo o cadáver da Musa amada de Casimiro, a Musa dos românticos de 1860, a Musa sem ideias, sentimental, dulçurosa e lânguida”.

Belmiro Braga era, na sua concepção, um poeta de seu tempo, que, falando de todas as dores e todas as alegrias”, respondia com seu estilo “espontâneo, franco, sincero, afetivo e entusiasta”, às necessidades que os “novos tempos” anunciavam. *Contas do Meu Rosário* lhe parecia, nesse sentido, um espelho revelador da “alma complexa e bela do poeta que o escreveu”, cuja sensibilidade é capaz de “descobrir a imagem do sonhador bizarro, que se esconde constantemente sob aparências e que tem a certeza de sorrir quando os outros supõem que ele está a chorar”. Em suma, considerava-o um “poeta consciente dos bons e maus versos”, capaz de enxergar que o “juízo dos sábios é obscuro e falível e que só os simples sabem julgar bem, porque julgam pelo coração”. A grande questão apresentada por Facó no texto pode ser sintetizada na seguinte pergunta retórica: “Deve essa preferência do povo influir no julgamento da crítica? *That the question...*”.<sup>840</sup>

<sup>838</sup> MARGIOCCO, Garcia. Páginas da cidade. *Careta*, Rio de Janeiro, 15/02/1919, p. 23.

<sup>839</sup> Por ocasião da publicação desse texto, Facó morava perto de Belmiro, no Flamengo (RJ), conforme se verifica nas cartas de B. B. para Sales (Fonte: Carta BB-AS, 05/11/1918). Américo Facó (1885-1953) foi diretor da parte literária da revista *Fon-Fon*, poeta e jornalista cearense. No inventário do arquivo de Antonio Sales, há correspondências trocadas entre Facó e Sales. Numa delas, inclusive, felicita-o pela publicação do artigo “Classicomania” na *Revista do Brasil*. Além disso, confirma a entrega dos exemplares de *O Babaquara* (de autoria de Sales) a Belmiro Braga.

<sup>840</sup> FACÓ, Américo. Literatura. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 15/02/1919, p. 19.

Na *Revista Souza Cruz*, Andrade Muricy comentava que a simplicidade de Belmiro, além de torná-lo legítimo e original poeta popular, não o impedia de apresentar-se sob vários aspectos, conseguindo, assim, “efeitos artísticos” mais sofisticados, não restritos, portanto, “aos seus meios singelos e populares habituais”. Tal característica, ao seu ver, tornava-o superior a Catulo da Paixão Cearense, a quem considerava desonesto, por “transformar lendas árabes e medievais em contos sertanejos”.<sup>841</sup>

Como podemos observar, para Sales, Facó e Muricy, Belmiro Braga era um poeta que se aproximava em boa medida do “genuinamente brasileiro”, sem desconsiderar o fato de ser um escritor consciente de seus versos e, portanto, não totalmente alheio às técnicas do fazer poético. Para esses autores, Belmiro Braga estava situado no meio-termo entre o que se considerava “civilizado” e a “rusticidade” do chamado Brasil profundo. Sua despreocupação com escolas literárias, seu distanciamento da mitologia greco-romana e a sua capacidade de se expressar em língua mais próxima da brasileira eram qualidades valorizadas por uma parte da crítica. Características que alguns diziam não encontrar, por exemplo, no recém-falecido Olavo Bilac, ainda que este gozasse do título de “grande poeta nacional”.

Segundo *Jotaenne*, a obra de Bilac era vista como um tanto avessa ao “espírito étnico ou social de seu país”, o que o impediu de ser “um regionalista ou um nacionalista, na estreita significação que se dá a estas palavras”. Carecendo de “pendor espiritual para tanto”, sua produção era acusada de não “rutilar a dura vida do interior brasileiro ou a epopeia de todos os sertanistas”. Sendo o poeta da “elegância e da civilização”, não se deixou seduzir pelas “rudezas da nossa vida semi-civilizada”. Apesar de embalada pelo “fogo ardente do amor da pátria”, a poesia bilaquiana não descrevia “cachoeiras e cipoais”, preferindo “ir à Grécia buscar Phyrnéa e ao Egito buscar Cleópatra”. Por fim, o crítico arrematava com a categórica afirmação de que os dois grandes ideais do autor de *Via Láctea* eram “a salvação do Brasil e a vitória da França”.<sup>842</sup>

No *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, o crítico B. F. (não identificado) dizia que Belmiro Braga era um “filósofo sonhador” que não procurava para “temas emocionais de suas poesias os gregos e os romanos”. Comemorando que a Grécia “começava a passar de moda” na literatura, o autor enxergava na “espontaneidade”, “ternura afável”, “melancolia mansa”, “ressuma bondade” e “singeleza mineira” de Belmiro Braga as qualidades de um “poeta legítimo, criado no seio fecundo e livre da natureza”, “sem rebuscamento”, sem “alambicados da cidade”, “de uma estesia simples e bela” que “falava deliciosamente ao coração”. Embora

<sup>841</sup> MURICY, Andrade. *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro, ano 4, n. 35, out. 1919, p. 29.

<sup>842</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 04/01/1919, p. 1.

fizesse questão de se dizer “caipira”, B. B. compunha versos cuja beleza não condizia com o “caipirismo rústico” que muitos rejeitavam.<sup>843</sup>

Outro crítico, no *Diário da Manhã* (ES), chamava-o de poeta que deixava a imaginação fluir espontaneamente quando versejava, sem “lágrimas e tristezas piegas”. Sua qualidade, segundo o autor, era não precisar “catar vocábulos” para exprimir o que pensava, escrevendo na mesma língua que “vulgarmente usamos”, com “rimas claras” e “boa medida dos versos”. Seu trabalho, segundo ele, era uma “reação do bom gosto contra pseudos líricos de violão e sanfona”, “cantadores ao desafio”, “expelidores de versos intoleráveis”. Colocado entre os melhores cultores da poesia nacional, o autor de *Contas do Meu Rosário* era visto como o restabelecedor da “tradição das boas letras” e do “nosso verdadeiro lirismo”, demonstrando que “a poesia brasileira não era a melopeia inculta dos vaqueiros e tangedores”.<sup>844</sup>

No jornal *A Noite*, o poeta mineiro era caracterizado como um “crítico por intuição”, que exprimia a “pureza de um rusticismo fantasiado em plena vida da cidade”, evocando memórias do campo no “conforto de seu gabinete”.<sup>845</sup> Enquanto isso, Humberto de Campos se concentrou em identificar na obra belmiriana a presença de diálogos e influências de autores que lhe eram anteriores ou contemporâneos. Embora o considerasse um dos poetas menos expostos a influências exteriores, ressaltando que a sua poesia era “toda íntima, pessoal, vertida do coração”, Campos admitia fortes influências de autores como Augusto de Lima, Alberto de Oliveira, Ramón de Campoamor, dentre outros. Deste último, dizia ter Belmiro herdado o modo espontâneo de versejar e de “zombar dos clássicos”.<sup>846</sup>

Não se sabe exatamente quando BB começou a ser chamado de “Campoamor mineiro” na imprensa. Sabe-se que, em 1909, já era leitor do escritor espanhol, tendo traduzido alguns de seus poemas para o português – uma “tradução bárbara”, segundo ele.<sup>847</sup> Em *Contas do Meu Rosário*, valeu-se da autoironia para se eximir da autoria dos cognomes que lhe eram atribuídos: “[...] não sou culpado de me cognominarem de João de Deus, de Campoamor e de Musset, pois sei que, se ainda nenhum destes três grandes poetas protestou contra o

<sup>843</sup> B. F. O triunfo da simplicidade. *Jornal do Comércio*, [Rio de Janeiro], 20/02/1919 – edição da tarde, p. 4. Recorte de jornal encontrado em álbum que integra a coleção pessoal de Leila Barbosa, sobrinha-neta do poeta Belmiro Braga, em Juiz de Fora (MG).

<sup>844</sup> Um poeta de escol. *Diário da Manhã*, Vitória (ES), 15/02/1919, p. 1.

<sup>845</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 21/04/1919, p. 5.

<sup>846</sup> CAMPOS, Humberto de. Os donos dos nossos versos. *Revista Americana*, Rio de Janeiro, abr. 1918, p. 138-139.

<sup>847</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 05/04/1909. Arquivo Pessoal de Antônio Sales, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro (RJ).

atreuimento da comparação, é simplesmente porque, quando ela apareceu, eles já tinham... morrido.” E completa: “Só um cognome me poderia alegrar o coração e é este – Belmiro Braga, o trovador de Vargem Grande, obscuro arraial mineiro onde nasci e em cujo cemitério dormem meus queridos Pais o eterno sono...”<sup>848</sup>

Apesar dos diversos comentários elogiosos recebidos – muitos dos quais recortados e guardados em um álbum que deixou à posteridade<sup>849</sup> –, o hibridismo entre poemas líricos e humorísticos em seu último livro não deixou de lhe soar negativamente. Após Antônio Sales publicar sua avaliação crítica na imprensa cearense, Silvio Maia lhe escreve sugerindo ao cearense a publicação de uma espécie de antologia com os melhores versos belmirianos. Maia se mostrava incomodado com a falta de paciência de Belmiro Braga para “limar mais os versos” e escolher mais criteriosa e rigorosamente os assuntos. Considerando sua obra “cheia de altos e baixos”, temia que ela não resistisse “à ação do tempo”.<sup>850</sup>

Nessa modernidade do início do século XX, a rapidez da comunicação e o caráter efêmero das produções ditadas pelo jornalismo e pela mercantilização das letras, ao mesmo tempo em que ampliavam as oportunidades e possibilidades de trabalhos no mundo das letras, causavam desconfortos – como o sentimento de incompletude e fragmentação, em razão da falta de tempo necessário para amadurecer e refletir sobre o próprio fazer literário. Se, de um lado, alguns escritores mergulhavam nessa lógica produtivista, outros reagiam contrário a ela, resistindo às mudanças.

Belmiro Braga, assim como outros autores, experimentou essa tensa e dúbia relação entre o produtivismo acelerado e a concepção aristocrática de arte e conhecimento. A essa lógica ele reagia de maneira não menos dúbia, afirmando satiricamente – como vimos na entrevista concedida à *Fon-Fon*, em 1917 – que sua principal qualidade era “ser rápido em tudo” e que seu principal defeito era “fazer tudo rápido”.<sup>851</sup>

Ao mesmo tempo em que o autor de *Contas do Meu Rosário* respondia rapidamente, através de improvisos, da oralidade e da imprensa periódica, às demandas de consumo literário de seu tempo, vivia sob a contínua ameaça do esquecimento. Por isso, não perdia a

---

<sup>848</sup> BRAGA, Belmiro. *Contas do meu rosário...*, p. 12.

<sup>849</sup> Esse álbum, atualmente, encontra-se em poder de sua sobrinha-neta, Leila Barbosa, em Juiz de Fora (MG).

<sup>850</sup> Carta de Silvio Maia para Antônio Sales, São Carlos, Fazenda Boa Vista, 20/07/1919. Arquivo Pessoal Antônio Sales, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro (RJ). Até onde se sabe, essa coletânea não chegou a ser organizada e/ou publicada.

<sup>851</sup> Reportagens íntimas. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 23/06/1917, p. 20.

oportunidade de publicar suas produções em livros sempre que elas surgiam – ainda que muitas vezes esse trabalho tenha sido realizado às pressas, sem muito critério.

Integrando uma geração de escritores que não seguiam um programa literário, Belmiro era afetado pela mesma preocupação de Raul Pederneiras: a de transformar o repertório humorístico dos repentistas brasileiros em “lugar de memória”. Já sentindo os riscos do apagamento desse tipo de produção – haja vista que muitos textos se encontravam dispersos na oralidade e nos periódicos –, os próprios humoristas se preocupavam com a perpetuação de suas memórias literárias. Raul Pederneiras, em *Poesia fugitiva – os improvisos* –, ressentia da falta de “um colecionador, paciente, que encaixe[encaixasse] num livro o acervo enorme de repentismos felizes que constituem a poesia fugitiva, de sabor particular, na literatura”. Segundo ele, era preciso que alguém, “com mais calma e competência, pretenda um dia ser historiador desse gênero que esfuzia rápido e não merece ser esquecido”.<sup>852</sup>

Apesar de não ter conseguido reunir toda a sua produção em livros, Belmiro se esforçou o mais que pôde para fazê-lo, conseguindo maior êxito nesse quesito do que muitos literatos de seu tempo, como o próprio Paula Nei, que, apesar de seu enorme sucesso nos círculos literários, deixou praticamente toda a sua produção se perder na oralidade.

A maior parte dos livros de Belmiro chegou a ser reeditada, como foram os casos de *Rosas* (em 1911 e 1915) e de *Cantos e Contos*, publicado em 1906 e reeditado em 1919 pela Companhia Dias Cardoso, de Juiz de Fora, no mesmo ano em que *Contas do Meu Rosário* começou a circular.<sup>853</sup> Em nota publicada ao final dessa segunda edição, declarou o poeta que, em 1906, *Cantos e Contos* teve seus 500 exemplares esgotados em Juiz de Fora em menos de um mês.

Conquanto o qualificasse como um “livrinho desprezioso, planejado e editado em oito dias”, considerava-o o melhor de sua lavra no âmbito da crítica. Nesse sentido, fazia questão de citar a boa recepção dispensada por José Veríssimo, Silvio Romero, Arthur Azevedo, Aureliano Pimentel, Carmen Dolores e Alcino Guanabara. Mas destacava: “todos eles já mortos”. O poeta, no limiar da década de 1910, apresentava sinais de desconforto e cansaço, cujos motivos abordaremos no próximo capítulo. *A Belle Époque* chegava ao fim e, com ela, a sua empolgação com os ares cariocas.<sup>854</sup>

<sup>852</sup> PEDERNEIRAS, Raul. A poesia fugitiva: os improvisos. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 05/03/1921, p. 15.

<sup>853</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 30/01/1920, p. 4.

<sup>854</sup> BRAGA, Belmiro. Nota. In: \_\_\_\_\_. *Cantos e Contos*. 2. ed. Juiz de Fora: Estabelecimento Gráfico Companhia Dias Cardoso, 1919. p. 175.

\*\*\*

Como vimos, embora não fosse signatário de nenhum movimento literário, Belmiro Braga tinha uma produção valorizada por captar muito mais as sensações, o “estado de alma” e os sentimentos do momento do que o conteúdo e a descrição propriamente ditos.<sup>855</sup> Para Mônica Velloso, o simbolismo, na década de 1910, representava o “moderno” em seu sentido mais amplo. Foi assim, por exemplo, que Manuel Bandeira se recusou a participar do movimento paulista de 1922, argumentando que já era moderno pela via simbolista.<sup>856</sup>

Considerando-se representantes da modernidade literária do século XX, os simbolistas mais contribuíram para a efervescência de um “ambiente espiritual” do que de uma “corrente literária”<sup>857</sup>, gestando e disseminando valores, percepções e estéticas constituintes da atmosfera intelectual em que a obra de Belmiro Braga encontrará terreno fértil para a sua apropriação e difusão.

Acessível aos menos letrados, não rude aos de “gosto refinado”, fazendo tipo de caipira com trajés, graça e elegância no vestir e no humor, o poeta mineiro soava natural, sem forçar fineza ou rusticidade. Falando em português mais próximo da realidade brasileira do que muitos de seus contemporâneos, sem buscar símbolos e deuses da tradição greco-latina, era ele considerado um lírico que falava do passado sem a ele se prender.

Em tempos de pessimismo com relação ao homem do campo, por conta da obra de Monteiro Lobato (*Jeca Tatu* e *Urupês*), Belmiro Braga apostava em uma imagem que não se assemelhasse à do caboclo rude nem ao lirismo idealizado, repleto de abstrações complexas e jogos metafísicos. Também rimava em soneto e dominava a técnica dos parnasianos, mas preferia se dizer um natural, espontâneo e simples, persona que apenas começou a ser questionada como construção nesse final da década de 1910 e início dos anos 1920.

Consciente dos artifícios poéticos, continuou insistindo, porém, na máxima que condicionava a qualidade de sua produção ao seu perfil de poeta sincero. Essa insistência pode ser interpretada, mais uma vez, como uma forma de tentar se esquivar da crítica especializada e, ao mesmo tempo, continuar inserido no universo da produção literária brasileira. Essa estratégia, porém, parece ter funcionado até certo ponto de sua carreira. Cada vez mais, a literatura brasileira se aproximava de movimentos engajados nos ditos “programas sérios”, preocupados com a definição de uma identidade brasileira, sobretudo de base nacionalista.

---

<sup>855</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*, p. 59.

<sup>856</sup> VELLOSO, Mônica. *Modernismo no Rio de Janeiro...*, p. 32.

<sup>857</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*, p. 72.



Belmiro Braga, sem abandonar o romantismo, não se circunscreveu ao idealismo romântico. O poeta também apostou numa visão um tanto saudosista e melancólica sobre o seu passado campesino, ao mesmo tempo em que explorava um caipirismo repleto de tiradas humorísticas. Através da simbiótica relação entre humor e lirismo, talvez o poeta se esquivasse da acusação de excessiva carga melancólica em sua obra – sobretudo por parte dos que atribuíam à herança lusitana a presença de uma índole essencialmente triste na identidade brasileira, sobre a qual recaía a explicação para um caráter retrógrado a ser superado.<sup>858</sup>

Por conseguinte, sem se encaixar no rótulo de romântico tradicional, de parnasiano, de pessimista criticado pelos antilusitanos, o escritor mineiro fazia sucesso no entre-lugar de uma sociedade que respirava os últimos ares da *Belle Époque*.

---

<sup>858</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes...*, p. 134.

## 6 ENTRE A “DESILUSÃO REPUBLICANA” E OS “BESTAS FUTURISTAS”

*O Bandeira barítono lia Belmiro Braga e baldava esperanças de entrar para a diplomacia como diplomata. Fazia-se vaticínios perante o pai de calva gramática.*

*E mostrava-se nos versos dizendo-se partidário da poesia vagabunda mas cheia de alma. Tinha ido passar uma semana gigolette na pensão da Georgina em Santos.<sup>859</sup>*

A década de 1910 chegava ao fim. Os anos 20 começavam trazendo consigo muitas agitações políticas, sociais e culturais. Em 1922, a Semana de Arte Moderna e o Centenário da Independência do Brasil marcavam a história, potencializando uma série de debates acerca dos rumos do país e de sua República há pouco mais de três décadas implantada por um golpe civil-militar, que derrubou a monarquia e exilou a família imperial brasileira do território nacional. A Constituição de 1891, a segunda da história do Brasil e a primeira do período republicano, bem como o liberalismo oligárquico, eram questionados por diversos grupos sociais.

Em tempos de comemoração oficial de 100 anos de emancipação política em relação a Portugal, a República não apenas procurava acertar as contas com o passado monárquico, como também buscava repensar a identidade nacional brasileira, através de discussões acerca da emancipação de uma língua brasileira e da redefinição do regional em face do nacional na literatura, por exemplo. No campo da produção humorística, a imprensa periódica ainda mantinha alguns resquícios dos anos 1910. Mas o clima de *Belle Époque* já havia passado, deixando em seu lugar ideias e movimentos de teor nacionalista.

Belmiro Braga estava longe de ser um ideólogo ou intelectual preocupado com a sistematização de um sistema de pensamento destinado a analisar de modo programático a identidade literária brasileira. Apesar disso, não podemos desconsiderar a sua capacidade de participar, interagir e contribuir, de algum modo, com a construção desse contexto.

Em que pese a popularidade de que ainda gozaria ao longo das décadas de 1920 e 1930, Belmiro Braga teria a sua experiência delimitada por uma série de frustrações na política e nas letras, as quais consideramos perfeitamente passíveis de serem compreendidas

---

<sup>859</sup> ANDRADE, Oswald. Quiromancia. In: \_\_\_\_\_. *Memórias sentimentais de João Miramar*. 10. ed. São Paulo: Globo, 1998. p. 51. A primeira edição dessa obra foi publicada em 1924, com capa de Tarsila do Amaral.

pela chamada “desilusão republicana” e pelo “movimento modernista”. Sem considerá-lo um caso isolado ou mesmo invisibilizá-lo no contexto de um processo histórico mais amplo, analisaremos a experiência de Belmiro a partir das narrativas e representações que ele e seus interlocutores evocaram acerca de algumas temáticas importantes para se refletir sobre o redimensionamento de sua carreira literária e de seu papel no universo letrado brasileiro. Tudo isso, é claro, sem deixar de fora as questões políticas que perpassaram e interferiram na frágil e tênue relação entre a dedicação às letras e as estratégias de sobrevivência profissional.

### **6.1 *Tarde Florida ou Cinzas Frias? A nova década que se inicia...***

Belmiro Braga não podia imaginar o quão desafiadora seria a década de 1920 em sua vida e na história do Brasil. Desafiadora em todos os sentidos: pessoais, literários e profissionais. As preocupações com a idade se lhe tornavam quase uma obsessão. Em janeiro de 1920, completaria cinquenta anos de idade ou, para quem dramatizava o peso dos anos, “meio século” de existência, a metade de anos da história de um país que comemorava, em 1922, o Centenário da Independência. A nova idade lhe serviu como uma espécie de marco simbólico de algumas mudanças. Tudo coincidia, é claro, com a turbulenta e instável década de 1920, que, antes de começar, já apresentava a Belmiro Braga alguns dilemas. Dentre eles, a grande querela envolvendo o cartório do qual se encontrava licenciado desde 1916, quando decidiu transferir residência para o Rio de Janeiro.

Em 1919, Belmiro Braga teve seus pedidos de renovação de licença no cartório indeferidos pelo então presidente de Minas, Arthur Bernardes. Após negociação com o Secretário de Finanças do Estado, conseguiu uma lotação por tempo indeterminado na Recebedoria de Minas na capital federal. Mesmo sem dispor de rendimentos nesse cargo, via com bons olhos o fato de poder manter o vínculo com o Estado e, ao mesmo tempo, continuar na *Cruzeiro do Sul*. Como vendedor de seguros, dizia obter maiores rendimentos do que no cartório.<sup>860</sup> Esse era, segundo ele, o único motivo que o fazia retornar ao Rio de Janeiro. Nas cartas para Antônio Sales, tornavam-se repetitivas as reclamações de cansaço com a vida

---

<sup>860</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 02/05/1919. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

carioca e o fato de morar em hotel e pensão: “Aquilo ali, depois de algum tempo, cansa e eu estou meio enfarado do Rio”.<sup>861</sup>

Reclamava também de sua vida nômade e “cigana”<sup>862</sup>, sonhando “montar uma casa” onde pudesse organizar seus pertences pessoais e seus livros, encaixotados no seu escritório na *Cruzeiro do Sul*. Queixava-se da solidão, do deslocamento e de ver a vida “desmoronar” na capital, com a ausência da esposa e do filho, que fora promovido a 2º tenente e passara a servir em Juiz de Fora.<sup>863</sup> A falta de tempo para colaborar com a imprensa também o incomodava.<sup>864</sup>

Em 1921, tomou a decisão de largar o Rio de Janeiro e voltar desempregado para Juiz de Fora. Já tendo aberto mão do cartório e da *Cruzeiro do Sul*, passou a lamentar a falta de perspectiva profissional: “[...] não suporto esta vida de vagabundo que estou levando”.<sup>865</sup> Enquanto isso, passava o tempo escrevendo versos para o carnaval de Juiz de Fora, de Palmyra (atual município de Santos Dumont) e de São João Nepomuceno, bem como reclames para marcas de xaropes e casas comerciais<sup>866</sup>, atividade com a qual já estava familiarizado, tendo colaborado, inclusive, com o *Almanach do Elixir de Inhame Goulart*.<sup>867</sup>

Tentou, junto ao governo do Estado, uma colocação no cargo de fiscal de bancos. A função que lhe restou, no entanto, foi a de fiscal de jogos em Poços de Caldas (MG), a qual assumiu por falta de melhor opção. Além de ser conhecido como abundante em fontes hidrominerais, o referido município se tornaria famoso pela grande quantidade de cassinos lá instalados, demandando do governo a prática da fiscalização, da qual Belmiro Braga passou a ser um dos agentes, sob a tutela do Diretor da Receita.<sup>868</sup> Tudo isso, é claro, após se tornar alvo de chacota dos pares do humor na imprensa carioca, como Bento Ernesto Júnior (também

---

<sup>861</sup> Ver as seguintes cartas de Belmiro Braga para Antônio Sales: Rio de Janeiro, 24/12/1918; 26/01/1919; 13/03/1919; 14/04/1919. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>862</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 14/02/1921. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>863</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 24/11/1919. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>864</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 01/07/1919. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>865</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, 18/07/1921. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>866</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 14/02/1921. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>867</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 31/01/1920, p. 14.

<sup>868</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 21/09/1921, p. 3.

conhecido pelo pseudônimo “Bej.”), que, na *D. Quixote*, troçou o amigo por mirar em um cargo e acertar em outro.<sup>869</sup>

Apesar de localizada no interior de Minas, devido à proximidade geográfica do Estado de São Paulo, Poços de Caldas era frequentada por parcelas das elites abastadas paulistas. Contrariando o determinismo geográfico, a cidade era citada, inclusive, por Mendes Fradique (José Madeira de Freitas), em *A Cidade e as Serras*, com o intuito de desmistificar a tese de que as regiões serranas tendiam a se manter incólumes à vida moderna e cosmopolita, preservando na poesia o caráter genuíno.<sup>870</sup>

B. B. dava início, portanto, a mais uma experiência profissional. Experiência essa que duraria até o início de 1923, quando algumas mudanças nas legislação federal tornaram extinta a obrigatoriedade de oficialização dos jogos no país, levando, assim, à exoneração dos fiscais.<sup>871</sup>

Sua passagem por Poços de Caldas não deixou de lhe render algumas vantagens. Lá, participou de vários eventos, sendo homenageado, no *Hotel da Empresa*<sup>872</sup>, pelos amigos Alberto Marques (jornalista do jornal carioca *A Rua*), Augusto Amado e João de Barros (poetas) e sendo convidado a discursar no sepultamento de um veterano da Guerra do Paraguai.<sup>873</sup> Ademais, conseguiu ampliar sua rede de sociabilidades com as elites e os literatos paulistanos, dos quais chegou a receber diversos livros, fazendo questão de salientar que se tornava mais conhecido em São Paulo do que no Rio de Janeiro.<sup>874</sup> O *Correio Paulistano*, dando notícias de sua passagem pela capital do Estado, qualificava-o como autor de livros “popularíssimos no país”, “fino humorista”, “lírico” e “um dos mais espontâneos e delicados artistas do verso nacional”.<sup>875</sup>

Antipatizado com a capital federal, nas eleições presidenciais de 1922, torcia para que os cariocas “não assumissem a presidência”. Apoiou o mineiro Arthur Bernardes e se

---

<sup>869</sup> Bej. [Ernesto Bento Júnior]. *D. Quixote*, Rio de Janeiro, n. 227, ano 5, 14/09/1921, p. 19. Sobre Bento Ernesto Júnior, a revista *D. Quixote*, em 24 de dezembro de 1924, divulgou a seguinte informação: “[...] é um poeta mineiro da turma de Belmiro Braga que nos manda de lá, das plagas remansosas e com a maior regularidade, a sua colaboração acompanhada de um minúsculo ‘salvo-conduto’ para efeito dos ‘guandos’. É nosso colaborador antigo e humorista conhecido através de seu simples nome de guerra ‘Bej.’” (Fonte: *D. Quixote*, Rio de Janeiro, n. 398, ano 8, 24/12/1924, p. 35).

<sup>870</sup> Mendes Fradique *apud*: LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso: humor e boemia em Mendes Fradique*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. p. 189.

<sup>871</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 07/01/1923, p. 1

<sup>872</sup> Coluna *Pelos Estados* – Minas. In: *Correio Paulistano*, São Paulo, 20/01/1922, p. 5.

<sup>873</sup> Coluna *Minas Gerais*. In: *Correio Paulistano*, São Paulo, 31/03/1922, p. 2.

<sup>874</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 02/09/1923. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>875</sup> *Correio Paulistano*, São Paulo, 10/12/1921, p. 7.

contrapôs, portanto, à candidatura de Nilo Peçanha, cuja campanha chamou de “suja”. Com a vitória de Arthur Bernardes, foi pessoalmente apertar a sua mão no Palácio do Catete, em novembro de 1922, ato que figurou em notas publicadas na *Gazeta de Notícias* (RJ) e no *Correio Paulistano* (SP).<sup>876</sup>

Desempregado há meses, retornou ao Palácio do Catete em junho de 1923. Dessa vez, determinado a solicitar ao presidente o cargo de superintendente de venda de selo adesivo e ainda exigindo a condição de que, tão logo nomeado, fosse transferido para Juiz de Fora, de onde não pretendia sair novamente, por lá se encontrar confortável na casa que comprara em sociedade com o filho, em 1922. Com o tão almejado escritório organizado, com os livros na estante e as memoráveis fotos dos amigos na parede, parecia decidido a estabilizar sua vida na terra natal.<sup>877</sup>

Confessava ao Sales que levava uma vida mais intimista e reservada em Juiz de Fora, onde, desde 1922, considerava que suas relações sociais haviam diminuído proporcionalmente à expansão do número de casas, ruas e população: “Juiz de Fora, não calculo, tem aumentado muito. Está transbordando de gente estranha”. Atualizava ao amigo que a cidade já possuía cinco bancos, que a antiga Rua Direita se encontrava “toda ajardinada” e a rua Halfeld “cheia de sobrados”.<sup>878</sup>

Enquanto a promessa de Arthur Bernardes não se concretizava, aproveitava para colocar as leituras em dia e dar continuidade a uma tarefa iniciada em Poços de Caldas: a compilação de um conjunto de versos esparsos a serem publicados em um novo livro, cujo título pretendido por ele seria “Cinzas Frias”.<sup>879</sup> Publicada pela *Tipografia Luz*, de Juiz de Fora, a obra teve o título modificado para *Tarde Florida* – talvez por sugestões de terceiros, que se incomodaram com a “carga” de tristeza da versão anterior. Posta em circulação no primeiro semestre de 1923, a obra não saía como Belmiro almejava. Devido à escassez de papel, segundo ele, foi preciso excluir do volume cerca de trinta poemas.<sup>880</sup>

---

<sup>876</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/11/1922, p. 2. Ver também: *Correio Paulistano*, São Paulo, 18/11/1922, p. 1.

<sup>877</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 16/07/1923. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>878</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 10/06/1922. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>879</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 10/06/1922. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>880</sup> “Depois de estar o livro no meio, acabou-se o papel e eu fui obrigado a retirar trinta e tantas produções, deixando lá muita coisa só para perfazer o número de 200 páginas. Agora fica esse resto para a segunda edição”. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 16/07/1923. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

*Tarde Florida* parece menos triste e dramático do que *Cinzas Frias*, apesar de não deixar de evocar um “ar” de melancolia. Comparando a sua vida ao entardecer, o poeta parecia viver sob a tensão da próxima etapa: o anoitecer. No poema “Retrospecto”, lamenta que “Cinquenta anos já fiz, e não fiz nada/ nestes meus longos cinquenta anos, feitos/ de pesares, de angústias, de despeitos,/ a boca sorridente e a alma enlutada”.<sup>881</sup> Em “Nossa vida”, o eu-lírico prossegue em seu canto lamurioso: “Dos quarenta aos sessenta, vai-se o dia,/ e a tarde em sombras, merencória, desce:/ Dobra em noss’alma um sino a Ave-Maria,/ há em todos os lábios uma prece”. E, na última estrofe, completa: “Dos sessenta aos oitenta, a noite imensa/ se estende sobre nós, erma de luz,/ sentimos, de pavor, a alma suspensa,/ nosso espírito a errar de cruz em cruz...”.<sup>882</sup>

Os tons melancólicos de alguns versos não ofuscavam, porém, a forma bem-humorada com que continuava falando das mulheres, que era uma das tônicas de seus poemas, fosse para debochar dos decotes, dos chapéus e das maquiagens, que se tornavam mais ousados, fosse para satirizar as diferentes fases da vida feminina, o casamento, etc. Mas também falava da luta pelo sufrágio feminino, questão bastante debatida nesse momento.

Em que pese o risco de se levar um sábio a sério demais ou de menos, o fato é que, nos poemas, B. B. não deixava de projetar sobre elas um olhar romantizado, que contrastava a “pureza” de alma feminina com o que a sua visão de “desiludido republicano” entendia como caráter “sujo”, “traidor” e “vicioso” da política:

A mulher, essa flor encantadora,  
porque das eleições ignora os vícios,  
hoje quer se alistar como eleitora,  
votar e ser votada nos comícios.

Ela, que o mar de mil encantos doura,  
que é capaz dos maiores sacrifícios,  
meter-se na política traidora,  
de espinheiros, paúes e precipícios!...

- Ouvi a minha voz, Mulher – consolo!  
Político já fui e, desse enxurro,  
eu só trouxe patentes a granel.

A primeira e a melhor foi a de tolo;  
a segunda, enjeitei; sendo a de burro,  
já vinha inclusa na de... coronel...<sup>883</sup>

<sup>881</sup> BRAGA, Belmiro. Retrospecto. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida*. 1. ed. Juiz de Fora: Tipografia “Luz”, 1923, s./p.

<sup>882</sup> BRAGA, Belmiro. Nossa vida. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s./p.

<sup>883</sup> BRAGA, Belmiro. Voto Feminino. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, p. 136.

Esse poema, “Voto Feminino”, além de publicado em *Tarde Florida*, circulou em vários jornais. Dentre eles, a *Gazeta de Notícias*, em que saiu “estampado” na mesma página o texto “Feminismo”, cuja autora (não identificada) defende a necessidade de as mulheres se unirem de maneira fraternal na luta contra as imposições de uma sociedade que condiciona a felicidade feminina ao casamento.<sup>884</sup>

Nesse período, em que parte das mulheres acabava de conquistar o direito ao voto nos Estados Unidos<sup>885</sup> e que figuras como Bertha Lutz ganhavam a cena com o seu ativismo – a exemplo de sua participação como delegada do Congresso de Baltimore<sup>886</sup>, que se desdobrou em importantes ações de organização do movimento feminista pan-americano –, intensificavam-se os debates acerca do sufrágio feminino no Brasil. O tema, como se sabe, dividia opiniões: enquanto intelectuais como José Oiticica, dizendo-se desiludido com a política brasileira, criticavam a exclusão de mulheres e de outros segmentos sociais da participação política<sup>887</sup>, Gilberto Freyre se mantinha reticente em relação ao assunto, questionando o êxito desse direito nos Estados Unidos. Sendo ainda um jovem estudante de 26 anos de idade, o futuro autor de *Sobrados e Mucambos* contrariava a tese de que o sufrágio feminino traria à “corrupta atmosfera da política norte-americana um sopro purificador”. Além de endossar o pensamento da antifeminista e eugenia Arabella Kenealy, de que esse direito levaria à chamada “extinção do sexo”, considerava nula a influência das mulheres por meio do voto. Argumentava, ainda, que as influências femininas observadas em determinados

---

<sup>884</sup> Feminismo. In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 16/08/1923, p. 2.

<sup>885</sup> O direito ao voto feminino no Estados Unidos se efetivou em 18 de agosto de 1920, quando a 19ª Emenda à Constituição foi reconhecida pelo Estado do Tennessee, o 36º Estado necessário para garantir a adoção da lei em nível nacional.

<sup>886</sup> Segundo André Luiz Venâncio Júnior, a 1ª Conferência Pan-Americana de Mulheres, realizada em Baltimore, entre os dias 23 de abril e 2 de maio de 1922, deu visibilidade às feministas nas Américas, colocando em relevo pautas como sufrágio feminino, educação das mulheres, profissionalização e acesso ao trabalho. O evento contou com a participação de delegadas de Cuba, Argentina, Bolívia, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Filipinas, Porto Rico, Inglaterra e Brasil. Entre as representantes brasileiras, estavam Beatriz de Queiroz, Annie d’ Armond Marchant e Bertha Lutz. Fonte: VENÂNCIO JÚNIOR, André Luiz. Bertha Lutz na Conferência de Baltimore e a organização pan-americana de mulheres. *EDUCA – Revista Multidisciplina em Educação*, Porto Velho, v. 10, janeiro/dezembro de 2023, p. 1-20. Disponível em: <https://periodicos.unir.br/index.php/EDUCA/article/view/7406/1343>. Acesso em: 13/08/2024.

<sup>887</sup> OITICICA, José. Esperanças. In: *Revista do Brasil*, n. 69, set. 1921, p. 89-91.



setores da sociedade norte-americana já vinham acontecendo antes desse direito ser implementado na prática.<sup>888</sup>

Inúmeros eram os empecilhos apresentados para que o sufrágio feminino não se efetivasse no Brasil, de tal modo que esse direito se tornará realidade no país apenas em 1932. Apesar de considerar a participação da mulher na política uma mácula ao “sexo puro”, Belmiro Braga se entusiasmará vendo a irmã, Amélia Braga, aos 66 anos de idade, exercendo seu direito ao voto pela primeira vez, nas eleições de 1933, contribuindo para a vitória do filho (“Belmirinho”) na disputa ao cargo de deputado federal pelo Partido Progressista Mineiro.<sup>889</sup>

Mas o autor de *Tarde Florida* não se restringia a representar a mulher como ser “puro” em seus poemas. Se esta era “pura” demais para se “sujar” com a política, seu corpo não deixava de ser visto como o paraíso da sedução e da tentação. No poema “A mulher”, dizia que “Ela, dos 15 aos 20, nos enleia,/ dos 20 aos 25, nos encanta,/ dos 25 aos 30, não há feia/ e, dos 30 aos 40, não há santa.” Na terceira idade, porém, ele as santifica, comparando-as à figura sagrada da Mãe: “Seja avó, seja tia ou seja sogra,/ toda velhinha meus carinhos logra/ por lembrar minha Mãe que está no céu...”.<sup>890</sup>

Abordando de forma bem-humorada a relação entre homem e mulher, os prazeres da carne e as tentações provocadas pelo corpo feminino, o poeta não deixa de fora do livro o poema em que descreve a erótica cena de um beijo entre duas bocas separadas por uma vidraça: “Das bocas febricitantes/ àquele beijo profundo,/ toda a vidraça se aquece./ Tão juntas e tão distantes, como se entre elas houvesse/ a imensidade de um mundo...”.<sup>891</sup> Em outro poema, contrasta a vivacidade dos jovens casais se beijando na orla da praia do Flamengo (RJ) com os idosos recalcados pelo peso da idade: “Pelos bancos, assentados,/ os velhos que aquilo veem,/ lembram-se tristes (coitados!)/ que foram moços também...”. Na estrofe seguinte, continua: “E velhas cheias de ronha,/ vendo um casal que se beija,/ exclamam: - Pouca vergonha!/ e ficam mortas de... inveja...”.<sup>892</sup>

<sup>888</sup> FREYRE, Gilberto. A *História da Civilização* do Sr. Oliveira Lima. *Revista do Brasil*, n. 80, ago. 1922, p. 369-370.

<sup>889</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 23/06/1933. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ). Nessa carta, Belmiro Braga se refere à inédita experiência do voto feminino no Brasil. Com a reforma do código eleitoral de 1932, a mulher passou a votar. No mesmo ano, foram instituídos o voto secreto e a justiça eleitoral.

<sup>890</sup> BRAGA, Belmiro. A Mulher. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s./p.

<sup>891</sup> BRAGA, Belmiro. Beijo Original. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s/p.

<sup>892</sup> BRAGA, Belmiro. Cartas. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s/p.

Em “À Porta do Céu”, constrói um divertido diálogo entre a alma de um poeta e São Pedro no momento do juízo final, em que, mesmo confessando não ter abdicado dos prazeres da carne durante a sua vida (“E a virtude?/Jamais a viste, sequer!/ - Amei-a mais do que pude,/ Porque a Virtude... é mulher...// Mulheres... Ó bem querido.../ Que, no céu, ainda me faz/ Ter pena de ter morrido! – Cala a boca, Satanás!”), teve a entrada no paraíso liberada pelo simples fato de se tratar da alma de um poeta: “Que foste em vida?! – Eu?! Poeta.../ Que lindas coisas cantei...// Que?! Poeta?! E a porta abrindo,/ Fez S. Pedro um escarcéu:/ Poeta?! Mas, sê bem-vindo!/ Teu lugar é aqui no céu!”.<sup>893</sup>

Esse poema, além de publicado em *Tarde Florida*, circulou posteriormente na revista *A Maçã*, fundada em 1922, tendo em sua equipe de colaboradores a escritora Gilka Machado, conhecida por suas produções de impacto sobre a “moral e os bons costumes” da época. Mulher colaboradora de um periódico voltado majoritariamente para o público masculino, Gilka fez sucesso com seus poemas eróticos, como o “Sensual”, no qual descreve o “afeto pagão”, o contato íntimo e “febril” com o parceiro como uma “ascosa” e “fria lesma” a “poluir” sua carne com “repugnante baba”.<sup>894</sup>

Fundado pelo imortal da ABL, Humberto de Campos, esse semanário ilustrado se tornou conhecido pelo seu humorismo, suas ilustrações “apimentadas”, seus contos furtivos, que abordavam temáticas como traições, erotismo, sensualidade, cotidiano das ruas, dos bordéis, etc. K. Lixto e o paraguaio Andrés Guevara eram seus principais ilustradores, implementando uma série de inovações em suas capas. Alcançando sucesso absoluto de vendas em sua 9ª edição, *A Maçã* se autointitulava o semanário de maior circulação da capital federal.<sup>895</sup>

Além de Gilka Machado, o periódico reunia em sua lista de colaboradores Di Cavalcanti, Arthur Azevedo, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Alberto Faria, Caliban, Humberto de Campos, Martins Fontes, Medeiros e Albuquerque, Paul Giraud, Menotti del Pichia, dentre outros. Belmiro Braga, com seus versos humorísticos, não ficou de fora. Além de “À porta do céu”<sup>896</sup>, fez nela circular outros de sua lavra – inclusive, os já publicados em *Tarde Florida* – como “O Paletó”<sup>897</sup>, “Charleroi”<sup>898</sup>, “Sátiras de Belmiro Braga”<sup>899</sup> e o famoso

<sup>893</sup> BRAGA, Belmiro. À porta do céu. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, p/p.

<sup>894</sup> MACHADO, Gilka. Sensual. *A Maçã*, Rio de Janeiro, n. 23, ano 1, 15/07/1922, p. 19.

<sup>895</sup> *A Maçã*, Rio de Janeiro, n. 9, ano 1, 08/04/1922, p. 4.

<sup>896</sup> BRAGA, Belmiro. À Porta do Céu. *A Maçã*, Rio de Janeiro, 15/08/1925, p. 29.

<sup>897</sup> BRAGA, Belmiro. O Paletó. *A Maçã*, Rio de Janeiro, 10/01/1925, p. 27.

<sup>898</sup> BRAGA, Belmiro. Charleroi. *A Maçã*, Rio de Janeiro, 24/04/1926, p. 24.

<sup>899</sup> BRAGA, Belmiro. Sátiras de Belmiro Braga. *A Maçã*, Rio de Janeiro, 24/04/1926, p. 24.

“Contrariedade”<sup>900</sup>, no qual satiriza a “cabeça do Rui” no cinema. Mesmo nos momentos de baixa na sua produção poética, Belmiro tinha seus poemas repetidas vezes publicados nas páginas dos mais diversos periódicos de grande circulação, o que provavelmente contribuía para fixá-los ainda mais no imaginário social e na oralidade.

O “Trovador de Vargem Grande” ainda abordava entre os versos reunidos em *Tarde Florida* a temática do matrimônio, instituição vista sob a ótica de um homem católico, que, por sinal, em 1922, dirigiu-se em verso ao sogro do filho para pedir as mãos da moça, Cordélia, em casamento. Nesse poema, B. B. representa, mais uma vez, a alma da mulher como “mansa” e “pura”, enaltecendo a necessidade do amor na relação: “Se d’Ela o coração é manso e puro,/ tem Ele garantido hoje o futuro,/ servindo à Pátria com amor e fé.”<sup>901</sup>

Se, por um lado, a verve de poeta festivo – pela qual Sílvio Romero o condenara<sup>902</sup> – vinha à tona nesse pedido de casamento, deixando aflorar um certo pieguismo expresso na representação da união entre José e Cordélia como “tranquila paz de um céu risonho” ou enlace entre “corações de ouro de lei”<sup>903</sup>, por outro lado, não deixava de desmonumentalizar o tema, introduzindo “pitadas” de humor cotidiano capazes de romper a monótona idealização dos relacionamentos conjugais, a exemplo do que vemos em “Casal feliz”: “Não me queixo da vida de casado,/ mas, pelo que se vê constantemente,/ o casamento para muita gente/ é um paletó abotoado errado.// Quase sempre o marido está zangado,/ raras vezes a esposa está contente;/ e, sendo o gênio de ambos diferente,/ vai o par pela vida separado.”<sup>904</sup>

Nesse seu mais novo livro, o poeta mineiro não abriu mão da “quebra da unidade estética” entre os poemas selecionados para compor o volume publicado. Persistia misturando seu lirismo melancólico com a aguçada verve humorística, entremeando preocupações concernentes ao seu envelhecimento e reminiscências da infância (como no poema “Ontem e hoje”) com as famosas tiradas humorísticas e espirituosas. Estas continuavam fazendo sucesso entre os mais diferentes públicos, muito embora o clima leve e descontraído da boemia

---

<sup>900</sup> BRAGA, Belmiro. Contrariedade. *A Maçã*, Rio de Janeiro, 03/01/1925, p. 2. Como vimos no Capítulo 5, esse poema satírico já havia sido publicado na *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 01/12/1917, p. 32.

<sup>901</sup> BRAGA, Belmiro. Pedido de casamento. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s/p.

<sup>902</sup> Voltar ao capítulo 3 dessa tese, no qual esse comentário de Sílvio Romero foi citado.

<sup>903</sup> BRAGA, Belmiro. Parabéns. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s/p.

<sup>904</sup> BRAGA, Belmiro. Casal feliz. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s/p.

carioca, que levava alguns autores a caracterizar a literatura do período como “sorriso da sociedade”, tivesse começado o seu anoitecer.<sup>905</sup>

Dessa vez, no entanto, nenhuma crítica a essa “quebra da unidade estética” – apontada por Sales em 1919 – foi encontrada nos periódicos. De todo modo, importa reafirmar que isso estava longe de figurar no rol de preocupações de Belmiro Braga, que continuava se “camuflando” através do rótulo de “espontâneo”, “simples”, “natural”, “singelo”, “sincero” e “alheio” aos elaborados artificios poéticos. Foi esse, por sinal, o único ponto criticado em sua obra por um autor não identificado (“A.”) na *Gazeta de Notícias* (RJ), que expressou seu incômodo quanto às persistentes justificativas de poeta iniciante por parte do autor.

Questionando e discordando veementemente da declaração belmiriana no início do livro, de que “Se a alma é sincera, que importa os versos não valerem nada?!”, “A.” dizia estar diante de um poeta com uma longa trajetória já trilhada, que tinha consciência das técnicas de sua arte, no sentido de fazer seus leitores se emocionarem ou rirem. O crítico não entendia a razão de sua insistência nessa declaração.<sup>906</sup> O que “A.” não disse ou ignorou foi o fato de que essa se mostrava, cada vez mais, uma deliberada estratégia utilizada pelo autor para se esquivar da crítica especializada – argumento por nós defendido desde o início dessa tese.

Equilibrando-se entre o lirismo e a sátira, em *Tarde Florida*, Belmiro Braga reservou e dedicou uma seção humorística ao médico José Madeira de Freitas, mais conhecido pelo pseudônimo “Mendes Fradique”, que também “homenageou” o amigo em *Feira Livre: antologia nacional pelo método confuso*.<sup>907</sup> Apesar da diferença de idade entre ambos, que não configura um fator definidor de geração<sup>908</sup>, ambos compartilhavam um passado em comum, uma vez que o ainda jovem capixaba, ao iniciar sua carreira no cenário do humor

---

<sup>905</sup> Brito Broca concorda com a máxima de que, nos anos 1910, a literatura brasileira era o “sorriso da sociedade”, argumentando que a vida literária teria suplantado a literatura propriamente dita. Ver: BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 36.

<sup>906</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11/08/1923, p. 2.

<sup>907</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 27/03/1923, p. 2.

<sup>908</sup> Segundo Ângela de Castro Gomes e Patrícia Hansen, “geração” não é uma categoria que se caracteriza como um “grupo de idade”, mas como um “grupo de formação, em que vivências comuns de acontecimentos ou de crises (não só políticos) marcam esses intelectuais, independentemente de seu conhecimento interpessoal”. As autoras ainda consideram que “períodos de tranquilidade também podem dar origem a gerações, nesse caso, na maioria das vezes, mobilizadas pela ânsia por mudanças culturais”. Sendo assim, as gerações não são “chaves explicativas de grupos intelectuais”, mas “fatores que devem ser identificados e analisados para melhor compreensão das sociabilidades de grupos”. Ver: GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2026. p. 25.

carioca nos anos 1910, era apontado como possível sucessor de Belmiro Braga, Raul Pederneiras, Bastos Tigre, dentre outros “quixotes da comédia”.

Nos anos 1920, José Madeira de Freitas deixará seu pseudônimo se destacar no cenário humorístico com o famoso “método confuso”, reservando os “assuntos sérios” à sua performance de profissional da medicina.<sup>909</sup> Com esse “método”, Mendes Fradique parodiava as convencionais gramáticas da língua portuguesa e os manuais de história do Brasil, publicando, em 1922, a obra *História do Brasil pelo método confuso*, na qual “bagunçava” a caracterização dos personagens e dos fatos integrantes das narrativas oficiais do país. Em *Feira Livre* (1923), o escritor seguiu a mesma tendência, dedicando-se à “biografia” de vários autores por meio do jogo de informações trocadas, invertidas e/ou distorcidas, que, no caso de Belmiro Braga, pode ser observado na colocação da foto de outro homem em seu lugar, na atribuição do nome “Casemira” à sua terra natal – e não Vargem Grande –, bem como na sua identificação como autor de versos traduzidos por Victor Orban e na hilária ocupação de uma fictícia cadeira de Victor Hugo na Academia Brasileira de Letras. Sem dúvida, uma forma “provocativa” e “espirituosa” de satirizar a conhecida postura refratária do mineiro ao francesismo.

Mendes Fradique ainda lhe sublinhava o famoso trocadilho “tabelião-poeta”, não obstante o fato de Belmiro já não mais exercer a referida profissão. Sobre a conjugação das habilidades de poeta e tabelião, dizia que o juiz-forano “desandava a lavrar escrituras e públicas formas rimadas e metrificadas, de tal forma que os livros do tabelionato de Juiz de Fora são hoje considerados a maior epopeia escrita em língua portuguesa, nos tempos modernos.” E que, uma vez descoberta essa façanha, proibiram-lhe de versejar nos livros de cartório. Para extravasar sua criatividade, dava uns “pulinhos no Rio”, onde “desovava com abundância a sua prodigiosa fecundidade”. Fradique, como se vê, não faltava inteiramente com a verdade, mas exagerava e distorcia fatos verídicos para lhes agregar humor – basta lembrarmos que, em 1907, Belmiro Braga, de fato, atendeu ao desafio de redigir uma escritura em forma de poema, muito embora não tenha feito disso, obviamente, a sua rotina no cartório.

Mendes Fradique também não mente quando se baseia nas declarações do próprio Belmiro Braga ou da crítica literária para afirmar que o poeta combinava a “ojeriza pelas gramatiquices” com uma poesia “pura”, “sem barbarismos e sem lugares comuns”, marcada

---

<sup>909</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, p. 111.

por um “humorismo sadio e encantador”.<sup>910</sup> E, para finalizar a famigerada “biografia”, cita um poema intitulado “Doralice”, no qual uma mulher de mesmo nome é descrita como uma figura tão exageradamente idealizada que se chega à constatação de que ela nunca existiu. E, ao fim do poema, verifica-se a informação de que os referidos versos foram extraídos de um “álbum do Sr. Marquês de Santos”, o que nos parece configurar uma possível troça com a Marquesa de Santos, a mais famosa amante de D. Pedro I, transformada em protagonista de um romance histórico de Paulo Setúbal em 1925.<sup>911</sup>

Figura 34 – Trecho da “biografia” satírica de Belmiro Braga por Mendes Fradique, na obra *Feira Livre* (1923).



Fonte: Acervo particular da pesquisadora Isabel Lustosa (Rio de Janeiro – RJ).

Assim, Mendes Fradique contempla humoristicamente o poeta “montesino” em sua *Feira Livre*. Nutrindo longeva amizade, ambos não apenas se homenageiam em seus respectivos livros em 1923, como também manterão contato na década de 1930, quando B. B. acrescentará um poema lírico, dedicado à filha do amigo, na segunda edição de *Tarde Florida*.<sup>912</sup> Após receber uma carta de agradecimento pela homenagem, B. B. fez questão de

<sup>910</sup> FRADIQUE, Mendes. Belmiro Braga. In: \_\_\_\_\_. *Feira Livre...* (Antologia nacional pelo método confuso). Rio de Janeiro: Benjamin Costallat & Miccolis, 1923. p. 47-50.

<sup>911</sup> FRADIQUE, Mendes. Belmiro Braga. In: \_\_\_\_\_. *Feira Livre...* (Antologia nacional pelo método confuso). Rio de Janeiro: Benjamin Costallat & Miccolis, 1923. p. 47-50.

<sup>912</sup> BRAGA, Belmiro. Maria Teresinha. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933. p. 25-26.

anexá-la ao final da obra com a seguinte observação: “Estas quadrinhas mereceram de Mendes Fradique esta carta, que, por si só, vale todo este livro”.<sup>913</sup>

Apesar de a linguagem empregada pelo remetente ser a do “sério” José Madeira de Freitas, chama-nos atenção o fato de Belmiro Braga identificá-la como de autoria de Mendes Fradique.<sup>914</sup> Vale ressaltar que, nesse momento, o capixaba já havia deixado de lado o famoso pseudônimo humorístico para se dedicar às pautas nacionalistas e ideológicas do movimento integralista. O que teria levado B. B., portanto, a continuar se reportando a ele através do pseudônimo? Haveria ou não, na perspectiva de Belmiro Braga, uma diferenciação entre o médico José Madeira de Freitas, autor de textos “sérios”, e o humorista “Mendes Fradique”, inventor de sátiras e paródias?

Para abordarmos essas questões, precisamos contextualizar a origem desse pseudônimo. “Mendes Fradique” era uma inversão do nome de um dos mais conhecidos personagens de Eça de Queirós, Fradique Mendes. Concebido como um homem de pensamento conservador, aristocrático e erudito, cujas ideias jamais poderiam ser desenvolvidas por conta de sua excessiva autocrítica e descrença na capacidade de transposição verbal dos pensamentos, Fradique Mendes (de Eça) era tomado do sentimento de incapacidade de constituir obra perfeita e acabada, por meio da qual pudesse perpetuar sua própria natureza, tendo, por isso, seguido pelo caminho da improdutividade e do mero acúmulo de informações dispersas e sem nexos.

Mendes Fradique (de Madeira de Freitas), por sua vez, era muito mais do que um nome invertido. Sua personalidade foi concebida como oposta à de Fradique Mendes: desprovido de autocrítica e do sentimento de nulidade frente à superprodução de conhecimento na modernidade, não deixava para depois o que se pode fazer hoje e se dedicava a escrever “malandramente”, articulando-se ao “mundo concreto e prático das relações entre arte e dinheiro”, no qual o livro se transformava em um produto como outro qualquer.<sup>915</sup>

---

<sup>913</sup> FREITAS, José Madeira de [Mendes Fradique]. Obrigado, Belmiro! In: BRAGA, Belmiro. *Tarde Florida*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933. p. 145-146.

<sup>914</sup> Na carta mencionada acima, além da linguagem “séria” de José Madeira de Freitas, verifica-se a seguinte declaração acerca de sua profissão médica: “E para quem, como eu, vive atordoado em meio ao roldão do século tumultuário; a quem, como eu, se debate entre a trepidação de uma vida entrecortada de bonanças e revezes; a quem, como eu, pratica no mundo **a profissão que é a que mais se avizinha da dor**, das angústias e das aflições [...]”.<sup>914</sup> Fonte: FREITAS, José Madeira de [Mendes Fradique]. Obrigado, Belmiro! In: BRAGA, Belmiro. *Tarde Florida*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933. p. 145-146.

<sup>915</sup> CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador...* p. 46-79.

Para Isabel Lustosa, Mendes Fradique era uma espécie de *alter ego* de seu criador, o médico José Madeira de Freitas. Segundo essa perspectiva, José Madeira “pensava reacionário”, enquanto Mendes Fradique “sentia modernista”.<sup>916</sup> A suposta contradição entre as características de ambos é, para Lustosa, o ponto central de sua análise. De um lado, a “leitura séria do Brasil”, considerada “típica da elite em declínio”, com seus conservadorismos, ufanismos, eurocentrismos e pensamento católico; de outro, a “leitura humorística”, identificada com o “Brasil mestiço”, da irreverência, do humor, do carnaval, do jogo do bicho, etc.<sup>917</sup>

Questionando essa interpretação, Cleverson Ribas Carneiro propõe outra análise, qual seja: a de que Mendes Fradique e José Madeira de Freitas são duas faces de uma mesma moeda. Segundo Carneiro, a mensagem comunicada por Mendes Fradique através do humor era tão conservadora e reacionária quanto a de seu criador. Ambos, segundo ele, condenavam a modernidade e sua ação destrutiva sobre os valores clássicos e tradicionais da civilização Ocidental, mas com a diferença de que Mendes Fradique era a “máscara” por meio da qual Madeira de Freitas se apropriava dos hábitos e comportamentos da modernidade para satirizá-la.<sup>918</sup>

Sem entrar no mérito da discussão sobre qual das duas perspectivas acerca da relação entre autor e pseudônimo é a “mais correta” (a de Lustosa ou a de Carneiro?), interessa-nos destacar que todos os escritores e artistas desse início da década de 1920, estando imersos num processo modernizador das letras e das artes em geral, não deixavam de vivenciar as mudanças de seu tempo e de serem afetados por elas, ainda que fosse para criticá-las ou expressarem os seus estranhamentos.

Mais do que buscar contradições e coerências, precisamos atentar para as ambivalências e ambiguidades desses atores sociais, que pareciam movidos por uma tênue relação de desejo e repulsa por valores, comportamentos, pensamentos e ideias ditas “tradicionais” e “modernas”. É salutar que observemos, por exemplo, as particularidades de Belmiro Braga e José Madeira de Freitas quanto à forma de enxergar as manifestações das ditas “culturas populares”, como o maxixe, visto pelas “lentes sérias” do médico como “ensurdecimento da consciência” e “enaltecimento da força bruta”.<sup>919</sup> Mendes Fradique, por sua vez, aparentava se identificar com esses valores tanto quanto Belmiro Braga, muito

<sup>916</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, p. 15.

<sup>917</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, p. 231-232.

<sup>918</sup> CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador...* p. 46-79.

<sup>919</sup> Ver o Capítulo 4 dessa tese.



embora não saibamos dizer exatamente se com o objetivo de valorizá-los, ridicularizá-los, ou as duas coisas ao mesmo tempo. Eis o poder da ambiguidade.

Se Belmiro Braga se identificava melhor com o “criador” ou com a “criatura”, ou se os enxergava como duas faces de uma mesma moeda, não sabemos. Mas o fato é que o autor de *Tarde Florida* chegou a compor a seguinte quadrinha para “irmanar” José Madeira de Freitas e Mendes Fradique em um só personagem, estabelecendo a junção entre o médico e o humorista:

Mendes Madeira de Fradique Freitas,  
Soube alcançar glória em curto prazo:  
Sendo poeta de formas escorreitas,  
Cura diabetes fora do Parnaso...<sup>920</sup>

Apesar de, em alguns momentos, Belmiro Braga se referir ao amigo como “Madeira de Freitas”, o pseudônimo “Mendes Fradique” parece ter se tornado para o poeta mineiro um símbolo memorialístico de um passado em comum, representativo de um período que parecia se tornar cada vez mais a “era de ouro” do humor, um passado nostálgico, ou, como disse Madeira de Freitas, na já mencionada carta de agradecimento de 1933, “tempos de suavíssima boemia do espírito, em que se disputava o campeonato do bom verso, e em que se exercitava a cavalaria andante do pensamento”.<sup>921</sup>

## **6.2 Modernistas ou “bestas futuristas”? Em debate, a “língua brasileira” e a “literatura regionalista”**

Belmiro não se filiou a nenhuma vertente do movimento modernista. Embora alguns aspectos de sua estética literária tenham pontos em comum com a proposta geral dos autodeclarados modernistas, como o uso da paródia, da irreverência, do deboche com as “gramatiquices”, da abordagem de temas do cotidiano e de uma maior aproximação entre a língua escrita e a falada, o poeta juiz-forano nunca se inseriu nem jamais foi chamado a fazer parte da Semana de Arte Moderna de 1922, realizada no Teatro Municipal de São Paulo, entre os dias 13 e 17 de fevereiro do referido ano.

Vale destacar que a *Semana de Arte Moderna* esteve longe de ter o impacto nacional que lhe foi atribuído *a posteriori*. De modo que muitos foram dela tomar conhecimento bom

<sup>920</sup> BRAGA, Belmiro *apud* LUSTOSA, 1993, p. 178.

<sup>921</sup> FREITAS, José Madeira de [Mendes Fradique]. Obrigada, Belmiro! In: BRAGA, Belmiro. *Tarde Florida*. 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1933. p. 145-146.

tempo depois, como foi o caso de Belmiro Braga, que apenas começou a comentar a respeito do assunto com Antônio Sales no ano seguinte, em 1923.

Não temos aqui a menor pretensão de analisar a Semana de Arte Moderna de 1922 ou de argumentar se Belmiro Braga foi ou não um escritor modernista. Assim como Mônica Pimenta Velloso, compreendemos o modernismo como um processo de renovação artístico-literário de caráter plural, muito mais amplo no tempo e no espaço, longe de qualquer restrição a esse ou àquele grupo de intelectuais/artistas.<sup>922</sup> Nesse sentido, cabe ressaltar que até mesmo os diretamente envolvidos no simbólico evento paulista, apesar de terem o nacionalismo como ponto central, desmembraram-se em diferentes vertentes de pensamento acerca da identidade cultural e dos rumos da sociedade brasileira.

Interessa-nos abordar, por meio das ínfimas declarações deixadas registradas por nosso biografado a respeito do assunto, a percepção (intuitiva ou não) que este teve do movimento e de suas nuances. Embora não tenha debatido e muito menos formulado reflexões sistemáticas sobre esses temas na imprensa periódica, Belmiro se revelava um leitor desses debates, sobretudo a partir do acesso aos escritos deixados por seu “padrinho literário”, Antônio Sales, que era colaborador da *Revista do Brasil*, periódico que passou a figurar como um importante “fórum” de debate da identidade cultural brasileira sob os mais diferentes pontos de vista.<sup>923</sup>

Fundada em 1916, em um contexto no qual se planejava o Centenário da Independência do Brasil e se pensavam em projetos e rumos para o país, essa revista aglutinou intelectuais de diferentes orientações ideológicas que estavam em busca da chamada “legitimidade nacional”. Sob os efeitos da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), muitos temiam a perda da soberania diante das pressões das potências imperialistas, cuja resposta prática já foi exemplificada no Capítulo 4 pela campanha do alistamento militar obrigatório, encetada por Olavo Bilac. Mas a questão da “legitimidade nacional” era muito mais ampla, envolvendo diversos aspectos, como, por exemplo, o aumento do interesse e da necessidade de compreender o Brasil e suas qualidades de mestiço e tropical. Isso incluía, obviamente, a busca de uma identidade literária por meio da valorização dos regionalismos, bem como a defesa do direito a uma língua própria, emancipada da antiga metrópole (Portugal).<sup>924</sup>

---

<sup>922</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Brasil Republicano (I)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. p. 353-354.

<sup>923</sup> DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: UNESP, 1999. p. 60.

<sup>924</sup> DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil...*, p. 40-49.

Antônio Sales escreveu para a *Revista do Brasil* em 1918, 1921 e 1922, período em que Monteiro Lobato era o único proprietário desse periódico, tornando-se famoso como empresário do ramo editorial, capitaneando autores para publicação em sua editora e fazendo sistemática defesa e propaganda da chamada “língua brasileira” e da literatura regionalista – obviamente, reservando protagonismo aos paulistas e à sua tradição “bandeirantista”.<sup>925</sup>

Sales se mantinha no Ceará – para onde havia retornado em 1918 – alinhado a essas ideias de Monteiro Lobato. Os artigos que escreveu para a RB denotam esse alinhamento de ideias. Como já abordamos no Capítulo 1, além de ter sido o fundador da Padaria Espiritual em sua terra natal, e de já ter publicado seu romance regionalista *Aves de Arribação*, Sales era um profundo defensor de uma gramática que fosse mais próxima possível do uso corrente e atualizado da língua. Sua proposta era, como a de muitos, refratária às gramatiquices que se prendiam aos eruditos estudos etimológicos. E, ao longo do tempo, sua crítica à dependência do Brasil em relação aos gramáticos portugueses se tornará ainda mais pungente, como demonstra o seu artigo “Classicomania”, publicado na RB, em outubro de 1921.

Nesse texto, o cearense atribui ao isolamento da língua portuguesa em relação ao mundo a culpa pela sua estagnação e obsolescência, impedindo muitos escritores de escreverem, em “língua límpida” e “colorida”, as “ideias de seu tempo”. Sales acreditava que a hegemonia dos clássicos lusitanos nos tornava anacrônicos em relação ao restante do mundo. Defensor da chamada “língua nacional do Brasil”, argumentava que o passado literário de Portugal não dizia respeito à forma de agir, sentir e pensar do brasileiro de sua época. Se a admiração por Camões não era, segundo ele, algo a ser condenado – afinal de contas, os estadunidenses também admiravam Shakespeare –, sua postura era intolerante com os que desejavam imitá-lo.

Sem defender o uso irrestrito de estrangeirismos, o escritor criticava veementemente os gramáticos (por ele chamados de “puristas fanáticos”) que utilizavam estratégias artificiais e forçadas para traduzir para a língua dos clássicos lusitanos vocábulos contemporâneos. A isso chamava de esforço inútil, uma vez não sendo possível encontrar correspondentes exatos na língua portuguesa para algumas palavras que tiveram origem em outros países e se “infiltraram” em nossa língua. Vale dizer, portanto, que a nacionalização da língua brasileira também não era para Sales sinônimo de isolamento do Brasil em relação ao mundo – como

---

<sup>925</sup> DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil...*, p. 62-76; 270-271.

teria feito Portugal –, mas uma emancipação intelectual pautada no respeito às nossas especificidades enquanto “jovem gente da América”.<sup>926</sup>

Nesse aspecto, portanto, as ideias de Sales estavam em consonância com as de Monteiro Lobato e também do próprio Mário de Andrade, que dizia que nossa língua oficial, sendo a língua portuguesa, não representava a psicologia, as tendências, a índole, as necessidades e as ideias do “simulacro de povo que se chama “povo brasileiro”. Tudo isso porque sua gramática “vinha feitinha de cinco em cinco anos dos legisladores lusitanos”.<sup>927</sup>

Em meio a essas discussões, Belmiro Braga assistia a tudo com a sua forma ambígua de se relacionar com a ascendência lusitana e a sua formação autodidata pautada nos clássicos portugueses, nos versos metrificados, nas tradições do romantismo, do parnasianismo e do simbolismo, sem, ao mesmo tempo, impedir que suas ideias fluíssem numa escrita límpida e sem rebuscamento, conectada a diversos coloquialismos e brasileirismos extraídos de suas vivências de homem de pouco estudo formal, de origem rural e imerso nas culturas do cotidiano. Esse estilo de escrita, como já sabemos, desde que Sales o projetou nacionalmente, passou a agradar a muitos críticos.

Vale ressaltar que o “trovador de Vargem Grande” também sempre foi um questionador das gramatiquices e arcaísmos mantidos pelas convenções linguísticas ditadas pela antiga metrópole (Portugal). Nesse sentido, troçava das regras gramaticais em suas crônicas, como a troca proposital de “couber” por “caber” (e vice-versa): “se não caber [couber]” e “há de couber [caber]”.<sup>928</sup> Da mesma forma, brincava de pronunciar a consoante “p” na palavra “cápsula” e de suprimir a mesma letra em “cápsula”.<sup>929</sup>

Com relação à forma fixa do soneto, que dizia se esforçar para conseguir encaixar as palavras da melhor forma possível, B. B. declarava em *Tarde Florida*, em 1923, estar contribuindo para “profaná-lo”: “[...] E, hoje em dia, o soneto – esse tesouro,/ é por vândalos bardos profanado.../ e, até mesmo por mim... Que desaforo!...”.<sup>930</sup>

Belmiro Braga foi moderno à sua maneira, como muitos de sua época. E, como muitos outros que lhe eram contemporâneos, também se sentiu ignorado pelos ditos “modernistas”, que, para ele, não passavam de sujeitos excêntricos pejorativamente chamados “bestas

<sup>926</sup> SALES, Antônio. A Classicomania. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 70, out. 1921, p. 99-106. Acervo do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

<sup>927</sup> Mário de Andrade *apud* DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil...*, p. 239.

<sup>928</sup> BRAGA, Belmiro. De Juiz de Fora a Lavras (Parte I). *O Pharol*, Juiz de Fora, 04/02/1910, p. 1.

<sup>929</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 30.

<sup>930</sup> BRAGA, Belmiro. O Soneto. In: \_\_\_\_\_. *Tarde Florida...*, 1923, s/p.

futuristas” e “malcriados”, como se vê no comentário feito na carta enviada ao amigo Sales: “Ah! Se os bestas futuristas pudessem fazer de verdade o que tu estás fazendo da trova”.<sup>931</sup>

Esses estereótipos ou generalizações, que colocavam todos os “modernistas” dentro da mesma classificação pejorativa, desconsiderando as outras vertentes e nuances do movimento, aparecem em diversos autores. José Madeira de Freitas preferia o uso do termo “cubista” “para se referir, indiscriminadamente, a todas as manifestações modernas da arte, bem como a outras manifestações da modernidade que execrava”. Segundo Lustosa, essa atitude era “recorrente nas análises do autor, que pecam constantemente pela simplificação e superficialidade, sendo antes fruto de impressões do que de verificação ou de análise mais aprofundada”.<sup>932</sup>

Lima Barreto, por sua vez, tinha preferência pelo termo “futurista”, o que, de acordo com Lilia Schwarcz, não se tratava de uma visão “enganosa” ou “desinformada” do escritor. A historiadora argumenta que o autor de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, tendo falecido em 1 de novembro de 1922, ou seja, menos de nove meses após a Semana de Arte Moderna em São Paulo, não teve tempo suficiente para compreender e acompanhar os desdobramentos do referido movimento. Ademais, Schwarcz leva em consideração uma constatação importante: a de que “a bandeira futurista foi, de fato, içada na fase inicial do movimento com o objetivo de contestar as estruturas vigentes e de atacar o academismo-parnasianismo que imperava, a fim de afirmar a nova arte que pregavam”.<sup>933</sup> Ao longo do tempo, porém, sobretudo após as primeiras polêmicas e reações que as ideias futuristas geraram, os integrantes do grupo foram mudando de posição, tornando o “futurismo um momento superado.”<sup>934</sup>

Em 1926, as reações antagônicas à visita do expoente do futurismo, Marinetti, ao Brasil, é um bom indicador do incômodo que o vocábulo “futurista” passou a despertar em muitos intelectuais ditos “modernistas”, sobretudo a partir de sua vinculação ao fascismo na Europa. Marinetti, nessa ocasião, desembarcou no Brasil para uma turnê de conferências na América do Sul, tendo a sua imagem depreciada e ridicularizada na imprensa. Gastão Penalva (Sebastião de Souza) era um deles, salientando a falta de entusiasmo do público ao receber o italiano, atribuindo a isso uma suposta falta de originalidade e um exagerado “passadismo” no

<sup>931</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 02/09/1923. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>932</sup> LUSTOSA, Isabel. *Brasil pelo método confuso...*, p. 169.

<sup>933</sup> SCHWARCZ, Lilia. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 457.

<sup>934</sup> SCHWARCZ, Lilia. *Lima Barreto: triste visionário...*, p. 457.

discurso.<sup>935</sup> Mário de Andrade, a essa altura, considerava-o um “passadista” disfarçado de trajes modernos.<sup>936</sup>

Não obstante essa perda de identificação dos modernistas brasileiros com o nome “futurista”, Belmiro Braga insistiu no uso do termo até a sua morte, na década de 1930, quando a palavra já soava bem mais que um rótulo pejorativo e incômodo. O poeta não parecia interessado em conhecer os “modernistas” para além disso. Para ele, assim como para muitos regionalistas, “o modernismo era mais uma importação europeia a ser combatida” – como bem destaca Tânia Regina De Luca.<sup>937</sup>

Mais lhe interessavam os escritores comprometidos com a “corrente regionalista”, como Monteiro Lobato e, mais para o fim da década de 1920, o próprio Plínio Salgado, cujo romance, *O Estrangeiro*, de 1926, será um de seus objetos de grande simpatia, apesar de considerá-lo dotado de um estilo “meio futurista”: “O estilo é meio futurista, **mas** que livro estupendo!”.<sup>938</sup> Em 1930, também se revelará fascinado pelo romance regionalista *O Quinze*, da então jovem cearense de vinte anos, Rachel de Queirós, cujo futuro, depois que Antônio Sales lhe enviou um exemplar desse livro, imaginará promissor.<sup>939</sup>

Mas, afinal, o que teria feito Belmiro Braga se interessar pela obra *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado? Tudo parece ter começado com a sua aproximação com os escritores paulistas após a sua passagem por Poços de Caldas. Longe de ser identificado como ideólogo do movimento integralista, que surgiria como grande força política nos anos 1930, Plínio ainda era um jovem rapaz que começava a sua trajetória intelectual na capital de seu estado, onde

<sup>935</sup> PENALVA, Gastão. Marinetti passadista. *O Pharol*, Juiz de Fora, 16/05/1926, p. 1.

<sup>936</sup> Em *A Manhã*, de 12 de janeiro de 1926, Mário de Andrade publicou um texto sobre Marinetti no Brasil. Para João Cezar de Rocha, a narrativa sobre a passagem de Marinetti pelo Brasil, por muito tempo não explorada pela historiografia, ficou muito marcada pela hegemônica visão de Mário de Andrade sobre o evento, que fez predominar sobre ele o rótulo de malogrado e fracassado. ROCHA, João Cezar de. O Brasil Mítico de Marinetti. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 12/05/2022. Disponível em:

[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs1205200204.htm?fbclid=IwAR3temPCHTMI1ptha9m4DpNDVLzTzm9hghg3mg7pO7Ph\\_msRI4oEcBfbTLM#:~:text=No%20dia%2013%20de%20maio,esperavam%20o%20casal%20no%20porto](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mas/fs1205200204.htm?fbclid=IwAR3temPCHTMI1ptha9m4DpNDVLzTzm9hghg3mg7pO7Ph_msRI4oEcBfbTLM#:~:text=No%20dia%2013%20de%20maio,esperavam%20o%20casal%20no%20porto). Acesso em: 22/01/2023.

<sup>937</sup> DE LUCA, Tânia Regina. *A Revista do Brasil...*, p. 282.

<sup>938</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 09/02/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>939</sup> Belmiro Braga comentou sobre Rachel de Queirós nas seguintes cartas: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 17/07/1930; 08/12/1930; 03/06/1931. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ). Na penúltima carta, comentava o seguinte sobre o livro *O Quinze*: “Que livro extraordinário! Esta menina, se Deus lhe der vida, deixará um grande nome nas nossas letras”. E, na última carta, perguntava: “E a nossa Grande Rachel de Queirós, do *Quinze*? Estará escrevendo outro livro? Há de ser, se viver, a nossa maior romancista.”

começou a colaborar com a *Revista do Brasil* e participou da Semana de Arte Moderna de 1922.<sup>940</sup>

A publicação de *O Estrangeiro*, em 1926, traduzia para o formato de romance as ideias que vinham sendo sistematizadas pela vertente modernista conhecida como “verde-amarelismo”, que se inspirava cada vez mais no discurso nacionalista dos regimes autoritários europeus.<sup>941</sup> Monteiro Lobato, apesar da conhecida rispidez com que tratava os modernistas e suas discordâncias com relação aos rumos do movimento, apreciou o romance de Plínio de forma surpreendentemente positiva. Revelando-se entusiasmado com a “riqueza de novidades bárbaras, sem metro, sem verniz, sem lixa acadêmica” e pela sua “força pura”, Lobato considerava o autor de *O Estrangeiro* “uma força nova que o país tem que contar”.<sup>942</sup>

Vale lembrar que, nesse momento, Lobato já havia superado a visão negativa do tipo caipira como ser resultante da “equivocada” mistura de raças. O determinismo biológico não mais era a sua base científica de explicação para o caráter “fraco”, “ignorante”, “preguiçoso”, “indolente” e “doente” do personagem Jeca Tatu, mas sim as doenças consequentes da falta de assistência médica e instrução.<sup>943</sup>

A corrente verde-amarelista do modernismo, da qual Plínio Salgado era um dos principais representantes, criticava veementemente a visão negativa do sertão e do homem do interior. O sertão e o sertanejo se tornavam “lôcus e símbolo da nacionalidade”. Foi nessa atmosfera que o romance plineano irrompeu em 1926, sendo considerado *a posteriori* o seu “primeiro manifesto integralista”. Nessa narrativa, em que literatura e ideologia se imiscuíam, Plínio Salgado expressa toda a sua inquietude com os rumos do país, questionando o projeto imigrantista, criticando os defensores da urbanização como o melhor caminho para o crescimento do Brasil e condenando o cosmopolitismo, o liberalismo e o comunismo, por considerá-los grandes ameaças à alma nacional. E, em oposição a tudo isso, estava a defesa do contexto ruralista, do conservadorismo e do cristianismo como pressupostos básicos da ideia de “pureza da nação”. Em *O Estrangeiro*, o “artificialismo das cidades”, o “cosmopolitismo” e a imigração desregrada – desprovida de um projeto de integração sistemática dos imigrantes à sociedade brasileira – representavam um grande entrave à consolidação de uma unidade

---

<sup>940</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; MATOS, Maria Izilda Santos de. *O Estrangeiro na obra de Plínio Salgado: matrizes, representações, apropriações e propostas*. In: *Patrimônio e Memória*, São Paulo, UNESP, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2014. p. 160.

<sup>941</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; MATOS, Maria Izilda Santos de. *O Estrangeiro na obra de Plínio Salgado...*, p. 168.

<sup>942</sup> Lobato *apud* GONÇALVES, Leandro Pereira; MATOS, Maria Izilda Santos de. *O Estrangeiro na obra de Plínio Salgado...*, p. 168.

<sup>943</sup> LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil...*, p. 64.

nacional. Além disso, o autor da obra condenava a ridicularização dos habitantes do interior.<sup>944</sup>

Diante do exposto acima, compreendemos a afeição de Belmiro Braga pelo romance de Plínio Salgado como reflexo de sua imbricada relação com a literatura regionalista. Em 1928, quando leu *O Estrangeiro* pela primeira vez, o autor de *Tarde Florida* já havia lido e concordado com as ideias defendidas por Antônio Sales, na *Revista do Brasil*, quanto ao importante papel dos autores regionalistas como “obreiros da história social” do país, responsáveis por expressarem o que “pensam” e “sentem” os seus “conterrâneos”, no “meio em que vivem, trabalham, amam e morrem”.

Nesse texto, Sales defende que precisávamos nos “desintoxicar” do “esnobismo xenófilo” por meio da “sinceridade” e “coragem” na forma de “nos mostrarmos tal qual nos fizemos a origem, a educação e o meio”. Segundo o cearense, era preciso que buscássemos a “evolução” da nossa identidade literária a partir dos nossos próprios termos e especificidades, sem o receio de que o “estrangeiro sinta em nossa obra, como um travo de fruto meio verde, a seiva de uma juvenil barbárie”. E completa dizendo que “é esse um sintoma saudável não observado nas raças antigas, que, como os indivíduos velhos, são sempre mais ou menos enfermos”.<sup>945</sup>

Vale lembrar que fora essa declarada “sinceridade” presente numa forma de expressão similar a um “travo de fruto meio verde” que chamara a atenção de Sales para a obra lírica e humorística belmiriana no início do século XX. Fora justamente essa visão de que a alma dos interioranos era mais pura e genuína do que a dos indivíduos citadinos (ou “pracianos”) que também norteava a caracterização dos personagens de *Aves de Arribação* (1903), que, por sinal, receberá nova edição da Companhia Editora Nacional, de Monteiro Lobato, em 1929.<sup>946</sup> Portanto, era a busca das especificidades de uma “jovem nação”, através da valorização do regional, que unia Antônio Sales, Monteiro Lobato, Belmiro Braga e Plínio Salgado nessa década de muitas agitações e indefinições.

No entanto, essa forma de enxergar a literatura regionalista estava longe de ser uma unanimidade. Mário de Andrade é um exemplo disso: o autor de *Macunaíma* assumirá uma

---

<sup>944</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira; MATOS, Maria Izilda Santos de. *O Estrangeiro na obra de Plínio Salgado...*, p. 169.

<sup>945</sup> SALES, Antônio. Regionalismo. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano 7, v. 21, out. 1922. p. 101-105.

<sup>946</sup> Apesar de a reedição de *Aves de Arribação* ter se concretizado apenas em 1929, o seguinte comentário de Belmiro Braga nos dá indícios de que a proposta já havia sido feita em 1922: “Parabéns pela edição do *Aves*. Que o Monteiro Lobato lhe dê uma casca digna do miolo”. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Poços de Caldas, 30/08/1922. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).



postura contra-hegemônica em relação ao propalado regionalismo lobatiano, argumentando que essa corrente visava tão-somente à “estilização culta e não à fotografia do popular”, restringindo o coloquialismo à fala dos personagens caboclos. Ademais, acusava a literatura regionalista de se circunscrever a dados particulares e peculiares a determinada região, contrariando a necessária busca de um “processo de síntese” que fosse capaz de pensar o Brasil como um “todo”.<sup>947</sup>

Opondo-se à perspectiva de Mário de Andrade, Antônio Sales não considerava que o Brasil estivesse em condições de nutrir pretensões de síntese, uma vez que éramos um país muito “jovem”, cujo povo estava em fase de crescimento e cuja “raça” mal começava a fundir os díspares elementos que a constituíam. A sua proposta era a de que cada um dos Estados da federação “se pintasse nos seus aspectos e nos seus costumes”, reunindo materiais para que, no futuro, “o filósofo induza e condense em fórmulas sociais ou em símbolos estéticos a *psyché* real do nosso povo”. Considerando que ainda estávamos chegando à “fase de puberdade mental e moral”, achava “inútil e até condenável” que o Brasil fosse “um menino prodígio”. Precisávamos, antes, conhecermo-nos melhor, sem ignorarmos as nossas limitações e dificuldades. Para Sales, a grande arte era aquela capaz de traduzir a vida com verdade e beleza, sem esconder o chamado *verdeur* da alma, a originalidade e a simplicidade.<sup>948</sup>

Além do quesito “literatura regionalista”, é provável que Sales também discordasse de Mário de Andrade em seu projeto de criação de uma língua nacional brasileira. Apesar de ambos concordarem que o país precisava oficializar uma língua própria, emancipada da antiga metrópole e com maior aproximação entre o idioma escrito e o falado, as divergências vinham à tona quando se discutiam as possíveis formas de sua efetivação. Se, para Sales, imperava uma noção de evolução espontânea e coletiva da língua, para Mário, era preciso um esforço para construí-la – o que desencadeará muitas divergências. Manuel Bandeira chegou a dizer que o amigo paulista tentava construir uma linguagem “artificial e sem vida”, “compreensível somente a si próprio”, “fruto de um posicionamento individual, e não de uma coletividade”.<sup>949</sup>

Apesar de não se manter alheio a todas essas discussões, Belmiro Braga permanecerá sem esboçar reflexões sistemáticas sobre o assunto. Diante desse cenário, sua postura continuará sendo a de um defensor pragmático das artes nacionais, tanto na música quanto na

<sup>947</sup> LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil...*, p. 284-289.

<sup>948</sup> SALES, Antônio. Regionalismo. *Revista do Brasil*, São Paulo, ano 7, v. 21, out. 1922. p. 101-105.

<sup>949</sup> GARCIA, Leandro. A língua brasileira de Mário de Andrade – nacionalismo, literatura e epistolografia. In: \_\_\_\_\_. *Cartas que falam: ensaios sobre epistolografia*. Belo Horizonte: Relicário, 2023. p. 365-380.

poesia e no teatro. Vale lembrar que esse movimento de nacionalização já se manifestava bem antes da década de 1920 em sua atuação literária. Nos anos 1920, porém, essa pauta se potencializou e ganhou maior robustez em diversas áreas da cultura. Aqui, porém, debruçaremos-nos mais especificamente sobre a nacionalização do teatro pela via do regionalismo, perfil no qual as peças belmirianas eram enquadradas pelas diversas companhias que as faziam circular pelo país, como a *Companhia Brasileira de Comédia Abigail Maia*, a *Companhia Garridos* e a *Troupe Leoni*, que as levou para o Recife (PE), destacando nas propagandas os “tipos da nossa roça” e os “costumes sertanejos”.<sup>950</sup> E, no Rio de Janeiro, o *Cine-Teatro Íris* as divulgava como “originais de costumes sertanejos” e “puramente mineiras”.<sup>951</sup>

Nesse campo teatral, podemos dividir a postura de B. B. em duas frentes de atuação: primeiramente, atuando contra a ridicularização das companhias que priorizavam as práticas e os costumes populares em suas peças; em segundo lugar, defendendo a valorização do autor brasileiro de teatro, de seus direitos autorais e do controle sobre o conteúdo de suas produções.

Para exemplificarmos o primeiro ponto, vale destacar a reação do literato à experiência da *Companhia Arruda*, que, ao passar por Juiz de Fora em outubro de 1923, tornou-se alvo de críticas negativas de alguns jornalistas, por conta de seu viés popular e de algumas supostas falhas cometidas nas encenações. Indignado com as críticas, B. B. protestou na imprensa, argumentando que a companhia era merecedora de todo respeito e aplauso por privilegiar o “teatro nacional”, com espetáculos oferecidos a preços módicos, ao “alcance de todos”, com “diálogos, músicas e cenários em nossa língua”, com “casas dos nossos caboclos” e dos “nossos campos e nossas lavouras”, e não “abadias espanholas, castelos italianos ou vilas francesas”.<sup>952</sup> Segundo o autor de *Na Roça*,

Enaltecer os seus méritos e silenciar sobre as suas falhas é um dever de patriotismo. Já é tempo de darmos valor ao que é nosso. Vivemos a clamar que não temos teatro e quando nos aparece um abnegado como o Arruda – a maioria da imprensa – ou não diz nada ou mete-lhe o pau. E é assim que havemos de ter um dia teatro nacional.<sup>953</sup> (Grifos nossos.)

<sup>950</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 16/04/1920, p. 2. Verifica-se, também, anúncio da peça *Na Roça* no *Jornal do Recife*, Recife, 08/06/1926, p. 10.

<sup>951</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21/02/1925, p. 13.

<sup>952</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10/10/1923, p. 5.

<sup>953</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 10/10/1923, p. 5.

A ridicularização de peças representativas de culturas regionalistas e interioranas brasileiras não era nenhuma novidade. Mas esse comportamento não se mostrava recorrente apenas entre alguns críticos de teatro. Entre os próprios roteiristas isso se fazia presente, tornando-se motivo de indignação de articulistas como Gastão Penalva (Sebastião de Souza), que, em 1920, mostrou-se ávido defensor do teatro regionalista ao acusar alguns autores de incorrerem em práticas de “snobismo dramático” e “injúria e zombaria ao verdadeiro teatro nacional”. Ele se referia à ridicularização dos tipos interioranos e à “ofensa à vida simples do interior da nossa terra”. Penalva considerava que os homens do interior, apesar dos “vícios e defeitos” e da “falta do refinamento” presente entre os declarados “civilizados”, ainda conseguiam levar uma vida ao estilo “bonanchão”, “patriarcal” e “honesto”, capaz de fazer inveja às pessoas da cidade. Dessa forma, acusava muitos autores de não conhecerem e conviverem com os tipos que ridicularizavam em seus enredos.<sup>954</sup>

Quanto à segunda frente de atuação de Belmiro Braga, que consiste na defesa da valorização do autor brasileiro de teatro, de seus direitos autorais e do controle sobre o conteúdo de suas produções, é preciso considerar que o seu interesse nessa questão já podia ser observado na sua própria participação como um dos fundadores da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, no Rio de Janeiro, em 1917 (assunto já abordado no Capítulo 4).

Apesar de todo o sucesso de público e da ampla circulação de suas peças, Belmiro Braga se mostrava cansado e desmotivado pela forma desprestigiada com que dizia ser tratado em muitas casas de espetáculo, sobretudo no Rio de Janeiro, alegando não possuir cadeira reservada nem entrada gratuita nesses estabelecimentos.<sup>955</sup> Se, por um lado, era apontado como cicerone das companhias teatrais que passavam por sua terra, correndo atrás de hospedagens gratuitas nos hotéis juiz-foranos para acomodar os elencos<sup>956</sup>, por outro, não enxergava o mesmo empenho quando assistia às suas próprias peças em outras cidades.<sup>957</sup>

Não menos recorrentes eram as reclamações quanto à indiscriminada e abusiva prática de terceiros fazerem modificações e enxertos em suas peças, sem autorização: “Minha burlleta *Na Roça*, que tinha um ato, tem agora três!... E, há meses, li no *Correio da Manhã* que o ator

---

<sup>954</sup> PENALVA, Gastão. Carta sobre Teatro. *Palcos e Telas – Revista Teatral Cinematográfica*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 103, 11/03/1920.

<sup>955</sup> BRAGA, Belmiro *apud* SOUZA, Cláudio de. O Teatro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/03/1923, p. 3.

<sup>956</sup> Gilberto de Alencar afirma que, se não fosse a “providencial intervenção” do amigo Belmiro Braga, muitos artistas ainda saíam devendo os hoteleiros, por falta de incentivo das elites políticas e econômicas do município à cultura. ALENCAR, Gilberto de. Doutores sem livros. *O Pharol*, Juiz de Fora, 27/05/1924. p. 1.

<sup>957</sup> BRAGA, Belmiro *apud* SOUZA, Cláudio de. O Teatro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/03/1923, p. 3.

F. se salientara no papel de turco... Ora, meu caro colega, juro-lhe que nunca escrevi papel algum de turco...”.<sup>958</sup>

Situação semelhante aconteceu com a peça *Que Trindade!*, encenada em diversos lugares com o título *O Capichaba*, como aconteceu em Recife, onde a peça ficou em cartaz pela companhia “Os Carolinos – comediantes e duetistas sertanejos”.<sup>959</sup> Não se sabe se, neste caso específico, apenas o título foi alterado, mas, em 1923, Belmiro Braga relatava que a referida peça teria sido alvo de profundas modificações realizadas sem o seu consentimento. Além de lhe atribuírem um novo título, introduziram novos personagens, enxertaram conteúdos e palavras chulas que, no seu entendimento, não apenas aumentavam o tempo do espetáculo e o distanciavam do gênero ligeiro, como também desmoralizavam a sua produção e o difamavam diante do público:

Soube que, certa vez, em Petrópolis, o Dr. Leônidas Detzi, do Banco do Brasil, ao assistir a uma farsa minha, que já conhecia, retirou-se indignado do teatro, por ver como se achincalhava a obra! Tenho sete a oito burletas (não sei se mais, pois no caminho em que a coisa vai, não posso saber de quantas peças sou autor...) que correm os Estados, e até hoje apenas recebi 30\$ de direitos! [...] <sup>960</sup> (Grifos nossos.)

Muitas dessas reclamações belmirianas publicadas na imprensa são de cartas escritas ao dramaturgo Cláudio de Souza (1876-1954), que as transcreveu e publicou na *Gazeta de Notícias*, jornal do qual o autor de *Porto, Madeira e Colares* era assíduo leitor. Possivelmente iniciada na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais ou por intermédio de Gastão Penalva, a interlocução entre Belmiro Braga e Cláudio de Souza data pelo menos de 1920, quando este publicou, em *O Paiz* (RJ), o artigo “O livro negro do teatro”, o qual foi posteriormente replicado em periódicos de outros estados, como *A Federação*, de Porto Alegre (RS).<sup>961</sup> Tratava-se de uma carta aberta, destinada a Gastão Penalva, tendo como objetivo solicitar o

---

<sup>958</sup> BRAGA, Belmiro *apud* SOUZA, Cláudio de. O Teatro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/03/1923, p. 3.

<sup>959</sup> Ver anúncio da peça *O Capichaba*, em Recife. Fonte: *Jornal do Recife*, Recife, 27/07/1924, p. 12.

<sup>960</sup> BRAGA, Belmiro *apud* SOUZA, Cláudio de. O Teatro. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/03/1923, p. 3.

<sup>961</sup> Belmiro Braga *apud* SOUZA, Cláudio de. O livro negro do teatro – seção “Artes e artistas – teatro”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22/02/1920, p. 6. A mesma carta também foi publicada em: SOUZA, Cláudio de. Abuso a reprimir. *A Federação*, Porto Alegre, 06/03/1920.

apoio deste na mobilização dos articulistas da imprensa na luta contra todo tipo de “abuso” sofrido pela “classe teatral”.<sup>962</sup>

Souza declarava que, após tomar conhecimento de que se tornara vítima de uma companhia mambembe que circulava pelo Rio de Janeiro, violando o texto da peça *Eu arranjo tudo!*, de sua autoria, solicitou a intervenção da polícia através de uma medida judicial. Considerando a justiça inoperante para resolver a situação, propunha aos companheiros do teatro uma medida que fosse mais eficaz, que consistia em registrar, num único livro, todos os nomes de empresários e artistas desonestos, fazendo com que estes ficassem “apartados do convívio dos autores” e impedidos de encenarem suas peças. Aqueles autores que desrespeitassem tal preceito também seriam punidos, entrando para o “livro negro” como um “mau companheiro”.<sup>963</sup>

Após reivindicar a adesão da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) à proposta, Cláudio de Souza reclamou da ineficiência da referida agremiação e dos próprios delegados de polícia, no sentido de garantirem uma fiscalização mais ostensiva das peças.<sup>964</sup> Vale lembrar que, nesse contexto, estava em vigor o decreto n. 14529, de 9 de dezembro de 1920, dispositivo jurídico responsável por atualizar a regulamentação do exercício da censura e o lugar do censor no Brasil, obrigando a submissão dos roteiros à censura prévia pelo 2º Delegado Auxiliar de Polícia. Em 1924, com o decreto n. 16590, o censor passaria a ser nomeado pelo ministro da Justiça e Negócios Interiores, por meio da indicação dos chefes de polícia, o que, na prática, tornava o censor um agente policial.<sup>965</sup>

Não procuramos investigar com profundidade como a referida lei era aplicada. Mas o fato é que há registros de passagens das peças de Belmiro Braga e Cláudio de Souza pelo referido órgão censor. João Cruz Júnior, proprietário do *Cine-Teatro Íris*, na rua da Carioca, por exemplo, enviou diversos roteiros belmirianos à censura para obter autorização da Delegacia Auxiliar de Polícia para encená-los. Localizados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, os referidos textos apresentam trechos cortados sem qualquer justificativa formal,

---

<sup>962</sup> Belmiro Braga *apud* SOUZA, Cláudio de. O livro negro do teatro – seção “Artes e artistas – teatro”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22/02/1920, p. 6. A mesma carta também foi publicada em: SOUZA, Cláudio de. Abuso a reprimir. *A Federação*, Porto Alegre, 06/03/1920.

<sup>963</sup> SOUZA, Cláudio de. O livro negro do teatro – seção “Artes e artistas – teatro”. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 22/02/1920, p. 6.

<sup>964</sup> SOUZA, Cláudio de. O Teatro. In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/03/1923, p. 3.

<sup>965</sup> NUNES, Sátiro Ferreira. Apresentação. In: ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Inventário Delegacia Auxiliar de Polícia* (seção Censura Prévia; série Peças Teatrais e série Avulsos). 2. ed. Rio de Janeiro: o Arquivo, 2017. p. 6-19.

Disponível em: [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/copy\\_of\\_instrumentos-de-pesquisa/delegacia\\_auxiliar\\_policia\\_2.pdf](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/copy_of_instrumentos-de-pesquisa/delegacia_auxiliar_policia_2.pdf). Acesso em: 13 fev. 2024.

muito embora seja possível inferir que os motivos foram majoritariamente pautados na moral e nos bons costumes da época. Cabe-nos questionar, porém, se todos esses trechos censurados eram, de fato, de autoria de Belmiro Braga, haja vista as já mencionadas reclamações do autor quanto aos não autorizados enxertos realizados em suas peças.<sup>966</sup>

Muito embora as apropriações clandestinas do nome e da obra de um autor pudessem ser um indicador informal de sua fama e popularidade, de forma geral, tudo isso causava enormes frustrações na carreira literária dos escritores, como podemos constatar nesse desabafo de Belmiro Braga, que chegou a desistir do teatro: “[...] fiquei de contas liquidadas com o nosso teatro, e protestei nunca mais escrever uma linha para ele. Hoje só me tiram de casa o Chico Boia, o Carlitos, ou os palhaços de circo... Fazem-me rir, não me assaltam. E não são ingratos!”<sup>967</sup> De fato, o literato fechou as cortinas do palco em 1923. Nunca mais se dedicou à escrita de um roteiro sequer, não obstante as suas produções dramáticas terem continuado circulando e fazendo sucesso pelo país afora.

Nos versos, apesar de se autointitular cada vez mais um autor “passadista”, as oportunidades continuavam. Nesse mesmo ano em que desistiu do teatro, surgiu-lhe a proposta do músico Oscar Lorenzo Fernández<sup>968</sup> de transformar em modinha um de seus poemas, *Ó vida da minha vida*, escrito no início do século e publicado no livro *Rosas*.<sup>969</sup>

---

<sup>966</sup> As peças belmirianas cortadas pela censura foram localizadas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (RJ), Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, seção “Censura Prévia”, série “Peças Teatrais”. Apresentam cortes os seguintes roteiros: *Na Roça*; *Que Trindade!*; *O Divórcio*; *Mamãe, olha o Periquito*. Para facilitar a localização dos roteiros censurados, segue o inventário: ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Inventário Delegacia Auxiliar de Polícia* (seção Censura Prévia; série Peças Teatrais e série Avulsos). 2. ed. Rio de Janeiro: o Arquivo, 2017.

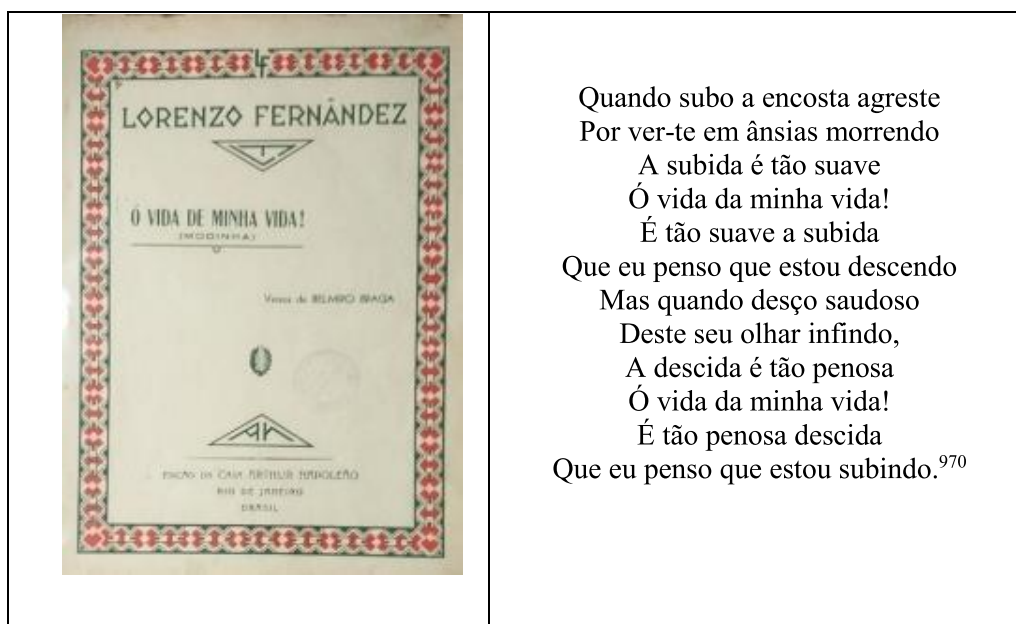
Disponível em: [https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/copy\\_of\\_instrumentos-de-pesquisa/delegacia\\_auxiliar\\_policia\\_2.pdf](https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/servicos/copy_of_instrumentos-de-pesquisa/delegacia_auxiliar_policia_2.pdf). Acesso em: 13 fev. 2024.

<sup>967</sup> BRAGA, Belmiro *apud* SOUZA, Cláudio de. O Teatro. In: *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/03/1923, p. 3.

<sup>968</sup> Fernández foi um dos músicos brasileiros mais destacados de sua geração e um dos responsáveis pela “consolidação do nacionalismo musical no Brasil, ao lado de Villa-Lobos, Francisco Mignone, Camargo Guarniere e Mario de Andrade”. Filho de casal espanhol, o músico nasceu no Rio de Janeiro em 1897 e, em 1917, ingressou no Instituto Nacional de Música, fundando, tempos depois, a Sociedade de Cultura Musical do Rio de Janeiro e o Conservatório Brasileiro de Música. Em 1922, Fernández participara como assistente da Semana de Arte Moderna em São Paulo, fortalecendo relações de amizade e interlocução com os escritores Graça Aranha e Mário de Andrade, que o qualificou como “o único de nossos compositores que conhece metrificacão poética e sabe que fonética existe”, além de “ter um conhecimento mais íntimo da língua” e respeitá-la em suas “fatalidades e belezas de dicção”. Fonte: SILVÉRIO, Maria Silva. *Lorenzo Fernández: vida e obra*. Disponível em: <https://lorenzofernandez.org/vida/>. Acesso em: 11/07/2021.

<sup>969</sup> BRAGA, Belmiro. *Rosas*. 2. ed. Juiz de Fora: Dias Cardoso & Comp., 1915.

Figura 35 – Capa de partitura da modinha “Ó vida de minha vida!”, com letra de Belmiro Braga e melodia de Lorenzo Fernández.



Quando subo a encosta agreste  
 Por ver-te em ânsias morrendo  
 A subida é tão suave  
 Ó vida da minha vida!  
 É tão suave a subida  
 Que eu penso que estou descendo  
 Mas quando desço saudoso  
 Deste seu olhar infindo,  
 A descida é tão penosa  
 Ó vida da minha vida!  
 É tão penosa descida  
 Que eu penso que estou subindo.<sup>970</sup>

Fonte: Edição da Casa Arthur Napoleão, Rio de Janeiro (RJ), [1923]. Acervo particular de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga.

A partitura e a letra de *Ó vida da minha vida!* foram editadas pela tradicional Casa Arthur Napoleão, no Rio de Janeiro.<sup>971</sup> O sucesso dessa modinha foi tão expressivo que ela continuou sendo por muito tempo apresentada em espaços e eventos culturais, como no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, no Rio de Janeiro, em 1943, e no *Festival Lorenzo Fernandez*, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1950, figurando ao lado de letras de Mário de Andrade, Múcio Leão, Manuel Bandeira, etc.<sup>972</sup>

### 6.3 “Os homens na República são como os balões: sobem apenas os cheios de... vento”<sup>973</sup>

O tempo se passava e a promessa de cargo que o presidente Arthur Bernardes lhe fizera em 1923 não se concretizava. Cansado da espera e sem expectativas, Belmiro se vê

<sup>970</sup> FERNÁNDEZ, Lorenzo; BRAGA, Belmiro. *Ó vida da minha vida (modinha)*. Rio de Janeiro: Edição da Casa de Arthur Napoleão, [1923]. Acervo particular da sobrinha-neta do poeta Belmiro Braga, Leila Maria Fonseca Barbosa.

<sup>971</sup> MEDEIROS, Alexandre Raicevich de. Memórias de Arthur Napoleão. *Anais do XIV Encontro Regional da Anpuh-RJ – Memória e Patrimônio*, julho de 2010, p. 1-11. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276017543\\_ARQUIVO\\_TEXTOANPUH.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276017543_ARQUIVO_TEXTOANPUH.pdf). Acesso em: 11/07/21.

<sup>972</sup> *A Manhã*, Rio de Janeiro, 30/11/1943, p. 3. Ver também: *A Manhã*, Rio de Janeiro, 12/11/1950, p. 7.

<sup>973</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 04/03/1925. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

tomado de insatisfação pessoal com a política e os políticos. Apesar de, publicamente, permanecer em silêncio com relação às críticas políticas dirigidas às autoridades, nas cartas enviadas ao amigo Sales, ainda residente no Ceará, fazia diversos desabafos. Um deles era o de que, na República, os homens são como “balões”: somente os “cheios de vento” é que sobem<sup>974</sup>, uma frase possivelmente inspirada numa das famosas máximas de Marquês de Maricá, que dizia: “Uns homens sobem por leves como os vapores e gases, outros como os projetis pela força do engenho e dos talentos”.<sup>975</sup> E, por fim, não apenas resolveu “mandar todos os políticos à fava”, como também elevou o nível de radicalização e autoritarismo do discurso: “Ah! Se aparecesse agora um outro Floriano e passasse uma grande vassourada lá por cima!”.<sup>976</sup>

Desistindo da concretização da promessa, arranhou outros meios de garantir a sobrevivência. Lançou mão dos contatos estabelecidos com os empresários paulistas em Poços de Caldas e conseguiu uma vaga de representante de venda de seguros da *São Paulo – Cia. de Seguros de Vida*, função para a qual já havia adquirido experiência no Rio de Janeiro, como funcionário da *Cruzeiro do Sul*.

Na *São Paulo*, considerava-se satisfeito com os lucros obtidos com as vendas, sendo premiado em primeiro lugar na venda de seguros em âmbito nacional: “[...] Estou muito bem na *São Paulo* que me dá uns dois contos de réis sem precisar deixar Juiz de Fora”.<sup>977</sup> Com a alta do preço do café, que, segundo ele, teria enriquecido muitos de seus sobrinhos, aumentava o número de fazendeiros interessados na compra seguros de vida em Juiz de Fora e região.

Também parecia lhe agradar o fato de o novo emprego lhe conferir maior autonomia em relação à política: “Dou graças a Deus de ter encontrado essa *Cia. de Seguros*. Tenho ganho dinheiro e vivo independente.”<sup>978</sup> Ademais, as vendas de seguro lhe oportunizaram

---

<sup>974</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 04/03/1925. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>975</sup> MARICÁ, Marquês de. *Coleção completa das máximas, pensamentos e reflexões do Marquês de Maricá*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, [1850]. p. 1.

<sup>976</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 04/03/1925. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>977</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/05/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>978</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 20/10/1924. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).



viagens pelo Estado de Minas para fundar novas agências, o que, mais uma vez, transformava-se em oportunidade para voltar a proferir suas palestras.<sup>979</sup>

Mas logo vieram as queixas pela sobrecarga de trabalho: reclamava do cansaço e de alguns problemas de saúde, como furúnculos, catarata e congestão pulmonar. Também lamentava que não tinha tempo para ler e escrever. Mostrava-se, inclusive, decidido a abandonar a vida literária, como fizera com o teatro: “Nada tenho escrito e é possível que não escreva mais. Tomei nota do prólogo cearense – *Mortalha não tem bolso*.” Solicitou aos amigos da *Fon-Fon* que não lhe encaminhassem demandas literárias, como envio de livros, pedidos de versos e recomendações de escritores e conferencistas, alegando que seu tempo “era pouco para desempenhar as obrigações do cargo”.<sup>980</sup>

Belmiro parecia vivenciar uma espécie de “jejum artístico” nessa fase de sua vida: além de encerrar a escrita teatral, não publicou nenhum livro novo de poesia depois do lançamento de *Tarde Florida*, em 1923. Tudo isso, no entanto, parecia longe de significar uma completa saída de cena. Apesar de não produzir com a mesma intensidade e ritmo de antes, seu nome e sua produção continuavam circulando nas páginas da imprensa e no circuito literário, ainda que por meio da repetição de rimas e crônicas consagradas pelo gosto dos públicos. Chegou a publicar, inclusive, na revista *Tico-Tico*, algumas de suas produções, como os textos “Para a escola” e “Canarinhos”.<sup>981</sup> E, no livro *O Brasil e suas riquezas*, que visava a explorar os dados atualizados sobre os recursos naturais, produção e exportação do país, marcou presença entre os escritores de destaque na literatura, como Alberto de Oliveira, João Ribeiro, Coelho Netto, Silva Ramos, Humberto de Campos, Gustavo Barroso e Olegário Mariano, chamados de “vultos mais eminentes da nossa literatura” pelo jornal *A Noite*.<sup>982</sup>

Ademais, a sua participação em dois concursos literários e na disputa a uma vaga na Academia Brasileira de Letras pode ser citada como indicador de um poeta ainda ativo no circuito literário. O primeiro concurso foi para pleitear o título “Príncipe dos Poetas Brasileiros” em 1924. Esta era a segunda edição do pleito, tendo em vista que o primeiro ganhador do título, na edição de 1913, era o poeta Olavo Bilac, que veio a falecer em 1918 sem deixar um sucessor. Organizado pela revista *Fon-Fon*, o concurso era inspirado no que

<sup>979</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 17/08/1924. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>980</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 16/07/1925. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>981</sup> *Tico-Tico*, Rio de Janeiro, 04/08/1926, p. 15; 16/03/1927, p. 7.

<sup>982</sup> Não conseguimos ter acesso a essa obra. Porém, o jornal *A Noite* informa que a publicação chegou à 9ª edição com uma tiragem de 76.000 exemplares, sendo vendido na Livraria Francisco Alves. Fonte: *A Noite*, Rio de Janeiro, 24/01/1929, p. 4.

fora realizado na França, cujo vencedor era Paul Fort.<sup>983</sup> Este, tendo visitado o Brasil em 1921, parece ter impulsionado por aqui a realização da segunda edição.<sup>984</sup>

A votação acontecia entre os poetas inscritos no certame, sendo que nenhum deles podia votar em si mesmo. Na enorme lista de candidatos, destacamos alguns nomes que, de alguma forma, integraram os círculos sociais de Belmiro, quais sejam: Antônio Sales, Bastos Tigre, Mendes Fradique (José Madeira de Freitas), Jackson de Figueiredo, Américo Facó, Agripino Grieco, Antonio Torres<sup>985</sup>, Monteiro Lobato, Oliveira Lima, Menotti del Picchia, Olegário Mariano, Affonso Celso, Alberto de Oliveira, Coelho Netto, Filinto de Almeida, Laudelino Freire, Mário de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Barbosa Lima Sobrinho, Gustavo Barroso, dentre outros.

A *Revista da Semana* destacava a importância desse concurso no sentido de “agitar o nosso parnaso e concorrer para que a poesia exerça, de novo, o seu mirífico prestígio”. É perceptível, na edição dessa revista, a preocupação com o arrefecimento do fascínio pela poesia na sociedade brasileira. Para o editorial da revista, a poesia estaria em crise no Brasil: “A nossa juventude já não tem o fanatismo da musa, nem se deixa levar pela sereia das rimas, porque pratica o desporto e cuida da cultura física”.<sup>986</sup> Alguns escritores tinham por hábito atribuir o que chamavam de decadência da cultura letrada no país à supervalorização do esporte (sobretudo o *football*) em detrimento da literatura. A título de exemplificação, basta lembrarmos a crônica “A Biblioteca”, de Lima Barreto, na qual um velho bibliófilo, frustrado com o herdeiro futebolista e seu completo desinteresse pela leitura, resolve atear fogo em todo seu acervo.<sup>987</sup>

Fechando esse breve parêntese, o fato é que a busca de um sucessor para Olavo Bilac não foi nada consensual. Para começar, uma nota publicada no *Jornal do Brasil* chamava o concurso de “enquete tão antiga quanto os príncipes e os poetas”.<sup>988</sup> Raul Pederneiras, sem perder a oportunidade de fazer a sua sátira, publicou no mesmo jornal uma charge chamando o “Poder Público” de “o verdadeiro príncipe dos poetas brasileiros”, tendo em vista as suas

<sup>983</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 24/05/1924, p. 30.

<sup>984</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 24/03/1921, p. 1; *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 02/07/1921.

<sup>985</sup> Trata-se do mesmo autor da matéria que cita a participação de Belmiro Braga no filme *Amor e Bohemia*, em 1918.

<sup>986</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07/06/1924, p. 28.

<sup>987</sup> BARRETO, Lima. A Biblioteca. In: \_\_\_\_\_. *Histórias e Sonhos*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001. p. 184.

<sup>988</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 12/10/1924, p. 6.

exímias “habilidades poéticas” (lê-se “mentirosas”) na hora de explicar a realidade brasileira.<sup>989</sup>

No *Correio da Manhã*, um autor não identificado extrapolava a comédia “espirituosa” para chamar o concurso de “ocupação de desocupados”, apontando dois argumentos contrários à sua realização: primeiramente, por considerar a escolha injusta, uma vez que “a poesia não tem um príncipe – ela tem vários príncipes, cada verdadeiro poeta sendo um príncipe na sua arte”. Em segundo lugar, destacava a impossibilidade de enquadrar dois gêneros poéticos com estilos muito diferentes num mesmo critério avaliativo. Que “gêneros poéticos” seriam esses? Segundo o autor, seriam a “poesia culta” – de Alberto de Oliveira, Augusto de Lima, etc – e a “poesia idiomática” e “regionalista” – da qual Catulo da Paixão Cearense figurava, segundo ele, como o maior representante.<sup>990</sup>

No mesmo dia, o *Jornal do Brasil* também publicava um comentário de outro autor não identificado questionando a idoneidade do concurso e a dificuldade de se encontrar um príncipe à altura de Olavo Bilac. Segundo o autor, Alberto de Oliveira, por seu estilo “austero e grave”, não seria capaz de agradar uma “geração inocente” que “não ama os ritmos puros e as rimas arranjadas sabiamente”. Da mesma forma, dizia que Augusto de Lima não seria o mais indicado ao posto, por considerá-lo um “incompreendido”, cuja “alma”, repleta de “poesia e filosofia”, impossibilitava-o de “seduzir a todos os leitores”.<sup>991</sup>

Ao fim e ao cabo, foi Alberto de Oliveira o vencedor do concurso, recebendo a maioria expressiva de votos. Belmiro Braga foi um de seus 153 eleitores, assim como Antônio Sales, Oliveira Viana, Luiz Câmara Cascudo, Laudelino Freire, Martins Fontes, Afrânio Peixoto, Medeiros e Albuquerque, Raphael Pinheiro, Luís Murat, Gustavo Barroso, Mário de Alencar, Max Fleiuss, Jackson de Figueiredo, Affonso Celso, Augusto de Lima, Osório Duque Estrada, Laudelino Freire, Olegário Mariano, dentre outros. Segundo matéria publicada no *Correio da Manhã*, os membros da Academia Brasileira de Letras foram unânimes ao votar em Alberto de Oliveira.<sup>992</sup>

Vale destacar que Belmiro Braga recebeu apenas um voto, o de Francisco Valladares. Também se depararam com a mesma situação Catulo da Paixão Cearense (votado apenas por Bastos Tigre), Carlos de Laet, Amadeu Amaral, dentre outros. Bastos Tigre e vários outros receberam, quando muito, pouco mais de dois votos.

<sup>989</sup> Charge de Raul [Pederneiras], publicada em: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05/06/1924, p. 1.

<sup>990</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30/05/1924, p. 4.

<sup>991</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30/05/1924, p. 5.

<sup>992</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21/06/1924, p. 4.

O fato é que, reservadas as devidas proporções, Belmiro Braga sintetizava em sua poesia um pouco de cada estilo e optou por votar no candidato hegemônico no certame (Alberto de Oliveira), preterindo poetas mais próximos da cultura e da linguagem populares, como Catulo Cearense, Bastos Tigre, com quem estabelecera uma série de interlocuções nos espaços de sociabilidade literária da capital federal. Sabemos que Belmiro Braga, embora não se considerasse um acadêmico, orbitava em torno do grupo de escritores que frequentavam a Academia Brasileira de Letras. Não é surpreendente, portanto, que seu voto tenha sido destinado a Alberto de Oliveira, que também venceu o concurso “Quais os maiores brasileiros vivos”, promovido pela *Fon-Fon* no ano seguinte (1925). Nesse pleito, B. B. ficou classificado na 14ª posição, com Bastos Tigre, Menocchi dell Picchia, Alcides Flávio (Fernandes Figueira) aparecendo bem atrás dele no *ranking*.<sup>993</sup>

O voto de Belmiro Braga em Alberto de Oliveira teria alguma coisa a ver com algum interesse em concorrer a uma vaga na Academia Brasileira de Letras em 1925? Apesar de se declarar, desde o início de sua carreira, como refratário ao academicismo, o “Trovador de Vargem Grande” não fugia à regra quando o assunto era a ABL. Como bem disse a historiadora Ângela de Castro Gomes, os literatos da Primeira República tinham uma ambígua dinâmica de “desejo e repulsa” por essa instituição. No final das contas, sendo a ABL um disputado reduto de estabilidade dos intelectuais brasileiros, o que interessava era alcançar a tão sonhada aposentadoria, como disse Manuel Bandeira quando idoso: “os reacionários da Academia são uns velhinhos amáveis que não fazem mal a ninguém – querem é sossego. Como eu.”<sup>994</sup>

Frustrado com o “envelhecimento” e com os prejuízos que as obrigações do trabalho traziam à sua carreira nas letras, Belmiro Braga não deixava de alimentar um sonho – ainda que remoto – de um dia integrar o panteão dos “imortais”. Com o falecimento do acadêmico João Luís Alves<sup>995</sup>, em 15 de novembro de 1925, e a abertura de concorrência para ocupação da cadeira n. 11, ventilou-se na imprensa que B. B. seria um dos candidatos.

Em carta para Heitor Guimarães, o mineiro negava que o tivesse feito e desmentia a imprensa em tom de autoironia. Afirmava que, embora o seu “obscuro nome” houvesse sido

---

<sup>993</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 14/03/1925, p. 32.

<sup>994</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...*, p. 36; 103.

<sup>995</sup> Nascido em Juiz de Fora em 23 de maio de 1870, João Luís Alves era o quarto ocupante da cadeira 11, sendo eleito em 20 de setembro de 1923, na sucessão de Eduardo Ramos e recebido pelo acadêmico Augusto de Lima, em 6 de novembro de 1923. Por ocasião de seu falecimento, em 15 de novembro de 1925, encontrava-se em Paris. Informações extraídas do site da Academia Brasileira de Letras. Link de acesso: <https://www.academia.org.br/academicos/joao-luis-alves/biografia>. Acesso em: 10/09/2024.

lembrado por alguns membros da ABL e por alguns amigos que insistiam na sua apresentação, tinha consciência de que não bastavam seus “pobres versos” para alcançar uma vaga. Era necessário, segundo ele, ter posição de destaque na política, na magistratura ou na diplomacia, o que não vinha a ser o seu caso: “apenas um humilde agente de seguros de vida”.<sup>996</sup>

Mas o fato é que, menos de um mês após o envio dessa carta, *O Malho* não apenas comunicava a sua candidatura, como também o apoiava nessa empreitada como “poeta suave, natural, conceituoso” e produtor de versos que têm “o aroma penetrante dos frutos silvestres, em que há um fino paladar de ideia e sentimento, de mistura, às vezes, a uma ironia, a um sadio humorismo, que dá ideia de uma alma sempre nova e sonora”.<sup>997</sup>

Poucos dias depois, em 1 janeiro de 1926, informava a Antônio Sales que desistira da disputa, alegando que o motivo era a candidatura de Monteiro Lobato. Ele parecia convicto de que a vaga seria do autor de *Urupês*, tendo em vista a popularidade do escritor-editor e seu sucesso mercadológico: “Como te disse na outra carta, resolvi querer sentar-me candidato à vaga do J. Luís [João Luís Alves] na Academia, mas quando ia enviar o requerimento soube que o Monteiro Lobato era também candidato e eu meti-me nas encolhas. Acho que o Lobato, por ser quem é [...], deve ser o eleito.”<sup>998</sup>

O mineiro errou no prognóstico. O ocupante da cadeira 11 foi Ademar Tavares. O autor de *Rosas* desconhecia a difícil relação de Lobato com a Academia, conforme demonstra Gisele Martins Venâncio nas cartas por este remetidas a Oliveira Viana, nas quais as diversas críticas dirigidas à ABL nos ajudam a compreender as vezes em que Lobato, mesmo após formalizar a sua candidatura, chegou a desistir da disputa – como aconteceu em 1921 e 1926.<sup>999</sup>

Entretanto, B. B. se deparou com outra oportunidade de disputar a uma vaga no *Petit Trianon*. Outra vaga de “imortal” se abriu em pleno processo de seleção de um sucessor para João Luís Alves, uma vez que, em 8 de dezembro de 1925, também falecera o acadêmico Mário de Alencar, o segundo ocupante da cadeira 21. Filho do romancista José de Alencar e

<sup>996</sup> *O Jornal*, Rio de Janeiro, 24/11/1925, p. 6.

<sup>997</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 19/12/1925, p. 28.

<sup>998</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 01/01/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>999</sup> VENANCIO, Gisele Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, FGV, 2004. p. 129.

conhecido como “pupilo” de Machado de Assis, Mário ingressara na ABL em 1905 como sucessor de José do Patrocínio.<sup>1000</sup>

Dessa vez, o “Trovador de Vargem Grande” parecia mais resoluto a entrar na disputa pela vaga deixada pelo “pupilo” de seu “ídolo”. A notícia repercutiu em *O Pharol*, *O Globo*, *Fon-Fon*, *A Manhã* (RJ), *O Imparcial* (RJ), *Gazeta de Notícias* (RJ), etc. Na *Fon-Fon*, referiam-se à sua candidatura como um “lugar aos simples”. A revista o definia como “a simplicidade em pessoa”, como um homem que “já está com cabeça branca”, mas com “o rosto macio, sem rugas, nédio, sem ser rubicundo”, atestando “a mocidade eterna de seu coração”. Declaravam, ainda, que ele não se candidatava como literato, mas como “expoente... da poesia popular”.<sup>1001</sup>

Em *O Imparcial* (RJ), um autor não identificado dirigia palavras de incentivo à sua candidatura, considerando-o ocupante de lugar visível na produção literária das duas últimas décadas.<sup>1002</sup> Enquanto isso, para ratificar a sua participação no pleito, *O Jornal* (RJ) publicava a carta por ele endereçada à ABL no ato da inscrição.

---

<sup>1000</sup> BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900...*, p. 103.

<sup>1001</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 02/01/1926, p. 36.

<sup>1002</sup> *O Imparcial*, Rio de Janeiro, 23/01/1926, p. 5.

Figuras 36 e 37 – Notícia da candidatura de Belmiro Braga à vaga de Mário de Alencar na ABL e carta do mesmo poeta solicitando a inscrição de seu nome no referido pleito.

**NO PETIT TRIANON**

**Belmiro Braga candidato á vaga de Mario de Alencar**



Belmiro Braga

O lado mais sympathico e mais vasto da obra de Mario de Alencar é, sem duvida, o que versa sobre o nosso "folklore". Effectivamente, depois de Mallo Moraes Filho e de Arinos, não se conhece, na nossa literatura, quem delle se tenha occupado com mais carinho e mais eficiencia. Mario de Alencar cultivava-o por força de uma herança slavica. Sua obra, portanto, neste sentido, foi mais espontanea que em todo o resto. Na Academia de Letras Mario era bem um authentico representante do folk-lorismo brasileiro. Por que soffrer sua obra e sua representação, naquella casa, uma solução de continuidade?

Creemos que não. Assim o affirmamos porque — bem haja este nome! — Belmiro Braga, o suave e doce Belmiro das "Rosas", candidatou-se á vaga do descendente de José de Alencar. A Belmiro, o folk-lo-

rista admiravel e insuplantado até hoje, na poesia, não será difficil uma victoria. Com elle a Academia fará uma dupla aquisição, a de uma cábeta e a de um coração.

Es a carta que o egregio cantor das "Contas do meu Rosario" enviou áquella corporação litteraria.

"Juiz de Fóra, 20 de janeiro de 1926.

Exmo. Sr. presidente da Academia Brasileira de Letras.

Venho pedir á V. Ex. o obsequio de mandar incluir o meu nome entre os candidatos á vaga de Mario de Alencar, nessa Academia; e, para justificar aspiração tão alta, flo-me nos seguintes livros, cujas edições estão loda esgotadas:

Montezinas — versos — 3 milheiros — Typ. Universal, Porto — 1902.

Cantos e Contos — (prosa e verso) — Typ. Brasil — J. de Fóra — 1906.

Cantos e Contos — (prosa e verso) — Typ. Brasil — J. de Fóra — 1909.

Rosas — (Versos) — Typ. Brasil — J. de Fóra — 1911.

Rosas — (Versos) — Typ. Dias Cardoso — J. de Fóra — 1915.

Rosas — (Versos) — Typ. Dias Cardoso — J. de Fóra — 1917.

Rosas — (Versos) — Typ. Teixeira, S. Paulo — 1924.

Contas do meu Rosario — (Versos) — Typ. Jornal do Brasil, Rio — 1919.

Contas do meu Rosario — (Versos) — Typ. D. Cardoso, J. de Fóra — 1924.

Tarde Florida — (Versos) — Typ. Luz — J. de Fóra — 1923.

Agradeço-lhe o favor e honro-me de assignar de V. Ex. patricio, admirador e creado Belmiro Braga."

**O SR. BELMIRO BRAGA, CANDIDATO A' VAGA DE MARIO DE ALENCAR, NA ACADEMIA DE LETRAS**

Candidatando-se á vaga de Mario de Alencar, na Academia de Letras, o poeta Belmiro Braga fei-o nos termos seguintes:

"Juiz de Fóra, 20 de janeiro de 1926

— Exmo. sr. presidente da Academia Brasileira de Letras — Venho pedir a v. ex. o obsequio de mandar incluir o meu nome entre os candidatos á vaga de Mario de Alencar, nessa Academia; e, para justificar aspiração tão alta, flo-me nos seguintes livros, cujas edições estão todas esgotadas: "Montezinas" versos, tres milheiros, Typ. Universal, Porto, 1902. "Cantos e Contos", prosa e verso, Typ. Brasil, J. Fóra, 1906-1909; "Rosas", versos, Typ. Brasil, Juiz de Fóra, 1911. "Rosas", versos, Typographia D. Cardoso, Juiz de Fóra, 1915. "Rosas", versos, Typ. J. Cardoso, J. Fóra, 1917. "Rosas", Typ. Teixeira, S. Paulo, 1924. "Contas do meu Rosario", versos, "Jornal do Brasil", Rio, 1919. "Contas do meu Rosario", versos, D. Cardoso, Juiz de Fóra, 1924. "Tarde Florida", versos, Typ. Luz, Juiz de Fóra, 1923.

Agradeço-lhe esse favor e honro-me de assignar — De v. ex. patricio, adm. cr.º attº — Belmiro Braga."

Fonte (figura 36): *A Manhã*, Rio de Janeiro, 22/01/1926, p. 7. Fonte (figura 37): *O Jornal*, Rio de Janeiro, 22/01/1926, p. 2.

A *Gazeta de Notícias*, por sua vez, consultava os nomes dos escritores mais cotados pelo público feminino para concorrer a essa vaga na ABL. Belmiro Braga figurou na lista dos 20 mais votados, numa disputa acirrada com Olegário Mariano, Jackson de Figueiredo, Ademar Tavares e Agripino Grieco.<sup>1003</sup>

Após muitas especulações acerca do nome do possível vencedor da vaga de Mário de Alencar, o resultado do pleito foi divulgado no dia 16 de abril de 1926. Surpreendentemente, nenhum candidato saiu vitorioso da disputa, pois cada um deles obteve um voto: "A eleição da Academia Brasileira deu o resultado que ontem prevíamos: ninguém conquistou a cadeira vaga pela morte de Mário de Alencar. Houve, como era natural, grande dispersão de votos. Cada candidato tinha o seu patrono, que lhe garantia um voto."<sup>1004</sup>

A vaga de Mário de Alencar, portanto, continuava em aberto. Era preciso realizar nova votação. Antes disso, porém, B. B. desistiu da candidatura, justificando-se por meio de carta

<sup>1003</sup> Binóculo — Mundanidades. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 24/01/1926, p. 5.

<sup>1004</sup> *A Manhã*, Rio de Janeiro, 16/04/1926, p. 1.

publicada na *Gazeta Comercial*.<sup>1005</sup> O poeta confessava a Antônio Sales que Olegário Mariano e Clementino Fraga (deputado na Baía), sendo mais fortes do que ele, não lhe deixavam chance.<sup>1006</sup> Todavia, quem saiu vitorioso na disputa foi Agripino Grieco (1888-1973), escritor natural de Paraíba do Sul (RJ), que, em 1910, após ter se transferido para o Rio de Janeiro, onde trabalhava como funcionário público da Estrada de Ferro Central do Brasil, obtivera menção honrosa da ABL com seu livro de estreia na poesia (*Ânforas*). O novo “imortal”, por ocasião de sua posse na cadeira 21, também já havia publicado *Estátuas Mutiladas* (1913), *Fetiches e Fantoches* (1921) e *Caçadores de Símbolos* (1923), além de várias produções na imprensa periódica.<sup>1007</sup>

Logo após o resultado do concurso, os juiz-foranos receberam o sucessor de Mário de Alencar em um jantar de homenagem, do qual Belmiro Braga também participou, sem perder a oportunidade de lhe parabenizar em forma de versos. Ao mesmo tempo, não deixou de satirizar a “torre de marfim” e seus vícios institucionais:

Agrippino,  
 Por um só fato avalio  
 Teu grande merecimento:  
 - venceste, amigo, no Rio,  
 Apenas por ter talento.

Porque ali, convém dizê-lo,  
 Só nas letras se destaca  
 O nulo que no Rebelo  
 Manda fazer a casaca

E exerce um rendoso cargo  
 Nalguma secretaria;  
 Esse tem caminho largo,  
 Quer na prosa ou na poesia.

E tu, não vivendo às sopas,  
 Dos senhores desta joça,  
 Modesto com poucas roupas  
 E botas de sola grossa,

Pisaste o cume do Olympo  
 Numa arrancada valente  
 De moço erudito e limpo

---

<sup>1005</sup> Belmiro Braga informa, em missiva enviada a Antônio Sales, que chegou a publicar uma carta de desistência na *Gazeta Comercial*. Porém, não foi possível encontrar um exemplar do referido jornal para citarmos aqui na pesquisa.

<sup>1006</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/05/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1007</sup> FANGUEIRO, Maria do Sameiro. Agripino Grieco. Disponível em:

<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/periodicos-literatura/personagens-periodicos-literatura/agripino-grieco/>. Acesso em: 31/08/24.



Por teu valor simplesmente.

Modesto, pobre e confiante,  
Apenas nesse valor,  
Depois de lutar bastante,  
És hoje um triunfador.

De cá de Minas alpestre,  
Nós – pobres jecas tatus,  
Vemos em ti hoje um mestre  
Que o gênio à glória conduz.

Nesta homenagem modesta,  
Honramos entre louvores,  
Não a ti – dono da festa,  
Mas a nós – teus promotores.

Recebe-a, pois, meu amigo,  
Com alegria e sossego,  
Porque, depois do mastigo,  
Nenhum de nós quer emprego.

Nenhum de nós, nesse almoço,  
Mira, Agripino, uma paga,  
E isto posso falar grosso  
Por todos!<sup>1008</sup>

B. B., que já tinha suas críticas à política dos pares, às formalidades e aos vícios do academicismo, parece tê-las potencializado a partir dessa breve experiência de candidato à ABL, dizendo que as eleições da Academia eram “ainda mais canalhas do que as que fazem para deputados”.<sup>1009</sup> Trata-se de um comentário privado, feito em carta para o amigo cearense, mas, ainda sim, um comentário ressentido, de um escritor proscrito – ou, para não deixar de citar novamente seu comentário na mencionada carta para Heitor Guimarães, um “obscuro” e “humilde agente de seguros de vida”, um desprovido de posição de destaque na máquina pública.

O fato é que Belmiro Braga, apesar de crítico da ABL e consciente de quão ínfima era a sua possibilidade de ingressar na “torrem de marfim”, não deixava de sentir “repentinos desejos de se tornar um imortal”, como chegou a declarar o amigo Gastão Penalva. Ao mesmo tempo em que a troçava, parecia fingir acreditar que possuía “plenos direitos espirituais para sentar-se numa daquelas poltronas”, já que outros, “de menor mérito, lá estavam”. Tendo amigos lá dentro, sendo portador de uma “caligrafia belíssima” e sendo autor de “meia dúzia

<sup>1008</sup> BRAGA, Belmiro. Academia Brasileira de Letras. *O Pharol*, Juiz de Fora, 06/04/1926, p. 1.

<sup>1009</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/05/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

de volumes de versos que viviam por aí, na memória do povo brasileiro”, fazia-se de encorajado. Porém, logo que “recobrava a consciência de si e se dizia arrependido” – comentava Penalva –, ele tentava dimensionar o quão ridículo ficaria “vestido naquele fardão verde de periquito do brejo, sob aquelas luzes, obrigado a fazer discurso”, mesmo “sem nunca ter estudado gramática” e sem nunca ter feito “exames” – exceto o de sangue, e “assim mesmo negativo”. Penalva dizia que o amigo ainda se punha a imaginar um “menino malcriado” gritando da plateia: “Mamãe, aquele não é o tabelião de Juiz de Fora? Que horror, Deus do céu! Que desastre!”.<sup>1010</sup> Uma possível alusão ao conto *A Roupa Nova do Rei*, de Hans Christian Andersen.

Passados os devaneios com a ABL, era chegada a hora de buscar outras oportunidades. 1926 era ano de eleições para presidente da República e presidentes de Estado. Conquanto já tivesse motivos de sobra para não confiar em promessas políticas, não custava arriscar, mais uma vez, a almejada escalada a um cargo público. O paulista Washington Luís sucedia o mineiro Arthur Bernardes no Palácio do Catete. Frustrado com o último governo – por conta da promessa não cumprida e da atuação de Bernardes, que, segundo ele, “esvaziou o Tesouro e encheu as masmorras” com sua política corrupta e altamente repressora –, nutria a expectativa de que o novo presidente “colocasse o Brasil nos eixos”.<sup>1011</sup>

Em Minas Gerais, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada tomava posse na presidência do Estado em 7 de setembro de 1926. Conhecido por suas articulações, conchavos e indicações de nomes para postos nas instâncias municipal, estadual e federal, o barbacenense chegava ao ápice da carreira política no seu estado. Em Juiz de Fora, terra onde o político natural de Barbacena ascendera politicamente, as elites locais se anteciparam à posse oficial, organizando, no mês de agosto, uma festividade de grande magnitude, denotando um grande investimento de capital político e simbólico, no sentido de garantir o protagonismo do município no novo governo estadual.

As festividades municipais contaram com uma programação distribuída ao longo de quatro dias, nas quais Antônio Carlos foi recebido com missa do bispo diocesano no Largo do Riachuelo; show pirotécnico e salva de tiros no Morro do Imperador; hino de homenagem, com letra de Lindolfo Gomes e música de Duque Bicalho; inauguração de seu retrato em alguns estabelecimentos da cidade (como nas sedes das Associações dos Empregados do

---

<sup>1010</sup> PENALVA, Gastão. O Trovador de Vargem Grande. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/04/1937, p. 5.

<sup>1011</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 01/12/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

Comércio e no Jardim de Infância); ornamentação das ruas Espírito Santo, Rio Branco, Halfeld e Batista de Oliveira (no cruzamento das quais se erigiu um arco do triunfo); apresentações de bandas de música nos coretos; formatura de alunos de instituições civil e militar, que formaram alas nas ruas para a passagem do homenageado; discursos solenes de José Procópio Teixeira (então presidente da Câmara de Vereadores) e Machado Sobrinho; banquete na Câmara Municipal; baile organizado por um grupo de sócios do *Club Juiz de Fora*. Tudo isso registrado pelas lentes da câmera da firma *John Jürgens & Cia*.

Entre os atos festivos mencionados, houve, ainda, a entrega de uma “artística e expressiva caneta”, a ser utilizada pelo homenageado no dia da posse da “suprema magistratura do Estado”. Um ato bastante simbólico, que, vale reiterar, diz muito sobre as pretensões políticas das elites municipais naquele momento. Além disso, a comissão organizadora das festividades preparou uma publicação, impressa pela Companhia Dias Cardoso, de Juiz de Fora. Intitulada *Polyanthéa*, o volume contou com a colaboração de mais de vinte representantes das letras locais, com destaque para alguns membros da AML, como Lindolfo Gomes (diretor da publicação), Heitor Guimarães, Francisco Lins, J. Massena, Gilberto de Alencar, Machado Sobrinho e Belmiro Braga. Nos textos de homenagem, Antônio Carlos era enaltecido com um perfil biográfico que abrangia desde o seu nascimento em Barbacena e a sua ancestralidade familiar ligada a José Bonifácio de Andrada e Silva, mais conhecido como “Patriarca da Independência”, até as diferentes fases de sua carreira política.<sup>1012</sup>

Belmiro Braga e A. B. Fraga foram os únicos que homenagearam o novo presidente do estado em forma de versos. Em um soneto, o “Trovador de Vargem Grande”, apesar de dizer que nem sempre esteve ao lado de Antônio Carlos, declarava que fazia justiça ao valor de seu “honrado” nome, e que celebrava a maneira eloquente com que se tornava representante do estado. Na última estrofe, fechava com os seguintes versos: “Da República nas grimpas,/ sempre o vimos de mãos limpas.../ Não preciso dizer mais!”.<sup>1013</sup>

Não sabemos exatamente o sentido da afirmação “nem sempre estando a seu lado”, presente no referido soneto. Também não sabemos se deve ser ela levada a sério ou não. Mas

---

<sup>1012</sup> Além dos nomes citados acima, colaboraram com a publicação: Constantino Luiz Paletta, J. Eutrópio, Pedro Marques de Almeida, João Tostes, Antônio Gomes, Monsenhor Domício de Paula Nardy, Napoleão Gomes, Onofre de Andrade, J. R. Bastos Coelho, Eduardo Wanderley, Salles Oliveira, Ph. Paletta, M. Gomes Filho e Antenor Barbosa. Fonte: *Polyanthéa*, Juiz de Fora, agosto de 1926. p. 4. Acervo da Hemeroteca da Fundação Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>1013</sup> BRAGA, Belmiro. Antônio Carlos. In: *Polyanthéa*, Juiz de Fora, agosto de 1926. p. 4. Acervo da Hemeroteca da Fundação Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

o fato é que, nesse momento, B. B. não perdia a oportunidade de se apresentar publicamente como um admirador da ascensão política do novo presidente de MG, visando, sobretudo, à solicitação de um cargo em âmbito federal, que, de fato, foi recebida por ele e encaminhada ao ministro da Justiça de Negócios Interiores do governo Washington Luís, Augusto de Viana do Castelo, que, por sinal, fora secretário da Agricultura, Indústria, Viação e Obras Públicas nos dois primeiros meses do mandato de Antônio Carlos.<sup>1014</sup> Apesar de ter aberto mão do cargo que este lhe havia confiado, Castelo era, nesse momento, um canal importante de MG com o executivo federal.<sup>1015</sup> Foi assim, portanto, que Belmiro Braga conseguiu ser nomeado.

Em fevereiro de 1928, o trovador mineiro tomou posse no cargo de inspetor federal de ensino. Sua atribuição era inspecionar uma escola em Araguary, município situado nos confins de Minas Gerais com Goiás. Apesar das longas e desconfortáveis viagens e baldeações para chegar ao local<sup>1016</sup>, as visitas eram poucas: três vezes por ano, com um salário mensal de mil trezentos e cinquenta réis.<sup>1017</sup> Em algumas dessas viagens, ainda aproveitava para ministrar palestras a convite de empresários locais, oportunidade em que falava sobre a sua trajetória de vida e carreira literária.<sup>1018</sup>

Por não exigir dedicação exclusiva, o novo cargo lhe possibilitava voltar a residir na capital federal, onde alugou uma casa na Rua das Laranjeiras, 80. A remuneração não era muita, mas, somada à quantia do aluguel de sua casa em Juiz de Fora e aos rendimentos fixos na *Companhia São Paulo*, era suficiente a uma vida sossegada ao lado da esposa, da nora, dos netos e do filho – que cursava a Escola de Aperfeiçoamento do Exército na capital federal.<sup>1019</sup>

---

<sup>1014</sup> Augusto de Viana do Castelo nasceu em Curvelo (MG), em 1874. Antes de ser nomeado secretário da Agricultura, Indústria, Viação e Obras Públicas do governo de Antônio Carlos de Andrada e de assumir o cargo de ministro da Justiça e Negócios Interiores no governo Washington Luís, Castelo foi deputado federal entre 1906-1914 e 1921-1926. Com a deposição de Washington Luís pela Revolução de 1930, exilou-se na Europa para fugir das perseguições políticas. Fonte: SOUZA, Ioneide Piffano Brion de. *Augusto Viana do Castelo* – verbete CPDOC/FGV. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br>. Acesso em: 04/09/24.

<sup>1015</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 26/11/1927. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1016</sup> “Não imaginas como são preciosas estas minhas viagens de inspeção! 16 horas daqui a Belo Horizonte, onde chego ao meio dia e parto às 2 horas para Uberaba; viajo dia e noite e chego a Uberaba às 10 da noite do dia seguinte. Durmo em Uberaba e parto no dia seguinte às 6 da manhã para chegar a Araguary, às 9 da noite. E que falta de conforto e que gente estranha!” Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 12/09/1929. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1017</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 09/02/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1018</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 12/09/1929. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1019</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 09/02/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

Estabelecido novamente em terras cariocas, sua experiência, obviamente, não seria a mesma da década de 1910. Dessa vez, encontrava-se bem acomodado em uma casa mais confortável do que os hotéis e pensões por onde chegara a perambular. Porém, sentia-se deslocado, deprimido e queixoso com a vida: lamentava o falecimento de amigos próximos e o envelhecimento.<sup>1020</sup> Queixava-se de não encontrar nenhum livro que prestasse no Rio de Janeiro e de não frequentar nenhuma “roda literária”. Alegrava-se apenas por ter ganhado um relógio num concurso de quadras.<sup>1021</sup>

A questão financeira, que parecia resolvida, voltava a se tornar uma preocupação em sua vida. No segundo semestre de 1928, começou a sentir os impactos da crise econômica do país em suas vendas de seguro. Diante do desequilíbrio da balança comercial e da consequente desvalorização cambial, o café retido pelo governo foi posto no mercado a preços bastante depreciados, o que, segundo Cláudia Viscardi, levou ao “declínio da atividade produtiva” e ao “colapso do programa de sustentação dos preços do café”. Em 1929, a safra recorde tornou ainda pior a situação dos cafeicultores, que passaram a reivindicar, sem nenhuma resposta positiva por parte do governo, a emissão sem lastro e a moratória.<sup>1022</sup>

Diante dessa conjuntura, B. B. encerrava o ano de 1928 lamentando ao amigo cearense que precisava dividir a despesa da casa com o filho, cujo salário de tenente era inferior à quantia recebida pelo aluguel de sua casa em Juiz de Fora. Também reclamava da ingratidão de muitos amigos, que, apesar de serem seus vizinhos e gozarem de excelente condição financeira, não se ofereciam para ajudá-lo de alguma forma.<sup>1023</sup>

Em 1929, a situação se agravou profundamente. Além da crise econômica do país, que levou muitos de seus clientes à falência e a uma queda acentuada na venda de seguros de vida, uma séria crise política lhe subtraía mais uma fonte de renda: o cargo de inspetor escolar, do qual acabou sendo exonerado por conta do “racha” entre Minas Gerais e São Paulo nas articulações para a sucessão presidencial.<sup>1024</sup>

São Paulo rompia o pacto político estabelecido com Minas Gerais na década de 1920, desde a eleição de Bernardes. Washington Luís lançou à sucessão a candidatura do paulista

---

<sup>1020</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 25/05/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1021</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 06/12/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1022</sup> VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. p. 338.

<sup>1023</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 06/12/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1024</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 03/12/1929. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

Júlio Prestes (então presidente do Estado de São Paulo), sem articular com os demais estados. Tal comportamento rompeu com uma das mais importantes regras das sucessões presidenciais republicanas, a da não intervenção do Catete sobre o processo sucessório. O fato desencadeou uma crise política entre os estados que sustentavam o governo, a exemplo de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e a Paraíba, sob o comando do ex-presidente Epiácio Pessoa. Como consequência, Antônio Carlos Ribeiro de Andrada (presidente de Minas) realizou uma série de articulações com vistas a formar uma frente de oposição ao candidato paulista, o que, depois de muitas negociações, acabou levando à formação da Aliança Liberal e ao lançamento das candidaturas do gaúcho Getúlio Vargas à presidência e do paraíba João Pessoa (sobrinho de Epiácio) à vice-presidência.<sup>1025</sup>

Com Antônio Carlos não mais articulado ao palácio do Catete, emergiram as retaliações políticas: vários indivíduos por ele indicados a cargos federais foram exonerados. Na tentativa de se antecipar à exoneração, Belmiro confessa ter comparecido ao gabinete de Viana do Castelo para dizer que, além de ter sido indicado por Antônio Carlos, estava determinado a votar nos candidatos aliancistas. E que, por isso, tinha ciência de que seria dispensado. Tomado de indignação e desilusão com a República, dizia ao Sales que “isto tem sido bom para vermos a podriqueira que vai por este Brasil!”.<sup>1026</sup> Para piorar a situação, logo após a exoneração, uma pessoa não identificada publica na *Gazeta de Notícias* um poema o ridicularizando pela perda do cargo e o acusando de não trabalhar e viver “flanando” e “namorando na Avenida”.<sup>1027</sup> A piada, dessa vez, parece não ter soado engraçada.

Diante de tantos altos e baixos, inseguranças e instabilidades, o “Trovador de Vargem Grande” se via sufocado pelo sentimento de desilusão com a vida, as letras e a República. As máximas que tinha por hábito citar para sintetizar o sentido da vida (ou a falta dele) pareciam se encher de significado nessa conjuntura. Além da metáfora do balão, citada anteriormente, já havia comparado a vida uma “casa de aluguel, com contrato até aos 50 anos”, explicando que, daí por diante, “moramos na casa por favor e não devemos estranhar um despejo a

---

<sup>1025</sup> Não é nosso objetivo aprofundar a discussão historiográfica sobre o “racha” entre Minas Gerais e São Paulo, nem mesmo discutir a formação e atuação da Aliança Liberal. No entanto, vale destacar que, segundo Cláudia Viscardi, a aliança política entre Minas Gerais e São Paulo (a chamada “política do café com leite”) se restringiu à década de 1920, e não se estendeu a toda Primeira República, como defendia a historiografia tradicional. Fonte: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: C/Arte, 2001. p. 337-364.

<sup>1026</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 12/09/1929. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1027</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05/12/1929, p. 2.

qualquer hora.”<sup>1028</sup> Se tal declaração já refletia suas frustrações com as instabilidades profissionais, as precárias condições de existência e a dificuldade de aceitar o processo de envelhecimento e suas consequências – como as mudanças geracionais, os sentimentos de nostalgia e desterritorialização, as mortes de familiares e amigos, o distanciamento social e o sentimento de “passadista” na literatura, com o advento dos modernismos –, nesse limiar dos anos 1920, tudo parecia se potencializar com as crises econômica e política.

Não menos simbólica é a máxima cuja autoria o amigo José Madeira de Freitas (Mendes Fradique) lhe atribuiu no livro *Contos do Vigário*<sup>1029</sup>, qual seja: “A vida é um pau de sebo, com uma nota falsa na ponta”. Máxima semelhante foi citada por Nicolau Sevcenko, em *Literatura como missão*: “A vida é um pau de sebo que escorrega/ Tendo na ponta presa uma bolada”.<sup>1030</sup> Atribuindo à sabedoria popular a origem desse aforismo, o historiador reflete sobre as dificuldades de se fixar uma ordem social estável em uma sociedade cada vez mais incapacitada de empregar as “regras morais tradicionais” para inibir a “cobiça”, o “egoísmo”, o “arrivismo” caótico, os “aventureirismos”, as “riquezas movediças” e a “febre de vencer” a qualquer custo.<sup>1031</sup>

Apropriando-se da sabedoria popular, B. B. subverteu o significado da sentença ao dizer que, ao final da “escalada escorregadia”, do esforço para ascender socialmente, a recompensa é a nota falsa. O poeta demonstra, assim, sua descrença no ideal pseudo-meritocrático propagado por um liberalismo excludente, no qual a figura do “ladrão em casaca” é a única que tem vez, com sua aparência distinta, mas nada edificante.<sup>1032</sup> Será com esse sentimento de exclusão, tristeza e rancor que o poeta encerrará a turbulenta década de 1920.

\*\*\*

Como visto ao longo desse capítulo, instabilidade é a palavra que, de alguma forma, podemos utilizar para caracterizar a trajetória de Belmiro Braga, tanto no campo profissional quanto na vida literária, ao longo dos anos 1920. Apesar de já estarem em curso nos anos 1910, muitas transformações políticas, econômicas, culturais e sociais ganharam peso nessa década em que o Brasil se pôs em balanço para comemorar os primeiros cem anos de sua (in)dependência política.

<sup>1028</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 05/03/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1029</sup> D. *Quixote*, Rio de Janeiro, 11/10/1922, n. 283, ano 6, p. 12.

<sup>1030</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, 1983, p. 39.

<sup>1031</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, 1983, p. 39.

<sup>1032</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão...*, p. 39.

Sem refletir sistematicamente sobre a realidade de seu país, Belmiro Braga viu e sentiu o impacto das crises econômica e oligárquica, das discussões sobre a identidade cultural, linguística e literária do Estado-Nação brasileiro. Imerso na incessante dinâmica transformadora da modernidade, podemos dizer que foi ele um moderno ao seu modo, flertando com as correntes de pensamento em disputa na cena cultural brasileira, fosse para estabelecer alguns pontos de contato com elas ou para criticá-las ao seu modo, com suas idiossincráticas percepções da realidade, que incorriam em generalizações, estereótipos e preconceitos, como vimos com a pejorativa expressão “bestas futuristas”, utilizada para se referir aos modernistas.

Se foi ele um modernista ou não, esta não foi a pergunta mais importante desse capítulo. O fato é que, apesar de toda a sorte de “desilusões” com a República, B. B. tentou ser um “nacionalista pragmático”, defensor das culturas regionalistas, das culturas do cotidiano, das linguagens lírica e irreverente/humorística. Mas a sua despreocupação com ideologias programáticas e debates intelectuais o tornava um poeta “macarrônico”<sup>1033</sup>, que, excluído do *status quo* de doutor/bacharel, tentava se equilibrar entre os figurões e os políticos na busca por cargos e oportunidades que pudessem lhe garantir alguma tranquilidade para exercer sua verve poética.

No entanto, a década de 1920 se encerrava para o “Trovador de Vargem Grande” com poucas perspectivas animadoras. Considerando-se “velho”, “passadista”, “cansado” e “rejeitado”, resistiu à mudança, muito embora precisasse se readaptar aos “novos tempos” e aos “novos desafios” para continuar lutando pela sobrevivência profissional e literária.

Na década de 1930, observaremos um Belmiro Braga em contínua busca por uma “velhice” tranquila, preocupado em enquadrar e perpetuar as suas memórias a partir de sua terra natal e, sobretudo, circunscrevendo-as aos primeiros trinta anos de sua trajetória de vida. No próximo capítulo, portanto, perscrutaremos seu esforço de recolher os fragmentos esparsos deixados ao longo de uma vida nômade, forjada no trânsito, na dispersão, na inquietação e no agito social, sem perder a persona literária construída desde o início da carreira.

---

<sup>1033</sup> Elias Saliba chama de “macarrônicos” os humoristas que, excluídos do quadro político e das instituições legitimadoras da literatura e das artes em geral, mantinham uma postura desmobilizadora, anárquica, lírica e anti-programática na cena literária do final da *belle époque* e dos anos 1920, contrapondo-se aos modernistas e nacionalistas, que se propunham a discutir projetos para o país. Fonte: SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso...*, p. 206.



## 7 OS ANOS 30: UM “POETA FORA DE MODA”?

“Não nos preocupemos com os alcaides: lá vem um dia e aparece alguém que os compra.”<sup>1034</sup>

Nesse capítulo da tese, abordaremos os últimos sete anos da vida de Belmiro Braga, enfatizando os seguintes pontos: o processo de recondução ao cargo de inspetor federal de ensino, a adesão ao Integralismo, a segunda edição de *Tarde Florida* pela Companhia Editora Nacional, a publicação dos livros *Redondilhas* e *Dias Idos e Vividos*, a produção do manuscrito *Soda Cáustica*, e, por fim, as repercussões de seu falecimento em 31 de março de 1937.

Como abordamos no capítulo 5, o final da década de 1920 foi, para Belmiro Braga, tão instável e turbulento quanto o momento político e econômico pelo qual o Brasil passava, que teve como ponto culminante a “Revolução de 1930”. Ele, que já em 1928, queixava-se de beirar os 60 sem poder ter descanso na vida<sup>1035</sup>, começava a nova década tentando reaver o cargo perdido em 1929, por conta da crise política que se instaurou entre o governo de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, em Minas Gerais, e o presidente da República, Washington Luís.

Tão logo reavendo o cargo, procurou dar novo fôlego à carreira literária, que, em meio a tantas instabilidades, parecia estar chegando ao fim. Sem incorreremos no risco de atribuir ao nosso objeto de estudo uma inexistente consciência do que se sucederia nos anos vindouros, verificamos que esse novo fôlego em sua carreira se pautou no adensamento de uma vontade de perpetuação das “memórias de si”, processo em que o literato faz um retrospecto de sua trajetória de vida por meio de um “enquadramento” bastante específico, no qual narra exclusivamente os 30 primeiros anos de sua vida naquele que seria o seu último livro, *Dias Idos e Vividos*.

Sendo assim, questionamo-nos a respeito das supostas razões pelas quais Belmiro Braga teria optado por um recorte temporal tão específico, o qual, excluindo as três primeiras décadas do século XX, deixavam de fora o período correspondente à sua efetiva inserção no universo literário brasileiro. Para complexificar um pouco mais essa discussão, precisamos

<sup>1034</sup> BRAGA, Belmiro. Simple Advertência. In: \_\_\_\_\_. *Redondilhas*. Rio de Janeiro: Renato Americano – Editor, 1934. p. 5.

<sup>1035</sup> “Estou beirando os 60 e não posso ter descanso”. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Rio de Janeiro, 25/05/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro (RJ).

levar em consideração a produção de *Soda Cáustica*, que não saiu da versão manuscrita e que, por motivos já sugeridos pelo próprio título, não chegou a circular, mantendo-se até hoje desconhecido dos públicos. Destoando do chamado “humor saudável”, por conter alusões “ácidas”, “chulas”, “deselegantes” e até mesmo consideradas “desrespeitosas” a indivíduos famosos e autoridades da época, *Soda Cáustica* contraria as características cristalizadas e reunidas por sua persona literária.

O “fio condutor” desse capítulo, portanto, é a tessitura e/ou teatralização que o próprio poeta faz de suas memórias, verificando se há ou não um esforço de manter certa coerência com a persona literária construída e sedimentada ao longo do tempo. Em que pese o fato de, no Capítulo 1 dessa tese, algumas informações e relatos terem sido extraídos de *Dias Idos e Vividos* como subsídios para a compreensão de alguns aspectos dos primórdios da vida do autor, nesse último capítulo, abordaremos o mesmo livro não como fonte, mas como objeto de reflexão crítica acerca das “memórias de si”, aqui analisadas sob a chave da imbricada relação entre construção individual e construção coletiva.

### **7.1 Belmiro Braga e a política no pós-1930**

Em 1 de março de 1930, acontecia a eleição presidencial no Brasil. O candidato da Aliança Liberal, Getúlio Vargas, era derrotado pelo governista Júlio Prestes. Enquanto alguns aliancistas reconheciam a derrota, outros se articulavam para preparar uma insurreição que os levasse ao poder. O período compreendido entre março e outubro de 1930 prometia ser longo e repleto de incertezas, assim como os anos seguintes.

Na expectativa de que fosse reconduzido ao cargo de inspetor federal de ensino, Belmiro Braga voltou a residir em Juiz de Fora, de onde acompanhava as agitações políticas do país. Enquanto isso, demonstrava em suas cartas para o amigo Sales preocupações com a situação do filho no exercício do posto de tenente do Exército. Se, durante a década de 1920, José Epitácio não se envolvera com o tenentismo – movimento de jovens oficiais do Exército, que, insatisfeitos com o *status quo* do regime liberal-oligárquico, tentavam derrubar o regime em vigor desde 1889 através das armas –, em 1930, permaneceria tentando manter uma postura aparentemente isenta frente às movimentações políticas dentro da corporação, que pretendiam derrubar Washington Luís e impedir a posse do candidato eleito.

No entanto, em tempos de radicalização, a autodeclaração de seu pai como “aliancista”, por conta da aproximação com Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, levou-o a

prestar esclarecimentos junto ao ministro da defesa: “O José, porque sou da Aliança [Aliança Liberal], está no Rio chamado pelo Ministro. Ali estão com ele 160 e tantos oficiais tidos por suspeitos”.<sup>1036</sup> Incomodado com o clima de perseguição e censura por parte do governo, B. B. ainda se confessava desalentado com o que chamava de “humilhação” imposta aos mineiros. Apesar de tudo, parecia mais inclinado a aceitar a derrota do que apoiar a deflagração de uma revolução, que, ao seu ver, seria desastrosa.<sup>1037</sup>

Além do clima político inóspito, precisou lidar com a longa espera para ser reconduzido ao cargo de inspetor. A eleição de 1º de março se passara e Antônio Carlos, segundo ele, não parecia mobilizar esforços para tal, o que o levou a fazer o seguinte desabafo:

O pulha do Antonio Carlos sabe que o Vianna do Castello só me dispensou depois que eu mandei-lhe dizer que, por gratidão ao Antonio Carlos, não deixaria a Aliança e o Antonio Carlos, que já colocou todos que foram dispensados, ainda não me descobriu um emprego! E isto, como já disse a um filho dele, é porque nunca o insultei pelos jornais e porque nunca o bajulei. Ele gosta dos extremos: de quem lhe sirva de capacho ou de quem lhe cuspa na cara.<sup>1038</sup>

Olegário Maciel fora eleito o novo presidente de MG e, em 7 de setembro, tomou posse. A partir de então, B. B. passaria a lhe encaminhar as solicitações. As agitações políticas, no entanto, não lhe favoreciam. Em 3 de outubro de 1930, a revolução eclodiu. Olegário Maciel comprometia-se com o movimento, conclamando o povo mineiro, através do órgão oficial do Estado, a apoiar os revolucionários.<sup>1039</sup>

Washington Luís foi deposto e Júlio Prestes impedido de assumir a presidência. Assim como o ex-presidente, Viana do Castelo – ministro que havia nomeado e exonerado Belmiro Braga – também teve o mesmo destino. Uma junta governativa provisória era formada para substituir o presidente deposto. Em 3 de novembro, a chefia do Governo Provisório era transmitida ao gaúcho Getúlio Vargas.

De imediato, uma série de medidas foi tomada, como a revogação da Constituição de 1891, passando Vargas a governar através de decretos-lei; o fechamento do Congresso

<sup>1036</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 11/04/1930. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1037</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 11/04/1930. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1038</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 17/07/1930. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1039</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi de. Revolução de 1930. In: FGV/CPDOC. *Atlas Histórico do Brasil*. Disponível em: <https://atlas.fgv.br/verbete/6335>. Acesso em: 11/08/2024.

Nacional e das assembleias estaduais e municipais; e a deposição dos governadores dos Estados, que haviam tomado posse em 7 de setembro. O país passava a ser regido pelo sistema de interventoria. Interventores, muitos deles ligados ao tenentismo, eram nomeados para os Estados, ficando estes subordinados diretamente ao presidente da República.<sup>1040</sup>

Belmiro Braga, que depositava em Olegário Maciel a esperança pela sua recondução ao cargo, mostrava-se ainda mais impaciente e sem perspectivas. De fato, seu destino profissional estava diretamente afetado pelas incertezas que o contexto político do país impunha. Muitas questões eram discutidas acerca dos rumos do Brasil, a começar pelo tempo de duração do Governo Provisório e o modelo de Estado a ser implantado.<sup>1041</sup> Como nos lembra Sérgio Miceli, em *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*, a Revolução de 30 e os primeiros anos do governo provisório não apenas infligiram aos intelectuais a condição momentânea de “sem trabalho” da política como pareciam cancelar a possibilidade de que viessem a prestar serviços aos “donos do poder”.<sup>1042</sup>

Para a surpresa de Belmiro Braga, Getúlio Vargas manteve Olegário Maciel em seu posto. Este fazia parte do pequeno grupo de “governadores” eleitos mantidos no exercício até 1932.<sup>1043</sup> Além disso, ainda em novembro de 1930, o Governo Provisório criava o Ministério da Educação e Saúde Pública, bem como o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (conhecido como “Ministério da Revolução”).

Em dezembro do mesmo ano, finalmente, B. B. teve o cargo restituído por Olegário Maciel. Dessa vez, no entanto, agradeu-lhe o fato de não voltar a trabalhar na longínqua Araguary, mas no colégio Granbery, em Juiz de Fora, onde passou a inspecionar as turmas de estudantes secundaristas. A tão esperada nomeação, vista como uma espécie de “benesse” recebida, soou como uma “dívida de gratidão” por Maciel.<sup>1044</sup>

---

<sup>1040</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 15-35.

<sup>1041</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano...*, p. 15-35.

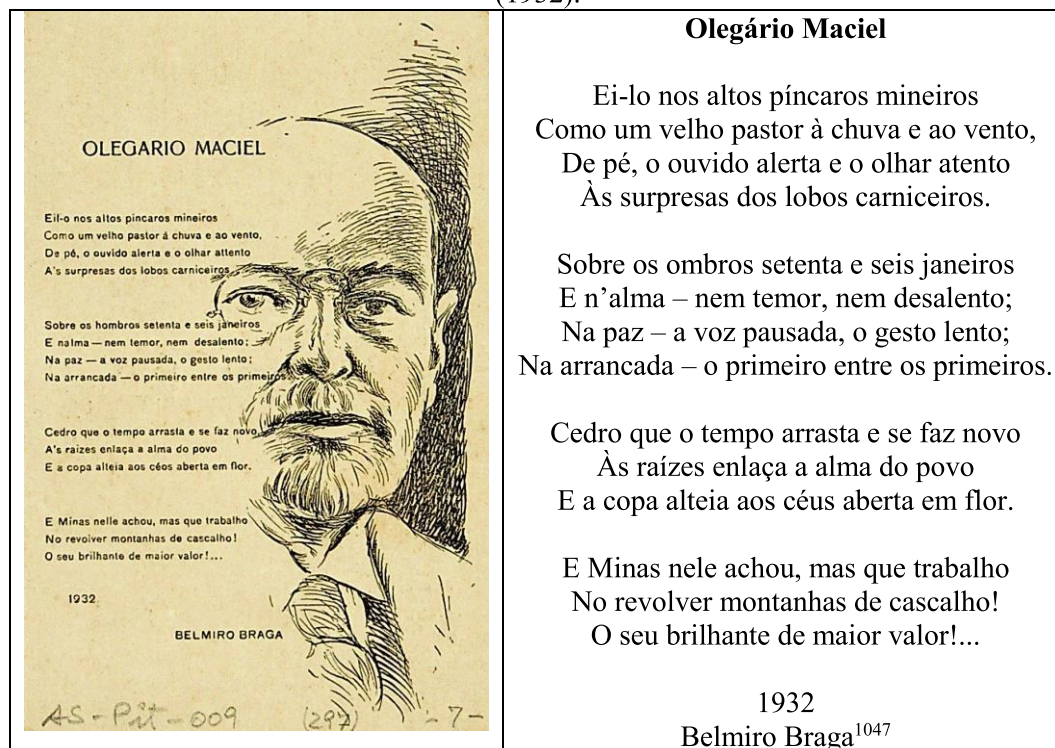
<sup>1042</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*..., p. 191.

<sup>1043</sup> Segundo Dulce Chaves Pandolfi, “dos que haviam sido nomeados em 1930, os únicos que permaneceram no cargo até 1932 foram Flores da Cunha, do Rio Grande do Sul, Carlos de Lima Cavalcanti, de Pernambuco, Punaro Bley, do Espírito Santo, Pedro Ludovico, de Goiás, **Olegário Maciel**, de Minas Gerais, e Magalhães Barata, do Pará.” Ver: PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime..., p. 19.

<sup>1044</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/12/1930. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

O “contra-dom” viria em 1932, quando Belmiro o homenageou com um soneto publicado no jornal<sup>1045</sup> e também posto em circulação em formato de postal com o retrato do homenageado. O custeio das impressões ficou por conta de João Machado, empresário da *Companhia Cruzeiro do Sul*, na qual trabalhara na década de 1910, no Rio de Janeiro.<sup>1046</sup>

Figura 38 – Postal contendo retrato e poema de homenagem de Belmiro Braga a Olegário Maciel (1932).



Fonte: Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro – RJ).

Belmiro Braga não podia imaginar que a política brasileira viveria mergulhada em incertezas e vicissitudes entre 1930 e 1937, que, por sinal, seriam os últimos de sua vida. Assim como seus contemporâneos, o inspetor de ensino e poeta titubeava em suas impressões a respeito da imagem e do desempenho políticos de Getúlio Vargas.

Belmiro morreria cerca de sete meses antes do golpe de Estado Novo, em novembro de 1937. Ao longo desses anos (1930 a 1937), não se tinha a percepção de que, depois da

<sup>1045</sup> *Diário da Manhã*, Vitória, 13/11/1932, p. 1.

<sup>1046</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 03/04/1932. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1047</sup> O referido cartão-postal consta no arquivo pessoal de Antônio Sales e parece ter sido enviado por Belmiro Braga, conforme promessa feita na seguinte carta: “Mandei-te o soneto que escrevi sobre o Olegário Maciel? Tem sido muito transcrito e o João Machado mandou ilustrá-lo e publicá-lo em postais. Quando receber os postais, te mandarei o teu”. Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 03/04/1932. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

Revolução de 1930, do governo provisório e do período constitucionalista, Vargas daria um golpe e implantaria um regime ditatorial no país. De fato, como defende a pesquisadora Dulci Pandolfi, qualquer correlação mecânica e automática entre os dois episódios da história brasileira é arbitrária, artificial e anacrônica. A autora faz parte de uma vertente historiográfica que desconstrói a ideia de que 1937 foi o “resultado natural” de 1930. Ao invés da construção retrospectiva de uma sequência cronológica linear e coerente entre os fatos, é preciso atentar para as ambiguidades, as incertezas e os diferentes projetos políticos em disputa naquele período.<sup>1048</sup>

Nesse sentido, não é surpreendente que nos deparemos nas fontes com um Belmiro confuso com os rumos políticos do país, com a figura de Getúlio Vargas e com a própria atuação dos tenentes. Suas percepções acerca do novo presidente oscilavam entre o otimismo e o pessimismo, entre a imagem de um político forte e mantenedor da ordem e, ao mesmo tempo, duvidoso quanto à sua capacidade de “colocar o país nos eixos”. Contribuíam para isso os atrasos salariais do funcionalismo público federal, no qual estava incluído, e a própria relação do governo com os tenentes, que, por sinal, muito lhe preocupava, por conta das supostas retaliações sofridas pelo filho dentro da corporação.

Se, em abril de 1930, José Epitácio foi obrigado a declarar ao ministro da defesa de Washington Luís que não era partidário da Aliança Liberal, o pós-Revolução de 1930 lhe trouxe outro problema: as ameaças dos revoltosos, que saíram da condição de perseguidos no governo anterior para a condição de agraciados com cargos e promoções durante o governo provisório getulista. Em dezembro do mesmo ano, por não ter aderido à revolta dos tenentes no 3º Regimento da Praia Vermelha, no qual atuava, teria sido mantido preso por oito dias no quartel.

Incomodava ao Belmiro a “premiação” aos revoltosos e, sobretudo, o “cinismo” de alguns dos “íntimos da gente de Washington Luís” rapidamente se tornarem ativistas dentro do quartel, obtendo “cargos de confiança do novo governo”. Ironicamente, dizia que o “regime provisório” fazia revelar novos “heróis” com “lenços vermelhos”: “[...] amigos que, na véspera, tinham palavras ásperas para os revolucionários, eram os mais entusiasmados e se

---

<sup>1048</sup> Dulce Pandolfi e Ângela de Castro Gomes concordam com essa perspectiva. Ver: GOMES, Ângela de Castro. Estado Novo: ambiguidades e heranças do autoritarismo no Brasil. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 39.

encarregavam de prender políticos e quebrar, nas repartições, retratos dos decaídos”. E concluía: “Enfim, os heróis são muitos, mas muito mais são os cínicos”.<sup>1049</sup>

Na verdade, como afirma Pandolfi, “a maioria dos oficiais não havia participado da revolução e alguns aderiram na última hora, quando o movimento estava praticamente vitorioso”. Com a vitória da revolução, Vargas enxergou a necessidade de formar uma cúpula militar afinada com o novo regime. Por conta disso, uma de suas primeiras medidas foi “conceder anistia a todos os tenentes revoltosos da década de 1920 que foram automaticamente reintegrados ao Exército e passaram a ocupar postos-chave no governo”. Essa participação dos tenentes rebeldes no poder, segundo a pesquisadora, “subvertia a hierarquia militar e acirrava as tensões entre a baixa e a alta oficialidade iniciadas na década anterior”. Além disso, como recompensa pela participação na revolução, vários oficiais subalternos foram promovidos por Vargas. Mas não apenas estes: para tentar “neutralizar a oposição militar”, oficiais que não haviam participado do movimento de 30 também o foram.<sup>1050</sup>

O cenário político era complexo. O tempo se passava e as pressões pela constitucionalização e o fim do regime provisório aumentavam. Em 1932, respondendo às pressões, o governo editou o Código Eleitoral, que era uma das pautas caras à Aliança Liberal. Incluíam-se nesse “pacote” a criação da Justiça Eleitoral, o fim do alistamento facultativo, o voto feminino (com restrições) e o voto corporativo. Em julho do mesmo ano, deflagrava-se em São Paulo uma sangrenta guerra civil. Vistos como os grandes perdedores da Revolução de 30, os paulistas pressionavam pelo restabelecimento do Estado de direito, o fim imediato do regime ditatorial e a reconquista de autonomia do estado. Dentre as muitas derrotas na “Revolução Constitucionalista”, São Paulo teve alguns ganhos políticos, como o compromisso do Governo Provisório de levar adiante a reconstitucionalização do país e a conquista de um interventor paulista e civil para o Estado em 1933.<sup>1051</sup>

Em maio de 1933, finalmente, aconteceram as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte. Dentre os deputados eleitos, estava Belmiro Medeiros Silva, sobrinho do poeta Belmiro Braga. Filho de Amélia Braga (irmã primogênita do poeta), ele vinha, desde a década

---

<sup>1049</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/12/1930. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1050</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano...*, p. 15-35.

<sup>1051</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano...*, p. 15-35.

de 1920, galgando degraus na política. Formado em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 1918, o novo deputado começara a carreira de jornalista e escritor na faculdade, quando apoiou a Campanha Civilista em 1910. Entre os anos de 1929 e 1930, participou ativamente da campanha da Aliança Liberal. Em 1928, fora eleito presidente da Câmara de São Gonçalo do Sapucahy<sup>1052</sup>, município no qual também exercera o mandato de prefeito em 1930.<sup>1053</sup>

Deslumbrado com a ascensão política do sobrinho, Belmiro o chamava de “chefe de maior prestígio no sul de Minas”<sup>1054</sup>, destacando a sua iniciativa de batizar as duas importantes ruas de São Gonçalo do Sapucahy com os nomes dos escritores Raimundo Correa e Lúcio de Mendonça, que lá teriam residido.<sup>1055</sup>

Medeiros foi eleito deputado à Assembleia Nacional Constituinte pelo Partido Progressista mineiro.<sup>1056</sup> Apesar de ter ficado como 5º suplente, a saída de alguns deputados possibilitou que tomasse posse do cargo. Após a promulgação da nova Carta Constitucional, em 16 de julho de 1934, e a imediata eleição de Getúlio Vargas à presidência da República pelos constituintes, seu mandato foi prorrogado até maio de 1935, quando foi reeleito e continuou exercendo o cargo até 1937.<sup>1057</sup> Ao longo de sua atuação legislativa, recebeu o apoio do presidente de Minas Gerais, Benedito Valadares.<sup>1058</sup>

A relação de Belmiro Braga com o sobrinho deputado parece ter favorecido, nesse momento, algumas possibilidades de barganha política, servindo como canal direto com o governo do Estado, ao qual teria solicitado um cargo com maior *status* e remuneração na

---

<sup>1052</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 09/02/1928. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ). No verbete publicado no site da FGV/CPDOC, afirma-se que Belmiro Medeiros foi presidente da Câmara de Paredes. No entanto, Paredes, nessa ocasião, era distrito de São Gonçalo do Sapucahy. Hoje, Paredes corresponde ao município de Cordislândia.

<sup>1053</sup> Verbetes da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/belmiro-medeiros-silva>. Acesso em: 31/12/21.

<sup>1054</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 03/06/1931. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1055</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 14/01/1932. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1056</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 23/06/1933. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1057</sup> Verbetes da Fundação Getúlio Vargas – CPDOC: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/belmiro-medeiros-silva>. Acesso em: 31/12/21.

<sup>1058</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/02/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).



seção de turismo do Ministério da Agricultura.<sup>1059</sup> Se é verdade que o poeta não chegou a alcançar o cargo solicitado, o sobrinho talvez tenha contribuído de alguma forma para mantê-lo na inspetoria federal de ensino em Juiz de Fora. É o que sugere um artigo publicado no *Jornal do Brasil* em 1934, no qual “Belmirinho” (como o chamavam) teria apresentado o tio ao então ministro da Educação, Washington Pires<sup>1060</sup>, o mesmo que o inspirou a escrever a seguinte quadrinha humorística, inicialmente compartilhada apenas entre amigos próximos: “Mas quantas coisas insanas/ Nos trouxe a revolução!/ Não queimou, nunca, as pestanas/ Ministro da Educação!”.<sup>1061</sup>

A Carta Magna de 1934 assegurava o regime federativo e se mostrava menos centralizadora e mais liberal do que Vargas almejava. Além disso, impedia a sua reeleição no próximo pleito eleitoral, previsto para 1938. A reconstitucionalização significava, na prática, uma derrota para o tenentismo e os aliados civis, além de aumentar os descontentes com os “desvirtuamentos da Revolução de 30” e o conseqüente afastamento destes em relação ao governo.<sup>1062</sup>

Em tempos de crise do liberalismo, o comunismo e o fascismo figuravam como duas grandes opções no cenário político interbélico. No Brasil dos anos 1930, ambas as correntes eram representadas, de um lado, pela Aliança Nacional Libertadora (ANL), composta de militantes comunistas, e, de outro, pela Ação Integralista Brasileira (AIB), integrada por simpatizantes do fascismo. Ambas cresciam num movimento de contestação do regime vigente. Contudo, ao contrário da primeira (ANL), a AIB só viria a ser perseguida pelo

<sup>1059</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 23/10/1936. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1060</sup> Vejamos o que escreveu um autor não identificado, no *Jornal do Brasil*, em 1934, a respeito da aproximação entre Belmiro Braga e o ministro da educação: “[...] Belmiro Braga, o encantador tropeiro, reside em Minas Gerais. Tem ali um emprego que depende do Ministério da Educação. [...] Como tivesse necessidade de tratar com o Sr. Washington Pires, Ministro da Educação, acerca do cargo que exerce em sua terra, Belmiro Braga deliberou, um dia desses, ir àquele departamento de Estado. Acompanhou-o a fim de apresentá-lo ao Sr. Ministro, que não conhecia Belmiro Braga, o Sr. Belmiro Medeiros. Como se sabe, o Sr. Belmiro Medeiros é deputado por Minas. Sobrinho de Belmiro Braga, ele tem uma grande estima pelo poeta de *Contas do meu rosário*. Fonte: <sup>1060</sup> Nos belos tempos da prontidão... De como um ministro de Estado e um deputado federal evocam a época em que no Rio se jantava por oitocentos réis... *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25/03/1934, p. 6.

<sup>1061</sup> Essa quadra foi citada por Phocion Serpa, em 1941, na revista *O Malho* (RJ): “Um dos meus últimos encontros com Belmiro Braga deu-se justamente, no dia 23 de março de 1934 [...] Pleno governo provisório [...] Os acontecimentos políticos enchiam as ruas, Belmiro Braga, entretanto, recitava versos, contava anedotas, e, só por isso, recitou-me, sorrindo, uma quadrinha cheia de mordacidade, endereçada a um político desse tempo: Mas quantas coisas insanas / Nos trouxe a revolução! Não queimou, nunca, as pestanas / Ministro da Educação!” (Fonte: SERPA, Phocion. Belmiro Braga, um *causer* admirável. *O Malho*, Rio de Janeiro, ano 49, n. 20, set. 1941, p. 30).

<sup>1062</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano...*, p. 15-35.

governo em 1937, com o advento do golpe de Estado Novo e a extinção dos partidos políticos.<sup>1063</sup>

A Ação Integralista Brasileira foi fundada em outubro de 1932. Influenciada pelos movimentos fascistas europeus, sua estrutura era paramilitar, hierárquica e burocrática. Tendo como chefe nacional Plínio Salgado, todos os demais membros orbitavam em torno dele e lhe deviam obediência. Entre os anos 1932 e 1937, a AIB cresceu vertiginosamente, atingindo, em 1936, o ápice de 1 milhão de militantes em todo o Brasil. O “principal partido de extrema-direita em busca de poder nos anos 30” ficou conhecido pelo conservadorismo extremado articulado com os discursos religiosos e a tradição. Seus principais alvos de combate eram o liberalismo, o comunismo, o capitalismo internacional e as sociedades secretas vinculadas ao judaísmo e à maçonaria. Sob o lema “Deus, Pátria e Família”, o integralismo fez muitos adeptos entre as famílias cristãs, sobretudo católicas.<sup>1064</sup>

Ramificando-se por diversas regiões do país, o integralismo chegou a Juiz de Fora em 1933, por ocasião da visita do Chefe das Milícias Integralistas à cidade, entre os dias 20, 21 e 22 de outubro, com o objetivo de proferir diversas conferências doutrinárias. Curiosamente, algumas dessas palestras tiveram o Colégio Granbery como palco e plateia. Utilizando o seu privilégio de presidente da Academia Brasileira de Letras, Barroso iniciava um trabalho sistemático de doutrinação integralista dentro da referida escola protestante. Tal fato é considerado pelo historiador Leandro Gonçalves uma “particularidade de Juiz de Fora”, uma vez que, nesse caso, a “semente do movimento foi plantada dentro de uma instituição religiosa metodista, diferente, portanto, de muitas localidades onde o catolicismo foi o grande pioneiro”.<sup>1065</sup>

Recebido como “hóspede de honra” por professores e alunos da escola, Barroso fazia doutrinação política fascista e antiliberal dentro de uma escola cuja filosofia estava pautada nos princípios do liberalismo estadunidense. Uma contradição intrigante. Mas tudo isso se tornou possível através do então diretor dos cursos Ginásial e Comercial da instituição, o professor de Sociologia Oscar Machado, que, além de abrir as portas do colégio para Gustavo Barroso, tornava-se pioneiro no movimento integralista em Juiz de Fora.

---

<sup>1063</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano...*, p. 15-35.

<sup>1064</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. O nascimento da Ação Integralista Brasileira em Juiz de Fora. In: Gonçalves, Leandro P.; PIMENTA, Éverton Fernando (orgs.). *Ação Integralista Brasileira em Minas Gerais: estudos e historiografia*. Juiz de Fora: EDUFJF, 2021. p. 122-135.

<sup>1065</sup> GONÇALVES, Leandro Pereira. O nascimento da Ação Integralista Brasileira em Juiz de Fora..., p. 122.

Realizadas no colégio em que Belmiro Braga atuava como inspetor de ensino, as palestras não lhe agradaram nenhum pouco. Ele, que carregava o *status* de cicerone das celebridades que passavam pelo município, fez questão de abrir mão desse posto nesse momento. O motivo do desapontamento era o palestrante, pelo qual, não sabemos por que razão, não se afeiçoava: “Estive de mala pronta no dia 11, porque, assim, fugiria de me encontrar com Gustavo Barroso [...]. Veio o Barroso, mas não o vi. Sei que correu a cidade em mangas de camisa como integralista”.<sup>1066</sup> Em outra missiva, ainda o chamava de “vazio” e de “nulidade esperta e cínica”.<sup>1067</sup>

No entanto, sua reação se mostrou completamente diferente por ocasião da visita de Plínio Salgado no mês seguinte. Em 27 de novembro de 1933, o chefe nacional do integralismo também comparecia à cidade para proferir uma série de conferências doutrinárias, que se tornaram fundamentais à consolidação do núcleo municipal, do qual Belmiro Braga acabou se tornando coordenador – conforme demonstra uma nota publicada no jornal *Monitor Integralista*, de dezembro de 1933.<sup>1068</sup>

Por falta de fontes, pouco se sabe sobre o nível de profundidade dessa adesão belmiriana. Sabe-se que o autor de *Tarde Florida* – conforme abordamos no Capítulo 5 – já se confessara leitor e admirador do romance *O Estrangeiro*, de Plínio Salgado, o que, apesar de não necessariamente significar uma automática afinidade ideológica com a doutrina integralista, pode nos servir como um indício de identificação moral, estética e literária com o líder nacional do integralismo. Outro fator que não pode ser ignorado é a possível influência pessoal do amigo José Madeira de Freitas, que, nesse momento, abandonava o pseudônimo “Mendes Fradique” para empunhar a bandeira integralista, vindo a se tornar diretor de propaganda da AIB e futuro editor de *A Ofensiva*.<sup>1069</sup>

Foi o próprio Freitas que o apresentou ao chefe nacional do movimento nessa conferência de 27 de novembro de 1933, sobre a qual teceu o seguinte comentário: “Aqui estiveram os integralistas Plínio Salgado e Madeira de Freitas – que deixaram muitas

---

<sup>1066</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 30/10/1933. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1067</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 15/11/1933. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1068</sup> *Monitor Integralista – Boletim da Ação Integralista Brasileira*, 2ª quinzena de dezembro de 1933, ano 1, n. 2, s/p. Hemeroteca do Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (São Paulo).

<sup>1069</sup> CARNEIRO, Cleverson Ribas. *Mendes Fradique e seu método confuso: sátira, boemia e reformismo conservador...*, p. 131.

simpatias [...]. Fui à conferência deles e fiquei gostando muito do Plínio. Do Madeira já eu era velho amigo.”<sup>1070</sup>

Depois dessa passagem de Plínio por Juiz de Fora, não encontramos nenhuma outra fonte por meio da qual pudéssemos rastrear a relação do trovador mineiro com as ações do movimento integralista. Apenas foi possível verificar que, em duas cartas privadas, de 1935 e 1936, o poeta já dava indícios de uma relação pouco simpática com os “camisas verdes”, através de comentários favoráveis à sua repressão<sup>1071</sup>, ou de observações pejorativas, em que dizia: “Nem comunismo e nem integralismo! Não fôssemos macacos e carnavalescos e não nos lembraríamos de tais ideias.”<sup>1072</sup>

Foi justamente no momento em que o integralismo se encontrava consolidado em Juiz de Fora, com fundação de jornal (*O Sigma*) e de sede oficial em 1934, que o poeta parece ter se desvinculado oficialmente do movimento. Até que a descoberta de outras fontes nos prove o contrário, parece-nos pertinente afirmar que o seu envolvimento direto com a AIB se restringiu à fase ainda incipiente do movimento no Brasil e em Juiz de Fora. Não teria havido, talvez, um profundo engajamento ou sólida adesão à doutrina.<sup>1073</sup>

Contudo, se essa afirmação é verdadeira, também seria arriscado afirmar que tudo não se passou de um simples “flerte”. Ademais, precisamos considerar que os substratos conservadores e autoritários presentes em sua formação vão além do “ismo” representado pelo integralismo. Nesse sentido, não é fortuito que ele tenha assinado, em 1936, no mesmo ano em que já rechaçava os integralistas, o “Manifesto dos intelectuais de Juiz de Fora em apoio à Itália Fascista”<sup>1074</sup>, em cujo texto se exaltava a Itália da era mussoliniana como a

---

<sup>1070</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 29/11/1933. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1071</sup> Em carta para Antônio Sales, Belmiro comenta: “[...] E os tais camisas verdes? Os banqueiros e jesuítas de Juiz de Fora estão com eles. O Flores da Cunha é que fez bem, proibindo-lhes as reuniões e as fantasias”. Carta Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 24/03/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1072</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 24/03/1936. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1073</sup> Segundo Leandro Gonçalves, em março de 1934, “um grupo de integralistas chegou a Juiz de Fora para ampliar a consolidação do movimento, fundando o jornal *O Sigma* e instalando sede oficial. Fonte: GONÇALVES, Leandro Pereira. O nascimento da Ação Integralista Brasileira em Juiz de Fora..., p. 125.

<sup>1074</sup> Inspirada na “Junta Brasileira Pró-Itália, já fundada por intelectuais católicos no Rio de Janeiro, a “Junta” de Juiz de Fora tinha como principal articulador Gilberto de Alencar.

expressão do “renascimento das forças que deram a primazia do domínio espiritual e fizeram de Roma o braço da civilização universal”.<sup>1075</sup>

Defendemos que a “desilusão republicana” seja uma hipótese plausível para lançar alguma “luz” a respeito dessa adesão de Belmiro Braga ao integralismo, ainda que não disponhamos de fontes para sustentar empiricamente essa reflexão. Do ponto de vista teórico-metodológico, acreditamos que o conceito de cultura política, tal como enunciado por Serge Berstein, possa contribuir para compreendermos determinadas escolhas políticas dos atores a partir da “complexidade dos comportamentos humanos”. Por meio da “encruzilhada entre a história cultural e a história política”, podemos buscar, na “fracção do patrimônio cultural” apropriado por Belmiro durante a sua existência, possíveis pontos de contato com a perspectiva integralista – aqui também não entendida como um monolito.<sup>1076</sup>

Se, de um lado, é necessário lembrar que o integralismo foi uma força política tão potente e expressiva na década de 1930, por outro, há que se levar em consideração que tamanha expressividade não se deu de maneira fortuita. É preciso situá-lo nas circunstâncias vividas pela sociedade brasileira e relacioná-lo com as culturas políticas com as quais dialogou. Culturas políticas que não surgiram no momento em que o movimento foi fundado, mas que remetem a um processo de média ou longa duração. Culturas políticas que trocavam influências entre si, dentro e fora do contexto nacional.

Tudo isso nos leva a refletir sobre como as culturas políticas não são imutáveis, unívocas, estanques e muito menos introjetadas mecanicamente nos indivíduos. Acreditamos que essa adesão belmiriana na década de 1930 não tenha sido mera resposta impulsiva e irrefletida. Como nos lembra Berstein, a interiorização da cultura política pelo indivíduo é um processo histórico que compreende uma inextricável relação entre as experiências individuais e coletivas. Ao longo de sua experiência – desde a infância na roça, em contato direto com o coronelismo local, até a sua experiência como literato, tendo que dividir as letras com os afazeres do comércio e do cartório – Belmiro não apenas esteve em contato com diversas culturas políticas presentes numa sociedade de transição para o regime republicano, como também experimentou um longo processo de interiorização delas. Um processo que não esteve isento de conflitos e contradições.

Como numa faixa de Möbius, em que não existe uma separação entre dois lados, tradição e modernidade estavam inextricavelmente relacionadas no pensamento de Belmiro Braga. Essa inextricável relação, porém, parecia repleta de conflitos, remetendo-nos aos

<sup>1075</sup> Junta Brasileira Pró-Itália – Manifesto dos Intelectuais de Juiz de Fora. *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 04/03/1936, p. 6. Ver também o agradecimento do Embaixador da Itália no Brasil aos signatários do manifesto juiz-forano (Fonte: *Correio de Minas*, Juiz de Fora, 06/03/1936, p. 1).

<sup>1076</sup> BERSTEIN, Serge. A cultura política. In: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (orgs.). *Para uma história cultural*. Lisboa: Estampa, 1998. p. 350 e 359.

emblemáticos dilemas de Riobaldo, na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. O personagem, incorporando “os dilemas e ambivalências de toda uma época de transição”, representava a “síntese de elementos persistentes de tempos passados com elementos projetados de um tempo futuro”.<sup>1077</sup>

Algo semelhante parecia ocorrer com Belmiro: ao mesmo tempo em que lamentava a dificuldade de se consolidar uma moderna cultura política republicana no país, ressentia o esvaecimento das tradições e identidades que considerava genuínas. E, mais do que isso: criticava o bacharelismo, dizendo-se orgulhoso de seu autodidatismo e de sua capacidade de ascender pelos próprios esforços, enquanto lamentava o fato de não possuir diploma de nível superior; condenava os velhos vícios políticos considerados paradoxais à ideia de uma república liberal – como o personalismo e as trocas de favores – mas recorria a eles para conseguir sobreviver. Apesar de valer-se dos meios informais que tinha à sua disposição, como fama e popularidade através da arte e da constituição de uma densa rede de sociabilidade, morreu sem seguir carreira sólida no serviço público. Sua ascensão social através das letras, portanto, não veio acompanhada do alcance da tão sonhada estabilidade.

Em meio a essa instabilidade, Belmiro também parecia viver assombrado pela ameaça da perda daquilo que Almond e Verba chamam de “comunidade de pertencimento”, ou seja, dificuldade de conseguir defender coletivamente os interesses da “classe” intelectual, de forma a se sentir irmanado e protegido pelos colegas de ofício. Belmiro deixa entrever em seus escritos uma profunda frustração com o desempenho institucional republicano, não conseguindo vislumbrar um equilíbrio nas relações entre indivíduo e sociedade, “de forma que o indivíduo se torne parte de uma comunidade de pertencimento sem que suas atitudes e vontades individuais sejam esmagadas por ela”.<sup>1078</sup> Essa frustração é perceptível na sua própria visão acerca da organização institucional da cultura brasileira, lamentando que a produção literária no país vivesse afetada por intermináveis brigas e disputas personalistas entre os intelectuais.

Por fim, vale dizer que é visível em sua produção um humor de cunho conservador, embora as ambiguidades do discurso humorístico nem sempre possibilitem uma percepção tão clara disso. Se, por um lado, não sabemos precisar quais culturas políticas o literato internalizou para ensejar a sua adesão ao integralismo, por outro lado, uma coisa é certa: Belmiro é um personagem histórico que, como todos os outros, precisa ser visto e compreendido pelas ambivalências, contradições e conflitos de um Brasil em franca transição

---

<sup>1077</sup> FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. Para perto futuro prometeu muita coisa republicana: a travessia da cultura política brasileira em *Grande Sertão: Veredas*. In: *Topoi*, v. 9, n. 16, jan.-jun. 2008, p. 139.

<sup>1078</sup> ALMOND, G.A; VERBA, S. *The civic culture political attitudes and democracy in five nations*. Estados Unidos: Little, Brown and Company, 1963. Apud FAGUNDES, op. cit., p. 144.

para a modernidade republicana. Um momento de incertezas que apontava, entre outras tendências políticas, para um propício aprofundamento da descrença na democracia liberal.

Oliveira Vianna, no final da década de 1910, já defendia, em *Populações Meridionais do Brasil*, a tese do insolidarismo do brasileiro, pavimentando a recepção de futuras propostas conservadoras e autoritárias para o Brasil nos anos 1930. Um processo que não deve ser lido de forma teleológica e automática, obviamente, mas cuja análise não pode prescindir do reconhecimento de culturas políticas fortemente ancoradas na experiência comum dos atores, no espírito de uma época, nos anseios de teor nacionalista e católico que pareciam confortar o sentimento de *outsider* de muitos escritores em relação aos privilegiados da política oligárquica.

Em meio a uma pluralidade de culturas políticas que circulavam pelo país, parecia haver em Belmiro Braga uma cultura política alimentada por traumas da desilusão republicana, com uma “zona de abrangência” suficientemente ampla fazê-lo enxergar, sob determinada “grade de leitura”, ainda que intuitiva, um projeto comum de futuro e uma visão comum do passado.<sup>1079</sup> O nacionalismo, a reforma dos costumes e o resgate de uma tradição que se esvaía pareciam se tornar cada vez mais urgentes para muitos brasileiros. O integralismo, nesse cenário, certamente não foi a única saída encontrada nessa encruzilhada, mas foi um dos caminhos possíveis para muitos intelectuais, num dado momento de suas trajetórias.

Outro elemento de intersecção entre o pensamento belmiriano e a cultura política conservadora era a sua clara aversão ao comunismo e a sua mitificação, que permanecerão “assombrando” o imaginário de muitos brasileiros. Não é por acaso que, por ocasião do Levante Comunista, em 1935, B. B. chamasse os revoltosos de “criminosos”, esperando de Getúlio Vargas um efetivo poder repressivo: “Getúlio vai agir com energia e isto mais por imposição dos militares. [...] Permita Deus que ele se mostre um homem à altura do momento – não tenha contemplação com esses bandidos – todos bem instalados na vida e sacrificando a vida de tantos inocentes e o crédito da Nação”.<sup>1080</sup>

Sua opinião sobre os revoltosos se coadunava com a mudança da postura política de Vargas em relação aos levantes militares nesse período constitucionalista. Além de se mostrar intolerante e repressor, o governo passou a se valer da chamada “revolta comunista” como

---

<sup>1079</sup> BERSTEIN, op. cit., p. 362-363.

<sup>1080</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 21/12/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

“pretexto para o fechamento do regime”, por meio da mobilização da Lei de Segurança Nacional.<sup>1081</sup>

Apesar de não ter vivido tempo suficiente para observar a política autoritária do regime varguista após o Golpe do Estado Novo, era o “poeta das rosas” – aquele quase unanimemente apontado na literatura como de alma “singela”, “natural”, “espontânea” e “simples” – um ávido apoiador da repressão quando se tratava de comunismo. Nesse sentido, chama atenção a sua reação ao ver a foto do filho estampada na imprensa, por ocasião da prisão do capitão do Exército Trifino Correia<sup>1082</sup>, um dos líderes da Aliança Nacional Libertadora em Minas Gerais. Após desaparecer de sua guarnição às vésperas de estourar a Intentona Comunista (1935), Trifino acabou capturado em Belo Horizonte, de onde foi transferido para a casa de detenção da capital federal, sob a escolta de José Epitácio.<sup>1083</sup> Pela forma como a descreveu em carta para o amigo Sales, a cena lhe parecia simbólica e representativa de um ato de “bravura”, em que o filho aparece ao lado de um presidiário como legítimo representante da força repressora do Estado.<sup>1084</sup>

Assistindo aos “malabarismos” do filho na tentativa de se equilibrar entre as forças “favoráveis” e “contrárias” à revolução, B. B. expressava, em suas missivas remetidas ao amigo Sales, suas idiossincrasias a respeito da política brasileira sob o “calor” dos acontecimentos. Suas impressões e percepções dos fatos nos deixam entrever um homem que, embora não formulasse reflexões sistemáticas acerca dos projetos de Brasil em disputa naquele momento, não deixava de transparecer vínculos com uma cultura política (ou substratos dela) de caráter autoritário e conservador e bastante arraigada no imaginário social de parcelas significativas da sociedade brasileira.

Belmiro Braga permanecerá, sobretudo, um “desiludido” com a política, os políticos e a República. Tal postura adensará ainda mais uma escrita saudosista, que, apesar de sempre atenta ao cotidiano, às dificuldades da vida, às situações melancólicas, líricas e humorísticas –

<sup>1081</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano...*, p. 15-35.

<sup>1082</sup> Sobre a trajetória de Trifino Corrêa (André Trifino Correia), consultamos o seguinte verbete do CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Trifino.pdf>

<sup>1083</sup> Chegou hoje, preso, o capitão Trifino Corrêa. *A Noite*, Rio de Janeiro, 30/11/1935. Ver também: Chega preso ao Rio o capitão Trifino Corrêa, que foi recolhido à detenção. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01/12/1935, p. 3.

<sup>1084</sup> Em carta para Antônio Sales, B. B. comenta o seguinte: “Viste nos jornais e revistas o retrato do José conduzindo preso o Capitão Trifino Corrêa, o comunista encarregado de levantar o exército em Minas? O José fardado e trombudo e o Trifino à paisana, rindo e se agarrando no queixo. Toda gente, ao vê-lo, diz mostrando o José: mas este monstro, pela cara, mostra mesmo que é uma fera! E assim se escreve a história...” (Fonte: Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 21/12/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – RJ).



que o impedem de “resgatar” uma “era de ouro” –, não deixa de buscar no passado um certo refúgio. Com sua autoironia ainda aguçada depois dos 60 anos, autointitulava-se cada vez mais um “passadista”, um “fracassado” e um “velho” antiquado aos novos tempos.

## 7.2 Um “alcaide” das letras?

No campo da literatura, Belmiro Braga voltou às atividades em 1933, que, por sinal, mostrou-se um ano de muitos acontecimentos emblemáticos, além do já mencionado encontro com Plínio Salgado e a sua colocação temporária no posto de coordenador local do integralismo.

Admirando-se com o fato de ainda ser um poeta festejado, Belmiro Braga se surpreendia com um artigo publicado sobre ele na *Fon-Fon*, cuja autoria não conseguiu identificar.<sup>1085</sup> Somente em 1933, podemos citar o envolvimento do poeta nos seguintes eventos: **1.** Presença de seus versos no evento de músicas brasileiras realizado no Instituto Nacional de Música, ao lado de produções de Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Mario de Andrade.<sup>1086</sup> **2.** Participação no *Club Fraternidade Lusitânia* como membro do conselho fiscal do núcleo *Legião dos Milionários*.<sup>1087</sup> **3.** Recebimento de convite para apresentar palestra na Associação Atlética de Moças, de Paraíba do Sul (RJ), sendo enaltecido como “brilhante intelectual” de “grande e generoso coração”, cuja alma iluminaria as jovens moças com as “cintilações da espiritualidade”.<sup>1088</sup> **4.** Participação no concurso de trovas promovido pelo *Jornal do Brasil* (RJ) e dirigido por Múcio Leão, com duas mil trovas remetidas de todo país, ficando Belmiro classificado em segundo lugar, com uma trova assinada sob o pseudônimo Frondélio: “Quantos mortos guardo vivo/ No fundo do coração./ E, dentro de mim, quantos vivos/ Há muito, mortos estão!”<sup>1089</sup> **5.** Divulgação do nome do artista plástico

<sup>1085</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 06/10/1933. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1086</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 10/06/1933, p. 2.

<sup>1087</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 19/04/1933, p. 7.

<sup>1088</sup> Carta de Heloísa I. Mendes Lopes – 1ª secretária da Associação Atlética de Moças – para Belmiro Braga. Paraíba do Sul, 11/09/1933. Coleção Dormevilly Nóbrega – CECOM/UFJF, Juiz de Fora (MG).

<sup>1089</sup> A escolha da trova mais bonita – a comissão do ‘Jornal do Brasil’ escolhe, entre mais de duas mil quadras, a mais bela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21/12/1933, p. 8. As pesquisadoras Leila Barbosa e Marisa Timponi, no livro *Letras da Cidade* (2002), afirmam que um dos sobrinhos do poeta certa vez teria contado que Belmiro Braga “tinha o hábito de enviar aos concursos de trovas, não um, mas vários poemas, que fazia copiar pelos parentes que também as assinavam e arrematava todos os prêmios” (Fonte: BARBOSA, Leila M. Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. *Letras da Cidade*. Juiz de Fora: Funalfa, 2002. p. 35).

Edson Motta, por meio de convite feito ao público juiz-forano para que visitassem a “Exposição dos Seis”, realizada no Rio de Janeiro.<sup>1090</sup>

Ainda em 1933, Belmiro Braga publicou a segunda edição de *Tarde Florida* pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo.<sup>1091</sup> *O Malho*, em tom celebrativo, elogiava a “grande editora” pela iniciativa, justificando a relevância de sua produção literária nos seguintes termos: “[...] a verdade é que nós, os poetas de hoje, sentimos sempre saudades do poeta de ontem – poetas, note-se bem, que escrevem como Belmiro Braga escreve”.<sup>1092</sup>

Na apresentação dessa segunda edição, Belmiro continuava se valendo de sua verve autoirônica para se considerar um “mediocre e fora de moda”, por “não ter mais leitores”, uma vez que, segundo ele, “os antigos morreram e os jovens não me toleram já”. Tal comentário foi rebatido por um jornalista da revista *Fon-Fon*, que, além de chamá-lo de o “maior poeta vivo de Minas Gerais”, recomendava que “Tais palavras de Belmiro deveriam ser riscadas da primeira página do volume. [...] Nem Belmiro tem o direito de se chamar poeta fora da moda, quando sabe que não é mediocre para ser marcado pela etiqueta de uma época”. E completou: “será lido sempre com emoção e alegria, porque ao lado do lírico encontramos o humorista”.<sup>1093</sup>

E, para finalizar o ano de 1933, ele e Antônio Sales se reencontraram em Juiz de Fora, depois de muito tempo de ausência física e de informações, ideias e afetos exclusivamente trocados através de cartas. Por essa ocasião, em 20 de dezembro, visitaram juntos, na “Manchester Mineira”, o Museu Mariano Procópio, inaugurado oficialmente por Alfredo Ferreira Lage em 1921, ainda como um museu particular.<sup>1094</sup> Quanto ao Rio de Janeiro, alertava ao amigo cearense que o encontraria “muito mais lindo, mas quase sem os amigos de 1917 e 1918”. Confessava-lhe que, apesar de visitar a capital federal com certa regularidade, não a “tolerava” mais com todo o seu “embelezamento”.<sup>1095</sup>

---

<sup>1090</sup> “É preciso que correspondamos à gentileza do pintor patricio comparecendo Juiz de Fora em peso a exposição desse talentoso moço que tanto nos tem honrado lá fora.” Fonte: BRAGA, Belmiro, janeiro de 1933. Panfleto convidando o público de Juiz de Fora a visitar a “Exposição dos Seis”. Documento integrante do acervo pessoal do diretor do Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM/UFJF), Aloísio Arnaldo.

<sup>1091</sup> BRAGA, Belmiro. *Tarde Florida*. 2. ed. Acrescida de novas produções. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Acervo pessoal de Sérgio Augusto Vicente.

<sup>1092</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 29/06/1933, p. 36.

<sup>1093</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 30/09/1933.

<sup>1094</sup> Livro de registro de visitantes do Museu Mariano Procópio (1933) – Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>1095</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 25/02/1933. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

Belmiro, assim como Sales, vivenciava um momento da vida em que a morte de amigos da mesma geração se tornava algo corriqueiro, levando-o a lamentar uma série de referências que, cada vez mais, pareciam ficar no passado. Os anos 1910 e tudo o que o Rio de Janeiro lhes representou nesse período, com as agitações e a dinamicidade das rodas literárias da Garnier, dos cafés e dos mais diferentes espaços de sociabilidade, tornavam-se “apenas uma fotografia na parede” – para não deixar de citar aquele que se tornaria o grande escritor Carlos Drummond de Andrade, ainda jovem na década de 1930.

Ao mesmo tempo, é preciso atentarmos para o cuidado de não nos apropriarmos passivamente do discurso autoirônico do poeta satírico – que, por sinal, veio lhe acompanhando desde o início da carreira – para corroborar um suposto apagamento de sua poesia nesse contexto. O poeta e sua produção ainda continuavam vivos e em plena circulação na imprensa e nos mais diferentes espaços. Nesse sentido, vale destacar, pelo menos a título de curiosidade, que, em 1935, uma jovem escritora de 15 anos, de nome Maria Eugênia de Franco, em entrevista concedida à *Revista da Semana*, citava Belmiro Braga como um dos três escritores mais apreciados por ela, ao lado de Humberto de Campos e José de Alencar.<sup>1096</sup> A mesma menina também confessava apreciar mais o samba do que o tango, por ser o samba “mais brasileiro”, além de colocar no mesmo patamar o seu interesse pela “música clássica” e pelo “gênero ligeiro”, repudiando, por fim, a participação das mulheres na política, por considerar que “elas falam muito”.<sup>1097</sup> Qualquer semelhança com as opiniões belmirianas não parece mera coincidência...

O autor de *Tarde Florida* ainda publicaria nos próximos anos *Redondilhas* e *Dias Idos e Vividos*, além de escrever *Soda Cáustica*, um manuscrito que não chegou a ser editado e posto em circulação por motivos que o próprio título já sugere. É justamente sobre essas três últimas produções do poeta que nos debruçaremos nas subseções 6.2.1, 6.2.2 e 6.2.3 desse capítulo.

### 7.2.1 *Versos que ninguém mais lê* ou *Redondilhas*?

E quando, desolado, tencionava botar no fogo toda minha versalhada, recebo do editor Renato Americano estas duas linhas: ‘Desejo editar um livro seu; mande-me os originais’. Assustei-me à notícia inesperada e, ainda meio zozzo, fui retirando de meu porão de coisas velhas – estas camisas de punhos postiços, estes colarinhos de celuloide, estas gravatinhas de laço feito

<sup>1096</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 31/08/1935, p. 21.

<sup>1097</sup> *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 31/08/1935, p. 21.

e estas botinas de elástico e, pondo-lhes o rótulo – *Versos que ninguém mais lê*.<sup>1098</sup>

A citação acima veio a fazer parte da apresentação do novo livro do poeta, *Redondilhas*, que, antes de ser assim intitulado, foi batizado por Belmiro de *Versos que ninguém mais lê*, que não parecia soar nada atraente às vendas.

Valendo-se de suas conhecidas e famosas autoironias inspiradas no “velho” Padre Correia de Almeida, Belmiro rascunhou a apresentação de seu livro para Antônio Sales e a enviou pelos Correios. Intitulando-a *Simple Advetência*, a referida apresentação foi o espaço do livro em que o poeta fez uma analogia humorística de seus poemas com os chamados “alcaides” de seu pai no comércio – ou seja, produtos “encalhados” no estoque por perderem a serventia. Um amigo de seu pai, nos tempos da roça, teria se livrado de “um lote de escarradeiras antigas” após colocá-las à venda como “farinheiras”. “Ressignificadas” pelo poder de persuasão do comerciante, as escarradeiras teriam sido rapidamente vendidas, chamando atenção pela praticidade de não precisar do uso da colher: “a farinha já saía espalhada pela boca do leão”.

“Não nos preocupemos com os alcaides; lá vem um dia e aparece alguém que os compra”. Foi com essa máxima atribuída ao pai que o poeta comparou o interesse de um jovem editor em publicar seus versos. *Redondilhas* foi editado e impresso por Renato Americano em 1934. Este era proprietário de uma gráfica localizada na rua Alzira Brandão (n. 39), na Tijuca, Rio de Janeiro. Em seu estabelecimento, Americano imprimia livros e periódicos enviados por editoras ou por ele mesmo editados. Nos anúncios propagados na imprensa periódica, sua gráfica “Oficina Gráfica Renato Americano” era apresentada como local onde “imprimem-se livros e todas as obras, rápida e artisticamente, em edições de qualquer gênero”. E, ainda, como “preferida pelos escritores práticos e pelos editores experientes”.<sup>1099</sup> Em outros anúncios, como o veiculado pelo *Jornal do Comércio* (RJ), era reconhecido por imprimir livros a “preços cômodos e prazo curto”.<sup>1100</sup>

São poucas as informações encontradas sobre o editor e impressor de *Redondilhas*. Sabe-se que alcançou certo destaque no campo editorial voltado à educação, através de edições e impressões de livros de autores especializados no tema. Além disso, foi proprietário e fundador da *Revista Infância e Juventude*, um mensário nacional de orientação pedagógica

<sup>1098</sup> BRAGA, Belmiro. *Simple advetência* [rascunho de texto]. Jan. 1934. Arquivo Antônio Sales. FCRB – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1099</sup> *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 10, jul. 1933, p. 11.

<sup>1100</sup> *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 24/01/1937, p. 14.

da escola e do lar. Câmara e Nunes, em suas pesquisas, afirmam que as ideias veiculadas por esse periódico “colaboraram na promoção de debates em torno da elaboração do projeto do Plano Nacional de Educação durante os anos de 1936 a 1937”. De periodicidade mensal e veiculando conteúdos considerados “a serviço da escola e do lar”, a revista congregou em seus quadros “intelectuais educadores envolvidos com a produção de reflexões acerca de temas candentes à educação brasileira”.<sup>1101</sup>

*Infância e Juventude*, que parece ter sido o projeto responsável por conferir maior notoriedade a Renato Americano, começou a circular dois anos depois de *Redondilhas*, que figurava no eclético repertório de autores por ele editados e publicados. Repertório de que o amigo e confrade da Academia Mineira de Letras, Albino Esteves, também fazia parte, com a obra *Estética dos sons, cores, ritmos e imagens*.<sup>1102</sup>

Vale ressaltar que, em 1935, *Redondilhas* foi inscrita, sob o incentivo do empresário, em um concurso promovido pela Academia Brasileira de Letras<sup>1103</sup>, que chegou a lhe conceder menção honrosa em junho de 1936.<sup>1104</sup>

### 7.2.2 *Metade de uma vida* ou *Dias Idos e Vividos?*

Desde 1923, Belmiro Braga almejava publicar as cartas que amigos mortos famosos lhe enviaram, como Machado de Assis, Sylvio Romero, Arthur Azevedo, etc, mas confessava: “Tenho um certo escrúpulo em negociar com a amizade desses mortos queridos”.<sup>1105</sup> O desejo de publicação das “famosas” missivas parece emergir com maior intensidade em um momento específico de sua vida, em que volta a residir em Juiz de Fora e ali adquire uma casa própria. Uma casa onde, segundo ele, pudesse se estabelecer definitivamente. Cansado da vida nômade (“cigana”, segundo ele) que levava desde a juventude, por conta das múltiplas

---

<sup>1101</sup> CÂMARA, Sônia; NUNES, Cinthya de Oliveira. A Revista *Infância e Juventude* e os debates em torno do Plano Nacional de Educação de 1936 a 1937. *Caderno de História da Educação*, v. 19, n. 2, mai.-ago. 2020. p. 628-648.

<sup>1102</sup> A referida obra de autoria de Albino Esteves encontra-se citada na seção “Memento Bibliográfico”, da revista *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, agosto de 1933, p. 28.

<sup>1103</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/02/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1104</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 28/06/1936, p. 3.

<sup>1105</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 07/04/1923. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

profissões que exercia e das inúmeras viagens profissionais que realizava, considerava que havia chegado a hora de colocar ordem na caótica relação estabelecida com as suas coisas.<sup>1106</sup>

A aquisição relativamente tardia de um lugar fixo para residir significou para o poeta muito mais do que se poderia chamar de sentido prático da existência. Ele almejava habitar uma casa, e não apenas morar nela, deixando ali seus “rastros” e suas memórias.<sup>1107</sup> É como se o interior da casa passasse a significar para ele “não apenas o universo do homem privado, mas também o seu estojo”<sup>1108</sup>.

Embora revelasse em algumas cartas íntimas trocadas com Sales que a organização não era uma habilidade que dominava com tanta maestria e disciplina, o literato, sob o incentivo de alguns amigos, dava início a um deliberado esforço contra a dispersão dos objetos de valor afetivo e simbólico. Como uma espécie de “coleccionador” de si mesmo, interessava-se pela transfiguração das coisas que lhe pertenciam, emprestando-lhes um “valor afetivo” que transcende o “valor de uso”. Como afirma Walter Benjamin, “o verdadeiro método de tornar as coisas presentes é representá-las em nosso espaço (e não nos representarmos no espaço delas). [...] Não somos nós que nos transportamos para dentro delas, elas é que adentram nossas vidas”.<sup>1109</sup> Nesse sentido, Belmiro dizia ao amigo Sales: “Mandei por num quadro o teu retrato último e coloquei-o junto ao meu em frente à mesa. Estamos ladeados da *troupe*: Bilac, E. Menezes [...]”<sup>1110</sup>

Entre o poeta e as cartas de seus “mortos queridos” parecia haver certa simbiose. Lidas e relidas ao longo dos anos, elas o acompanharam em seu processo de envelhecimento, enquanto também envelheciam junto com ele, a cada sinal de amarelecimento e deterioração que os sucessivos toques de suas mãos deixavam na materialidade do papel. Portanto, é possível que ambos tenham se afetado e se modificado mutuamente a cada leitura e releitura.

Pelo valor simbólico que possuíam e o tipo de relação estabelecida com seu proprietário, poderíamos classificar essas cartas como “objetos biográficos”, no sentido oposto àquele representado pelos objetos “protocolares”, que Violette Morin caracteriza como

<sup>1106</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Salles, Juiz de Fora, 10 de junho de 1922. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1107</sup> BENJAMIN *apud* OLENDER, Marcos. Algumas considerações sobre as coleções como “lugares de memória” da Modernidade. In: MAGALHÃES, Aline M.; BEZERRA, Rafael Z. (orgs.). *Coleções e colecionadores: a polissemia das práticas*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2012. p. 159.

<sup>1108</sup> Idem, p. 154-163.

<sup>1109</sup> Idem, p. 159.

<sup>1110</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Salles, Juiz de Fora, 10 de junho de 1922. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

desprovidos de relação afetiva e simbólica com o sujeito.<sup>1111</sup> Mais do que associadas à memória, as cartas são um tipo de memória. A exemplo da roupa – para citar aqui a reflexão de Peter Stallybrass em *O casaco de Marx* –, quando a pessoa está ausente ou morre, a carta parece assumir a sua “presença ausente”.<sup>1112</sup> Se é verdade que as roupas assumem a forma e o cheiro do corpo da pessoa, as cartas carregam a caligrafia única de quem as redigiu, bem como o cheiro, o estilo da escrita, os sentimentos, os desabafos e os diálogos especificamente estabelecidos com determinado interlocutor. Num nível igual ou um pouco menor que as roupas, as cartas também “cheiram à mortalidade” e assombram nossas mentes com as lembranças de quem já partiu. E com um detalhe: de natureza personalizada, mas de caráter relacional, as correspondências carregam não apenas as peculiaridades do remetente, como também do destinatário.

Belmiro deixa claro o quanto as cartas são “absorventes de significado simbólico”<sup>1113</sup>, enxergando através delas a “corporificação”<sup>1114</sup> de memórias de relações sociais estabelecidas num momento de sua vida do qual se recordava com intensas doses de nostalgia. Por isso mesmo, confessa sentir-se desconfortável ou, de acordo com as suas palavras, possuir “um certo escrúpulo em negociar com a amizade desses mortos queridos”. O literato parecia consagrar e cristalizar, através dessa coleção, acontecimentos e pessoas que, de alguma forma, fizeram parte de sua história de vida. É possível que, assim, ele tenha procurado definir a dimensão coletiva de suas experiências, reafirmando seu lugar social a partir das relações estabelecidas com alguns dos notáveis e consagrados nomes das letras. Uma atitude que imaginava ser um importante investimento em capital social e simbólico para a sua carreira e persona literárias:

Assim como os homens de fortuna nunca me fascinaram, procurei sempre me aproximar dos homens de saber [...] Tolero mais um ingrato do que um bajulador. Não deixam, pois, de ser uma grande honra as relações de amizade que fiz e mantive naquela época [...]. Aqui me refiro aos mortos; de todos eles guardo cartas como lembrança do bem que lhes quis...<sup>1115</sup>

Apesar de nunca ter perdido completamente o contato com a vida cultural de Juiz de Fora, mesmo nas ocasiões em que morou em outras cidades, como Rio de Janeiro e Poços de

---

<sup>1111</sup> MORIN, Violette. *L'objet biographique*. In: *Communications*, 13, 1969. p. 131-139. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm\\_0588-8018\\_1969\\_num\\_13\\_1\\_1189](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1969_num_13_1_1189).

<sup>1112</sup> STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. 2. ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 14.

<sup>1113</sup> STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx...*, p. 10.

<sup>1114</sup> STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx...*, p. 10.

<sup>1115</sup> BRAGA, Belmiro. *Dias Idos e Vividos...*, p. 236.

Caldas, Belmiro temia que a vida itinerante e a correria no trabalho o colocassem numa situação de desarraigamento em relação à sua terra e ao seu povo de origem.<sup>1116</sup> E não só isso: temia que o cansaço decorrente da luta pela sobrevivência o levasse a abandonar por completo a vocação para as letras. A produção de si, dessa forma, parecia mitigar as inquietações de um “eu” fragmentado pelas perturbações de um mundo que se classificava como moderno, marcado cada vez mais pelo efêmero, pela dinamicidade e fluidez das relações.

Na medida em que organizamos nossos pertences e damos sentido e materialidade às nossas lembranças, expressamos nossa vontade de memória, procurando representar através dessas memórias nossa identidade. Esse fenômeno tipicamente moderno, que Pierre Nora batizou de “lugares de memória”, representa uma forma de compensação da ausência dos “meios de memória” que, outrora, mantinham e protegiam as lembranças através da tradição viva. No lugar de uma memória espontânea, surge uma “memória historicizada”, deliberada, voluntária e altamente psicologizada.<sup>1117</sup>

Pautado numa relação íntima e nostálgica com um passado ainda vivo no momento da escrita, Belmiro sentia que suas memórias já estavam lamentavelmente ameaçadas de esquecimento. Porém, ao mesmo tempo em que se preocupava com a organização de seu acervo de cartas, com a finalidade de publicá-las em um livro, abriu mão de muitas delas, quando as doava para campanhas de arrecadação de recursos para entidades de assistência estudantil:

Houve aqui uma festa escolar e tiveram a ideia de obter de mim autógrafos dos nossos escritores. Escrevi cartas a alguns e os autógrafos recebidos deram 50\$. Dei cinco meus e estes deram 90\$ - um obteve 50\$ (o preço mais elevado que houve) e os outros 20\$ cada um!<sup>1118</sup>

Outro episódio parecido aconteceria também no início dos anos 1930, quando, por ocasião de uma campanha de arrecadação de recursos para construção da sede da *Casa do Estudante do Brasil*, no Rio de Janeiro, doou à instituição cartas de Machado de Assis, Sílvio Romero, Alphonsus Guimaraes e Arthur Azevedo.<sup>1119</sup>

O poeta vivia, portanto, uma tensão no processo de enquadramento de suas memórias: organizar suas cartas e guardá-las consigo; ou doá-las, com o intuito de elevar seu “capital

<sup>1116</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Salles, Juiz de Fora, 10 de junho de 1922. Arquivo pessoal de Antônio Salles – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1117</sup> NORA, Pierre. *Entre Memória e História: a problemática dos lugares*. In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, dez. 1993. p. 13-17.

<sup>1118</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 08/12/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1119</sup> Comemora hoje o seu 23º aniversário a Casa do Estudante. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13/08/1952, p. 2.



simbólico”, mas sob o risco desses vestígios se perderem? Independentemente de tudo isso, o literato não deixou de investir em um projeto de perpetuação de suas memórias. Em 1934, encontrou o momento de sistematizar nas páginas de um livro um conjunto de narrativas de si, nas quais evocou algumas dessas missivas. Esse momento coincide com a sua participação no Concurso Literário Machado de Assis, promovido pela Companhia Editora Nacional, que figurava como uma grande homenagem à literatura brasileira.

Para concorrer, escreveu um livro de memórias autobiográficas. Conforme exigência do edital, os concorrentes deveriam assinar o romance com um pseudônimo, “enviando em envelope fechado seu verdadeiro nome e endereço e escrevendo na parte externa do envelope o pseudônimo escolhido”.<sup>1120</sup> O fã de Machado de Assis não pensou duas vezes: escolheu *D. Casmurro* para o seu codinome.

Em carta para Antônio Sales, além de enaltecer o nome de seu ídolo, comentou que essa produção se chamaria “História da minha vida – dos 7 aos 30 anos”:

Terminei ontem um livro: *História da minha vida – dos 7 aos 30 anos*. Falo na descoberta que fizeste de mim como poeta, mas não declaro o teu nome e nem o meu. Vou mandá-lo ao concurso da Editora [Nacional], concurso a que deve concorrer. No prefácio, digo que só me levou a concorrer ao concurso por ter ele o nome de Machado de Assis – a primeira pessoa que [me] deu o nome de poeta.<sup>1121</sup>

Pouco tempo depois, porém, informou sobre a mudança do título da obra para *Dias Idos e Vividos*.<sup>1122</sup> Esta, ao fim e ao cabo, acabou sendo desclassificada do certame, sob a justificativa de que o gênero escolhido não configurava um romance, conforme exigia o edital.<sup>1123</sup> Mesmo assim, o poeta decide mobilizar esforços para publicá-la. Uma das razões que o motivaram a fazê-lo foram os elogios da banca do concurso, composta por Agripino Grieco, Monteiro Lobato, Gilberto Amado e Gastão Cruls, os quais se declararam interessados por sua prosa leve e fluida.<sup>1124</sup>

---

<sup>1120</sup> *O Jornal*, Rio de Janeiro, 27/05/1934, p. 6.

<sup>1121</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 05/08/1934. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1122</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 30/09/1934. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1123</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 12/08/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1124</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 08/10/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ). Ao publicar a obra, Belmiro Braga faz questão de transcrever e anexar as cartas dos membros da banca.

Também contribuíram para a concretização dessa publicação o fato de Agripino Grieco e Gastão Cruls já integrarem a sua rede de sociabilidade. Ambos, além do mais, eram proprietários e fundadores do periódico *Boletim de Ariel*, com o qual Belmiro já colaborava e no qual era frequentemente referendado.<sup>1125</sup> O *Boletim de Ariel* circulou entre 1931 e 1939, tendo como objetivo primordial capitanear leitores, compradores de livros e autores para a editora *Ariel*. Não possuindo livraria própria para colocar seus livros à venda, a referida editora utilizava a revista como recurso de divulgação de seus catálogos, além de publicizar textos de colaboradores que, potencialmente, pudessem fechar contrato com a editora para publicação de seus livros. Nesse sentido, o boletim divulgava não apenas livros publicados pela *Ariel*, mas também títulos de outras editoras, sobretudo os da Companhia Editora Nacional e da Editora José Olympio.<sup>1126</sup>

Considerando que a década de 1930 ficou marcada pelo fechamento do ciclo das revistas de vanguarda, o *Boletim de Ariel* se tornou reconhecido como o “órgão crítico por excelência da literatura moderna na década de 1930”.<sup>1127</sup> Esse cenário teria favorecido a abertura de um espaço muito maior para novos escritores nessa revista do que em revistas com propostas estéticas ou com contornos ideológicos/políticos mais definidos. Tudo isso ajudou a imprimir na revista um perfil intelectual nitidamente heterogêneo e plural. Não por acaso, Hallewell a classificou como a “revista literária mais importante de sua época”.<sup>1128</sup>

O nome de Belmiro Braga figurava na enorme lista de colaboradores e autores por ela referendados. Dentre tais nomes, estava o do amigo cearense Antônio Sales, bem como o de Jorge Amado (que publicou seu segundo romance, *Cacau*, pela *Ariel*), Lúcia Miguel Pereira, Miguel Osório de Almeida, Otávio de Faria, V. de Miranda Reis, Alberto Rangel, Antonio Torres, Sérgio Buarque de Holanda, Afrânio Peixoto, Manoel Bandeira, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre, e muitos outros.<sup>1129</sup> Por vezes, algumas publicações veiculadas na revista tentavam classificar alguns autores de acordo com as escolas literárias. Na edição de setembro de 1932, B. B. aparece “enquadrado” na categoria

<sup>1125</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05/04/1935, p. 8.

<sup>1126</sup> DE LUCA, Tânia Regina. Periódicos lançados por editoras: o caso do *Boletim de Ariel* (1931-1939). *História* (dossiê “Livros, Bibliotecas e Intelectuais no mundo Ibero-Americano”), São Paulo, v. 36, e32, 2017, p. 1-18.

<sup>1127</sup> DE LUCA, Tânia Regina. Periódicos lançados por editoras: o caso do *Boletim de Ariel* (1931-1939)..., p. 1-18.

<sup>1128</sup> Hallewell *apud* MARZANI, Andressa. O *Boletim de Ariel* e sua abrangência no cenário literário e cultural brasileiro na década de 1930. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, mai.-ago. 2021. p. 1-10.

<sup>1129</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 05/04/1935, p. 8

“Entre o Parnasianismo e o Simbolismo”, junto com Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, Gilberto Amado, Olegário Mariano, Cecília Meirelles, etc.<sup>1130</sup>

Em contrapartida, também havia espaço no mesmo periódico para uma avaliação menos arbitrária e mais sensível às especificidades da produção belmiriana, como esta, publicada em 1933, quando da divulgação da segunda edição de *Tarde Florida*: “[...] Cada produção nova de Belmiro Braga é ao mesmo tempo encanto da plebe e comida de delicados. Lirista que realizou entre nós o difícil ideal de prender igualmente os simples e os intelectuais mais exigentes, Belmiro tornou-se popular sem nada de desonroso para ele e a sua fama está longe de importar, como em tantos outros, numa injúria para o seu talento”. O autor ainda o definia como um poeta que “fixa um mundo de emoções discretas”, que canta as “ternuras domésticas” das “graças da região natal” e que, por meio de sua capacidade de “generalizar sentimentos”, consegue alcançar “todos os brasileiros” a partir das “montanhas de Minas”, afastando “qualquer ideia de regionalismo estreito” em sua poética. E finalizava dizendo que era “uma delícia lê-lo aos vinte anos: maior delícia ainda relê-lo aos quarenta...”.<sup>1131</sup>

Persistindo no projeto de dar publicidade ao seu *Dias Idos e Vividos*, Belmiro Braga também lançaria mão de suas aproximações de longas datas com a *Gazeta de Notícias*, a que sempre parabenizava por ocasião de seu aniversário. Em 1935, unindo o útil ao agradável, não apenas saudou o jornal por mais um ano de existência, como também aproveitou para solicitar a publicação de dois capítulos de seu manuscrito em suas páginas. Nos trechos escolhidos, não apenas narrava acontecimentos prosaicos e anedóticos passados em sua juventude, mas, sobretudo, entrelaçava a sua trajetória pessoal com a do jornal, ressaltando a importância deste como mediador de sua relação com Machado de Assis e com a sua produção no final do século XIX.

“O meu maior sonho” e “Decepção e... Machado de Assis” foram os dois capítulos selecionados, nos quais relata a descoberta da data do aniversário de seu “ídolo maior” e a primeira vez em que lhe enviou uma carta.<sup>1132</sup> Antes de atender ao seu pedido, o editor da *Gazeta de Notícias*, Adoasto de Godoy, não deixou de troçá-lo publicamente, chamando-o de “tabelião sagaz” e detentor do cartório “mais concorrido de Juiz de Fora”, onde combinava o “delicioso convívio com as Musas” com o “prático e lucrativo contato com o Deus Mercúrio, que é do Comércio”. A persona do “tabelião-poeta” ou “poeta-tabelião”, como se vê, subsistia

<sup>1130</sup> GRIECO, Agripino. *Evolução da Poesia Brasileira: série de ensaios crítico-biográficos formando um longo estudo homogêneo. Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, n. 12, set. 1932, p. 31.

<sup>1131</sup> Livros a aparecer. *Boletim de Ariel: mensário crítico-bibliográfico*, Rio de Janeiro, ano 2, n. 9, jun. 1933, p. 20.

<sup>1132</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 01/09/1935, p. 12.

à extinção de sua real faceta de tabelião desde que abrisse mão do cartório, definitivamente, no início da década de 1920. E prosseguia com a troça, dizendo que, ao invés de capítulos de livro, B. B. deveria ter enviado à redação “suculentos anúncios” das “formidáveis fábricas” e “próspero comércio “ da “Manchester Mineira”. Ao fim e ao cabo, o editor atendeu à solicitação. Considerando a histórica relação do poeta com a *Gazeta*, declarava que lhe abriria uma exceção.<sup>1133</sup>

Em 1936, B. B. finalmente consegue publicar, pela editora *Ariel*, seu livro de memórias. *Dias Idos e Vividos* se concretizava por intermédio de Renato Americano, o mesmo que editara *Redondilhas*: “[...] o Renato Americano, editor das *Redondilhas*, pede-me que lhe leve os originais de *Dias Idos*. Creio que ele achou um trouxa que o ponha em letra de forma.”<sup>1134</sup>

A obra teve boa recepção na imprensa. No *Jornal do Brasil*, Gastão Penalva a ela se referia como um conjunto de “delicadas reminiscências” e um “pontilhado de lágrimas e risos” assemelhado à “máscara de um palhaço”. Descrevendo o “Trovador de Vargem Grande” como um escritor que se afastava do convívio dos amigos em seu retiro em Juiz Fora, o cronista ainda apontava similaridades entre a trajetória deste e a de Humberto de Campos. Chamava-lhe atenção o fato de ambos nascerem pobres, “forçados a trabalhar como caixeiros de sertão”, educados por mestres-escolas de roça e descosendo as páginas dos livros para ler escondido do patrão atrás do balcão. Porém, salientava que, ao contrário de Humberto Campos, B. B. não alçou voos altos. Não obstante o fato de ser “amigo dos acadêmicos do lado de fora”, assistiu às portas da Academia Brasileira de Letras sendo-lhe fechadas pelo lado de dentro.<sup>1135</sup>

*A Noite*, enquanto isso, caracterizava o livro como “um retrospecto de sua existência, desde a infância remota no ambiente rústico da Reserva, ao lado dos pais, entre a gente simples da redondeza, até aos dias de lutas, de vitórias, de maiores e menores sofrimentos”.<sup>1136</sup>

Heitor Modesto, em *A Federação*, de Porto Alegre, dizia que, em *Dias Idos e Vividos*, Belmiro Braga se preparava para a morte: “Foi por certo a espera já da grande viagem que Belmiro arrumava sua bagagem para a posteridade, entregando ao público seu volume de memórias ‘Tempos [Dias] Idos e Vividos’”. Para o autor dessas linhas, Belmiro “havia tempo

<sup>1133</sup> *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 08/08/1935, p. 3.

<sup>1134</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 21/12/1935. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1135</sup> PENALVA, Gastão. *Dias Idos e Vividos*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21/05/1936, p. 5.

<sup>1136</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 21/05/1936, p. 10.

que aguardava sua passagem e vinha começando a morrer. Só os íntimos sabiam disso, da última vez que nos vimos, ficara-me essa impressão dolorosa.” Ao mesmo tempo, porém, ainda enxergava no público consumidor de sua produção literária uma permanente “empolgação” pela “vivacidade de seu espírito, na sedução de seu verso incomparável, de contador de [casos], de repentista jovial.”<sup>1137</sup>

Mas o fato é que necessário se faz ponderar criticamente a forma como Heitor Modesto caracteriza o “estado de espírito” do autor ao escrever *Dias Idos e Vividos*. Escrevendo a obra em 1934 para o concurso de literatura Machado de Assis e não deixando de verbalizar uma série de frustrações com a vida, em decorrência das inúmeras perdas de amigos de sua geração, do sentimento de poeta ultrapassado, B. B. nem por isso deixou de se revelar ainda ativo e empenhado na publicação desse livro, planejando, inclusive, uma segunda edição, onde pretendia incluir passagens de sua vida que ficaram de fora.

[...] *Dias Idos* que, apesar de escrito *a-la-diabre* para um concurso com prazo marcado, tem sido muito bem recebido. Se tiver 2ª edição, espero retocá-los com alguns capítulos. Senti não incluir nele o que escreveste num jornalzinho de Ouro Preto sobre Montesinas – artigo que tenho nos meus guardados no Rio.<sup>1138</sup>

Mas logo vieram as queixas dos amigos, que lhe solicitavam o livro de graça, em um momento de precária situação financeira pessoal, em que o Departamento de Ensino atrasava seu salário em cinco meses.<sup>1139</sup> Dizia, ainda, que, em São Paulo, a recepção da obra tinha sido mais calorosa: “Agora, é em São Paulo que os meus livros têm mais saída e, enquanto os literatos de B.H. não me enviam os seus livros, os de São Paulo não me esquecem. Só um jornal de B.H. falou em *Dias Idos* e os de São Paulo o receberam muito bem. Santo de casa...”<sup>1140</sup>

No Rio de Janeiro, a obra teria sido mal divulgada por conta de problemas na distribuição dos exemplares pela editora Ariel, a quem chamava de “calhorda” por não enviá-los aos livreiros e não expô-los à venda:

<sup>1137</sup> MODESTO, Heitor. Crônica do Rio – Belmiro Braga. *A Federação*, Porto Alegre, 09/04/1937, p. 3.

<sup>1138</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 09/06/1936. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1139</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 09/06/1936. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1140</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 13/11/1936. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

Quero ver se vou ao Rio este mês, não só pelo atraso dos três meses do Departamento [de Ensino], como pela calhordice da Ariel com relação ao meu livro. Não o manda aos livreiros que o leram e nem o expõe à venda. Já do Rio me escreveram [interrogando] onde o mesmo se encontra. Ficou de me entregar 100 e só me entregou 25 e eu nem a todos os meus irmãos fiz presente dele – que vendi por três réis e compro por 6\$.<sup>1141</sup>

Para ajudar na consagração da obra e na divulgação entre os espaços literários da capital federal, o poeta fizera com que um exemplar chegasse à Academia Brasileira de Letras e fosse apresentado pelo acadêmico Rodrigo Octavio, na sessão de 7 de maio do mesmo ano: “Encarreguei ao Rodrigo Octavio de entregar um à Academia em meu nome, pois além de referir-me muito a Machado, seu fundador, o Rodrigo Octavio publicou *Coração Aberto*, que tem muitos capítulos semelhantes aos do meu livro”.<sup>1142</sup> O “imortal” da ABL, declarando ter sido escolhido pelo próprio Belmiro Braga para essa incumbência, proferiu um discurso no qual se refere ao Belmiro como “fino poeta a que todos tanto querem nesta casa”. Ainda declarava que o título da obra fora inspirado no soneto que Machado de Assis dedicara à esposa, Carolina, enfatizando a veneração e o entusiasmo com que o mineiro se referia nas páginas de seu livro ao primeiro presidente daquela casa.<sup>1143</sup>

A monumentalização da figura do “Bruxo do Cosme Velho” nesse livro fez parte do seu projeto de “teatralização” e “enquadramento” das “memórias de si”. Além de ter permanecido aparentemente incólume ao longo do tempo, essa monumentalização possui camadas que devem ser consideradas. Conforme destacamos no Capítulo 1, é preciso atentarmos para os esforços de invenção de tradição presentes nesse “enquadramento de memórias” do poeta. Vale lembrar que, no afã de criar um “mito fundador” para a sua própria carreira literária, o sexagenário poeta levou às últimas consequências o projeto de perpetuação do primeiro reconhecimento de sua vocação para as letras na juventude, associando-a àquele que era o ídolo de grande parte da mocidade literária.

Essa busca irrefreada, como já sabemos, levou-o a ficcionalizar parte dessas memórias epistolográficas, transformando um texto que Machado de Assis publicara em 1876 sobre a obra do poeta F. Quirino dos Santos, na revista *Ilustração Brasileira*, em conteúdo de uma

<sup>1141</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 13/11/1936. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1142</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, [Juiz de Fora], 10/05/1936. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1143</sup> Academia Brasileira de Letras. *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 09/05/1936, p. 3.

carta para si mesmo.<sup>1144</sup> Sobre esse episódio relatado no Capítulo 1, trazemos, agora, um dado importante dos bastidores da construção do livro, extraído das cartas trocadas com Antônio Sales. Em 1934, ao declarar ao amigo cearense que precisava incluir no livro a primeira missiva que recebeu do Machado de Assis, confessava que esta se encontrava emprestada ao amigo Mario Casassanta, que não a devolvia:

Acabei o meu livro – *Dias Idos e Vividos*, em vez de *História da minha vida*. Mas preciso incluir nele a primeira carta que recebi do Machado de Assis e esta está com o Mario Casassanta e este, apesar de escrever-lhe três cartas, pedindo-a e de ter encarregado a um amigo em Belo Horizonte de m'a conseguir, nada tenho obtido! É o caminho do pouco caso!<sup>1145</sup>

Tal informação nos permite inferir que o forjamento da carta teria sido feito para suprir a ausência da original. Soma-se a essa afirmação o confesso arrependimento de declarar no livro informações que não deveriam ser publicizadas: “Mande para o concurso o *Dias Idos e Vividos* e, depois que o mandei, me arrependi. A coisa foi feita às pressas e nela pus coisa que não devia por, e ora deixei de por outras, para melhor se ajustarem os assuntos do livro. Enfim, seja o que for; não posso mais voltar atrás.”<sup>1146</sup>

Diante de tudo isso, não há como deixar de reconhecer o esforço do poeta de preencher as lacunas de sua história de vida por meio da ficcionalização da realidade, característica tão cara ao gênero memorialístico. Tal como Bentinho e Brás Cubas – para quem “cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes”<sup>1147</sup> –, B. B. é o narrador-personagem de sua própria história, mesclando a ironia com doses de “casmurice” da idade e com o esforço de persuadir o leitor de que é um sincero acima de qualquer suspeita.

Não se pode desmerecer, portanto, o caráter literário dessa obra, a começar pela escolha do pseudônimo, *Dom Casmurro*, o famoso, astuto e pouco confiável narrador machadiano. Também não podemos deixar de questionar o que teria levado Belmiro Braga a apostar num livro de narrativas que deixa de fora os “pontos culminantes” de sua vida de sucesso, referentes às décadas de 1910 e 1920. Segundo *O Malho*, B. B. optou por narrar a primeira metade de sua vida em “prosa amena, cheia de singeleza e de poesia”, como “um

<sup>1144</sup> SOUSA, J. Galante. Crítica e mistificação. In: *Letras e Artes – Suplemento de A Manhã*, Rio de Janeiro, 03/05/1953, p. 4.

<sup>1145</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 30/09/1934. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1146</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 18/11/1934. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1147</sup> ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Scipione, s.d. p. 45.

caderno de recordações escrito com muita ternura por um poeta que não faz poesias somente em versos”.<sup>1148</sup>

O fato é que o recorte temporal escolhido acabou por conferir destaque à sua origem social rudimentar e precária nas roças do interior mineiro. A escrita do livro traduz esse esforço de imprimir, materializar e perpetuar nas páginas da história sentimentos, emoções e experiências que foram partes constitutivas de sua vida:

Nestas páginas [...] escritas para os meus dois netos e quase que falando só de Mamã e de Papai, andou-me o coração a prender o passado, que dois túmulos encerram, ao futuro, que dois anjos representam; e por entre as sombras de uma noite que se foi e os clarões de uma alvorada que desponta, continuo a caminhar, de coração partido: - À vida – um sorriso de esperança; à morte – uma lágrima de saudade...<sup>1149</sup>

Ao fazê-lo, é possível que tenha buscado alguma inspiração nos romances regionalistas tão em voga na década de 1930, a exemplo de Monteiro Lobato e da jovem romancista Rachel de Queirós. A segunda hipótese, bastante plausível por sinal, é a de que a escolha do recorte tenha sido com o objetivo de enfatizar e privilegiar as “raízes” da persona com que se projetou no universo literário e que acabou se consolidando ao longo do tempo: a de poeta de alma “simples”, “singela”, “natural”, “espontânea”, “genuína” e “sincera”.

### 7.2.3 *Soda Cáustica*

Em 1936, Belmiro Braga deu início à composição de um conjunto de poemas e trovas cujo teor se mostrava bem diferente do perfil de tudo o que havia publicado ao longo da vida. Sua intenção inicial era publicar esse pequeno volume, mas não chegou a fazê-lo. O motivo – como já sugeria o título – eram as críticas ácidas e ofensivas dirigidas a diversas autoridades e personalidades da época, que faziam parte de seu círculo de sociabilidade. Após comentar com Antônio Sales a respeito desse trabalho, foi aconselhado a não publicizá-lo: “Tenho um livro – *Soda Cáustica* – onde estou anotando, em versos, os figuras desses canalhas da minha terra. [...] Fizeste bem em não deixar publicar as tais quadrinhas. Simples brincadeira e que

<sup>1148</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 18/06/1936, p. 31.

<sup>1149</sup> BRAGA, op. cit., p. 240.



ficará entre uns três ou quatro amigos. Sou o primeiro a reconhecer que alguns são injustos”.<sup>1150</sup>

Interditado por sua família durante muitos anos após a sua morte, o manuscrito se dirige à Academia Brasileira de Letras e a vários contemporâneos que nela ingressaram:

A entrada na Academia  
Deixa ver pelos portais  
Que de dia para dia,  
Se abaixa e se estreita mais.

Hoje, aí, no ilustre Centro,  
Uma medida vigora:  
- Que ao tamanho dos de dentro  
Seja igual o dos de fora.

Candidato que possua  
Alguns centímetros mais,  
Fica na porta da rua,  
Não lhe transpõe os umbrais.

Pois abrigo de paredros  
- quem o não for que se queixe!  
Ela na cova dos cedros  
Planta muda mudas de assa-peixe!

O teor de sua crítica incide basicamente sobre a política dos pares, a linhagem familiar, a ausência do mérito literário como critério de admissão dos membros. Gustavo Barroso não podia faltar nessa lista. Além de “imortal” da ABL, fundador do Museu Histórico Nacional e uma das lideranças do movimento integralista, Barroso foi chamado de “medalhão”, termo que B. B. parece ter extraído do conto “Teoria do medalhão”, de seu “imortal” intocável, Machado de Assis:

Lembra Gustavo uma gralha  
sob as penas de um pavão  
a quem vê tanta medalha  
enfeitando... um medalhão.

Em *Soda Cáustica*, Belmiro também critica incisivamente o escritor Paulo Setúbal, advogado, jornalista, ensaísta, poeta e romancista, que nasceu em Tatuí (SP) em 1893 e ocupou a cadeira 31 da Academia Brasileira de Letras em 1934. A partir da década de 1920, tornou-se conhecido como “o escritor mais lido do país” no gênero romance histórico. Em

---

<sup>1150</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 11/02/1937. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

1925, publicou *Marquesa dos Santos*, o primeiro livro famoso do gênero, escrito sob encomenda da Companhia Editora Nacional, no qual explora a relação amorosa de D. Pedro I com a sua mais famosa amante, a Marquesa de Santos.<sup>1151</sup> B. B. acusa o autor do livro de ser eleito a uma vaga na ABL por conta de um *best-seller* que, além de ter sido escrito sob encomenda, abordava a vida de uma mulher dotada de “má fama” na história do Brasil, ou, em outras palavras, “catando pulgas” no “leito de uma velha sem vergonha”:

O Paulo se viu eleito  
Catando, em prosa enfadonha,  
As pulgas gordas do leito  
De uma velha<sup>1152</sup> sem vergonha

Não menos “cáustica” e “chula” foi a crítica dirigida aos jornalistas de Juiz de Fora, a quem chama de “patifes”:

Patifes! Já deram cabo  
Dos nossos pobres jornais:  
- Nem para limpara a... boca  
Nenhum deles serve mais.

Grosseira também foi a forma como se referiu ao então deputado João Penido, valendo-se do “jogo” de sentidos atribuídos ao seu sobrenome, por meio da subtração e/ou substituição de letras:

Penido, nome solene,  
Mas encrencado, porque  
Cheira mal se perde o n,  
Ou se troca o d por c.  
Caçador, Penido evita  
Dar cabo dos urubus;  
Só caça onde abunda a pita  
Convencido que há jacus.

Caracterizado como político sujo e mal-cheiroso, envolvido com as coisas mais podres da política, Penido foi associado aos urubus e às palavras consideradas vulgares ou grotescas, como “peido” e “penico”.<sup>1153</sup> Um perfeito exemplo do que Mikhail Bakhtin, em suas análises

---

<sup>1151</sup> GOMES, Ângela de Castro. A Marquesa de Santos: história, memória e ficção histórica no Brasil da primeira metade do século XX. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 45, n. 3, set.-dez. 2019, p. 90-103. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/34424>. Acesso em: 29/09/24.

<sup>1152</sup> Belmiro Braga coloca em rodapé a seguinte informação: “Marquesa de Santos”.

<sup>1153</sup> Nas eleições de 1918, Belmiro comemorara a derrota de Penido na disputa com Valladares pelo cargo de deputado: “O Valladares derrotou o Penido e eu estimei muito haver contribuído com o que pude para essa vitória. Como políticos, um vale o outro”. Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales,

sobre a cultura cômica popular do contexto de François Rabelais, chama de “baixo corporal”, que consiste na desmonumentalização ou “humilhação” do destinatário através de um repertório vocabular que se pauta nas partes íntimas do corpo, como o ânus e as genitais, e nas necessidades fisiológicas, como recurso “degradante”, que reconduz o indivíduo ao mais elementar estado de natureza.<sup>1154</sup>

A expressão “só caça onde abunda apita” é uma possível alusão ao então governador de Minas Gerais, Benedito Valladares Ribeiro<sup>1155</sup>, cuja imagem estava associada ao getulismo. Conhecido por supostas gafes cometidas em seus discursos, por meio da troca de letras ou da combinação de palavras geradoras de cacofonia, Valladares acabou ocupando um lugar especial no folclore político mineiro. A pitoresca expressão “abunda a pita” parece aludir a uma dessas famosas cacofonias que teriam sido cometidas por ele.<sup>1156</sup>

Apesar de nunca ter se declarado anti-getulista, Belmiro não poupou o presidente gaúcho dos efeitos corrosivos de sua “soda cáustica”:

Coloquem na presidência  
Outro gaúcho e verão:  
- O Brasil abre falência  
e é preso como ladrão.

---

[Rio de Janeiro], 25/03/1918. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1154</sup> BAKHTIN, Mikhail. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi. 3. ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993. p. 24-25.

<sup>1155</sup> Benedito Valladares Ribeiro (1892-1973) era mineiro e ascendeu na política a partir do apoio e da confiança conquistada junto a Getúlio Vargas. Em 1930, apoiou a candidatura deste pela Aliança Liberal. Em 1932, atuou no combate à oposição paulista. Em 1933, foi eleito deputado federal. Com a morte de Olegário Maciel em 1933, Getúlio Vargas o nomeou interventor do Governo Provisório em Minas. Com a promulgação da nova Constituição em 1934, figurou na lista dos governadores mais fortes dos estados da federação, participando das articulações golpistas que levaram à implantação do Estado Novo e permanecendo no cargo até 1945. Fonte: PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 1930: as incertezas do regime...*, p. 33.

<sup>1156</sup> Apesar de não serem fontes idôneas, diversas páginas na *internet* atribuem a expressão “abunda a pita” a Benedito Valladares, supostamente cometida por ele em um de seus discursos políticos: “A pita, ou piteira, para que não conhece, é uma grande erva rosulada aproveitada para extração de fibras. Um famoso governador de Minas Gerais, Benedito Valadares, resolveu certa vez mencionar tal vegetal para engrandecer o seu discurso diante do povo, citando com autoridade: - Minas, essa terra feliz onde a pita abunda... Aí um assessor do candidato cutucou-o e cochichou: ‘Governador, ‘a pita abunda’ é cacófato!’ Percebendo a sua gafe, ele resolveu mudar o discurso: - Minas, essa terra feliz onde abunda a pita! E assim Valadares entrou para história.” (Fontes: <https://ideiasembalsamadas.blogspot.com/2011/07/cacofatos.html>; <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/2283806>; <https://www.cassilandianoticias.com.br/geral/lingua-portuguesa-inculta-e-bela!-9-05-2013>).

Sobre o turbulento período 1930-1937, ainda ironizava:

Rio Grande – 1930-1937  
Depois da revolução,  
aqui não há mais ladrão.

Lá se foi a nossa escória:  
- assassinos e [secários],  
Todos cobertos de glória<sup>1157</sup>

E todos com seu fuzil  
Operar em pontos vários  
Do desgraçado Brasil.

Antônio Carlos Ribeiro de Andrada também não ficou de fora das corrosivas críticas do “meigo” poeta. Belmiro tratou sua saída da política como um “bater de botas”, uma espécie de morte política:

O velho Antônio Carlos bate a bota  
E não deixa um resquício de saudade  
No coração de ninguém

Tudo o que tem alcançado  
É pela a astúcia e a má fé;  
Vivendo sempre agachado,  
Ninguém nunca o viu de pé.

O Antônio Carlos, que receia a luta,  
Que no rosto não tem barba, nem sangue,  
Se nascesse mulher seria... moça  
Mais ordinária do Canal do Manguê...<sup>1158</sup>

Como se vê, trata-se de uma representação de Antônio Carlos bem diferente daquela de quando este fora eleito presidente de MG, em 1926, ocasião em que o poeta, apesar de dizer que nem sempre esteve ao seu lado, dirigiu-lhe palavras de enaltecimento, como proprietário de um “nome honrado”, “eloquente”, de “valor” e de “mãos limpas”. Em *Soda Cáustica*, a faceta ácida e corrosiva do humor belmiriano se sobrepôs à faceta de “poeta comemorativo” e praticante de um “humor saudável”, com que se tornou conhecido ao longo de toda a sua carreira literária. O poeta destoava, portanto, da avaliação que Figueiredo Silva e tantos outros críticos faziam, quase unanimemente, de sua produção, qual seja: a de poeta

<sup>1157</sup> Será que Belmiro Braga está aqui repudiando a anistia dada por Getúlio Vargas aos tenentes rebeldes presos na década de 1920, que foram, inclusive, agraciados com cargo no governo?

<sup>1158</sup> BRAGA, Belmiro. *Soda Cáustica* [manuscrito]. 1936/1937. Acervo particular de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga (Juiz de Fora – MG).

“predestinado à suprema conquista do bem”, por “não expressar de maneira espalhafatosa suas revoltas quanto aos meios de sua existência”.<sup>1159</sup>

### 7.3 31 de março de 1937: o último ressoar da lira?

Não obstante os problemas de saúde que o acometeram, Belmiro Braga ainda apresentava uma vida artístico-literária relativamente ativa. Em 9 de junho de 1936, visitou novamente o Museu Mariano Procópio.<sup>1160</sup> Coincidência ou não, nesse mesmo ano, Alfredo Ferreira Lage, fundador do Museu, doou a instituição e todo seu acervo ao município de Juiz de Fora, acontecimento que Belmiro Braga não deixou escapar de suas rimas, dedicando ao doador um poema.<sup>1161</sup> Direcionado a um público específico, as “crianças de Juiz de Fora”, o poema não surpreende pelo teor celebrativo que encerra, praticado ao longo de toda a carreira.

*O Malho* divulgou a sua participação numa excursão de poetas para o Rio da Prata.<sup>1162</sup> Ademais, figurou como um dos vários escritores inscritos no “Concurso do Naufrágio”, concurso literário no qual os leitores eram convidados a escolher os três poetas que gostariam de salvar de um naufrágio fictício.<sup>1163</sup> O referido concurso objetivava provar aos refratários à poesia e aos que professavam a crise do referido gênero<sup>1164</sup> – num contexto de ampla difusão dos romances –, que ela (a poesia) ainda fazia sucesso entre os brasileiros.<sup>1165</sup>

Essa mobilização de *O Malho* é bastante compreensível, se considerarmos que a década de 1930 é considerada o período de grande expansão dos romances, contrariando a lógica imperante nos anos 1920, em que a poesia era vista pela maioria dos escritores como “gênero social e intelectualmente mais rentável”. Uma expansão que, segundo Miceli, seria tributária do “processo de substituição de importações” no setor de produção de bens culturais, especialmente o setor editorial brasileiro, que passou a ser alvo de interesses de uma

<sup>1159</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 04/08/1934, p. 21.

<sup>1160</sup> Livro de visitantes do Museu Mariano Procópio de 1936 – Arquivo Institucional do Museu Mariano Procópio. Fundação Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora (MG).

<sup>1161</sup> Poema transcrito de um recorte de jornal depositado na “Coleção Belmiro Braga”, que integra o acervo pessoal de Dormevilly Nóbrega, hoje sob a guarda da CECOM/UFJF. No referido recorte, não constam as referências da publicação, como título do periódico e data.

<sup>1162</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 23/04/1936, p. 22.

<sup>1163</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 11/06/1936, p. 19.

<sup>1164</sup> A título de exemplo, pode ser citado aqui o artigo publicado na *Revista da Semana*, em 1924, por ocasião da segunda edição do concurso “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, em que o autor dizia que “a nossa juventude já não tem o fanatismo da musa, nem se deixa levar pela sereia das rimas, porque pratica o desporto e cuida da cultura física.” (Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 07/06/1924, p. 28)

<sup>1165</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 30/07/1936, p. 21.

fatia do empresariado. Um dos sintomas dessa mudança podia ser sentido na diminuição de obras financiadas pelos próprios autores. Conseqüentemente, ampliava-se o número de romancistas no país, que compunham grupos de escritores profissionais.<sup>1166</sup>

Oscilando entre os dez primeiros colocados durante a apuração do “Concurso do Naufrágio”, Belmiro Braga chegou à final na 11ª colocação. Os três primeiros lugares foram ocupados por Olegário Mariano (1), Cassiano Ricardo (2), Leão de Vasconcellos (3), seguidos de Menotti del Picchia (4), Ademar Tavares (5), Guilherme de Almeida (6), Paulo Setúbal (7), Attilio Milano (8), Alberto de Oliveira (9)<sup>1167</sup> e Paulo Gustavo (10). Segundo os editores da revista *O Malho*, as mulheres foram as que mais se interessaram pelo desenvolvimento e desfecho do concurso. Aos não classificados, a revista ponderou: “[...] Os outros poetas não têm, aliás, do que lamentar, porque os índices de votação foram elevadíssimos, revelando um extraordinário entusiasmo do nosso público pelas grandes figuras literárias da nossa terra”.<sup>1168</sup>

Belmiro Braga ainda participou, entre janeiro e março de 1937, do 3º Concurso *Príncipe dos Poetas Brasileiros*, organizado pela *Fon-Fon*, com o objetivo de eleger um sucessor para Alberto de Oliveira, falecido em 19 de janeiro do mesmo ano. Surpreendentemente, Belmiro Braga e Martins Fontes faleceram antes da conclusão do pleito: Belmiro, em 31 de março; e Fontes, em 25 de junho. A coincidência das duas mortes, temporalmente tão próximas e ocorridas durante a realização do concurso, levou a *Fon-Fon* a publicar uma matéria.<sup>1169</sup>

Em 31 de março de 1937, às seis horas da manhã de uma quarta-feira, falecia o “trovador de Vargem Grande” em Juiz de Fora, vítima de um colapso cardíaco, aos 67 anos de idade. O memorialista Dormevilly Nóbrega nos lembra, de forma prosaica, que o poeta “faleceu entre o último dia de março e o brincalhão primeiro de abril”, o tradicional “Dia da Mentira”.<sup>1170</sup> Uma mera coincidência que nos leva a aludir à trajetória de um humorista que não deixou nem a própria morte escapar de seu repertório cômico.

---

<sup>1166</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil...*, p. 72; 79; 85 e 92.

<sup>1167</sup> Ao contrário dos concursos “Príncipe dos Poetas Brasileiros” e “Maior dos brasileiros vivos”, organizados pela revista carioca *Fon-Fon*, em 1924 e 1925, respectivamente, em que Alberto de Oliveira se classificou em 1º lugar, no “Concurso do Naufrágio”, o poeta não conseguiu garantir nem uma posição entre os dez primeiros lugares.

<sup>1168</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 27/08/1936, p. 25-26.

<sup>1169</sup> *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 10/04/1937, p. 27; *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 03/07/1937, p. 27.

<sup>1170</sup> NÓBREGA, Dormevilly. *Sátiras de Belmiro Braga*. Juiz de Fora: Edição Especial Cem Exemplares Mimeografados, 1958. p. 42. Acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

O poeta, que tanto falava da velhice, da idade, da saudade dos tempos de outrora e comparava a vida a uma “casa de aluguel com contrato até aos 50 anos”<sup>1171</sup>, nunca se furtou de falar da própria morte. No poema “Última Vontade”, publicado em *Contas do meu Rosário*, em 1918, já alertara, ironicamente, que dispensava funeral com pompas e circunstâncias:

Morto, não quero o bimbalar dos sinos,  
enchendo de amargura o espaço imenso,  
nem esses tristes, merencórios hinos  
da charanga do bairro a que pertença.

Cante-me o padre alguns textos latinos,  
por entre nuvens de cheiroso incenso,  
mas, desde já, previno: - pequeninos,  
que os textos grandes, com prazer, dispenso...

No cemitério, nada de discursos:  
acautelem-se ali dessa estopada  
os bons amigos dos amigos ursos;

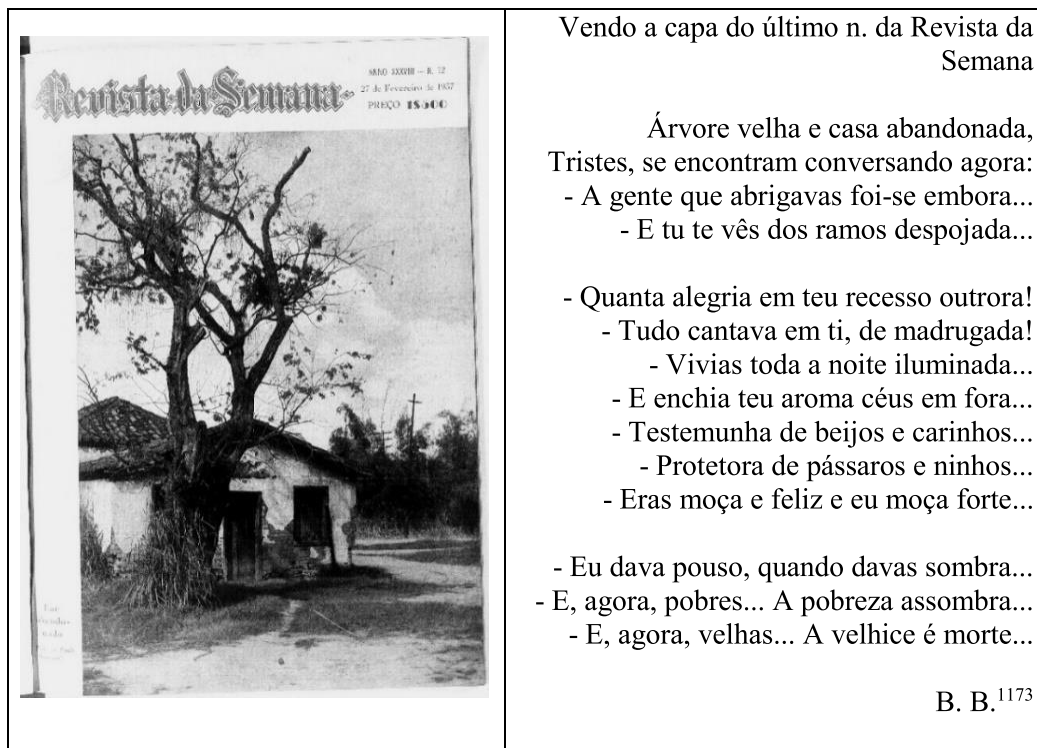
Pois, em casa, o orador à sobremesa,  
dirá, pensando em mim: - Não somos nada!  
Lá se foi o Belmiro!... que limpeza!...<sup>1172</sup>

Mas, como sabemos que não só de ironia e humor vivia o poeta, perguntamo-nos sobre qual teria sido o último poema escrito por ele. Curiosamente, em 10 de abril de 1937, a *Revista da Semana* trazia a público os últimos versos de sua lavra. Datado de 28 de fevereiro de 1937, o soneto fora endereçado à redação da revista pelo próprio poeta, em carta na qual confessa que sua inspiração teria sido a capa da edição de 27 de fevereiro de 1937, que trazia estampada uma fotografia de Paulo Heymann retratando um melancólico e lírico cenário composto por uma casa abandonada e uma árvore antiga. A imagem dialogava diretamente com o repertório de metáforas pelo qual o poeta mineiro demonstrava profunda predileção ao escrever sobre a finitude da vida – basta relembrarmos, por exemplo, do poema “Ninho em ruínas”, mencionado no Capítulo 1.

<sup>1171</sup> Carta de Belmiro Braga para Antônio Sales, Juiz de Fora, 05/03/1926. Arquivo Pessoal de Antônio Sales – Fundação Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro (RJ).

<sup>1172</sup> BRAGA, Belmiro. Última vontade. In: \_\_\_\_\_. *Contas do meu rosário*. Rio de Janeiro: Edições da Companhia de Seguros de Vida “Cruzeiro do Sul”, 1918. p. 135. A primeira versão desse soneto foi publicada na imprensa periódica em 1909: BRAGA, Belmiro. Último desejo. *Careta*, Rio de Janeiro, 11/12/1909, p. 20.

Figura 39 – Capa da *Revista da Semana*, de 27/02/1937, que inspirou o poeta Belmiro Braga a escrever o soneto abaixo, enviado à redação da revista, em 28/02/1937. Este soneto foi citado por Affonso de Carvalho em 10/04/1937, na homenagem póstuma dedicada a B. B.



Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 27/02/1937, capa.

No jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, a primeira página trazia estampada a manchete “Desaparece um dos poetas mais populares do Brasil”. O texto jornalístico, relativamente longo, destacava a popularidade do escritor e a facilidade com que sua produção literária era acessada pelas camadas populares. E trazia, ainda, os seguintes adjetivos: “era essencialmente um lírico”, “brilhante”, “popular”, “sensibilidade apurada”, “Campoamor mineiro”, “lírico exímio”, “humorista de primeira água”.

Vale observar que o autor do texto divide a obra de Belmiro entre um “lirismo exímio”, “suave” e “singelo” e um “humorismo de primeira água”, sendo apontado nesse gênero como “notável improvisador”: “A mesma habilidade e a mesma inspiração espontânea que o assistiam na composição de poematos emotivos, de requintada delicadeza, caracterizavam-no ao lançar uma ideia maliciosa, irônica ou simplesmente de intenção alegre.”<sup>1174</sup>

<sup>1173</sup> BRAGA, Belmiro. Vendo a capa do último n. da Revista da Semana *apud* CARVALHO, Affonso de. Belmiro Braga. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10/04/1937, p. 22.

<sup>1174</sup> Desaparece um dos poetas mais populares do Brasil. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01/04/1937, p. 2.



O artigo ainda tece um comentário sobre seu último livro: “[..] *Dias Idos e Vividos*, onde fixa suas memórias, é um modelo de simplicidade e sentimento – e assinala de par com o poeta, um prosador límpido, agradável, com um dom singular de transmitir suas próprias emoções”. E encerra a homenagem com o seguinte discurso de exaltação: “Belmiro Braga deixa nos meios sociais e literários brasileiros viva lembrança e seu nome será perene entre os expoentes da literatura nacional”.<sup>1175</sup> A missa de sétimo dia foi realizada no dia 7 de abril de 1937, na igreja de São Francisco de Paula, em Juiz de Fora. No dia seguinte, na mesma igreja, a empresa em que trabalhava, a companhia de seguros de vida *São Paulo*, mandou também celebrar outra missa de sétimo dia para seu “saudosos colaborador e devotado amigo”.<sup>1176</sup>

Em 3 de abril, a Câmara dos Deputados aprovou voto de pesar pelo falecimento do escritor.<sup>1177</sup> A Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, inaugurou um busto na galeria dos sócios falecidos para homenageá-lo.<sup>1178</sup> Em Juiz de Fora, *O Lynce* estampava na capa seu retrato com a seguinte manchete: “O poeta juizforano que deixou em todo o Brasil uma lacuna impreenchível”.<sup>1179</sup>

Em *A Federação*, de Porto Alegre (RS), Heitor Modesto reiterava o epíteto de “o poeta mais popular de Minas” e detentor de uma “obra poética vastamente conhecida em todo o país”. Não deixou de rememorar, ainda, o primeiro encontro do mineiro com Antônio Sales e o papel que este exerceu na projeção e “popularidade” de seu nome em âmbito nacional. Também dizia que Belmiro “nascera poeta, lírico e repentista e vivia iniciado, desde a juventude, na sua imaginação cheia de verve e de inspiração suave, no encantamento pela beleza da vida”. Por fim, destacava que seu repertório humorístico ainda daria vários volumes, se não tivesse sido “desperdiçado em palestras, em retalhos de cartas, em bilhetes sobre a perna”.<sup>1180</sup>

Na *Revista da Semana*, Affonso de Carvalho o qualificava como “primoroso técnico da lírica popular, conhecedor de todos os segredos da quadra, como expressão característica da nossa poesia” e como um “poeta de fino sentimento e invulgar espontaneidade”. Ainda

---

<sup>1175</sup> Desaparece um dos poetas mais populares do Brasil. *A Noite*, Rio de Janeiro, 01/04/1937, p. 2.

<sup>1176</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 07/04/1937.

<sup>1177</sup> *Diário de Pernambuco*, Recife, 03/04/1937, p. 2.

<sup>1178</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 12/05/1937, p. 2.

<sup>1179</sup> Belmiro Braga. *O Lynce*, Juiz de Fora, ano 26, n. 996, 22/04/1937, p. 2.

<sup>1180</sup> MODESTO, Heitor. Belmiro Braga – Crônica do Rio. *A Federação*, Porto Alegre (RS), 09/04/1937, p. 3.

destaca que o poeta era altamente requisitado por pessoas simples do povo, que lhe pediam para compor versos sob encomenda, de acordo com o “gosto do freguês”.<sup>1181</sup>

O velho amigo Gastão Penalva dizia estar certo de que Belmiro Braga “levou na bagagem de impressões deste mundo” a amizade de ambos. Rememorava, ainda, a sua última carta, toda vasada, segundo ele, “em gratidão pelo que eu disse do seu livro de memórias, chave de ouro de lei com que o poeta encerrou o seu ciclo terreal de arte e perfeição”. Penalva, que, no ano anterior, havia qualificado *Dias Idos e Vividos* como um “pontilhado de lágrimas e risos”, acrescentava-lhe outros predicados, como o de um livro de “grande sentimento e profunda filosofia”, no qual Belmiro se transformou em “ator dramático do próprio drama” e autor da própria caricatura.

Puxando pela memória a cena do amigo autografando versos nos leques das mulheres de uma fábrica de tecidos de Bangu e atendendo ao desafio de produzir quarenta trovas em quinze minutos, salientava sua forma espontânea de versejar: “não havia quem rimasse com tanta espontaneidade”; “acreditava que fazer poesia era o mesmo que respirar e viver no seio da natureza”. Por fim, declarava que, na comédia, o amigo mineiro praticava um “riso gozado pelo espírito”, que, “rindo mais de si do que dos outros”, não expunha ninguém ao ridículo.<sup>1182</sup>

De fato, o “Trovador de Vargem Grande” partiu sem expor seus “alvos” ao ridículo publicamente, gozando da imagem de praticante de um humor considerado “benévolo” e “saudável”. Assim, morria preservando a persona literária que fez questão de cultivar ao longo de toda a sua carreira. O “conselho” do amigo cearense, que lhe impediu de publicar *Soda Cáustica*, parece ter contribuído para tanto, apesar de, ao longo do tempo, o conhecimento da existência desse livro fechado a sete chaves ter ampliado a curiosidade dos públicos. Não é fortuito que, em 1972, Geralda Armond, então diretora do Museu Mariano Procópio, ao promover uma exposição sobre o centenário do poeta, não tenha deixado de mencioná-lo no prospecto do evento: “Admirado pela crítica como pessoa humana [...], deixou um livro que não foi editado devido aos cuidados de seus familiares ‘em não querer ofender pessoas ainda vivas’”.<sup>1183</sup>

\*\*\*

<sup>1181</sup> CARVALHO, Affonso de. Belmiro Braga. In: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 10/04/1937, p. 22.

<sup>1182</sup> PENALVA, Gastão. O Trovador de Vargem Grande. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 14/04/1937, p. 5.

<sup>1183</sup> Panfleto da *Exposição Comemorativa do Centenário de Belmiro Braga – 1972*. Arquivo Histórico da Fundação Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

Sem que o soubesse, é claro, Belmiro Braga viveu os últimos sete anos de sua vida imerso numa década completamente envolvida em instabilidades políticas que afetaram diretamente a sua vida profissional e literária. Esforçou-se para reaver seu cargo de inspetor federal de ensino em meio às turbulências políticas da Revolução de 1930 e à crise econômica. Tão logo reavendo o cargo, conseguiu reeditar *Tarde Florida* (1933) por uma editora de renome nacional e publicar *Redondilhas* (1934) e *Dias Idos e Vividos* (1936).

Apesar das fases de “jejum” literário pelas quais a sua carreira passou, Belmiro Braga foi um escritor que se manteve famoso nacionalmente, lido e com uma produção circulante ao longo dos 37 primeiros anos do século XX. Apesar de sua persona de poeta de alma “doce”, “ingênua”, “espontânea”, “natural”, “sincera” e “saudável”, construída e cristalizada ao longo de todo esse tempo, os últimos anos de sua vida ficaram marcados pelo adensamento das desilusões e frustrações com a República e com as novas gerações literárias – sobretudo as que se intitulavam “modernistas”. A partir desse momento, o poeta, que tanto se afeiçoava às autoironias, assumiu mais um rótulo para a sua persona, qual seja: o de “passadista”. Talvez por inspiração do “velho” padre Correia de Almeida, que tanto se fez presente em sua formação literária, na virada do século XIX para o XX.

Chamamos atenção para a forma nada fortuita com que o poeta selecionou, encadeou e narrou suas próprias memórias nos anos derradeiros de sua vida. Em *Dias Idos e Vividos*, a escolha de narrar apenas a primeira metade de sua vida nos parece coerente com uma deliberada ênfase em sua origem rural e num suposto essencialismo regionalista ratificador da persona literária que construiu e cultivou ao longo de toda a sua carreira, como poeta de alma “simples”, “natural”, “ingênua”, “espontânea” e “sincera”, conhecido por versejar sobre tudo e todos com a mesma naturalidade do “aroma penetrante dos frutos silvestres”.<sup>1184</sup> Tal escolha nos parece tributária da necessidade de preservar a “pureza” interiorana que lhe atribuíam nos versos e que foi por ele endossada, através de um lirismo dito “genuíno”, combinado com um humor dito “saudável”, que ainda parecia despertar o interesse de parcelas significativas dos públicos.

Antes de ofertar aos leitores informações acerca das três primeiras décadas de sua existência, *Dias Idos e Vividos* nos fala sobre o contexto em que ele foi escrito. Trata-se de lembranças de uma vida pelo retrovisor de um homem sexagenário, que as costurou com linhas líricas, melancólicas e humorísticas, mas sem deixar de escapar nas entrelinhas as frustrações, mágoas e rancores com o rumo da política e das letras no país, especialmente com

---

<sup>1184</sup> *O Malho*, Rio de Janeiro, 19/12/1925, p. 28.

o sentimento de “alijado” e “passadista” imputado por algumas alas do movimento modernista. Sem deixar de analisar as camadas constitutivas dessa memorialística do poeta, procuramos escapar dos biografismos ingênuos que se apropriam passivamente desse gênero textual.

Logicamente, é perceptível que os desabafos mais explícitos de seus rancores se davam no âmbito de sua correspondência privada com o “padrinho literário” Antônio Sales, que continuou sendo seu maior conselheiro até março de 1937. As mais de 200 cartas de Belmiro para Sales nos “falam” muitas coisas. Não só por elas configurarem espaços em que se revelam e/ou desvelam partes de suas sociabilidades intelectuais, redes de interlocução, afetos/ desafetos, valores, ideologias, idiossincrasias, leituras, ideias sobre linguagens e estéticas, mas também por possibilitarem o acesso às sugestões de modificações textuais e de título ou, simplesmente, o aconselhamento desfavorável a determinadas publicações. Apesar de, na história, não fazer muito sentido o uso do “se”, é curioso questionar se a persona ou a imagem do poeta continuaria a mesma, caso a interferência de Sales não tivesse impedido *Soda Cáustica* de vir a público.

Muito melhor seria, é claro, se também tivéssemos conseguido recuperar as “falas” do cearense nesse diálogo, o que não foi possível, por conta da dispersão do acervo belmiriano, que teria levado ao desaparecimento das missivas de seu amigo. No entanto, valendo-nos do “método indiciário”<sup>1185</sup>, conseguimos perscrutar nas entrelinhas do texto, por meio de leituras em contrapelo, de inferências de vestígios e informações residuais, alguns elementos desse “pacto epistolar”, sem deixar de efetuar, sempre que possível, o cruzamento com fontes de outra natureza.<sup>1186</sup>

---

<sup>1185</sup> GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário...*, p. 143-179.

<sup>1186</sup> Além do “método indiciário”, de Ginzburg, também utilizamos como referência para análise de cartas o seguinte livro: RODRIGUES, Leandro Garcia. *Cartas que falam: ensaios sobre epistolografia*. Belo Horizonte: Relicário, 2023. 458 p.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de 1937, após o seu falecimento, Belmiro Braga passou por um processo de esquecimento. Tal constatação é irrefutável. Porém, discordamos do jornalista e memorialista Dormevilly Nóbrega, que chegou a dizer que esse foi um processo “brusco” e repentino.<sup>1187</sup> Tanto não o foi que é possível encontrar homenagens prestadas ao literato ao longo das décadas de 1940, 1950, 1960 e 1970. O mais correto, portanto, seria compreender esse processo como gradual.

Podemos dividir a repercussão de sua morte em dois momentos: primeiramente, nos dias e meses que sucederam o seu falecimento, em que se observa o “frenesi” da notícia circulando nos jornais e revistas regionais e nacionais, bem como as homenagens da Associação Brasileira de Imprensa e do próprio Orfeão Artístico Granberyense, que encomendou ao músico Duque Bicalho e ao letrista Antônio B. Fraga uma música de homenagem.<sup>1188</sup> Em segundo lugar, destacamos as homenagens e as referências ao seu nome nos anos seguintes. Em 1939, o velho amigo no cenário humorístico carioca, Bastos Tigre, que visitava Juiz de Fora pela primeira vez, a serviço do *Correio da Manhã*, comentava na imprensa nacional que Belmiro Braga estava no rol das quatro razões que o levavam a conhecer o município, ao lado da Rua Halfeld, do Instituto Granbery e do Museu Mariano Procópio, recém doado à prefeitura.<sup>1189</sup>

Ainda no final da década de 1930, há que se levar em consideração a campanha que os literatos e os colégios de Juiz de Fora organizaram para arrecadar recursos destinados à construção de um monumento em sua homenagem no Parque Halfeld, um dos principais espaços da cidade. O busto, produzido pelo renomado escultor Modestino Kanto, acompanhado de seu pedestal em estilo *art déco*, foi inaugurado em 19 de novembro de 1940, contando com a presença de autoridades regionais, como o prefeito de Juiz de Fora, Rafael Cirigliano, e nacionais, como Roquete Pinto, que representou a Academia Brasileira de Letras na solenidade.<sup>1190</sup>

---

<sup>1187</sup> NÓBREGA, Dormevilly. *Sátiras de Belmiro Braga*. Juiz de Fora: Edição Especial Cem Exemplares Mimeografados, 1958. p. 41-42. Acervo da Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>1188</sup> Partitura musical – letra de Antônio B. Fraga e música de Duque Bicalho. s./d. Coleção Francisco Braga – Arquivo Histórico da Fundação Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>1189</sup> TIGRE, Bastos. Vejamos o Brasil. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 21/05/1939, p. 2.

<sup>1190</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 20/11/1940, p. 7.

Na década de 1950, as peças belmirianas continuaram sendo encenadas em determinadas casas de espetáculo pelo Brasil afora, como no Teatro Operário do SESI, em São Paulo.<sup>1191</sup> O prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa, sanciona um projeto de lei autorizando a reedição de suas obras, projeto que, apesar de não ter se concretizado, demonstra um esforço de perpetuação de suas memórias.<sup>1192</sup> Floriano Lemos lembrava os dezessete anos de seu falecimento na imprensa.<sup>1193</sup> Luiz Edmundo lhe homenageava no *Correio da Manhã* (RJ), que também o transformava em objeto de um jogo de perguntas e respostas sobre escritores brasileiros.<sup>1194</sup> A *Associação Cristã Feminina*, na capital federal, declamava seus poemas.<sup>1195</sup> Gilberto de Alencar se referia ao seu papel de entusiasta da cultura no município do início do século.<sup>1196</sup> Na Rádio do Ministério da Educação e Cultura, uma de suas trovinhas era citada na peça radiofônica “Milagres do Trabalho”.<sup>1197</sup> Luiz Otávio e J. G. de Araújo Jorge publicavam, pela editora Vecchi, a primeira edição do volume de bolso *Cem Trovas de Belmiro Braga*, integrante da coleção “Trovadores Brasileiros”, na qual o chamavam de “filósofo do povo” e homenageado por dezenas de academias e grêmios literários ao redor do Brasil.<sup>1198</sup> Dormevilly Nóbrega publicava, artesanalmente, a brochura *Sátiras de Belmiro Braga*. E, para finalizar a quinta década do século XX, até mesmo uma romaria era organizada para contemplar o busto do poeta no Parque Halfeld, cerimônia que contou com a ornamentação do monumento com rosas vermelhas e hortênsias.<sup>1199</sup>

Na década de 1960, o escritor Fernando Góes, no quinto volume da obra *Panorama da Literatura Brasileira*, inclui Belmiro Braga no grupo dos chamados “pré-modernistas”, ao qual também foram incluídos escritores como Américo Facó, Amadeu Amaral, Augusto dos Anjos, Bastos Tigre, Carlos Góes, Cassiano Ricardo, Catulo da Paixão Cearense, Cecília

<sup>1191</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04/03/1950, p. 15.

<sup>1192</sup> Autorizada a publicação das obras de Belmiro Braga – sancionada a respectiva lei pelo prefeito Olavo Costa. *Folha Mineira*, Juiz de Fora, ano 21, n. 1736, de 28/04/1953, p. 1. Antônio Gabriel de Barros Vale (Edmundo Lys), Gilberto de Alencar e Robertson Caloman Plischke foram os indicados e designados pelo prefeito para efetuarem o levantamento da obra literária de Belmiro Braga.

<sup>1193</sup> LEMOS, Floriano de. Crônica Científica – Belmiro Braga. *Correio da Manhã* – 4º Caderno, Rio de Janeiro, 18/04/1954, p. 8.

<sup>1194</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 04/09/1955, p. 9.

<sup>1195</sup> *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 24/04/1955, p. 13.

<sup>1196</sup> ALENCAR, Gilberto de. Juiz de Fora no princípio do século. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 28/06/1956, ano 37, n. 10983, p. 7.

<sup>1197</sup> Peça radiofônica *Milagres do Trabalho*. 1958. In: Fundo Serviço Social da Indústria, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ). Ref.: BRRJANRIOT3.O.DSO, SRA.78 – Dossiê.

<sup>1198</sup> OTÁVIO, Luiz; JORGE, J. G. de Araújo. *Belmiro Braga: Cem Trovas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1961.

<sup>1199</sup> OLIVEIRA, Igor Wanelli. Comemoração da morte de Belmiro Braga. *O Mercúrio* – Órgão do Diretório Estudantil Machado Sobrinho, Juiz de Fora, abril de 1957, p. 12. Coleção Dormevilly Nóbrega – CECOM/UFJF, Juiz de Fora (MG).

Meireles, Gilka Machado, Humberto de Campos, Jorge de Lima, José Oiticica, Manuel Bandeira, Mário de Lima, Martins Fontes, Menotti del Picchia, Olegário Mariano, Raul de Leoni, dentre outros. O mesmo autor, em matéria publicada no *Correio Paulistano*, incluía Belmiro Braga entre os signatários de poetas alegres, satíricos e burlescos de renome nacional.

Góes, apesar de afirmar que Belmiro Braga dialogava com a tradição antiga lusitana no momento em que a literatura brasileira se via influenciada pela estética e temas nacionalistas, não o considerava “um novo que se veste à antiga”, mas um “troveiro ressurgido que fala como nós”. Segundo ele, o “regresso a essas formas antigas de versejar”, sendo uma reação contra-hegemônica ao longo período de dominação francesa no país, não deixava de ser um movimento nacionalista de afirmação de nossas raízes. O autor reconhece em Belmiro uma poesia nova, livre no metro e na expressão, afetada em certa medida por um “desalinho da prosa” e por imagens e vocabulário acessíveis, em sintonia com o cotidiano. Porém, por enxergar muita “indecisão” e “confusão” estética nesse grupo, preferiu lhes chamar de típicos de um período de transição, que desaguaria mais tarde no “Modernismo”, considerado por ele “o herdeiro universal” dessas transformações graduais que a literatura e as artes em geral vinham sofrendo quase inconscientemente.<sup>1200</sup>

Preferimos fugir do rótulo “pré-modernista”. Buscamos e encontramos, ao invés disso, um Belmiro Braga do entre-lugar, perscrutando-o na sua complexidade. Historicizamos e desnaturalizamos a persona que o manteve no universo literário, mas que acabou por alijá-lo da historiografia literária, seja por ser considerado “de transição”, seja por ser considerado alheio aos artifícios poéticos. Tanto assim o foi que não encontramos seu nome nos manuais e compêndios de literatura brasileira.

Atualmente, o nome do poeta é lembrado por ter batizado sua terra natal, por ocasião da emancipação desta em 1962, quando Carlos Drummond de Andrade, na condição de funcionário público da cultura, parabeniza o intendente do novo município pelo “simpático nome” que lhe deram.<sup>1201</sup> Também a rua em que morou no bairro Alto dos Passos, em Juiz de Fora, passou a se chamar Belmiro Braga. Dele também se lembram quando se reportam à sua mais famosa quadrinha dedicada ao cachorro Príncipe, a qual, por sinal, após ser citada na

---

<sup>1200</sup> GÓES, Fernando. Poesia social, puristas e arcaístas. *Correio Paulistano* – Primeiro Caderno, São Paulo, 06/02/1960, p. 6.

<sup>1201</sup> Carta de Carlos Drummond de Andrade para o Intendente do Município de Belmiro Braga (MG). Rio de Janeiro, 22/04/1963. Coleção Dormevilly Nóbrega – CECOM/UFJF – Juiz de Fora (MG).

base de seu monumento no Parque Halfeld, tornou-se objeto de furto por transeuntes não identificados.

Na década de 1960, ainda houve espaço para o “Trovador de Vargem Grande” ser eleito patrono do *III Jogos Florais de Juiz de Fora*<sup>1202</sup> e para Murilo Mendes, em *A Idade do Serrote*, evocar as suas memórias, sua biblioteca e suas “qualidades” de “trovador menor”.<sup>1203</sup> E, por fim, em 1972, para o Museu Mariano Procópio celebrar o centenário do poeta, após a instituição receber a doação de algumas peças avulsas que nos servem de vestígios de sua trajetória.<sup>1204</sup>

Essa tese “catou” os “cacos” de sua vida e os reuniu através do “método indiciário”.<sup>1205</sup> Um esforço de pesquisa que implicou lidar com as lacunas, a incompletude de um personagem que não deixou arquivo pessoal, restando-nos trabalhar com fontes volumosas em número, mas rarefeitas e dispersas.

Sem enaltecê-lo ou condená-lo, procuramos compreendê-lo na sua complexidade, com suas incoerências, ambiguidades e entre-lugares, para além de qualquer esforço inócuo e improdutivo de classificá-lo como parnasiano, simbolista, romântico e/ou pré-modernista. Tal operação investigativa e de escrita nos impõe desafios que não podem ser menosprezados. Além de não rotulá-lo nessa ou naquela escola literária, foi preciso tentar buscar um equilíbrio analítico, para que não levássemos o humorista a sério demais ou de menos. Do mesmo modo, não o circunscrevemos ao papel de um intelectual meramente a serviço de um projeto de dominação das elites, mas o concebemos como um mediador cultural de funções e papéis múltiplos. Tampouco naturalizamos o que identificamos como sendo a sua persona literária, deixando de comprar passivamente o “samba de uma nota só” da maioria dos comentários veiculados sobre ele na imprensa.

Belmiro era visto como um “caboclo civilizado” com travos de “saudável barbárie” (como dizia Antônio Sales), que, sem deixar de beber na herança europeia, fez questão de não repetir as fórmulas estéticas greco-romanas e “brincou” de ser um “jeca” travestido de elegante e espirituoso burguês. Insistiu em ser um lírico melancólico à moda lusitana, ao

---

<sup>1202</sup> Carta de baralho com o retrato do poeta Belmiro Braga impresso. *III Jogos Florais de Juiz de Fora* – sob os auspícios do Núcleo Mineiro de Escritores (NUME). 1965. Coleção Dormevilly Nóbrega – CECOM/UFJF – Juiz de Fora (MG).

<sup>1203</sup> Murilo Mendes comenta: “[...] Entretanto, mesmo acreditando que a sua linguagem de trovador menor não me tocará mais, o homem-poeta, maravilhoso, subsiste, irrevogavelmente.” Ver: MENDES, Murilo. *A Idade do Serrote...*, p. 42.

<sup>1204</sup> Programa da Exposição do Centenário de Belmiro Braga, 1972. Arquivo Institucional do Museu Mariano Procópio – Gestão Geralda Armond. Arquivo Histórico da Fundação Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

<sup>1205</sup> GINZBURG, Carlo. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário...*, p. 143-179.



mesmo tempo em que fez humor com tudo e todos, inclusive consigo mesmo. “Correu atrás” de um “lugar ao sol” como um *bon vivant*, sem título acadêmico, na República dos bacharéis e dos coronéis, mas sem deixar de desmonumentalizar a pseudo-meritocracia de um regime liberal-oligárquico e arrivista.

Nem tudo em B. B. se resumia a uma literatura definida como o “sorriso da sociedade”, em que o fazer literário teria sido, segundo Brito Broca, preterido pela vida literária. Não faz o menor sentido tratá-los arbitrariamente como distintos, quando sabemos que não é possível separá-los. As sociabilidades, a teatralização, a oralidade, a *performance* e o improvisado eram partes intrínsecas desse fazer literário. Da mesma forma, é difícil imaginar um Belmiro sem a sua persona literária – que contém e está contida em sua vida –, sendo infrutífero interpor fronteiras rígidas entre ambos.

A coroa de flores depositada em seu busto por ocasião da romaria ao seu monumento no Parque Halfeld em 1957 (ver Anexo 35) é sintomática da cristalização dessa persona, que tende a se sobrepor aos esforços de humanizá-lo e historicizá-lo como sujeito histórico de seu tempo, com suas idiossincrasias e percepções da realidade. Todavia, considerando os ônus e os bônus que as representações da “pureza”, da “espontaneidade”, da “naturalidade”, do “caráter genuíno”, da “sinceridade” e da “simplicidade” lhe conferiram na literatura, a sua trajetória continuaria imperscrutável se a análise da construção do homem ignorasse a da construção do mito “poeta das rosas”.

Esperamos que essa primeira experiência de biografar Belmiro Braga não seja a última. Também temos a expectativa de que nosso esforço de pesquisa e escrita não tenha significado uma ilusória tentativa de reconstruir sua trajetória como uma linha reta formada por uma sequência coerente de fatos exemplares. Sendo uma estrada, os altos e baixos, as curvas e as encruzilhadas de sua vida mereceram de nós maior atenção do que os pontos de início e chegada. Sendo um rio, as margens tortuosas e os obstáculos nos serviram como possibilidades de enxergar outros caminhos. Se essa biografia servir de ponto de partida para outras abordagens possíveis dentro do vasto e caudaloso mar de águas profundas que é a vida de um ser humano, todo o esforço terá valido a pena.

## CRONOLOGIA

ANOS	ACONTECIMENTOS
1870	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nasce Belmiro Braga, em 07 de janeiro, na Fazenda da Reserva, em Vargem Grande (distrito de Juiz de Fora).</li> <li>• Inicia os estudos no Ateneu Mineiro, em Juiz de Fora.</li> </ul>
1883	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Falece sua mãe (Francisca de Paula Braga).</li> <li>• Abandona os estudos no Ateneu Mineiro (Juiz de Fora – MG) para regressar à casa paterna.</li> </ul>
1885	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Início de suas perambulações por Muriaé e Carangola.</li> </ul>
1895	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transfere residência para Cotegipe, próximo ao distrito de Simão Pereira, onde atua como sócio em uma venda contígua à estação ferroviária.</li> <li>• Inicia o envio de cartas para seu ídolo literário, Machado de Assis.</li> <li>• Conhece o médico e escritor Fernandes Figueira, com quem se corresponde e estabelece diversas trocas literárias.</li> </ul>
1900	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhece, em Cotegipe, o poeta cearense Antônio Sales, um dos primeiros grandes responsáveis por projetá-lo em âmbito nacional.</li> </ul>
1902	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica seu primeiro livro, <i>Montezinas</i>, batizado por Antonio Sales e prefaciado por Batista Martins.</li> </ul>
1903	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assume o posto de tabelião em um cartório em Juiz de Fora.</li> <li>• Inicia suas colaborações na coluna “Aos Domingos”, do <i>Jornal do Comércio</i>, de Juiz de Fora.</li> </ul>
1904	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Transfere residência de Cotegipe para a região do Alto dos Passos, na sede do município de Juiz de Fora.</li> </ul>
1905	<ul style="list-style-type: none"> <li>• O crítico literário e imortal da Academia Brasileira de Letras, José Veríssimo, comenta sobre <i>Montezinas</i> e Belmiro Braga na quinta edição do livro <i>Estudos de Literatura Brasileira</i>.</li> </ul>
1906	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Assume o posto de inspetor de ensino nos níveis municipal e estadual.</li> <li>• Publica a 1ª edição do livro <i>Cantos e Contos</i>.</li> </ul>
1907	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inicia as trocas de cartas com Antônio Sales, hábito que se mantém até pouco tempo antes de sua morte, em 1937.</li> </ul>
1908	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Alcança fama como conferencista em diversas cidades mineiras e no Espírito Santo. Em Caxambu (MG), recebe um cachorro como presente, dando-lhe o nome de Príncipe e dedicando-lhe aquela que se tornaria a sua mais famosa quadra.</li> <li>• Homenageado por Carlos Guedes da Costa, Homero Massena e Júlio Vaz com a compilação de seus versos íntimos no volume especial intitulado “Sacrário”.</li> </ul>
1909	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Recepciona Olavo Bilac em sua visita a Juiz de Fora no mês de dezembro.</li> <li>• Escreve, em parceria com Gastão Tojeiro, a peça “Coisas da Vida”, encenada pela companhia dramática Adelaide Coutinho.</li> <li>• Junta-se ao chamado “grupo dos 12” para fundar a Academia Mineira de Letras em Juiz de Fora.</li> </ul>
1910	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica no jornal “O Pharol”, de Juiz de Fora, a série cronística <i>De Juiz de Fora a Lavras</i>, posteriormente reunida em folheto.</li> <li>• Envia ao escritor carioca Lima Barreto, bem como a outros intelectuais e artistas, a sua famosa foto ao lado do cachorro “Príncipe”.</li> </ul>
1911	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Publica a 1ª edição de <i>Rosas</i>.</li> <li>• Profere o discurso de recepção ao Gilberto de Alencar na Academia Mineira de Letras.</li> <li>• Recepciona o escritor Sílvio Romero em Juiz de Fora.</li> </ul>
1912	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Intensificam-se, nos periódicos regionais e nos de outros estados da federação, as divulgações das seguintes peças teatrais de sua autoria: <i>Os Candidatos</i>; <i>Na Roça</i>;</li> </ul>

- Na Cidade; O Divórcio; Que Trindade!; Porto, Madeira e Collares.*
- 1914**
- Viaja à Europa, onde visita Portugal, França, Bélgica, etc. No final de julho, quando retornava ao Brasil, deflagrava-se a Primeira Guerra Mundial no continente europeu.
  - Apresentou a conferência humorística *De Juiz de Fora a Paris*.
  - Seu nome é citado na segunda edição do livro do escritor brasilianista belga Victor Orban (*Littérature Brésilienne*).
  - Acontece a transferência da Academia Mineira de Letras de Juiz de Fora para Belo Horizonte (capital do Estado).
- 1915**
- Participa da fundação da revista *Marília* em Juiz de Fora.
  - Concorre a uma vaga no Congresso Mineiro como candidato extra-chapa do 2º distrito.
  - A revista *O Malho* publica foto de Belmiro Braga por ocasião de sua visita ao grêmio literário criado em sua homenagem em Juiz de Fora (“Grêmio Belmiro Braga”).
  - Publica a segunda edição do livro *Rosas*.
- 1916**
- Solicita licença do cartório em que trabalhava e transfere residência para o Rio de Janeiro (então capital federal).
  - Apresentou-se no *Salão dos Humoristas*, no Rio de Janeiro, ao lado de Raul Pederneiras, Calixto, dentre outros.
  - Começar a trabalhar como vendedor de seguros de vida na companhia *Cruzeiro do Sul*.
- 1917**
- Inicia suas colaborações no jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro.
  - Concede entrevista à revista *Fon-Fon* (RJ).
- 1918**
- Publica *Contas do meu rosário* pela *Cruzeiro do Sul*, companhia de seguros em que trabalhava no Rio de Janeiro.
  - Participa do filme *Amor e Boemia*, de Joaquim Guerreiro, ao lado de outros humoristas de sucesso no Rio de Janeiro.
  - Seu amigo e padrinho literário, Antônio Sales, regressa ao Ceará.
  - Fica gravemente enfermo por conta da gripe espanhola.
- 1919**
- Integra a comissão promotora dos festejos a Rui Barbosa em Juiz de Fora.
- 1921**
- Não conseguindo renovar a licença do cargo de tabelião junto ao governo do Estado, pede exoneração.
  - Assume o cargo de fiscal de jogos em Poços de Caldas (MG).
- 1922**
- Demonstra posição refratária aos signatários da Semana de Arte Moderna, chamando-os “bestas futuristas”.
- 1923**
- Foi exonerado do cargo de fiscal de jogos em Poços de Caldas.
  - O músico Lorenzo Fernandez transforma em modinha seu poema “Ó vida da minha vida”.
  - Publica a primeira edição do livro *Tarde Florida*.
- 1924**
- Atua como vendedor de seguros de vida da companhia *São Paulo*.
  - Participa do concurso “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, organizado pela *Fon-Fon*, no Rio de Janeiro.
- 1925**
- Participa do concurso “Maiores Homens Vivos do Brasil”, organizado pela *Fon-Fon*, no Rio de Janeiro.
- 1926**
- Candidata-se à vaga de Mário de Alencar na Academia Brasileira de Letras.
- 1928**
- Por indicação política do mineiro Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, foi nomeado inspetor de ensino em Araguary (MG).
- 1929**
- Devido à crise política envolvendo Minas Gerais e São Paulo na sucessão presidencial e à formação da Aliança Liberal, foi exonerado do cargo de inspetor federal de ensino.

- 1930
- Olegário Maciel o reconduz ao cargo de inspetor federal de ensino. Dessa vez, ficando responsável por inspecionar o ensino secundário do colégio Granbery, em Juiz de Fora.
- 1933
- Publica a 2ª edição do livro *Tarde Florida* pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo.
  - Reencontra o amigo Antônio Sales em Juiz de Fora.
- 1934
- Publica o livro *Redondilhas*, editado por Renato Americano.
  - Participa do *Concurso Literário Machado de Assis* com as memórias autobiográficas intituladas *Dias Idos e Vividos*.
- 1936
- Publica o livro *Dias Idos e Vividos* pela Editora Ariel.
  - O acadêmico Rodrigo Octavio apresenta *Dias Idos e Vividos* à sessão da Academia Brasileira de Letras.
  - Começou a sentir o agravamento de seus problemas de saúde.
  - Escreve *Soda Cáustica*, um conjunto de trovas satíricas, de humor ácido, que não chegou a ser publicado.
  - Participa do *Concurso do Naufrágio*, organizado pela revista *O Malho* (RJ).
- 1937
- Participa do 3º *Concurso Príncipe dos Poetas Brasileiros*.
  - Falece em 31 de março.
- 1939
- Inicia-se, em Juiz de Fora, um movimento para arrecadação de recursos destinados à ereção de um monumento em sua homenagem no Parque Halfeld.
- 1940
- Solenidade de inauguração de seu busto em bronze no Parque Halfeld, de autoria do escultor Modestino Kanto. O evento contou com a presença de diversas autoridades e célebres representantes das letras regionais e nacionais.
- 1951
- O escritor Luiz Otávio cita Belmiro Braga no livro *Meus irmãos – os trovadores*, referindo-se a ele como um dos principais trovadores brasileiros.
- 1953
- O então prefeito de Juiz de Fora, Olavo Costa, sanciona uma lei autorizando a publicação das obras completas de Belmiro Braga, sendo formada para esse trabalho uma comissão composta por Edmundo Lys, Gilberto de Alencar e Roberto Caloman.
  - Raul Azevedo publica, no *Correio da Manhã* (RJ), um texto de homenagem ao poeta Belmiro Braga.
- 1957
- Edmundo Lys e Dormevilly Nóbrega encabeçaram a organização de uma romaria ao busto do poeta no Parque Halfeld.
- 1958
- Belmiro Braga é citado na peça radiofônica *Milagres do Trabalho*, produzida em parceria entre a Rádio do Ministério da Educação e Cultura e o Serviço Social da Indústria.
  - O jornalista e memorialista Dormevilly Nóbrega publica *Sátiras de Belmiro Braga*, no qual cita e comenta sobre vários versos humorísticos do poeta.
- 1959
- Luiz Otávio e J. G. Araújo organizam e publicam, pela Editora Vecchi (Rio de Janeiro), a primeira edição do livro *Belmiro Braga: cem trovas*, integrando a “Coleção Trovadores Brasileiros”.
- 1960
- Jaime Barros publica o livro *Poetas do Brasil*, no qual inclui Belmiro Braga no grupo de escritores por ele chamados “Pré-Modernistas”.
  - Fernando Góes organiza e prefacia o quinto volume da coleção *Panorama da Poesia Brasileira*, no qual também inclui Belmiro Braga entre os escritores por ele considerados “Pré-modernistas”.
- 1962
- A terra natal do poeta Belmiro Braga – o antigo distrito de Vargem Grande, que, posteriormente, foi chamado de Ibitiguaiá – se emancipa de Juiz de Fora e passa a se chamar Belmiro Braga em sua homenagem.
- 1965
- O nome de Belmiro Braga figura como patrono do *III Jogos Florais de Juiz de Fora*.
- 1968
- O escritor Murilo Mendes evoca em suas memórias de infância, registradas no livro *A Idade do Serrote*, o poeta Belmiro Braga.

- 1972** • O Museu Mariano Procópio realiza exposição em celebração dos 100 anos de nascimento do poeta. Apesar de o ano correto de nascimento ser 1870, por tradição, 1872 acabou se tornando o mais evocado na memorialística do poeta.
- 1979** • Leila Maria Fonseca Barbosa, professora do curso de Letras da UFJF e sobrinha-neta de Belmiro Braga, defende, na UFRJ, a primeira dissertação de mestrado sobre o poeta no campo da teoria literária. Título da dissertação: *Sacrário – versos íntimos (texto e avaliação)*.
- 2008** • Rita de Cássia Matos Leite de Paiva defende, pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, a dissertação de mestrado *Belmiro Braga: entre o caminho novo e a modernidade*.
- 2011** • Leila Maria Fonseca Barbosa e Marisa Timponi Pereira Rodrigues publicam, pela Funalfa, uma edição especial (contendo seleção de poemas e estudo crítico) de *Montezinas*.
- 2014** • O cineasta César Kluska escreve o primeiro roteiro de um longa-metragem inspirado na vida do poeta Belmiro Braga.
- 2016** • O cineasta César Kluska escreve o primeiro roteiro de um curta-metragem inspirado na relação do poeta Belmiro Braga com Machado de Assis.
- 2022** • A Fundação Museu Mariano Procópio, por intermédio de Sérgio Augusto Vicente, organizou o seminário *online Belmiro Braga: 150 anos do escritor*.
- 2024** • Sérgio Augusto Vicente escreve a primeira biografia do literato mineiro.

## INSTITUIÇÕES CONSULTADAS

### **Fundação Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG)**

Arquivo Fotográfico  
Arquivo Histórico  
Biblioteca  
Hemeroteca  
Reserva Técnica

### **Setor de Memória da Biblioteca Murilo Mendes (Juiz de Fora – MG)**

*O Pharol; Jornal do Comércio; O Lynce*

### **CECOM – Centro de Conservação da Memória (Universidade Federal de Juiz de Fora – Juiz de Fora/ MG)**

Arquivo Dormevilly Nóbrega

### **Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa**

Cartas, produções apócrifas do escritor e recortes de jornal

### **Fundação Casa de Rui Barbosa (Rio de Janeiro – RJ)**

Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (Arquivo Antonio Sales; Arquivo Pedro Nava; Arquivo Heitor Modesto; Arquivo Machado de Assis)

### **Arquivo Nacional (Rio de Janeiro – RJ)**

Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia

### **Biblioteca Nacional**

Arquivo Lima Barreto (acervo digital)

### **Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional** (<<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>)

### **Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro – RJ)**

Correspondências de Machado de Assis

### **Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP)**

Séries de Folhetos Teatrais (Disponível em: <<http://bjks-opac.museus.gov.br/>>)

### **Museu Histórico Abílio Barreto (Belo Horizonte – MG)**

Coleção Abílio Barreto

### **Academia Mineira de Letras (Belo Horizonte – MG)**

## REFERÊNCIAS

### 1. FONTES PRIMÁRIAS

#### 1.1 Produções de autoria de Belmiro Braga

##### 1.1.1 Livros publicados

BRAGA, Belmiro. **Montezinas (primeiros versos)**. 1. ed. Juiz de Fora: Jornal do Comércio; Porto: Tipografia Universal de Antonio Figueirinhas, 1902. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Cantos e Contos**. 1. ed. Juiz de Fora: Estabelecimento Gráfico Cia. Dias Cardoso, 1906. Não encontrado para consulta.

\_\_\_\_\_. **Cantos e Contos**. 2. ed. Juiz de Fora: Estabelecimento Gráfico Cia. Dias Cardoso, 1919. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Rosas**. 1. ed. Juiz de Fora: Dias Cardoso & Cia., 1911. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio (MG).

\_\_\_\_\_. **Rosas**. 2. ed. Juiz de Fora: Dias Cardoso & Cia., 1915. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Contas do meu rosário**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edição da Companhia de Seguros de Vida “Cruzeiro do Sul”, 1918. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Tarde Florida**. 1. ed. Juiz de Fora: Tipografia “Luz”, 1923. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Tarde Florida**. 2. ed. (acrescida de novas produções). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Redondilhas**. Rio de Janeiro: Renato Americano – Editor, 1934. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Dias Idos e Vividos**. Rio de Janeiro: Editora Ariel, 1936. Disponível na Biblioteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).

### ***1.1.2 Produções não publicadas (manuscritas pelo próprio autor)***

BRAGA, Belmiro. **Soda Cáustica**. [Juiz de Fora], [s./ed.], [1936/1937]. Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa – Juiz de Fora (MG).

\_\_\_\_\_. **Canhenho**. [Juiz de Fora], [s./ed.], 1908. Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa – Juiz de Fora (MG).

### ***1.1.3 Peças teatrais***

#### ***1.1.3.1 Roteiros publicados***

BRAGA, Belmiro. **Na Roça** (comédia em 1 ato). Nova edição. São Paulo: Livraria Teixeira, 1948. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP).

\_\_\_\_\_. **Na Roça** (comédia em 1 ato). São Paulo: Livraria Teixeira, 1961. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP).

\_\_\_\_\_. **Na Cidade** (O Sete-Nomes) – burleta em 1 ato original. Nova edição. São Paulo: Livraria Teixeira, [1926]. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP).

\_\_\_\_\_. **Que Trindade!** (comédia em 1 ato original). São Paulo: C. Teixeira & Cia. Editores, 1920. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, código de Referência: BR\_RJANRIO\_6E-O-CPR\_PTE\_0698, seção: Censura Prévia, série: Peças Teatrais, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

\_\_\_\_\_. **Que Trindade!** (comédia em 1 ato original). São Paulo: C. Teixeira & Cia. Editores, 1926. (Biblioteca Dramática Popular). Acervo disponível em: Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP).

\_\_\_\_\_. **Porto, Madeira & Collares** (comédia em 1 ato original). São Paulo: C. Teixeira & Cia. Editores, 1922. (Biblioteca Dramática Popular). Cópia do original, disponível no acervo particular de Leila Maria Fonseca Barbosa – Juiz de Fora, MG.

#### ***1.1.3.2 Roteiros não publicados (datilografados)***

BRAGA, Belmiro. **O Divórcio**. 1925. Acervo disponível em: Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, código de Referência: BR\_RJANRIO\_6E-O-CPR\_PTE\_0698, seção: Censura Prévia, série: Peças Teatrais, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).

\_\_\_\_\_. **Mamãe, olha o Periquito**. 1928. Acervo disponível em: Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia, código de Referência: BR\_RJANRIO\_6E-O-CPR\_PTE\_1325, seção: Censura Prévia, série: Peças Teatrais, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro (RJ).



## 1.2 Produções de outros autores

ARANHA, Graça. **Espírito Moderno**. São Paulo: Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1925.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Inventário Delegacia Auxiliar de Polícia** (seção Censura Prévia; série Peças Teatrais e série Avulsos). 2. ed. Rio de Janeiro: o Arquivo, 2017.

ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Scipione, s./d.

BARRETO, Lima. **Clara dos Anjos**. São Paulo: Klick Editora, s./d.

BARRETO, Lima. **Os Bruzundangas**. [São Paulo]: Germape, s./d.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. Porto Alegre: L&PM, 1998.

BARROS, Luiz de. **Minhas Memórias de Cineasta**. Rio de Janeiro: Artenova, 1978.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil 1900**. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

CERVANTES, Miguel de. **Dom Quixote de la Mancha**. Tradução: Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Martin Claret, 2007. (v. 1, v. 2)

CONGRESSO MINEIRO. **Anais da Câmara dos Deputados – primeira sessão da sétima legislatura no ano de 1915**. Organizados pela Diretoria do Serviço das Sessões. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1915. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/20627>. Acesso em: 07/04/2014.

CAMPOAMOR, Ramón. **El Licenciado Torralba** (poema en ocho cantos). Madrid: Librería de Fernando Fé, 1888.

ESTEVES, Albino; LAGE, Oscar Vidal Barbosa (orgs.). **Álbum do município de Juiz de Fora**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas, 1915.

FLEIUSS, Max. **Recordando...** (casos e perfis). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

FACÓ, Américo. Um livro e seu destino. In: PAIVA, Manoel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Editora Saraiva, 1952. Acervo digitalizado da Biblioteca Nacional – RJ.

LIMA, Alceu Amoroso. **Voz de Minas** (ensaio de sociologia regional brasileira). 2. ed. Rio de Janeiro: AGIR Editora, 1946.

GRIECO, Agripino. **Memórias de Agripino Grieco**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972 (v. 1, Província)

GRIECO, Agripino. **Memórias de Agripino Grieco**. Rio de Janeiro: Conquista, 1972 (v. 2, Rio de Janeiro)

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. 4. ed. São Paulo: Edição da *Revista do Brasil*, 1919.

MAQUIAVEL. **A Mandrágora**: Belfagor, o Arquidiabo. São Paulo: Martin Claret, 2004. (*Coleção obra-prima de cada autor*)

MENDES, Murilo. **A Idade do Serrote**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968.

MONTELLO, Josué. **Pequeno Anedotário da Academia Brasileira**. 1. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1961.

MOUTINHO, Irene; ELEUTÉRIO, Silvia (orgs.). **Correspondência de Machado de Assis** (tomo 3, 1890-1900). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2011.

NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. Memórias (1). 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo**. Memórias (2). 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NÓBREGA, Dormevilly. **Sátiras de Belmiro Braga**. Juiz de Fora: Edição Especial – cem exemplares mimeografados, 1958.

ORBAN, Victor. **Littérature Brésilienne**. Préface de M. de Oliveira Lima – Frontispice d' Antonio Parreiras. Deuxième édition, revue et augmentée. Paris: Librairie Garnier Frères, [1914].

OTÁVIO, Luiz; JORGE, J. G. de Araújo. **Belmiro Braga: Cem Trovas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Editora Vecchi, 1961.

PENA, Martins. **O juiz de paz na roça; Quem casa quer casa; Os dois, ou, O inglês maquinista**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

PEREIRA, Américo. **O Maestro Francisco Valle (ensaio crítico-biográfico)**. Rio de Janeiro: Editora Gráfica Laemmert, 1962.

RIO, João do. **A Alma Encantadora das Ruas**. São Paulo: Martin Claret, 2007. (*Coleção Obra-prima de cada autor*)

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2005. (*Coleção Obra-prima de cada autor*)

SALES, Antonio. **Aves de Arrição**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1929.

SOARES, Martin [SALES, Antônio]. **O Babaquara**: subsídios para a história da oligarquia do Ceará. Rio de Janeiro: [s. n.], 1912.

VASCONCELOS, Eliane (org.). **Arquivo Museu de Literatura Brasileira – Inventário do Arquivo Pedro Nava**. Rio de Janeiro: Edições da Casa de Rui Barbosa, 2001.

VASCONCELOS, Eliane (org.). **Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – Inventário do Arquivo Antônio Sales**. Rio de Janeiro: Edições da Casa de Rui Barbosa, 2007.

## 2. FONTES SECUNDÁRIAS

### 2.1 Teses, dissertações e monografias

ALENCAR, Maria Emília da Silva. “**Á Sombra das Palavras**”: a oligarquia *acciolina* e a imprensa (1896-1912). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2008. 242 p.

ARAÚJO, Cássia Aparecida Braz. **Gilberto de Alencar**: faces de um intelectual. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2018.

ARAÚJO, Raquel Aguilar de. **Telas que atravessam o Atlântico**: pintura portuguesa no Rio de Janeiro e em São Paulo durante a Primeira República Brasileira (1889-1929). Tese de doutorado em História da Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2018.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca. **Belmiro Braga**: Sacrário (versos íntimos). Texto e avaliação. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1979.

BRANDOLT, Marlene Rodrigues. **Entre o fim do século XIX e o início do século XX**: a luta pelo divórcio e as escritoras brasileiras. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2017.

CARNEIRO, Cleverson Ribas. **Mendes Fradique e seu método confuso**: sátira, boemia e reformismo conservador. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes. Curitiba. 2008.

CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **A eugenia no humor da revista ilustrada Careta**: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934). Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista. Assis (SP), 2014.

COLLAÇO, Vera Regina Martins. **O teatro da União Operária**: um palco em sintonia com a modernização brasileira. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis (SC), 2004.

COSTA FILHO, Cícero João da. **Padaria Espiritual**: cultura e política em Fortaleza no final do século XIX (1892-1898). Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo. São Paulo (SP), 2007.

KAPPEL, Marília Neto. **Literatos, jornalistas e inspetores de ensino**: perspectivas modernizadoras para a cidade de Juiz de Fora (1896-1910). Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ), 2019.

MELLO, Cássio Santos. **Caipiras no palco**: teatro na São Paulo da Primeira República. Dissertação de mestrado, Faculdade de Ciências e Letras de Assis (Universidade Estadual Paulista – UNESP), 2007.

PAGANINI, Luiz Antônio. **Os simbolistas mineiros e o drama da modernidade**. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

PAIVA, Rita de Cássia Matos Leite de. **Belmiro Braga: entre o caminho novo e a modernidade**. Dissertação (Mestrado em Letras), Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2008.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. **A historiografia da mineiridade: trajetórias e significados na história republicana do Brasil**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, UFMG, 2015.

ROSA, Rita de Cássia Vianna. **“A General das Letras”**: a literata Cosette de Alencar e a “sua” cidade – Juiz de Fora (MG) – 1918 a 1973. Tese de doutorado – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciência Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói, 2013.

VASCONCELLOS, Evandro Gianasi. **Entre o palco e a tela: as relações do cinema com o teatro de revista em comédias musicais de Luiz de Barros**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em Imagem e Som – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos (SP), 2015.

VERTCHENKO, Henrique Brener. **Uma Biblioteca Teatral Brasileira: publicação, circulação e políticas para edições de teatro (1917-1948)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2022.

VICENTE, Sérgio Augusto. **Sociedades científicas, literárias e de instrução: dimensões da prática associativa dos homens de letras e *sciencia* na Corte (1860-1882)**. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-Graduação em História da UFJF, Juiz de Fora – MG, 2012.

## 2.2 Artigos e periódicos

ARAUJO, F. M. de B.; ALVES, E. M.; CRUZ, M. P.. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e de habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia**, v. 1, n. 1, jan.-jun. 2009, p. 31-40.

AGUIAR, Maurício Maia. **Machado de Assis em perspectiva: os olhares divergentes de Sílvio Romero e José Veríssimo**. *Sociologia & Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, abril de 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752015v5i111>. Acesso em: 23/03/2021

BEIRED, José Luis Bendicho. Os intelectuais e a direita autoritária no Brasil. **Estudios Sociales**, n. 33, segundo semestre de 2007. p. 123-154.

BRASIL JR., Antonio; SCHWARCZ, Lilia; BOTELHO, André. **Independência, Modernismo e as Ciências Sociais**: uma conversa com Lilia Schwarcz e André Botelho. *Sociologia-Antropologia*, Rio de Janeiro, v. 12, 2022. p. 1-18.

CÂMARA, Sônia; NUNES, Cinthya de Oliveira. A Revista *Infância e Juventude* e os debates em torno do Plano Nacional de Educação de 1936 a 1937. **Caderno de História da Educação**, v. 19, n. 2, mai.-ago. 2020. p. 628-648.

DELGADO, Gabriel Estides de. A teoria literária materialista de Pierre Bourdieu: autonomização social das letras como dilema. **Revista Terceira Margem**, v. 25, n. 46, mai.-ago. 2021. p. 200-220.

DE LUCA, Tânia Regina. Periódicos lançados por editoras: o caso do *Boletim de Ariel* (1931-1939). **História** (dossiê “Livros, Bibliotecas e Intelectuais no mundo Ibero-Americano”), São Paulo, v. 36, e32, 2017, p. 1-18.

DIAS, Fernando Correia. Mineiridade: construção e significado atual. **Ciência & Trópicos**, Recife, 13 (1), jan.-jun. 1986. p. 73-89.

DUARTE, Fernando Lacerda Simões. A língua vernácula na música católica no Brasil desde o século XIX: cânticos espirituais e as representações acerca da participação ativa dos fiéis nos ritos religiosos. **Opus**, v. 22, n. 2, dez. 2016. 32 p. Disponível em: <https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/386>. Acesso em: 23/08/2023.

FAUSTINA DA SILVA, Aryanne. A instituição do tabelionato na História e sua prática no Brasil antigo. **Anais do XXVII Simpósio Nacional de História** – Conhecimento Histórico e Diálogo Social, Natal, 22-26 jul. 2013.

GOMES, Angela da Castro. A Marquesa de Santos: história, memória e ficção histórica no Brasil da primeira metade do século XX. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 45, n. 3, set.-dez. 2019. p. 90-103.

CARVALHO, José Murilo de. **História intelectual no Brasil**: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, n. 1. p. 123-152.

FAGUNDES, Bruno Flávio Lontra. Para perto futuro prometeu muita coisa republicana: a travessia da cultura política brasileira em *Grande Sertão: Veredas*. **Topoi**, v. 9, n. 16, jan.-jun. 2008, p. 137-152.

FERREIRA, Tânia Maria Tavares Bessone da Cruz. Livros e sociedade: a formação de leitores no século XIX. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/2822>. Acesso em: 5 mai. 2024.

\_\_\_\_\_. **Comércio de livros: livreiros, livraria e impressos**. Disponível em: [https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/17976/FCRB\\_Escritos\\_5\\_3\\_Tania\\_Bessone.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://rubi.casaruibarbosa.gov.br/xmlui/bitstream/handle/20.500.11997/17976/FCRB_Escritos_5_3_Tania_Bessone.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 5 mai. 2024.

FREITAS, Marcus Vinicius de. **Humor na poesia de Belmiro Braga**. *O eixo e a roda*, v. 22, n. 2, 2013. p. 61-73.

GABRIEL, Maria Alice Ribeiro. Orlas da Memória: a lembrança futura de Antônio Sales na obra de Pedro Nava. In: **ALEA – Estudos Neolatinos**, v. 19, n. 2, mai.-ago. 2017, p. 307-322.

GONÇALVES, Leandro Pereira; MATOS, Maria Izilda Santos de. O Estrangeiro na obra de Plínio Salgado: matrizes, representações, apropriações e propostas. In: **Patrimônio e Memória**, São Paulo, UNESP, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2014. p. 160.

GONÇALVES, Leandro Pereira. O nascimento da Ação Integralista Brasileira em Juiz de Fora. In: Gonçalves, Leandro P.; PIMENTA, Éverton Fernando (orgs.). **Ação Integralista Brasileira em Minas Gerais: estudos e historiografia**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2021. p. 122-135.

JAUREGUI, Carlos; TEIXEIRA, Nísio. Oh Minas Gerais, Oh linda *La Paz*: identidades no discurso cancional. *Extraprensa*, São Paulo, v. 12, n. esp., set. 2019, p. 152 – 169. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153497/156993>.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. Campo do poder, segundo Pierre Bourdieu. **Cogito**, Salvador, n. 11, out. 2010, p. 14-19.

LOCH, Fernanda. Infância e puericultura em Fernandes Figueira (1920). **Revista Hydra**, v. 4, n. 8, set. 2020. p. 368-411.

LUSTOSA, Isabel. Tirania e humor no país do homem cordial. **Revista de Ciências Sociais**, v. 29, n. 1/2, 1998. p. 73-83.

MARZANI, Andressa. O *Boletim de Ariel* e sua abrangência no cenário literário e cultural brasileiro na década de 1930. **RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v. 7, n. 2, artigo n. 2031, mai.-ago. 2021. 10 p.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. In: **Tempo**, v. 13, n. 26, 2009. p.15-31. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a02v1326.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

MICELI, Sérgio; SILVEIRA, Giovanella da; ENGERROF, Ana Martina Baron. Circulação e recepção da obra de Pierre Bourdieu no Brasil: uma entrevista com Sérgio Miceli. **Revista Pós Ciências Sociais**, São Luís, n. 18, n. 1, jan.-abr. 2021, p. 199-214.

MICELI, Sérgio. A recepção de Pierre Bourdieu no Brasil: circunstâncias e mediadores. **Revista Sociologias Plurais**, v. 7, n. 3, jul. 2021, p. 14-27.

NASCIMENTO, Rafael. Catete em ré menor: tensões da música na Primeira República. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 67, ago. 2017, p. 38-56.

NOGUEIRA, Clara Asperti. Revista Careta (1908-1922): símbolo da modernização da imprensa no século XX. **Miscelânea**, UNESP, Assis, v. 8, jul.-dez. 2010. p. 60-80.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. In: **Projeto História** – Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC/SP, São Paulo, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

OLIVEIRA, Eloisa da Rosa. As regras da arte e a queda da auréola: reflexões sobre o valor da arte da literatura hoje. **Palíndromo**, v. 10, n. 22, set. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53., jan.-jun. 2007, p. 11-23.

PINHO, Thiago de Araújo. Nos bastidores do espetáculo: Bourdieu e os limites da arte. **Caderno Eletrônico de Ciências Sociais**, Vitória, v. 5, n. 2, 2017.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

REIS, Liana Maria. Mineiridade: identidade regional e ideologia. **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 9, n. 11, 1º semestre de 2007. p. 89-97.

RIBEIRO, Andréa Sannazzaro. Martins Pena, um homem do teatro na crítica literária brasileira. In: **Opiniões**: Revista dos Alunos de Literatura Brasileira, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, FFLCH/USP, São Paulo, n. 8, 2016. p. 69-79. Disponível em: [https://www.academia.edu/27105499/Martins\\_Pena\\_um\\_homem\\_do\\_teatro\\_na\\_cr%C3%ADtica\\_liter%C3%A1ria\\_brasileira\\_Andr%C3%A9a\\_Sannazzaro\\_Ribeiro](https://www.academia.edu/27105499/Martins_Pena_um_homem_do_teatro_na_cr%C3%ADtica_liter%C3%A1ria_brasileira_Andr%C3%A9a_Sannazzaro_Ribeiro). Acesso em: 05/03/24.

RODRIGUES, Leandro Garcia. Afinal, a quem pertence uma carta? **Letrônica**: Revista Digital do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, Porto Alegre, v. 8, n. 1, jan.-jun. 2015. p. 222-231.

RUIZ, Ricardo Navas. **Campoamor y la ironía romântica**: reflexiones sobre *El licenciado Torralba*. Disponível em: [http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/campoamor-y-la-ironia-romantica-reflexiones-sobre-el-licenciado-torralba/html/ee04c491-2e03-4e03-9114-11142ff78886\\_2.html#I\\_0](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/campoamor-y-la-ironia-romantica-reflexiones-sobre-el-licenciado-torralba/html/ee04c491-2e03-4e03-9114-11142ff78886_2.html#I_0). Acesso em 19/03/2021.

SANGLARD, Gisele. Fernandes Figueira: ciência e infância – Rio de Janeiro (1900-1928). In: **Intellèctus**, ano 13, n. 2, 2014, p. 79-102.

SANTOS, Diana Gonçalves dos. Obras de Carlos Reis no Museu Municipal de Torres Novas: testemunho da permanência de um gosto. **Revista da Faculdade de Letras – Ciências e Técnicas do Patrimônio**, Série 1, v. 3, Porto, 2004. pp. 317-338.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **O sistema oligárquico representativo da Primeira República**. Dados – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v. 56, n. 1, 2013. p. 9-37.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **Métis**: história & cultura, v. 2, n. 3, jan.-jun. 2003. p. 57-72.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Moderna República Velha**: um outro ano de 1922. *Revista IEB*, N. 55, mar.-set. 2012. p. 59-87.

VERMES, Mônica. **Alguns aspectos da música sacra no Rio de Janeiro no final do século XIX**. Revista Eletrônica de Musicologia, Departamento de Artes da UFPR, v. 5, n. 1, jun. 2000. Disponível em: [rem.ufpr.br/-REM/REMV5.1/vol5-1/rio.htm](http://rem.ufpr.br/-REM/REMV5.1/vol5-1/rio.htm). Acesso em: 24/08/2023.

VICENTE, Sérgio Augusto. Antônio Sales, Belmiro Braga e Pedro Nava: trajetórias que se cruzam. **Revista Trama: arte, cultura e criatividade**, Juiz de Fora, n. 104, 15 ago. 2021. (ISSN 2764- 0639). Disponível em: <https://tramabodoque.com/2021/08/15/antonio-sales-belmiro-braga-e-pedro-nava-trajetorias-que-se-cruzam/>. Acesso em: 07/04/2024.

\_\_\_\_\_. De Poeta para Poeta: Padre Correia de Almeida, Belmiro Braga e um “velho” dicionário de rimas. **Revista Trama: arte, cultura e criatividade**, Juiz de Fora, n. 113, 17 out. 2021. (ISSN 2764- 0639). Disponível em: <https://tramabodoque.com/2021/10/17/de-poeta-para-poeta-padre-correia-de-almeida-belmiro-braga-e-um-velho-dicionario-de-rimas/>. Acesso em: 07/04/2024.

\_\_\_\_\_. O livro que o imperador traduziu. **Revista Trama: Arte, Cultura e Criatividade**, Juiz de Fora, n. 90, 09 mai. 2021. (ISSN 2764- 0639) Disponível em: <https://tramabodoque.com/2021/05/09/o-livro-que-o-imperador-traduziu/>. Acesso: 07/04/2024.

\_\_\_\_\_. Os “intelectuais mediadores”: afinal, qual a contribuição desse conceito para a história cultural? **Revista Trama: arte, cultura e criatividade**, Juiz de Fora, n. 50, 21 jun. 2020. (ISSN 2764- 0639). Disponível em: <https://tramabodoque.com/2020/06/21/os-intelectuais-mediadores-afinal-qual-a-contribuicao-desse-conceito-para-a-historia-cultural/>. Acesso em: 07/04/2024.

VISCARDI, Cláudia; SOARES, Livia P. Silva. Votos, partidos e eleições na Primeira República: a dinâmica política a partir das charges de *O Malho*. **Revista História**, São Paulo, n. 177, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rh/a/shSx4zJjDSvYDBJCKzvSpsS/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07/04/2024.

### 2.3 Livros

ABREU, Martha; GOMES, Ângela de Castro. **Apresentação – A nova “Velha” República: um pouco de história e historiografia**. In: *Tempo*, n. 26, v. 13, jan. 2009. p. 9-12.

AGULHON, Maurice. **El círculo burguês**. 1. ed. Buenos Aires: Siglo Ventiuno Editores Argentina, 2009.

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ARAÚJO, Maria Marta. **Com quantos tolos se faz uma República?** Padre Correia de Almeida e sua sátira ao Brasil oitocentista. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

AZEVEDO, Sânzio de. **A Padaria Espiritual (1892-1898)**. Fortaleza: Casa de José de Alencar, 1970.



\_\_\_\_\_. **A Padaria Espiritual e o Simbolismo no Ceará.** Fortaleza: Casa José de Alencar – UFC, 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento:** o contexto de François Rebelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2002.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. **Letras da Cidade.** Juiz de Fora: Funalfa, 2002.

BARBOSA, Leila Maria Fonseca; RODRIGUES, Marisa Timponi Pereira. O discurso religioso na obra de Belmiro Braga. **Revista da Academia Mineira de Letras** – versão eletrônica, Belo Horizonte, ano 98, v. 79, 2019. p. 267-277

BAUMANN, Zygmunt. **Legisladores e intérpretes:** sobre modernidade, pós-modernidade e intelectuais. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política:** ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & abusos da história oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** 10. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte:** gênese e estrutura do campo literário. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. 8. ed. Campinas: Papyrus, 1996.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna.** São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BURKE, Peter; BRIGGS, Asa. **Uma história social da mídia.** São Paulo: Zahar, 2006.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas.** São Paulo: Editora da USP, 1998.

CAPELATO, Maria Helena R. **Imprensa e História do Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2005.

CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo (orgs.). **A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHOR MAIO, Marcos. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 41-61.

CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira. **Europa dos Pobres: a belle-époque mineira**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1994.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DE LUCA, Tania Regina. **A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação**. São Paulo: UNESP, 1999.

DE LUCA, Tania Regina. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKI, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DELUMEAU, Jean. **História do Medo no Ocidente (1300-1800): uma cidade sitiada**. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DUARTE, Felipe Marinho. **Mercado financeiro e crédito público: acumulação de capital e financiamento da infraestrutura urbana de Juiz de Fora (1870-1900)**. Juiz de Fora: Funalfa, 2016.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELÓI, Amélia (org.). **Escritoras brasileiras**. Brasília: Câmara dos Deputados, 2022.

ENGEL, Magali Gouveia (org.). **Os intelectuais e a imprensa**. 1. ed. Rio de Janeiro: Faperj, 2015.

FACINA, Adriana. **Santos e canalhas: uma análise antropológica da obra de Nelson Rodrigues**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

FALLEIROS, Marcos Falcheiro. **Ingenuidade e brasileiro em Manuel Bandeira**. Natal: EDUFRN, 2018.

FAUSTO, Boris. **O pensamento nacionalista autoritário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.  
GAWRYSZEWSKI, Alberto (org.). **Imagem em debate**. Londrina: Eduel, 2011.

FRANCISCO, Nagib. **João Batista da Costa (1865-1926)**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1984.

GINZBURG, Carlo. **Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política**. 1. Ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia da história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo. O Nome e o Como: troca desigual e mercado historiográfico. In: \_\_\_\_\_. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: DIFEL, 1991.

GOMES, Ângela de Castro (org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Angela de Castro. **Essa gente do Rio...** Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patricia Santos (orgs.). **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Angela de Castro. Estado Novo: ambiguidades e heranças do autoritarismo no Brasil. In: ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha Viz (orgs.). **A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX – Brasil e América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOIHET, Rachel; et alii (orgs.). **Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história**. Rio de Janeiro: Mauad, 2005. p. 259-278.

GONZALEZ, Horácio. **O que são intelectuais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

HEINZ, Flávio M. (org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

LINS, Roberto Hugo da Costa. **Álbun João Baptista da Costa**: cento e vinte pinturas selecionadas. São Paulo: Edição do autor, 2012.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). **Jogos de escalas**: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LUSTOSA, Isabel. **Brasil pelo método confuso**: humor e boemia em Mendes Fradique. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

LUSTOSA, Isabel (org.). **Imprensa, humor e caricatura**: a questão dos estereótipos culturais. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Introdução. In: \_\_\_\_\_. **Jango e o Golpe de 1964 na caricatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. **Os trabalhadores e a cidade**: a formação do proletariado de Juiz de Fora e suas lutas por direitos (1877-1920). Juiz de Fora; Rio de Janeiro: Funalfa; FGV, 2010.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 1930: as incertezas do regime. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano**: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 14-37.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A realidade como vocação: literatura e experiência nas últimas décadas do império. In: GRINBERG, Keila (org.). **O Brasil Imperial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. (v. 3, 1870-1889)

RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes**: um revolucionário entre dois mundos. 1. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François; (orgs.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998.

RICCI, Paolo (org.). **As eleições na Primeira República (1889-1930)**. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2021.

ROCHE, Daniel. **História das coisas banais**: nascimento do consumo nas sociedades do século XVII ao XIX. Tradução: Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. **João do Rio**: a cidade e o poeta – olhar de flâneur na Belle Époque Tropical. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. A geração boêmia: vida literária em romances, casas e biografias. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo (orgs.). **A história contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 233-263.

RODRIGUES, Leandro Garcia (org.). **Raul de Leoni**: inéditos e dispersos. Petrópolis: Prefeitura Municipal de Petrópolis, 2021.

RODRIGUES, Leandro Garcia. **Cartas que falam**: ensaios sobre epistolografia. Belo Horizonte: Relicário, 2023.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

SALIBA, Elias Thomé. **Raízes do Riso**: a representação humorística na história brasileira – da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Experimento, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso; AVELAR, Alexandre de Sá (orgs.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Lima Barreto**: triste visionário. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930). São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & Abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SOBRINHO, Machado. **Notícias da Imprensa sobre a Academia Mineira de Letras**. Organização de Leila Maria Fonseca Barbosa e Marisa Timponi Pereira Rodrigues. Juiz de Fora: Funalfa, 2009.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. (atualizada). Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupa, memória, dor**. Organização e tradução de Tomaz Tadeu. 5. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

STOLS, Edy; MASCARO, Luciana Pelaes; BUENO, Clodoaldo (orgs.). **Brasil e Bélgica: cinco séculos de conexões e interações**. 1. ed. São Paulo: Narrativa Um, 2014.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN (orgs.). **Arquivos Pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

VELLOSO, Monica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano: o tempo do liberalismo excludente**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006. (v. 1)

VELLOSO, Monica. **Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

VELLOSO, Monica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 147-179.

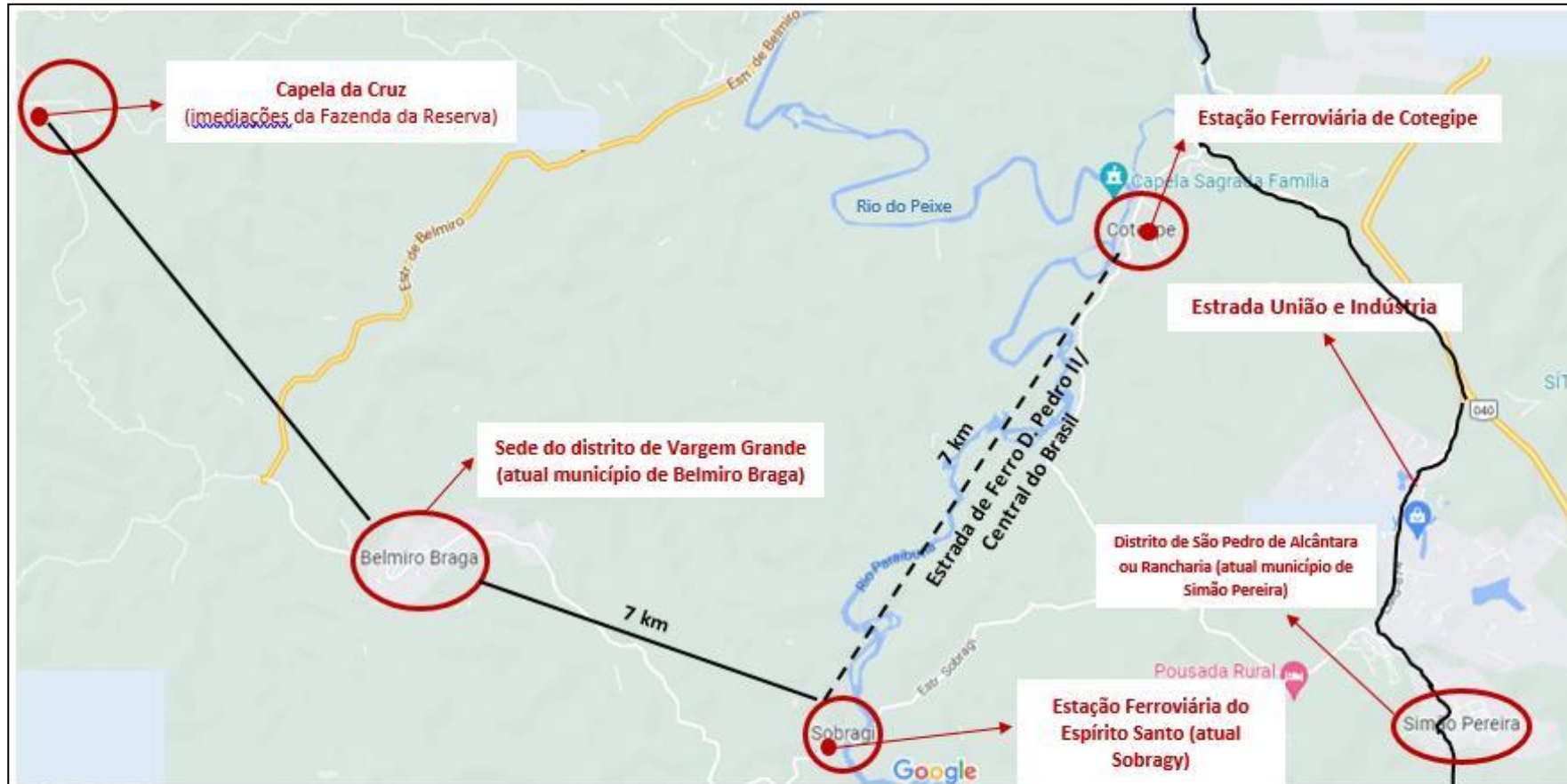
VENEZIANO, Neyde. **De Pernas pro Ar: o Teatro de Revista em São Paulo**. São Paulo: Imprensa Oficial, 2006. (*Coleção Aplauso*)

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. **O Teatro das Oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”**. 1. ed. Belo Horizonte: C/Arte, 2001.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

Itinerário feito por Belmiro Braga entre a Fazenda da Reserva e as estações ferroviárias de Sobragy e Cotegipe



**Imagem 1** – Ilustração didática da disposição geográfica e das conexões entre a sede do distrito de Vagem Grande (atual município de Belmiro Braga), a Estação do Espírito Santo (atual Sobragy), o distrito de São Pedro de Alcântara (atual município de Simão Pereira) e a Estação de Cotegipe, com distância estimada entre os pontos geográficos, no final do século XIX. Fonte: *Google Maps*. Adaptação: Sérgio Augusto Vicente.



## ANEXO 2

## Primeira carta de Belmiro Braga para Machado de Assis

Estação do Espírito Santo<sup>1206</sup> – Vargem Grande, 21 de junho de 1895.

Glorioso Mestre:

Desculpai-me, antes de tudo, a ousadia que cometo – escrevendo-vos estas desornadas linhas – eu – o mais obscuro dos filhos destes penhascos de Minas.

A grande admiração que tenho pelos vossos extraordinários escritos, fez-me pôr à margem certos escrúpulos, e aqui sei – hoje – que completais mais um ano de fecunda e promissora existência, apresentar-vos, por esse motivo, os meus sinceros parabéns.

Possuo todos os vossos livros – desde *Crisálidas* até o *Quincas Borba*, e são eles os de minha predileção – com especialidade *Quincas Borba*, *Brás Cubas*, *Papéis avulsos*, *Histórias sem data*, *Helena*, *A mão e a luva* e *Falenas*.

Em frente à minha mesa de trabalho, e num modesto quadro, tenho o vosso retrato – (o que nos deu o *Álbum* em seu segundo número).

Guardo também como relíquias a vossa magnífica tradução do *Corvo*, de Edgar Poe, e o discurso que lestes por ocasião do assentamento da 1.<sup>a</sup> pedra do monumento em honra a José de Alencar; e sei de cor o belo e justo artigo do malogrado Artur Barreiros e que veio acompanhando o vosso retrato.<sup>1207</sup>

Não tive estudos; o muito pouco que sei é devido a leituras que faço de bons livros; se os tivesse – em traços mais largos seria traçada essa minha pobre carta de parabéns.

Que por longos e dilatados anos se repita esse memorável 21 de Junho e que a vossa ilustrada pena não se recuse de dar-nos mais alguns livros para nossa honra e para nossa glória.

As vossas formosas crônicas da *Gazeta* são já bastante; mas para quem é tão rico em joias como vós – é muito pouco. “Que a vossa mão esquerda saiba o que deu a direita e dê mais que ela; que a direita saiba o que deu a esquerda e dê mais que ela. Dai com ambas as mãos e não saireis do Evangelho.”

Terminando científico-vos que por mais que o tempo vos acumule de anos haveis de ser sempre um jovem.

Vosso admirador e amigo sincero –

Belmiro Braga<sup>1208</sup>  
(Grifos nossos.)

<sup>1206</sup> Espírito Santo é o antigo nome do lugarejo que depois veio a se chamar Sobragy, atual distrito do município de Belmiro Braga (MG).

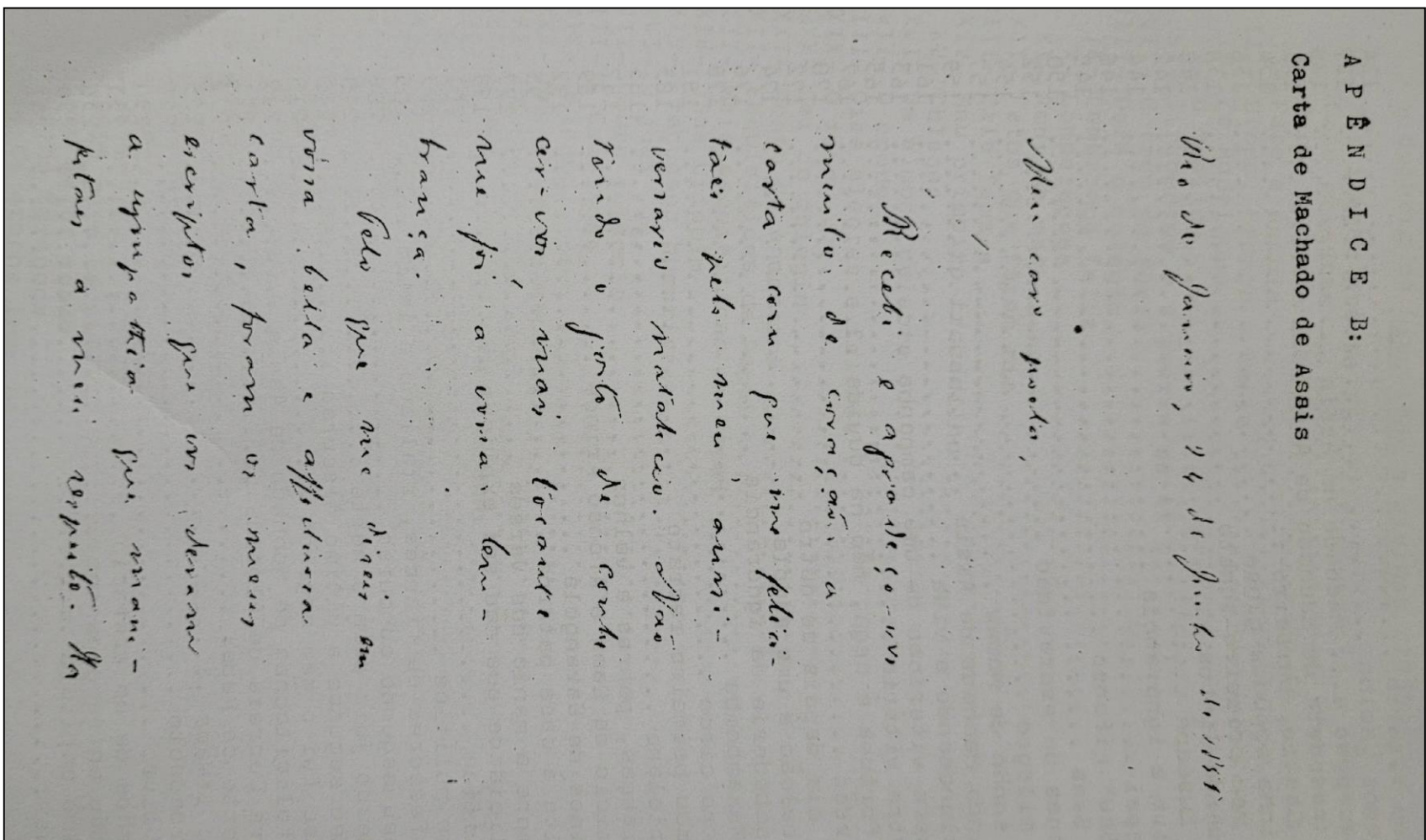
<sup>1207</sup> *A Semana*, 21/02/1885.

<sup>1208</sup> Carta de Belmiro Braga a Machado de Assis. Estação do Espírito Santo [atual Sobragy] – Vargem Grande. 21 de junho de 1895. MA – cp 214-F, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro (RJ).

## ANEXO 3A

Primeira carta de Machado de Assis para Belmiro Braga, Rio de Janeiro, 24/06/1895 (p. 1).

Acervo particular de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta do poeta Belmiro Braga.



## ANEXO 3B

Primeira carta de Machado de Assis para Belmiro Braga, Rio de Janeiro, 24/06/1895 (p. 2).

Acervo particular de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta do poeta Belmiro Braga.

deves sempre, que em  
 principio tem a fortuna  
 de ganhar com o tempo,  
 e não do momento. P'  
 Dece ao espirito antes  
 que com o que acontece  
 ao que elle pensou, e  
 mais ainda se o pensa-  
 mento, transferido ao  
 papel, é guardado entre  
 as coisas mais precia-  
 de alguma.  
 Agradeço - em tam-  
 bém se pudis ver os  
 que me se dedicar e  
 tenham a data de 21 de  
 Junho para melhor fazer  
 o verso obrigado e in-  
 teresse. Dependente de  
 assim, e modo-me  
 Assis - m. l. agradeço  
 Machado de Assis.

## ANEXO 4

Reprodução de cartão-postal de Arthur Azevedo para Belmiro Braga, sem data, versando sobre o poema-escritura que escrevera

Fonte: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1957, p. 36

<p style="text-align: center;">BILHETE POSTAL</p> <p>Correspondencia</p> <p>Meu amigo Recebi a escritura que me havia prometido. Está feita, realmente, com muito engenho, e recomenda ao mesmo tempo as virtudes do tabelião e as do poeta. Estimo que tenha ultimado a contento os teus negócios. Peço-lhe que dê lembranças minhas ao Penteadado e lhe diga que não faça caso de eu não ter respondido ainda às suas cartas. Um abraço do amigo e admirador.</p> <p>AD. SILVA &amp; C. - RUA DO OUMIDOR 22 RIO DE JANEIRO.</p> <p style="text-align: right;">Arthur Azevedo</p> <p>Endereço</p> <p>Exmo Sr.</p> <p>Belmiro</p> <p>Braga</p> <p>Juiz de Fora</p> <p>Minas</p> <p style="text-align: center;">ARTHUR AZEVEDO"</p>	<p>Meu amigo,</p> <p>Recebi a escritura que me havia prometido. Está feita, realmente, com muito engenho, e <u>recomenda ao mesmo tempo as virtudes do tabelião e as do poeta</u>. Estimo que tenha ultimado a contento os teus negócios. Peço-lhe que dê lembranças minhas ao Penteadado e lhe diga que não faça caso de eu não ter respondido ainda às suas cartas. Um abraço do amigo e admirador.</p> <p style="text-align: right;">Arthur Azevedo</p>
--	--

## ANEXO 5

Poema-escritura de autoria de Belmiro Braga<sup>1209</sup>

<p>Saibam quantos virem isto  - este público instrumento:  - No Ano do Nascimento  De Meu Senhor Jesus Cristo  De noventa e seis,  Aos vinte e quatro do mês  De janeiro, em meu cartório,  Na Vila da Aparecida,  E esta a mim distribuída,  Compareceram: João Libório,  Como outorgante de um lado,  Joaquim de Souza Cartacho,  Morador este em Valão  E aquele em Arrepellidos,  Sendo ambos conhecidos  Das testemunhas abaixo  E de mim, Tabelião,  Que esta assino, e que dou fé.  E, perante às testemunhas,  Pelo outorgante foi dito  Que sendo senhor e dono,  Por compra de Luiz André,  De um terreno em abandono  Na sesmaria dos Cunhas,  Desta Comarca e Distrito,  Vendo agora ao outorgado  O referido terreno  Já medido e demarcado,</p>	<p>Com Vicente Filomeno,  Ana Rosa e João Bemvindo,  Por quatrocentos mil réis  Recebidos neste ano  Em dinheiro e de uma vez;  Que os contou, e achando exato,  Neste público instrumento  Lhe dá plena quitação  De bem pago e satisfeito  E lhe transfere o direito,  A posse, o domínio e ação,  Ficando o dito outorgado  (que a venda não se discute)  Nesse terreno empossado  Pela cláusula constitui.  Pelo comprado foi dito  Que recebe esta escritura  Como nela se contém,  Pois, tudo ficando escrito  A venda fica segura  E não lhe anula ninguém;  E deu-me Souza Cartacho,  Comprador de João Libório,  O selo colado abaixo  E mais um talão que fica  Registrado em meu cartório  E que prova o pagamento  do imposto de seis por cento</p>
---	---

<sup>1209</sup> *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 23/04/1907, p. 1.

Por seus lados dividindo  
Assim disseram as partes  
E me pediram fizesse  
Esse instrumento – o que fiz,  
E sendo lido com artes  
Às testemunhas presentes:  
Vigilato sobe e desce  
E Godofredo Muniz,  
Acharam-no em tudo exato,  
Ficaram ambos contentes  
E assinam todos neste ato  
Comigo, Tabelião  
Que a escrevi, assino e dato.

ao coletor João Benfica  
deste público instrumento.

## ANEXO 6

**Instituto Metodista Granbery (à esquerda) e Club Juiz de Fora (à direita).**  
Acervo do Arquivo Fotográfico do Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).



## ANEXO 7

Poema satírico dedicado por Belmiro Braga a Eduardo Leite, acompanhado de caricatura de autoria de Raul Pederneiras

Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, de 10/07/1910, p. 29

Ihor dos limpinhos e, estes foram em baixa, alta ou má hora de maré denominados "smarts"...  
Vox populi, vox dei.  
Junho, de 910.

G. de Almeida Brito.

---

**IMPROVISO**

*Para a festa do actor Eduardo Leite, em Juiz de Fóra.*

Apezar do intenso frio,  
Com que calor e deleite  
Eu aqui não me associo  
A's homenagens ao Leite!

No Eden de Juiz de Fóra,  
O Leite, por modos taes,  
Tornou-se amado, que agora  
Ninguem o dispensa mais.

Aqui (Pois se alguém duvida  
Que o caso que narro espreite)  
Torna-se a peça querida  
Quando é levada com o Leite.


Ao Leite versos consagro  
Num pobre estylo balordo,  
Mas se é ruim o Leite magro,  
O daqui é Leite... gordo.

Gente robusta e vermelha,  
Gosta do Leite. Que tacos!  
Quando o medico aconselha  
O Leite só para os fracos...

Agora mal rompe o dia  
E desde que o Leite accete,  
Aqui na confeitaria,  
Bebemos café com... Leite.

Meus amigos, e esta é boa!  
Que a lição lhes aproveite,  
Não come o Pedro Lisboa  
Até bananas com... Leite.

**O FIGURINO**



Um outro facto que vejo  
E conto aqui sem enfeite:  
Nem todos gostam do queijo  
Mas ninguem detesta o Leite.

Lizia certa viuva  
A um nosso estimado mogo:  
Quando o Leite toma chuva  
O Leite fica mais grosso.

Gente formosa e do tom  
A todo o mundo assegura  
Que o Leite por ser tão bom  
Parece de Pojadura.

Entretanto o bello artista...  
Digo-o nas quadras mofinas:  
Não é daqui — é Paulista;  
Se fosse o Leite de Minas...

Muitas vezes desconfio  
Que de Coelho aqui ha dente,  
Faz calor o Leite é frio,  
Faz frio — que Leite quente.

Certo amigo velho, edoso,  
Dizia a certa velhinha:  
Leite como este gostoso,  
Vae mesmo assim sem farinha.

Mas senhores tenho medo  
Do que da bocca me sahe:  
Quando o Leite fica azedo  
Nem mesmo com assucar vae.

Nem batido ou desnatado  
O Leite não foi lhes juro,  
Apezar de baptisado  
Continúa o Leite... Puro.

Do Leite sou como o Pinho,  
Que diz em tom romanesco:  
Gosto do Leite cedinho  
Mas evito o Leite fresco.

Mas como o guardar? Acaso  
Eu acharei um boião?  
Para o Leite eu tenho um vaso  
Que se chama coração!

Belmiro Braga.

Juiz de Fóra.

— Com essa moda a senhora não pode dar um passo  
— Não é preciso; tenho quem marche por mim.

Segundo um velho ditado  
Cara não é coração:  
Parece o Leite salgado?  
Parece, mas não é, não.

Ora do Leite não fosse,  
O coração de crystal!  
Senhores o Leite é doce  
Mesmo quando entra no sal.

Mas faz frio e... caso estranho  
O Leite fica esquentado;  
E apezar de tomar banho  
E: gorda, não fica aguado.



## ANEXO 8

## Repertório de peças teatrais de Belmiro Braga

TÍTULOS	ANO	EDIÇÃO/ CIDADE	LOCALIZAÇÃO
<i>Que Trindade!</i>	1920	C. Teixeira & Cia. Editores (São Paulo)	Arquivo Nacional/ Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia (Rio de Janeiro – RJ)
	1926	C. Teixeira & Cia. Editores (São Paulo)	Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP)  Acervo Pessoal de Leila Maria Barbosa Amaral (sobrinha-neta de Belmiro Braga)
	1928	Datilografada para a censura (Delegacia Auxiliar de Polícia)	Arquivo Nacional/ Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia (Rio de Janeiro – RJ)

<i>Na Roça</i>	1925	Datilografada para a Censura (Delegacia Auxiliar de Polícia)	Arquivo Nacional/ Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia (Rio de Janeiro – RJ)
	1948	Livraria Teixeira; Vieira Pontes & Cia. Editores (São Paulo)	Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP)
	1961	Livraria Teixeira; Lomelino & Silva Editores (São Paulo)	Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP)  Acervo Pessoal de Leila Maria Barbosa Amaral (sobrinha-neta de Belmiro Braga)
<i>Na Cidade</i>	1926	Livraria Teixeira; Vieira Pontes & Cia. Editores	Biblioteca Jenny Klabin Segall – Museu Lasar Segall (São Paulo – SP)

(ou <i>O Sete-Nomes</i> )			
<i>Mamãe, olha o Periquito*</i> (* <b>Obs.:</b> Trata-se da peça <i>Na Cidade</i> , apenas com o título diferente e algumas pequenas variações no texto.)	1928	Datilografada para a censura (Delegacia Auxiliar de Polícia)	Arquivo Nacional/ Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia (Rio de Janeiro – RJ)
<i>Porto, Madeira e Collares</i>	1922	C. Teixeira & Cia. Editores (São Paulo)	Acervo Pessoal de Leila Maria Barbosa Amaral (sobrinha-neta de Belmiro Braga)
<i>O Divórcio</i>	1925	Datilografada para a censura (Delegacia Auxiliar de Polícia)	Arquivo Nacional/ Fundo Delegacia Auxiliar de Polícia (Rio de Janeiro – RJ)
<i>Coisas da Vida</i> (autoria de Belmiro Braga e Gastão Tojeiro)	1909	-	Roteiro não encontrado.
<i>Medo de Mulher</i>	-	-	Roteiro não encontrado.
<i>Um juiz de fora em Juiz de Fora</i>	-	-	Roteiro não encontrado.
<i>O voto secreto</i>	-	-	Roteiro não encontrado.

<i>Zás-Traz</i>	-	-	Roteiro não encontrado.
<i>Todo Marido</i>	-	-	Roteiro não encontrado.
<i>Os candidatos</i>	-	-	Roteiro não encontrado.
<i>Padre, Filho e Espírito Santo</i>	-	-	Roteiro não encontrado. É provável que se trate de uma variante de título da peça “Que Trindade!”.
<i>O escravo</i> <sup>1210</sup>	-	-	Roteiro não encontrado.

---

<sup>1210</sup> A referência a esta peça foi encontrada na seguinte matéria: III Festival Regional de Teatro Amador de Santos e Litoral. *A Tribuna*, Santos, 29/10/1960, p. 5.

COMRRO DA MANHÃ — Segunda, 15 de Junho de 1912

# A PRINCEZA DE MINAS

## Juiz de Fora, uma grande cidade do interior



DR. OSÓRIO VIDAL BARBOSA LAGE  
Presidente do Conselho

Dr. Osório Vidal Barbosa Lage, presidente do Conselho Municipal de Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Dr. Lage em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

### Hygiene Municipal

Os serviços de higiene municipal de Juiz de Fora são prestados com eficiência e zelo. O Conselho Municipal tem tomado medidas para melhorar as condições sanitárias da cidade, incluindo a limpeza das ruas e o controle de resíduos.

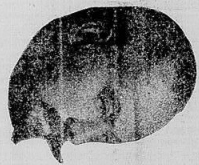
### De Juiz de Fora

Notícia sobre a administração municipal de Juiz de Fora. O Conselho Municipal tem realizado diversas reuniões para discutir e aprovar projetos de lei e outras medidas importantes para o desenvolvimento da cidade.

## ANEXO 9

### Belmiro Braga em destaque em matéria especial sobre Juiz de Fora no jornal Correio da Manhã

Fonte: Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 15/06/1912



### O correio

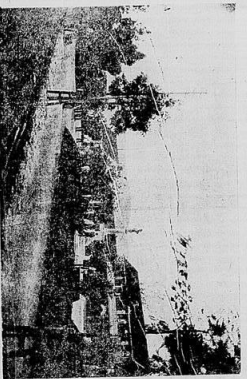
Franklin Magalhães  
"Luz" — O novo autor em Juiz de Fora é o Sr. Franklin Magalhães, que vem publicando nos jornais de nossa cidade interessantes e interessantes artigos...

Franklin Magalhães  
O novo autor em Juiz de Fora é o Sr. Franklin Magalhães, que vem publicando nos jornais de nossa cidade interessantes e interessantes artigos...

Franklin Magalhães  
O novo autor em Juiz de Fora é o Sr. Franklin Magalhães, que vem publicando nos jornais de nossa cidade interessantes e interessantes artigos...

Franklin Magalhães  
O novo autor em Juiz de Fora é o Sr. Franklin Magalhães, que vem publicando nos jornais de nossa cidade interessantes e interessantes artigos...

Franklin Magalhães  
O novo autor em Juiz de Fora é o Sr. Franklin Magalhães, que vem publicando nos jornais de nossa cidade interessantes e interessantes artigos...



O Largo do Ramalhão, com a vista geral da cidade de Juiz de Fora.

Quando o Sr. Duarte de Alencar, presidente do Conselho Municipal de Juiz de Fora, chegou à cidade, encontrou uma situação de emergência. A cidade estava passando por dificuldades econômicas e sociais, e o Sr. Duarte de Alencar tomou medidas urgentes para resolver os problemas.

### O Jasmeinho



Belmiro Braga, Juiz de Fora.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

Belmiro Braga, Juiz de Fora, em um momento de sua administração. A imagem retrata o Sr. Braga em um ambiente formal, possivelmente durante uma reunião ou sessão do conselho.

**GRANDE FABRICA DE BISCOITOS**

**Biscuitos e biscoitos de todas as qualidades**

Importação de vinhos portu- zes e franceses.

**Carlin & Co.**

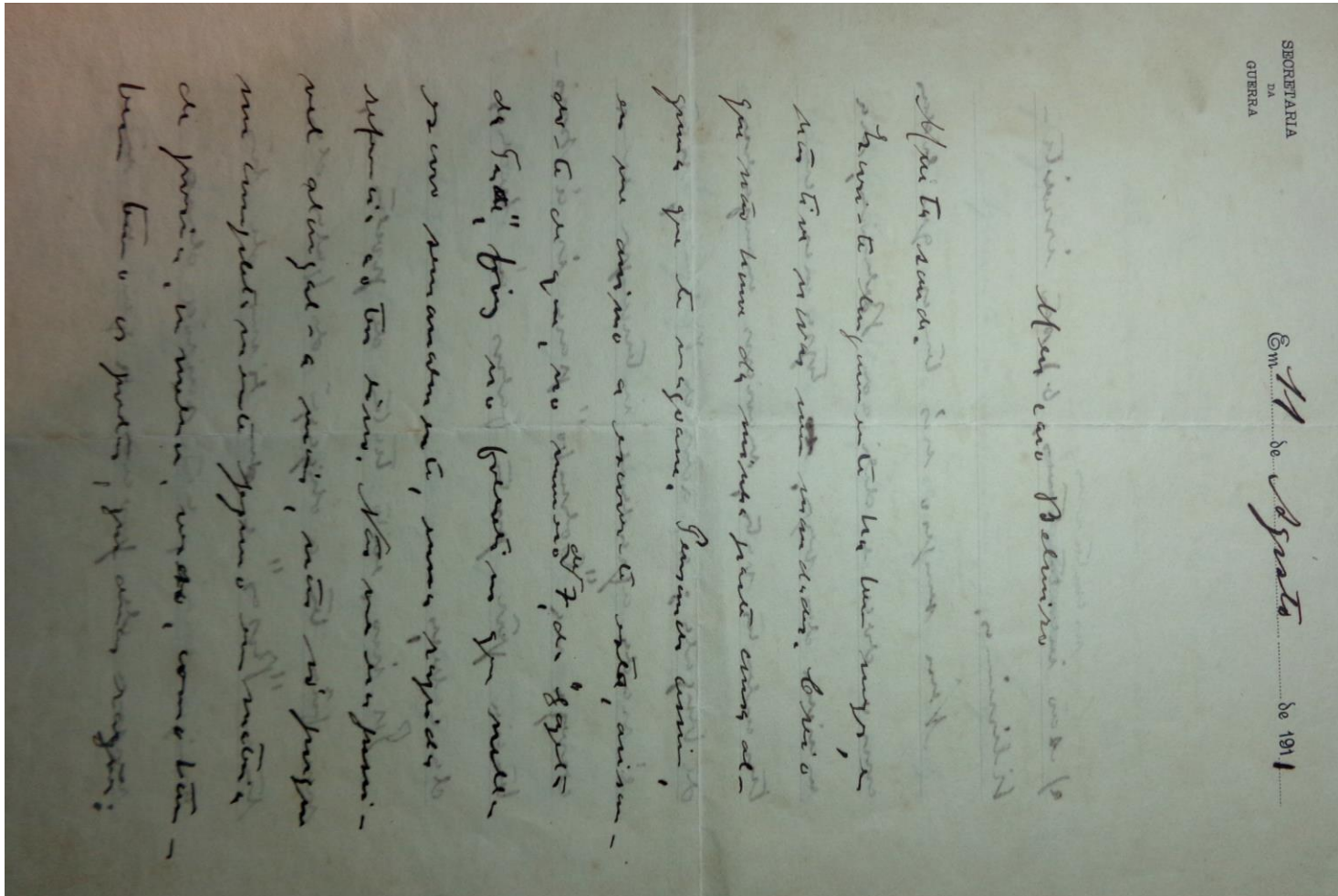
**Cooperativa Agricola**

Atividade agrícola em andamento. A imagem mostra um campo com trabalhadores e equipamentos agrícolas, destacando o esforço coletivo da comunidade local para melhorar a produção e a vida dos agricultores.

ANEXO 10A

Carta de Lima Barreto para Belmiro Braga, 11 de agosto de 1911 (p. 1).

Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, Juiz de Fora (MG).



## ANEXO 10B

**Carta de Lima Barreto para Belmiro Braga, 11 de agosto de 1911 (p. 2).**

Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, Juiz de Fora (MG).

2) aos ~~meus~~ <sup>meus</sup> ~~meus~~; 3) aos inválidos -  
 Belmiro,  
 Não tenho mais tempo que dedicar  
 ao meu trabalho de Belmiro, mas  
 me sinto obrigado, e espero com  
 toda a certeza, a reunião em agosto  
 de Belmiro e a chegada de Belmiro, não  
 é nada agradável em Belmiro, mas  
 sempre me lembro "para ir a Belmiro -  
 Belmiro para Belmiro" Belmiro e Belmiro  
 de Belmiro, mas Belmiro me  
 deu um livro, sobre Belmiro de Belmiro e,  
 não tenho a obrigação de Belmiro de  
 Belmiro "Belmiro" e Belmiro de Belmiro  
 Belmiro me, não Belmiro de Belmiro  
 Belmiro de Belmiro e Belmiro de Belmiro

## ANEXO 10C

**Carta de Lima Barreto para Belmiro Braga, 11 de agosto de 1911 (p. 3).**

Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, Juiz de Fora (MG).

amigo,  
 Espereite a occorriente, pois que -  
 antes de o porem a pte, vou enviar  
 a lista de obras, publicacoes de  
 obras de fono, e a commissão de  
 nome de  
 f'roy de Sousa Tenente, Rio  
 e extensivas, tendo feito aqui as suas  
 obras em fono e nos rivis,  
 Poder-se-ia até, apresentando  
 um livro de antecedenção de Lima  
 de Fina, basicamente de oq  
 parte de mais extensivas, em  
 fono,  
 f'roy de fono que seu me  
 bi que inda de dos primo;



## ANEXO 10D

**Carta de Lima Barreto para Belmiro Braga, 11 de agosto de 1911 (p. 4).**

Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta de Belmiro Braga, Juiz de Fora (MG).

e, como tu és o Príncipe da península  
 Panfletaria, não te tens' fadado a  
 enlutar sem o indispensável corte de  
 especiarias e frutas.  
 Lembra-te de agradecer a mim, mas não de  
 me agradecer a ti e aos outros, mas a  
 ti e a mim, e a todos os outros.  
 Com carinho,  
 Lima Barreto.

## ANEXO 11

Escritura lavrada no cartório de Belmiro Braga, em 02/09/1918, por seu substituto (Juvenal Augusto da Silva), durante o período em que o poeta residiu no Rio de Janeiro. Acervo do Arquivo Histórico do Museu Mariano Procópio, Juiz de Fora (MG) – Coleção Pantaleone Arcuri.

**Extracto**

**BELMIRO BRAGA**  
TABELLÃO E ESCRITÓRIO DO 2º OFFÍCIO  
JUÍZ DE FORA

Freguezia do imóvel: Juiz de Fora

Denominação: Rua do Espírito Santo

Confrontações e característicos: uma Terreno situado nesta fozidade, o qual mede de frente vinte e cinco metros, com fundos ali o Barrageo da Independencia, distincto por um lado com os terrenos vizinhos e por outro com os adquirentes.

Nome e domicilio dos adquirentes: Pantaleon Arcuri e Aguielli, residentes nesta fozidade.

Nome e domicilio dos transmitentes: Francisco Fauchini e Aguielli Bordina Bartolatti, residentes nesta fozidade.

Titulo de transmissão: compra e venda.

Forma do titulo e tabellão: Escrita de 2 de Setembro de 1918, lavrada pelo tabellão subscrito Juvenal Augusto da Silva.

Valor do contracto: R\$ 4:000\$000

Condições:

Juiz de Fora 5 de Setembro de 1918,  
Apresentante: Venicio de Paula Barbosa

2463

## ANEXO 12

Entrevista concedida por Belmiro Braga à revista *Fon-Fon*Fonte: Reportagens íntimas. *Fon-Fon*, Rio de Janeiro, 23/06/1917, p. 20

## Reportagens Íntimas

## SECÇÃO MASCULINA



Belmiro Braga é um poeta delicioso, tanto pela espontaneidade da sua inspiração como pela suavíssima e casta beleza dos seus versos. Já lhe chamaram o *nosso João de Deus*, e esta comparação, que é um justo título de glória para o poeta brasileiro, talvez fosse motivo de desvanecimento para o grande lyrico português, se elle ainda existisse para poder sentir o encanto dessa musa irmã da sua. — Respondendo ao questionário de *Fon-Fon*, Belmiro Braga, que tem espirito para todas as circumstancias, escreveu o que pensava... na occasião. Isto, aliás, nada diz contra a variabilidade das suas impressões, e fala apenas em favor dos recursos do seu talento.

*O traço predominante do meu caracter :*

Duvidar muito de mim e acreditar... pouco nos outros.

*A qualidade que prefiro na mulher :*

A bondade alliada á simplicidade.

*O typo feminino que mais me agrada :*

Aquelle que, em caso de perigo, eu possa carregar nos braços...

*A nacionalidade de mulher que mais me seduz :*

A brasileira... viajada

*A minha principal qualidade :*

Ser rapido em tudo.

*O meu defetto principal :*

Fazer tudo com rapidez.

*O meu passatempo favorito :*

Ler versos ruins... para achar os meus bons.

*A minha verdadeira vocação :*

Dizem os tabelliães que eu nasci poeta e dizem os poetas que nasci... tabellião.

*O que eu desejaria ser :*

O que sou... com mais preparo, mais dinheiro e... menos idade.

*A época em que eu quizera ter vivido :*

No tempo que se amarravam os cachorros com linguaça.

*O divertimento que mais me atrabe :*

Missas de 7<sup>o</sup> dia de defuncto rico.

*Os meus escriptores e poetas predilectos :*

Aquelles que pensam como eu penso e se expressam como eu me expresso.

*O que meu paladar prefere :*

Tudo... na casa dos outros.

*O que mais me ataca os nervos :*

Ouvir Wagner entre discipulos fanaticos de... Wagner.

*Os erros que merecem a minha indulgencia :*

Nas contas dos meus credores, todos os que são... a meu favor.

*O que penso do "flirt" :*

Que é o maior infortunio dos... estrábicos.

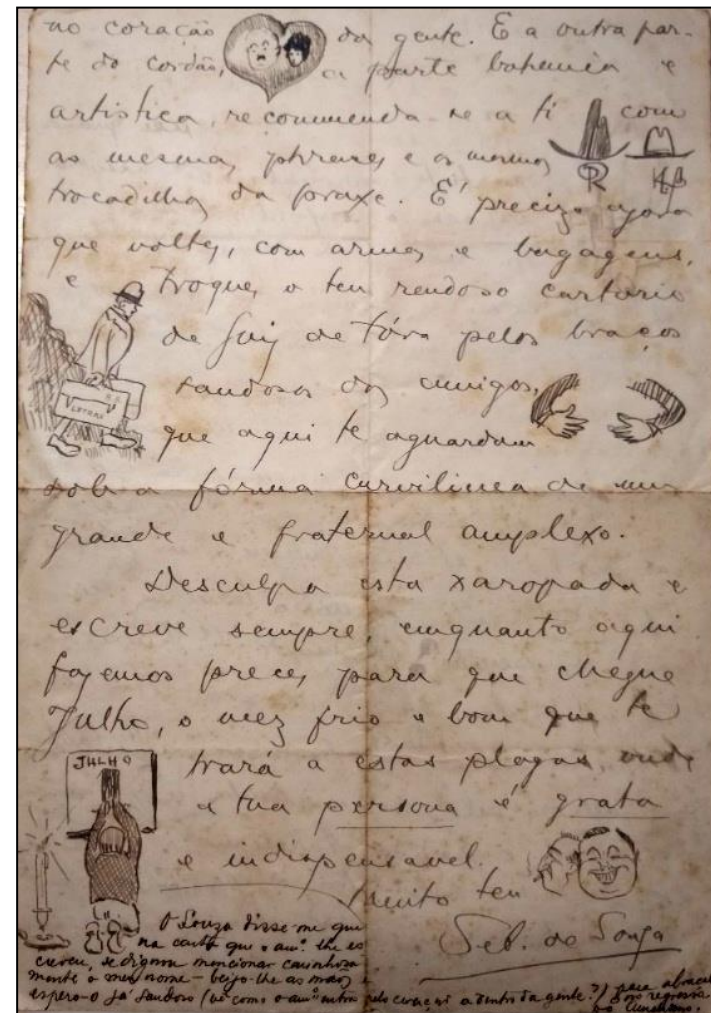
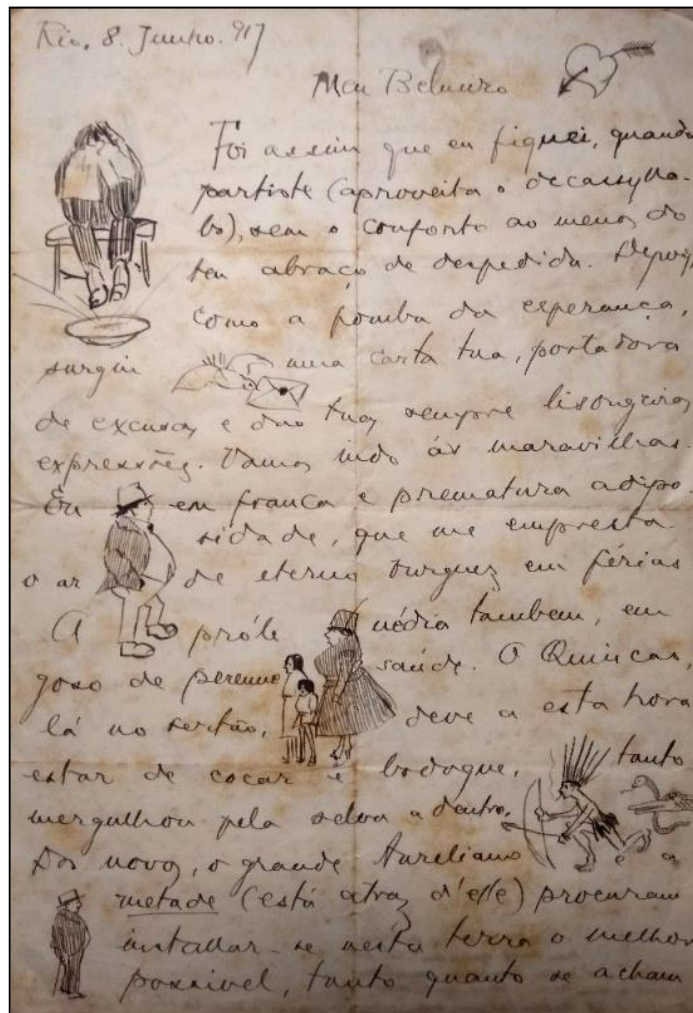
*A minha divisa :*

Para fazer economia, não olho a despezas.

BELMIRO BRAGA

## ANEXO 13

**Carta de Sebastião de Souza (Gastão Penalva) endereçada a Belmiro Braga, em 8 de junho de 1917**  
 Acervo: Arquivo Pessoal Dormevilly Nóbrega – Coleção Belmiro Braga. CECOM/UFJF, Juiz de Fora (MG)



## ANEXO 14

## Ata de reunião da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, de 04/10/1917, da qual Belmiro Braga participou.

ATA DA REUNIÃO DE 4 DE OUTUBRO DE 1917
<p>Aos quatro de Outubro de mil novecentos e dezessete, às dezesseis horas, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, sob a presidência de Oscar Guanabara, reuniram-se, pessoalmente, COELHO NETTO, VIRIATO CORREIA, RAUL PEDERNEIRAS, BASTOS TIGRE, PAULO BARRETO, BELMIRO BRAGA, AGENOR DE CARVOLIVA, GOULART DE ANDRADE, AVELINO DE ANDRADE, CARLOS CAVACO, AZEVEDO COUTINHO, FRANCISCA GONZAGA ALVARENGA FONSECA, IGNACIO RAPOSO, LUIZ PEIXOTO, CÂNDIDO COSTA, FÁBIO AARÃO REIS, LESSA BASTOS, MARQUES PINHEIRO, RAPHAEL PINHEIRO, JULIÃO MACHADO, ARTHUR CINTRA, J. BRITO, RUBEM TAVARES, CARLOS BITTENCOURT, ABÍLIO MARGARIDO, MÁRIO MONTEIRO, EUCLIDES BASTOS, J. PRAXEDES, ODUVALDO VIANNA, e representantes, DELGADO DE CARVALHO, HENRIQUE OSWALDO, OSCAR LOPES, BENJAMIN CARVOLIVA, ARLINDO LEAL, JOÃO LUZO, RESTIER JÚNIOR, IRMÃOS QUINTILIANO, JOSÉ NUNES, PAULINO DO SACRAMENTO, ADALBERTO DE CARVALHO, BENTO MUSSURUNGA e MAURO DE ALMEIDA, em assembleia convocada para leitura, discussão e votação dos estatutos da Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais. Apreendida a acta da reunião anterior, foi exposto pelo Presidente o objectivo da convocação, sendo logo feita a leitura do projecto da lei social. Amplamente discutidos os artigos e emendas referentes á organização e fins da Sociedade, foram por maioria de votos approvados os seguintes dispositivos, dos quaes o ultimo foi accedido em votação nominal: - Capitulo Iº Organização e fins da Sociedade Iª De accordo com as leis em vigor, fica constituída no Brasil, com sede na Capital Federal, a Sociedade Brasileira de Autores Teatraes, com tantas agencias ou succursaes pelo Territorio da União quantas forem necessarias ao seu desenvolvimento, tendo por fim conservar sempre elevado o nivel da classe, ser um elemento permanente de propaganda do theatro nacional, approximar os autores entre si, defender e elevar, quanto possivel, a propriedade, litteraria e artistica em todo o paiz e fora d'elle. Para tanto conseguir, a Sociedade, que se regulará ( pelo Decreto 1657 de 5 de Janeiro de 1907, obriga-se a - 1ª) manter com regularidade e de accordo com as necessidades occorrentes o serviço da respectiva assistencia judiciaria; - 2ª) crear e manter serviço desenvolvido de relações com associações estrangeiras congeneres, regulando garantias reciprocas; 3ª) manter uma bibliotheca em que figurarão autores estrangeiros e nacionaes, especialmente aquelles que se occupam do theatro; - 4ª) garantir as obras dos seus associados, no terreno legal da propriedade artistica e litteraria, tendo em vista o artº 675 do Cod. Civ. Bras. e as demais disposições em vigor; - 5ª) esforçar-se pela isenção de impostos sobre espectaculos em que forem representados originaes de autores brasileiros, e pela applicação legal dos impostos devidos em outras representações quaesquer.</p> <p>Capitulo IIº Dos Socios- Artº 2º - para ser admittido como socio é necessario ser brasileiro, pelo nascimento, ou pela lei, de qualquer sexo, desde que accedido pela Directoria, mediante proposta assignada por qualquer associado. Artº 3º - Para o estrangeiro, propriamente dito, ser admittido será preciso que a Assembléa geral o accete, por maioria de dois terços, mediante proposta assignada por cinco membros no minimo. Artº 4º - Só poderá ser proposto, nacional ou estrangeiro, quem tiver pelo menos uma obra theatral já publicada ou representada.</p> <p>Pelo adiantado da hora, o Presidente convocou para o dia seis do corrente, ás quinze horas, no mesmo local, nova reunião para o mesmo fim e deu por encerrada a sessão. Em tempo: esteve presente tambem Medeiros de Albuquerque - Oscar Guanabara, Viriato Corrêa, Gastão Tojeiro.</p>

## ATA DA REUNIÃO DE 4 DE OUTUBRO DE 1917

Aos quatro de outubro de mil novecentos e dezessete, às dezesseis horas, na sede da Associação Brasileira de Imprensa, sob a presidência de Oscar Guanabara, reuniram-se, pessoalmente, COELHO NETTO, VIRIATO CORREIA, RAUL PEDERNEIRAS, BASTOS TIGRE, PAULO BARRETO, **BELMIRO BRAGA**, AGENOR DE CARVOLIVA, GOULART DE ANDRADE, AVELINO DE ANDRADE, CARLOS CAVACO, AZEVEDO COUTINHO, FRANCISCA GONZAGA<sup>1211</sup>, ALVARENGA FONSECA, IGNACIO RAPOSO, LUIZ PEIXOTO, CÂNDIDO COSTA, FÁBIO AARÃO REIS, LESSA BASTOS, MARQUES PINHEIRO, RAPHAEL PINHEIRO, JULIÃO MACHADO, ARTHUR CINTRA, J. BRITO, RUBEM TAVARES, CARLOS BITTENCOURT, ABÍLIO MARGARIDO, MÁRIO MONTEIRO, EUCLIDES BASTOS, J. PRAXEDES, ODUVALDO VIANNA, e representantes, DELGADO DE CARVALHO, HENRIQUE OSWALDO, OSCAR LOPES, BENJAMIN CARVOLIVA, ARLINDO LEAL, JOÃO LUZO, RESTIER JÚNIOR, IRMÃOS QUINTILIANO, JOSÉ NUNES, PAULINO DO SACRAMENTO, ADALBERTO DE CARVALHO, BENTO MUSSURUNGA E MAURO DE ALMEIDA, em assembleia convocada para leitura, discussão e votação dos estatutos da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais. Aprovada a ata da reunião anterior, foi exposto pelo Presidente o objetivo da convocação, sendo logo feita a leitura do projeto da lei social. Amplamente discutidos os artigos emendas

<sup>1211</sup> Conhecida como Chiquinha Gonzaga.

referentes à organização e fins da Sociedade, foram por maioria de votos aprovados os seguintes dispositivos, dos quais o último foi aceito por votação nominal:

### **Capítulo 1º - Organização e fins da Sociedade**

Art. 1º: De acordo com as leis em vigor, fica constituída no Brasil, com sede na Capital Federal, a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, com tantas agências ou sucursais pelo Território da União quantas forem necessárias ao seu desenvolvimento, tendo por fim conservar sempre elevado o nível da classe, ser um elemento permanente de propaganda do teatro nacional, aproximar os autores entre si, defender e elevar, quanto possível, a propriedade literária e artística em todo o país e fora dele. Para tanto conseguir, a Sociedade, que se regulará (pelo Decreto 1637 de 5 de janeiro de 1907, obriga-se a: 1º) manter com regularidade e de acordo com as necessidades ocorrentes o serviço da respectiva assistência judiciária; 2º) criar e manter serviço desenvolvido de relações com associações estrangeiras congêneres, regulando garantias recíprocas; 3º) manter uma biblioteca em que figurarão autores estrangeiros e nacionais, especialmente aqueles que se ocupem de teatro; 4º) garantir as obras dos seus associados, no terreno legal da propriedade artística e literária, tendo em vista o artigo 673 do Código Civil Brasileiro e as demais disposições em vigor; 5º) esforçar-se pela isenção de impostos sobre espetáculos em que forem representados originais de autores brasileiros, e pela aplicação legal dos impostos devidos em outras representações quaisquer.

### **Capítulo 2º - Dos Sócios**

Art. 2º: Para se admitido como sócio é necessário ser brasileiro, pelo nascimento, ou pela lei, de qualquer sexo, desde que aceito pela Diretoria, mediante proposta assinada por qualquer associado.

Art. 3º: Para o estrangeiro, propriamente dito, ser admitido, será preciso que a Assembleia Geral o aceite, por maioria de dois terços, mediante proposta assinada por cinco membros no mínimo.

Art. 4º: Só poderá ser proposto, nacional ou estrangeiro, quem tiver pelo menos uma obra teatral já publicada ou representada.

Pelo adiantado da hora, o Presidente convocou para o dia seis do corrente, às quinze horas, no mesmo local, nova reunião para o mesmo fim e deu por encerrada a sessão. Em tempo: esteve presente também Medeiros de Albuquerque, Oscar Guanabary, Viriato Corrêa, Gastão Tojeiro.

Assinado.

## ANEXO 15

Homenagem da *Revista Souza Cruz* a seus colaboradores (dentre eles, Belmiro Braga e Lima Barreto)

Fonte: Homenagem aos colaboradores da *Revista Souza Cruz*. *Revista Souza Cruz*, Rio de Janeiro, ano 3, n. 14, jan. 1918, p. 180



**ANEXO 16**

Retrato a carvão de autoria de Carlos Reis, com dedicatória para o poeta Belmiro Braga (“Ao ilustre Poeta Belmiro Braga, 1919”). Acervo do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora – Minas Gerais (MG).





## ANEXO 17

**BRAGA, Belmiro. A Carlos Reis. In: Suplemento *Artes e Letras, Jornal do Recife, Recife, 01/08/1919, p. 3***

Ilustre artista, esta festa  
feita do pé para a mão,  
é, na verdade, modesta,  
mas é toda coração.

Quisemos nós, ao traçá-la,  
mostrar ao artista eminente,  
não do nosso lar a sala,  
mas um cantinho mais quente.

Um cantinho em que vossa alma  
entre afetos, recolhida,  
encontre, saudoso, a calma  
da Pátria longe e querida.

Carlos Reis, estes afetos  
em que noss'alma o cercou  
não dos brasileiros – netos  
de Portugal – nosso avô.

Dos violões repinicados  
a voz dolorida narra  
toda a saudade dos fados  
de sua irmã a guitarra.

A pinhões por que se amanha  
o brasileiro em geral  
é primo-irmão da castanha  
que nos manda Portugal.

Hoje, em dar-vos nosso abraço  
de muito afeto e carinho,

mostramo-vos um pedaço  
do vosso encantado Minho.

Ali crepita a fogueira  
sob as ramas dos cipós.  
Oh! Mas n'alma brasileira  
há maior calor por vós!

Subindo rampas e topos,  
numa alegria louçã,  
acha-se aqui Júlia Lopes<sup>1212</sup>  
brasileira e vossa irmã.

Bastava a presença dela  
junto à nossa pequenez  
pra de uma festa singela  
Tornar a festa de Reis.

Perdoai, Artista, o improvisado  
de um modesto trovador,  
que vos vem dar num sorriso  
a expressão do nosso amor.

Dizei, pois, ao vosso povo  
- esbelto, nobre e viril,  
que viestes achar de novo  
um Portugal no Brasil.

<sup>1212</sup> A escritora Júlia Lopes de Almeida.

## ANEXO 18

Sonetos de Belmiro Braga e Antônio Sales na revista *D. Quixote*, nos quais fazem troça com os atrasos nas respostas das cartas

Fonte: Entre poetas (Duas cartas). *D. Quixote*, Rio de Janeiro, n. 81, ano 2, 27/11/1918, p. 17.

Belmiro,	Antônio Sales,
<p>Há quanto tempo não me escreves! Passa um buque, outro buque vem à liça, E não paga as respostas que me deves A tua pena trêfega e remissa.</p> <p>Justo é que em boas diversões te enleves; Porém, homem de Deus, tua preguiça Nem te deixa escrever as cartas breves Que fazes como quem assa linguiça?</p> <p>Recebo, é certo, válidos pacotes<sup>1213</sup> De jornais, que, vendidos como entulhos, Produziriam níqueis aos magotes.</p> <p>Deles já tenho três cadeiras fartas! Mas eu daria esse montão de embrulhos Pela menor das tuas curtas cartas.</p> <p>Antônio Sales Ceará, agosto de 1918</p>	<p>Todo dia faço Tenção de escrever e vai-se o dia E novas cartas vêm juntar-se ao maço Das que me manda a tua fidalguia.</p> <p>A não ser na <i>Cruzeiro</i><sup>1214</sup>, companhia A que dou todo esforço do meu braço, À noite nunca escrevo (a noite é fria), Nem nunca de manhã... porque há mormaço.</p> <p>De carta respondida e conta paga, Se nem chego a guardar lembrança vaga, Nunca, Sales, das outras me esqueci.</p> <p>Assim, pois, às respostas sendo avesso, Eu não te respondendo, não te esqueço... Deixa que eu viva a me lembrar de ti!</p> <p>Belmiro Braga Rio [de Janeiro], agosto de 1918.</p>

<sup>1213</sup> Os “pacotes” a que Antônio Sales refere são os recortes de jornais que Belmiro Braga lhe enviava junto com as cartas.

<sup>1214</sup> Belmiro Braga aqui se refere à *Cruzeiro do Sul*, companhia de seguros de vida em que trabalhava no Rio de Janeiro.

## ANEXO 19

## Poema de Belmiro Braga sobre a praia do Flamengo

Fonte: BRAGA, Belmiro. Flamengo. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 11/11/1916

*Ao Dr. Eduardo Otto Theiler.*

Na illuminada praia adormecida  
nem uma porta mais se encontra  
[aberta;  
está toda deserta,  
sem um signal de vida...

Lá no fundo do céu nem uma estrella  
sorri, nem passa mais em correria  
um automovel pela  
erma, ensombrada via...

E' nessa hora de calma que abandono  
o leito e busco perscrutar a queixa  
do mar, que me não deixa  
conciliar o somno.

Approximo-me delle e me debruço  
na muralha que os impetos lhe em-  
[barga,  
Ah! como é triste e amarga  
a voz do mar convulso!...

— «Velho Mar, meu irmão e meu  
[amigo!  
(E a minha voz de affago é terna e  
[mansa...)  
dou-te em meu seio abrigo;  
acalma-te, descansa!...

«Não vês que a Terra e o Céu estão  
dormindo?  
E dentro desta paz — ah! quantas  
[maguas  
sobem das tuas águas,  
em coleras, rugindo!...

«Tambem guardo aqui dentro do meu  
[seio  
um pequenino mar em miniatura,  
a uivar eterno e cheio  
de uma intensa amargura...

«Consola-te commigo! e em vez da  
[grande  
colera negra que de ti resuma,  
o largo riso expande  
numa renda de espuma...»

E o Mar me respondeu: — «Do ne-  
[gro bojo  
as espumas que atiro á Terra inculta  
são de uma dôr occulta  
os meus cuspos de nojo.

«Poeta, o mar que em teu seio canta  
[e chora  
um dia morrerá... e eu, que ironia!  
por seculos em fóra  
não morrerei um dia...

«A Terra e o Céu dormindo... e, em  
[vão, a peia  
eu procuro partir desta mordaza...  
e a Terra mais me abraça...  
e o Céu mais me ensombreira...

«Poeta amigo, regressa ao lar e dorme!  
Não te amofines mais, alma fraterna,  
com minha dôr enorme,  
com minha dôr eterna...

«De quantos tenho ouvido eguaes apo-  
[dos,  
de quantos hei de ouvir novos ainda...  
e a minha dôr não finda...  
E elles?... morrerão todos...

«Amanhã, eu serei o mar gemente  
na minha eterna furia desolada  
e tu?... unicamente,  
serás pó... e mais nada...»

— Mar, buscando a essa dôr que  
te magoa  
dar consolo, abeirei-me do teu caes...  
Não foi por mal... perdoa...  
aqui não volto mais...



Rio, 7 de Julho 1916

BELMIRO BRAGA.

## ANEXO 20

## Poema de Belmiro Braga sobre a praia do Flamengo

Fonte: BRAGA, Belmiro. Flamengo. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 15/06/1918, p. 23

*Revista da Semana Elegante*

## FLAMENGO

(Chronica em verso)

A. J. D. GOMES DE CASTRO

Lembra à noite o Flamengo o céu aberto:  
são estrelas as luzes palpantes  
e este líquido azul do mar deserto  
é aquele mesmo azul dos céos distantes.

A praia sorridente regejita  
de luz, de riso, de beleza e graça,  
o céu se azulava mais, o mar palpita  
e o caos se encurva todo e o mar enlafa.

Tanto à noite o Flamengo o céu semelha  
que ninguém sabe, vindo o quadro lido,  
si o iluminado céu a praia espelha  
ou si a praia é que o céu vae reflectindo...

Enamorados jovens de mãos dadas,  
num colloquio de amor pela avenida,  
passam, levando as almas abrigadas  
e as suas duas vidas — numa vida.

Outros, cheios de affago e de carinho,  
vão, solitários, debruçar-se no caes  
e as horas passam a falar baixinho  
de um assumpto que não se acaba mais.

Pelo gramado as moças e os rapazes  
se assentam descuidados, e de tudo  
vão amaveis, sorrindo, a tecer phrases  
de seda, de pelucia e de veludo.

Senhoras descensando pelos bancos,  
gostam da noite calma a aragem pura,  
e velhos graves, de cabelos brancos,  
poem-se a miral-as cheios de ternura.

Rapazes guapos e mocinhas bellas  
— os nomes principaes do nosso escol —  
sobem, descem, risonhos, tagarellas,  
falando em teams, match e foot ball.

Si palestram as moças, á socapa,  
ha sempre um elle na palestra envolto,  
e na dos moços sempre um ella escapa,  
como um méro feliz que se vê solto.

E os outros passam numa furia louca,  
fugindo da cidade para o Leme  
\*, dentro, o Rio canta e o bello espouca;  
e quanto peito, vindo aquillo, freme!

Quando a brisa sussurra e a praia beija,  
parece nos dizer em seus rimos  
que o Flamengo risonho e lido seja  
denominado a Praia dos Amores.

5. os olhos palacetes, mudos, frios,  
nessas noites de luar, deliciosas,  
poem na r. d. n. te praia os tons sombrios  
de uma saudade num bouquet de rosas;

4. ue os graves palacetes têm vergonha  
— do quadro completando como fundo  
de frazer novo encanto á mais risonha  
e encantadora praia que ha no mundo.

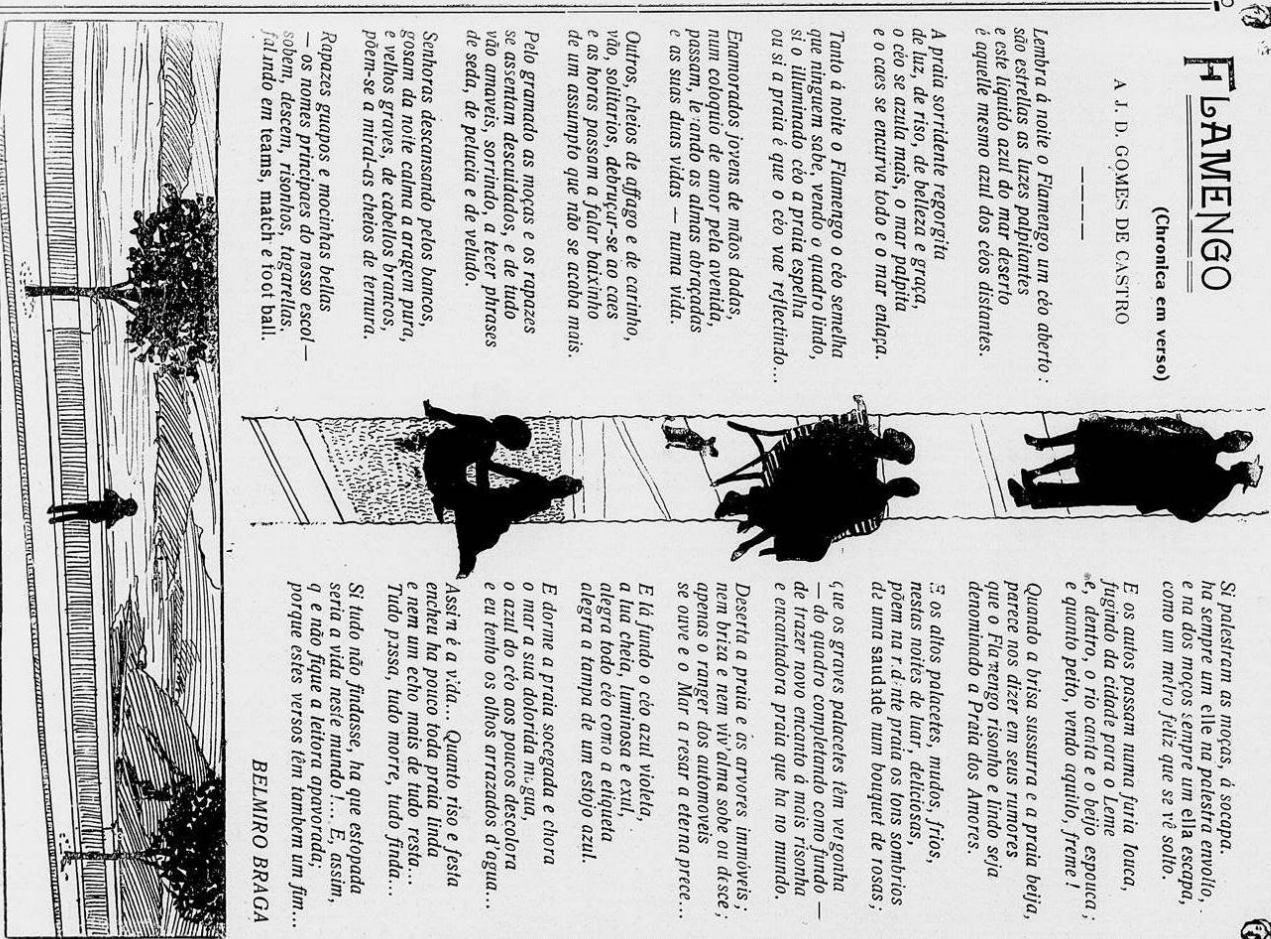
Deserta a praia e as arvores immovéis;  
nem briza e nem viv alma soe ou dá-se;  
apenas o ranger dos automoveis  
se ouve e o Mar a resar a eterno prece...

E lá fundo o céu azul violeta,  
a lua cheia, luminosa e exul,  
alegra todo céu como a etiqueta  
alegra a kampa de um estajo azul.

E dorme a praia secegada e chora  
o mar a sua dolorida me-gua,  
o azul do céu aos poucos descolora  
e eu tenho os olhos arrazados d'agua...

Assim é a vida... Quanto riso e festa  
enchem na pouca toda praia linda  
e nem um echo mais de tudo resta...  
Tudo passa, tudo morre, tudo finda...

Si tudo não findasse, ha que estopada  
seria a vida neste mundo!... E, assim,  
q e não fique a leitora apavorada,  
porque estes versos têm tambem um fim...



**BELMIRO BRAGA**

## ANEXO 21

Poema “A Moda”, de Belmiro Braga, escrito para uma festa de caridade realizada nos jardins de Júlia Lopes de Almeida e, posteriormente, transformado em plaquete oferecida aos clientes da *Companhia Cruzeiro do Sul*

Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 09/03/1918, p. 19

### A MODA

Os versos humorísticos que, com este título, Belmiro Braga escreveu, ha uns dois mezes, para a linda festa de caridade realisada nos jardins de D. Julia Lopes, acabam de ser editados numa *plaquette*, oferecida como brinde pela companhia de seguros “Cruzeiro do Sul”. São dessa satyra sem pretensões litterarias, mas tão bulgosa de ironia e de malicia, em que o poeta encantador das “Rosas” analysa a mulher e a moda, estas quadras e quintilhas deliciosas:

Tem tres annos e no espelho  
põe-se a olhar toda enlevada  
— não seu rosinho vermelho,  
mas a camisa rendada.

↪

O pensamento me leva  
a conclusões imprevistas:  
— no tempo de Adão e Eva  
com certeza houve modistas.

↪

Vae Dezembro, vem Janeiro,  
e saber a gente quer:  
— qual foi que Deus fez primeiro:  
foi a moda ou a mulher?

↪

Vestidos de cauda... Eu acho  
que o decote a cauda anima:  
pois o que lhes sobra em baixo  
é aquillo que falta em cima...

↪

A moda ninguem repelle,  
mas devemos concluir  
que os homens fiam sem pelle  
para as mulheres vestir...

↪

¿Haverá quem me conteste  
esta verdade engraçada:  
— A mulher que bem se veste  
quasi não se veste nada...

↪

Nossa Senhora! Um vestido  
tantos rendados requer  
que hoje as rendas do marido  
vão nas rendas da mulher...

↪

Não ha mulher tão ladina  
como a menina da roça  
onde a moda predomina:  
— perna fina... meia grossa,  
perna grossa... meia fina.

↪

Sou casado. Também grito  
de pôr a modista tonta,  
mas se o vestido é bonito,  
viro a cara e... pago a conta.

---

### Exaggero prejudicial do escrupulo

Seria caso para discutir se a verdade eleitoral impunha aos apuradores da eleição do 1º districto (freguezia do Sacramento) apurar como valido o voto que um irresponsavel deu a Manso de Paiva... para Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

A moral estaria, neste caso, acima da letra da lei, apoiada pelo respeito sacrosanto que todos devemos á Patria, — se porventura não existe na lei a autorisação, que não se omite em qualquer estatuto de companhia, para considerar como não existentes os votos que recaiam em individuos inelegiveis. Manso de Paiva é um assassino já condemnado em tribunal do jury ao maximo da pena. É contristador que tenha havido, entre trinta milhoes de brasileiros, um brasileiro capaz de antepor ao respeito pela sua Patria o seu fanatismo politico, levado ao auge de considerar como digno de ser o primeiro magistrado da nação — um homicida! E não menos lamentavel que se tenha dado publicidade a esse voto demente...

## ANEXO 22

**Poema satírico de Belmiro Braga publicado na revista *Careta***

Fonte: BRAGA, Belmiro. *Pic-Nic* em Paquetá. *Careta*, Rio de Janeiro, 24/02/1917, n. 453, ano 10, p. 4.

***Pic-Nic* em Paquetá**

A todos vós desta roda,  
sem cerimônia, pergunto:  
Há para mulher assunto  
que ela mais preze que a moda?

Desde lá do Paraíso  
até os dias de agora  
- na aurora de um seu sorriso  
ou numa dor, quando chora,  
Sempre um vestido divisó!

Ainda não tem um ano  
e já se esquece do leite  
para amimar o enfeite  
da bonequinha de pano.

Tem três anos e no espelho  
põe-se a mirar enlevada  
não seu rostinho vermelho,  
mas a camisa rendada.

O pensamento me leva  
a conclusões imprevistas:  
no tempo de Adão e Eva  
com certeza houve modistas.

Vai Dezembro, vem Janeiro,

e o meu espírito quer  
saber: quem Deus fez primeiro  
foi a moda ou a mulher?

E sinto ouvir: “tais perguntas  
não se fazem: tu não vêes  
qu’elas foram feitas juntas,  
de um só traço e de uma vez?”

Não foi a moda nefasta  
que embrulhou o velho Adão?  
A mulher a cauda arrasta  
e os homens vão no.. “arrastão”...

Vestidos de cauda. Eu acho  
que o decote a cauda anima,  
pois o que lhes sobra em baixo  
é aquilo o que falta em cima.

Nem o banqueiro parece  
da moda às garras se furta:  
quanto mais o câmbio desce,  
tanto mais a saia encurta.

A moda ninguém repele,  
mas devemos concluir  
os homens ficam sem pele...  
para as mulheres vestir.

Uma senhora garrida  
(de tudo a moda é capaz!)  
quando se vê bem vestida,  
muito pouca roupa traz.

Registro aqui sem reclame  
este caso divertido:  
toda moda exige “arame”  
da modista e do... marido.

E os tais chapéus... Que transtorno  
com flores, plumas e “*aigrettes!*”  
Para a mulher esse adorno  
faz-nos suar o topete.

E quando a sorte anda avessa  
clamamos ao Deus dos céus:  
Se a mulher perde a cabeça...  
desanda a... comprar chapéus!

E sobre os laços de fita  
causa de tanto fracasso?  
Se acaso o marido grita,  
faz a mulher uma fita;

Depois da fita um abraço  
e como a dama é bonita,  
recebe o laço de fita  
e o marido... cai no laço!

# ANEXO 23


**Matéria na qual Raul Pederneiras evoca sua preocupação com a preservação do repertório humorístico brasileiro**  
Fonte: PEDERNEIRAS, Raul. A poesia fugitiva: os improvisos. In: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 05/03/1921, p. 15.

## A Poesia Fugitiva dos Improvisos

*Revista da Semana*




**INDA** não, tenho sim a coleção de... páci-  
ente que receber num  
me de... requisistos  
[dizes que constituem  
a pasta ligada, de  
libertada. A ligam  
e a sua se, conscriu  
[dizes que criando "ra-  
bello e Resende. Mi-  
ri: e, ultimamente,  
ou: muita rima im-  
ponista de Edinho de Moraes e de Arthur Aze-  
vem, com mais calma  
um dia ser o historiador desse difícil gênero que  
estava rápido e não merece s' r' expiação.



São o presidente Getúlio, Arthur Azevedo  
deixou nas colunas de O País, conditivas apre-  
sidades, mudas delias já em um livro postumo in-

completo. Diferente, fazia ele um comentário,  
um esagrama ou uma reclamação: "esse gênero, a  
melhor" que conhecemos e está:  
... Não se trata de uma obra. Min-  
... Depois em nome de quem se bu-  
... Meus na rua das Américas?

De um tiradão gratuito (o Edinho de Moraes  
este epigramático oraculo):



A terra, que tudo com,  
... Mentes me estormenta,  
... Que tritura a minha fome!

Em uma revista Ilustrada, foi publicada o  
primo nome de Raul Pederneiras,  
"Poe", um verdadeiro tratado de Almeida de Assis.

Henso Campos, que parecia perder a barra de  
Niterói, fomos de...  
... Passos negro que se esconde,  
... Nem tudo, acima das partes, de 2  
... E o outro disse: "Amor, não!"

A um caricaturista imprevisto, comparei como  
rindo me olhasse:

\* Se malta os pés em flutuante  
\* Bem-aventuras de Perseus  
... que sempre...  
... "gauri!"

Escearcarista magistra, ao  
redor um petido escrito de um  
... e, depois, mais do que ver-  
... cas, escrevi um poema da epis-  
... lula:

\* Nadas impugna me dispo:  
... de ser, nem de ser, nem de ser,  
... E não trabalho p' se, beje p'.

A uma dita, que o cartazão  
de um livro pedindo, ao so-  
ber um livro, fez um poema que  
reçu na saída de sua loja:

\* Queres que de tudo esqueça  
... Não partas fugazmente  
... Do sonho, não fugazmente

...  
\* Mas bons tempos mediantes  
... A vida, o espírito de um  
... público, o espírito de um  
... do Dito Romano, em dois  
... bilunas, servir de projeto. Nus-  
... conflitos, em que uma das partes  
... ficou com o fôlego perdido avulso:  
... \* ... E não basta, de resto,  
... Muitos para tentares...  
... Impulso em escrita, digito  
... E fado que não traga o destino.

Arthur Azevedo em aderência  
de Vicente Reis, por um confor-  
mo carta de Naldista, em que o sagrado lío-

...  
\* Um pé, inesta das gregas  
... De que se chama a vida,  
... E o olho que não se vê!

Mais tarde, enuncia-  
... esta respitosa quando no  
... um poema, "Tremas", que é  
... das humoristas literárias.

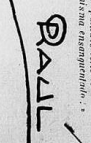
Dedicatória de Haércio  
... phidropo, expressão  
... Não fizes está plido  
... Sopro a lá não fizes  
... Por ser teu estormento  
... que todas dizem ser meu,  
... Para no dia certo, melho  
... Para aquelas com que vivo,  
... Sabem já que, em breve, e asso  
... Deixo no mundo que sou teu.

Neste gênero é digno de registro a improprio de  
Souza Lobo, o poeta riapundista, escrito sobre a  
patolographia que de conserva sempre a cadaveria:

Nem estas não e aduanga  
... Pela, água, rhabdo, de  
... Do sono da maldade  
... Para a vida do meu sonho.

Seduzimento, a escola condoverin, Bernardo  
... (traições, improvisos,  
... estilo em voz, de que conhecemos este quadro in-  
... cadaveria:

... mata de tudo grande  
... Fugazmente, improvisos,  
... Sobre um mundo de pedidas ensos  
... Campesim um ophasia rramanemichin!



**RAUL**

## ANEXO 24

Fotos da fachada do *Cine-Teatro Íris* (Rua da Carioca, Rio de Janeiro – RJ), em dois momentos históricos (década de 1920 e 2022).  
Fotógrafos: Augusto Malta (década de 1920); Sérgio Augusto Vicente (2022).

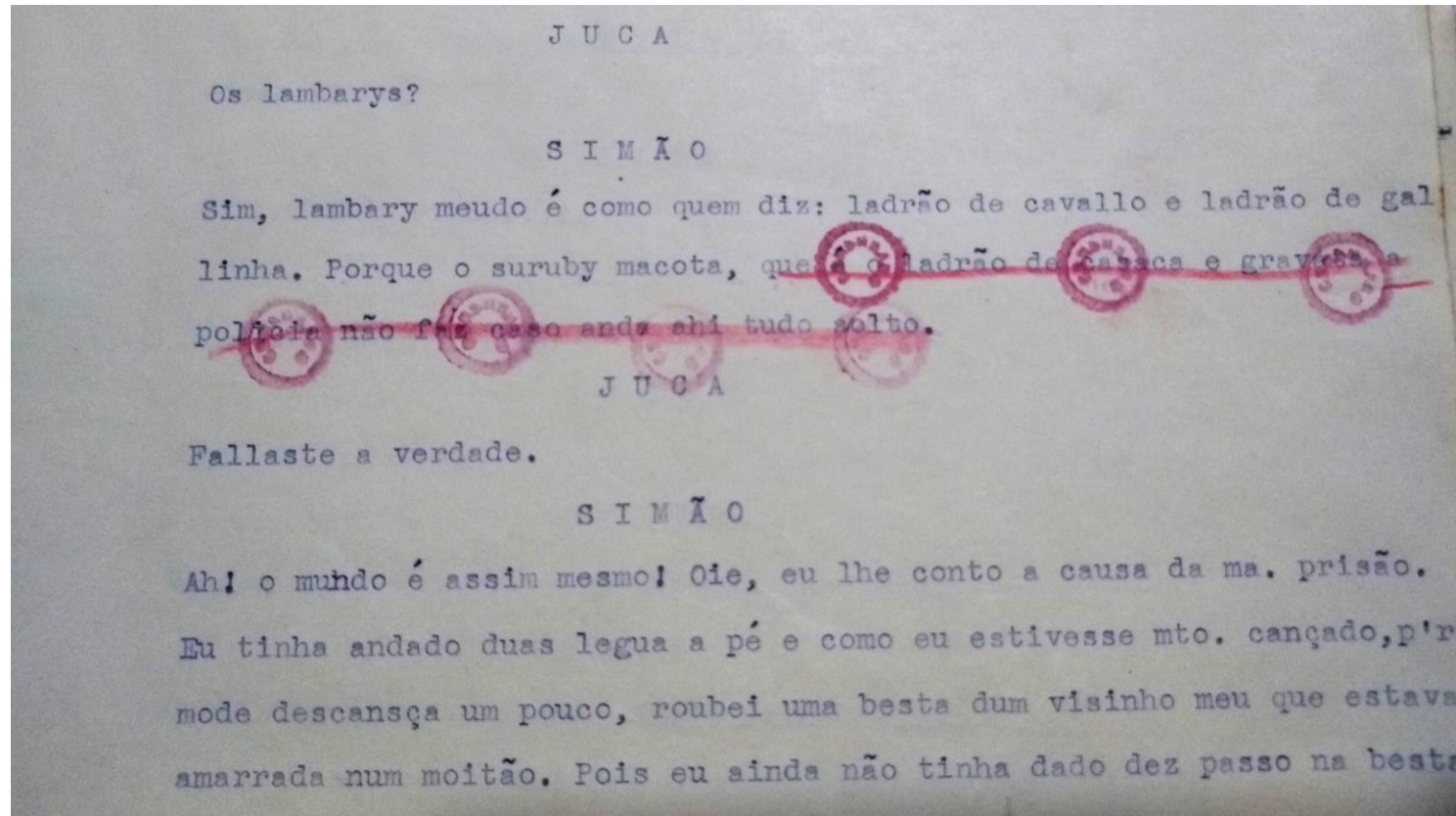




## ANEXO 25

**Trecho da peça *Que Trindade!*, de Belmiro Braga, cortado pela censura.**

Fonte: Fundo Delegacia Auxiliar de Política – Série Peças Teatrais – Arquivo Nacional (Rio de Janeiro – RJ).



## ANEXO 26

**Carteira de jornalista de Belmiro Braga, emitida pela Associação Brasileira de Imprensa, em 1929.**  
 Acervo: Arquivo Histórico da Fundação Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG).

**Associação Brasileira de Imprensa**  
 RIO DE JANEIRO

Matricula N. 417      Carteira N. 113

Nome **Belmiro Braga**

Idade **57** annos

Naturalidade **BRAZIL**

Jornal em que trabalha **"O Malho"**

Cargo que occupa **collaborador**



Assignetfa do portador  
*Belmiro Braga*

Esta carteira foi expedida  
 em **22** de **dezembro**  
 de **1929**  
 é valida até **31** de **Dezembro**  
 deste anno

**M. Paulo Feres**  
 Presidente

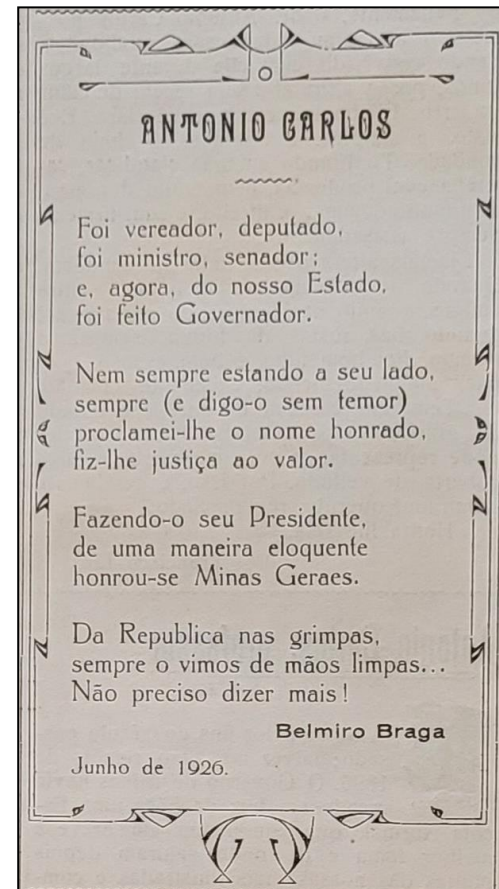
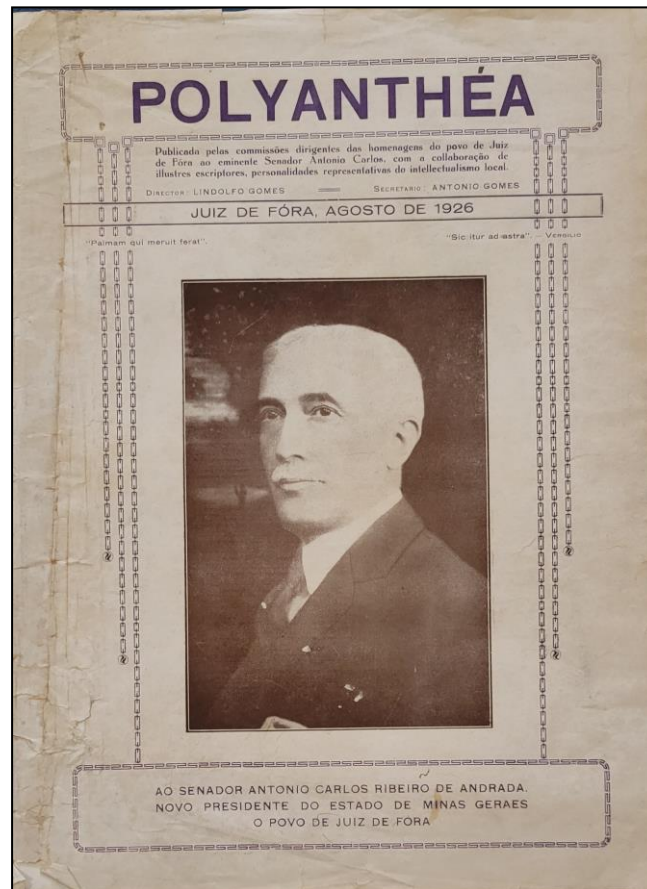
*Angelo Neves*  
 Secretario

IMPRESSÃO DIGITAL  
 (POL. DIREITO)

## ANEXO 27

Poema de autoria de Belmiro Braga, em homenagem a Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, publicado por ocasião das festividades de sua eleição como Presidente do Estado de Minas Gerais. Fonte: *Polyanthéa*, Juiz de Fora, agosto de 1926, p. 4. Acervo da Hemeroteca do Museu Mariano Procópio – Juiz de Fora (MG).



ANEXO 28

Matéria sobre a posse de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada como presidente de Minas Gerais em 1926. Fonte: Gazeta Comercial, Juiz de Fora, 07/09/1926, p. 1. Acervo: Hemeroteca da Fundação Museu Mariano Procópio (MG).

**REDACTOR-CHIEF**  
Heliôr Guimarães  
SERVIENTES  
Wagner de Mattos  
J. de Mattos Albuquerque

**Gazeta Commercial**  
ORGAN DO COMMERCIO, LAVOURA E INDUSTRIA  
Propriedade do Associação Commercial do Juiz de Fora  
Juiz de Fora — Terceirão, 7 de setembro de 1926

REDAÇÃO ADMINISTRATIVA E GERAL  
Rua Dr. Froylan n. 121  
TELEPHONE N. 608  
CAIXA POSTAL N. 19

ANNO III  
N.º 104  
794

---

**O novo governo do Estado de Minas**


**A posse do sr. Antonio Carlos Ribeiro de Andrada**

**O sr. Mello Vianna — Os auxiliares do novo governo**

---


Seguê flores admiravelmente empoeiradas de massa inextinguível, com o deitado de Minas e sembar...  
Foi hoje admiravelmente empoeirada de massa inextinguível, com o deitado de Minas e sembar...  
Foi hoje admiravelmente empoeirada de massa inextinguível, com o deitado de Minas e sembar...

**DR. FERREIRO DE MELLO VIANNA**  
(Presidente do Congresso Constitucional de 1925-1926)




...a política econômica, conciliadora, que por...  
...a política econômica, conciliadora, que por...

**DR. ANTONIO CARLOS RIBEIRO DE ANDRADA**  
(Presidente eleito para o quinquênio de 1926-1930)




...primeira nova tendência a política econômica...  
...primeira nova tendência a política econômica...

**DR. MARIANO DE SA**  
(Vice-presidente eleito para o quinquênio de 1926-1930)



...das grandes forças que Minas...  
...das grandes forças que Minas...

**SENHOR OSCAR DA MOTA**  
(Vice-presidente eleito para o quinquênio de 1925-1926)



...Sobretudo, porém, — e isto...  
...Sobretudo, porém, — e isto...

ANEXO 29

Título de eleitor de José Epitácio Braga, filho de Belmiro Braga, datado de 10 de janeiro de 1933.  
Coleção Dormevilly Nóbrega – Centro de Conservação da Memória da UFJF (CECOM/UFJF)

(Dado no Tribunal Regional)

**N. 335**

**TÍTULO DE ELEITOR**

**MINAS GERAIS**

59 zona Juiz de Fora (Município)

Domicílio eleitoral Juiz de Fora

Número de ordem da inscrição 335

Data da inscrição no cartório 10 de Janeiro de 1933

NOME E SOBRENOME DO ELEITOR (por extenso)

JOSÉ EPITÁCIO BRAGA

Filiação Belmiro Braga

Naturalidade Carangola-Minas Geraes

Idade 37 anos — Data do nascimento 5 de Outubro de 1895

Estado civil Casado

Profissão Militar

ASSINATURA DO ELEITOR

*José Epitácio Braga*

DE JUIZ ELEITORAL

O presente título é expedido de acôrdo com o Código Eleitoral da Republica e em cumprimento ao despacho do Presidente do Tribunal Regional de Justiça Eleitoral do Estado de Minas Gerais e recebeu o número..... aos..... dias do mês de..... do ano de mil novecentos e trinta e.....



7-4-33

Diretor da Secretaria Eleitoral

*João Carlos Goldoni*

Polegar direito

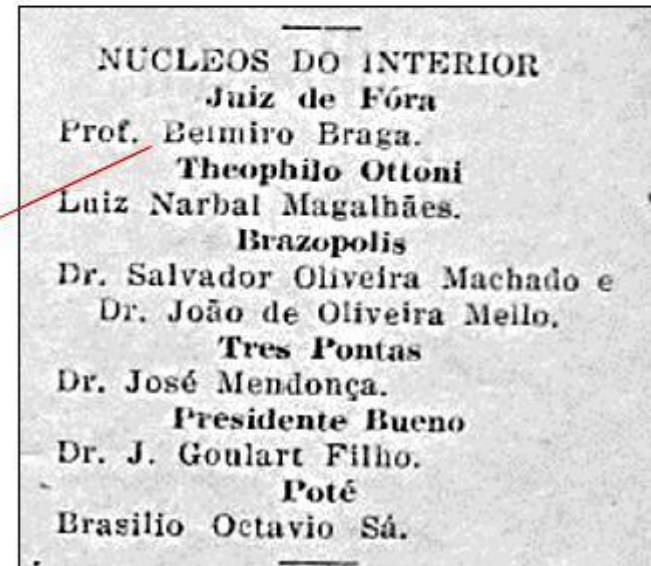
Formula dactiloscópica

CARIMBO

ANEXO 30

Trechos do jornal Monitor Integralista, no qual o nome de Belmiro Braga aparece citado como coordenador do núcleo integralista de Juiz de Fora (MG) – Fonte: Monitor Integralista – Boletim da Ação Integralista Brasileira, 2ª quinzena de dezembro de 1933, ano 1, n. 2, s./p. Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (São Paulo).



## ANEXO 31

Trecho de matéria jornalística divulgando das regras do *Concurso Literário Machado de Assis*, instituído pela *Companhia Editora Nacional* – Fonte: *O Jornal*, Rio de Janeiro, 27/05/1934, p. 6.

## Concurso literario Machado de Assis

**O premio de 10:000\$ para o melhor romance brasileiro, instituido pela Companhia Editora Nacional**

---

A Companhia Editora Nacional acaba de instituir o "Grande Premio de Romance Machado de Assis", de 10:000\$000, patrocinado pela Associação Brasileira de Imprensa.

A notícia é das mais gratas para os nossos homens de letras. Alargam-se os horizontes da literatura patria, tão reduzidos e limitados pela premencia economica que, entre nós, asoberba os literatos. A iniciativa, digna dos maiores applausos, vem revelar uma tendencia para cercar-se de maiores atueções a vocação literaria dos nossos patrios. As vozes mais alentadas da cultura brasileira não se cansam de bradar contra a indiferença em que são tidos os profissionaes das nossas letras. Tornou-se proverbial a affirmação de que ao nosso povo não falta a chamma creadora que nas literaturas estrangeiras produz as obras immortaes. Mas o genio

**CONDIÇÕES DO CONCURSO**

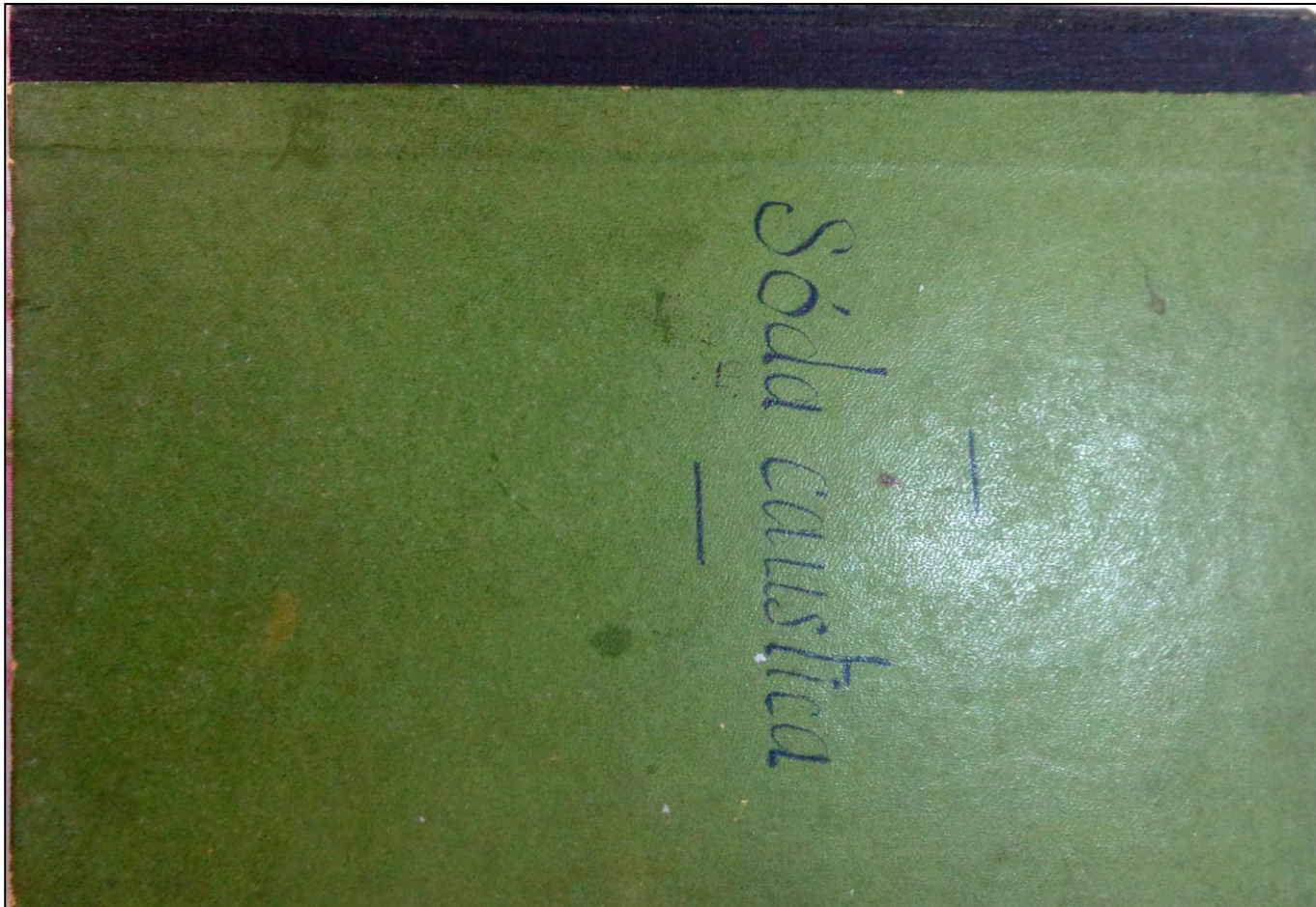
A Companhia Editora Nacional endereçou ao presidente da A. B. I. a seguinte carta, communicando a instituição do "Grande Premio de Romance Machado de Assis":

"Não deve ter escapado á Associação Brasileira de Imprensa o intenso trabalho desenvolvido pela Companhia Editora Nacional em prol do desenvolvimento da cultura no Brasil. Afim de estimular os escriptores brasileiros, instituímos agora o Grande Premio de Romance "Machado de Assis", que será distribuido annualmente. O nome do premio representa, tambem, uma homenagem á literatura nacional, recordando-se com elle a maior das suas figuras mortas. As condições são as seguintes:

A Companhia Editora Nacional

## ANEXO 32A

**Capa do manuscrito *Soda Cáustica*, de autoria de Belmiro Braga (1936/1937).**  
Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta do poeta (Juiz de Fora – MG).





## ANEXO 32B

Poema de Belmiro Braga criticando a Academia Brasileira de Letras, no manuscrito *Soda Cáustica*.  
Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta do poeta (Juiz de Fora – MG).

Academia Brasileira de Letras  
 Sentada na Academia  
 deixa ver pelos portais  
 que de dia para dia,  
 se abaixa e se encheita mais.

Espeje, ali, no ilustre Letreiro  
 uma medida vergosa.  
 - Sus ao tamanho dos de dentro  
 seja igual o dos de fora.

Caridada! que pessoas  
 alguns contumechos mais,  
 fura na porta da rua,  
 nos tre lãmpuê e humbrans;

Poi obrego de pareceres  
 - quem e nós frã que se queixe!  
 Ela na cara dos Cedros  
 Planta muita muita de caca feixe.

Continua na pag 18

## ANEXO 32C

Poema de Belmiro Braga criticando o deputado João Penido, no manuscrito *Soda Cáustica*.  
Acervo pessoal de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta do poeta (Juiz de Fora – MG).

Penido, nome detesto,  
 may encoracado, porque  
 chora mal se perde o n,  
 ou se bota o d por e.

Cacador, Penido evita  
 dar cabo dos rumbos;  
 po' caca pod' abunda apita,  
 comendo que ha jacuis.

x

Para cantar na Vila

Naõ mora aqui, nua cidade  
 may aq tey Condiado,  
 may nor dia de melicas  
 deu João Penido appareci,  
 nos abraça e aperta a mão;  
 - Como vai tua Senhora,  
 o teu pai, e teu irmão,  
 tua mãe e a tua nora  
 e may toda a offença.

Retornando a apurada,  
 pegar o kasso e vai de andara

## ANEXO 33D

Poema de Belmiro Braga criticando o deputado João Penido, no manuscrito *Soda Cáustica*.  
Acervo Pessoa de Leila Maria Fonseca Barbosa, sobrinha-neta do poeta (Juiz de Fora – MG).

e deixei a honra na mão;  
 Come a pinda e gasta fora  
 o carocinho no chá...  
 — Como é 'taí? Não se chama?  
 Quando é que virá, seu João? 21

— Ah! meu patão! agora,  
 de quando te ilheias!  
 Sei 30 abraço por hora,  
 go aperto de mão;  
 ranki jana, calafora,  
 Vou me lavar com sabão,  
 o meu hem já tá na hora,  
 Peris de i pra' batias!  
 — Mas, Virge Maria Senhora!  
 Sua prisa, sue apobacão!  
 Deixa teu tronq' e se embora,  
 Vai de caminha na mão;  
 My! Vamos ao teu bota pra  
 te fari a todacão,  
 chegar o trem h' Beapora,  
 Lançê enha no ração,  
 bota a calaca h' pra  
 e en grito ao meu batiao.

## ANEXO 34

**Monumento ao Belmiro Braga no Parque Halfeld, em Juiz de Fora (MG).**

Do lado esquerdo, nota da *Revista da Semana* divulgando o andamento dos trabalhos de confecção do referido monumento, no ateliê do escultor Modestino Kanto. Fonte: *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 41, n. 32, 10/08/1940, p. 31. Do lado direito, foto atual do monumento no Parque Halfeld. Fotógrafo: Sérgio Augusto Vicente.



**ANEXO 35**

**Fotografia da romaria realizada no monumento do poeta Belmiro Braga, em 1957, no Parque Halfeld (Juiz de Fora – MG).**

Fonte: Coleção Dormevilly Nóbrega - CECOM/UFJF – Juiz de Fora (MG).



## ANEXO 36

**Do lado esquerdo, brasão do município de Belmiro Braga (MG) fazendo alusão ao poeta através da representação da lira. Do lado direito, carta de Carlos Drummond de Andrade parabenizando o novo município pelo “nome simpático que lhe deram” – Fonte: Carta de Carlos Drummond de Andrade para o Intendente do recém-emancipado município de Belmiro Braga (MG), Rio de Janeiro, 22/04/1963 – Coleção Dormevilly Nóbrega – CECOM/UFJF – Juiz de Fora (MG).**



Rio, 22 abril 1963.

Meu caro Intendente:

Parabens ao nôvo município de Belmiro Braga pelo nome simpático que lhe deram e também pelo Intendente que o está organizando. Lembrar, logo de saída, de criar uma biblioteca é idéia que revela mentalidade nova (muitos prefeitôsse presidentes de câmara não a têm nem quando os municípios chegam ao centenário !) Fico desejoso de que você consiga realizar muitas coisas úteis em favor da população, e que entre elas a biblioteca pegue de tal jeito que ninguém a consiga destruir no futuro. Como contribuição, estou mandando alguns volumes. E com êles, o abraço afetoso do seu

*Carlos Drummond de Andrade*

## ANEXO 37

Cartaz da Exposição Comemorativa do Centenário de Belmiro Braga, realizada em 1972, no Museu Mariano Procópio (Juiz de Fora – MG). Fonte: Coleção Dormevilly Nóbrega – CECOM/UFJF – Juiz de Fora (MG).

